ELLEN G. WHITE

Informações sobre este livro

Resumo

Esta publicação eBook é providenciada como um serviço do Estado de Ellen G. White. É parte integrante de uma vasta colecção de livros gratuitos online. Por favor visite owebsite do Estado Ellen G. White.

Sobre a Autora

Ellen G. White (1827-1915) é considerada como a autora Americana mais traduzida, tendo sido as suas publicações traduzidas para mais de 160 línguas. Escreveu mais de 100.000 páginas numa vasta variedade de tópicos práticos e espirituais. Guiada pelo Espírito Santo, exaltou Jesus e guiou-se pelas Escrituras como base da fé.

Outras Hiperligações

Uma Breve Biografia de Ellen G. White
Sobre o Estado de Ellen G. White

Contrato de Licença de Utilizador Final

Mais informações

Para mais informações sobre a autora, os editores ou como poderá financiar este serviço, é favor contactar o Estado de Ellen G.

White: (endereço de email). Estamos gratos pelo seu interesse e pelas suas sugestões, e que Deus o abençoe enquanto lê.

Conteúdo

Capítulo 1 — Salomão

No reinado de Davi e Salomão, Israel tornara-se forte entre as nações, e tivera muitas oportunidades de exercer poderosa influência em favor da verdade e do direito. O nome de Jeová era exaltado e tido em honra, e o propósito para o qual os israelitas haviam sido estabelecidos na terra da promessa dir-se-ia estar a alcançar seu cumprimento. Barreiras haviam sido derribadas, e os pesquisadores da verdade vindos de terras pagãs não retornavam insatisfeitos. Produziram-se conversões, e a igreja de Deus na Terra se ampliava e prosperava.

Salomão foi ungido e proclamado rei nos anos finais de seu pai Davi, o qual abdicara em seu favor. Os primeiros tempos de sua vida foram promissores, e era propósito de Deus que ele fosse de força em força, de glória em glória, aproximando-se cada vez mais da semelhança do caráter de Deus, inspirando assim Seu povo a cumprir sua sagrada incumbência, como depositários da verdade divina.

Davi sabia que o elevado propósito de Deus para com Israel só se realizaria se dirigentes e povo procurassem com incessante vigilância atingir a norma estabelecida para eles. Ele sabia que para que seu filho Salomão correspondesse à confiança com que Deus Se agradara em honrá-lo, o jovem governante não devia ser meramente um guerreiro, um estadista, um soberano, mas um homem forte, bom, um ensinador de justiça, um exemplo de fidelidade.

Com terno fervor Davi exortou Salomão a ser varonil e nobre, a mostrar misericórdia e magnanimidade a seus súditos, e em todo o seu trato com as nações da Terra honrar e glorificar o nome de Deus e tornar manifesta a beleza da santidade. As inúmeras experiências difíceis e notáveis pelas quais Davi passara durante o curso de sua vida haviam-lhe ensinado o valor das mais nobres virtudes, e levaram-no a declarar a Salomão, em suas instruções no leito de morte: "Haverá um justo que domine sobre os homens, que domine no temor de Deus. E será como a luz da manhã, quando sai o Sol,

da manhã sem nuvens, quando pelo seu resplendor, e pela chuva, a erva brota da terra”. 2 Samuel 23:3, 4.

Oh! que oportunidade a de Salomão Tivesse ele seguido a instrução divinamente inspirada de seu pai e seu reino teria sido um reino de justiça, tal como o descrito no Salmos 72:

“Ó Deus, dá ao rei os Teus juízos, e a Tua justiça ao filho do rei.

Ele julgará ao Teu povo com justiça, e aos Teus pobres com juízo. [...]

[7]

Ele descerá como a chuva sobre a erva ceifada, como chuveiros que umedecem a terra.

Nos seus dias florescerá o justo, e abundância de paz haverá enquanto durar a Lua.

Dominará de mar a mar, e desde o rio até às extremidades da Terra. [...]

Os reis de Seba e de Sabá oferecerão dons. Os reis de Társis e das ilhas trarão presentes;
e todos os reis se prostrarão perante ele; Todas as nações o servirão.

Porque ele livrará ao necessitado quando clamar, como também ao aflito e ao que não tem quem o ajude. [...]

E continuamente se fará por ele oração; e todos os dias o bendirão. [...]

O seu nome permanecerá eternamente;
o seu nome se irá propagando de pais a filhos enquanto o Sol durar;
e os homens serão abençoados nele: Todas as nações lhe chamarão bem-aventurado.

Bendito seja o Senhor Deus, o Deus de Israel, que só Ele faz maravilhas.

E bendito seja para sempre o Seu nome glorioso: E encha-se toda a Terra da Sua glória. Amém e amém".

Salmos 72:1-19.

Na juventude, Salomão fez sua a escolha que fizera Davi, e por muitos anos andou em retidão, sua vida marcada com estrita obediência aos mandamentos de Deus. Logo no início do seu reinado, foi ele com seus conselheiros de Estado a Gibeom, onde ainda estava o tabernáculo que havia sido construído no deserto, e ali uniu-se aos seus conselheiros escolhidos, "aos capitães dos milhares e das centenas", "e aos juízes, e a todos os príncipes em todo o Israel, chefes dos pais", em oferecer sacrifícios a Deus e em consagrar-se plenamente ao serviço do Senhor. 2 Crônicas 1:2. Compreendendo alguma coisa da magnitude dos deveres relacionados com o ofício real, Salomão sabia que os que levam pesados fardos precisam buscar a Fonte de sabedoria para orientação, se desejam desempenhar suas responsabilidades de maneira aceitável. Isto levou-o a encorajar seus conselheiros a se unirem com ele em sinceridade, a fim de estarem seguros da aceitação de Deus.

Acima de todo o bem terrestre, o rei desejava sabedoria e entendimento para a realização da obra que Deus lhe havia dado a fazer. Ele ansiava por acuidade mental, largueza de coração, brandura de espírito. Naquela noite, o Senhor apareceu em sonho a Salomão, e disse: "Pede o que quiseres que te dê." Em sua resposta o jovem e inexperiente príncipe deu expansão a seu sentimento de desamparo e seu desejo de auxílio: "De grande beneficência usaste Tu com Teu servo Davi meu pai", disse ele, "como também ele andou contigo em verdade, e em justiça, e em retidão de coração, perante a Tua face; e guardaste-lhe esta grande beneficência, e lhe deste um filho [8] que se assentasse no seu trono, como se vê neste dia.

"Agora, pois, ó Senhor meu Deus, Tu fizeste reinar a Teu servo em lugar de Davi meu pai. E sou ainda menino pequeno; nem sei como sair, nem como entrar. E Teu servo está no meio do Teu povo que elegeste; povo grande, que nem se pode contar, nem numerar, pela sua multidão. A Teu servo, pois, dá um coração entendido para julgar a Teu povo, para que prudentemente discirna entre o bem e o mal; porque, quem poderia julgar a este Teu tão grande povo?

“E esta palavra pareceu boa aos olhos do Senhor, que Salomão pedisse esta coisa” “Porquanto pediste esta coisa”, disse Deus a Salomão, “e não pediste para ti riquezas, nem pediste a vida de teus inimigos, mas pediste para ti entendimento para ouvir causas de juízo, eis que fiz segundo as tuas palavras. Eis que te dei um coração tão sábio e entendido, que antes de ti teu igual não houve, e depois de ti teu igual se não levantará. E também até o que não pediste te dei, assim riquezas como glória; que não haja teu igual entre os reis, por todos os teus dias. E, se andares nos Meus caminhos, guardando os Meus estatutos, e os Meus mandamentos, como andou Davi teu pai, também prolongarei os teus dias”. 1 Reis 3:5-14.

Deus prometeu que assim como fora com Davi, seria com Salomão. Se o rei andasse perante o Senhor em retidão, se fizesse o que Deus lhe havia ordenado, seu trono seria estabelecido, e seu reino seria o meio de exaltar Israel como “gente sábia e entendida” (Deuteronômio 4:6), a luz das nações ao redor.

A linguagem usada por Salomão quando em oração a Deus diante do antigo altar de Gibeom, revela sua humildade e forte desejo de honrar a Deus. Ele sentia que sem o divino auxílio para desincumbir-se das responsabilidades impendentes sobre si, estaria tão ao desamparo como uma criancinha. Sabia que lhe faltava discernimento, e foi o senso de sua grande necessidade que o levou a buscar de Deus sabedoria. Em seu coração não havia aspiração egoísta de conhecimento para que se pudesse exaltar sobre outros. Ele desejava desempenhar fielmente os deveres que lhe foram impostos, e escolheu o dom que seria o meio de levar seu reino a glorificar a Deus. Salomão nunca foi tão rico ou tão sábio ou tão verdadeiramente grande como quando confessou: “Não passo de uma criança, não sei como conduzir-me”. 1 Reis 3:7.

Os que ocupam hoje posições de responsabilidade devem procurar aprender a lição ensinada pela oração de Salomão. Quanto mais alta a posição que um homem ocupa, quanto maior a responsabilidade que tem de levar, mais ampla será a influência que exerce e maior sua necessidade de dependência de Deus. Deve lembrar-se sempre que com o chamado para o trabalho, vem o chamado para andar circunspectamente perante seus companheiros. Deve ele permanecer ante Deus na atitude de um discípulo. A posição não

dá santidade de caráter. É por honrar a Deus e obedecer a Seus [9] mandamentos que o homem se torna verdadeiramente grande.

O Deus que servimos não faz acepção de pessoas. Aquele que deu a Salomão o espírito de sábio discernimento, está desejoso de repartir as mesmas bênçãos a Seus filhos hoje. "Se algum de vós tem falta de sabedoria", declara Sua Palavra, "peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente, e não o lança em rosto, e ser-lhe-á dada". Tiago 1:5. Quando o que leva um fardo opressivo deseja sabedoria mais que riquezas, poder, ou fama, não ficará desapontado. Tal pessoa aprenderá do grande Mestre não somente o que fazer, mas como fazê-lo de maneira a alcançar a divina aprovação.

Por todo o tempo em que permanecer consagrado, o homem a quem Deus dotou com discernimento e habilidade não manifestará anseios por alta posição, nem procurará dirigir ou governar. Necessariamente os homens precisam assumir responsabilidades; mas em vez de disputar a supremacia, aquele que é verdadeiro líder orará por um coração entendido, a fim de poder discernir entre o bem e o mal.

A situação dos homens que estão colocados como líderes não é fácil. Mas devem eles ver em cada dificuldade um chamado à oração. Jamais devem deixar de consultar a grande Fonte de toda a sabedoria. Fortalecidos e iluminados pelo Obreiro-Mestre, serão capacitados a permanecer firmes contra pecaminosas influências, e a discernir entre o certo e o errado, o bem e o mal. Aprovarão o que Deus aprova, e empenhar-se-ão com todo o fervor contra a introdução de princípios errôneos em Sua causa.

A sabedoria que Salomão desejou acima de riquezas, honra, ou vida prolongada, Deus lhe deu. Sua petição por acuidade mental, largueza de coração e brandura de espírito foi satisfeita. "E deu Deus a Salomão sabedoria, e muitíssimo entendimento, e largueza de coração, como a areia que está na praia do mar. E era a sabedoria de Salomão maior do que a sabedoria de todos os do Oriente, e do que toda a sabedoria dos egípcios. E era ele ainda mais sábio do que todos os homens, [...] e correu o seu nome por todas as nações em redor". 1 Reis 4:29-31.

"E todo o Israel [...] temeu o rei, por que viram que havia nele a sabedoria de Deus, para fazer justiça". 1 Reis 3:28. O coração de todo o povo tornou para Salomão, como se havia tornado para Davi, e lhe obedeceram em todas as coisas. "E Salomão [...] se esforçou

no seu reino, e o Senhor seu Deus era com ele, e o magnificou grandemente”. 2 Crônicas 1:1.

Durante muitos anos, a vida de Salomão foi marcada com devoção a Deus, com retidão e firme princípio, e com estrita obediência aos mandamentos de Deus. Ele promoveu todo empreendimento importante, e manejou sabiamente as questões de negócio relacionadas com o reino. Sua riqueza e sabedoria; as luxuosas construções e obras públicas que ele construiu durante os primeiros anos de seu reinado; a energia, piedade, justiça e magnanimidade que revelou em palavras e obras resultaram na lealdade de seus súditos e a admiração e homenagem dos governantes de muitas terras. [10]

O nome de Jeová foi grandemente honrado durante a primeira parte do reinado de Salomão. A sabedoria e justiça reveladas pelo rei deram testemunho a todas as nações da excelência dos atributos do Deus que ele servia. Por algum tempo, Israel foi a luz do mundo, revelando a grandeza de Jeová. Não era na sua preeminente sabedoria, fabulosas riquezas, ou no vasto alcance do seu poder e fama que repousava a verdadeira glória do início do reinado de Salomão; mas na honra que ele levava ao nome do Deus de Israel, mediante sábio uso dos dons do Céu.

Ao passarem os anos, e aumentando a fama de Salomão, buscou ele honrar a Deus acrescentando sua força mental e espiritual e constantemente repartindo com outros as bênçãos recebidas. Ninguém compreendia melhor que ele, haver sido pelo favor de Jeová que entrara na posse do poder, sabedoria e entendimento, e que esses dons foram-lhe concedidos para que ele pudesse dar ao mundo o conhecimento do Rei dos reis. Salomão tomou especial interesse pela História Natural, mas suas pesquisas não estavam limitadas a um determinado ramo do saber. Mediante diligente estudo de todas as coisas criadas, tanto animadas como inanimadas, adquiriu clara concepção do Criador. Nas forças da natureza, no mundo mineral e animal, e em toda árvore, arbusto e flor, ele via a revelação da sabedoria de Deus; e ao procurar aprender mais e mais, seu conhecimento de Deus e seu amor por Ele constantemente aumentavam.

A divinamente inspirada sabedoria de Salomão encontrou expressão em cânticos de louvor e em muitos provérbios. “E disse três mil provérbios, e foram os seus cânticos mil e cinco. Também falou das árvores, desde o cedro que está no Líbano, até ao hissopo que

nasce na parede; também falou dos animais e das aves, e dos répteis e dos peixes”. 1 Reis 4:32, 33.

Nos provérbios de Salomão estão esboçados princípios de santo viver e elevados intentos; princípios oriundos do Céu e que conduzem à piedade; princípios que devem reger cada ato da vida. Foi a ampla disseminação desses princípios, e o reconhecimento de Deus como Aquele a quem pertence todo louvor e honra, que fez dos primeiros tempos do reinado de Salomão uma ocasião de reerguimento moral bem como de prosperidade material.

“Bem-aventurado o homem que acha sabedoria”, escreveu ele, “e o homem que adquire conhecimento. Porque melhor é a sua mercadoria do que a mercadoria de prata, e a sua renda do que o ouro mais fino. Mais preciosa é do que os rubis, e tudo o que podes desejar não se pode comparar a ela. Aumento de dias há na sua mão direita; na sua esquerda riquezas e honra. Os seus caminhos são caminhos de delícias, e todas as suas veredas paz. É árvore da vida para os que a seguram, e bem-aventurados são todos os que a retêm”. Provérbios 3:13-18.

“A sabedoria é a coisa principal, adquire, pois, a sabedoria; sim, com tudo o que possuis adquire o conhecimento”. Provérbios 4:7. [11] “O temor do Senhor é o princípio da sabedoria”. Salmos 111:10. “O temor do Senhor é aborrecer o mal; a soberba, e a arrogância, e o mau caminho, e a boca perversa, aborreço”. Provérbios 8:13.

Oxalá tivesse Salomão em seus últimos anos atentado para estas maravilhosas palavras de sabedoria! Quem dera aquele que declarou: “Os lábios dos sábios derramarão o conhecimento” (Provérbios 15:7) e que ensinara, ele próprio, os reis da Terra a render ao Rei dos reis o louvor que haviam intentado dar a um governador terreno, não tivesse jamais tomado para si com “boca perversa”, em “soberba” e “arrogância” a glória devida a Deus somente! [12]

Capítulo 2 — O templo e sua dedicação

Salomão pôs em execução sabiamente o plano tão longamente acariciado por Davi, de construir um templo ao Senhor. Durante sete anos Jerusalém esteve repleta de ocupados obreiros, empenhados em aplainar o local escolhido, abrir as grandes valas, assentar os amplos fundamentos — "pedras grandes, e pedras preciosas, pedras lavradas" (1 Reis 5:17), talhar os pesados troncos vindos das florestas do Líbano, erguer o magnificente santuário.

Simultaneamente com a preparação da madeira e pedra, em cuja tarefa muitos milhares estavam aplicando suas energias, a manufatura do mobiliário para o templo ia progredindo constantemente, sob a liderança de Hirão, de Tiro, "um homem sábio de grande entendimento, [...]" hábil para "lavrar em ouro, e em prata, em bronze, em ferro, em pedras e em madeira, em púrpura, em azul, e em linho fino, e em carmesim". 2 Crônicas 2:13, 14.

Assim, à medida que o edifício sobre o Monte Moriá ia sendo silenciosamente erguido com pedras preparadas, "de maneira que nem martelo, nem machado, nem nenhum outro instrumento de ferro se ouviu na casa quando a edificavam" (1 Reis 6:7), os belos utensílios eram trabalhados conforme os modelos entregues por Davi a seu filho — "todos os vasos que eram para a casa de Deus". 2 Crônicas 4:19. Eles compreendiam o altar de incenso, a mesa dos pães da proposição, o castiçal com as lâmpadas, os vasos e instrumentos relacionados com a ministração dos sacerdotes no lugar santo — tudo "de ouro, do mais perfeito ouro". 2 Crônicas 4:21. O mobiliário de bronze — o altar de ofertas queimadas, o grande lavatório sobre doze bois, as pias de menor tamanho, com muitos outros vasos — "na campina do Jordão os fundiu o rei na terra argilosa, entre Sucote e Zeredá". 2 Crônicas 4:17. Esse mobiliário foi provido em abundância, para que não houvesse falta.

De inexcedível beleza e inigualável esplendor era o régio edifício que Salomão e seus homens construíram a Deus e ao Seu culto. Guarnecido de pedras preciosas, circundado por espaçosos átrios

com magnificentes vias de acesso, revestido de cedro lavrado e ouro polido, a estrutura do templo, com suas cortinas bordadas e rico [13] mobiliário, era apropriado emblema da igreja viva de Deus na Terra, a qual tem sido edificada através dos séculos segundo o modelo divino, com material que se tem comparado ao "ouro, prata e pedras preciosas", "lavradas como colunas de um palácio". Deste templo espiritual Cristo "é a principal pedra de esquina; no qual todo o edifício, bem ajustado, cresce para templo santo no Senhor". Efésios 2:20, 21.

Afinal o templo planejado pelo rei Davi e construído por seu filho Salomão estava concluído. "Tudo quanto Salomão intentou fazer na casa do Senhor e na sua casa, prosperamente o efetuou". 2 Crônicas 7:11. E agora, para que o palácio que coroava as elevações do Monte Moriá pudesse ser, sem dúvida, como Davi havia desejado, um lugar de habitação não "para homem, senão para o Senhor Deus" (1 Crônicas 29:1), restava a solene cerimônia da dedicação formal a Jeová e Seu culto.

O local em que o templo fora construído era, havia muito, considerado sagrado. Foi ali que Abraão, o pai dos fiéis, revelara sua disposição de sacrificar seu único filho, em obediência à ordem de Jeová. Ali renovara Deus com Abraão o concerto de bênção, que incluía a gloriosa promessa messiânica feita à espécie humana, de libertamento por meio do sacrifício do Filho do Altíssimo. Foi ali que, quando Davi ofereceu sacrifícios queimados e ofertas pacíficas para deter a espada punitiva do anjo destruidor, Deus lhe respondeu com fogo enviado do Céu. 1 Crônicas 21. E agora os adoradores de Jeová mais uma vez ali estavam, para encontrar-se com seu Deus e renovar-Lhe os votos de fidelidade.

O tempo escolhido para a dedicação fora o mais favorável — o sétimo mês, quando o povo de todas as partes do reino estava acostumado a reunir-se em Jerusalém para celebrar a Festa dos Tabernáculos. Esta festa era preeminentemente uma ocasião de regozijo. Os labores da colheita haviam findado, as atividades do novo ano ainda não começara, o povo estava livre de cuidados e podia abandonar-se às influências sagradas, jubilosas do momento.

No tempo indicado, as tribos de Israel, com representantes de muitas nações estrangeiras ricamente vestidos, reuniram-se nos átrios do templo. A cena era de esplendor incomum. Salomão, com

os anciãos de Israel, e os mais influentes homens dentre o povo, retornaram de outra parte da cidade, de onde haviam trazido a arca do testamento. Do santuário nos altos de Gibeom tinha sido transferida a antiga "tenda da congregação, com todos os vasos sagrados, que estavam na tenda" (2 Crônicas 5:5); e esses queridos relicários das mais remotas experiências dos filhos de Israel durante seu vaguear no deserto e a conquista de Canaã, encontravam agora uma morada permanente no esplêndido edifício que fora construído para ocupar o lugar da estrutura portátil.

Levando ao templo a arca sagrada que continha as duas tábuas de pedra em que, pelo dedo de Deus, haviam sido escritos os preceitos do decálogo, Salomão seguira o exemplo de seu pai Davi. A cada [14] seis passos oferecia sacrifícios; e com canto e música e com grande cerimônia, "trouxeram os sacerdotes a arca do concerto do Senhor ao seu lugar, ao oráculo da casa, à santidade das santidades". 2 Crônicas 5:7. Ao penetrarem no interior do santuário, tomaram os lugares que lhes eram designados. Os cantores — levitas vestidos de linho branco, com címbalos, e com alaúdes, e com harpas — permaneceram de pé para o oriente do altar, e com eles até cento e vinte sacerdotes que tocavam as trombetas. 2 Crônicas 5:12.

"Eles uniformemente tocavam as trombetas, e cantavam para fazerem ouvir uma só voz, bendizendo e louvando ao Senhor; e levantando eles a voz com trombetas, e címbalos, e outros instrumentos músicos, e bendizendo ao Senhor, porque era bom, porque a Sua benignidade durava para sempre, a casa se encheu de uma nuvem, a saber, a casa do Senhor, e não podiam os sacerdotes ter-se em pé, para ministrar, por causa da nuvem, porque a glória do Senhor encheu a casa de Deus". 2 Crônicas 5:13, 14.

Compreendendo o significado desta nuvem, Salomão declarou: "O Senhor tem dito que habitaria nas trevas. E eu Te tenho edificado uma casa para morada, e um lugar para a Tua eterna habitação". 2 Crônicas 6:1, 2.

"O Senhor reina; Tremam as nações;
Ele está entronizado entre os querubins; comova-se a Terra.

O Senhor é grande em Sião, e mais elevado que todas as nações.

Louvem o Teu nome, grande e tremendo, pois é santo. [...]
Exaltai ao Senhor nosso Deus, e prostrai-vos diante do escabelo de Seus pés, porque Ele é santo”.

Salmos 99:1-5.

“No meio do pátio” do templo havia sido erguida “uma base de metal”, ou plataforma, “de cinco côvados de comprimento, e de cinco côvados de largura, e de três côvados de altura”. Sobre esta base Salomão pôs-se em pé, e com as mãos erguidas abençoou a vasta multidão que tinha diante de si. “E toda a congregação de Israel estava em pé”. 2 Crônicas 6:13, 3.

“Bendito seja o Senhor Deus de Israel”, exclamou Salomão, “que falou pela Sua boca a Davi meu pai, e pelas Suas mãos o cumpriu, dizendo: Escolhi Jerusalém, para que ali estivesse o Meu nome”. 2 Crônicas 6:4, 6.

Salomão pôs-se então de joelhos na plataforma, e aos ouvidos de todo o povo ofereceu a oração dedicatória. Levantando as mãos para o céu, enquanto a congregação permanecia ajoelhada com a face para o chão, o rei suplicou: “Senhor Deus de Israel, não há Deus semelhante a Ti, nem nos Céus nem na Terra; que guardas o concerto e a beneficência aos Teus servos que caminham perante Ti de todo o seu coração”.

“Mas verdadeiramente habitará Deus com os homens na Terra? Eis que o Céu e o Céu dos Céus não Te podem conter, quanto menos esta casa que tenho edificado? Atende pois à oração do Teu servo, e à sua súplica, ó Senhor meu Deus, para ouvires o clamor, e a oração [15] que o Teu servo ora perante Ti. Que os Teus olhos estejam dia e noite abertos sobre este lugar, de que dissestes que ali porias o Teu nome, para ouvires a oração que o Teu servo orar neste lugar. Ouve, pois, as súplicas do Teu servo, e do Teu povo Israel, que fizerem neste lugar; e ouve Tu do lugar da Tua habitação, desde os Céus; ouve pois, e perdoa. [...]

“Quando também o Teu povo Israel for ferido diante do inimigo, por ter pecado contra Ti, e eles se converterem, e confessarem o Teu nome, e orarem, e suplicarem perante Ti nesta casa, então ouve Tu desde os Céus, e perdoa os pecados de Teu povo Israel; e faze-os tornar à terra que lhes tens dado a eles e a seus pais.

“Quando os céus se cerrarem, e não houver chuva, por terem pecado contra Ti, e orarem neste lugar, e confessarem Teu nome, e se converterem dos seus pecados, quando Tu os afligires, então ouve Tu desde os Céus, e perdoa o pecado de Teus servos, e do Teu povo Israel, ensinando-lhes o bom caminho, em que andem; e dá chuva sobre a Tua terra, que deste ao Teu povo em herança.

“Havendo fome na terra, havendo peste, havendo queimadura dos trigos, ou ferrugem, gafanhotos, ou lagarta, cercando-a algum dos seus inimigos nas terras das suas portas, ou quando houver qualquer praga, ou qualquer enfermidade, toda a oração, e toda a súplica, que qualquer homem fizer, ou todo o Teu povo Israel, conhecendo cada um a sua praga e a sua dor, e estendendo as suas mãos para esta casa, então ouve Tu desde os Céus, do assento da Tua habitação, e perdoa e dá a cada um conforme a todos os seus caminhos, segundo conheces o seu coração [...] a fim de que Te temam, para andarem nos Teus caminhos, todos os dias que viverem na terra que deste a nossos pais.

“Assim também ao estrangeiro, que não for do Teu povo Israel, mas vier de terras remotas por amor do Teu grande nome, e da Tua poderosa mão, e do Teu braço estendido, vindo eles e orando nesta casa, então ouve Tu desde os Céus, do assento da Tua habitação, e faze conforme a tudo o que o estrangeiro Te suplicar, a fim de que todos os povos da Terra conheçam o Teu nome, e Te temam, como o Teu povo Israel; e a fim de saberem que pelo Teu nome é chamada esta casa que edifiquei.

“Quando o Teu povo sair à guerra contra os seus inimigos, pelo caminho que os enviares, e orarem a Ti para a banda desta cidade, que escolheste, e desta casa, que edifiquei ao Teu nome. Ouve então desde os Céus a sua oração, e sua súplica, e executa o seu direito.

“Quando pecarem contra Ti (pois não há homem que não peque), e Tu Te indignares contra eles, e os entregares diante do inimigo, para que os que os cativarem os levem em cativeiro para alguma terra, remota ou vizinha, e na terra, para onde forem levados em cativeiro, tornarem a si, e se converterem, e na terra do seu cativeiro a Ti suplicarem, dizendo: Pecamos, perversamente fizemos, e impiamente obramos; e se converterem a Ti com todo o seu coração e com toda a sua alma, na terra do seu cativeiro, a que os levarem presos, e orarem para a banda da sua terra, que deste a seus pais, e [16]

desta cidade que escolheste, e desta casa que edifiquei ao Teu nome, ouve então desde os Céus, do assento da Tua habitação, a sua oração e as suas súplicas, e executa o seu direito; e perdoa ao Teu povo que houver pecado contra Ti.

"Agora pois, ó meu Deus, estejam os Teus olhos abertos, e os Teus ouvidos atentos à oração deste lugar. Levanta-Te pois agora, Senhor Deus, para o Teu repouso, Tu e a arca da Tua fortaleza; os teus sacerdotes, ó Senhor Deus, sejam vestidos de salvação, e os Teus santos se alegrem do bem. Ah Senhor Deus, não faças virar o rosto do Teu ungido; lembra-Te das misericórdias de Davi Teu servo". 2 Crônicas 6:14-42.

Acabando Salomão de orar, "desceu o fogo do Céu, e consumiu o holocausto e os sacrifícios". Os sacerdotes não podiam entrar no templo, porque "a glória do Senhor encheu a casa do Senhor. E todos os filhos de Israel, vendo descer o fogo, e a glória do Senhor sobre a casa, encurvaram-se com o rosto em terra sobre o pavimento, e adoraram e louvaram ao Senhor; porque é bom, porque a Sua benignidade dura para sempre".

Então o rei e o povo ofereceram sacrifícios perante o Senhor. "E o rei e todo o povo consagraram a casa de Deus". 2 Crônicas 7:1-5. Durante sete dias as multidões de todas as partes do reino, "desde a entrada de Hamate, até ao rio do Egito", "uma mui grande congregação" celebrou uma jubilosa festa. A semana seguinte foi pela feliz multidão dedicada à celebração da Festa dos Tabernáculos. Findo o tempo de reconsagração e júbilo, o povo retornou a seus lares, alegre "e de bom ânimo, pelo bem que o Senhor tinha feito a Davi, e a Salomão, e a Seu povo Israel". 2 Crônicas 7:8, 10.

O rei havia feito o que estava em suas forças para encorajar o povo a render-se inteiramente a Deus e Seu serviço, e a magnificar Seu santo nome. E agora uma vez mais, como no início de seu reinado em Gibeom, ao rei de Israel fora dada evidência da divina aceitação e bênção. Numa visão noturna, o Senhor lhe apareceu com a mensagem: "Ouvi tua oração, e escolhi para Mim este lugar para casa de sacrifício. Se Eu cerrar os céus, e não houver chuva; ou se ordenar aos gafanhotos que consumam a terra; ou se enviar a peste entre o Meu povo; e se o Meu povo, que se chama pelo Meu nome, se humilhar, e orar, e buscar a Minha face e se converter dos seus maus caminhos, então Eu ouvirei dos Céus, e perdoarei os

seus pecados, e sararei a sua terra. Agora estarão abertos os Meus olhos e atentos os Meus ouvidos à oração deste lugar. Porque agora escolhi e santifiquei esta casa, para que o Meu nome esteja nela perpetuamente; e nela estarão fixos os Meus olhos e o Meu coração todos os dias". 2 Crônicas 7:12-16. [17]

Tivesse Israel permanecido leal a Deus e este glorioso edifício teria permanecido para sempre, como perpétuo sinal de especial favor de Deus a Seu povo escolhido. "E aos filhos dos estrangeiros", declarou Deus, "que se chegarem ao Senhor, para O servirem, e para amarem o nome do Senhor, sendo deste modo servos Seus, todos os que guardarem o sábado, não o profanando, e os que abraçarem o Meu concerto, também os levarei ao Meu santo monte, e os festejarei na Minha casa de oração; os seus holocaustos e os seus sacrifícios serão aceitos no Meu altar, porque a Minha casa será chamada casa de oração para todos os povos". Isaías 56:6, 7.

Em conexão com a certeza de aceitação, o Senhor tornou claro o caminho do dever perante o rei. "E, quanto a ti", Ele declarou, "se andares diante de Mim, como andou Davi teu pai, e fizeres conforme a tudo que te ordenei e guardares os Meus estatutos e os Meus juízos, também confirmarei o trono do teu reino, conforme o concerto que fiz com Davi, teu pai, dizendo: Não te faltará varão que domine em Israel". 2 Crônicas 7:17, 18.

Tivesse Salomão continuado a servir ao Senhor em humildade, todo o seu reinado teria exercido poderosa influência para o bem sobre as nações circunvizinhas — nações que tinham sido tão favoravelmente impressionadas pelo reinado de Davi, seu pai, e pelas sábias palavras e magnificentes obras dos primeiros anos de seu próprio reinado. Prevendo as terríveis tentações que acompanham a prosperidade e honras mundanas, Deus advertiu Salomão contra o mal da apostasia, e predisse os terríveis resultados do pecado. Até mesmo o belo templo que havia sido dedicado, declarou Ele, se tornaria como "provérbio e mote entre todas as gentes", se Israel deixasse "ao Senhor Deus de seus pais" (2 Crônicas 7:20-22), se persistisse na idolatria.

Fortalecido no coração e grandemente animado pela mensagem do Céu de que sua oração em favor do povo havia sido ouvida, Salomão entrava agora para o mais glorioso período de seu reinado, quando "todos os reis da Terra" começaram a buscar sua presença,

“para ouvirem a sua sabedoria, que Deus lhe dera no seu coração”. 2 Crônicas 9:23. Muitos vinham para ver o sistema de seu governo e para receber instrução quanto à maneira de se conduzirem nos assuntos difíceis.

Visitando essas pessoas a Salomão, ensinava-lhes ele a respeito de Deus como Criador de todas as coisas, e elas retornavam a seus lares com uma concepção mais clara do Deus de Israel, e de Seu amor pela raça humana. Nas obras da natureza contemplavam agora a expressão de Seu amor e uma revelação de Seu caráter; e muitos eram levados a adorá-Lo como seu Deus.

A humildade de Salomão ao tempo em que começou a levar a carga do Estado, quando ele reconheceu perante Deus: “Sou ainda menino pequeno” (1 Reis 3:7); seu marcado amor a Deus, profunda reverência pelas coisas divinas, sua desconfiança de si mesmo e [18] exaltação do infinito Criador de tudo — todos esses traços de caráter tão dignos de emulação, foram revelados durante os serviços relacionados com a conclusão do templo, quando durante sua oração dedicatória ele se ajoelhou, postando-se na humilde posição de suplicante. Os seguidores de Cristo hoje devem guardar-se da tendência de perder o espírito de reverência e piedoso temor. As Escrituras ensinam como devem os homens aproximar-se de seu Criador: com humildade e temor, mediante a fé num mediador divino. O salmista declarou:

“O Senhor é Deus grande, e Rei grande acima de todos os deuses.
[...]
Ó, vinde, adoremos, e prostremo-nos;
ajoelhemos diante do Senhor que nos criou”.

Salmos 95:3, 6.

Tanto no culto particular como no público, é nosso privilégio dobrar os joelhos perante Deus, quando a Ele oferecemos nossas petições. Jesus, nosso exemplo, “pondo-Se de joelhos, orava”. Lucas 22:41. De Seus discípulos, falando de Pedro, se relata que também “pôs-se de joelhos e orou”. Atos dos Apóstolos 9:40. Paulo declarou: “Ponho-me de joelhos perante o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo”. Efésios 3:14. Quando confessava perante Deus os pecados de Israel,

Esdras se ajoelhou. Esdras 9:5. Daniel “se punha de joelhos, e orava, e dava graças, diante de seu Deus”. Daniel 6:10.

A verdadeira reverência a Deus é inspirada pelo senso de Sua infinita grandeza e a noção de Sua presença. Com este senso do invisível, todo coração deve sentir-se profundamente impressionado. A ocasião e o lugar de oração são sagrados, porque Deus está ali. E ao ser a reverência manifestada em atitude e comportamento, o sentimento que a inspira será aprofundado. “Santo e tremendo é o Seu nome” (Salmos 111:9), declara o salmista. Os anjos, quando pronunciam este nome velam o rosto. Com que reverência, então, não devemos nós, que somos pecadores e caídos, tomá-lo em nossos lábios!

Bem fariam velhos e jovens em ponderar as palavras das Escrituras que mostram como deve ser considerado o lugar assinalado pela especial presença de Deus. “Tira os teus sapatos”, ordenou Ele a Moisés junto à sarça ardente, “porque o lugar em que tu estás é terra santa”. Êxodo 3:5. Jacó, havendo contemplado a visão do anjo, exclamou: “O Senhor está neste lugar; e eu não o sabia. [...] Este não é outro lugar senão a casa de Deus; e esta é a porta dos Céus”. Gênesis 28:16, 17.

Naquilo que fora dito durante a cerimônia de dedicação, Salomão tinha procurado remover do espírito dos presentes as superstições em relação com o Criador, as quais haviam obscurecido a mente dos pagãos. O Deus dos Céus não está, como os deuses dos pagãos, confinado em templos feitos por mãos; todavia Ele Se encontraria com Seu povo por meio de Seu Espírito, quando se reunissem na casa dedicada a Sua adoração.

Séculos mais tarde Paulo ensinou a mesma verdade nas palavras: “O Deus que fez o mundo e tudo que nele há, sendo Senhor do Céu e da Terra, não habita em templos feitos por mãos de homens; nem [19] tão pouco é servido por mãos de homens, como que necessitando de alguma coisa; pois Ele mesmo é quem dá a todos a vida, e a respiração, e todas as coisas; [...] para que buscassem ao Senhor, se porventura tateando, O pudessem achar; ainda que não está longe de cada um de nós; porque nEle vivemos, e nos movemos, e existimos”. Atos dos Apóstolos 17:24-28.

“Bem-aventurada é a nação cujo Deus é o Senhor,

e o povo que Ele escolheu para Sua herança.

O Senhor olha desde os Céus e está vendo a todos os filhos dos homens;
da Sua morada contempla todos os moradores da Terra”.

Salmos 33:12-14.

“O Senhor tem estabelecido o Seu trono nos Céus, e o Seu reino domina sobre tudo”.

Salmos 103:19.

“O Teu caminho, ó Deus, está no santuário.
Que deus é tão grande como o nosso Deus?
Tu és o Deus que fazes maravilhas;
Tu fizeste notória a Tua força entre os povos”.

Salmos 77:13, 14.

Embora Deus não habite em templos feitos por mãos humanas, honra, não obstante, com Sua presença, as assembléias de Seu povo. Ele prometeu que quando se reunissem para buscá-Lo, reconhecendo seus pecados, e para orarem uns pelos outros, Ele Se reuniria com eles por meio de Seu Espírito. Mas os que se reúnem para adorá-Lo devem afastar de si toda coisa má. A menos que O adorem em espírito e em verdade e na beleza da Sua santidade, seu ajuntamento será de nenhum valor. Destes o Senhor declara: “Este povo honra-Me com os seus lábios, mas o seu coração está longe de Mim. Mas em vão Me adoram”. Mateus 15:8, 9. Os que adoram a Deus devem adorá-Lo em “espírito e em verdade; porque o Pai procura a tais que assim O adorem”. João 4:23.

“O Senhor está no Seu santo templo; cale-se diante dEle toda a Terra”. Hebreus 2:20. [20]

Capítulo 3 — Orgulho da prosperidade

Enquanto Salomão exaltou a lei do Céu, Deus esteve com ele, e foi-lhe dada sabedoria para reger Israel com imparcialidade e misericórdia. A princípio, ao virem-lhe riquezas e honras mundanas, ele permaneceu humilde, e grande foi a extensão da sua influência. "E dominava Salomão sobre todos os reinos, desde o rio Eufrates até à terra dos filisteus, e até ao termo do Egito". "E tinha paz de todas as bandas em roda dele. E Judá e Israel habitavam seguros, cada um debaixo da sua videira, e debaixo da sua figueira [...] todos os dias de Salomão". 1 Reis 4:21, 24, 25.

Mas depois de uma manhã grandemente promissora, sua vida foi entenebrecida pela apostasia. A história registra o melancólico fato de que aquele que havia sido chamado Jedidias — amado do Senhor (2 Samuel 12:25) — aquele que havia sido honrado por Deus de forma tão marcante com o toque do divino favor que sua sabedoria e retidão conquistaram para ele fama mundial; aquele que tinha levado outros a renderem honra ao Deus de Israel, voltara-se da adoração de Jeová para se curvar ante os ídolos do paganismo.

Centenas de anos antes que Salomão subisse ao trono, o Senhor, antevendo os perigos que cercariam aqueles que fossem escolhidos reis de Israel, deu a Moisés instruções para sua guia. Foi dada orientação para que o que se assentasse no trono de Israel escrevesse "para si um translado" dos estatutos de Jeová "num livro, do que está diante dos sacerdotes levitas". "E o terá consigo", disse o Senhor, "e nele lerá todos os dias de sua vida, para que aprenda a temer ao Senhor seu Deus, para guardar todas as palavras desta lei, e estes estatutos, para fazê-los; para que o seu coração não se levante sobre os seus irmãos, e não se aparte do mandamento, nem para a direita, nem para a esquerda; para que prolongue os dias no seu reino, ele e seus filhos no meio de Israel". Deuteronômio 17:18-20.

Em conexão com estas instruções, o Senhor particularmente alertou aquele que fosse ungido rei que não multiplicasse para si "mulheres, para que o seu coração não se" desviasse. "Nem prata,

nem ouro”, deveria multiplicar-se “muito para si”. Deuteronômio 17:17.

Salomão estava familiarizado com estas advertências, e por algum tempo as guardou. Seu maior desejo era viver e reinar de acordo [21] com os estatutos dados no Sinai. Sua maneira de conduzir os negócios do reino estava em evidente contraste com os costumes das nações de seu tempo — nações que não temiam a Deus, e cujos reis tripudiavam sobre Sua santa lei.

Procurando fortalecer suas relações com o poderoso reino que ficava ao sul de Israel, Salomão aventurou-se no terreno proibido. Satanás conhecia os resultados que acompanhariam a obediência; e durante os primeiros anos do reinado de Salomão — anos gloriosos por causa da sabedoria, beneficência e retidão do rei — ele procurou introduzir influências que traiçoeiramente minassem a lealdade de Salomão ao princípio, e o levassem a separar-se de Deus. Que o inimigo foi bem-sucedido em seu esforço nós o sabemos pelo relato: “E Salomão se aparentou com Faraó rei do Egito; e tomou a filha de Faraó, e a trouxe à cidade de Davi”. 1 Reis 3:1.

Do ponto de vista humano, este casamento, embora contrário aos ensinamentos da lei de Deus, parecia provar-se uma bênção; pois a esposa pagã de Salomão se converteu e uniu-se com ele na adoração ao verdadeiro Deus. Ademais, Faraó prestou assinalados serviços a Israel, tomando Gezer, matando “os cananeus que moravam na cidade”, e dando-a “em dote a sua filha, mulher de Salomão”. 1 Reis 9:16. Esta cidade foi por Salomão reconstruída, e assim aparentemente foi grandemente fortalecido seu reino ao longo da costa mediterrânea. Fazendo, porém, aliança com uma nação pagã, e selando o pacto pelo casamento com a princesa idólatra, Salomão temerariamente desconsiderou a sábia provisão que Deus fizera para manter a pureza de Seu povo. A esperança de que sua esposa egípcia se convertesse era apenas uma débil escusa para o pecado.

Por algum tempo Deus em Sua compassiva misericórdia passou por alto este terrível erro; e o rei, mediante sábia conduta, poderia ter contido ao menos em grande medida, as forças do mal que sua imprudência pusera em operação. Mas Salomão havia começado a perder de vista a Fonte de seu poder e glória. À medida que a inclinação ganhava ascendência sobre a razão, a confiança em si mesmo aumentava, e ele procurou executar o propósito de Deus a sua

própria maneira. Arrazoava ele que alianças políticas e comerciais com as nações vizinhas levariam essas nações ao conhecimento do verdadeiro Deus; e entrou em aliança não santificada com nação após nação. Freqüentemente essas alianças eram seladas com casamento com princesas pagãs. Os mandamentos de Jeová foram postos de lado em favor dos costumes dos povos ao redor.

Salomão presumia que sua sabedoria e o poder do seu exemplo haveriam de levar suas esposas da idolatria à adoração do verdadeiro Deus, e também que as alianças assim formadas atrairiam as nações circunvizinhas em mais íntimo contato com Israel. Vã esperança! O erro de Salomão em considerar-se suficientemente forte para resistir às influências de associações pagãs foi fatal. E fatal foi também o engano que o levou a esperar que, não obstante a desconsideração [22] de sua parte para com a lei de Deus, outros poderiam ser levados a reverenciá-la e obedecer-Lhe aos sagrados preceitos.

As alianças e relações comerciais do rei com as nações pagãs levaram-lhe reconhecimento, honra e riquezas deste mundo. Tornou-se-lhe possível trazer ouro de Ofir, e prata de Társis, em grande abundância. "E fez o rei que houvesse ouro e prata em Jerusalém como pedras, e cedros em tanta abundância como figueiras bravas que há pelas campinas". 2 Crônicas 1:15. Riquezas, com todas as suas conseqüentes tentações, vieram nos dias de Salomão a um número sempre maior de pessoas; mas o fino ouro do caráter minguara e se corrompera.

Tão gradual foi a apostasia de Salomão que antes que dela se advertisse, tinha-se afastado de Deus. Quase imperceptivelmente começara a confiar cada vez menos na divina guia e bênção, e a pôr a confiança em sua própria força. Pouco a pouco deixou de prestar a Deus aquela obediência retilínea que devia fazer de Israel um povo peculiar, e conformou-se cada vez mais intimamente aos costumes das nações ao redor. Rendendo-se às tentações resultantes de seu sucesso e honrada posição, ele esqueceu a Fonte de sua prosperidade. A ambição de exceder todas as outras nações em poder e grandeza levou-o a renegar por propósitos egoístas os dons celestiais até então empregados para a glória de Deus. O dinheiro que devia ter sido conservado em sagrado depósito para benefício de pobres merecedores e para expansão, através do mundo, dos

princípios de santo viver, foi egoistamente absorvido em ambiciosos projetos.

Dominado por um subjugante desejo de superar outras nações em exibições exteriores, o rei subestimou a necessidade de adquirir beleza e perfeição de caráter. Procurando glorificar-se a si mesmo perante o mundo, vendeu sua honra e integridade. Os enormes lucros adquiridos através do comércio com muitas terras, foram suplementados por pesados tributos. Assim, o orgulho, a ambição, a prodigalidade e condescendência produziram os frutos da crueldade e da extorsão. O espírito considerado, consciencioso, que lhe havia assinalado o trato com o povo durante a primeira parte de seu reinado, estava agora mudado. Do mais sábio e mais misericordioso dos reis, ele se degenerou num tirano. Outrora guardião do povo, compassivo e temente a Deus, tornara-se opressor e despótico. Tributo após tributo era lançado sobre o povo, a fim de serem levantados meios que sustentassem a luxuosa corte.

O povo começou a queixar-se. O respeito e admiração que haviam outrora votado a seu rei mudou-se em desafeto e repulsa. Como uma salvaguarda contra a dependência do braço carnal, o Senhor havia advertido os que devessem reinar sobre Israel a que não multiplicassem cavalos para si. Mas em manifesta desconsideração a este mandamento "os cavalos que tinha Salomão, se traziam do Egito". 2 [23] Crônicas 1:16. "E do Egito e de todas aquelas terras traziam cavalos a Salomão". 2 Crônicas 9:28. "Também ajuntou Salomão carros e cavaleiros, de sorte que tinha mil e quatrocentos carros e doze mil cavaleiros, e os levou às cidades dos carros, e outros ficaram junto ao rei em Jerusalém". 1 Reis 10:26.

Cada vez mais o rei apreciava o luxo, a consideração pessoal e o favor do mundo como indicações de grandeza. Mulheres belas e atrativas foram trazidas do Egito, Fenícia, Edom, Moabe e de muitos outros lugares. Essas mulheres se contavam por centenas. Sua religião era idólatra, e havia-lhes sido ensinada a prática de ritos cruéis e degradantes. Fascinado com sua beleza, o rei negligenciou seus deveres para com Deus e com seu reino.

Suas esposas exerciam forte influência sobre ele, e gradualmente prevaleceram no sentido de fazerem-no unir-se a elas em seu culto. Salomão tinha desconsiderado a instrução que Deus havia dado para servir de barreira contra a apostasia, e agora se entregara à

adoração de falsos deuses. “Porque sucedeu que, no tempo da velhice de Salomão, suas mulheres lhe perverteram o coração para seguir outros deuses; e o seu coração não era perfeito para com o Senhor seu Deus, como o coração de Davi seu pai. Porque Salomão andou em seguimento de Astarote, deusa dos sidônios, e em seguimento de Milcom, a abominação dos filhos de Amom”. 1 Reis 11:4, 5.

Na elevação sul do Monte das Oliveiras — oposto ao Monte Moriá onde se erguia o belo templo de Jeová — Salomão ergueu um imponente bloco de edifícios para serem usados como santuários idólatras. Para satisfazer suas esposas, colocou enormes ídolos — desproporcionadas imagens de madeira e pedra — entre as alamedas de murta e oliveiras. Aí, diante dos altares das deidades pagãs — “Quemós, a abominação dos moabitas”, e “Moloque, a abominação dos filhos de Amom” (1 Reis 11:7) foram praticados os mais degradantes ritos do paganismo.

A conduta de Salomão trouxe sua inevitável penalidade. Sua separação de Deus pela comunhão com idólatras foi sua ruína. Renunciando sua aliança com Deus, perdeu o domínio de si mesmo. Sua eficiência moral desapareceu. Sua fina sensibilidade embotou-se, e cauterizou-se sua consciência. Aquele que no início de seu reinado havia demonstrado tanta sabedoria e simpatia em restituir um desamparado bebê a sua desafortunada mãe (1 Reis 3:16-28), caiu tão baixo a ponto de consentir na construção de um ídolo ao qual se ofereciam em sacrifício crianças vivas. Aquele que na sua juventude fora dotado de discrição e entendimento, e que em sua forte varonilidade havia sido inspirado a escrever: “Há um caminho que ao homem parece direito, mas o fim dele são os caminhos da morte” (Provérbios 14:12), em seus últimos anos afastou-se tanto da pureza a ponto de favorecer ritos licenciosos e revoltantes relacionados com a adoração de Quemós e Astarote. Aquele que na dedicação do templo tinha dito a seu povo: “Seja o vosso coração perfeito para com o Senhor nosso Deus” (1 Reis 8:61), tornara-se um transgressor, negando no coração e na vida suas próprias palavras. Ele tomou [24] licença por liberdade. Procurou — mas a que preço — unir a luz com as trevas, o bem com o mal, a pureza com a impureza, Cristo com Belial.

Depois de haver sido um dos maiores reis que já empunharam um cetro, Salomão tornou-se um libertino, instrumento e escravo de

outros. Seu caráter, outrora nobre e viril, tornou-se debilitado e efeminado. Sua fé no Deus vivo foi suplantada por dúvidas ateístas. A incredulidade mareou sua felicidade, enfraqueceu-lhe os princípios e degradou-lhe a vida. A justiça e magnanimidade dos primórdios de seu reinado, transmudara-se em despotismo e tirania. Pobre, frágil natureza humana Pouco pode Deus fazer por homens que perdem o senso de dependência dEle.

Durante esses anos de apostasia, o declínio espiritual de Israel progrediu firmemente. Como poderia ser diferente se seu rei havia unido seus interesses com forças satânicas? Através desses agentes o inimigo operou para confundir a mente dos israelitas com respeito ao verdadeiro e ao falso culto; e eles se tornaram presa fácil. O comércio com outras nações levou-os a íntimo contato com os que não tinham amor a Deus, e seu próprio amor por Ele foi grandemente diminuído. Seu agudo senso do elevado e santo caráter de Deus foi amortecido. Recusando seguir na trilha da obediência, transferiram sua vassalagem para o inimigo da justiça. Tornou-se comum a prática de intercâmbio matrimonial com idólatras, e os israelitas depressa perderam sua repulsa pela idolatria. A poligamia foi tolerada. Mães idólatras levaram seus filhos a observar ritos pagãos. Na vida de alguns o puro culto religioso instituído por Deus foi substituído pela idolatria mais descarada.

Os cristãos devem manter-se distintos e separados do mundo, de seu espírito e influências. Deus é perfeitamente capaz de guardar-nos no mundo, mas nós não devemos pertencer ao mundo. O amor de Deus não é incerto e vacilante. Ele vigia sempre sobre Seus filhos com desmedido cuidado. Mas requer submissão integral. “Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de odiar um e amar o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e a Mamom”. Mateus 6:24.

Salomão fora dotado com maravilhosa sabedoria; mas o mundo afastou-o de Deus. Os homens hoje não são mais fortes do que ele o era; são igualmente inclinados a ceder às influências que lhe provocaram a queda. Assim como Deus advertiu Salomão do perigo que o ameaçava, assim adverte Ele hoje a Seus filhos a que não ponham em perigo suas almas pela afinidade com o mundo. “Saí do meio deles”, pede Ele, “e apartai-vos, [...] não toqueis nada imundo,

e Eu vos receberei; e Eu serei para vós Pai, e vós sereis para Mim filhos e filhas, diz o Senhor todo-poderoso”. 2 Coríntios 6:17, 18.

No meio da prosperidade ronda o perigo. Através dos séculos, riquezas e honra sempre têm-se feito seguir do perigo para a humildade e espiritualidade. Não é o copo vazio que se torna difícil [25] de ser transportado; é o copo cheio que precisa ser cuidadosamente equilibrado para ser conduzido. A aflição e adversidade podem causar tristeza, mas é a prosperidade que representa maior perigo para a vida espiritual. A menos que o ser humano esteja em constante submissão à vontade de Deus, a menos que seja santificado pela verdade, a prosperidade fará que ressurja a inclinação natural para a presunção.

No vale da humilhação, onde os homens dependem de Deus para serem ensinados e guiados em cada passo, há relativa segurança. Mas os homens que se plantam, por assim dizer, num elevado pináculo, e que, por causa de sua posição, presumem possuir grande sabedoria — esses estão no mais grave perigo. A não ser que tais homens façam de Deus sua confiança, seguramente cairão.

Sempre que a ambição e o orgulho são tolerados, a vida é maculada; pois o orgulho, não sentindo necessidade, cerra o coração para as bênçãos infinitas do Céu. Aquele que faz da glorificação de si mesmo seu alvo encontrar-se-á destituído da graça de Deus, por cuja eficiência as verdadeiras riquezas e a mais satisfatória alegria são conquistadas. Mas o que tudo entrega e tudo faz por Cristo conhecerá o cumprimento da promessa: “A bênção do Senhor é que enriquece, e não acrescenta dores”. Provérbios 10:22. Com o gentil toque da graça o Salvador expulsa da alma a inquieta e não santificada ambição, mudando a animosidade em amor, a incredulidade em confiança. Quando Ele Se dirige à alma, dizendo: “Segue-Me” (Mateus 9:9), o mágico encantamento do mundo é quebrado. Ao som de Sua voz, o espírito de avareza e ambição foge do coração, e os homens se erguem, emancipados, para segui-Lo. [26]

Capítulo 4 — Resultados da transgressão

Dentre as principais causas que levaram Salomão à extravagância e opressão destaca-se o seu fracasso em manter e alimentar o espírito de abnegação.

Quando, ao pé do Sinai, Moisés expôs ao povo a ordem divina: “E Me farão um santuário, e habitarei no meio deles” (Êxodo 25:8), a resposta dos israelitas foi acompanhada de oferendas apropriadas. “E veio todo o homem, a quem o seu coração moveu, e todo aquele cujo espírito voluntariamente o excitou” (Êxodo 35:21), e trouxeram ofertas. Para a construção do santuário foram necessários grandes e intensos preparativos; vasta quantidade do mais caro e precioso material fora requerida, mas o Senhor só aceitou ofertas voluntárias. “De todo o homem cujo coração se mover voluntariamente, dele tomareis a minha oferta alçada” (Êxodo 25:2), foi a ordem repetida por Moisés à congregação. Devoção a Deus e espírito de sacrifício foram os primeiros requisitos na preparação de um lugar de habitação para o Altíssimo.

Um convite semelhante ao espírito de abnegação foi feito quando Davi pôs sobre Salomão a responsabilidade da construção do templo. À multidão reunida ele fez a pergunta: “Quem, pois, está disposto a encher a sua mão, para oferecer hoje voluntariamente ao Senhor?” 1 Crônicas 29:5. Este convite à consagração e espírito voluntário devia ter sido sempre conservado em mente por aqueles que tinham interesse na construção do templo.

Para a construção do tabernáculo do deserto, homens escolhidos foram dotados por Deus com sabedoria e habilidade especiais. “Disse Moisés aos filhos de Israel: Eis que o Senhor tem chamado por nome a Bezalel, [...] da tribo de Judá, e o espírito de Deus o encheu de sabedoria, entendimento e ciência em todo o artifício. [...] Também lhe tem disposto o coração para ensinar a outros; a ele e Aoliabe [...] da tribo de Dã. Encheu-os de sabedoria do coração, para fazer toda a obra de Mestre, e a mais engenhosa, e a do bordador, [...] e a do tecelão, fazendo toda a obra. [...] Êxodo 35:30-35. Assim

obraram Bezalel e Aoliabe, e todo o homem sábio de coração, a quem o Senhor dera sabedoria e inteligência”. Êxodo 36:1. Inteligências celestiais cooperavam com os artífices a quem o próprio Deus havia escolhido. [27]

Os descendentes desses homens herdaram em grande medida os talentos conferidos aos seus pais. Por algum tempo, esses homens de Judá e Dã conservaram-se humildes e altruístas; mas gradualmente, quase imperceptivelmente, perderam seu apego a Deus e o desejo de servi-Lo de maneira altruísta. Pediam salário cada vez mais alto por seus serviços, em virtude de sua superior habilidade como mestres das mais finas artes. Em alguns casos suas exigências eram satisfeitas, mas a maioria das vezes empregavam-se nas nações circunvizinhas. Em lugar do nobre espírito de abnegação que havia enchido o coração de seus ilustres ancestrais, abrigaram um espírito de cobiça, de ganância por ganhos cada vez maiores. Para que seus desejos egoístas fossem satisfeitos, usaram a habilidade que Deus lhes dera a serviço de reis pagãos e emprestaram seus talentos para a execução de obras que eram uma desonra para o seu Criador.

Foi entre esses homens que Salomão procurou um mestre-de-obras que superintendesse a construção do templo sobre o Monte Moriá. Minuciosas especificações, por escrito, referentes a cada parte da estrutura sagrada haviam sido confiadas ao rei; e ele poderia ter esperado com fé em que Deus proveria auxiliares consagrados, a quem seria outorgada habilidade especial para fazer com precisão a obra requerida. Mas Salomão perdeu de vista esta oportunidade de exercitar fé em Deus. Solicitou ao rei de Tiro um homem “sábio para trabalhar em ouro, e em prata, e em bronze, e em ferro, e em púrpura, e em carmesim, e em azul, e que saiba lavrar ao buril, juntamente com os sábios [...] em Judá e em Jerusalém”. 2 Crônicas 2:7.

O rei fenício respondeu enviando Hirão Abiú, “filho de uma mulher das filhas de Dã, e cujo pai foi homem de Tiro”. 2 Crônicas 2:14. Hirão Abiú era descendente, pela linhagem materna, de Aoliabe, a quem, centenas de anos antes, Deus havia dado sabedoria especial para a construção do tabernáculo.

Assim à frente do grupo de artífices de Salomão foi colocado um homem cujos esforços não eram impulsionados pelo desejo altruísta de prestar serviço a Deus. Ele servia ao deus deste mundo: Mamom.

Todas as fibras de seu ser estavam entretecidas com os princípios do egoísmo.

Dada essa habilidade pouco comum, Hirão Abiú exigiu grandes salários. Gradualmente os princípios errôneos que ele acariciava vieram a ser aceitos por seus companheiros. Ao trabalharem com ele dia após dia, renderam-se à inclinação de comparar seu salário com o deles, e começaram a perder de vista a santidade do caráter de sua obra. Abandonou-os o espírito de abnegação, e em seu lugar introduziu-se o espírito de cobiça. O resultado foi uma demanda por salários mais altos, o que lhes foi concedido.

As funestas influências assim postas em operação permearam todos os ramos do serviço do Senhor, e se estenderam através do reino. Os elevados salários requeridos e recebidos deram a muitos uma oportunidade para se entregarem ao luxo e extravagância. O [28] pobre foi oprimido pelo rico; o espírito de abnegação quase que se perdeu. No vasto alcance dos efeitos destas influências pode-se descobrir uma das principais causas da terrível apostasia daquele que fora uma vez chamado o mais sábio dos mortais.

O agudo contraste entre o espírito e motivos do povo que construiu o tabernáculo no deserto e o dos que se ocupavam na construção do templo de Salomão, encerra uma lição de profundo significado. O egoísmo que caracterizou os construtores do templo de Salomão encontra seu paralelo hoje no egoísmo que domina no mundo. O espírito de cobiça, de luta por posições mais altas e mais altos salários é predominante. O serviço voluntário e a deleitável abnegação dos obreiros do tabernáculo raramente se encontram. Mas este é o único espírito que deve atuar nos seguidores de Jesus. Nosso divino Mestre deu o exemplo de como devem Seus discípulos trabalhar. Àqueles a quem ordenou: "Vinde após Mim, e Eu vos farei pescadores de homens" (Mateus 4:19), não ofereceu Ele qualquer soma em paga de seus serviços. Eles deviam compartilhar com Ele da abnegação e sacrifício.

Não é pelo salário que recebemos que devemos trabalhar. O motivo que nos dispõe ao trabalho por Deus não deve ter em si coisa alguma que lembre serviço a si próprio. Abnegada devoção e espírito de sacrifício têm sido e serão sempre o primeiro requisito do culto aceitável. Nosso Senhor e Mestre deseja que nenhum fio de egoísmo seja entretecido em Sua obra. A nossos esforços devemos

acrescentar o tato e habilidade, a precisão e sabedoria que o Deus da perfeição exigiu dos construtores do santuário terrestre; contudo, em todas as nossas atividades devemos lembrar que os maiores talentos e os mais esplêndidos serviços são aceitáveis somente quando o eu é posto sobre o altar para consumir-se como um sacrifício vivo.

Outro afastamento dos retos princípios que finalmente levou à queda o rei de Israel, foi o render-se à tentação de tomar para si a glória que pertence a Deus somente.

Desde o momento em que Salomão recebeu o encargo de construir o templo até que o mesmo ficou pronto, seu manifesto propósito foi "edificar uma casa ao nome do Senhor Deus de Israel". 2 Crônicas 6:7. Este propósito foi plenamente reconhecido perante as tribos de Israel reunidas por ocasião da dedicação do templo. Em sua oração o rei reconheceu o que Jeová havia dito: "O Meu nome estará ali". 1 Reis 8:29.

Uma das partes mais tocantes da oração dedicatória de Salomão foi sua súplica a Deus pelos estrangeiros que viessem dos países distantes para aprenderem mais dAquele cuja fama tinha sido amplamente espalhada entre as nações. "Porque ouvirão do Teu grande nome", o rei expressou, "e da Tua forte mão, e do Teu braço estendido". Em favor de cada um desses adoradores estrangeiros Salomão havia suplicado: "Ouve Tu [...] e faze conforme a tudo o que o estrangeiro a Ti clamar, a fim de que todos os povos da Terra conheçam o Teu nome para Te temerem como o Teu povo Israel, e [29] para saberem que o Teu nome é invocado sobre esta casa que tenho edificado". 1 Reis 8:42, 43.

Ao encerramento do culto, Salomão exortara Israel a ser fiel e leal a Deus, "para que todos os povos da Terra" soubessem, disse ele, "que o Senhor é Deus e que não há outro". 1 Reis 8:60.

Alguém maior que Salomão fora o planejador do templo; a sabedoria e a glória de Deus estavam ali reveladas. Os que desconheciam este fato naturalmente admiravam e louvavam Salomão como o arquiteto e construtor; mas o rei recusava qualquer honra por este projeto e construção.

Assim foi quando a rainha de Sabá veio visitar Salomão. Ouvindo de sua sabedoria, e do magnificente templo que ele havia construído, ela se determinou "prová-lo por enigmas", e ver por si mesma suas famosas obras. Assistida por uma comitiva de servos, e

“com camelos carregados de especiarias, e muitíssimo ouro, e pedras preciosas”, ela fez a longa viagem para Jerusalém. “E veio a Salomão, e disse-lhe tudo quanto tinha no seu coração.” Ela falou-lhe dos mistérios da natureza, e Salomão ensinou-lhe a respeito do Deus da natureza, o grande Criador, que habita no mais alto Céu, e domina sobre todos. 1 Reis 10:1-3. “E Salomão lhe declarou todas as suas palavras; nenhuma coisa se escondeu ao rei, que não lhe declarasse”. 2 Crônicas 9:1, 2.

“Vendo, pois, a rainha de Sabá toda a sabedoria de Salomão, e a casa que edificara, [...] não houve mais espírito nela. [...] Foi verdade”, reconheceu, “a palavra que ouvi na minha terra, das tuas coisas e da tua sabedoria. E eu não cria naquelas palavras, até que vim, e os meus olhos o viram; eis que me não disseram metade; sobrepujaste em sabedoria e bens a fama que ouvi. Bem-aventurados os teus homens, bem-aventurados estes teus servos que estão sempre diante de ti, que ouvem a tua sabedoria!” 1 Reis 10:3, 6-8.

No final de sua visita, a rainha havia sido tão completamente instruída por Salomão quanto à fonte de sua sabedoria e prosperidade, que foi constrangida, não a exaltar o agente humano, mas a exclamar: “Bendito seja o Senhor teu Deus, que teve agrado em ti, para te pôr no trono de Israel; porque o Senhor ama a Israel para sempre, por isso te estabeleceu rei, para fazeres juízo e justiça”. 1 Reis 10:9. Esta a impressão que Deus designara fosse feita sobre todos os povos. E quando “todos os reis da Terra procuravam ver o rosto de Salomão, para ouvirem a sua sabedoria, que Deus lhe dera no seu coração” (1 Crônicas 9:23), Salomão por algum tempo honrou a Deus reverentemente, indicando-lhes o Criador dos Céus e da Terra, o Soberano do Universo, o Todo-sábio.

Houvesse Salomão continuado, em humildade de espírito, a volver a atenção dos homens de si para Aquele que lhe dera sabedoria e riquezas e honra, que história teria sido a sua Mas, conquanto a pena da inspiração registre suas virtudes, dá também fiel testemunho da [30] sua queda. Elevado ao pináculo da grandeza, cercado com dádivas da fortuna, Salomão sentiu-se aturdido, perdeu o equilíbrio, e caiu. Constantemente exaltado pelos homens do mundo, foi finalmente inábil para resistir à lisonja de que era alvo. A sabedoria que lhe fora confiada para que glorificasse ao Doador, encheu-o de orgulho. Permitiu finalmente que os homens falassem de si como do mais

digno de louvor pelo inigualável esplendor do edifício planejado e construído para honrar o "nome do Senhor Deus de Israel".

Assim foi que o templo de Jeová veio a ser conhecido através das nações como "o templo de Salomão". O agente humano tinha tomado para si a glória que pertencia ao "que mais alto é do que os altos". Eclesiastes 5:8. Mesmo até ao dia de hoje o templo que Salomão declarou: "Pelo Teu nome é chamada esta casa que edifiquei" (2 Crônicas 6:32), é mais freqüentemente mencionado, não como o templo de Jeová, mas como "templo de Salomão".

Não pode o homem mostrar maior fraqueza que permitir se lhe atribua a honra por dons que são outorgados pelo Céu. O verdadeiro cristão fará com que Deus seja o primeiro, o último e o melhor em tudo. Nenhum ambicioso motivo logrará arrefecer seu amor por Deus; firmemente, perseverantemente, fará que advenha honra a seu Pai celestial. É quando somos fiéis em exaltar o nome de Deus, que nossos impulsos são postos sob a divina supervisão e somos capacitados a desenvolver faculdades espirituais e intelectuais.

Jesus, o divino Mestre, sempre exaltou o nome de Seu Pai celestial. Ele ensinou Seus discípulos a orar: "Pai nosso que estás nos Céus, santificado seja o Teu nome". Mateus 6:9. E eles não deviam esquecer de reconhecer: Tua é "a glória". Mateus 6:13. Tão cuidadoso foi o grande Médico em desviar a atenção de Si mesmo para a Fonte de Seu poder, que a maravilhada multidão "vendo os mudos a falar, os aleijados sãos, os coxos a andar, e os cegos a ver", não O glorificavam a Ele, mas "glorificavam o Deus de Israel". Mateus 15:31. Na maravilhosa oração que fez pouco antes de Sua crucifixão, Cristo declarou: "Eu glorifiquei-Te na Terra". "Glorifica a Teu Filho", suplicou, "para que também o Teu Filho Te glorifique a Ti". "Pai justo, o mundo não Te conheceu, mas Eu Te conheci; e estes conheceram que Tu Me enviaste a Mim. E Eu lhes fiz conhecer o Teu nome, e lho farei conhecer mais, para que o amor com que Me tens amado esteja neles, e Eu neles esteja". João 17:1, 4, 25, 26.

"Assim diz o Senhor: Não se glorie o sábio na sua sabedoria, nem se glorie o forte na sua força; não se glorie o rico nas suas riquezas; mas o que se gloriar glorie-se nisto: em Me conhecer e saber que Eu sou o Senhor, que faço beneficência, juízo e justiça na Terra; porque destas coisas Me agrado, diz o Senhor". Jeremias 9:23, 24.

"Louvarei o nome de Deus [...] e engrandecê-Lo-ei com ação de graças".

Salmos 69:30.

[31]

"Digno és, Senhor, de receber glória, e poder".

Apocalipse 4:11.

"Louvar-Te-ei, Senhor Deus meu, com todo o meu coração, e glorificarei o Teu nome para sempre".

Salmos 86:12.

"Engrandecei ao Senhor comigo, e juntos exaltemos o Seu nome".

Salmos 34:3.

A introdução de princípios tendentes a afastar do espírito de sacrifício para o de glorificação própria, foi ainda mais acompanhada por outra grosseira perversão do plano divino para Israel. Deus havia designado que Seu povo fosse a luz do mundo. Deles devia refletir a glória de Sua lei como revelada na vida prática. Para a concretização deste propósito, fizera Ele que Sua nação escolhida ocupasse uma posição estratégica entre as nações da Terra.

Nos dias de Salomão o reino de Israel se estendera desde Hamate ao Norte, até o Egito ao Sul, e do Mar Mediterrâneo ao Rio Eufrates. Através deste território corriam muitas vias naturais do mundo comercial, e as caravanas das terras distantes transpunham-nas constantemente. Assim foi dada a Salomão e a seu povo oportunidade para revelar aos homens de todas as nações o caráter do Rei dos reis, e ensinar-lhes reverência e obediência a Ele. A todo o mundo devia ser dado este conhecimento. Mediante o ensino contido nas ofertas sacrificais, Cristo devia ser exaltado perante as nações, para que todo o que desejasse pudesse viver.

Colocado como cabeça de uma nação que fora posta como um farol de luz para as nações ao redor, Salomão devia ter usado a

sabedoria que Deus lhe dera e o poder de influência na organização e liderança de um grande movimento para iluminação dos que viviam na ignorância de Deus e Sua verdade. Assim, multidões teriam sido ganhas para obediência aos divinos preceitos, Israel teria ficado a salvo dos males praticados pelos pagãos, e o Senhor da glória teria sido grandemente honrado. Mas Salomão perdeu de vista este alto propósito. Deixou de usar suas esplêndidas oportunidades para iluminação dos que estavam continuamente passando através de seu território ou estacionando nas principais cidades.

O espírito missionário que Deus implantara no coração de Salomão e de todos os verdadeiros israelitas fora suplantado pelo espírito de comercialismo. As oportunidades propiciadas pelo contato com muitas nações foram usadas para exaltação pessoal. Salomão procurou fortalecer politicamente sua posição construindo cidades fortificadas nas passagens comerciais. Reconstruiu Gezer, próximo de Jope, que ficava ao longo da estrada entre Egito e Síria; Bete-Horom, a oeste de Jerusalém, dominando as passagens da estrada que ia do interior da Judéia a Gezer e à costa do mar; Megido, situada na estrada das caravanas de Damasco para o Egito, e de Jerusalém para o Norte; e "Tadmor, no deserto" (2 Crônicas 8:4), ao longo da rota das caravanas do Oriente. Todas estas cidades foram poderosamente fortificadas. As vantagens comerciais de uma passagem nas cabeceiras do Mar Vermelho foram ampliadas pela construção de naus [32] em Esiom-Geber, "na praia do mar, na terra de Edom". 1 Reis 9:26, 28. Marinheiros treinados de Tiro, "com os servos de Salomão" (2 Crônicas 8:18), conduziam esses navios nas viagens para Ofir, e "traziam de Ofir muitíssima madeira de sândalo, e pedras preciosas". 1 Reis 10:11.

Os rendimentos do rei e de muitos de seus súditos foram grandemente aumentados, mas a que preço! Por causa da ambição e curteza de vistas daqueles a quem tinham sido confiados os oráculos de Deus, às incontáveis multidões que apinhavam as vias de transporte se permitiu que permanecessem na ignorância de Jeová.

Em saliente contraste com a conduta seguida por Salomão foi o procedimento de Cristo quando esteve na Terra. O Salvador, embora possuindo "todo o poder" (Mateus 28:18), jamais usou este poder para Seu próprio engrandecimento. Nenhum sonho de conquistas terrenas, de grandezas mundanas, maculou a perfeição de Seu ser-

viço pela humanidade. “As raposas têm covis, e as aves dos céus ninhos”, disse Ele, “mas o Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça”. Mateus 8:20. Os que em resposta ao chamado da hora, têm entrado no serviço do Obreiro-mestre, podem bem estudar Seus métodos. Ele tirou vantagem das oportunidades encontradas ao longo das movimentadas vias.

Nos intervalos de Suas jornadas de um para outro lado, Jesus permanecia em Cafarnaum, que passou a ser conhecida como “a Sua cidade”. Mateus 9:1. Situada na estrada de Damasco para Jerusalém e Egito e para o Mar Mediterrâneo, era esta cidade bem apropriada como centro do trabalho do Salvador. Pessoas de muitas terras passavam através da cidade, ou nela se detinham para descanso. Aí Jesus Se encontrava com pessoas de todas as nações e categorias, e assim eram Suas lições levadas a outros países e a muitas famílias. Por este meio era despertado o interesse nas profecias que apontavam para o Messias, a atenção era dirigida para o Salvador, e Sua missão era levada perante o mundo.

Em nossos dias, as oportunidades de entrar-se em contato com homens e mulheres de todas as classes e diferentes nacionalidades são muito maiores que nos dias de Israel. As movimentadas vias de comunicação têm-se multiplicado por milhares.

Assim como fez Cristo, os mensageiros do Altíssimo devem hoje tomar posição nessas vias movimentadas, onde possam encontrar-se com multidões que passam de todas as partes do mundo. Como Ele Se ocultou em Deus, devem eles semear a semente do evangelho, expondo perante outros as preciosas verdades das Sagradas Escrituras, que lançarão profundas raízes na mente e no coração, e germinem para a vida eterna.

Solenes são as lições do fracasso de Israel durante os anos em que tanto o rei como o povo se desviaram do alto propósito que tinham sido chamados a cumprir. [33]

Seja onde for que eles tenham sido fracos, a ponto mesmo de cair, o Israel de Deus hoje, os representantes do Céu que constituem a verdadeira igreja de Cristo, devem ser fortes, pois para eles é transferido o encargo de concluir a obra confiada ao homem, e de anunciar o dia do ajuste final. Contudo, as mesmas influências que prevaleceram contra Israel no tempo do reinado de Salomão ainda se lhes antepõem. As forças do inimigo de toda a justiça estão

fortemente entrincheiradas; e a vitória só pode ser ganha mediante o poder de Deus. O conflito que temos diante de nós exige espírito de abnegação, desconfiança própria, confiança em Deus somente, e sábio uso de toda oportunidade para a salvação de almas. A bênção do Senhor será concedida a Sua igreja, à medida que esta avance unida, revelando a um mundo que está nas trevas do erro a beleza da santidade manifesta num espírito de abnegação semelhante ao de Cristo, na exaltação do divino em vez do humano, e no amoroso e incansável serviço pelos que tanto precisam das bênçãos do evangelho. [34]

Capítulo 5 — O arrependimento de Salomão

Duas vezes durante o reinado de Salomão o Senhor lhe havia aparecido com palavras de aprovação e conselho — na visão noturna em Gibeom, quando a promessa de sabedoria, riquezas e honra foi acompanhada pela admoestação para que permanecesse humilde e obediente; e após a dedicação do templo, quando uma vez mais o Senhor o exortou à fidelidade. Claras foram as admoestações, maravilhosas as promessas, dadas a Salomão; não obstante, daquele que pelas circunstâncias, no caráter e na vida parecia abundantemente capacitado para aceitar o encargo e corresponder à expectação do Céu, está registrado: "Não guardou o que o Senhor lhe ordenara". "Desviara seu coração do Senhor Deus de Israel, o qual duas vezes lhe aparecera. E acerca desta matéria lhe tinha dado ordem que não andasse em seguimento de outros deuses". 1 Reis 11:9, 10. E tão completa foi sua apostasia, seu coração tão endurecido na transgressão, que seu caso parecia quase sem esperança.

Da alegria da divina comunhão, Salomão voltou-se em busca da satisfação nos prazeres do sentido. Desta experiência ele diz: "Fiz para mim obras magníficas: edifiquei para mim casas, plantei para mim vinhas. Fiz para mim hortas e jardins, [...] Adquiri servos e servas, [...] amontoei também para mim prata e ouro, e jóias de reis e das províncias; provi-me de cantores e cantoras, e das delícias dos filhos dos homens, e de instrumentos de música de toda a sorte. Engrandeci-me, e aumentei mais do que todos os que houve antes de mim em Jerusalém. [...]

"E tudo quanto desejaram os meus olhos não lhes neguei, nem privei o meu coração de alegria alguma; mas o meu coração se alegrou por todo o meu trabalho. [...] E olhei eu para todas as obras que fizeram as minhas mãos, como também para o trabalho que eu, trabalhando, tinha feito, e eis que tudo era vaidade e aflição de espírito, e que proveito nenhum havia debaixo do Sol.

"Então passei à contemplação da sabedoria, dos desvarios, e da doidice; porque, que fará o homem que seguir ao rei? O mesmo que

outros já fizeram. [...] Pelo que aborreci esta vida. [...] Também eu aborreci todo o meu trabalho, em que trabalhei debaixo do Sol". Eclesiastes 2:4-18. [35]

Por sua própria amarga experiência, Salomão conheceu o vazio de uma vida que busca nas coisas terrenas seu mais elevado bem. Ele construiu altares aos deuses pagãos, apenas para verificar quão vã é sua promessa de repouso para o espírito. Pensamentos sombrios e importunos perturbavam-no dia e noite. Não havia mais para ele qualquer alegria de vida ou paz de mente, e o futuro se mostrava enegrecido com desespero.

Contudo, o Senhor não o desamparou. Por mensagens de reprovação e severos juízos, Ele procurou despertar o rei para a constatação de sua conduta pecaminosa. Removeu dele Seu cuidado protetor, e permitiu que adversários molestassem e enfraquecessem o reino. "Levantou, pois, o Senhor a Salomão um adversário, a Hadade, o edomeu. [...] Também Deus lhe levantou outro adversário, a Rezom, [...] capitão dum esquadrão, [...] porque detestava a Israel, e reinava sobre a Síria. Até Jeroboão, [...] servo de Salomão, [...] varão valente", "levantou a sua mão contra o rei". 1 Reis 11:14-28.

Por fim o Senhor, por intermédio de um profeta, enviou a Salomão a assustadora mensagem: "Pois que houve isto em ti, que não guardaste o Meu concerto e os Meus estatutos que te mandei, certamente rasgarei de ti este reino, e o darei a teu servo. Todavia nos teus dias não o farei, por amor de Davi teu pai; da mão de teu filho o rasgarei". 1 Reis 11:11, 12.

Despertado como de um sonho por esta sentença de juízo pronunciada contra si e sua casa, com a consciência ativada, Salomão começou a ver sua estultícia em sua verdadeira luz. Afligido em espírito, com a mente e corpo debilitados, ele se voltou fatigado e sedento das rotas cisternas terrenas, para beber uma vez mais da Fonte da vida. Para ele afinal a disciplina do sofrimento tinha realizado sua obra. Longo tempo tinha ele sido perseguido pelo temor de completa ruína, pela incapacidade de abandonar a insensatez; mas agora discerniu na mensagem dada um raio de esperança. Deus não o havia abandonado por completo, mas estava pronto a libertá-lo do cativeiro mais cruel que a sepultura, e do qual não tivera poder para se libertar a si mesmo.

Agradecido, Salomão reconheceu o poder e a amorável bondade dAquele que “mais alto é do que os altos” (Eclesiastes 5:8); em penitência ele começou a retroceder seus passos de onde tinha caído tanto, para o exaltado plano de pureza e santidade. Ele jamais poderia esperar escapar dos ruinosos resultados do pecado; jamais poderia libertar sua mente de toda lembrança da conduta indulgente para consigo mesmo que havia seguido; mas empenhar-se-ia com fervor em dissuadir outros de irem atrás dos desvarios. Confessaria humildemente o erro de seu procedimento, e ergueria a voz em advertência para que outros não se perdessem irremissivelmente em [36] virtude das influências para o mal que ele tinha posto em operação.

O verdadeiro penitente não afasta da lembrança seus pecados passados. Não se mostra alheio aos erros que praticou, tão logo haja alcançado paz. Ele pensa nos que foram levados ao mal por sua conduta, e procura por todas as formas levá-los de volta ao verdadeiro caminho. Quanto mais clara a luz em que entrou, mais forte seu desejo de firmar os pés de outros no caminho reto. Ele não atenua sua perversa conduta, fazendo de seus erros coisa leve, mas levanta o sinal de perigo, para que outros sejam advertidos.

Salomão reconheceu que “o coração dos filhos dos homens está cheio de maldade; que há desvarios no seu coração”. Eclesiastes 9:3. E em outra oportunidade declarou: “Visto como se não executa logo o juízo sobre a má obra, por isso o coração dos filhos dos homens está inteiramente disposto para praticar o mal. Ainda que o pecador faça mal cem vezes, e os dias se lhe prolonguem, eu sei com certeza que bem sucede aos que temem a Deus, aos que temerem diante dEle. Mas ao ímpio não irá bem, e ele não prolongará os seus dias; será como a sombra, visto que ele não teme diante de Deus”. Eclesiastes 8:11-13.

Pelo espírito de inspiração, o rei relatou para as gerações futuras a história de seus anos de dissipação, com suas lições de advertência. E assim, embora a semente que semeou fosse colhida por seu povo em safras de males, não se perdeu inteiramente a obra de sua vida. Com mansidão e humildade, Salomão em seus últimos anos ensinou “sabedoria ao povo, [...] e atentou, e esquadrinhou, e compôs muitos provérbios”. Ele “procurou achar palavras agradáveis; e o escrito é a retidão, palavras de verdade”. “As palavras dos sábios são como aguilhões, e como pregos bem fixados pelos mestres das congrega-

ções, que nos foram dadas pelo único Pastor. E, demais disto, filho meu, atenta". Eclesiastes 12:9-12.

"De tudo o que se tem ouvido, o fim é", escreveu ele, "teme a Deus, e guarda os Seus mandamentos; porque este é o dever de todo o homem. Porque Deus há de trazer a juízo toda a obra, e até o que está encoberto, quer seja bom quer seja mau". Eclesiastes 12:13, 14.

Os posteriores escritos de Salomão revelam que ao sentir mais e mais a impiedade de sua conduta, deu especial atenção a advertir a juventude contra o cair em erros que o tinham conduzido a dissipar por nada os mais escolhidos dons dos Céus. Com tristeza e vergonha confessou que no melhor de sua varonilidade, quando devia ter encontrado em Deus seu conforto, seu sustentáculo, sua vida, ele se desviou da luz do Céu e sabedoria de Deus, e pôs a idolatria no lugar da adoração a Jeová. E agora, havendo aprendido por triste experiência a loucura de semelhante vida, seu fervente desejo era salvar outros de sorverem a amarga experiência pela qual havia passado.

Com tocante ênfase ele escreveu a respeito dos privilégios e responsabilidades da juventude no serviço de Deus: "Verdadeiramente suave é a luz, e agradável é aos olhos ver o Sol. Mas se o [37] homem viver muitos anos, e em todos eles se alegrar, também se deve lembrar dos dias das trevas, porque hão de ser muitos. Tudo quanto sucede é vaidade. Alegra-te, mancebo, na tua mocidade, e recreie-se o teu coração nos dias da tua mocidade, e anda pelos caminhos do teu coração, e pela vista dos teus olhos; sabe, porém, que por todas estas coisas te trará Deus a juízo. Afasta, pois, a ira do teu coração, e remove da tua carne o mal, porque a adolescência e a juventude são vaidade". Eclesiastes 11:7-10.

"Lembra-te do teu Criador nos dias da tua mocidade,
antes que venham os maus dias, e cheguem os anos,
dos quais venhas a dizer: Não tenho neles contentamento;
antes que se escureçam o Sol, e a luz, e a Lua, e as estrelas,
e tornem a vir as nuvens depois da chuva;
no dia em que tremerem os guardas da casa,
e se curvarem os homens fortes,
e cessarem os moedores, por já serem poucos,
e se escurecerem os que olham pelas janelas;

e as duas portas da rua se fecharem por causa do baixo ruído da moedura,
e se levantar a voz das aves, e todas as vozes do canto se baixarem;
como também quando temerem o que está no alto,
e houver espantos no caminho, e florescer a amendoeira,
e o gafanhoto for um peso, e perecer o apetite;
porque o homem se vai à sua eterna casa,
e os pranteadores andarão rodeando pela praça;
antes que se quebre a cadeia de prata,
e se despedace o copo de ouro,
e se despedace o cântaro junto à fonte,
e se despedace a roda junto ao poço,
e o pó volte à terra, como o era,
e o espírito volte a Deus, que o deu".

Eclesiastes 12:1-7.

A vida de Salomão está repleta de advertências não somente para a juventude, mas para os já amadurecidos, bem como os que estão descendo a encosta e enfrentando o ocaso da vida. Nós ouvimos de instabilidade, e isto vemos, em relação à juventude — os jovens vacilando entre o que é certo e o que é errado, e a corrente de más paixões provando-se demasiado forte para eles. Nos de idade madura, não esperamos ver tal instabilidade e infidelidade; esperamos, isto sim, que o caráter esteja estabilizado, os princípios firmemente enraizados. Mas isto nem sempre é assim. Quando Salomão devia ter sido no caráter como um robusto carvalho, caiu desta posição firme sob o poder da tentação. Quando sua fortaleza devia ter sido a mais firme, encontrou-se como sendo a mais fraca.

De tais exemplos devemos aprender que em vigiar e orar encontra-se a única salvaguarda, tanto para os jovens como para os idosos. Não repousa a segurança em posições exaltadas e em grandes privilégios. Durante muitos anos pode uma pessoa ter desfrutado genuína experiência cristã, mas ainda está exposta aos ataques de Satanás. Na batalha contra o pecado de dentro e as tentações de fora, até mesmo o sábio e poderoso Salomão foi subjugado. Sua queda nos ensina que, sejam quais forem as qualidades intelectuais

de um homem, ou quão fielmente possa haver ele servido a Deus [38] no passado, não pode nunca em segurança confiar na sua própria sabedoria e integridade.

Em cada geração e em cada terra o verdadeiro fundamento e norma para a edificação do caráter tem sido o mesmo. A lei divina "Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, [...] e ao teu próximo como a ti mesmo" (Lucas 10:27), o grande princípio que se tornou manifesto no caráter e na vida de nosso Salvador, é o único fundamento seguro, o único seguro guia. "Haverá estabilidade nos teus tempos, abundância de salvação, sabedoria e ciência" (Isaías 33:6) — a sabedoria e conhecimento que somente a Palavra de Deus pode oferecer.

Isso é tão verdade agora como quando foram ditas a Israel as palavras de obediência a Seus mandamentos: "Esta será a vossa sabedoria e o vosso entendimento perante os olhos dos povos". Deuteronômio 4:6. Aqui está a única segurança para a integridade individual, a pureza do lar, o bem-estar da sociedade ou a estabilidade da nação. Em meio a todas as perplexidades e perigos e reivindicações em conflito da vida, a única salvaguarda e regra segura é fazer o que Deus diz. "Os preceitos do Senhor são retos" (Salmos 19:8), e "quem faz isto nunca será abalado". Salmos 15:5.

Os que atendem à advertência da apostasia de Salomão fugirão à primeira aproximação dos pecados que o derrotaram. Somente a obediência aos requisitos do Céu guardará o homem de apostatar-se. Deus tem concedido ao homem grande luz e muitas bênçãos; mas a menos que esta luz e estas bênçãos sejam aceitas, não estarão seguros contra a desobediência e apostasia. Quando aqueles a quem Deus tem exaltado a elevadas posições de confiança voltam-se dEle para a sabedoria humana, sua luz torna-se trevas. As habilidades que lhe foram confiadas tornam-se um laço.

Até que o conflito esteja terminado, haverá os que se afastarão de Deus. Satanás de tal modo configurará circunstâncias que, a menos que sejamos guardados pelo divino poder, debilitarão quase imperceptivelmente as fortificações da alma. Precisamos inquirir a cada passo: "É este o caminho do Senhor?" Por todo o tempo quanto durar a vida, haverá necessidade de guardar as afeições e paixões com um firme propósito. Nenhum momento nos podemos sentir

seguros, exceto quando podemos confiar em Deus, a vida escondida com Cristo. Vigilância e oração constituem a salvaguarda da pureza.

Todos os que penetrarem na cidade de Deus, hão de fazê-lo pela porta estreita — por angustiante esforço, pois “não entrará nela coisa alguma que contamine”. Apocalipse 21:27. Mas ninguém que tenha caído deve se desesperar. Homens encanecidos, uma vez honrados por Deus, podem ter envilecido suas almas, sacrificando a virtude no altar da luxúria; mas se se arrependem, abandonam o pecado e voltam-se para Deus, há ainda esperança para eles. Aquele que declara: “Sê fiel até a morte, e dar-te-ei a coroa da vida” (Apocalipse [39] 2:10), faz também o convite: “Deixe o ímpio o seu caminho, e o homem maligno os seus pensamentos, e se converta ao Senhor, que Se compadecerá dele; torne para o nosso Deus, porque grandioso é em perdoar”. Isaías 55:7. Deus odeia o pecado, mas ama o pecador. “Eu sararei sua perversão”, Ele declara, “Eu voluntariamente os amarei”. Oséias 14:4.

O arrependimento de Salomão foi sincero; mas o dano que o exemplo de suas más práticas produzira não podia ser desfeito. Durante sua apostasia, houve no reino homens que permaneceram fiéis a seu encargo, mantendo sua pureza e lealdade. Muitos, porém, foram levados a se transviarem; e as forças do mal postas em operação pela introdução da idolatria e práticas mundanas não poderiam facilmente ser detidas pelo penitente rei. Sua influência para o bem fora grandemente enfraquecida. Muitos hesitavam em depositar inteira confiança em sua guia. Embora o rei confessasse o seu pecado, e escrevesse, para benefício das futuras gerações o registro de sua estultícia e arrependimento, não poderia ele jamais esperar destruir completamente a danosa influência de suas obras más. Encorajados por sua apostasia, muitos continuaram a praticar o mal, e o mal somente. E na conduta descendente de muitos dos príncipes que o seguiram, pode ser assinalada a má influência que levou à prostituição das faculdades que Deus lhe dera.

Na angústia de amarga reflexão sobre o mal da sua conduta, Salomão foi constrangido a declarar: “Melhor é a sabedoria do que as armas de guerra, mas um só pecador destrói muitos bens”. Eclesiastes 9:18. “Ainda há um mal que vi debaixo do Sol, como o erro que procede do governador. Ao tolo assentam-no em grandes alturas”.

“Assim como a mosca morta faz exalar mau cheiro, e inutilizar o ungüento do perfumador, assim é para o famoso em sabedoria, e em honra, um pouco de estultícia”. Eclesiastes 10:5, 6, 1.

Entre as muitas lições ensinadas pela vida de Salomão, nenhuma é mais fortemente salientada que o poder da influência para o bem ou para o mal. Restrita como possa ser nossa esfera de ação, ainda exercemos uma influência para bem-estar ou aflição. Além de nosso conhecimento ou controle, ela atua sobre outros na forma de bênção ou maldição. Pode estar carregada com a melancolia do descontentamento e egoísmo, ou envenenada com a infecção mortal de algum pecado acariciado; ou pode estar saturada com o vivificante poder da fé, coragem e esperança, e dulcificada com a fragrância do amor. Mas ela será poderosa, sem dúvida, para o bem ou para o mal.

Que nossa influência seja um cheiro de morte para morte é um pensamento pavoroso, mas possível. Uma alma transviada, com a perda da eterna bem-aventurança — quem pode avaliar o dano E no entanto um ato imprudente, uma palavra irrefletida de nossa parte, pode exercer tão profunda influência na vida de outro, que se provará a ruína de sua alma. Uma mancha no caráter pode afastar de Cristo a muitos. [40]

Assim como a semente plantada produz uma colheita, quando esta é semeada, a colheita final é multiplicada. Em nossa relação com outros esta lei prova-se verdadeira. Cada ação, cada palavra, é uma semente que dará fruto. Cada ato de meditada bondade, de obediência, de abnegação, reproduzirá isso mesmo em outros, e por meio destes em outros ainda. Assim, cada ato de inveja, de malícia, de dissensão, é uma semente que produzirá uma “raiz de amargura” (Hebreus 12:15), pela qual muitos serão afetados. E quão maior número esses “muitos” envenenarão Assim, a semeadura do bem e do mal perdura pelo tempo e pela eternidade. [41]

Capítulo 6 — O reino é rasgado

E adormeceu Salomão com seus pais, e foi sepultado na cidade de Davi, seu pai; e Roboão, seu filho, reinou em seu lugar”. 1 Reis 11:43.

Logo após sua ascensão ao trono, Roboão foi a Siquém, onde esperava receber reconhecimento formal de todas as tribos. “Todo o Israel tinha vindo a Siquém para o fazerem rei”. 2 Crônicas 10:1.

Entre os presentes estava Jeroboão, filho de Nebate — o mesmo Jeroboão que durante o reinado de Salomão tinha sido conhecido como “varão valente”, e a quem o profeta Aías, o silonita, tinha levado a assustadora mensagem: “Eis que rasgarei o reino da mão de Salomão, e a ti darei as dez tribos”. 1 Reis 11:28, 31.

O Senhor, por intermédio de Seu mensageiro, tinha falado claramente a Jeroboão com respeito à necessidade de dividir o reino. Esta divisão devia ocorrer, declarou Ele, “porque Me deixaram, e se encurvaram a Astarote, deusa dos sidônios, a Quemós, deus dos moabitas, e a Milcom, deus dos filhos de Amom; e não andaram pelos Meus caminhos, para fazerem o que parece reto aos Meus olhos, a saber, os Meus estatutos e os Meus juízos, como Davi, seu pai”. 1 Reis 11:33.

Jeroboão havia sido posteriormente instruído que o reino não devia ser dividido antes do fim do reinado de Salomão. “Porém não tomarei nada deste reino da sua mão”, o Senhor declarou, “mas por príncipe o ponho por todos os dias da sua vida, por amor de Davi, Meu servo, a quem elegi, o qual guardou os Meus mandamentos, e os Meus estatutos. Mas da mão de seu filho tomarei o reino, e to darei a ti, as dez tribos dele”. 1 Reis 11:34, 35.

Embora Salomão tivesse ansiado por preparar o espírito de Roboão, seu sucessor escolhido, para que enfrentasse com sabedoria a crise predita pelo profeta de Deus, ele não fora jamais capaz de exercer forte influência modeladora para o bem sobre a mente de seu filho, cuja primeira educação tinha sido tão extremamente negligenciada. Roboão tinha recebido de sua mãe, uma amonita, a estampa

de um caráter vacilante. Algumas vezes procurou servir a Deus, e foi agraciado com uma medida de prosperidade; mas não ficou firme, e afinal rendeu-se às más influências que o rodearam desde a infância. Nos erros da vida de Roboão e em sua apostasia final é revelado o trágico resultado da união de Salomão com mulheres idólatras. [42]

As tribos vinham há muito sofrendo cruéis injustiças sob as medidas opressivas do governante anterior. A extravagância do reinado de Salomão durante sua apostasia levara-o a tributar o povo pesadamente, e a requerer dele muito trabalho servil. Antes de levar avante a coroação de um novo monarca, os líderes dentre as tribos determinaram assegurar-se se era ou não propósito do filho de Salomão aliviar aquelas cargas. "Veio, pois, Jeroboão com todo o Israel, e falaram a Roboão, dizendo: Teu pai fez duro o nosso jugo; alivia tu, pois, agora a dura servidão de teu pai, e o pesado jugo que nos tinha imposto, e servir-te-emos".

Desejoso de aconselhar-se com seus auxiliares, antes de expor sua política, Roboão respondeu: "Daqui a três dias tornai a mim. Então o povo se foi". "E teve Roboão conselho com os seus anciãos, que estiveram perante Salomão seu pai, enquanto viveu, dizendo: Como aconselhais vós que se responda a este povo? E eles falaram, dizendo: Se te fizeres benigno e afável com este povo, e lhe falares boas palavras, todos os dias serão teus servos". 2 Crônicas 10:3-7.

Não satisfeito, Roboão voltou-se para os jovens que com ele se tinham associado durante sua juventude e maturidade, e inquiriu deles: "Que aconselhais vós, que respondamos a este povo, que me falou, dizendo: Alivia-nos o jugo que teu pai nos impôs?" 1 Reis 12:9. Os jovens sugeriram que ele tratasse asperamente com os súditos de seu reino, e lhes tornasse claro que desde o princípio ele não admitiria interferência com os seus desejos pessoais.

Inflado pela perspectiva de exercer suprema autoridade, Roboão determinou desconsiderar o conselho dos homens mais idosos do seu reino, e fazer dos jovens seus conselheiros. Sucedeu então que no dia aprazado, quando "Jeroboão, e todo o povo", veio a Roboão em busca de uma resposta concernente ao programa que ele pretendia pôr em prática, Roboão "lhes respondeu asperamente [...] dizendo: Meu pai agravou o vosso jugo, porém eu lhe acrescentarei mais; meu pai vos castigou com açoites, porém eu vos castigarei com escorpiões". 1 Reis 12:12-14.

Tivessem Roboão e seus inexperientes conselheiros compreendido a vontade divina concernente a Israel, teriam eles dado ouvidos à solicitação do povo por reformas decididas na administração do governo. Mas na hora oportuna que se lhes apresentou na reunião de Siquém, deixaram de raciocinar da causa para o efeito, e assim enfraqueceram para sempre sua influência sobre grande parte do povo. Sua expressa determinação de perpetuar e acrescentar a opressão introduzida durante o reinado de Salomão estava em direto conflito com o plano de Deus para Israel, e deu ao povo ampla ocasião de duvidar da sinceridade de seus motivos. Nesta tentativa inepta e insensível de exercer poder, o rei e seus conselheiros escolhidos revelaram o orgulho da posição e autoridade. [43]

O Senhor não permitiu a Roboão pôr em prática a política que ele havia esboçado. Havia entre as tribos muitos milhares que haviam ficado alerta quanto às opressivas medidas do reinado de Salomão, e esses sentiram agora que outra coisa não poderiam fazer senão rebelar-se contra a casa de Davi. "Vendo, pois, todo o Israel que o rei lhes não dava ouvidos, então o povo respondeu ao rei, dizendo: Que parte temos nós com Davi? Já não temos herança no filho de Jessé; Israel, cada um às suas tendas Olha agora pela tua casa, ó Davi. Assim todo o Israel se foi para as suas tendas". 1 Reis 12:16.

A brecha aberta com o ríspido discurso de Roboão provou-se irreparável. Daí em diante as doze tribos de Israel ficaram divididas, as tribos de Judá e Benjamim formando o reino mais abaixo, ou ao sul de Judá, sob o governo de Roboão, enquanto as dez tribos ao norte formaram e mantiveram um governo separado, conhecido como o reino de Israel, tendo Jeroboão como seu rei. Assim se cumpriu a predição do profeta concernente ao rasgamento do reino. "Esta revolta vinha do Senhor". 1 Reis 12:15.

Quando Roboão viu que as dez tribos retiravam dele sua obediência, despertou para a ação. Por intermédio de um dos homens influentes de seu reino, "Adorão, que estava sobre os tributos", fez um esforço para acalmá-las. Mas o embaixador da paz recebeu um tratamento que atestava dos sentimentos contra Roboão. "Todo o Israel o apedrejou com pedras, e morreu". Alertado por esta evidência de revolta, "o rei Roboão se animou a subir ao seu carro para fugir para Jerusalém". 1 Reis 12:18.

Em Jerusalém “ajuntou toda a casa de Judá e a tribo de Benjamim, cento e oitenta mil escolhidos, destros para a guerra, para pelejar contra a casa de Israel, para restituir o reino a Roboão, filho de Salomão. Porém veio a palavra de Deus a Semaías, homem de Deus, dizendo: Fala a Roboão, filho de Salomão, rei de Judá, e a Benjamim, e ao resto do povo, dizendo: Assim diz o Senhor: Não subireis, nem pelejareis contra vossos irmãos, os filhos de Israel; volte cada um para a sua casa, porque Eu é que fiz esta obra. E ouviram a palavra do Senhor, e voltaram segundo a palavra do Senhor”. 1 Reis 12:21-24.

Por três anos, Roboão procurou tirar proveito da triste experiência do início de seu reinado; e prosperou nesta tentativa. “Edificou cidades para fortalezas, em Judá, e fortificou fortalezas e pôs nelas maiorais, e armazéns de víveres, e de azeite, e de vinho”. Ele teve o cuidado de fortificar essas cidades “em grande maneira”. 2 Crônicas 11:5, 11, 12. Mas o segredo da prosperidade de Judá durante os primeiros anos do reinado de Roboão não se devia a estas medidas. Foi seu reconhecimento de Deus como Supremo Dominador, que pôs as tribos de Judá e Benjamim em plano de superioridade. Ao seu número foram acrescidos muitos homens tementes a Deus das tribos do Norte. “Também de todas as tribos de Israel, diz o relato, ‘os que [44] deram o seu coração a buscarem ao Senhor Deus de Israel, vieram a Jerusalém, para oferecerem sacrifícios ao Senhor Deus de seus pais. Assim fortaleceram o reino de Judá e corroboraram a Roboão, filho de Salomão, por três anos; porque três anos andaram no caminho de Davi e Salomão’”. 2 Crônicas 11:16, 17.

Na seqüência viria a oportunidade de Roboão redimir em grande medida os erros do passado e restaurar a confiança em sua capacidade de governar com discrição. Mas a pena da inspiração traçou o triste registro do sucessor de Salomão como alguém que falhou em exercer uma forte influência para lealdade a Jeová. Por natureza obstinado, confiante em si, voluntarioso e inclinado à idolatria, tivesse ele, não obstante, colocado sua confiança inteiramente em Deus e teria desenvolvido fortaleza de caráter, firmeza de fé e submissão aos requisitos divinos. Mas com o passar do tempo, o rei pôs sua confiança no poder da posição e nas fortalezas que havia construído. Pouco a pouco ele deu curso a herdadas fraquezas, até que pôs sua inteira influência ao lado da idolatria. “Sucedeu pois que, havendo

Roboão confirmado o reino, e havendo-se fortalecido, deixou a lei do Senhor, e com ele todo o Israel". 2 Crônicas 12:1.

Quão tristes, quão profundamente significativas as palavras: "E com ele todo o Israel" O povo ao qual Deus havia escolhido para ser como uma luz para as nações ao redor estava-se desviando de sua Fonte de força e procurando tornar-se como estas nações. Como foi com Salomão, assim foi com Roboão: a influência do mau exemplo levou muitos a se extraviarem. E como aconteceu com eles, assim sucede em maior ou menor grau com cada um que se entrega à prática do mal: a influência do erro praticado não se confina ao que o pratica. Ninguém vive para si. Ninguém perece sozinho em sua iniqüidade. Cada vida é uma luz que ilumina e alegra o caminho de outros, ou uma negra e desoladora influência que tende para o desespero e a ruína. Nós conduzimos outros ou para cima, para felicidade e vida imortal, ou para baixo, para a tristeza e morte eterna. E se por nossas obras fortalecemos ou pomos em atividade as faculdades más dos que estão ao nosso redor, compartilhamos de seu pecado.

Deus não permitiu que a apostasia do rei de Judá ficasse sem punição. "Pelo que sucedeu, no ano quinto do rei de Judá, que Sisaque, rei do Egito, subiu contra Jerusalém (porque tinham transgredido contra o Senhor) com mil carros, e com sessenta mil cavaleiros; e era inumerável a gente que vinha com ele do Egito. [...] E tomou as cidades fortes, que Judá tinha, e veio a Jerusalém.

"Então veio Semaías, o profeta, a Roboão e aos príncipes de Judá que se ajuntaram em Jerusalém por causa de Sisaque, e disse-lhes: Assim diz o Senhor: Vós Me deixastes a Mim, pelo que também Eu vos deixei na mão de Sisaque". 2 Crônicas 12:2-5. [45]

O povo não tinha todavia ido a tal ponto na apostasia que desprezasse os juízos de Deus. Nas perdas sofridas pela invasão de Sisaque, eles reconheceram a mão de Deus, e por algum tempo se humilharam. "O Senhor é justo", reconheceram.

"Vendo, pois, o Senhor que se humilharam, veio a palavra do Senhor a Semaías, dizendo: Humilharam-se, não os destruirei; antes em breve lhes darei lugar de escaparem, para que o Meu furor se não derrame sobre Jerusalém, por mão de Sisaque. Porém serão seus servos, para que conheçam a diferença da Minha servidão e da servidão dos reinos da Terra.

“Subiu, pois, Sisaque, rei do Egito, contra Jerusalém, e tomou os tesouros da casa do Senhor, e os tesouros da casa do rei; levou tudo. Também tomou os escudos de ouro, que Salomão fizera. E fez o rei Roboão em lugar deles escudos de cobre, e os entregou nas mãos dos capitães da guarda, que guardavam a porta da casa do rei. [...] E humilhando-se ele, a ira do Senhor se desviou dele, para que o não destruísse de todo; porque ainda em Judá havia boas coisas”. 2 Crônicas 12:6-12.

Mas quando a mão da aflição foi removida, e a nação prosperou uma vez mais, muitos esqueceram seus temores, e tornaram de novo para a idolatria. Entre estes estava o próprio rei Roboão. Embora humilhado pela calamidade que havia caído sobre si, ele deixou de fazer de sua experiência um decisivo ponto de retorno em sua vida. Esquecendo a lição que Deus procurara ensinar-lhe, reincidiu nos pecados que haviam acarretado juízo sobre a nação. Depois de alguns anos obscuros, durante os quais “fez o que era mau, porquanto não preparou o seu coração para buscar ao Senhor”, “Roboão dormiu com seus pais, e foi sepultado na cidade de Davi. E Abias, seu filho, reinou em seu lugar”. 2 Crônicas 12:14-16.

Com a divisão do reino logo no início do reinado de Roboão, a glória de Israel começou a declinar, nunca mais sendo reconquistada em sua plenitude. Às vezes, durante os séculos que se seguiram, o trono de Davi fora ocupado por homens de caráter digno e previdente discernimento, e sob a administração desses soberanos as bênçãos que então repousavam sobre os homens de Judá se estendiam às nações circunvizinhas. Por vezes fora o nome de Jeová exaltado sobre todo deus falso, e Sua lei fora tida em reverência. De tempos em tempos surgiam poderosos profetas, a fim de fortalecerem as mãos dos governantes e encorajarem o povo para que continuasse fiel. Mas as sementes do mal em germinação já quando Roboão ascendeu ao trono, não seriam jamais completamente erradicadas; e às vezes o outrora favorecido povo de Deus caiu tão baixo a ponto de tornar-se um provérbio entre os pagãos.

Não obstante a perversidade dos que se inclinaram para práticas idólatras, Deus em misericórdia faria tudo que estivesse em Seu poder a fim de salvar de completa ruína o reino dividido. E como no decorrer dos anos, Seu propósito concernente a Israel parecesse completamente frustrado pelas artimanhas de homens inspirados [46]

por instrumentos satânicos, Ele ainda assim manifestou Seus beneficentes desígnios através do cativeiro e restauração da nação escolhida.

A divisão do reino foi apenas o início de uma história maravilhosa, pela qual se revelam a longanimidade e terna misericórdia de Deus. Do cadinho da aflição por que deviam passar devido a tendências para o mal, hereditárias e cultivadas, aqueles a quem Deus estava procurando purificar para Si como um povo peculiar, zeloso e de boas obras, deviam finalmente reconhecer que: "Ninguém há semelhante a Ti, ó Senhor; Tu és grande, e grande o Teu nome em força. Quem Te não temeria, ó Rei das nações? [...] Entre todos os sábios das nações, e em todo o seu reino, ninguém há semelhante a Ti." "Mas o Senhor Deus é a verdade; Ele mesmo é o Deus vivo e o Rei eterno". Jeremias 10:6, 7, 10.

E os adoradores de ídolos deviam afinal aprender a lição de que os falsos deuses não têm o poder de se erguerem e salvar. "Os deuses que não fizeram os Céus e a Terra desaparecerão da Terra e de debaixo deste céu". Jeremias 10:11. Somente na submissão ao Deus vivo, o Criador de tudo e o Soberano sobre todos, pode o homem encontrar repouso e paz.

Unanimemente os castigados e penitentes de Israel e Judá renovariam afinal sua relação de concerto com Jeová dos exércitos, o Deus de seus pais; e a respeito dEle devia declarar:

"Ele fez a Terra pelo Seu poder;
    Ele estabeleceu o mundo por Sua sabedoria
e com a Sua inteligência estendeu os céus.
    Fazendo Ele soar a Sua voz,
logo há ruído de águas nos céus,
    e sobem os vapores da extremidade da Terra;
Ele faz os relâmpagos para a chuva,
    e faz sair o vento dos Seus tesouros.
Todo o homem se embruteceu e não tem ciência;
    envergonha-se todo o fundidor da sua imagem de escultura;
porque sua imagem fundida mentira é,
    e não há espírito nelas.
Vaidade são, obra de enganos;
    no tempo da sua visitação virão a perecer.

Não é semelhante a estes a porção de Jacó;
porque Ele é o Criador de todas as coisas,
e Israel é a vara da Sua herança.
Senhor dos exércitos é o Seu nome”.

Jeremias 10:12-16.

[47]

Capítulo 7 — Jeroboão

Elevado ao trono pelas dez tribos de Israel que se haviam rebelado contra a casa de Davi, Jeroboão, outrora servo de Salomão, estava em posição de proceder a sábias reformas tanto nos negócios civis como nos religiosos. Sob o governo de Salomão havia ele mostrado aptidão e sadio discernimento; e o conhecimento que havia adquirido durante anos de fiel serviço capacitava-o a governar com prudência. Mas Jeroboão deixou de pôr em Deus sua confiança.

O maior temor de Jeroboão era que em qualquer tempo no futuro o coração de seus súditos se deixasse cativar pelo ocupante do trono de Davi. Raciocinou ele que se às dez tribos fosse permitido visitar com freqüência a antiga sede da realeza judaica, onde os cultos do templo eram ainda dirigidos como nos anos do reinado de Salomão, muitos poderiam sentir-se inclinados a renovar sua submissão ao governo centralizado em Jerusalém. Trocando idéia com seus conselheiros, Jeroboão determinou, num ousado golpe, desfazer, tanto quanto possível, a probabilidade de uma revolta contra seu governo. Isto pretendia ele levar a termo criando dentro dos limites de seu recém-formado reino dois centros de adoração: um em Betel e o outro em Dã. Nesses lugares deviam as dez tribos ser convidadas a se reunir, em vez de em Jerusalém, para adorar a Deus.

Planejando esta transferência, intentava Jeroboão apelar à imaginação dos israelitas, colocando perante eles alguma representação visível para simbolizar a presença do Deus invisível. Conseqüentemente, mandou fazer dois bezerros de ouro, e estes foram postos dentro de nichos nos centros indicados para adoração. Nesta tentativa para representar a divindade, Jeroboão violou o claro mandamento de Deus: "Não farás para ti imagem de escultura. [...] Não te encurvarás a elas nem as servirás". Êxodo 20:4, 5.

Tão forte era o desejo de Jeroboão de conservar as dez tribos afastadas de Jerusalém, que perdeu de vista a fraqueza fundamental de seu plano. Ele deixou de tomar em consideração o grande perigo a que estava expondo os israelitas, pelo colocar perante eles o símbolo

idólatra da divindade, com os quais seus ancestrais haviam estado tão familiarizados durante os séculos de seu cativeiro no Egito. A estada recente de Jeroboão no Egito devia tê-lo ensinado a loucura de colocar perante o povo tais representações pagãs. Mas seu decidido propósito de induzir as tribos do norte a não continuar sua visita anual à cidade santa, levou-o a adotar a mais imprudente das medidas. [48] "Muito trabalho vos será o subir a Jerusalém", insistiu ele; "vês aqui teus deuses, ó Israel, que te fizeram subir da terra do Egito". 1 Reis 12:28. Assim foram eles convidados a se prostrarem perante imagens de ouro e a adotar estranhas formas de culto.

O rei procurara persuadir os levitas, alguns dos que estavam vivendo em seus domínios, a servirem como sacerdotes nos altares recém-erguidos em Betel e Dã; mas nesta tentativa ele foi ao encontro do fracasso. Foi então compelido a elevar ao sacerdócio homens "dos mais baixos do povo". 1 Reis 12:31. Alarmados com as perspectivas, muitos dos fiéis, incluindo-se um grande número de levitas, fugiram para Jerusalém, onde podiam adorar em harmonia com os divinos reclamos.

"E fez Jeroboão uma festa no oitavo mês, no dia décimo quinto do mês, como a festa que se fazia em Judá, e sacrificou no altar. Semelhantemente fez em Betel, sacrificando aos bezerros que fizera; também em Betel estabeleceu sacerdotes dos altos que fizera". 1 Reis 12:32.

O ousado desafio do rei a Deus ao pôr de lado instituições divinamente indicadas, não foi permitido passar sem repreensão. No momento mesmo em que ele estava oficiando e queimando incenso durante a dedicação do altar estranho que havia levantado em Betel, apareceu ali perante ele um homem de Deus do reino de Judá, enviado para denunciá-lo pela presunção em introduzir novas formas de culto. O profeta "clamou contra o altar [...] disse: Altar, altar assim diz o Senhor: Eis que um filho nascerá à casa de Davi, cujo nome será Josias, o qual sacrificará sobre ti os sacerdotes dos altos que queimam sobre ti incenso, e ossos de homens que se queimarão sobre ti.

"E deu naquele mesmo dia um sinal, dizendo: Este é o sinal de que o Senhor falou: Eis que o altar se fenderá, e a cinza, que nele está, se derramará". Imediatamente o "altar se fendeu, e a cinza se

derramou do altar, segundo o sinal que o homem de Deus apontara pela palavra do Senhor”. 1 Reis 13:2, 3, 5.

Ao ver isso, Jeroboão se encheu de um espírito provocador contra Deus, e procurou conter o que lhe tinha apresentado a mensagem. Cheio de ira, ele “estendeu a sua mão de sobre o altar, dizendo: Pegai dele”. Seu ato impetuoso encontrou reprovação imediata. A mão estendida contra o mensageiro de Jeová tornou-se de súbito impotente e seca, e não a podia tornar a trazer a si.

Tomado de terror, o rei apelou ao profeta para que intercedesse por ele a Deus. “Ora à face do Senhor teu Deus”, suplicou ele, “e roga por mim, que a minha mão se me restitua. Então o homem de Deus orou à face do Senhor, e a mão do rei se lhe restituiu, e ficou como dantes”. 1 Reis 13:4, 6.

Inútil fora o esforço de Jeroboão para revestir de solenidade a dedicação de um altar estranho, cujo respeito haveria levado ao desrespeito pelo culto de Jeová no templo de Jerusalém. Pela mensagem [49] do profeta, o rei de Israel deveria ter sido levado ao arrependimento, a renunciar seus ímpios desígnios, os quais estavam desviando o povo do verdadeiro culto de Deus. Mas ele endureceu o coração, e decidiu seguir o caminho de sua própria escolha.

Por ocasião da festa em Betel, o coração dos israelitas não estava completamente endurecido. Muitos eram suscetíveis à influência do Espírito Santo. O Senhor decidiu que os que estavam indo a passos rápidos para o caminho da apostasia deviam ser impedidos em seu curso antes que fosse demasiado tarde. Ele enviou Seu mensageiro para interromper o procedimento idólatra, e revelar ao rei e ao povo qual seria o resultado de sua apostasia. A ruptura do altar era um sinal da desaprovação de Deus à abominação que estava sendo praticada em Israel.

O Senhor procura salvar, não destruir. Ele Se deleita na libertação de pecadores. “Vivo Eu, diz o Senhor Jeová, que não tenho prazer na morte do ímpio”. Ezequiel 33:11. Por meio de advertências e rogos Ele convida o obstinado a cessar de praticar o mal, e a voltar-se para Ele e viver. Dá a Seus escolhidos mensageiros santa ousadia, para que os que ouvirem temam e sejam levados ao arrependimento. Quão firmemente o homem de Deus repreendeu o rei! E esta firmeza era essencial; de nenhuma outra maneira podiam os males existentes ter sido reprovados. O Senhor deu a Seu servo ousadia, para que

impressão perdurável fosse feita nos que ouviram. Os mensageiros do Senhor não devem jamais temer a face do homem, mas sim permanecer inflexíveis pelo direito. Enquanto sua confiança estiver posta em Deus, não precisam temer; pois Aquele que lhes deu uma tarefa também lhes assegura Seu protetor cuidado.

Havendo apresentado sua mensagem, o profeta estava para retornar, quando Jeroboão lhe disse: "Vem comigo a casa, e conforta-te, e dar-te-ei um presente". "Ainda que me desses metade da tua casa", replicou-lhe o profeta, "não iria contigo, nem comeria pão nem beberia água neste lugar. Porque assim me ordenou o Senhor pela Sua palavra, dizendo: Não comerás pão nem beberás água, e nem voltarás pelo caminho por onde foste". 1 Reis 13:7-9.

Bom teria sido ao profeta se ele tivesse se apegado ao seu propósito de retornar sem demora à Judéia. Enquanto viajava por outra rota, foi surpreendido por um ancião que declarava ser profeta, e que se representou falsamente ante o homem de Deus, declarando: "Também eu sou profeta como tu, e um anjo me falou pela palavra do Senhor, dizendo: Faze-o voltar contigo a tua casa, para que coma pão e beba água". Insistentemente a mentira foi repetida, o convite inculcado, até que o homem de Deus foi persuadido a voltar.

Visto que o profeta verdadeiro concordou em tomar um curso contrário à linha do dever, Deus permitiu-lhe sofrer a penalidade da sua transgressão. Enquanto ele e o que o convidara a retornar a Betel estavam à mesa, a inspiração do Todo-poderoso veio ao [50] falso profeta, e ele "clamou ao homem de Deus, que viera de Judá, dizendo: Assim diz o Senhor: Porquanto foste rebelde à boca do Senhor, e não guardaste o mandamento que o Senhor teu Deus te mandara [...] teu cadáver não entrará no sepulcro de teus pais". 1 Reis 13:18-22.

Essa profecia de juízo foi logo literalmente cumprida. "E sucedeu que, depois que comeu pão, e depois que bebeu, albardou ele o jumento. [...] Foi-se, pois, e um leão o encontrou no caminho, e o matou; e o seu cadáver estava lançado no caminho, e o jumento estava parado junto a ele, e o leão estava junto ao cadáver. E eis que os homens passaram, e viram o corpo lançado no caminho, [...] e vieram, e o disseram na cidade onde o profeta velho habitava. E, ouvindo-o o profeta que o fizera voltar do caminho, disse: É o homem de Deus, que foi rebelde à boca do Senhor". 1 Reis 13:23-26.

A penalidade que alcançou o infiel mensageiro foi ainda uma posterior evidência à verdade da profecia proferida sobre o altar. Se, após desobedecer à palavra do Senhor, ao profeta fosse permitido ir a salvo, o rei teria usado este fato numa tentativa de vindicar sua própria desobediência. Na ruptura do altar, no secamento do braço e na terrível sorte daquele que ousara desobedecer uma ordem expressa de Jeová, Jeroboão deveria ter discernido o pronto desprazer de um Deus ofendido, e esses juízos deviam tê-lo advertido a não persistir na prática do mal. Mas longe de se arrepender, Jeroboão "dos mais baixos do povo tornou a fazer sacerdotes dos lugares altos". Assim não apenas pecou ele mesmo grandemente, mas "fez pecar a Israel". 1 Reis 13:33, 34. "E isso foi causa de pecado à casa de Jeroboão, para destruí-la e extingui-la da Terra". 1 Reis 14:16.

Ao final de um conturbado reinado de vinte e dois anos, Jeroboão sofreu desastrosa derrota numa guerra com Abias, sucessor de Roboão. "E Jeroboão não recobrou mais nenhuma força nos dias de Abias; porém o Senhor o feriu e morreu". 2 Crônicas 13:20.

A apostasia introduzida durante o reinado de Jeroboão tornou-se cada vez mais acentuada, até que finalmente resultou em ruína total do reino de Israel. Antes mesmo da morte de Jeroboão, Aías, o idoso profeta de Siló que muitos anos antes predissera a elevação de Jeroboão ao trono, declarou: "O Senhor ferirá a Israel, como se move a cana nas águas; e arrancará Israel desta boa terra que tinha dado a seus pais, e o espalhará para além do rio, porquanto fizeram os seus bosques, provocando o Senhor à ira. E entregará Israel por causa dos pecados de Jeroboão, o qual pecou, e fez pecar a Israel". 1 Reis 14:15, 16.

O Senhor, porém, não abandonou a Israel sem antes fazer tudo que poderia ser feito para levá-lo de volta à submissão a Si. Através dos longos, escuros anos quando rei após rei se puseram em ousado desafio ao Céu e levaram Israel a idolatria cada vez mais profunda, [51] Deus enviou mensagem após mensagem a Seu transviado povo. Por intermédio de Seus profetas deu-lhes toda oportunidade de deter a maré da apostasia e retornar a Ele. Durante os anos que sucederiam à cisão do reino, Elias e Eliseu viveriam e trabalhariam, e os ternos apelos de Oséias, Amós e Obadias deviam ser ouvidos na terra. Jamais deveria o reino de Israel ser deixado sem nobres testemunhas do suficiente poder de Deus para salvar do pecado. Mesmo nas

horas mais escuras, alguns permaneceriam leais ao seu divino Rei, e em meio da idolatria viveriam inculpáveis à vista de um Deus santo. Esses fiéis foram contados entre o piedoso remanescente por cujo intermédio o eterno propósito de Jeová devia ser finalmente cumprido. [52]

Capítulo 8 — Apostasia nacional

Desde a morte de Jeroboão até o aparecimento de Elias perante Acabe, o povo de Israel experimentou firme declínio espiritual. Governado por homens que não temiam a Jeová e que encorajavam formas estranhas de culto, a maioria das pessoas rapidamente perdeu de vista seu dever de servir ao Deus vivo, e adotou muitas das práticas da idolatria.

Nadabe, filho de Jeroboão, ocupou o trono de Israel apenas por alguns meses. Sua carreira maléfica foi subitamente interrompida por uma conspiração encabeçada por Baasa, um de seus generais, para obter o controle do governo. Nadabe foi morto, com toda a sua descendência na linhagem da sucessão, "conforme a palavra do Senhor que dissera pelo ministério de seu servo Aías, o silonita; por causa dos pecados de Jeroboão, o qual pecou, e fez pecar a Israel". 1 Reis 15:29, 30.

Assim pereceu a casa de Jeroboão. O culto idólatra introduzido por ele tinha levado sobre os culpados ofensores os juízos retributivos do Céu; e não obstante os reis que se seguiram — Baasa, Elá, Zinri e Onri — durante o período de aproximadamente quarenta anos, continuaram no mesmo curso fatal de perversidade.

Durante a maior parte deste período de apostasia em Israel, Asa reinava no reino de Judá. Por muitos anos "Asa fez o que era bom e reto aos olhos do Senhor seu Deus. Porque tirou os altares dos deuses estranhos, e os altos, e quebrou as estátuas, e cortou os bosques. E mandou a Judá que buscassem ao Senhor Deus de seus pais, e que observassem a lei e o mandamento. Também tirou de todas as cidades de Judá os altos e as imagens do Sol; e o reino esteve quieto diante dele". 2 Crônicas 14:2-5.

A fé de Asa foi posta em severa prova quando "Zerá, o etíope, saiu contra eles com um exército de milhares, e trezentos carros" (2 Crônicas 14:9), e invadiu-lhe o reino. Nesta crise Asa não pôs sua confiança nas "cidades fortes em Judá" que ele havia construído, com "muros e torres, portas e ferrolhos", nem nos "varões valen-

tes" (2 Crônicas 14:6-8) de seu exército cuidadosamente treinado. A confiança do rei estava em Jeová dos exércitos, em cujo nome maravilhosos livramentos tinham sido operados em favor do Israel do passado. Pondo suas forças no campo de batalha, ele procurou o auxílio de Deus.

Os exércitos inimigos estavam agora frente a frente. Este era um tempo de prova para os que serviam ao Senhor. Fora confessado cada pecado? Tinham os homens de Judá plena confiança no poder [53] de Deus para livrar? Tais eram os pensamentos que ocupavam a mente dos líderes. De todo ponto de vista humano, o vasto exército do Egito varreria tudo que se lhe antepusesse. Mas no tempo de paz, Asa não se havia entregue a divertimentos e prazeres; ele estivera se preparando para qualquer emergência. Tinha um exército preparado para o conflito; havia procurado levar seu povo a fazer sua paz com Deus. E agora, embora suas forças fossem em número inferior às do inimigo, sua fé nAquele em quem tinha posto sua confiança não enfraqueceu.

Havendo buscado ao Senhor nos dias de prosperidade, o rei podia agora, no dia da adversidade, descansar nEle. Suas petições mostravam que ele não era estranho ao maravilhoso poder de Deus. "Nada para Ti é ajudar", suplicou ele, "quer o poderoso quer o de nenhuma força; ajuda-nos, pois, Senhor nosso Deus, porque em Ti confiamos, e no Teu nome viemos contra esta multidão. Senhor, Tu és nosso Deus, não prevaleça contra Ti o homem". 2 Crônicas 14:11.

A oração de Asa é dessas que cada cristão crente pode apropriadamente oferecer. Estamos empenhados numa guerra, não contra a carne e o sangue, mas sim contra os principados e as potestades, e contra as maldades espirituais nos lugares celestiais. Efésios 6:12. No conflito da vida, temos de enfrentar os instrumentos do mal que se arregimentaram contra o direito. Nossa esperança não está no homem, mas no Deus vivo. Com plena certeza de fé, podemos esperar que Ele unirá Sua onipotência aos esforços de instrumentos humanos, para a glória de Seu nome. Revestidos com as armas de Sua justiça podemos obter a vitória sobre todo inimigo.

A fé do rei Asa foi assinaladamente recompensada. "E o Senhor feriu os etíopes diante de Asa, e diante de Judá; e fugiram os etíopes. E Asa e o povo que estava com ele os perseguiram até Gerar, e caíram tantos dos etíopes, que já não havia neles vigor algum, porque foram

quebrantados diante do Senhor, e diante do Seu exército”. 2 Crônicas 14:12, 13.

Ao retornarem os exércitos de Judá e Benjamim a Jerusalém, “veio o Espírito de Deus sobre Azarias, filho de Obede. E saiu ao encontro de Asa, e disse-lhe: Ouvi-me, Asa, e todo o Judá e Benjamim: O Senhor está convosco, enquanto vós estais com Ele, e, se O buscardes, O achareis; porém, se O deixardes, vos deixará”. “Mas esforçai-vos, e não desfaleçam as vossas mãos; porque a vossa obra tem uma recompensa”. 2 Crônicas 15:1, 2, 7.

Grandemente incentivado por essas palavras, Asa logo promoveu uma segunda reforma em Judá. Ele “esforçou-se, e tirou as abominações de toda a terra de Judá e de Benjamim, como também das cidades que tomara nas montanhas de Efraim; e renovou o altar do Senhor, que estava diante do pórtico do Senhor.

“E ajuntou a todo o Judá, e Benjamim, e com eles os estrangeiros de Efraim e Manassés, e de Simeão; porque de Israel vinham a ele [54] em grande número, vendo que o Senhor seu Deus era com ele. E ajuntaram-se em Jerusalém no terceiro mês, no ano décimo do reinado de Asa. E no mesmo dia ofereceram em sacrifício ao Senhor, do despojo que trouxeram, seiscentos bois e seis mil ovelhas. E entraram no concerto de buscarem ao Senhor, Deus de seus pais, com todo o coração, e com toda a sua alma”. “E O acharam; e o Senhor lhes deu repouso em redor”. 2 Crônicas 15:8-12, 15.

O longo relato do fiel serviço de Asa foi mareado por alguns erros, cometidos nas vezes em que ele deixou de pôr sua confiança inteiramente em Deus. Quando, certa ocasião, o rei de Israel entrou no reino de Judá e capturou Ramá, uma cidade fortificada distante apenas uns oito quilômetros de Jerusalém, Asa procurou livramento fazendo uma aliança com Ben-Hadade, rei da Síria. Esta falha em não confiar somente em Deus nos tempos de necessidade foi severamente reprovada por Hanani, o profeta, que apareceu perante Asa com a mensagem:

“Porquanto confiaste no rei da Síria, e não confiaste no Senhor teu Deus, portanto o exército do rei da Síria escapou da tua mão. Porventura não foram os etíopes e os líbios um grande exército, com muitíssimos carros e cavaleiros? Confiando tu, porém, no Senhor, Ele os entregou nas tuas mãos. Porque, quanto ao Senhor, Seus olhos passam por toda a Terra, para mostrar-Se forte para com aqueles cujo

coração é perfeito para com Ele; nisto, pois, procedeste loucamente, porque desde agora haverá guerras contra ti”. 2 Crônicas 16:7-9.

Em lugar de humilhar-se perante Deus por causa de seu erro, “Asa se indignou contra o vidente, e lançou-o na casa do tronco, porque disto grandemente se alterou contra ele; também Asa no mesmo tempo oprimiu a alguns do povo”. 2 Crônicas 16:10.

“E caiu Asa doente de seus pés no ano trinta e nove do seu reinado; grande por extremo era a sua enfermidade, e contudo na sua enfermidade não buscou ao Senhor, mas antes aos médicos”. 2 Crônicas 16:12. O rei morreu no quadragésimo primeiro ano do seu reinado, e foi sucedido por seu filho Josafá.

Dois anos antes da morte de Asa, Acabe começou a reinar em Israel. Seu reinado foi marcado desde o início por uma estranha e terrível apostasia. Seu pai, Onri, o fundador de Samaria, tinha feito “o que parecia mal aos olhos do Senhor; e fez pior do que todos quantos foram antes dele” (1 Reis 16:25); mas os pecados de Acabe foram ainda maiores. Ele “fez muito mais para irritar o Senhor Deus de Israel do que todos os reis de Israel que foram antes dele”, agindo “como se fora coisa leve andar nos pecados de Jeroboão, filho de Nebate”. 1 Reis 16:33, 31. Não contente com encorajar as formas de adoração seguidas em Betel e Dã, ousadamente levou o povo a grosseiro paganismo, substituindo o culto de Jeová pelo de Baal. [55]

Tomando por esposa a Jezabel, “filha de Etbaal, rei dos sidônios”, e sumo sacerdote de Baal, Acabe “serviu a Baal, e se encurvou diante dele. E levantou um altar a Baal, na casa de Baal que edificara em Samaria”. 1 Reis 16:31, 32.

Acabe não somente introduziu o culto de Baal na metrópole do reino, mas sob a liderança de Jezabel construiu altares pagãos em muitos “lugares altos”, onde ao abrigo de bosques circundantes os sacerdotes e outros relacionados com esta sedutora forma de idolatria exerciam sua danosa influência, até que quase todo o Israel estava indo após Baal. “Ninguém fora como Acabe, que se vendera para fazer o que era mau aos olhos do Senhor; porque Jezabel, sua mulher, o incitava. E fez grandes abominações, seguindo os ídolos, conforme a tudo o que fizeram os amorreus, aos quais o Senhor lançou fora da sua possessão, de diante dos filhos de Israel”. 1 Reis 21:25, 26.

Acabe era fraco em capacidade moral. Sua união por casamento com uma mulher idólatra de caráter decidido e temperamento definido, resultou em desastre tanto para ele como para a nação. Destituído de princípio, e sem nenhuma alta norma de reto proceder, seu caráter foi facilmente modelado pelo espírito determinado de Jezabel. Sua natureza egoísta era incapaz de apreciar as bênçãos de Deus a Israel e seus próprios deveres como guardião e líder do povo escolhido.

Sob a danosa influência do reinado de Acabe, Israel afastou-se do Deus vivo, e corrompeu seus caminhos perante Ele. Por muitos anos tinham estado a perder o senso de reverência e piedoso temor; e agora parecia não haver ninguém que ousasse expor a vida colocando-se abertamente em oposição à predominante blasfêmia. A escura sombra da apostasia cobria toda a terra. Imagens de Baal e Astarote estavam em todo lugar para serem vistas. Templos idólatras e bosques consagrados em que se adoravam as obras das mãos dos homens foram multiplicados. O ar estava poluído com o fumo dos sacrifícios oferecidos aos falsos deuses. Montes e vales ressoavam com o perturbado clamor de um sacerdócio pagão que sacrificava ao Sol, à Lua e às estrelas.

Pela influência de Jezabel e de seus ímpios sacerdotes, o povo fora ensinado que os ídolos que haviam sido erguidos eram divindades que regiam por seu místico poder os elementos da terra, fogo e água. Todas as dádivas do Céu — os regatos, as fontes de águas vivas, o suave orvalho, os chuveiros de águas que refrigeravam a terra e faziam que os campos produzissem com abundância — eram atribuídos ao favor de Baal e Astarote, em vez de ao Doador de toda boa dádiva e todo dom perfeito. O povo esqueceu-se de que montes e vales, rios e fontes, estavam nas mãos do Deus vivo; que Ele controlava o Sol, as nuvens do céu e todos os poderes da natureza.

Por intermédio de fiéis mensageiros, o Senhor enviou repetidas advertências ao rei apóstata e ao povo; mas vãs foram essas palavras [56] de reprovação. Em vão os inspirados mensageiros sustentaram o direito de ser Jeová o único Deus em Israel; em vão exaltaram as leis que Ele lhes havia confiado. Seduzidos pela suntuosa exibição e os fascinantes ritos da idolatria, o povo seguia o exemplo do rei e sua corte, e se entregava aos intoxicantes e degradantes prazeres de um culto sensual. Em sua cega loucura, preferiram rejeitar a Deus e Seu

culto. A luz que lhes fora tão graciosamente concedida tornara-se em trevas. O fino ouro havia-se tornado fosco.

Ah como a glória de Israel se havia ido Nunca dantes o povo escolhido de Deus caíra tão baixo na apostasia. Havia “quatrocentos e cinqüenta” “profetas de Baal”, além de “quatrocentos profetas de Asera”. 1 Reis 18:19. Nada menos que o milagroso poder operador de Deus poderia preservar a nação de destruição total. Voluntariamente, Israel havia-se separado de Jeová; todavia o Senhor por compaixão ainda anelava por aqueles que haviam sido levados ao pecado, e estava prestes a enviar-lhes um de Seus mais poderosos profetas, por cujo intermédio poderiam ser levados de volta à fidelidade ao Deus de seus pais. [57]

Capítulo 9 — Elias, o tesbita

Este capítulo é baseado em 1 Reis 17:1-7.

Entre as montanhas de Gileade, ao oriente do Jordão, habitava nos dias de Acabe um homem de fé e oração cujo destemeroso ministério estava destinado a deter a rápida disseminação da apostasia em Israel. Distanciado de qualquer cidade de renome, e não ocupando nenhuma alta posição na vida, Elias o tesbita não obstante entregou-se a sua missão, confiante no propósito de Deus de preparar diante dele o caminho e dar-lhe abundante sucesso. A palavra de fé e poder estava em seus lábios, e toda a sua vida estava devotada à obra da reforma. Sua voz era a de quem clama no deserto para repreender o pecado e fazer refluir a maré do mal. E conquanto viesse ao povo como reprovador do pecado, sua mensagem oferecia o bálsamo de Gileade a toda alma enferma do pecado que desejasse ser curada.

Ao Elias ver Israel aprofundar-se mais e mais na idolatria, sua alma ficou angustiada e despertou-se-lhe a indignação. Deus havia feito grandes coisas por Seu povo. Tinha-o libertado do cativeiro e lhe dado "as terras das nações, [...] para que guardassem os Seus preceitos, e observassem as Suas leis". Salmos 105:44, 45. Mas os beneficentes desígnios de Jeová haviam sido agora quase esquecidos. A incredulidade estava depressa separando a nação escolhida da Fonte de sua força. Contemplando esta apostasia, do seu retiro na montanha, Elias sentiu-se oprimido pela tristeza. Em angústia de alma ele suplicou a Deus que detivesse em seu ímpio curso, o povo outrora favorecido, visitando-o com juízos, se necessário fosse, a fim de que pudesse ser levado a ver em sua verdadeira luz seu afastamento do Céu. Ele ansiava por vê-los levados ao arrependimento, antes que fossem tão longe na prática do mal a ponto de provocar o Senhor para que os destruísse completamente.

A oração de Elias foi respondida. Apelos constantemente repetidos, admoestações e advertências tinham falhado em levar Israel ao arrependimento. Havia chegado o tempo em que Deus devia

falar-lhes por meio de juízos. Visto que os adoradores de Baal declaravam que os tesouros do céu, o orvalho e a chuva, não vinham de Jeová, mas das forças que regiam a natureza, e que pela energia criadora do Sol é que a terra era enriquecida e levada a produzir abundantemente, a maldição de Deus devia cair pesadamente sobre a terra corrompida. Às tribos apóstatas de Israel dever-se-ia mostrar a loucura de confiar no poder de Baal por bênçãos temporais. Não [58] deveria cair sobre a terra nem chuva nem orvalho, até que voltassem para Deus em arrependimento, e O reconhecessem como a Fonte de toda a bênção.

A Elias fora confiada a missão de levar a Acabe a mensagem de juízo. Ele não pediu para ser o mensageiro do Senhor; a palavra do Senhor veio a ele. E, cioso da honra da causa de Deus, não hesitou em obedecer à intimação divina, embora a obediência parecesse um convite a imediata destruição às mãos do ímpio rei. O profeta pôs-se a caminho sem detença, e viajou dia e noite até alcançar Samaria. Chegando ao palácio não solicitou ser admitido, nem esperou ser formalmente anunciado. Vestido de roupas rústicas como comumente usavam os profetas da época, passou pelos guardas, aparentemente sem ser notado, e deteve-se um momento diante do rei atônito.

Elias não apresentou escusas por sua abrupta presença. Alguém maior que o rei de Israel tinha-o comissionado para falar; e, erguendo a mão em direção do céu, afirmou solenemente pelo Deus vivo que os juízos do Altíssimo estavam prestes a cair sobre Israel. "Vive o Senhor, Deus de Israel, perante cuja face estou", declarou ele, "que nestes anos nem orvalho nem chuva haverá, senão segundo a minha palavra". 1 Reis 17:1.

Foi somente pelo exercício de forte fé no infalível poder da palavra de Deus que Elias apresentou sua mensagem. Não possuísse ele implícita confiança nAquele a quem servia, e jamais teria aparecido perante Acabe. Em sua viagem para Samaria, Elias havia passado por correntes sempre a fluírem, montes cobertos de verdura, majestosas florestas que pareciam estar além do alcance da seca. Tudo em que seus olhos repousavam estava coberto de beleza. O profeta podia ter sido levado a duvidar de como poderiam essas fontes que jamais cessaram de fluir tornarem-se secas, ou esses montes e vales serem calcinados pela sequidão. Mas ele não deu lugar à incredulidade. Cria plenamente que Deus humilharia o apóstata Israel, e que medi-

ante juízos eles seriam levados ao arrependimento. O decreto do Céu tinha sido pronunciado; a palavra de Deus não poderia falhar; e com perigo da própria vida Elias cumpriu destemidamente sua missão. Como um raio que partisse de um céu claro, a mensagem de juízo iminente caiu sobre os ouvidos do ímpio rei; mas antes que Acabe pudesse recobrar-se de seu espanto ou arquitetar uma resposta, Elias desapareceu tão repentinamente como havia chegado, sem esperar testemunhar os efeitos de sua mensagem. E o Senhor foi perante ele, aplainando o caminho. "Vai-te daqui, e vira-te para o Oriente", foi ordenado ao profeta, "e esconde-te junto ao ribeiro de Querite, que está diante do Jordão. E há de ser que beberás do ribeiro; e Eu tenho ordenado aos corvos que ali te sustentem". 1 Reis 17:2-4.

O rei procurou diligentemente, mas o profeta não foi achado. A rainha Jezabel, irada com a mensagem que tinha fechado os tesouros do céu, sem perda de tempo confabulou com os sacerdotes de [59] Baal, os quais se lhe uniram em amaldiçoar o profeta e desafiar a ira de Jeová. Não obstante seu desejo de encontrar aquele que havia pronunciado a palavra de calamidade, estava-lhes destinado o desapontamento. Não podiam eles ocultar de outros o conhecimento dos juízos pronunciados em conseqüência da predominante apostasia. A notícia da denúncia que Elias fizera dos pecados de Israel, e sua profecia da punição próxima a vir, espalhou-se rapidamente através da terra. Os temores de alguns foram despertados, mas em geral a mensagem celestial foi recebida com escárnio e ridículo.

As palavras do profeta tiveram cumprimento imediato. Os que a princípio estavam inclinados a escarnecer ao pensamento da calamidade, logo tiveram ocasião para reflexão séria, porque depois de poucos meses a terra, não refrigerada pelo orvalho nem pela chuva, tornou-se ressequida e secou-se a vegetação. Com o tempo, os rios de que nunca se ouvira houvessem secado, começaram a baixar, e os regatos a minguar. No entanto os dirigentes do povo instavam com ele a que confiassem no poder de Baal, e desprezassem como ociosas as palavras do profeta Elias. Os sacerdotes ainda insistiam em que era pelo poder de Baal que as chuvas caíam. Não temais o Deus de Elias, nem tremais diante de suas palavras, insistiam eles; é Baal quem produz as colheitas em sua estação própria, e provê para o homem e para os animais.

A mensagem de Deus a Acabe deu a Jezabel e seus sacerdotes, bem como a todos os seguidores de Baal e Astarote, a oportunidade de provar o poder de seus deuses, e, se possível, que a palavra de Elias era falsa. Contra as positivas afirmações de centenas de sacerdotes idólatras, a profecia de Elias permaneceu sozinha. Se, não obstante a declaração do profeta, Baal ainda pudesse dar orvalho e chuva, de maneira que as correntes continuassem a fluir e a vegetação a reflorir, que o rei de Israel então o adorasse, e o povo dissesse que ele era Deus.

Determinados a conservar o povo no engano, os sacerdotes de Baal continuam a oferecer sacrifícios a seus deuses, e a invocá-los noite e dia para que refrigerassem a terra. Mediante custosas oferendas os sacerdotes procuram acalmar a ira de seus deuses; com zelo e perseverança dignos de melhor causa, demoram-se em torno de seus altares pagãos, e pedem com insistência a chuva. Noite após noite através da terra condenada, erguem-se os seus gritos e rogos. Mas nenhuma nuvem aparece no céu durante o dia para esconder os causticantes raios do Sol. Nem orvalho nem chuva refrigeram a terra sedenta. A palavra de Jeová permanece imutável apesar de tudo quanto os sacerdotes de Baal possam fazer.

Passa-se um ano, e não há chuva. A terra está calcinada como que pelo fogo. O abrasador calor do Sol destrói a pouca vegetação que sobreviveu. Os rios secam, e os rebanhos mugindo e balando vagueiam desesperados de um para outro lugar. Campos outrora florescentes, tornam-se como escaldantes desertos de areia — uma [60] desoladora ruína. Os bosques dedicados ao culto dos ídolos estão desfolhados; as árvores das florestas, descarnados esqueletos da natureza, não dão sombra. O ar é seco e sufocante; tempestades de poeira cegam os olhos e quase impedem a respiração. Cidades e vilas outrora prósperas tornaram-se lugares de lamento. Fome e sede atingem homens e animais com terrível mortalidade. A inanição, com todos os seus horrores, aproxima-se cada vez mais.

Mas não obstante essas evidências do poder de Deus, Israel não se arrependeu nem aprendeu a lição que Deus intentava ensinar-lhe. Eles não viram que Aquele que criou a natureza controla suas leis, e pode fazer delas instrumento de bênção ou de destruição. Presumidos, enamorados de seu falso culto, não se dispunham a

humilhar-se debaixo da potente mão de Deus, e começaram a refletir em busca de alguma outra causa à qual atribuir seus sofrimentos.

Jezabel recusou inteiramente reconhecer a seca como juízo de Jeová. Decidida em sua determinação de desafiar o Deus do Céu, uniu-se com aproximadamente todo o Israel em denunciar Elias como a causa de toda a sua miséria. Não havia ele dado testemunho contra suas formas de culto? Se tão-somente ele fosse afastado do caminho, argumentava ela, a ira de seus deuses se aplacaria, e seus problemas teriam fim.

Instigado pela rainha, Acabe instituiu a mais diligente busca para descobrir o lugar de esconderijo do profeta. Às nações circunvizinhas, de longe e de perto, enviou mensageiros em busca do homem que odiava, mas também temia; e em sua ansiedade por tornar a busca tão completa quanto possível, exigia desses reinos e nações um juramento de que nada sabiam do paradeiro do profeta. Mas a busca fora em vão. O profeta estava a salvo da maldade do rei cujos pecados tinham levado sobre a terra a denúncia de um Deus ofendido.

Fracassando em seus esforços contra Elias, Jezabel determinou vingar-se matando todos os profetas de Jeová em Israel. Nenhum devia ser deixado vivo. A enfurecida mulher executou o seu propósito no massacre de muitos servos de Deus. Nem todos, entretanto, pereceram. Obadias, mordomo da casa de Acabe, mas fiel a Deus, "tomou cem profetas", e com risco da própria vida "de cinqüenta em cinqüenta os escondeu numa cova, e os sustentou com pão e água". 1 Reis 18:4.

Passou o segundo ano de fome, e os céus inclementes ainda não deram sequer sinal de chuva. A sequidão e a fome continuavam sua devastação através do reino. Pais e mães, impotentes para aliviar os sofrimentos de seus filhos, eram forçados a vê-los morrer. Ainda assim o apóstata Israel recusou humilhar o coração perante Deus, e continuou a murmurar contra o homem por cuja palavra esses terríveis juízos haviam sido trazidos sobre eles. Pareciam incapazes de discernir em seus sofrimentos e angústias um chamado ao [61] arrependimento — uma interposição divina para salvá-los de dar o passo fatal para além dos limites do perdão do Céu.

A apostasia de Israel era um mal mais tremendo que todos os horrores multiplicados da fome. Deus estava procurando libertar o

povo de seu engano, e levá-los a compreender sua responsabilidade para com Aquele a quem deviam a vida e todas as coisas. Estava procurando ajudá-los a recobrar sua fé perdida, e era necessário trazer sobre eles grande aflição.

"Desejaria Eu, de qualquer maneira, a morte do ímpio? diz o Senhor Jeová; não desejo antes que se converta dos seus caminhos, e viva?" "Lançai de vós todas as vossas transgressões com que transgredistes, e criai em vós um coração novo e um espírito novo; pois por que razão morreríeis, ó casa de Israel? Porque não tomo prazer na morte do que morre, diz o Senhor Jeová; convertei-vos, pois, e vivei". Ezequiel 18:23, 31, 32. "Convertei-vos, convertei-vos dos vossos maus caminhos; pois por que razão morrereis, ó casa de Israel?" Ezequiel 33:11.

Deus havia enviado mensageiros a Israel, com apelos para que retornasse a sua fidelidade. Tivessem eles aceito esses apelos, houvessem retornado de Baal para o Deus vivo, e a mensagem de juízo de Elias jamais teria sido dada. Mas as advertências que deviam ter sido um cheiro de vida para vida, provou-se-lhes um cheiro de morte para morte. Fora ferido seu orgulho; sua ira suscitada contra os mensageiros; e agora devotavam intenso ódio ao profeta Elias. Se ele tão-somente lhes tivesse caído nas mãos, alegremente tê-lo-iam entregue a Jezabel — como se fazendo calar sua voz pudessem impedir o cumprimento de suas palavras! Em face da calamidade, continuaram firmes na idolatria. Estavam assim aumentando a culpa que havia trazido os juízos do Céu sobre a terra.

Para o ferido Israel só havia um remédio — afastarem-se dos pecados que haviam atraído sobre eles a mão punidora do Onipotente, e tornarem-se para o Senhor com inteiro propósito de coração. A eles fora dada a certeza: "Se Eu cerrar os céus, e não houver chuva, ou se ordenar aos gafanhotos que consumam a terra, ou se enviar a peste contra o Meu povo; e se o Meu povo, que se chama pelo Meu nome, se humilhar, e orar, e buscar a Minha face e se converter dos seus maus caminhos, então Eu ouvirei dos Céus, e perdoarei os seus pecados, e sararei a sua terra". 2 Crônicas 7:13, 14. Foi para fazer que chegasse a este bendito resultado, que Deus continuou a reter deles o orvalho e a chuva até que tivesse lugar uma decidida reforma. [62]

Capítulo 10 — Uma severa repreensão

Este capítulo é baseado em 1 Reis 17:8-24; 18:1-19.

Durante algum tempo, Elias permaneceu oculto nas montanhas junto ao ribeiro de Querite. Ali foi por muitos meses miraculosamente provido com alimento. Mais tarde, quando, devido à estiagem o ribeiro secou, Deus mandou Seu servo procurar refúgio numa terra pagã. "Levanta-te", Deus lhe ordenou, "e vai a Sarepta, que é de Sidom, e habita ali; eis que Eu ordenei ali a uma mulher viúva que te sustente". 1 Reis 17:9.

Essa mulher não era israelita. Jamais havia ela tido os privilégios e bênçãos que o escolhido povo de Deus desfrutava; mas era uma crente no verdadeiro Deus, e tinha andado em toda a luz que brilhava em seu caminho. E agora, quando não havia segurança para Elias na terra de Israel, Deus o enviou a esta mulher, a fim de asilar-se em seu lar.

"Então, ele se levantou e se foi a Sarepta; e, chegando à porta da cidade, eis que estava ali uma mulher viúva apanhando lenha; e ele a chamou e lhe disse: Traze-me, peço-te, numa vasilha um pouco de água que beba. E, indo ela a buscá-la, ele a chamou e lhe disse: Traze-me, agora, também um bocado de pão na tua mão". 1 Reis 17:10, 11.

Nesse lar afligido pela pobreza, a fome apertava excessivamente; e o alimento lastimosamente escasso parecia estar por acabar-se. A chegada de Elias mesmo no dia em que a viúva temia ter que abandonar a luta pelo sustento, provou ao máximo sua fé no poder do Deus vivo para suprir suas necessidades. Mas mesmo em sua penúria extrema deu ela testemunho de sua fé, atendendo ao pedido do estrangeiro que lhe suplicava repartir com ele o último bocado.

Em resposta ao pedido de Elias por alimento e água, a viúva disse: "Vive o Senhor, teu Deus, que nem um bolo tenho, senão somente um punhado de farinha numa panela e um pouco de azeite numa botija; e, vês aqui, apanhei dois cavacos e vou prepará-lo para

mim e para o meu filho, para que o comamos e morramos. E Elias lhe disse: Não temas; vai e faze conforme a tua palavra; porém faze disso primeiro para mim um bolo pequeno e traze-mo para fora; depois, farás para ti e para teu filho. Porque assim diz o Senhor, Deus de Israel: A farinha da panela não se acabará, e o azeite da botija não faltará, até ao dia em que o Senhor dê chuva sobre a terra". 1 Reis 17:12-14.

Nenhuma prova de fé maior que essa poderia ter sido requerida. A viúva tinha até então tratado todos os estrangeiros com bondade e liberalidade. Agora, indiferente aos sofrimentos que poderiam [63] resultar a ela e seu filho, e confiando no Deus de Israel para suprir cada uma de suas necessidades, ela enfrentou esta suprema prova de hospitalidade, fazendo "conforme a palavra de Elias". 1 Reis 17:15.

Maravilhosa foi a hospitalidade mostrada ao profeta de Deus por esta mulher fenícia, e maravilhosamente foram sua fé e generosidade recompensadas. "E assim comeu ela, e ele, e a sua casa muitos dias. Da panela a farinha se não acabou, e da botija o azeite não faltou, conforme a palavra do Senhor, que falara pelo ministério de Elias". 1 Reis 17:15, 16.

"E, depois destas coisas, sucedeu que adoeceu o filho desta mulher, da dona da casa; e a sua doença se agravou muito, até que nele nenhum fôlego ficou. Então, disse ela a Elias: Que fiz eu, ó homem de Deus? Vieste a mim para trazeres à memória a minha iniqüidade e matares o meu filho?

"Ele lhe disse: Dá-me o teu filho; tomou-o dos braços dela, e o levou para cima, ao quarto, onde ele mesmo se hospedava, e o deitou em sua cama. E, estendendo-se três vezes sobre o menino, clamou ao Senhor [...] O Senhor atendeu à voz de Elias; e a alma do menino tornou a entrar nele, e reviveu.

"Elias tomou o menino, e o trouxe do quarto à casa, e o deu a sua mãe, e lhe disse: Vê, teu filho vive. Então a mulher disse a Elias: Nisto conheço agora que tu és homem de Deus e que a palavra do Senhor na tua boca é verdade". 1 Reis 17:17-19, 21-24.

A viúva de Sarepta repartiu seu bocado com Elias; e em retribuição, sua vida e a de seu filho foram preservadas. E a todos os que, em tempo de prova e carência, dão simpatia e assistência a outros mais necessitados, Deus prometeu grande bênção. Ele não mudou. Seu poder não é menor agora do que nos dias de Elias. Nem

é a promessa menos verdadeira agora do que quando foi dita pelo Salvador: "Quem recebe um profeta, no caráter de profeta, receberá o galardão de profeta". Mateus 10:41.

"Não negligencieis a hospitalidade, pois alguns, praticando-a, sem o saber acolheram anjos". Hebreus 13:2. Essas palavras não perderam nenhuma força através do tempo. Nosso Pai celestial ainda continua a pôr no caminho de Seus filhos oportunidades que são bênçãos disfarçadas; e os que aproveitam essas oportunidades encontram grande regozijo. "Se abrires a tua alma ao faminto e fartares a alma aflita, então, a tua luz nascerá nas trevas, e a tua escuridão será como o meio-dia. O Senhor te guiará continuamente, fartará a tua alma até em lugares áridos e fortificará os teus ossos; serás como um jardim regado e como um manancial cujas águas jamais faltam". Isaías 58:10, 11.

A Seus fiéis servos hoje Cristo diz: "Quem vos recebe, a Mim Me recebe; e quem Me recebe a Mim, recebe Aquele que Me enviou". Nenhum ato de bondade manifestado em Seu nome deixará de ser reconhecido e recompensado. E no mesmo terno reconhecimento [64] Cristo inclui o mais fraco e mais humilde da família de Deus. "E qualquer que tiver dado só que seja um copo d'água fria", diz Ele, "a um destes pequenos" — os que são como crianças em sua fé e seu conhecimento de Cristo — "em nome de discípulo, em verdade vos digo que de modo algum perderá o seu galardão". Mateus 10:40, 42.

Através dos longos anos de estiagem e fome, Elias orou fervorosamente para que o coração dos israelitas volvesse da idolatria para a fidelidade a Deus. Com paciência o profeta esperou, enquanto a mão do Senhor caía pesadamente sobre a terra flagelada. Ao ver as provas de sofrimento e privação multiplicarem-se por toda a parte, seu coração se confrangeu de tristeza, e almejou possuir o necessário poder para efetuar uma rápida reforma. Deus mesmo, porém, estava a realizar Seu plano, e tudo que Seu servo podia fazer era continuar orando, com fé, e aguardar a ocasião oportuna para agir decididamente.

A apostasia predominante nos dias de Acabe era o resultado de muitos anos de prática do mal. Passo a passo, ano após ano, Israel estivera-se afastando do caminho reto. Geração após geração havia recusado fazer veredas direitas para seus pés, e afinal a grande maioria do povo tinha-se rendido à direção dos poderes das trevas.

Cerca de um século tinha-se passado desde que, sob o governo do rei Davi, Israel prazerosamente se unira em cânticos de louvor ao Altíssimo, como reconhecimento de sua inteira dependência dEle para bênçãos diárias. Atentai para suas palavras de adoração quando cantaram:

> "Ó Deus da nossa salvação; [...]
> Tu fazes alegres as saídas da manhã e da tarde.
> Tu visitas a Terra e a refrescas;
> Tu a enriqueces grandemente com o rio de Deus,
> que está cheio de água; Tu lhe dás o trigo,
> quando assim a tens preparada;
> Tu enches de água os seus sulcos,
> regulando a sua altura;
> Tu a amoleces com a muita chuva;
> Tu abençoas as suas novidades;
> Tu coroas o ano da Tua bondade,
> e as Tuas veredas destilam gordura;
> destilam sobre os pastos do deserto,
> e os outeiros cingem-se de alegria.
> Os campos cobrem-se de rebanhos,
> e os vales vestem-se de trigo;
> por isso, eles se regozijam e cantam".

Salmos 65:5, 8-13.

Israel havia então reconhecido a Deus como Aquele que "lançou os fundamentos da Terra". Como expressão de sua fé eles cantaram:

> "Tu a cobres com o abismo, como com um vestido;
> as águas estavam sobre os montes.
> À Tua repreensão fugiram,
> à voz do Teu trovão se apressaram.
> Sobem aos montes, descem aos vales,
> até ao lugar que para elas fundaste.
> Limites lhes traçastes, que não ultrapassarão,
> para que não tornem mais a cobrir a Terra".

Salmos 104:5-9.

É pela potente força do Ente Infinito que os elementos da natureza na terra e no mar e no céu são mantidos em seus limites. E esses elementos Ele usa para felicidade de Suas criaturas. "Seu bom [65] tesouro" é livremente despendido "para dar chuva [...] no seu tempo, e para abençoar toda a obra das tuas mãos". Deuteronômio 28:12.

> "Tu, que nos vales fazes rebentar nascentes,
> que correm entre os montes;
> dão de beber a todos os animais do campo;
> os jumentos monteses, matam com ela a sua sede.
> Junto delas habitam as aves do céu,
> cantando entre os seus ramos. [...]
> Faz crescer a erva para os animais,
> e a verdura para o serviço do homem,
> para que tire da terra o alimento;
> e o vinho que alegra o coração do homem,
> e o azeite que faz reluzir o seu rosto,
> e o pão que fortalece o seu coração. [...]
>
> Ó Senhor, quão variadas são as Tuas obras!
> Todas as coisas fizeste com sabedoria;
> cheia está a Terra das Tuas riquezas.
> Tal é este vasto e espaçoso mar,
> onde se movem seres inumeráveis,
> animais pequenos e grandes. [...]
> Todos esperam de Ti que lhes dês
> o seu sustento em tempo oportuno.
> Dando-lho Tu, eles o recolhem;
> abres a Tua mão, e enchem-se de bens".
>
> Salmos 104:10-15, 24-28.

Israel tivera abundantes ocasiões de rejubilar-se. A terra a qual o Senhor os levara era uma terra que manava leite e mel. Durante o jornadear pelo deserto, Deus lhes assegurara que os estava guiando a um país onde nunca teriam de sofrer por falta de chuva. "A terra que entras a possuir", declarou-lhes, "não é como a terra do Egito, donde saíste, em que semeavas a tua semente, e a regavas com o teu pé, como a uma horta; mas a terra que passais a possuir é terra de

montes e de vales; da chuva dos céus beberá as águas; terra de que o Senhor teu Deus tem cuidado; os olhos do Senhor teu Deus estão sobre ela continuamente, desde o princípio até ao fim do ano”.

A promessa de abundância de chuva tinha sido dada sob condição de obediência. “E será que”, o Senhor declarou, “se diligentemente obedecerdes a Meus mandamentos que hoje te ordeno, de amar ao Senhor teu Deus, e de O servir de todo o teu coração e de toda a tua alma, então darei a chuva da vossa terra a seu tempo, a temporã e a serôdia, para que recolhas o teu grão, e o teu mosto e o teu azeite. E darei erva no teu campo aos teus gados, e comerás, fartar-te-ás.

“Guardai-vos”, o Senhor admoestara a Seu povo, “que o vosso coração não se engane, e vos desvieis, e sirvais a outros deuses, e vos inclineis perante eles; e a ira do Senhor se acenda contra vós, e feche Ele os céus, e não haja água, e a terra não dê a sua novidade, e cedo pereçais da boa terra que o Senhor vos dá”. Deuteronômio 11:10-17.

“Se não deres ouvidos à voz do Senhor teu Deus, para não cuidares em cumprir todos os Seus mandamentos e os Seus estatutos, que hoje te ordeno”, os israelitas haviam sido advertidos, “os teus céus que estão sobre a cabeça, serão de bronze; e a terra que está debaixo de ti, será de ferro. O Senhor por chuva da tua terra te dará pó e poeira; dos céus descerá sobre ti, até que pereças”. Deuteronômio 28:15, 23, 24. [66]

Esses estavam entre os sábios conselhos de Jeová ao antigo Israel. “Ponde, pois, estas Minhas palavras no vosso coração e na vossa alma”, havia Ele ordenado a Seu povo escolhido. “E atai-as por sinal na vossa mão, para que estejam por testeiras entre os vossos olhos. E ensinai-as a vossos filhos, falando delas assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e deitando-te, e levantando-te”. Deuteronômio 11:18, 19. Claras foram estas ordens; mas com o passar dos séculos, e gerações após gerações perderem de vista as provisões feitas para seu bem-estar espiritual, as ruinosas influências da apostasia ameaçaram subverter toda barreira da divina graça.

Assim, aconteceu que Deus estava agora visitando o Seu povo com os mais severos de Seus juízos. A predição de Elias estava tendo terrível cumprimento. Por três anos, o mensageiro do castigo tinha sido procurado em cidade após cidade e nação após nação. Por intimação de Acabe muitos reis tinham feito juramento de honra de

que o estranho profeta não se encontrava em seus domínios. Contudo a busca continuava, pois Jezabel e os profetas de Baal odiavam Elias com ódio mortal, e não poupavam esforços para trazê-lo ao alcance de seu poder. E ainda não havia chovido.

Afinal “muito tempo depois, veio a palavra do Senhor a Elias, no terceiro ano, dizendo: Vai, apresenta-te a Acabe, porque darei chuva sobre a terra”. 1 Reis 18:1.

Em obediência à ordem “partiu, pois, Elias a apresentar-se a Acabe”. 1 Reis 18:2. Aproximadamente ao tempo em que o profeta pôs-se de viagem para Samaria, Acabe havia proposto a Obadias, mordomo de sua casa, que fizessem rigorosa procura de fontes e ribeiros de águas, na esperança de encontrar pastagem para seu gado e rebanhos famintos. Até mesmo na corte real os efeitos da demorada estiagem foram agudamente sentidos. O rei, profundamente preocupado quanto ao futuro de sua casa, decidiu unir pessoalmente seus esforços aos de seu servo na busca de alguns pontos favoráveis onde pudesse haver pastagem. “E repartiram entre si a terra para passarem por ela; Acabe foi à parte por um caminho, e Obadias também foi à parte por outro caminho”.

“Estando, pois, Obadias já em caminho, eis que Elias o encontrou; e, conhecendo-o ele, prostrou-se sobre o seu rosto e disse: És tu o meu senhor Elias?”

Durante a apostasia de Israel, Obadias tinha permanecido fiel. Seu senhor, o rei, fora incapaz de desviá-lo de sua fidelidade ao Deus vivo. Agora era honrado com uma comissão da parte de Elias, que lhe disse: “Vai, e dize a teu senhor: Eis que aqui está Elias”.

Grandemente aterrado, Obadias exclamou: “Em que pequei, para que entregues teu servo na mão de Acabe, para que me mate?” Levar a Acabe uma mensagem como esta era o mesmo que cortejar morte certa. “Vive o Senhor teu Deus”, explicou ele ao profeta, “que não houve nação nem reino aonde o meu senhor não mandasse em busca [67] de ti; e dizendo eles: Aqui não está, então ajuramentava os reinos e as nações, se eles te não tinham achado. E agora dizes tu: Vai, dize a teu senhor: Eis que aqui está Elias. E poderia ser que, apartando-me eu de ti, o Espírito do Senhor te tomasse, não sei para onde, e, vindo eu a dar as novas a Acabe, e não te achando ele, me mataria”.

Ardorosamente suplicou Obadias ao profeta que o não enviasse. “Eu, teu servo”, instou, “temo ao Senhor desde a minha mocidade.

Porventura não disseram a meu senhor o que fiz, quando Jezabel matava os profetas do Senhor, como escondi a cem homens dos profetas do Senhor, de cinqüenta em cinqüenta, numas covas, e os sustentei com pão e água? E agora dizes tu: Vai, dize a teu senhor: Eis que aqui está Elias; e me mataria".

Com solene juramento Elias prometeu a Obadias que a mensagem não seria em vão. "Vive o Senhor dos exércitos, perante cuja face estou", declarou ele, "que deveras hoje me mostrarei a ele". Assim tranqüilizado, "foi Obadias encontrar-se com Acabe, e lho anunciou". 1 Reis 18:6-16.

Num misto de espanto e terror o rei ouviu a mensagem do homem a quem temia e odiava, e a quem tão incansavelmente havia procurado. Bem sabia ele que Elias não arriscaria a vida meramente pelo prazer de encontrá-lo. Seria possível que o profeta estivesse em vias de pronunciar outro ai sobre Israel? O coração do rei estava carregado de temor. Ele se lembrava do braço de Jeroboão que havia secado. Acabe não fugiria de obedecer à intimação, nem ousaria levantar a mão contra o mensageiro de Deus. E assim, acompanhado por um corpo de guardas, o tremente rei saiu a encontrar-se com o profeta.

O rei e o profeta postam-se face a face. Embora Acabe esteja cheio de apaixonado ódio, contudo, na presença de Elias parece acovardado, impotente. Em suas primeiras vacilantes palavras: "És tu o perturbador de Israel?" (1 Reis 18:17) ele inconscientemente revela os íntimos sentimentos de seu coração. Acabe sabia que fora pela palavra de Deus que os céus se tinham tornado como bronze, embora procurasse lançar sobre o profeta a culpa pelos pesados juízos que caíam sobre a terra.

É natural que o causador do mal torne o mensageiro de Deus responsável pelas calamidades que vêm como seguro resultado do afastamento do caminho da justiça. Os que se colocam sob o poder de Satanás são incapazes de ver as coisas como Deus as vê. Quando o espelho da verdade é posto perante eles, ficam indignados ao pensamento de receber reprovação. Cegados pelo pecado, recusam-se arrepender-se; sentem que os servos de Deus se voltaram contra eles, e são dignos da mais severa censura.

Permanecendo em conscienciosa inocência perante Acabe, Elias não procura escusar-se ou lisonjear o rei. Nem busca fugir à ira do

rei mediante as boas-novas de que a seca está para findar. Ele não tem desculpas a pedir. Com indignação e em zelo pela honra de Deus, devolve a imputação de Acabe, declarando audazmente ao rei [68] que são os pecados dele, rei, e de seus pais, que trouxeram sobre Israel esta terrível calamidade. "Eu não tenho perturbado a Israel", sustentou ousadamente, "mas tu e a casa de teu pai, porque deixastes os mandamentos do Senhor, e seguistes a Baalim".

Há necessidade hoje da voz de severa repreensão, pois graves pecados têm separado de Deus o povo. A infidelidade está depressa tornando-se moda. "Não queremos que Este reine sobre nós" (Lucas 19:14), é a linguagem de milhares. Os sermões macios tão freqüentemente pregados não deixam impressão duradoura; a trombeta não dá um sonido certo. Os homens não são atingidos no coração pelas claras, cortantes verdades da Palavra de Deus.

Há muitos professos cristãos que, se expressassem seus reais sentimentos, diriam: Que necessidade há de falar tão claramente? Seria o mesmo que perguntar: Que necessidade havia de João Batista dizer aos fariseus: "Raça de víboras, quem vos ensinou a fugir da ira que está para vir?" Lucas 3:7. Que necessidade tinha ele de provocar a ira de Herodias dizendo a Herodes que não lhe era lícito possuir a mulher de seu irmão? O precursor de Cristo perdeu a vida por falar claramente. Por que não podia ele ter prosseguido sem incorrer no desprazer dos que estavam vivendo em pecado?

Assim homens que deviam permanecer como fiéis guardiões da lei de Deus têm argumentado, a ponto de a astúcia tomar o lugar da fidelidade, e o pecado ser deixado sem reprovação. Quando será a voz da fiel reprovação ouvida uma vez mais na igreja?

"Tu és este homem". 2 Samuel 12:7. Palavras indiscutivelmente claras como estas dirigidas por Natã a Davi, raramente são ouvidas nos púlpitos de hoje, raramente vistas na imprensa pública. Se não fossem tão raras, veríamos mais do poder de Deus revelado entre os homens. Os mensageiros do Senhor não devem queixar-se de que seus esforços não produzem frutos, enquanto não se arrependerem de seu próprio amor ao aplauso, e seu desejo de agradar aos homens, o que os leva à dissimular a verdade.

Os pastores que apreciam agradar aos homens, que clamam: Paz, paz, quando Deus não falou de paz, bem deviam humilhar o coração perante Deus, pedindo perdão por sua insinceridade e falta

de coragem moral. Não é por amor ao próximo que eles abrandam a mensagem que lhes é confiada, mas porque são indulgentes para consigo mesmos e amam a vida fácil. O verdadeiro amor busca primeiro a honra a Deus e a salvação das almas. Os que possuem este amor não se esquivarão à verdade para se abrigarem dos incômodos resultados de falar claramente. Quando pessoas estão em perigo de se perderem, os ministros de Deus não considerarão o eu, mas falarão a palavra que lhes é ordenada, recusando desculpar ou atenuar o mal. [69]

Seria ótimo se cada líder sentisse a inviolabilidade de seu ofício e a santidade de sua obra, e mostrasse a coragem revelada por Elias. Como mensageiros divinamente indicados, os pastores estão em posição de grave responsabilidade. Eles devem redargüir, repreender, exortar "com toda longanimidade e doutrina". 2 Timóteo 4:2. Em lugar de Cristo devem eles trabalhar como despenseiros dos mistérios do Céu, encorajando o obediente e advertindo o desobediente. Para eles a mundana sagacidade não deve ter nenhum peso. Nunca devem desviar-se do caminho que Jesus lhes ordenou seguir. Devem prosseguir em fé, lembrando-se de que estão rodeados por uma nuvem de testemunhas. Não devem falar suas próprias palavras, mas as palavras que Alguém maior que os potentados da Terra lhes ordenou falar. Sua mensagem deve ser: "Assim diz o Senhor". Êxodo 4:22. Deus chama homens como Elias, Natã e João Batista — homens que levarão fielmente Sua mensagem sem considerar as conseqüências; que corajosamente falarão a verdade, ainda que isso signifique sacrifício de tudo que possuem.

Deus não pode usar homens que, em tempos de perigo, quando a força, a coragem e a influência de todos são necessárias, temem tomar uma firme posição pelo direito. Ele chama a homens para que se empenhem fielmente na batalha contra o erro, guerreando contra principados e potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as forças espirituais da maldade nos lugares celestiais. A tais é que Ele dirigirá as palavras: "Bem está, bom e fiel servo [...] entra no gozo do teu Senhor". Mateus 25:23. [70]

Capítulo 11 — O Carmelo

Este capítulo é baseado em 1 Reis 18:19-40.

Uma vez perante Acabe, Elias propôs que todo o Israel fosse reunido juntamente com ele e os profetas de Baal e Astarote no Monte Carmelo. "Agora pois envia", ordenou, "ajunta a mim todo o Israel no Monte Carmelo, como também os quatrocentos e cinqüenta profetas de Baal, e os quatrocentos profetas de Asera, que comem à mesa de Jezabel". 1 Reis 18:19.

A ordem fora dada por alguém que parecia estar na própria presença de Jeová, e Acabe obedeceu-a de pronto, como se o profeta fosse o monarca e o rei o súdito. Velozes mensageiros foram despachados por todo o reino, com a intimação de se reunirem com Elias e os profetas de Baal e Astarote. Em cada cidade e vila, o povo se preparou para se reunir no tempo indicado. Ao caminharem para o lugar, o coração de muitos se enchia de estranhos pressentimentos. Algo fora do comum estava para acontecer; senão, por que a ordem para se reunirem no Carmelo? Que nova calamidade estava para desabar sobre o povo e a terra?

Antes da seca o Monte Carmelo era um lugar de beleza, seus ribeiros alimentando-se de fontes perenes e suas férteis escarpas cobertas de belas flores e luxuriantes bosques. Mas agora sua beleza empalideceu sob a fulminante maldição. Os altares erguidos para adoração de Baal e Astarote jaziam agora nos bosques desfolhados. Nas alturas de um dos mais elevados cumes, em marcante contraste com aqueles, estava o altar derribado de Jeová.

O Carmelo dominava vasta extensão do país; suas elevações eram visíveis de muitos lugares do reino de Israel. Ao sopé do monte havia vantajosos pontos de onde se podia ver muito do que se passava em cima. Deus havia sido assinaladamente desonrado pelo culto idólatra que se realizava sob o dossel de suas escarpas arborizadas; e Elias escolheu essa elevação como o lugar mais visível

para a manifestação do poder de Deus e a vindicação da honra de Seu nome.

Logo na manhã do dia designado, as tribos do Israel reunido, em ansiosa expectativa aglomeraram-se próximo do cume do monte. Os profetas de Jezabel demandam o monte em marcha imponente. Com pompa real aparece o rei e toma posição à frente dos sacerdotes, e os idólatras saúdam-no com um grito de exclamação. Mas há apreensão no coração dos sacerdotes ao se lembrarem de que pela palavra do profeta a terra de Israel por três anos e meio fora privada de [71] orvalho e chuva. Sentem com certeza que alguma terrível crise está iminente. Os deuses nos quais eles têm confiado não foram capazes de provar ser Elias um profeta falso. A seus gritos frenéticos, suas orações, suas lágrimas e humilhações, suas revoltantes cerimônias e sacrifícios custosos e constantes, os objetos de seu culto têm-se mostrado estranhamente indiferentes.

Diante do rei Acabe e dos falsos profetas, e rodeado das tribos reunidas de Israel está Elias, o único que apareceu para reivindicar a honra de Jeová. Aquele a quem todo o reino tinha responsabilizado por sua carga de flagelo, está agora perante eles, aparentemente sem defesa na presença do soberano de Israel, dos profetas de Baal, dos homens de guerra e dos milhares que o rodeavam. Mas Elias não está sozinho. Acima e ao redor dele estão as forças protetoras do Céu — anjos magníficos em poder.

Sem se envergonhar nem temer, o profeta está perante a multidão, inteiramente consciente de sua comissão, para executar a ordem divina. Seu rosto está iluminado com impressionante solenidade. Em ansiosa expectativa o povo aguarda que ele fale. Olhando primeiramente para o altar derribado de Jeová, e depois para a multidão, Elias exclama de maneira clara, em voz como de trombeta: “Até quando coxeareis entre dois pensamentos? Se o Senhor é Deus, segui-O; e se Baal, segui-o”. 1 Reis 18:21.

O povo nada respondeu. Ninguém nesse vasto auditório ousou manifestar lealdade a Jeová. Como densa nuvem, o engano e cegueira se espalhara sobre Israel. Não fora de uma vez que esta fatal apostasia se fechara em torno deles, mas gradualmente, à medida que de tempos em tempos tinham deixado de ouvir as palavras de advertência e reprovação que o Senhor lhes enviara. Cada desvio do reto proceder, cada recusa de arrependimento, tinham aprofundado

sua culpa e os afastaram mais do Céu. E agora, nesta crise, eles persistiam na recusa de se colocarem ao lado de Deus.

O Senhor aborrece a indiferença e deslealdade em tempo de crise em Sua obra. Todo o Universo está observando com inexprimível interesse as cenas finais da grande controvérsia entre o bem e o mal. O povo de Deus está-se aproximando do limiar do mundo eterno; que pode haver de mais importante para eles do que ser leais ao Deus do Céu? Em todos os séculos Deus tem tido heróis morais; e tem-nos agora — os que como José, Elias e Daniel, não se envergonham de se reconhecerem como Seu povo peculiar. Suas bênçãos especiais acompanham os esforços de homens de ação; homens que não se desviarão da linha reta do dever, mas que perguntarão com divina energia: "Quem é do Senhor"? (Êxodo 32:26), homens que não se deterão apenas no perguntar, mas exigirão que os que escolherem identificar-se com o povo de Deus prossigam e demonstrem sem sombra de dúvida sua obediência ao Rei dos reis e Senhor dos senhores. Tais homens subordinam sua vontade e planos à lei de [72] Deus. Por amor a Ele, não têm a sua vida por preciosa. Seu trabalho é captar a luz da Palavra e deixá-la brilhar para o mundo em raios claros e firmes. Fidelidade a Deus é sua divisa.

Enquanto Israel no Carmelo duvidava e hesitava, a voz de Elias de novo quebra o silêncio: "Eu só fiquei por profeta do Senhor, e os profetas de Baal são quatrocentos e cinqüenta homens. Dêem-se-nos, pois, dois bezerros; e eles escolham para si um dos bezerros, e o dividam em pedaços, e o ponham sobre a lenha, porém não lhe metam fogo; e eu prepararei o outro bezerro, e o porei sobre a lenha, e não lhe meterei fogo. Então invocai o nome do vosso deus e eu invocarei o nome do Senhor; e há de ser que o deus que responder por fogo esse será Deus". 1 Reis 18:22-24.

A proposta de Elias era tão razoável que o povo não pôde mesmo fugir a ela; encontraram pois coragem para responder: "É boa esta palavra". Os profetas de Baal não ousaram erguer a voz para discordar; e dirigindo-se a eles, Elias lhes ordena: "Escolhei para vós um dos bezerros, e preparai-o primeiro, porque sois muitos, e invocai o nome do vosso deus, e não lhe metais fogo". 1 Reis 18:24, 25.

Aparentemente ousados e desafiadores, mas com o terror no coração culpado, os falsos sacerdotes preparam seu altar, pondo sobre ele a lenha e a vítima; e tem início suas fórmulas de encantamento.

Seus estridentes gritos ecoam e reboam através das florestas e dos promontórios, enquanto invocam o nome do seu deus, dizendo: "Ah, Baal, responde-nos!" 1 Reis 18:26. Os sacerdotes se aglomeram em torno de seu altar, e com saltos e contorções e gritos histéricos, arrancando os cabelos e retalhando as próprias carnes, suplicam a seu deus que os ajude.

Passa-se a manhã, aproxima-se o meio-dia, e contudo não há evidência de que Baal ouça o clamor de seus enganados seguidores. Não há voz, nem resposta a suas frenéticas orações. O sacrifício permanece inconsumado.

Enquanto continuam com suas exaltadas devoções, os astutos sacerdotes estão continuamente procurando imaginar algum meio pelo qual possam acender o fogo sobre o altar e levar o povo a crer que o fogo viera diretamente de Baal. Mas Elias lhes vigia cada movimento; e os sacerdotes, esperando contra a esperança de alguma oportunidade para a fraude, prosseguem com suas insensatas cerimônias.

"E sucedeu que ao meio-dia Elias zombava deles, e dizia: Clamai em altas vozes, porque ele é um deus; pode ser que esteja falando, ou que tenha alguma coisa que fazer, ou que intente alguma viagem; porventura dorme, e despertará. E eles clamavam a grandes vozes, e se retalhavam com facas e com lanças, conforme ao seu costume, até derramarem sangue sobre si. E sucedeu que, passado o meio-dia, profetizaram eles, até que a oferta de manjares se oferecesse; porém não houve voz nem resposta, nem atenção alguma". 1 Reis 18:27-29. [73]

Alegremente Satanás teria vindo em socorro desses a quem havia enganado, e que eram devotados a seu serviço. Alegremente ele teria enviado o fogo para queimar o sacrifício. Mas Jeová havia fixado limites a Satanás — restringira seu poder — e nem todos os artifícios do inimigo podiam lançar sobre o altar de Baal uma única centelha.

Afinal, roucos de tanto gritar, as vestes maculadas com o sangue das feridas que a si mesmos se haviam infligido, os sacerdotes ficam desesperados. Com furor inquebrantável, misturam a suas súplicas terríveis maldições de seu deus-sol; e Elias continua a observar atentamente; ele sabe que se por qualquer artifício os sacerdotes lograrem lançar fogo sobre o altar, ele será feito em pedaços num momento.

É chegada a tarde. Os profetas de Baal estão fatigados, abatidos, confusos. Um sugere uma coisa, outro outra coisa, até que finalmente cessam seus esforços. Suas maldições e gritos estridentes não mais ressoam sobre o Carmelo. Em desespero retiram-se da luta.

Durante todo o longo dia, o povo havia testemunhado as demonstrações dos frustrados sacerdotes. Haviam contemplado seus saltos selvagens sobre o altar, como se desejassem captar os raios do Sol para que servissem a seus propósitos. Eles haviam olhado com horror para as bárbaras mutilações infligidas a si mesmos pelos sacerdotes, e tinham tido a oportunidade de refletir sobre a loucura da adoração de ídolos. Muitos dentre a multidão estão fartos das exibições de demonismo, e aguardam agora com o mais profundo interesse os movimentos de Elias.

É a hora do sacrifício da tarde, e Elias convida o povo: "Chegai-vos a mim". Aproximando-se eles a tremer, ele se volta para o altar derribado onde uma vez os homens haviam adorado ao Deus do Céu, e repara-o. Para ele esse montão de ruínas é mais precioso que todos os magnificentes altares do paganismo.

Na reconstrução deste antigo altar, Elias revelava seu respeito pelo concerto que o Senhor havia feito com Israel quando este transpôs o Jordão para a terra prometida. Escolhendo "doze pedras, conforme o número das tribos dos filhos de Jacó, [...] edificou o altar em nome do Senhor". 1 Reis 18:30-32.

Os desapontados sacerdotes de Baal, exaustos pelos inúteis esforços, esperam para ver o que Elias fará. Eles odeiam o profeta por haver proposto uma prova que expusera as fraquezas e ineficiência de seus deuses; contudo temem o seu poder. O povo, igualmente temeroso, e com a respiração quase suspensa ante a expectativa, observa enquanto Elias continua seus preparativos. O porte calmo do profeta ergue-se em agudo contraste com o frenesi fanático e insensato dos seguidores de Baal.

Reconstruído o altar, o profeta, abre um rego em torno dele, e havendo posto a lenha em ordem e preparado o bezerro, coloca a vítima sobre o altar, e ordena ao povo que inunde com água o [74] sacrifício e o altar. "Enchei de água quatro cântaros", ordenou, "e derramai-a sobre o holocausto e sobre a lenha. E disse: Fazei-o segunda vez; e o fizeram segunda vez. Disse ainda: Fazei-o terceira

vez; e o fizeram terceira vez. De maneira que a água corria ao redor do altar; e ainda até o rego encheu de água”. 1 Reis 18:34, 35.

Trazendo à lembrança do povo a longa e continuada apostasia que havia despertado a ira de Jeová, Elias convida-os a humilhar seus corações e tornar para o Deus de seus pais, para que fosse removida a maldição de sobre a terra de Israel. Então inclinando-se reverente ante o invisível Deus, ele ergue as mãos para o céu, e oferece uma singela oração. Os sacerdotes de Baal haviam gritado e espumado e dado saltos desde a manhã até à tarde; mas com a oração de Elias, nenhum clamor insensato ecoa nas alturas do Carmelo. Ele ora como se soubesse que Jeová está ali, testemunhando a cena, atento a seu apelo. Os profetas de Baal haviam orado selvagemente, incoerentemente. Elias ora com simplicidade e fervor, pedindo que Deus mostre Sua superioridade sobre Baal, para que Israel pudesse ser reconduzido a Ele.

“Ó Senhor, Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó”, o profeta suplica, “manifeste-se hoje que Tu és Deus em Israel, e que eu sou Teu servo, e que conforme a Tua palavra fiz todas estas coisas. Responde-me, Senhor, responde-me para que este povo conheça que Tu, Senhor, és Deus, e que Tu fizeste tornar o seu coração para trás”. 1 Reis 18:36, 37.

Um silêncio opressivo em sua solenidade cai sobre todos. Os sacerdotes de Baal tremem de terror. Cônscios de sua culpa, temem imediata retribuição.

Mal havia a oração de Elias terminado, e chamas de fogo, como brilhantes relâmpagos, descem do céu sobre o altar erguido, consumindo o sacrifício, lambendo a água do rego e devorando as próprias pedras do altar. O brilho das chamas ilumina o monte e ofusca os olhos da multidão. Nos vales abaixo, onde muitos estão observando em ansiosa expectativa os movimentos dos que estão em cima, a descida do fogo é claramente vista, e todos ficam maravilhados com o espetáculo. Ele lembra a coluna de fogo que no Mar Vermelho separou das tropas egípcias os filhos de Israel.

O povo sobre o monte prostra-se em reverência perante o Deus invisível. Não se atrevem a olhar para o céu a enviar fogo. Temem ser eles próprios consumidos; e, convictos de seu dever em reconhecer o Deus de Elias como o Deus de seus pais, a quem devem obediência, clamam a uma voz: “Só o Senhor é Deus! Só o Senhor é Deus!” 1

Reis 18:39. Com impressionante distinção o grito ressoa sobre o monte e ecoa pela planície. Afinal Israel está desperto, esclarecido, penitente. O povo vê por fim quão grandemente havia desonrado a Deus. O caráter do culto de Baal, em contraste com a sensata [75] adoração requerida pelo verdadeiro Deus, está plenamente revelado. O povo reconhece a justiça e misericórdia de Deus em haver retido o orvalho e a chuva até que tivessem sido levados a confessar o Seu nome. Agora estão prontos a admitir que o Deus de Elias está acima de qualquer ídolo.

Os sacerdotes de Baal testemunham consternados a maravilhosa revelação do poder de Jeová. Não obstante em sua frustração e na presença da divina glória, recusam arrepender-se de suas obras más. Desejam ainda permanecer como profetas de Baal. Mostravam assim estar amadurecidos para a destruição. Para que o arrependido Israel possa ser protegido do engodo daqueles que lhe ensinaram a adoração a Baal, Elias recebe ordem de Deus para destruir esses falsos ensinadores. A ira do povo havia sido já ativada contra os líderes em transgressão; e quando Elias lhes deu a ordem: "Lançai mão dos profetas de Baal; que nenhum deles escape" (1 Reis 18:40), foram prontos em obedecer. Eles se apoderaram dos sacerdotes, e levaram-nos ao ribeiro de Quisom, e ali, antes que findasse o dia que havia marcado o início de decidida reforma, os sacerdotes de Baal [76] são mortos. A nenhum é permitido viver.

Capítulo 12 — De Jezreel a Horebe

Este capítulo é baseado em 1 Reis 18:41-46; 19:1-8.

Com a exterminação dos profetas de Baal, estava aberto o caminho para uma poderosa reforma espiritual entre as dez tribos do reino do norte. Elias havia exposto ao povo a sua apostasia; tinha-os convidado a humilhar o coração e tornar-se para o Senhor. Os juízos do Céu tinham sido executados; o povo havia confessado seus pecados e reconhecido o Deus de seus pais como o Deus vivo; e agora a maldição do Céu devia ser retirada e renovadas as bênçãos temporais de vida. A terra devia ser refrescada com chuva. "Sobe, come e bebe", disse Elias a Acabe, "porque ruído há de uma abundante chuva". 1 Reis 18:41. Então o profeta se dirigiu ao alto do monte para entregar-se a oração.

Não foi porque houvesse qualquer evidência externa de que águas estavam para desabar, que Elias tão confiantemente mandou que Acabe se preparasse para a chuva. O profeta não viu nenhuma nuvem nos céus; ele não ouvira nenhum trovão. Simplesmente proferira a palavra que o Espírito do Senhor o havia movido a falar em resposta a sua firme fé. Resolutamente havia ele feito a vontade de Deus através do dia, e havia manifestado implícita confiança nas profecias da Palavra de Deus; e agora, havendo feito tudo que estava em seu poder, sabia que o Céu outorgaria livremente as bênçãos preditas. O mesmo Deus que havia enviado a estiagem tinha prometido abundância de chuvas como recompensa do reto proceder; e agora Elias esperava pelo derramamento prometido. Em atitude de humildade, "o seu rosto entre os seus joelhos" (1 Reis 18:42), intercedeu com Deus em favor do penitente Israel.

Uma e outra vez Elias enviou seu servo a observar de um ponto que dominava o Mediterrâneo, a fim de verificar se havia qualquer sinal visível de que Deus tivesse ouvido sua oração. A cada vez o servo retornava com a resposta: "Não há nada". O profeta não se impacientou ou perdeu a fé, mas continuou sua fervente petição. Seis

vezes o servo retornou com a declaração de que não havia nenhum sinal de chuva nos céus de bronze. Confiante, Elias enviou-o uma vez mais; e agora o servo retornou com a declaração: "Eis aqui uma pequena nuvem, como a mão dum homem, subindo do mar".

Isto bastou. Elias não esperou que os céus escurecessem. Na pequena nuvem ele contemplou pela fé uma abundância de chuva; e agiu em harmonia com sua fé, enviando depressa seu servo a Acabe [77] com esta mensagem: "Aparelha o teu carro, e desce, para que a chuva te não apanhe". 1 Reis 18:43, 44.

Foi porque Elias era um homem de grande fé que Deus pôde usá-lo nesta grave crise na história de Israel. Enquanto orava, sua fé alcançou as promessas do Céu e agarrou-as; e perseverou na oração até que suas petições fossem respondidas. Ele não esperou pela inteira evidência de que Deus o ouvira, mas se dispôs a aventurar tudo ante o mais leve sinal do divino favor. E no entanto, tudo que ele foi habilitado a fazer sob a orientação de Deus, todos podem fazer em sua esfera de atividade no serviço de Deus; pois do profeta das montanhas de Gileade está escrito: "Elias era homem sujeito às mesmas paixões que nós, e, orando, pediu que não chovesse, e, por três anos e seis meses, não choveu sobre a terra". Tiago 5:17.

Fé semelhante é necessária no mundo hoje — fé que descanse nas promessas da Palavra de Deus, e recuse desistir até que o Céu ouça. Fé semelhante a esta liga-nos intimamente com o Céu, e traz-nos força para batalhar com os poderes das trevas. Pela fé os filhos de Deus "venceram reinos, praticaram a justiça, alcançaram promessas, fecharam as bocas dos leões, apagaram a força do fogo, escaparam ao fio da espada, da fraqueza tiraram forças, na batalha se esforçaram, puseram em fugida os exércitos dos estranhos". Hebreus 11:33, 34. E pela fé devemos alcançar hoje os mais altos propósitos de Deus para nós. "Se tu podes crer; tudo é possível ao que crê". Marcos 9:23.

A fé é um elemento essencial da oração perseverante. "É necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que Ele existe, e que é galardoador dos que O buscam". Hebreus 11:6. "Se pedirmos alguma coisa segundo a Sua vontade, Ele nos ouve. E, se sabemos que nos ouve em tudo o que pedimos, sabemos que alcançamos as petições que Lhe fazemos". 1 João 5:14, 15. Com a perseverante fé de Jacó, com a inquebrantável persistência de Elias,

podemos apresentar nossas petições ao Pai, reclamando tudo o que nos tem prometido. A honra de Seu trono está comprometida no cumprimento de Sua palavra.

As sombras da noite envolveram o Monte Carmelo enquanto Acabe se preparava para descer. "E sucedeu que, entretanto, os céus se enegreceram com nuvens e ventos, e veio uma grande chuva; e Acabe subiu ao carro, e foi para Jezreel". 1 Reis 18:45. Enquanto viajava para a cidade real através das trevas e da ofuscante chuva, Acabe não podia enxergar o caminho diante de si. Elias que, como profeta de Deus, tinha nesse dia humilhado Acabe diante de seus súditos e morto seus sacerdotes, reconhecia ainda nele o rei de Israel; e agora, como um ato de homenagem, e fortalecido pelo poder de Deus, corria na frente da carruagem real, guiando o rei à entrada da cidade.

Nesse gracioso ato do mensageiro de Deus mostrado a um ímpio rei, há para todos que se dizem servos de Deus, mas que são exaltados em sua própria estima, uma lição. Há os que se sentem acima da [78] obrigação de realizar tarefas que lhes parecem amesquinhantes. Hesitam em fazer até mesmo serviço necessário, temendo serem achados fazendo a obra de um servo. Esses têm muito que aprender do exemplo de Elias. Mediante sua palavra os tesouros do céu haviam por três e meio anos sido retidos de sobre a terra; havia ele sido significativamente honrado por Deus quando, em resposta a sua oração no Carmelo, descera fogo do céu e consumira o sacrifício; sua mão tinha executado o juízo de Deus no extermínio dos profetas idólatras; sua petição para que chovesse havia sido atendida. E contudo, após os assinalados triunfos com que Deus Se agradara honrar seu ministério público, ele se dispusera a realizar o trabalho de um servo.

À entrada de Jezreel, Elias e Acabe se separaram. O profeta, preferindo permanecer fora dos muros, envolveu-se em seu manto, e deitou-se sobre a terra nua para dormir. O rei, entrando na cidade, alcançou logo o resguardado abrigo de seu palácio, e aí relatou a sua esposa os maravilhosos acontecimentos do dia, e a admirável revelação do poder divino que provara a Israel ser Jeová o verdadeiro Deus e Elias Seu mensageiro escolhido. Contando Acabe à rainha o morticínio dos profetas idólatras, Jezabel, endurecida e impenitente, ficou enfurecida. Ela se recusou a reconhecer nos sucessos

do Carmelo a soberana providência de Deus e, desafiadora ainda, ousadamente declarou que Elias devia morrer.

Nessa noite um mensageiro despertou o fadigado profeta e transmitiu-lhe a palavra de Jezabel: "Assim me façam os deuses, e outro tanto, se decerto amanhã a estas horas não puser a tua vida como a de um deles". 1 Reis 19:2.

Poderá parecer que depois de haver mostrado tão grande coragem, após haver triunfado tão completamente sobre o rei, sacerdotes e povo, Elias não devesse jamais haver dado caminho ao desânimo, nem ter sido levado à intimidação. Mas aquele que havia sido abençoado com tantas evidências do amorável cuidado de Deus, não estava acima das fragilidades humanas, e nesta hora escura sua fé e coragem abandonaram-no. Desorientado, despertou. A chuva caía dos céus, e havia trevas por todos os lados. Esquecendo que três anos antes Deus havia dirigido seus passos a um lugar de refúgio contra o ódio de Jezabel e as buscas de Acabe, o profeta agora escapava por sua vida. Alcançando Berseba, "deixou ali o seu moço. E ele se foi ao deserto, caminho de um dia". 1 Reis 19:4.

Elias não devia ter desertado de seu posto de dever. Devia ter enfrentado a ameaça de Jezabel, apelando para a proteção dAquele que o havia comissionado para que vindicasse a honra de Jeová. Ele devia ter dito ao mensageiro que o Deus em quem confiava o protegeria contra o ódio da rainha. Apenas poucas horas haviam decorrido desde que ele testemunhara a maravilhosa manifestação do poder divino, e isto devia ter-lhe dado a segurança de que ele não seria agora abandonado. Tivesse ele ficado onde estava, tivesse [79] feito de Deus seu refúgio e fortaleza, permanecendo firme pela verdade, e teria sido abrigado do perigo. O Senhor lhe teria dado outra assinalada vitória, enviando Seus juízos sobre Jezabel; e a impressão feita sobre o rei e o povo teria dado lugar a uma grande reforma.

Elias havia esperado muito do milagre produzido no Carmelo. Supusera que depois daquela exibição do poder de Deus, Jezabel não mais teria influência sobre a mente de Acabe, e que haveria uma imediata reforma em todo o Israel. O dia todo no alto do Carmelo ele estivera em atividade, sem alimento. Contudo, quando guiava o carro de Acabe à entrada de Jezreel, sua coragem foi forte, a despeito da debilidade física sob a qual havia trabalhado.

Mas uma reação como a que freqüentemente segue elevada fé e gloriosos sucessos estava exercendo pressão sobre Elias. Ele temeu que a reforma iniciada no Carmelo não fosse duradoura; e a depressão se apoderou dele. Havia sido exaltado ao topo do Pisga; agora estava no vale. Enquanto sob a inspiração do Onipotente, ele tinha resistido à mais severa prova de fé; mas neste tempo de desencorajamento, com a ameaça de Jezabel soando-lhe aos ouvidos, e Satanás ainda aparentemente prevalecendo mediante a trama desta ímpia mulher, ele perdeu sua firmeza em Deus. Havia sido exaltado acima da medida, e a reação foi tremenda. Esquecendo-se de Deus, Elias fugia mais e mais, até que se encontrou num árido deserto, sozinho. Indescritivelmente cansado, assentou-se para repousar debaixo de um zimbro. Assentando-se aí, pediu a morte para si mesmo. "Já basta, ó Senhor", disse ele, "toma agora a minha vida, pois não sou melhor que meus pais". 1 Reis 19:4. Fugitivo, longe da habitação dos homens, o espírito causticado pelo amargo desapontamento, ele desejou nunca mais olhar a face de um homem. Afinal, extremamente exausto, adormeceu.

Na experiência de todos surgem ocasiões de profundo desapontamento e extremo desencorajamento — dias em que só predomina a tristeza, e é difícil crer que Deus é ainda o bondoso benfeitor de Seus filhos na Terra; dias em que o dissabor mortifica a alma, de maneira que a morte pareça preferível à vida. É então que muitos perdem sua confiança em Deus, e são levados à escravidão da dúvida, ao cativeiro da incredulidade. Pudéssemos em tais ocasiões discernir com intuição espiritual o significado das providências de Deus, veríamos anjos procurando salvar-nos de nós mesmos, esforçando-se por firmar nossos pés num fundamento mais firme que os montes eternos; e nova fé, nova vida jorrariam para dentro do ser.

O fiel Jó, no dia de sua aflição e trevas, declarou:

"Pereça o dia em que nasci".
"Oh! se a minha mágoa retamente se pesasse.
E a minha miséria juntamente se pusesse numa balança!"
"Quem dera que se cumprisse
o meu desejo e que Deus me desse o que espero!
E que Deus quisesse quebrantar-me,

e soltasse a Sua mão, e acabasse comigo!
Isto ainda seria a minha consolação”.

Jó 3:3; 6:2, 8-10.

[80]

“Por isso não reprimirei a minha boca;
falarei na angústia do meu espírito,
queixar-me-ei na amargura da minha alma.”
“Pelo que a minha alma escolheria [...]
Antes a morte do que estes meus ossos.
A minha vida abomino, pois não viverei para sempre;
retira-Te de mim, Pois vaidade são os meus dias”.

Jó 7:11, 15, 16.

Mas embora cansado da vida, a Jó não foi permitido morrer. Foram-lhe indicadas as possibilidades do futuro, e deu-se-lhe a mensagem de esperança:

“Estarás firme e não temerás.
Porque te esquecerás dos trabalhos,
e te lembrarás deles como das águas que já passaram.
E a tua vida mais clara se levantará do que o meio-dia;
ainda que haja trevas, será como a manhã.
E terás confiança, porque haverá esperança. [...]
E deitar-te-ás, E ninguém te espantará;
muitos acariciarão o teu rosto.
Mas os olhos dos ímpios desfalecerão,
e perecerá o seu refúgio;
e a sua esperança será o expirar da alma”.

Jó 11:15-20.

Das profundezas do desencorajamento e desânimo Jó se levanta para as alturas da implícita confiança na misericórdia e o poder salvador de Deus. Triunfantemente declarou:

"Ainda que Ele me mate, nEle esperarei; [...]
Também isto será a minha salvação".

Jó 13:15, 16.

"Por que eu sei que o meu Redentor vive,
e que por fim Se levantará sobre a Terra.
E depois de consumida a minha pele,
ainda em minha carne verei a Deus.
Vê-Lo-ei por mim mesmo, e os meus olhos,
e não outros, O verão".

Jó 19:25-27.

"Depois disto o Senhor respondeu a Jó dum redemoinho" (Jó 38:1), e revelou a Seu servo a força do Seu poder. Quando Jó teve um vislumbre de seu Criador, abominou-se a si mesmo, e se arrependeu no pó e na cinza. Então o Senhor pôde abençoá-lo abundantemente, e fazer os seus últimos dias os melhores de sua vida.

Esperança e coragem são essenciais ao perfeito serviço para Deus. Esses são frutos da fé. O desânimo é pecaminoso e irrazoável. Deus está em condições e disposto a outorgar a Seus servos "mais abundantemente" a força de que necessitam para a tentação e prova. Os planos dos inimigos de Sua obra podem parecer bem assentados e firmemente estabelecidos; mas Deus pode subverter os mais fortes deles. E isto Ele faz em seu devido tempo e maneira, quando vê que a fé de Seus servos foi suficientemente testada.

Para o desalentado há um seguro remédio — fé, oração e trabalho. Fé e atividade proverão segurança e satisfação que hão de aumentar dia após dia. Estais tentados a dar guarida a sentimentos de ansiedade ou obstinado desânimo? Nos dias mais negros, quando as aparências parecem mais agressivas, não temais. Tende fé em Deus. Ele conhece vossas necessidades; possui todo o poder. Seu infinito amor e compaixão são incansáveis. Não temais que Ele deixe de [81] cumprir Sua promessa. Ele é eterna verdade. Jamais mudará o concerto que fez com os que O amam. E concederá a Seus fiéis servos a medida de eficiência que suas necessidades requerem. O apóstolo Paulo testificou: "E disse-me: A Minha graça te basta, porque o Meu poder se aperfeiçoa na fraqueza. [...] Pelo que sinto prazer

nas fraquezas, nas injúrias, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias por amor de Deus. Porque quando estou fraco, então sou forte". 2 Coríntios 12:9, 10.

Abandonou Deus a Elias em sua hora de provas? Oh, não! Ele não amava menos Seu servo quando este se sentiu abandonado de Deus e dos homens, do que quando, em resposta a sua oração, flamejou fogo do céu e iluminou o topo do monte. E agora, havendo Elias adormecido, um suave toque e delicada voz o despertou. Ele se ergue aterrado, como quem vai fugir, temendo que o inimigo o tivesse descoberto. Mas a face compassiva que se inclinava sobre ele não era a de um inimigo, mas de um amigo. Deus tinha enviado um anjo do Céu com alimento para Seu servo. "Levanta-te e come", disse o anjo. "E olhou, e eis que à sua cabeceira estava um pão cozido sobre as brasas e uma botija de água". 1 Reis 19:5, 6.

Depois de haver-se servido do alimento para ele preparado, Elias deitou-se de novo e adormeceu. Pela segunda vez veio o anjo. Tocando o exausto homem, disse com terna piedade: "Levanta-te e come, porque mui comprido te será o caminho. Levantou-se, pois, e comeu e bebeu; e com a força daquela comida caminhou quarenta dias e quarenta noites até Horebe, o monte de Deus" (1 Reis 19:7, [82] 8), onde encontrou refúgio numa caverna.

Capítulo 13 — “Que fazes aqui?”

Este capítulo é baseado em 1 Reis 19:9-18.

O retiro de Elias no Monte Horebe, embora escondido dos homens, era conhecido de Deus; e o sofrido e desencorajado profeta não fora deixado a lutar sozinho com os poderes das trevas que o estavam pressionando. À entrada da caverna, onde Elias se refugiara, Deus encontrou-Se com ele, por meio de um poderoso anjo enviado para inquirir-lhe sobre suas necessidades e tornar claro o divino propósito para Israel.

Antes que Elias tivesse aprendido a confiar inteiramente em Deus não poderia completar sua obra por aqueles que haviam sido seduzidos pelo culto de Baal. O assinalado triunfo nas alturas do Carmelo tinha aberto o caminho para vitórias maiores ainda; no entanto Elias tinha recuado das maravilhosas oportunidades abertas perante ele, pelas ameaças de Jezabel. O homem de Deus devia ser levado a compreender as fraquezas de sua presente posição em comparação com o terreno vantajoso que o Senhor queria tivesse ele ocupado.

Deus veio ao encontro de Seu provado servo com a pergunta: “Que fazes aqui, Elias?” 1 Reis 19:9. Eu te enviei ao ribeiro de Querite, e mais tarde à viúva de Sarepta. Dei-te a comissão de retornar a Israel, e estar diante dos sacerdotes idólatras no Carmelo; cingi-te de força para guiares o carro do rei à entrada de Jezreel. Mas quem te enviou nesta fuga apressada para o deserto? Que missão tens aqui?

Em amargura de alma Elias externa sua queixa: “Tenho sido muito zeloso pelo Senhor Deus dos exércitos, porque os filhos de Israel deixaram o Teu concerto, derribaram os Teus altares, e mataram os Teus profetas à espada; e eu fiquei só, e buscam a minha vida para ma tirarem”. 1 Reis 19:10.

Convidando o profeta a deixar a caverna, o anjo lhe ordena que se ponha perante o Senhor no monte e atente a Sua palavra. “E eis que

passava o Senhor, como também um grande e forte vento que fendia os montes e quebrava as penhas diante da face do Senhor, porém o Senhor não estava no vento; e depois do vento um terremoto, também o Senhor não estava no terremoto; e depois do terremoto um fogo, porém também o Senhor não estava no fogo; e depois do fogo uma voz mansa e delicada. E sucedeu que, ouvindo-a Elias, envolveu o seu rosto na sua capa, e saiu para fora, e pôs-se à entrada [83] da caverna". 1 Reis 19:11-13.

Não nas grandiosas manifestações do divino poder, mas na "voz mansa e delicada", Deus escolheu revelar-Se a Seu servo. Ele desejava ensinar a Elias que nem sempre a obra que faz as maiores demonstrações é a mais bem-suceda em realizar o Seu propósito. Enquanto Elias esperava pela revelação do Senhor, desabou uma tempestade, cintilaram relâmpagos e um fogo devorador passou varrendo. Mas Deus não estava em nada disto. Então veio a voz mansa e delicada, e o profeta cobriu a cabeça ante a presença do Senhor. Seus queixumes foram silenciados, seu espírito abrandado e submetido. Ele sabia agora que uma calma confiança, uma firme segurança em Deus, seriam para ele sempre um auxílio presente em tempo de necessidade.

Nem sempre é a mais brilhante apresentação da verdade de Deus que convence e converte a alma. Não pela eloqüência ou lógica é alcançado o coração dos homens, mas pela suave influência do Espírito Santo, a qual opera silenciosa conquanto seguramente na transformação e desenvolvimento do caráter. É ainda a voz mansa e delicada do Espírito de Deus que tem poder para mudar o coração.

"Que fazes aqui, Elias?" a voz interrogou; e de novo o profeta respondeu: "Eu tenho sido em extremo zeloso pelo Senhor Deus dos exércitos, porque os filhos de Israel deixaram o Teu concerto, derribaram os Teus altares, e mataram os Teus profetas à espada; e só eu fiquei, e buscam a minha vida para ma tirarem". 1 Reis 19:9, 10.

O Senhor disse a Elias que os praticantes do mal em Israel não ficariam impunes. Homens iriam ser especialmente escolhidos para cumprir o propósito divino na punição do reino idólatra. Havia uma rígida obra a ser feita, para que a todos fosse dada a oportunidade de tomar posição ao lado da verdade de Deus. Elias mesmo devia

retornar a Israel, e partilhar com os outros o fardo de levar a efeito uma reforma.

"Vai", o Senhor ordenou a Elias, "volta pelo teu caminho para o deserto de Damasco; e vem, e unge a Hazael rei sobre a Síria. Também a Jeú, filho de Ninsi, ungirás rei de Israel; e também a Eliseu, filho de Safate de Abel-Meolá, ungirás profeta em teu lugar. E há de ser que o que escapar da espada de Hazael, matá-lo-á Jeú: e o que escapar da espada de Jeú, matá-lo-á Eliseu".

Elias havia pensado que ele unicamente era adorador do verdadeiro Deus em Israel. Mas Aquele que lê o coração de todos revelou ao profeta que havia muitos outros que, nos longos anos de apostasia, tinham permanecido leais a Ele. "Também Eu fiz ficar em Israel sete mil": disse Deus, "todos os joelhos que se não dobraram a Baal, e toda a boca que o não beijou". 1 Reis 19:15-18.

Da experiência de Elias durante esses dias de desânimo e aparente derrota muitas lições podem ser tiradas — lições de inapreciável valor para os servos de Deus neste século caracterizado pelo geral abandono do direito. A apostasia predominante hoje é similar [84] à que predominou em Israel nos dias do profeta. Na exaltação do humano sobre o divino, no louvor aos líderes populares, no culto a Mamom, e na exaltação dos ensinos da ciência sobre as verdades da Revelação, multidões hoje estão seguindo a Baal. Dúvida e incredulidade estão exercendo sua má influência sobre a mente e o coração, e muitos estão substituindo pelas teorias dos homens a Palavra de Deus. Publicamente se ensina que temos chegado a um tempo em que a razão humana deve ser exaltada sobre os ensinos da Palavra. A lei de Deus, a divina norma do direito, é declarada ser de nenhum efeito. O inimigo de toda a verdade está operando com enganoso poder para levar homens e mulheres a colocar instituições humanas onde Deus deve estar, e a esquecer aquilo que fora ordenado para a felicidade e salvação da humanidade.

Contudo, esta apostasia, apesar do vulto que tem assumido, não é universal. Nem todos no mundo são licenciosos e corruptos; nem todos tomaram posição com o inimigo. Deus tem muitos milhares cujos joelhos não se dobraram a Baal, muitos tardos em compreender mais plenamente o que se refere a Cristo e à lei, muitos que estão esperando, malgrado as perspectivas, que Jesus venha logo para pôr fim ao reinado do pecado e da morte. E há muitos que têm estado

adorando a Baal ignorantemente, mas com quem o Espírito de Deus está ainda lutando.

Esses necessitam o auxílio pessoal dos que têm aprendido a conhecer a Deus e o poder de Sua Palavra. Em tal tempo como este, cada filho de Deus deve estar ativamente empenhado em ajudar a outros. Quando os que têm compreensão da verdade bíblica procuram buscar a homens e mulheres que estão ansiando por luz, anjos de Deus os assistem. E onde vão os anjos, ninguém precisa temer ir avante. Como resultado dos fiéis esforços de obreiros consagrados, muitos tornarão da idolatria para o culto do Deus vivo. Muitos cessarão de prestar homenagem a instituições de feitura humana, e se colocarão destemidamente ao lado de Deus e Sua lei.

Muita coisa está na dependência da incessante atividade dos que são verdadeiros e leais; e por essa razão Satanás põe todo o esforço possível no sentido de impedir o divino propósito a ser levado a efeito por meio do obediente. Ele leva alguns a perderem de vista sua alta e santa missão, e a se tornarem satisfeitos com os prazeres desta vida. Encaminha-os para o comodismo, ou, com o propósito de encontrar maiores vantagens terrenas, a se mudarem dos lugares onde poderiam ser uma força para o bem. Outros ele leva a, desanimados, fugirem do dever, em face de oposição ou perseguição. Mas todos estes são considerados pelo Céu com a mais terna piedade. A cada filho de Deus, cuja voz Satanás tenha conseguido silenciar, é dirigida a pergunta: "Que fazes aqui?" 1 Reis 19:9. Comissionei-te para que fosses a todo o mundo e pregasses o evangelho, a fim de que o povo fosse preparado para o dia de Deus. [85] Por que estás aqui? Quem te mandou?

A alegria que estava diante de Cristo, a satisfação que O sustentou através de sacrifícios e sofrimento, foi o de ver pecadores salvos. Este deve ser o regozijo de cada seguidor Seu, o estímulo a sua ambição. Os que sentirem, mesmo em grau limitado, o que a redenção significa para si e para o próximo, compreenderão em alguma medida as amplas necessidades da humanidade. Seus corações serão movidos à compaixão ao verem a carência espiritual e moral de milhares que estão sob a sombra de terrível maldição, em comparação com o que o sofrimento físico é tido na conta de nada.

Tanto a famílias como a indivíduos é feita a pergunta: "Que fazes aqui?" 1 Reis 19:9. Em muitas igrejas há famílias bem instruídas nas

verdades da Palavra de Deus que poderiam ampliar a sua esfera de influência mudando-se para lugares necessitados da ministração que elas estão aptas a prover. Deus chama famílias cristãs para que vão aos lugares escuros da Terra, e trabalhem sábia e perseverantemente pelos que estão envolvidos em sombras espirituais. A resposta a este chamado requer espírito de abnegação. Enquanto muitos estão esperando que cada obstáculo seja removido, almas estão morrendo, sem esperança e sem Deus. Por amor a vantagens seculares, a aquisição de conhecimentos científicos, os homens estão prontos a se aventurar nas regiões pestilentas, e a enfrentar dificuldades e privações. Onde estão os que se disponham a fazer tanto pelo amor de falar a outros do Salvador?

Se, sob circunstâncias difíceis, homens de poder espiritual, sob excessiva pressão tornam-se desanimados e desalentados; se às vezes nada vêem de apreciável na vida, para que desejem viver, isto não é nada estranho ou novo. Lembrem-se tais pessoas que um dos mais fortes profetas fugiu para salvar a vida ante a ira de uma mulher enfurecida. Fugitivo e fatigado pela viagem, o espírito torturado por amargo desapontamento, ele pediu a morte. Mas foi quando a esperança se desvanecia, e o trabalho de sua vida parecia ameaçado pela derrota, que ele aprendeu uma das mais preciosas lições de sua vida. Na hora de sua maior fraqueza ele aprendeu a necessidade e a possibilidade de confiar em Deus sob circunstâncias as mais desalentadoras.

Aqueles que, enquanto despendem as energias da vida em trabalho abnegado, são tentados a dar lugar à desconfiança e ao desânimo, podem encontrar coragem na experiência de Elias. O vigilante cuidado de Deus, Seu amor, Seu poder, são especialmente manifestados em benefício de Seus servos cujo zelo é mal apreciado ou não bem entendido, cujos conselhos e reprovações são menosprezados, e cujos esforços no sentido de uma reforma são recompensados com ódio e oposição.

É em tempos de maior fraqueza que Satanás assalta a alma com as mais ferozes tentações. Foi assim que ele esperou prevalecer sobre o Filho de Deus; pois por esse processo tinha ganho muitas vitórias sobre o homem. Quando o poder da vontade foi enfraquecido e a [86] fé falhou, então os que haviam permanecido firme e valentemente pelo direito longo tempo, renderam-se à tentação. Moisés, extenuado

por quarenta anos de peregrinação e incredulidade, perdeu por um momento seu apego ao poder infinito. Ele falhou justo no limiar da terra prometida. Assim também foi com Elias. Aquele que mantivera sua confiança em Jeová durante os anos de estiagem e fome; que permanecera sem temor perante Acabe; aquele que no dia probante sobre o Carmelo permanecera só perante toda a nação de Israel como a única testemunha do verdadeiro Deus, num momento de fadiga permitiu que o temor da morte derrotasse sua fé em Deus.

E assim é hoje. Quando somos envolvidos pela dúvida, aturdidos pelas circunstâncias, ou afligidos pela pobreza ou angústia, Satanás procura abalar nossa confiança em Jeová. É então que ele faz desfilar diante de nós nossos erros, e tenta-nos a desconfiar de Deus, a pôr em dúvida Seu amor. Ele espera desencorajar a alma e quebrar nossa firmeza em Deus.

Aqueles que, na vanguarda do conflito, são impelidos pelo Espírito Santo a fazer um trabalho especial, freqüentemente sentirão uma reação quando a pressão for removida. O desânimo pode abalar a fé mais heróica, e enfraquecer a mais firme vontade. Mas Deus compreende, e ainda Se compadece e ama. Ele lê os motivos e os propósitos do coração. Esperar pacientemente, confiar quando tudo parece escuro, eis a lição que os líderes na obra de Deus necessitam aprender. O Céu não lhes faltará no dia da adversidade. Nada está aparentemente mais ao desamparo, mas na realidade mais invencível, do que a alma que sente a sua nulidade, e confia inteiramente em Deus.

Não é somente para homens em posição de grande responsabilidade a lição da experiência de Elias em como aprender de novo a confiar em Deus na hora da prova. Aquele que foi a fortaleza de Elias é forte para sustentar cada um de Seus filhos em luta, não importa quão fraco seja. Ele espera lealdade de cada um, e a cada um concede poder de acordo com a necessidade. Em sua própria força o homem é fraco; mas no poder de Deus ele pode ser forte para derrotar o mal e ajudar outros a derrotá-lo. Satanás jamais obtém vantagem sobre quem faz de Deus sua defesa. "De mim se dirá: Deveras no Senhor, há justiça e força". Isaías 45:24.

Companheiro cristão, Satanás conhece tuas fraquezas; apega-te, pois, a Jesus. Permanecendo no amor de Deus, poderás resistir a cada prova. A justiça de Cristo unicamente pode dar-te poder para

te opores à onda do mal que está inundando o mundo. Acrescenta fé à tua experiência. A fé faz leve cada fardo, alivia cada fadiga. Providências que são agora misteriosas poderás compreender por contínua confiança em Deus. Anda pela fé no caminho que Ele traçar. Sobrevirão provas; mas prossegue avante. Isto fortalecerá tua fé e te preparará para o serviço. Os registros da História Sacra são escritos, não meramente para que possamos ler e nos maravilhar, [87] mas para que a mesma fé que operou nos servos de Deus no passado possa operar em nós. De maneira não menos acentuada o Senhor operará agora, onde quer que haja corações de fé para serem canais de Seu poder.

A nós, como a Pedro, é dito: “Eis que Satanás vos pediu para vos cirandar como trigo; mas Eu roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça”. Lucas 22:31, 32. Cristo jamais abandona aqueles por quem morreu. Nós podemos deixá-Lo, sendo esmagados pela tentação; mas Cristo jamais pode deixar aqueles por quem pagou o resgate com Sua própria vida. Pudesse nossa visão espiritual ser ativada, e veríamos almas curvadas sob a opressão e carregadas de aflição, oprimidas como uma carreta sob pesada carga, e quase a perecer em desencorajamento. Veríamos anjos voando velozes em auxílio desses tentados, forçando a retroceder as legiões do mal que os sitiavam, e colocando seus pés sobre firme plataforma. As batalhas entre os dois exércitos são tão reais como as travadas pelos exércitos deste mundo, e do resultado do conflito espiritual dependem destinos eternos.

Na visão do profeta Ezequiel havia a aparência de uma mão sob as asas dos querubins. Isso deve ensinar aos servos de Deus que é o divino poder que dá sucesso. Aqueles a quem Deus emprega como Seus mensageiros não devem sentir que a obra do Senhor depende deles. Seres finitos não são deixados a levar este fardo de responsabilidade. Aquele que não dormita, que está continuamente atento a Sua obra para a realização de Seus desígnios, promoverá Seu trabalho. Ele subverterá os propósitos dos ímpios, e levará a confusão aos conselhos dos que planejam contra Seu povo. Aquele que é o Rei, o Senhor dos Exércitos, assenta-Se entre os querubins; e em meio aos conflitos e tumultos das nações, Ele guarda Seus filhos ainda. Quando as fortalezas dos reis forem subvertidas, quando as

setas da ira ferirem o coração de Seus inimigos, Seu povo estará [88] seguro em Suas mãos.

Capítulo 14 — “No espírito e virtude de Elias”

Através dos longos séculos que têm passado desde o tempo de Elias, o registro da atividade de sua vida tem levado inspiração e coragem aos que têm sido chamados a permanecer pelo direito em meio de apostasia. E para nós, “para quem já são chegados os fins dos séculos” (1 Coríntios 10:11), ele tem especial significação. A História está-se repetindo. O mundo hoje tem seus Acabes e suas Jezabéis. O presente século é tão verdadeiramente um século de idolatria como aquele em que Elias viveu. Pode não haver nenhum altar externamente visível; pode não haver nenhuma imagem sobre que os olhos repousem, contudo, milhares estão seguindo após os deuses deste mundo — riquezas, fama, prazeres e as agradáveis fábulas que permitem ao homem seguir as inclinações do coração não regenerado. Multidões têm uma errônea concepção de Deus e Seus atributos, e estão servindo a um falso deus tão verdadeiramente como o estavam os adoradores de Baal. Muitos, mesmo entre os que se declaram cristãos, têm-se aliado com influências que são inalteravelmente opostas a Deus e Sua verdade. Assim, são levados a se afastarem do divino, e a exaltarem o humano.

O espírito predominante em nosso tempo é de infidelidade e apostasia — espírito de professada iluminação por causa do conhecimento da verdade, mas na realidade da mais cega presunção. Teorias humanas são exaltadas, e postas onde deviam estar Deus e Sua lei. Satanás tenta homens e mulheres a desobedecerem, com a promessa de que na desobediência encontrarão liberdade e independência que os tornarão deuses. Há um visível espírito de oposição à clara Palavra de Deus, de idolátrica exaltação da sabedoria humana sobre a revelação divina. Os homens têm permitido que suas mentes se tornem tão entenebrecidas e confusas pela conformidade aos costumes e influências mundanos, que parecem haver perdido todo o poder de discriminação entre a luz e as trevas, a verdade e o erro. Tão longe têm-se afastado do caminho do direito a ponto de sustentarem as opiniões de uns poucos filósofos, assim chamados, como mais

dignas de crédito do que as verdades da Bíblia. As instâncias e promessas da Palavra de Deus, suas ameaças contra a desobediência e a idolatria — tudo parece não ter poder para tocar-lhes o coração. Uma [89] fé como a que operou em Paulo, Pedro e João, eles a consideram como coisa do passado, misticismo, e indigna da inteligência dos modernos pensadores.

No princípio Deus deu Sua lei à humanidade como um meio de alcançar a felicidade e vida eterna. A única esperança de Satanás de poder frustrar o propósito de Deus é levar homens e mulheres à desobediência a essa lei; e seu constante esforço tem sido falsear seus ensinos e diminuir sua importância. Seu principal ataque tem sido a tentativa de mudar a própria lei, assim como levar os homens a violar seus preceitos enquanto professam obedecê-la.

Um escritor comparou a tentativa de mudar a lei de Deus a um antigo e maldoso costume de mudar a direção da flecha indicativa numa importante junção de duas estradas. A perplexidade e contratempo que esta prática muitas vezes causava foi grande.

Um marco indicativo foi construído por Deus para os que jornadeiam através deste mundo. Um braço desta tabuleta apontava espontânea obediência ao Criador como o caminho da felicidade e vida, enquanto o outro braço indicava a desobediência como a estrada da miséria e morte. O caminho da felicidade era tão claramente definido como o era o caminho da cidade de refúgio na dispensação judaica. Mas em má hora para a nossa raça, o grande inimigo de todo o bem virou a tabuleta, e multidões têm errado o caminho.

Através de Moisés o Senhor instruiu os israelitas: "Certamente guardareis Meus sábados; porquanto isso é um sinal entre Mim e vós nas vossas gerações; para que saibais que Eu sou o Senhor, que vos santifica. Portanto guardareis o sábado, porque santo é para vós; aquele que o profanar certamente morrerá; porque qualquer que nele fizer alguma obra, aquela alma será extirpada do meio do povo [...] qualquer que no dia do sábado fizer obra, certamente morrerá. Guardarão pois o sábado os filhos de Israel, celebrando o sábado nas suas gerações por concerto perpétuo. Entre Mim e os filhos de Israel será um sinal para sempre; porque em seis dias fez o Senhor os céus e a Terra, e ao sétimo dia descansou, e restaurou-Se". Êxodo 31:13-17.

Nessas palavras o Senhor definiu claramente a obediência como o caminho para a cidade de Deus; mas o homem do pecado mudou o sinal indicativo, fazendo que indicasse direção errada. Ele estabeleceu o falso sábado, e levou homens e mulheres a pensar que repousando nesse falso sábado estavam obedecendo à ordem do Criador.

Deus declarou que o sétimo dia é o sábado do Senhor. Quando “os céus e a Terra foram acabados”, Ele exaltou este dia como um memorial de Sua obra criadora. Repousando no sétimo dia “de toda a Sua obra que tinha feito”, “abençoou Deus o sétimo dia, e o santificou”. Gênesis 2:1-3.

Por ocasião do Êxodo do Egito, a instituição sabática foi distintamente colocada perante o povo de Deus. Enquanto ainda no cativeiro, seus feitores tinham-nos tentado forçar ao trabalho no sábado, acrescentando trabalho ao requerido cada semana. Cada vez mais severas e mais inexoráveis tinham sido feitas as condições de trabalho. Mas os israelitas foram libertos do cativeiro, e levados a um lugar onde podiam observar todos os preceitos de Jeová sem serem molestados. No Sinai a lei foi proclamada; e uma cópia, em duas tábuas de pedra “escritas com o dedo de Deus” (Êxodo 31:18), foi entregue a Moisés. E através de quase quarenta anos de peregrinação, constantemente foi feito lembrar aos israelitas o dia de repouso de Deus, pela contenção da queda do maná cada sétimo dia, e a miraculosa preservação da porção dobrada que caía no dia da preparação. [90]

Antes de entrar na terra prometida, os israelitas foram admoestados por Moisés a “guardar o dia de sábado, para o santificar”. Deuteronômio 5:12. Era desígnio do Senhor que pela fiel observância do mandamento do sábado, Israel fosse continuamente lembrado de sua responsabilidade perante Ele como seu Criador e seu Redentor. Enquanto guardassem o sábado no devido espírito, a idolatria não poderia existir; mas fossem as exigências deste preceito do decálogo postas de lado como não mais vigentes, o Criador seria esquecido, e os homens adorariam a outros deuses. “Também lhes dei os Meus sábados”, declarou Deus, “para que servissem de sinal entre Mim e eles; para que soubessem que Eu sou o Senhor que os santifica”. Contudo “rejeitaram os Meus juízos, e não andaram nos Meus estatutos, e profanaram os Meus sábados; porque o seu cora-

ção andava após os seus ídolos”. Em Seu apelo para que tornassem a Ele, o Senhor lhes chamou a atenção outra vez para a importância da santificação do sábado. “Eu sou o Senhor vosso Deus”, disse Ele; “andai nos Meus estatutos, e guardai os Meus juízos, e executai-os. E santificai os Meus sábados, e servirão de sinal entre Mim e vós, para que saibais que Eu sou o Senhor vosso Deus”. Ezequiel 20:12, 16, 19, 20.

Chamando a atenção de Judá para os pecados que finalmente acarretaram sobre eles o cativeiro babilônico, o Senhor declarou: “Os Meus sábados profanaste. [...] Por isso Eu derramei sobre eles a Minha indignação; com o fogo do Meu furor os consumi; fiz que o seu caminho recaísse sobre as suas cabeças”. Ezequiel 22:8, 31.

Por ocasião da restauração de Jerusalém, nos dias de Neemias, a quebra do sábado foi confrontada com a severa inquirição: “Porventura não fizeram vossos pais assim, e nosso Deus não trouxe todo este mal sobre nós e sobre esta cidade? E vós ainda mais acrescentais o ardor de Sua ira sobre Israel, profanando o sábado”. Neemias 13:18.

Cristo, durante Seu ministério terrestre, deu ênfase aos imperiosos reclamos do sábado; em todo o Seu ensino Ele mostrou reverência pela instituição que Ele mesmo dera. Em Seus dias o sábado tinha-se tornado tão pervertido que sua observância refletia o caráter de homens egoístas e arbitrários, antes que o caráter de Deus. [91] Cristo pôs de lado o falso ensino pelo qual os que proclamavam conhecer a Deus O tinham deformado. Embora seguido com impiedosa hostilidade pelos rabis, Ele não pareceu sequer conformar-Se a suas exigências, mas prosseguiu retamente, guardando o sábado de acordo com a lei de Deus.

Em linguagem que não pode deixar de ser compreendida, Ele testificou de Sua consideração pela lei de Jeová. “Não cuideis que Eu vim destruir a lei ou os profetas”, declarou; “não vim ab-rogar, mas cumprir. Porque em verdade vos digo que, até que o céu e a Terra passem, nem um jota ou um til se omitirá da lei, sem que tudo seja cumprido. Qualquer pois que violar um destes mais pequenos mandamentos, e assim ensinar aos homens, será chamado o menor no reino dos Céus; aquele, porém, que os cumprir e ensinar será chamado grande no reino dos Céus”. Mateus 5:17-19.

Durante a dispensação cristã, o grande inimigo da felicidade do homem fez do sábado do quarto mandamento um objeto de ataque especial. Satanás diz: “Eu atravessarei os propósitos de Deus. Capacitarei meus seguidores a porem de lado o memorial de Deus, o sábado do sétimo dia. Assim, mostrarei ao mundo que o dia abençoado e santificado por Deus foi mudado. Esse dia não perdurará na mente do povo. Apagarei a lembrança dele. Porei em seu lugar um dia que não leve as credenciais de Deus, um dia que não seja um sinal entre Deus e Seu povo. Levarei os que aceitarem este dia a porem sobre ele a santidade que Deus pôs sobre o sétimo dia.

“Através de meu representante, engrandecerei a mim mesmo. O primeiro dia será exaltado, e o mundo protestante receberá este sábado falso como genuíno. Através da não observância do sábado que Deus instituiu, levarei Sua lei ao menosprezo. As palavras: ‘Um sinal entre Mim e vós por todas as vossas gerações’, farei que se prestem para o meu sábado.

“Assim o mundo tornar-se-á meu. Eu serei o governador da Terra, o príncipe do mundo. Controlarei assim as mentes sob meu poder para que o sábado de Deus seja um objeto especial de desprezo. Um sinal? — eu farei a observância do sétimo dia um sinal de deslealdade para com as autoridades da Terra. As leis humanas serão feitas tão rígidas que os homens e mulheres não ousarão observar o sábado do sétimo dia. Pelo temor de que lhes venha a faltar alimento e vestuário, eles se unirão com o mundo na transgressão da lei de Deus. A Terra estará inteiramente sob meu domínio”.

Através do estabelecimento de um falso sábado o inimigo pensou mudar os tempos e as leis. Mas tem tido ele realmente êxito em mudar a lei de Deus? As palavras do capítulo 31 de Êxodo são a resposta. Aquele que é o mesmo ontem, hoje e eternamente declarou do sábado do sétimo dia: “É um sinal entre Mim e vós nas vossas gerações”. “Será um sinal para sempre”. Êxodo 31:13, 17. A placa virada está indicando um caminho caminho errado, mas Deus não [92] mudou. Ele ainda é o poderoso Deus de Israel. “Eis que as nações são consideradas por Ele como a gota de um balde, e como o pó miúdo das balanças; eis que lança por aí as ilhas como a uma coisa pequeníssima. Nem todo o Líbano basta para o fogo, nem os seus animais bastam para holocaustos. Todas as nações são como nada perante Ele; Ele considera-as menos do que nada e como uma coisa

vã". Isaías 40:15-17. Ele é tão zeloso de Sua lei agora como o era nos dias de Acabe e de Elias.

Mas como é esta lei desrespeitada! Vede o mundo hoje em aberta rebelião contra Deus. Esta é na verdade uma geração obstinada, carregada de ingratidão, de formalismo, de insinceridade, de orgulho e apostasia. Os homens negligenciam a Bíblia e odeiam a verdade. Jesus vê Sua lei rejeitada, Seu amor desprezado, Seus embaixadores tratados com indiferença. Ele tem falado por intermédio de Suas misericórdias, mas estas não têm sido reconhecidas; tem falado por meio de advertências, mas estas não têm sido ouvidas. O santuário da alma humana tem-se tornado lugar de não santificado intercâmbio. Egoísmo, inveja, orgulho, malícia — tudo é aí acariciado.

Muitos não hesitam em escarnecer da Palavra de Deus. Os que crêem nesta Palavra logo que a lêem são postos em ridículo. Há um crescente menosprezo pela lei e a ordem, oriundo diretamente da violação das claras ordenações de Jeová. A violência e o crime são o resultado do afastamento do caminho da obediência. Vede o infortúnio e miséria de multidões que adoram no altar de ídolos, e que buscam em vão felicidade e paz.

Considerai o quase universal desrespeito ao mandamento do sábado. Vede também a atrevida impiedade dos que, ao mesmo tempo que estão promulgando leis para a salvaguarda do supostamente santificado primeiro dia da semana, estão também legislando no sentido de legalizar o comércio do álcool. Revelando astuta sabedoria, eles procuram coagir a consciência dos homens, ao mesmo tempo que outorgam sua sanção a um mal que brutaliza e destrói os seres criados à imagem de Deus. É Satanás em pessoa que inspira tal legislação. Ele sabe muito bem que a maldição de Deus recairá sobre os que exaltam proposições humanas acima do divino; e faz tudo que está em seu poder para levar os homens à estrada larga que termina em destruição.

Tanto tempo têm os homens cultuado opiniões humanas e humanas instituições, que o mundo inteiro, quase, está indo após os ídolos. E aquele que se tem esforçado por mudar a lei de Deus está usando todo enganoso artifício para induzir homens e mulheres a se formarem contra Deus e contra o sinal pelo qual os justos são conhecidos. Mas o Senhor não permitirá sempre que Sua lei seja quebrada e desprezada com impunidade. Tempo virá quando "os

olhos altivos dos homens, serão abatidos, e a altivez dos varões será humilhada, e só o Senhor será exaltado naquele dia”. Isaías 2:11. O [93] ceticismo pode ameaçar os reclamos da lei de Deus com zombaria e contestação. O espírito de mundanidade pode contaminar a muitos e controlar alguns; a causa de Deus pode conservar sua posição unicamente mediante grande esforço e contínuo sacrifício; mas no final a verdade triunfará gloriosamente.

Na consumação da obra de Deus na Terra, a norma de Sua lei será de novo exaltada. A falsa religião pode prevalecer, a iniqüidade se generalizar, o amor de muitos esfriar, a cruz do Calvário pode ser perdida de vista, e as trevas, como um manto de morte, podem espalhar-se sobre o mundo; toda a força da corrente popular pode ser voltada contra a verdade; trama após trama pode ser formada para aniquilar o povo de Deus; mas na hora de maior perigo, o Deus de Elias levantará instrumentos humanos para dar uma mensagem que não será silenciada. Nas populosas cidades da Terra, e nos lugares onde os homens têm ido mais longe em falar contra o Altíssimo, a voz de severa repreensão será ouvida. Corajosamente, homens indicados por Deus denunciarão a união da igreja com o mundo. Com fervor chamarão a homens e mulheres para que voltem da observância de uma instituição de feitura humana para a guarda do verdadeiro sábado. “Temei a Deus e dai-Lhe glória”, proclamarão a toda nação, “porque vinda é a hora do Seu juízo. E adorai Aquele que fez o céu, e a Terra, e o mar, e as fontes das águas. [...] Se alguém adorar a besta, e a sua imagem, e receber o sinal na sua testa, ou na sua mão, também o tal beberá do vinho da ira de Deus, que se deitou, não misturado, no cálice da Sua ira”. Apocalipse 14:7-10.

Deus não quebrará Seu concerto, nem alterará aquilo que saiu de Seus lábios. Sua Palavra permanecerá firme para sempre, tão inalterável como Seu trono. Por ocasião do juízo, este concerto será manifesto, claramente escrito com o dedo de Deus; e o mundo será citado perante a barra da Justiça Infinita para receber a sentença.

Hoje, como nos dias de Elias, a linha de demarcação entre o povo que guarda os mandamentos de Deus e os adoradores de falsos deuses está claramente definida. “Até quando coxeareis entre dois pensamentos?” clamou Elias; “se o Senhor é Deus, segui-O; e se Baal, segui-o”. 1 Reis 18:21. E a mensagem para hoje é: “Caiu, caiu a grande Babilônia. [...] Sai dela, povo Meu, para que não sejas

participante dos seus pecados, e para que não incorras nas suas pragas. Porque já os seus pecados se acumularam até ao Céu, e Deus Se lembrou das iniqüidades dela”. Apocalipse 18:2, 4, 5.

Não está longe o tempo quando virá a prova a cada alma. A observância do falso sábado será imposta sobre todos. A controvérsia será entre os mandamentos de Deus e os mandamentos dos homens. Os que passo a passo têm-se rendido às exigências mundanas e se conformado a mundanos costumes, então render-se-ão aos poderes existentes, em vez de se sujeitarem ao escárnio, ao insulto, às ameaças de prisão e morte. Nesse tempo o ouro será separado da escória. [94] A verdadeira piedade será claramente distinguida da piedade aparente e fictícia. Muitas estrelas que temos admirado por seu brilho tornar-se-ão trevas. Os que têm cingido os ornamentos do santuário, mas não estão vestidos com a justiça de Cristo, aparecerão então na vergonha de sua própria nudez.

Entre os habitantes do mundo, espalhados por toda a Terra, há os que não têm dobrado os joelhos a Baal. Como as estrelas do céu, que aparecem à noite, esses fiéis brilharão quando as trevas cobrirem a Terra, e densa escuridão os povos. Na África pagã, nas terras católicas da Europa e da América do Sul, na China, na Índia, nas ilhas do mar e em todos os escuros recantos da Terra, Deus tem em reserva um firmamento de escolhidos que brilharão em meio às trevas, revelando claramente a um mundo apóstata o poder transformador da obediência a Sua lei. Mesmo agora eles estão aparecendo em toda nação, entre toda língua e povo; e na hora da mais profunda apostasia, quando o supremo esforço de Satanás for feito no sentido de que “todos, pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e servos” (Apocalipse 13:16), recebam, sob pena de morte, o sinal de submissão a um falso dia de repouso, esses fiéis, “irrepreensíveis e sinceros, filhos de Deus inculpáveis no meio de uma geração corrompida e perversa”, resplandecerão “como astros no mundo”. Filipenses 2:15. Quanto mais escura a noite, com maior brilho eles refulgirão.

Que estranha obra Elias teria feito enumerando Israel, quando os juízos de Deus estavam caindo sobre o povo apostatado Ele podia contar somente um do lado do Senhor. Mas quando disse: “Só eu fiquei, e buscam a minha vida para ma tirarem”, a palavra do Senhor

o surpreendeu: “Fiz ficar em Israel sete mil: todos os joelhos que se não dobraram a Baal”. 1 Reis 19:14, 18.

Que nenhum homem procure numerar Israel hoje, mas cada um tenha um coração de carne, um coração de branda simpatia, um coração que, à semelhança do coração de Cristo, se expanda para a salvação de um mundo perdido. [95]

Capítulo 15 — Josafá

Até sua chamada ao trono, com a idade de 35 anos, Josafá tivera perante si o exemplo do bom rei Asa, que em quase toda crise fizera “o que parecia reto aos olhos do Senhor”. 1 Reis 15:11. Durante um próspero reinado de vinte e cinco anos, Josafá procurou andar “em todos os caminhos de seu pai Asa”, e “não se desviou deles”. 1 Reis 22:43.

Em seus esforços para reinar sabiamente, Josafá procurou persuadir seus súditos a tomarem posição firme contra as práticas idólatras. Muitos dentre o povo em seu domínio “sacrificavam e queimavam incenso nos altos”. 1 Reis 22:44. O rei não destruiu de vez esses santuários; mas desde o início procurou salvaguardar Judá dos pecados que caracterizavam o reino do norte sob o governo de Acabe, de quem fora contemporâneo durante muitos anos. Josafá era pessoalmente leal a Deus. Ele “não buscou a Baalins. Antes buscou ao Deus de seu pai, e andou nos Seus mandamentos, e não segundo as obras de Israel”. Por causa de sua integridade, o Senhor era com ele, e “confirmou o reino na sua mão”. 2 Crônicas 17:3-5.

“Todo o Judá deu presentes a Josafá; e teve riquezas e glória em abundância. E exaltou-se o seu coração nos caminhos do Senhor”. 2 Crônicas 17:5, 6. Com o passar do tempo e o prosseguimento das reformas, o rei “tirou os altos e os bosques de Judá”. 2 Crônicas 17:6. “Também desterrou da terra o resto dos rapazes escandalosos, que ficaram nos dias de seu pai Asa”. 1 Reis 22:47. Assim, gradualmente os habitantes de Judá ficaram libertos de muitos dos perigos que estavam ameaçando seriamente retardar seu desenvolvimento espiritual.

Através do reino o povo estava necessitado de instrução na lei de Deus. Na compreensão desta lei estava a sua segurança; na conformação de sua vida aos seus requisitos, tornar-se-iam leais tanto a Deus como ao homem. Sabendo disto, Josafá tomou medidas para assegurar a seu povo integral instrução nas Santas Escrituras. Os príncipes que tinham o encargo das diferentes partes do seu domínio

foram orientados no sentido de disporem para o fiel ministério de sacerdotes instrutores. Por real indicação, esses mestres, trabalhando sob a direta supervisão dos príncipes, "rodearam todas as cidades de Judá, e ensinaram entre o povo". 2 Crônicas 17:9. E como muitos procurassem compreender os reclamos de Deus e afastar o pecado, teve lugar um reavivamento. [96]

A esta sábia provisão para as necessidades espirituais de seus súditos, Josafá deveu muito de sua prosperidade como governante. Na obediência à lei de Deus há grande ganho. Na conformidade aos divinos requisitos há um poder transformador que leva paz e boa vontade entre os homens. Se os ensinos da Palavra de Deus tivessem influência controladora na vida de todo homem e mulher, se a mente e o coração fossem postos sob seu poder moderador, os males que agora existem na vida nacional e social não teriam lugar. De cada lar emanaria uma influência que tornaria fortes homens e mulheres no discernimento espiritual e no poder moral, e assim nações e indivíduos seriam colocados em terreno vantajoso.

Por muitos anos Josafá viveu em paz, sem ser molestado pelas nações vizinhas. "Veio o temor do Senhor sobre todos os reinos da terra, que estavam em roda de Judá". 2 Crônicas 17:10. Dos filisteus recebia tributo em dinheiro e presentes; da Arábia, grandes rebanhos de ovelhas e cabras. "Cresceu, pois, Josafá e se engrandeceu extremamente; e edificou fortalezas e cidades de munições em Judá. [...] Gente de guerra, varões valentes em Jerusalém, [...] estavam no serviço do rei, afora os que o rei tinha posto nas cidades fortes por todo o Judá". 2 Crônicas 17:12-19. Abençoado abundantemente com "riquezas e glória" (2 Crônicas 18:1), estava ele capacitado a exercer poderosa influência em favor da verdade e da justiça.

Alguns anos depois de haver subido ao trono, Josafá, agora no auge de sua prosperidade, permitiu o casamento de seu filho, Jeorão, com Atalia, filha de Acabe e Jezabel. Por esta união foi formada entre os reis de Judá e de Israel uma aliança que não fora ordenada por Deus, e que num tempo de crise levou ao desastre o rei e muitos de seus súditos.

Numa ocasião, Josafá visitou o rei de Israel em Samaria. Honra especial foi mostrada para com o real hóspede de Jerusalém; e antes que encerrasse sua visita, foi ele persuadido a unir-se com o rei de Israel numa guerra contra os sírios. Acabe esperava que pela união

de suas forças com as de Judá ele poderia reconquistar Ramote, uma das cidades de refúgio que, sustentava ele, por direito pertencia aos israelitas.

Conquanto num momento de fraqueza houvesse Josafá precipitadamente prometido unir-se ao rei de Israel em sua guerra contra os sírios, melhor juízo levou contudo a procurar saber a vontade de Deus concernente a este cometimento. "Consulta, hoje, peço-te, a palavra do Senhor", ele sugeriu a Acabe. Em resposta, Acabe reuniu quatrocentos dos profetas falsos de Samaria, e perguntou-lhes: "Iremos à guerra contra Ramote-Gileade, ou deixá-lo-ei?" E eles responderam: "Sobe, porque Deus a dará na mão do rei". 2 Crônicas 18:4, 5.

Não satisfeito, Josafá procurou conhecer com certeza a vontade de Deus. "Não há ainda aqui profeta algum do Senhor", perguntou ele, "para que o consultemos?" "Ainda há um homem por quem podemos consultar ao Senhor", respondeu Acabe, "porém eu o aborreço, porque nunca profetiza de mim bem senão sempre mal; ele é Micaías, filho de Inlá". 1 Reis 22:8. Josafá ficou firme em seu pedido de que um homem de Deus fosse chamado; e ao apresentar-se diante deles e ser conjurado por Acabe a não dizer "senão a verdade em nome do Senhor", Micaías disse: "Vi a todo o Israel disperso pelos montes, como ovelhas que não têm pastor; e disse o Senhor: Estes não têm senhor; torne cada um em paz para a sua casa". 1 Reis 22:16, 17.

[97]

As palavras do profeta deviam ter sido suficientes para mostrar aos reis que seu projeto não era favorecido pelo Céu; mas nenhum dos dois governantes sentiu-se inclinado a acatar a advertência. Acabe havia traçado seu caminho, e estava determinado a segui-lo. Josafá havia empenhado sua palavra de honra: "Seremos contigo nesta guerra" (2 Crônicas 18:3); e depois de haver feito tal promessa, ficou relutante em retirar suas forças. "Assim o rei de Israel e Josafá, rei de Judá, subiram a Ramote de Gileade". 1 Reis 22:29.

Durante a batalha que se seguiu, Acabe foi acometido por uma flecha, e ao entardecer morreu. "E depois do Sol posto passou um pregão pelo exército, dizendo: Cada um para a sua cidade, e cada um para a sua terra". 1 Reis 22:36. Assim se cumpriu a palavra do profeta.

Dessa desastrosa batalha Josafá retornou a Jerusalém. Ao aproximar-se da cidade, o profeta Jeú veio-lhe ao encontro com a reprovação: "Devias tu ajudar ao ímpio, e amar aqueles que ao Senhor aborrecem? Por isso virá sobre ti grande ira de diante do Senhor. Boas coisas contudo se acharam em ti, porque tiraste os bosques da terra, e preparaste o teu coração, para buscar a Deus". 2 Crônicas 19:2, 3.

Os últimos anos do reinado de Josafá foram em grande parte gastos no fortalecimento da defesa nacional e espiritual de Judá. Ele "tornou a passar pelo povo desde Berseba até as montanhas de Efraim, e fez com que tornassem ao Senhor Deus de seus pais". 2 Crônicas 19:4.

Uma das importantes medidas tomadas pelo rei foi o estabelecimento e manutenção de eficientes tribunais de justiça. Ele "estabeleceu juízes na terra, em todas as cidades fortes, de cidade em cidade"; e no encargo que lhes dera admoestou: "Vede o que fazeis; porque não julgais da parte do homem, senão da parte do Senhor, e Ele está convosco no negócio do juízo. Agora, pois, seja o temor do Senhor convosco; guardai-o, e fazei-o, porque não há no Senhor nosso Deus iniqüidade nem aceitação de pessoas, nem aceitação de presentes". 2 Crônicas 19:5-7.

O sistema judicial foi aperfeiçoado pela fundação de uma Corte de Apelação em Jerusalém, onde Josafá "estabeleceu alguns dos levitas e dos sacerdotes e dos chefes dos pais de Israel sobre o juízo do Senhor, e sobre as causas judiciais". 2 Crônicas 19:8.

O rei exortou esses juízes a que fossem fiéis. "Assim andai no temor do Senhor com fidelidade, e com coração inteiro", ordenou-lhes. "E em toda a diferença que vier a vós de vossos irmãos, que habitam [98] nas suas cidades, entre sangue e sangue, entre lei e mandamento, entre estatutos e juízos, admoestai-os, que se não façam culpados para com o Senhor, e não venha grande ira sobre vós, e sobre vossos irmãos. Fazei assim, e não vos fareis culpados.

"E eis aqui Amarias, o sumo sacerdote, presidirá sobre vós em todo o negócio do Senhor; e Zebadias, filho de Ismael, príncipe da casa de Judá, em todo o negócio do rei; também os oficiais, os levitas, estão perante vós.

"Esforçai-vos, pois, e fazei-o, e o Senhor será com os bons". 2 Crônicas 19:9-11. Nessa cuidadosa salvaguarda dos direitos e

liberdade de seus súditos, Josafá deu ênfase à consideração que cada membro da família humana recebe do Deus de justiça, que governa sobre todos. "Deus está na congregação dos poderosos; julga no meio dos deuses". E todos os que são apontados para agir como juízes sob Sua administração, devem "defender o pobre e o órfão; fazer justiça ao aflito e necessitado", tirando-os "das mãos dos ímpios". Salmos 82:1, 3, 4.

Aproximando-se o fim do reinado de Josafá, o reino de Judá foi invadido por um exército ante cuja aproximação os habitantes da terra tinham razões para tremer. "Os filhos de Moabe, e os filhos de Amom, e com eles alguns outros dos amonitas, vieram à peleja contra Josafá". Notícias desta invasão haviam alcançado o reino através de um mensageiro, que apareceu com a alarmante palavra: "Vem contra ti uma grande multidão dalém do mar e da Síria; e eis que já estão em Hazazom-Tamar, que é En-Gedi". 2 Crônicas 20:1, 2.

Josafá era um homem de coragem e valor. Durante anos, estivera fortalecendo seus exércitos e suas cidades fortificadas. Ele estava bem preparado para enfrentar praticamente qualquer inimigo; contudo, nesta crise não pôs sua confiança no braço de carne. Não mediante disciplinados exércitos e cidades muradas, mas por uma viva fé no Deus de Israel, poderia ele esperar alcançar a vitória sobre esses pagãos que se vangloriavam de seu poder para humilhar Judá aos olhos das nações.

"Então, Josafá temeu e pôs-se a buscar o Senhor, e apregoou jejum em todo o Judá. E Judá se ajuntou, para pedir socorro ao Senhor; também de todas as cidades de Judá vieram para buscarem o Senhor". 2 Crônicas 20:3, 4.

Em pé no recinto do templo perante seu povo, Josafá derramou sua alma em oração, pleiteando as promessas de Deus, com confissão da fragilidade de Israel. "Ah Senhor, Deus de nossos pais", ele suplicava, "porventura não és Tu Deus nos Céus? Pois Tu és Dominador sobre todos os reinos das gentes, e na Tua mão há força e poder, e não há quem Te possa resistir. Porventura, ó Deus nosso, não lançaste Tu fora os moradores desta terra, de diante do Teu povo Israel, e não a deste à semente de Abraão, Teu amigo, para sempre? E habitaram nela, e edificaram nela um santuário ao Teu nome, dizendo: Se algum mal nos sobrevier, espada, juízo, peste, ou

fome, nós nos apresentaremos diante desta casa e diante de Ti; pois Teu nome está nesta casa; e clamaremos a Ti na nossa angústia, e Tu nos ouvirás e livrarás. [99]

"Agora, pois, eis que os filhos de Amom e de Moabe, e os das montanhas de Seir, pelos quais não permitiste que passasse Israel, quando vinham da terra do Egito, mas deles se desviaram e não os destruíram, eis que nos dão o pago, vindo para lançar-nos fora da Tua herança, que nos fizeste herdar. Ah Deus nosso, porventura não os julgarás? Porque em nós não há força perante esta grande multidão que vem contra nós, e não sabemos nós o que faremos; porém os nossos olhos estão postos em Ti". 2 Crônicas 20:6-12.

Com confiança podia Josafá dizer ao Senhor: "Nossos olhos estão postos em Ti." Durante anos ele havia ensinado o povo a confiar nAquele que nos séculos passados tinha-Se interposto tantas vezes para salvar Seus escolhidos de completa destruição; e agora, quando o reino estava em perigo, Josafá não estava sozinho; "todo o Judá estava em pé perante o Senhor, como também as suas crianças, as suas mulheres, e os seus filhos". 2 Crônicas 20:13. Unidos jejuaram e oraram; unidos pleitearam com o Senhor para que pusesse seus inimigos em confusão, a fim de que o nome de Jeová fosse glorificado.

"Ó Deus, não estejas em silêncio;
não cerres os ouvidos nem fiques impassível, ó Deus.

Porque eis que Teus inimigos se alvoroçam,
e os que Te aborrecem levantaram a cabeça.

Astutamente formam conselho contra o Teu povo,
e conspiram contra os Teus protegidos.

Disseram: Vinde, e desarraiguemo-los, para que não sejam nação,

nem haja mais memória do nome de Israel.

Porque a uma se conluiaram; aliaram-se contra Ti.
As tendas de Edom, e dos ismaelitas,
de Moabe, e dos agarenos, de Gebal,
e de Amom, e de Amaleque. [...]

Faze-lhes como fizeste a Midiã, como a Sísera,
como a Jabim na ribeira de Quisom; [...]
Confundam-se e assombrem-se perpetuamente;
envergonhem-se, e pereçam, para que saibam que Tu,
cujo nome é Jeová, és o Altíssimo sobre toda a Terra".

Salmos 83.

Unindo-se o povo ao rei em humilhar-se perante Deus, e suplicando dEle auxílio, o Espírito do Senhor veio sobre Jaaziel, "levita dos filhos de Asafe, e disse": "Dai ouvidos todo o Judá, e vós, moradores de Jerusalém, e tu, ó rei Josafá. Assim o Senhor vos diz: Não temais nem vos assusteis por causa desta grande multidão, pois a peleja não é vossa, senão de Deus. Amanhã descereis contra eles; eis que sobem pela ladeira de Ziz, e os achareis no fim do vale, diante do deserto de Jeruel. Nesta peleja não tereis que pelejar; parai, estai em pé, e vede a salvação do Senhor para convosco, ó Judá e Jerusalém. Não temais, nem vos assusteis; amanhã saí-lhes ao encontro, porque [100] o Senhor será convosco".

"Então Josafá se prostrou com o rosto em terra; e todo o Judá e os moradores de Jerusalém se lançaram perante o Senhor, adorando ao Senhor. E levantaram-se os levitas, dos filhos dos coatitas, e dos filhos dos coraítas, para louvarem ao Senhor Deus de Israel, com voz muito alta".

Pela manhã cedo se levantaram e saíram ao deserto de Tecoa. Ao avançarem para a batalha, Josafá disse: "Ouvi-me, ó Judá, e vós moradores de Jerusalém: Crede no Senhor vosso Deus, e estareis seguros; crede nos Seus profetas, e sereis prosperados". "E aconselhou-se com o povo, e ordenou cantores para o Senhor, que louvassem a Majestade santa". 2 Crônicas 20:14-21. Esses cantores iam diante do exército, erguendo suas vozes em louvor a Deus pela promessa de vitória.

Era uma maneira singular de ir à batalha contra o exército do inimigo — louvando ao Senhor com cânticos, e exaltando o Deus de Israel. Este era seu hino de batalha. Eles possuíam a beleza da santidade. Se mais louvores de Deus tivessem lugar agora, esperança e coragem e fé aumentariam constantemente. E isto não fortaleceria

as mãos dos valentes soldados que hoje estão firmes em defesa da verdade?

"O Senhor pôs emboscadas contra os filhos de Amom, e de Moabe e os das montanhas de Seir, que vieram contra Judá, e foram desbaratados. Porque os filhos de Amom e de Moabe se levantaram contra os moradores das montanhas de Seir, para os destruir e exterminar; e, acabando eles com os das montanhas de Seir, ajudaram uns aos outros a destruir-se.

"Entretanto chegou Judá à atalaia do deserto; e olharam para a multidão, e eis que eram corpos mortos, que jaziam em terra, e nenhum escapou". 2 Crônicas 20:22-24.

Deus foi a força de Judá nesta crise, e é Ele a força de Seu povo hoje. Não devemos confiar em príncipes, ou pôr o homem no lugar de Deus. Devemos lembrar que os seres humanos são falíveis e falhos, e que Aquele que tem todo o poder é nossa forte torre de defesa. Em qualquer emergência devemos sentir que a batalha é Sua. Seus recursos são ilimitados, e as aparentes impossibilidades farão que a vitória seja ainda maior.

"Salva-nos, ó Deus da nossa salvação,
E ajuda-nos e livra-nos das nações,
para que louvemos o Teu santo nome,
e nos gloriemos no Teu louvor".

1 Crônicas 16:35.

Carregados com os despojos, os exércitos de Judá retornaram "com alegria, porque o Senhor os alegrara acerca dos seus inimigos. E vieram a Jerusalém com alaúdes, e com harpas, e com trombetas, para a casa do Senhor". 2 Crônicas 20:27, 28. Grande era seu motivo para júbilo. Em obediência à ordem: "Estai em pé, e vede a salvação do Senhor. [...] Não temais, nem vos assusteis" (2 Crônicas 20:17), eles tinham posto sua confiança inteiramente em Deus, e Ele Se havia provado sua fortaleza e Libertador. Agora podiam cantar com entendimento os inspirados hinos de Davi: [101]

"Deus é o nosso refúgio e fortaleza,
socorro bem presente na angústia. [...]

Ele [...] quebra o arco e corta a lança;
queima os carros no fogo.
Aquietai-vos, e sabei que Eu sou Deus;
serei exaltado entre as nações,
serei exaltado na Terra.
O Senhor dos exércitos está conosco,
o Deus de Jacó é o nosso refúgio”.

Salmos 46.

“Segundo é o Teu nome, ó Deus, assim é o Teu louvor,
até aos fins da Terra: A Tua mão direita está cheia de justiça.
Alegre-se o monte de Sião;
alegrem-se as filhas de Judá Por causa dos Teus juízos. [...]
Deus é o nosso Deus para sempre;
Ele será o nosso guia até a morte”.

Salmos 48:10, 11, 14.

Através da fé dos governantes de Judá e de seus exércitos, “veio o temor de Deus sobre todos os reinos daquelas terras, ouvindo eles que o Senhor havia pelejado contra os inimigos de Israel. E o reino de Josafá ficou quieto; e o seu Deus lhe deu repouso em redor”. 2 Crônicas 20:29, 30. [102]

Capítulo 16 — A queda da casa de Acabe

Este capítulo é baseado em 1 Reis 21; 2 Reis 1.

A má influência que desde o início Jezabel havia exercido sobre Acabe continuou durante os últimos anos de sua vida, e deu frutos em obras de vergonha e violência, tais como raramente têm sido igualadas na História Sacra. "Ninguém fora como Acabe, que se vendera para fazer o que era mau aos olhos do Senhor; porque Jezabel, sua mulher, o incitava". 1 Reis 21:25.

De uma disposição cobiçosa por natureza, Acabe, fortalecido e sustentado na prática do mal por Jezabel, tinha seguido os ditames de seu mau coração, até que ficou inteiramente controlado pelo espírito de egocentrismo. Não podia admitir qualquer recusa a seus desejos; o que desejava entendia que por direito devia ser seu.

Esse traço dominante em Acabe, que tão desastrosamente influenciou a sorte dos reinos sob seus sucessores, é revelado em um incidente que teve lugar enquanto Elias era ainda profeta em Israel. Bem junto ao palácio do rei estava uma vinha pertencente a Nabote, um jezreelita. Acabe assentou em seu coração possuir esta vinha; e propôs comprá-la, ou dar-lhe em troca outro pedaço de terra. "Dá-me a tua vinha", disse ele a Nabote, "para que me sirva de horta, pois está vizinha, ao pé da minha casa; e te darei por ela outra vinha melhor do que ela, ou, se parece bem aos teus olhos, dar-te-ei a sua valia em dinheiro". 1 Reis 21:2.

Nabote tinha sua vinha em alto valor, porque havia pertencido a seus pais, e recusava partilhá-la. "Guarde-me o Senhor", disse ela a Acabe, "de que eu te dê a herança de meus pais". 1 Reis 21:3. De acordo com o código levítico, nenhuma terra devia ser transferida permanentemente por venda ou troca; "os filhos de Israel se chegarão cada um à herança da tribo de seus pais". Números 36:7.

A recusa de Nabote fez adoecer o monarca egoísta. "Acabe veio desgostoso e indignado a sua casa, por causa da palavra que Nabote,

o jezreelita, lhe falara. [...] E deitou-se na sua cama, e voltou o rosto, e não comeu pão”.

Jezabel, informada logo dos pormenores, e indignando-se de que alguém recusasse o pedido do rei, assegurou a Acabe que ele não precisava mais estar triste. “Governas tu agora no reino de Israel?” [103] disse ela. “Levanta-te, come pão, e alegre-se o teu coração; eu te darei a vinha de Nabote, o jezreelita”.

Acabe não cuidou dos meios pelos quais sua esposa poderia conseguir o desejado objeto, e Jezabel imediatamente deu curso a seu ímpio propósito. Ela escreveu cartas em nome do rei, e selou-as com seu sinete, enviando-as aos anciãos e nobres da cidade em que Nabote residia, dizendo: “Apregoai um jejum, e ponde a Nabote acima do povo. E ponde defronte dele dois homens, filhos de Belial, que testemunhem contra ele, dizendo: Blasfemaste contra Deus e contra o rei. E trazei-o fora, e apedrejai-o para que morra”.

A ordem foi obedecida. “Os homens da sua cidade, os anciãos e os nobres que habitavam na sua cidade, fizeram como Jezabel lhes ordenara, conforme estava escrito nas cartas que lhes mandara”. Então Jezabel foi ao rei, e ordenou-lhe que se levantasse e tomasse posse da vinha. E Acabe, indiferente às conseqüências, cegamente seguiu-lhe o conselho, e desceu para tomar posse da cobiçada propriedade.

Ao rei não foi permitido desfrutar, sem ser incriminado, aquilo que havia alcançado pela fraude e derramamento de sangue. “Então veio a palavra do Senhor a Elias, o tesbita, dizendo: Levanta-te, desce para encontrar-te com Acabe, rei de Israel, que está em Samaria. Eis que está na vinha de Nabote, aonde tem descido para a possuir. E falar-lhe-ás, dizendo: Assim diz o Senhor: Porventura não mataste, e tomaste a herança?” E o Senhor deu a Elias posterior instrução para que pronunciasse sobre Acabe um terrível juízo.

O profeta deu pressa em executar a ordem divina. O governante culpado, encontrando o severo mensageiro de Jeová face a face na vinha, deu voz a seu súbito temor nas palavras: “Já me achaste, inimigo meu?”

Sem hesitação o mensageiro do Senhor replicou: “Achei-te; porquanto já te vendeste para fazeres o que é mau aos olhos do Senhor. Eis que trarei mal sobre ti, e arrancarei a tua posteridade”. Nenhuma misericórdia devia ser mostrada. A casa de Acabe devia

ser totalmente destruída, “como a casa de Jeroboão, filho de Nebate, e como a casa de Baasa, filho de Aías”, declarou o Senhor por intermédio de Seu servo, “por causa da provocação, com que Me provocaste, e fizeste pecar a Israel”.

E a respeito de Jezabel o Senhor declarou: “Os cães comerão a Jezabel junto ao antemuro de Jezreel. Aquele que de Acabe morrer na cidade, os cães o comerão; e o que morrer no campo, as aves do céu o comerão”.

Quando o rei ouviu esta assustadora mensagem, “rasgou os seus vestidos, e cobriu a sua carne de saco, e jejuou; e jazia em saco, e andava mansamente.

“Então veio a Palavra do Senhor a Elias o tesbita, dizendo: Não viste que Acabe se humilha perante Mim? Porquanto, pois, se humilha perante Mim, não trarei este mal nos seus dias, mas nos dias de seu filho trarei este mal sobre a sua casa”. 1 Reis 21:4, 7, 9, 10, 17-29. [104]

Foi menos de três anos mais tarde que o rei Acabe encontrou a morte às mãos dos sírios. Acazias, seu sucessor, “fez o que era mau aos olhos do Senhor; porque andou no caminho de seu pai, como também no caminho de sua mãe, e no caminho de Jeroboão”. “E serviu a Baal, e se inclinou diante dele, e indignou ao Senhor Deus de Israel” (1 Reis 22:52, 53), como seu pai Acabe tinha feito. Mas os juízos seguiram de perto os pecados do rebelde rei. Uma guerra desastrosa com Moabe, e a seguir um acidente em que sua própria vida foi ameaçada, atestaram da ira de Deus contra ele.

Havendo caído “pelas grades de um quarto alto”, Acazias, seriamente ferido, e temeroso de um possível desenlace, enviou alguns de seus servos para inquirirem de Baal-Zebube, deus de Ecrom, se se restabeleceria ou não. Supunha-se que o deus de Ecrom dava informações, através de um médium dentre seus sacerdotes, sobre futuros eventos. Grande número de pessoas ia inquiri-lo sobre isto; mas as predições ali formuladas, e as informações dadas, procediam do príncipe das trevas.

Os servos de Acazias encontraram-se com um homem de Deus, que fê-los retornar ao rei com a mensagem: “Porventura não há Deus em Israel, para irdes consultar a Baal-Zebube, deus de Ecrom? E por isso assim diz o Senhor: Da cama, a que subiste, não descerás,

mas sem falta morrerás”. Havendo dado a sua mensagem, o profeta partiu.

Os admirados servos voltaram depressa ao rei, e repetiram-lhe as palavras do homem de Deus. O rei inquiriu: “Qual era o traje do homem que vos veio ao encontro e vos falou estas palavras?” Eles responderam: “Era um homem vestido de pêlos, e com os lombos cingidos dum cinto de couro”. “É Elias, o tesbita” (2 Reis 1:2-8), exclamou Acazias. Ele sabia que se o desconhecido a quem seus mensageiros tinham encontrado, fosse de fato Elias, as palavras de condenação pronunciadas seguramente se cumpririam. Ansioso por impedir, se possível, o ameaçado juízo, ele determinou mandar vir o profeta.

Duas vezes Acazias enviou uma companhia de soldados para intimidar o profeta, e duas vezes a ira de Deus caiu sobre eles em juízo. A terceira companhia de soldados humilhou-se perante Deus; e seu capitão, ao aproximar-se do mensageiro do Senhor, “pôs-se de joelhos diante de Elias, e suplicou-lhe, e disse-lhe: homem de Deus, seja, peço-te, preciosa aos teus olhos a minha vida, e a vida destes cinqüenta teus servos”.

“Então o anjo do Senhor disse a Elias: Desce com este; não temas. E levantou-se, e desceu com ele ao rei. E disse-lhe: Assim diz o Senhor: Porque enviaste mensageiros a consultar a Baal-Zebube, deus de Ecrom? Porventura é por que não há Deus em Israel, para consultar a Sua palavra? Portanto desta cama, a que subiste, não descerás, mas certamente morrerás”. 1 Reis 1:13-16.

Durante o reinado de seu pai, Acazias tinha testemunhado as maravilhosas obras do Altíssimo. Ele vira as terríveis evidências [105] que Deus havia dado ao apostatado Israel, da maneira como Ele trata os que põem de lado obrigatórios reclamos de Sua lei. Acazias tinha agido como se essas terríveis realidades fossem apenas tolas histórias. Em vez de humilhar seu coração perante o Senhor, ele havia seguido após Baal, e afinal tinha arriscado sobre isto seu mais ousado ato de impiedade. Rebelde e não disposto a arrepender-se, Acazias morreu “conforme a palavra do Senhor, que Elias falara”. 2 Reis 1:17.

A história do pecado do rei Acazias e sua punição traz em si uma advertência que ninguém pode subestimar impunemente. Homens de hoje podem não prestar homenagem a deuses pagãos, contudo

milhares estão adorando no altar de Satanás tão verdadeiramente como o fizera o rei de Israel. O espírito de idolatria predomina no mundo hoje, embora, sob a influência de ciência e educação, tenha assumido formas mais refinadas e atrativas que nos dias em que Acazias procurou o deus de Ecrom. Cada dia acrescenta suas lastimáveis evidências de que a fé na segura Palavra da Profecia está em declínio, e que em seu lugar superstições e satânicos enganos estão cativando a mente de muitos.

Hoje os mistérios do culto pagão são substituídos pelas sessões e associações secretas, ocultismo e maravilhas dos médiuns espíritas. As revelações desses médiuns são avidamente recebidas por milhares que se recusam a aceitar a luz através da Palavra de Deus ou de Seu Espírito. Crentes no espiritismo podem falar com desdém dos mágicos do passado, mas o grande enganador ri triunfante ao se renderem eles a suas artes sob uma forma diferente.

Há muitos que recuam horrorizados ante o pensamento de consultar médiuns espíritas, mas são atraídos por formas mais agradáveis de espiritismo. Outros são levados ao extravio pelos ensinamentos da Ciência Cristã, e pelo misticismo da teosofia e outras religiões orientais.

Os apóstolos de quase todas as formas de espiritismo sustentam possuir poder para curar. Eles atribuem este poder à eletricidade, ao magnetismo, aos assim chamados "remédios de simpatia", ou a forças latentes contidas na mente do homem. E não são poucos, mesmo neste século cristão, os que vão a esses curandeiros, em vez de confiar no poder do Deus vivo e na habilidade de médicos bem qualificados. A mãe, vigiando junto ao leito de seu filhinho enfermo, exclama: "Nada mais posso fazer. Não há médico que tenha poder para restaurar meu filho?" Falam-lhe das maravilhosas curas realizadas por algum curandeiro clarividente ou magnetizador, e ela lhe confia seu ente querido, colocando-o nas mãos de Satanás tão verdadeiramente como se ele estivesse ao seu lado. Em muitos casos a vida futura da criança é controlada por um poder satânico que parece impossível quebrar.

Deus tinha motivos para desgostar-Se ante a impiedade de Acazias. Que não havia Ele feito para conquistar o coração do povo de Israel e inspirar-lhes confiança em Si? Durante séculos Ele estivera [106] dando a Seu povo manifestações de bondade e amor nunca igualados.

Desde o início mostrara que tinha as Suas “delícias com os filhos dos homens”. Provérbios 8:31. Fora um auxílio sempre presente a todos que O buscavam em sinceridade. Contudo o rei de Israel, desviando-se agora de Deus para suplicar ajuda ao pior inimigo de seu povo, proclamava aos pagãos que tinha mais confiança nos seus ídolos do que no Deus do Céu. De igual maneira homens e mulheres desonram-nO quando tornam da Fonte de força e sabedoria para solicitar auxílio ou conselho dos poderes das trevas. Se a ira de Deus foi acesa pelo ato de Acazias, como considera Ele os que, tendo ainda maior luz, escolhem adotar uma conduta semelhante?

Os que se entregam aos enganos de Satanás podem presumir de grandes benefícios recebidos; mas prova isto que sua conduta é sábia ou prudente? Como seria se a vida fosse prolongada? Se vantagens temporais fossem concedidas? Valerá a pena no fim haver desrespeitado a vontade de Deus? Tais lucros aparentes provar-se-ão no final uma perda irreparável. Não podemos derribar impunemente uma única barreira que Deus tenha construído para guardar Seu povo do poder de Satanás.

Como Acazias não tivesse filhos, foi sucedido por Jorão, seu irmão, o qual reinou sobre as dez tribos por doze anos. Durante esses anos sua mãe, Jezabel, ainda viveu, e continuou a exercer sua má influência sobre os negócios da nação. Costumes idólatras eram ainda praticados por muitos dentre o povo. O próprio Jorão “fez o que era mau aos olhos do Senhor; porém não como seu pai, nem como sua mãe, porque tirou a estátua de Baal, que seu pai fizera. Contudo aderiu aos pecados de Jeroboão, filho de Nebate, que fizera pecar a Israel; não se apartou deles”. 2 Reis 3:2, 3.

Foi durante o reinado de Jorão sobre Israel que Josafá morreu, e seu filho, chamado Jeorão, subiu ao trono do reino de Judá. Por seu casamento com a filha de Acabe e Jezabel, Jeorão de Judá estava intimamente associado com o rei de Israel; e em seu reinado seguiu após Baal, “como fazia a casa de Acabe”. “Também fez altos nos montes de Judá, e fez com que se corrompessem os moradores de Jerusalém, e até a Judá impeliu a isso”. 2 Crônicas 21:6, 11.

Ao rei de Judá não foi permitido continuar com sua terrível apostasia sem reprovação. O profeta Elias não havia ainda sido trasladado, e ele não podia permanecer em silêncio enquanto o reino de Judá estava seguindo o mesmo curso que tinha levado o reino

do norte à beira da ruína. O profeta enviou a Jeorão de Judá uma comunicação escrita, em que o ímpio rei leu as terríveis palavras:

"Assim diz o Senhor, Deus de Davi teu pai: Porquanto não andaste nos caminhos de Josafá, teu pai, e nos caminhos de Asa, rei de Judá, mas andaste nos caminhos dos reis de Israel, e fizeste corromper a Judá e aos moradores de Jerusalém, segundo a corrupção da casa de Acabe, e também mataste a teus irmãos, da casa de teu pai, melhores do que tu; eis que o Senhor ferirá com um grande flagelo ao teu povo, e a teus filhos, e às tuas mulheres, e a todas as tuas fazendas. Tu também terás uma grande enfermidade". [107]

Em cumprimento desta profecia, despertou "o Senhor contra Jeorão o espírito dos filisteus e dos arábios, que estão da banda dos etíopes. Estes subiram a Judá, e deram sobre ela, e levaram toda a fazenda, que se achou na casa do rei, como também a seus filhos e a suas mulheres; de modo que lhe não deixaram filho, senão a Jeoacaz, Acazias, Azarias, o mais moço de seus filhos.

"E depois de tudo isto o Senhor o feriu nas suas entranhas com uma enfermidade incurável. E sucedeu que, depois de muitos dias, e chegado que foi o fim de dois anos [...] morreu de más enfermidades". 2 Crônicas 21:12-19. "E Acazias, seu filho, reinou em seu lugar". 2 Reis 8:24.

Jorão, o filho de Acabe, estava ainda reinando no reino de Israel quando seu sobrinho, Acazias, subiu ao trono de Judá. Acazias reinou apenas um ano, e durante este tempo, influenciado por sua mãe, Atalia, "sua conselheira, para obrar impiamente", "andou nos caminhos da casa de Acabe", "e fez o que era mau aos olhos do Senhor". 2 Crônicas 22:3, 4. Jezabel, sua avó, vivia ainda, e ele se aliou ousadamente com Jorão de Israel, seu tio.

Acazias de Judá logo encontrou um trágico fim. Os membros sobreviventes da casa de Acabe foram sem dúvida "seus conselheiros depois da morte de seu pai, para sua perdição". 2 Crônicas 22:3, 4. Enquanto Acazias estava em visita a seu tio em Jezreel, o profeta Eliseu foi divinamente dirigido para que enviasse um dos filhos dos profetas a Ramote-Gileade, a fim de ungir a Jeú como rei de Israel. As forças combinadas de Judá e Israel estavam nessa ocasião empenhadas numa campanha militar contra os sírios de Ramote-Gileade. Jorão havia sido ferido em combate, e retornara a Jezreel, deixando Jeú no comando dos exércitos reais.

Ao ungir Jeú, o mensageiro de Eliseu declarou: "Ungi-te rei sobre o povo do Senhor, sobre Israel". E então solenemente pôs sobre Jeú uma especial comissão do Céu. "E ferirás a casa de Acabe, teu senhor", o Senhor declarou por intermédio de Seu mensageiro, "para que Eu vingue o sangue de Meus servos, os profetas, e o sangue de todos os servos do Senhor, da mão de Jezabel. E toda a casa de Acabe perecerá". 2 Reis 9:6-8.

Depois de haver sido proclamado rei pelo exército, Jeú dirigiu-se apressadamente para Jezreel, onde deu início à obra de execução de todos aqueles que deliberadamente haviam escolhido prosseguir no pecado e levar outros a pecar. Jorão de Israel, Acazias de Judá, e Jezabel, a rainha-mãe, "todos os restantes da casa de Acabe em Jezreel, como também a todos os seus grandes, e os seus conhecidos, [108] e os seus sacerdotes", foram mortos. "Todos os profetas de Baal, todos os seus servos e todos os seus sacerdotes" que habitavam no centro do culto a Baal próximo de Samaria, foram passados a espada. As imagens idólatras foram quebradas e queimadas, e o templo de Baal foi feito em ruínas. E "assim Jeú destruiu a Baal de Israel". 2 Reis 10:11, 19, 28.

Notícias dessa execução geral chegaram até Atalia, filha de Jezabel, que ainda ocupava uma posição de autoridade no reino de Judá. Quando ela viu que seu filho, o rei de Judá, era morto, "levantou-se, e destruiu toda a descendência real". Neste massacre todos os descendentes de Davi que eram elegíveis ao trono foram destruídos, salvo um, uma criança de nome Joás, a quem a esposa de Joiada, o sumo sacerdote, escondeu nas recâmaras do templo. Durante seis anos a criança permaneceu ali escondida, enquanto "Atalia reinava sobre a terra". 2 Reis 10:11, 19, 28.

No fim deste tempo, "os levitas e todo o Judá" (2 Crônicas 23:8) uniram-se com Joiada, o sumo sacerdote, para coroar e ungir o pequeno Joás, aclamando-o rei. "E bateram as mãos, e disseram: Viva o rei". 2 Reis 11:12.

"Ouvindo, pois, Atalia a voz do povo que corria para louvar o rei, veio ao povo à casa do Senhor". "E olhou, e eis que o rei estava junto à coluna, conforme o costume, e os capitães, e as trombetas junto ao rei, e todo o povo da terra estava alegre, e tocava as trombetas".

"Então Atalia rasgou os seus vestidos, e clamou: Traição! Traição!" 2 Reis 11:14. Mas Joiada ordenou a seus oficiais que a aprisi-

onassem e a todos seus seguidores e os tirassem para fora do templo ao lugar da execução, onde deviam ser mortos.

Assim pereceu o último membro da casa de Acabe. O terrível mal que se produzira através de sua aliança com Jezabel continuou até que o último de seus descendentes foi destruído. Mesmo na terra de Judá, onde a adoração ao Deus verdadeiro jamais havia sido posta de lado, Atalia foi bem-sucedida em seduzir a muitos. Imediatamente após a execução da impenitente rainha, "todo o povo da terra entrou na casa de Baal, e a derribaram, como também os seus altares, e as suas imagens totalmente quebraram, e a Matã, sacerdote de Baal, mataram perante os altares". 2 Reis 11:18.

Seguiu-se uma reforma. Os que tomaram parte na aclamação de Joás como rei, tinham combinado solenemente que seriam "o povo do Senhor". E agora que a maléfica influência da filha de Jezabel tinha sido removida do reino de Judá, e os sacerdotes de Baal haviam sido mortos e seu templo destruído, "todo o povo da terra se alegrou, e a cidade repousou". 2 Crônicas 23:16, 21. [109]

Capítulo 17 — O chamado de Eliseu

Deus havia ordenado a Elias que ungisse outro para que fosse profeta em seu lugar. "A Eliseu, filho de Safate [...] ungirás profeta em teu lugar" (1 Reis 19:16), Ele dissera; e em obediência à ordem, Elias saiu em busca de Eliseu. Viajando em direção do norte, quão mudada estava a cena do que havia sido apenas pouco tempo antes Naquele tempo o solo estava crestado, os distritos agrícolas sem serem trabalhados, pois nem orvalho e nem chuva havia caído por três anos e meio. Agora por todos os lados a vegetação despontava, como que para compensar o tempo de sequidão e fome.

O pai de Eliseu era um rico fazendeiro, um homem cuja família estava entre aqueles que em tempo de apostasia quase universal não tinham dobrado os joelhos a Baal. O seu lar era desses onde Deus era honrado, e onde a lealdade à fé do antigo Israel era uma regra da vida diária. Em tal ambiente transcorreram os primeiros anos de vida de Eliseu. Na quietude da vida campestre, sob o ensino de Deus e da natureza e da disciplina do trabalho útil, recebeu ele a educação em hábitos de simplicidade e de obediência a seus pais e a Deus, educação que o ajudou a preparar-se para a alta posição que mais tarde deveria ocupar.

O chamado profético veio a Eliseu enquanto arava o campo com os servos de seu pai. Ele havia assumido o trabalho que estava mais próximo. Possuía ambas as qualidades: de um líder entre os homens e a mansidão de quem está pronto para servir. De espírito quieto e gentil, era não obstante enérgico e firme. Possuía integridade, fidelidade e o amor e temor de Deus; e na humilde rotina da labuta diária, ganhava força de propósito e nobreza de caráter, crescendo constantemente em graça e conhecimento. Enquanto cooperava com seu pai nos deveres do lar, estava aprendendo a cooperar com Deus.

Pela fidelidade em pequenas coisas, Eliseu estava-se preparando para encargos mais pesados. Dia a dia, mediante experiência prática, capacitava-se para uma obra mais ampla e mais alta. Ele aprendeu a servir; e havendo aprendido isto, aprendeu também como instruir e

dirigir. A lição é para todos. Ninguém pode saber qual é o propósito de Deus em Sua disciplina; mas todos podem estar certos de que a fidelidade em pequenas coisas é a evidência da capacidade para responsabilidades maiores. Cada ato da vida é uma revelação do caráter; e unicamente aquele que nos pequenos deveres prova-se um [110] "obreiro que não tem de que se envergonhar" (2 Timóteo 2:15), pode ser honrado por Deus com mais alto serviço.

Aquele que sente não ser de qualquer conseqüência a maneira como realiza suas pequenas tarefas, prova-se incapaz para uma posição mais honrosa. Ele pode imaginar-se inteiramente competente para assumir maiores encargos; mas Deus olha mais no fundo do que na superfície. Depois de testado e provado, está escrita contra ele a sentença: "Pesado foste na balança, e foste achado em falta". Daniel 5:27. Sua infidelidade reage sobre ele mesmo. Ele deixa de obter a graça, o poder, a força de caráter que se recebe mediante entrega sem reservas.

Muitos, por não estarem ligados diretamente a alguma atividade religiosa, acham que sua vida é inútil, que nada estão fazendo para o avançamento do reino de Deus. Se pudessem fazer alguma grande coisa, quão alegremente a empreenderiam! Mas porque só podem servir em pequenas coisas, julgam-se justificados em nada fazer. Erram nisto. Um homem pode estar no serviço ativo de Deus enquanto empenhado nos deveres comuns de cada dia — enquanto derrubando árvores, abrindo clareiras ou indo após o arado. A mãe que educa seus filhos para Cristo está trabalhando para Deus, tão verdadeiramente como o pregador no púlpito.

Muitos anseiam por talento especial com que fazer uma obra maravilhosa, enquanto deveres que estão à mão e cuja realização tornariam a vida fragrante, são perdidos de vista. Tomem tais pessoas as atividades que estão diretamente em seu caminho. O sucesso não depende tanto de talento quanto de energia e boa vontade. Não é a posse de esplêndidos talentos que nos capacita a prestar serviço aceitável; mas a conscienciosa realização dos deveres diários, o espírito contente, o interesse sincero e sem afetação no bem-estar dos outros. Na mais humilde sorte pode ser encontrada verdadeira excelência. As tarefas mais comuns, executadas com amorável fidelidade, são belas à vista de Deus.

Passando Elias, divinamente dirigido na busca de um sucessor, pelo campo que Eliseu estava arando, lançou sobre os ombros do jovem o manto da consagração. Durante a fome, a família de Safate tinha-se relacionado com a obra e missão de Elias; e agora o Espírito de Deus impressionou o coração de Eliseu quanto ao significado do ato do profeta. Isto foi para ele o sinal de que Deus o havia chamado para ser o sucessor de Elias.

"Então deixou ele os bois, e correu após Elias, e disse: Deixa-me beijar a meu pai e a minha mãe, e então te seguirei". "Vai, e volta", foi a resposta de Elias, "porque, que te tenho eu feito?" Isto não era uma repulsa, mas um teste de fé. Eliseu devia considerar o preço — decidir por si mesmo a aceitar ou rejeitar o chamado. Se seus desejos se apegassem ao lar e suas vantagens, ele estava livre para permanecer ali. Mas Eliseu compreendeu o significado do chamado. Sabia que viera de Deus, e não hesitou em obedecer. Não seria por [111] qualquer vantagem terrena que ele iria renunciar à oportunidade de se tornar mensageiro de Deus, ou sacrificar o privilégio da associação com o Seu servo. Ele "tomou uma junta de bois, e os matou, e com os aparelhos dos bois cozeu as carnes, e as deu ao povo, e comeram. Então se levantou e seguiu a Elias, e o servia". 1 Reis 19:20, 21. Sem hesitação deixou um lar onde era amado, para assistir ao profeta em sua vida incerta.

Tivesse Eliseu perguntado a Elias o que se esperava dele — qual seria sua obra — e lhe teria sido respondido: Deus o sabe; Ele o fará conhecido de ti. Se esperares no Senhor, Ele responderá a todas as tuas inquirições. Podes vir comigo, se tens a evidência de que Deus te chamou. Sabe por ti mesmo que Deus me está sustentando, e que é Sua voz que ouves. Se podes considerar todas as coisas como escória, para que possas ganhar o favor de Deus, vem.

Semelhante ao chamado que veio a Eliseu foi a resposta dada por Cristo ao jovem doutor que Lhe fez a pergunta: "Que bem farei para conseguir a vida eterna?" "Se queres ser perfeito", disse Jesus, "vai, vende tudo o que tens, e dá-o aos pobres, e terás um tesouro no Céu; e vem, e segue-Me". Mateus 19:16, 21.

Eliseu aceitou o chamado para o serviço, não lançando um olhar sequer para trás, aos prazeres e confortos que estava deixando. O jovem doutor, quando ouviu as palavras do Salvador, "retirou-se triste, porque possuía muitas propriedades". Mateus 19:22. Ele não

estava disposto a fazer o sacrifício. Seu amor por suas posses era maior que seu amor por Deus. Recusando-se a renunciar tudo por Cristo, ele se provou indigno de um lugar no serviço do Mestre.

O chamado para depor tudo no altar do serviço vem a cada um. Não nos é pedido que sirvamos como Eliseu serviu, nem que vendamos tudo que possuímos; mas Deus nos pede que demos ao Seu serviço o primeiro lugar em nossa vida, e não permitamos se passe um só dia sem que façamos alguma coisa para avançar Sua obra na Terra. Ele não espera de todos a mesma espécie de serviço. Um pode ser chamado a servir em terras estrangeiras; outro pode ser chamado a dar de seus meios para o sustento do evangelho. Deus aceita a oferta de cada um. É a consagração da vida e de todos os seus interesses que é necessário. Os que fazem essa consagração, ouvirão e obedecerão ao chamado do Céu.

A todos que se tornam participantes de Sua graça, o Senhor aponta uma obra a ser feita em favor de outros. Individualmente devemos permanecer em nosso lugar, dizendo: "Eis-me aqui, envia-me a mim". Isaías 6:8. Quer seja um ministro da Palavra ou um médico, quer seja mercador ou fazendeiro, profissional ou mecânico, a responsabilidade repousa sobre ele. Sua obra deve revelar a outros o evangelho de sua salvação. Toda atividade em que se empenhe deve ser um meio para este fim.

Não foi grande a obra de início requerida de Eliseu; deveres comuns ainda constituíam sua disciplina. É dito dele que derramava água nas mãos de Elias, seu mestre. Ele estava disposto a fazer o [112] que fosse que o Senhor ordenasse, e a cada passo aprendia lições de humildade e serviço. Como assistente pessoal do profeta, ele continuou a provar-se fiel nas pequenas coisas, enquanto com diário fortalecimento de propósito devotava-se à missão apontada por Deus.

A vida de Eliseu depois de unir-se a Elias não foi isenta de tentações. Provas ele as teve em abundância; mas em toda emergência confiou em Deus. Foi tentado a pensar no lar que havia deixado, mas não deu guarida a essa tentação. Havendo lançado mão do arado, resolveu não voltar atrás, e através de provações e lutas provou-se fiel a seu encargo.

O ministério compreende muito mais que pregar a Palavra. Significa educar jovens como Elias educou Eliseu, tirando-os de seus deveres comuns e dando-lhes responsabilidades para levarem na

obra de Deus — pequenos encargos a princípio, e maiores na medida em que ganharem força e experiência. Há no ministério homens de fé e oração, homens que podem dizer: O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que temos contemplado, e as nossas mãos tocaram da Palavra da vida; [...] o que vimos e ouvimos, isso vos anunciamos". 1 João 1:1-3. Obreiros jovens, inexperientes, devem ser treinados por trabalho prático em associação com esses experimentados servos de Deus. Assim, aprenderão como levar as cargas.

Os que assumem este treinamento de jovens obreiros estão fazendo um nobre serviço. O Senhor mesmo coopera com seus esforços. E os jovens sobre quem têm sido pronunciadas as palavras de consagração, cujo privilégio é estar em íntima associação com obreiros piedosos e fervorosos, devem aproveitar o máximo de suas oportunidades. Deus os tem honrado por havê-los escolhido para o Seu serviço e por havê-los colocado onde possam alcançar maior habilidade para isto; e eles devem ser humildes, fiéis, obedientes e dispostos para o sacrifício. Se se submeterem à disciplina de Deus, seguindo Suas indicações, e escolhendo Seus servos como seus conselheiros, redundarão em homens justos, firmes, e de princípios elevados, a quem Deus pode confiar responsabilidades.

Ao ser o evangelho proclamado em sua pureza, homens serão chamados do arado e das atividades comerciais comuns que ocupam em grande medida a mente, e serão educados em associação com homens de experiência. Ao aprenderem a trabalhar com eficácia, proclamarão a verdade com poder. Através das mais maravilhosas operações da divina providência, montanhas de dificuldades serão removidas e lançadas no mar. A mensagem que significa tanto para os habitantes da Terra será ouvida e entendida. Os homens saberão o que é a verdade. Para a frente, sempre para a frente a obra avançará, até que toda a Terra tenha sido advertida; e então virá o fim. [113]

Por vários anos após o chamado de Eliseu, este e Elias trabalharam juntos, o mais jovem adquirindo diariamente maior preparo para a sua obra. Elias havia sido o instrumento para a derrota de gigantescos males. A idolatria que, sustentada por Acabe e a pagã Jezabel, tinha seduzido a nação, havia sido decididamente contida. Os profetas de Baal haviam sido mortos. Todo o povo de Israel tinha sido profundamente despertado, e muitos estavam retornando à ado-

ração a Deus. Como sucessor de Elias, Eliseu, mediante instrução cuidadosa e paciente, devia procurar guiar Israel em caminho seguro. Sua associação com Elias, o maior profeta desde Moisés, preparou-o para a obra que deveria logo assumir sozinho.

Durante esses anos de ministério unido, Elias era de tempos em tempos chamado a opor-se a flagrantes males com severa repreensão. Quando o ímpio Acabe apoderou-se da vinha de Nabote, foi a voz de Elias que profetizou sua condenação e a condenação de toda sua casa. E quando Acazias, após a morte de seu pai Acabe, voltou-se do Deus vivo para Baal-Zebube, o deus de Ecrom, foi a voz de Elias que uma vez mais se fez ouvir em veemente protesto.

As escolas dos profetas, estabelecidas por Samuel, tinham entrado em decadência durante os anos da apostasia de Israel. Elias restabeleceu essas escolas, tomando providência para que os jovens adquirissem uma educação que os levasse a engrandecer a lei e fazê-la gloriosa. Três dessas escolas, uma em Gilgal, outra em Betel, e a terceira em Jericó, são mencionadas no registro. Pouco antes de Elias ser levado para o Céu, ele e Eliseu visitaram esses centros de educação. As lições que o profeta de Deus lhes havia propiciado em visitas anteriores, ele as repetiu agora. Especialmente instruiu-os com respeito ao alto privilégio de lealmente manterem obediência ao Deus do Céu. Imprimiu-lhes também na mente a importância de permitirem que a simplicidade marcasse cada aspecto de sua educação. Somente assim poderiam receber a modelagem do Céu, e saírem para trabalhar nos caminhos do Senhor.

O coração de Elias se encheu de júbilo quando viu o que estava sendo alcançado por meio dessas escolas. A obra de reforma não estava completa, mas ele podia verificar através do reino a exatidão da palavra do Senhor: "Também Eu fiz ficar em Israel sete mil: todos os joelhos que se não dobraram a Baal, e toda a boca que o não beijou". 1 Reis 19:18.

Enquanto Eliseu acompanhava o profeta em sua rotineira visita de escola a escola, sua fé e resolução foram uma vez mais provadas. Em Gilgal, e também em Betel e Jericó, ele foi convidado pelo profeta a retornar. "Fica-te aqui", disse Elias, "porque o Senhor me enviou a Betel". 2 Reis 2:2. Mas em seu primitivo trabalho de guiar o arado, Eliseu havia aprendido a não fracassar nem se desencorajar; e agora que havia lançado mão do arado em outro ramo do dever,

não poderia deixar-se desviar de seu propósito. Ele não se afastaria [114] de seu mestre enquanto tivesse oportunidade de conseguir maior capacidade para o serviço. Desconhecida por Elias, a revelação de que estava para ser trasladado fora dada a conhecer aos seus discípulos nas escolas dos profetas, e em particular a Eliseu. E agora o provado servo do homem de Deus conservava-se bem junto a ele. Tantas vezes quantas lhe fora feito o convite para retornar, sua resposta foi: "Vive o Senhor, e vive a tua alma, que te não deixarei".

"E, assim, ambos foram juntos. [...] E eles ambos pararam junto ao Jordão. Então, Elias tomou o seu manto enrolou-o, e feriu as águas, as quais se dividiram para os dois lados; e passaram ambos em seco. Sucedeu, pois, que, havendo eles passado, Elias disse a Eliseu: Pede-me o que queres que te faça, antes que seja tomado de ti". 2 Reis 2:6-9.

Eliseu não pediu honras seculares, ou um lugar elevado entre os grandes homens da Terra. O que ele ambicionava era uma grande medida do Espírito que Deus havia derramado tão abundantemente sobre aquele que estava para ser honrado com a trasladação. Ele sabia que nada a não ser o Espírito que havia repousado sobre Elias, podia capacitá-lo a preencher em Israel o lugar para o qual Deus o havia chamado; assim respondeu: "Peço-te que haja porção dobrada do teu espírito sobre mim". 2 Reis 2:9.

Em resposta a este pedido, Elias disse: "Coisa dura pediste. Se me vires quando for tomado de ti, assim se fará; porém, se não, não se fará. E sucedeu que indo eles andando e falando, eis que um carro de fogo, com cavalos de fogo, os separou um do outro; e Elias subiu ao Céu num redemoinho". 2 Reis 2:1-11.

Elias foi um tipo dos santos que estarão vivendo na Terra por ocasião do segundo advento de Cristo, e que serão "transformados, num momento, num abrir e fechar de olhos, ante a última trombeta" (1 Coríntios 15:51, 52), sem provar a morte. Foi como representante dos santos a serem assim trasladados que, ao aproximar-se o fim do ministério terrestre de Cristo, foi permitido a Elias estar com Moisés ao lado do Salvador no monte da transfiguração. Nesses entes glorificados os discípulos viram em miniatura a representação do reino dos redimidos. Eles contemplaram a Jesus revestido com a luz do Céu; ouviram uma voz que "saiu da nuvem" (Lucas 9:35), reconhecendo-O como o Filho de Deus; viram Moisés representando

os que serão ressuscitados da morte por ocasião do segundo advento; e ali estava também Elias, representando os que, no fim da história terrestre, serão mudados do estado mortal para o imortal, e serão trasladados ao Céu sem ver a morte.

No deserto, em solidão e desencorajamento, Elias dissera que já havia vivido bastante, e orara pedindo a morte. Mas o Senhor em Sua misericórdia não o tomara pela palavra. Grande obra havia ainda para ser feita por Elias; e quando sua obra tivesse terminado, não devia ele ser deixado a perecer em desencorajamento e solidão. Não lhe estava reservado descer à tumba, mas ascender com os anjos de Deus à presença de Sua glória. [115]

"O que vendo Eliseu, clamou: Meu pai, meu pai, carros de Israel e seus cavaleiros! E nunca mais o viu; e, travando dos seus vestidos, os rasgou em duas partes. Também levantou a capa de Elias, que lhe caíra, e feriu as águas, e disse: Onde está o Senhor, Deus de Elias? Então feriu as águas, e se dividiram elas para uma e outra banda, e Eliseu passou. Vendo-o, pois os filhos dos profetas que estavam defronte, em Jericó, disseram: O espírito de Elias repousa sobre Eliseu. E vieram-lhe ao encontro, e se prostraram diante dele em terra". 2 Reis 2:12-15.

Quando o Senhor em Sua providência considera oportuno remover de Sua obra aqueles a quem tem dado sabedoria, Ele ajuda e fortalece seus sucessores, se se voltarem para Ele em busca de auxílio e andarem em Seus caminhos. Podem eles ser mesmo mais sábios que seus predecessores; pois podem tirar proveito de suas experiências e de seus erros adquirir sabedoria.

Daí em diante Eliseu ocupou o lugar de Elias. Aquele que havia sido fiel no mínimo, devia provar-se igualmente fiel no máximo. [116]

Capítulo 18 — As águas purificadas

Nos tempos patriarcais, a campina do Jordão “era toda bem regada [...] como o jardim do Senhor”. Foi neste aprazível vale que Ló escolheu estabelecer seu lar, quando “armou as suas tendas até Sodoma”. Gênesis 13:10, 12. No tempo em que as cidades da planície foram destruídas, a região em redor tornou-se como um desolado ermo, constituindo desde então parte do deserto da Judéia.

Uma porção da bela campina permaneceu, com suas fontes e torrentes vivificantes, para alegrar o coração do homem. Neste vale, rico de campos de cereais e florestas de tamareiras e outras árvores frutíferas, as tribos de Israel tinham acampado depois de cruzar o Jordão, e participavam pela primeira vez dos frutos da terra prometida. Perante eles erguiam-se os muros de Jericó, baluarte pagão, o centro do culto de Astarote, a mais vil e mais degradante de todas as formas cananéias de idolatria. Logo seus muros foram postos abaixo e seus habitantes mortos; e ao tempo de sua queda, foi feita na presença de todo o Israel a solene declaração: “Maldito diante do Senhor seja o homem que se levantar e reedificar esta cidade de Jericó; perdendo o seu primogênito a fundará, e sobre seu filho mais novo lhe porá as portas”. Josué 6:26.

Cinco séculos se passaram. O local jazia desolado, amaldiçoado de Deus. Até mesmo os mananciais que haviam feito residência nesta porção da campina tão desejável, sofreram os efeitos causticantes da maldição. Mas nos dias da apostasia de Acabe, quando foi revivida a influência do culto de Astarote por intermédio de Jezabel, Jericó, a antiga sede desse culto, foi reconstruída, embora a terrível preço para o seu reconstrutor. Hiel, o betelita, “morrendo Abirão, seu primogênito, a fundou, e morrendo Segube, seu último, pôs as suas portas; conforme a palavra do Senhor”. 1 Reis 16:34.

Não muito distante de Jericó, em meio de bosques frutíferos, estava uma das escolas dos profetas; e para lá se dirigiu Eliseu após a ascensão de Elias. Durante sua estada entre eles, os homens da cidade vieram ao profeta, e disseram: “Eis que boa é a habitação

desta cidade, como o meu senhor vê; porém as águas são más, e a terra é estéril". A fonte que nos anos anteriores tinha sido pura e vivificante, e havia contribuído grandemente para suprir a cidade e os seus arredores com água, era agora imprópria para uso. [117]

Em resposta ao apelo dos homens de Jericó, Eliseu disse: "Trazei-me uma salva nova, e ponde nela sal". Havendo recebido isto, "saiu ele ao manancial das águas, e deitou sal nele, e disse: Assim diz o Senhor: Sararei estas águas; não haverá mais nelas morte nem esterilidade". 2 Reis 2:19-21.

A purificação das águas de Jericó foi realizada, não por qualquer sabedoria da parte do homem, mas pela miraculosa interposição de Deus. Aqueles que haviam reconstruído a cidade eram indignos do favor do Céu; contudo Aquele que "faz que Seu Sol se levante sobre maus e bons, e a chuva desça sobre justos e injustos" (Mateus 5:45), achou oportuno neste caso revelar, através do toque de Sua compaixão, Seu desejo de sarar Israel de seus males espirituais.

A restauração fora permanente; "ficaram, pois, sãs aquelas águas até ao dia de hoje, conforme a palavra que Eliseu tinha dito". 2 Reis 2:22. De século a século as águas têm fluído, tornando esta parte do vale um oásis de beleza.

Muitas são as lições espirituais a serem tiradas da história da cura das águas. A salva nova, o sal, o manancial — tudo é altamente simbólico.

Lançando o sal no manancial amargo, Eliseu ensinava a mesma lição espiritual dada séculos mais tarde pelo Salvador a Seus discípulos, quando declarou: "Vós sois o sal da Terra". Mateus 5:13. O sal misturando-se com a fonte poluída purificou suas águas, e levou vida e bênção onde antes havia sequidão e morte. Quando Deus compara Seus filhos ao sal, Ele deseja ensinar-lhes que Seu propósito em fazê-los súditos de Sua graça é que possam tornar-se instrumentos na salvação de outros. O objetivo de Deus em escolher um povo perante todo o mundo, não foi apenas para que pudesse adotá-lo como Seus filhos e filhas, mas para que através deles o mundo pudesse receber a graça que resulta em salvação. Quando o Senhor escolheu Abraão, não foi somente para que ele fosse o especial amigo de Deus, mas um conduto dos privilégios peculiares que o Senhor desejava outorgar às nações.

O mundo necessita de evidências de sincero cristianismo. O veneno do pecado está em operação no coração da sociedade. Cidades e vilas estão mergulhadas em pecado e corrupção moral. O mundo está cheio de enfermidades, sofrimento, iniqüidade. Perto e longe estão almas em pobreza e ansiedade, carregadas com o senso da culpa, e perecendo por falta de uma influência salvadora. O evangelho da verdade é posto sempre perante eles, contudo eles perecem, porque o exemplo dos que deviam ser-lhes um cheiro de vida, é um cheiro de morte. Suas almas bebem amargura, porque as fontes estão envenenadas, quando deviam ser como uma fonte de água que salta para a vida eterna.

O sal deve ser misturado com a substância a que é adicionado; ele precisa penetrar, infundir-se nela, para que esta seja preservada. Assim, é através de associação e contato pessoal que os homens são [118] alcançados pelo poder salvador do evangelho. Eles não são salvos como massas, mas como indivíduos. A influência pessoal é um poder. Ela deve operar com a influência de Cristo, para exaltar onde Cristo exalta, comunicar princípios corretos e deter o progresso da corrupção do mundo. Deve difundir aquela graça que somente Cristo pode repartir. Deve elevar, dulcificar a vida e caráter de outros pelo poder de um exemplo puro, unido a fervente fé e amor.

Do manancial de Jericó até então poluído, o Senhor declarou: "Sararei estas águas; não haverá mais nelas morte nem esterilidade". 2 Reis 2:19-21. A corrente poluída representa a alma que está separada de Deus. O pecado não somente separa de Deus, mas destrói na alma humana tanto o desejo como a capacidade de conhecê-Lo. Através do pecado todo o organismo humano fica transtornado, a mente é pervertida, corrompida a imaginação; as faculdades da alma se degradam. Há ausência de religião pura, de santidade de coração. O poder convertedor de Deus não opera na transformação do caráter. A alma fica debilitada, e por falta de força moral para vencer, é poluída e aviltada.

Para o coração que foi purificado, tudo está mudado. A transformação do caráter é o testemunho para o mundo de que Cristo habita no ser. O Espírito de Deus produz nova vida na alma, levando os pensamentos e os desejos à obediência à vontade de Cristo; e o homem interior é renovado segundo a imagem de Deus. Homens e mulheres fracos e falíveis mostram ao mundo que o poder remidor

da graça faz com que o caráter falho se desenvolva em simetria e abundante fruto.

O coração que recebe a Palavra de Deus não é como um poço que se evapora, nem como uma cisterna rota que não retém suas águas. É como a torrente da montanha, alimentada por fontes permanentes, cujas águas frígidas e borbulhantes saltam de rocha em rocha, refrigerando o cansado, o sedento, o carregado de cargas. É como um rio a fluir constantemente, e que se torna mais profundo e mais amplo à medida que avança, até que suas vivificantes águas se espalham sobre toda a terra. A corrente que rola murmurejando em seu curso, deixa após si a dádiva da vegetação e frutos. A grama na encosta é mais fresca, as árvores mais ricas em verdura, as flores são mais abundantes. Quando a terra fica desnuda e escura sob o escaldante calor do verão, uma linha de verdura assinala o curso do rio.

Assim é com o verdadeiro filho de Deus. A religião de Cristo revela-se como um princípio vitalizante e dominante, uma energia espiritual operante e viva. Quando o coração é aberto à influência celestial da verdade e do amor, esses princípios fluirão de novo como torrentes no deserto, fazendo que apareçam frutos onde agora há esterilidade e penúria.

À medida que os que foram purificados e santificados através do conhecimento da verdade bíblica se empenham de coração na obra de salvação das almas, tornar-se-ão sem dúvida um cheiro de vida para a vida. E ao beberem diariamente das inesgotáveis fontes da graça e conhecimento, verificarão que seu próprio coração está a transbordar com o Espírito de seu Mestre, e que através de seu nobre ministério muitos são beneficiados física, mental e espiritualmente. Os cansados são refrigerados, é restaurada a saúde ao enfermo, e o carregado de pecados é libertado. Em países longínquos ouvem-se ações de graças dos lábios daqueles cujo coração foi convertido do serviço do pecado para a justiça. [119]

"Dai, e ser-vos-á dado" (Lucas 6:38); pois a Palavra de Deus é "a fonte dos jardins, poço das águas vivas, que correm do Líbano". Cânticos 4:15. [120]

Capítulo 19 — Um profeta de paz

Este capítulo é baseado em 2 Reis 4.

A obra de Eliseu como profeta foi de algum modo muito diferente da de Elias. A Elias haviam sido confiadas mensagens de condenação e juízo; sua voz era de destemida reprovação, chamando rei e povo a voltarem de seus maus caminhos. A missão de Eliseu era mais pacífica; devia desenvolver e fortalecer a obra que Elias havia iniciado; ensinar ao povo o caminho do Senhor. A inspiração pinta-o como entrando em contato pessoal com o povo; rodeado pelos filhos dos profetas; produzindo cura e júbilo por intermédio de seus milagres e seu ministério.

Eliseu era um homem de espírito brando e bondoso; mas que podia também ser severo é mostrado pela maldição que lançou quando, a caminho de Betel, foi escarnecido por rapazes ímpios que haviam saído da cidade. Esses rapazes tinham ouvido da ascensão de Elias, e fizeram deste solene acontecimento o assunto de seus motejos, dizendo a Eliseu: "Sobe, calvo; sobe, calvo." Ao som de suas zombeteiras palavras o profeta voltou-se, e sob a inspiração do Todo-poderoso pronunciou uma maldição sobre eles. O terrível juízo que se seguiu foi de Deus. "Então duas ursas saíram do bosque, e despedaçaram quarenta e dois daqueles pequenos". 2 Reis 2:23, 24.

Tivesse Eliseu permitido que a zombaria passasse despercebida, e teria continuado a ser ridicularizado e insultado pela turba, e sua missão para instruir e salvar em um tempo de grave perigo nacional poderia ter sido derrotada. Este único exemplo de terrível severidade foi suficiente para exigir respeito pelo resto de sua vida. Durante cinqüenta anos ele entrou e saiu pelas portas de Betel, e andou de um para outro lado em sua terra, de cidade em cidade, passando pelo meio de multidões indolentes, rudes e dissolutas de jovens; mas nenhum o injuriou ou fez caso omisso de suas qualificações como profeta do Altíssimo.

Até mesmo a bondade deve ter seus limites. A autoridade deve ser mantida mediante firme severidade, ou será recebida por muitos com zombaria e desdém. A assim chamada tolerância, lisonja, e indulgência, usadas para com a juventude por pais e responsáveis, é um dos piores males que lhes pode sobrevir. Em toda família, firmeza, decisão, exigências positivas, são essenciais.

A reverência, que faltava aos jovens que zombaram de Eliseu, é uma graça que deve ser cuidadosamente acariciada. Cada criança deve ser ensinada a mostrar verdadeira reverência para com Deus. [121] Jamais deve o Seu nome ser pronunciado leviana ou irrefletidamente. Anjos, ao pronunciarem aquele nome, velam o rosto. Com que reverência não devemos nós, que somos caídos e pecadores, tomá-lo em nossos lábios!

Deve-se mostrar respeito para com os representantes de Deus — pastores, professores, pais, os quais são chamados para falarem e agirem em Seu lugar. No respeito que lhes é manifestado, Deus é honrado.

A cortesia, também, é uma das graças do Espírito, e deve ser cultivada por todos. Ela tem poder para abrandar as naturezas que sem ela se desenvolveriam desgraciosas e rudes. Os que professam ser seguidores de Cristo, e são ao mesmo tempo ríspidos, desamáveis e descorteses, não têm aprendido de Jesus. Sua sinceridade pode não ser passível de dúvida, sua retidão pode ser indiscutível; mas sinceridade e retidão não se harmonizam com falta de bondade e de cortesia.

O espírito de bondade que habilitou Eliseu a exercer uma poderosa influência sobre a vida de muitos em Israel, é revelado na história de sua fraternal relação com a família de Suném. Em seu jornadear para um e outro lado através do reino, "sucedeu também um dia que, indo Eliseu a Suném, havia ali uma mulher rica, a qual o reteve a comer pão; e sucedeu que todas as vezes que passava, ali se dirigia a comer pão". A senhora da casa percebeu que Eliseu era "um santo homem de Deus", e disse a seu marido: "Façamos-lhe, pois, um pequeno quarto junto ao muro, e ali lhe ponhamos uma cama, e uma mesa, e uma cadeira e um candeeiro; e há de ser que, vindo ele a nós, para ali se retirará". 2 Reis 4:8-10. Para este retiro Eliseu muitas vezes se dirigiu, agradecido por sua quietude e paz. E Deus não Se esqueceu da bondade da mulher. Aquele tinha sido um

lar sem filhos; e agora o Senhor recompensou-lhe a hospitalidade dando-lhe um filho.

Passaram-se os anos. A criança alcançou idade suficiente para sair aos campos com os segadores. Um dia ela foi vitimada pelo calor, "e disse a seu pai: Ai, a minha cabeça ai, a minha cabeça" O pai mandou que um moço levasse a criança a sua mãe; "e ele o tomou, e o levou a sua mãe; e esteve sobre os seus joelhos até ao meio-dia, e morreu. E subiu ela, e o deitou sobre a cama do homem de Deus, e fechou sobre ele a porta, e saiu". 2 Reis 4:19-21.

Em sua aflição, a sunamita se dispôs a ir em busca do auxílio de Eliseu. O profeta estava então no Monte Carmelo; e a mulher, acompanhada por um servo, partiu imediatamente. "E sucedeu que, vendo-a o homem de Deus de longe, disse a Geazi, seu moço: Eis aí a sunamita. Agora, pois, corre-lhe ao encontro e dize-lhe: Vai bem contigo? Vai bem com teu marido? Vai bem com teu filho?" O servo fez como lhe fora ordenado, mas só depois de ter-se encontrado com Eliseu, é que a mãe amargurada revelou a causa de sua tristeza. Ouvindo de sua perda, Eliseu ordenou a Geazi: "Cinge os teus [122] lombos, e toma o meu bordão na tua mão, e vai. Se encontrares alguém, não o saúdes, e se alguém te saudar, não lhe respondas; e põe o meu bordão sobre o rosto do menino."

Mas a mãe não se satisfez enquanto Eliseu em pessoa não fosse com ela. "Vive o Senhor, e vive a tua alma, que não te hei de deixar", declarou ela. "Então ele se levantou, e a seguiu. E Geazi passou adiante deles, e pôs o bordão sobre o rosto do menino; porém não havia nele voz nem sentido. E voltou a encontrar-se com ele, e lhe trouxe aviso, dizendo: Não despertou o menino."

Quando eles alcançaram a casa, Eliseu entrou no aposento onde a criança jazia morta, "e fechou a porta sobre eles ambos, e orou ao Senhor. E subiu, e deitou-se sobre o menino, e, pondo a sua boca sobre a boca dele, e os seus olhos sobre os olhos dele, e as suas mãos sobre as mãos dele, se estendeu sobre ele; e a carne do menino aqueceu. Depois voltou, e passeou naquela casa de uma parte para a outra, e tornou a subir, e se estendeu sobre ele; então o menino espirrou sete vezes, e o menino abriu os olhos".

Chamando Geazi, Eliseu lhe ordenou que chamasse a mãe do menino. "E veio a ele. E disse: Toma o teu filho. E veio ela, e se

prostrou a seus pés, e se inclinou à terra; e tomou o seu filho, e saiu”. 2 Reis 4:25-37.

Assim foi recompensada a fé desta mulher. Cristo, o grande Doador da vida, restaurou-lhe o filho. De igual maneira os Seus fiéis serão recompensados quando, em Sua vinda, a morte perder o seu aguilhão, e à sepultura for roubada a vitória que tem pretendido. Então Ele restaurará a Seus servos os filhos que a morte lhes tomou. “Assim diz o Senhor: Uma voz se ouviu em Ramá, lamentação, choro amargo; Raquel chora seus filhos, sem admitir consolação por eles, porque já não existem. Assim diz o Senhor: Reprime a tua voz de choro, e as lágrimas dos teus olhos; porque há galardão para o teu trabalho, diz o Senhor, pois eles voltarão da terra do inimigo. E há esperança no derradeiro fim para os teus descendentes, diz o Senhor, porque teus filhos voltarão para os seus termos”. Jeremias 31:15-17.

Jesus conforta nossa tristeza pelos mortos com uma mensagem de infinita esperança: “Eu os remirei da violência do inferno, e os resgatarei da morte. Onde estão, ó morte, as tuas pragas? Onde está, ó inferno, a tua perdição?” Oséias 13:14. “Eu sou [...] o que vivo e fui morto, mas eis aqui, estou vivo para todo o sempre [...] e tenho as chaves da morte e do inferno”. Apocalipse 1:17, 18. “Porque o mesmo Senhor descerá do Céu com alarido, e com voz de arcanjo, e com a trombeta de Deus; e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro. Depois nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens, a encontrar o Senhor nos ares, e assim estaremos para sempre com o Senhor”. 1 Tessalonicenses 4:16, 17.

Como o Salvador da humanidade, de quem foi um tipo, Eliseu em seu ministério entre os homens, combinou o trabalho de curar com o de ensinar. Fielmente, incansavelmente, através de seu longo e eficaz labor, Eliseu esforçou-se por nutrir e fazer avançar a importante obra educacional conduzida pelas escolas dos profetas. Na providência de Deus, suas palavras de instrução aos fervorosos grupos de jovens reunidos eram confirmadas por profundas manifestações do Espírito Santo, e às vezes por outras inconfundíveis evidências de sua autoridade como servo de Jeová. [123]

Foi por ocasião de uma dessas visitas à escola estabelecida em Gilgal, que ele sarou a panela envenenada. “Havia fome naquela terra; e os filhos dos profetas estavam assentados na sua presença. E

disse ao seu moço: Põe a panela grande ao lume, e faze um caldo de ervas para os filhos dos profetas. Então um saiu ao campo a apanhar ervas, e achou uma parra brava, e colheu dela a sua capa cheia de coloquíntidas; e veio, e as cortou na panela do caldo, porque as não conheciam. Assim tiraram de comer para os homens. E sucedeu que, comendo eles daquele caldo, clamaram e disseram: Homem de Deus, há morte na panela. Não puderam comer. Porém ele disse: Trazei, pois, farinha. E deitou-a na panela, e disse: Tirai de comer para o povo. Então não havia mal nenhum na panela". 2 Reis 4:38-41.

Em Gilgal, ainda, enquanto perdurava a penúria na terra, Eliseu alimentou cem homens com o presente a ele levado por "um homem de Baal-Salisa", presente que constava de "pães das primícias, vinte pães de cevada, e espigas verdes na sua palha". Havia com ele os que estavam em cruel necessidade de alimento. Quando chegou essa oferta, ele disse a seu servo: "Dá ao povo, para que coma. Porém seu servo disse: Como hei de eu pôr isto diante de cem homens? E disse ele: Dá ao povo para que coma; porque assim diz o Senhor: Comer-se-á, e sobejará. Então lhes pôs diante, e comeram, e deixaram sobejos, conforme a palavra do Senhor". 2 Reis 4:42-44.

Que condescendência da parte de Cristo, operar através de Seu mensageiro esse milagre a fim de saciar a fome! Uma e outra vez a partir de então, embora nem sempre de maneira tão marcante e notável, tem o Senhor Jesus operado para suprir a necessidade humana. Se tivéssemos mais claro discernimento espiritual, reconheceríamos mais prontamente do que o temos feito o trato compassivo de Deus com os filhos dos homens.

É a graça de Deus sobre a pequena porção que a torna absolutamente suficiente. A mão de Deus pode multiplicá-la ao cêntuplo. De Seus recursos Ele pode estender uma mesa no deserto. Pelo toque de Sua mão Ele pode fazer avultar a minguada provisão, tornando-a suficiente para todos. Foi Seu poder que multiplicou os pães e as espigas nas mãos dos filhos dos profetas.

Nos dias do ministério terrestre de Cristo, quando Ele realizou um milagre semelhante na alimentação de multidões, a mesma incredulidade foi manifestada como a dos que estavam associados ao profeta do passado. "Como hei de pôr isto diante de cem homens?" [124] disse o servo de Eliseu. E quando Jesus ordenou a Seus discípulos que dessem de comer à multidão, eles objetaram: "Não temos senão

cinco pães e dois peixes; salvo se nós próprios formos comprar comida para todo este povo”. Lucas 9:13. Que é isto para tantos?

A lição é para os filhos de Deus em todas as eras. Quando o Senhor dá um trabalho para ser feito, não se detenham os homens a inquirir da plausibilidade da ordem ou o provável resultado de seus esforços antes de obedecer. O suprimento em suas mãos pode parecer muito aquém das necessidades a serem supridas; mas nas mãos do Senhor ele se provará mais que suficiente. O servo “lhes pôs diante, e comeram, e deixaram sobejos, conforme a palavra do Senhor”. 2 Reis 4:44.

Mais elevado senso das relações de Deus para com aqueles a quem Ele comprou com a dádiva de Seu Filho, maior fé no progresso de Sua causa na Terra — eis a grande necessidade da igreja hoje. Que ninguém gaste tempo em deplorar a escassez de seus recursos visíveis. As aparências podem não ser prometedoras; mas energia e confiança em Deus desenvolverão recursos. Ele multiplicará por Sua bênção a dádiva que Lhe é levada com gratidão e oração, como multiplicou o alimento dado aos filhos dos profetas e à multidão cansada. [125]

Capítulo 20 — Naamã

Este capítulo é baseado em 2 Reis 5.

E Naamã, chefe do exército do rei da Síria, era um grande homem diante do seu senhor, e de muito respeito, porque por ele o Senhor dera livramento aos sírios; e era este varão homem valoroso, porém leproso".

Ben-Hadade, rei da Síria, havia derrotado os exércitos de Israel na batalha em que resultou a morte de Acabe. Desde esse tempo os sírios tinham mantido contra Israel uma constante guerrilha; e numa de suas incursões, levaram prisioneira uma menina que, na terra do seu cativeiro, "ficou ao serviço da mulher de Naamã". Uma escrava distante do lar, esta pequena jovem era não obstante uma das testemunhas de Deus, cumprindo inconscientemente o propósito pelo qual Deus havia escolhido Israel como Seu povo. Enquanto servia nesse lar pagão, suas simpatias foram despertadas em favor de seu amo; e, lembrando os maravilhosos milagres de cura operados por Eliseu, ela disse a sua senhora: "Oxalá que o meu senhor estivesse diante do profeta que está em Samaria; ele o restauraria da sua lepra". Ela sabia que o poder do Céu estava com Eliseu, e cria que por este poder Naamã seria curado.

A conduta da menina cativa, a maneira como se comportou neste lar pagão, é um forte testemunho do poder dos primeiros ensinamentos do lar. Não há mais alto encargo do que o confiado aos pais e mães no cuidado e educação de seus filhos. Os pais têm que tratar com os próprios fundamentos de hábito e caráter. Por seu exemplo e ensino é o futuro de seus filhos em grande medida decidido.

Felizes são os pais cuja vida é um verdadeiro reflexo da divindade, de maneira que as promessas e ordens de Deus despertem na criança gratidão e reverência; os pais cuja ternura e justiça e longanimidade interpretam para a criança o amor e a justiça e a longanimidade de Deus; que ensinam a criança a amá-los e obedecer-lhes,

estão ensinando-as a amar ao Pai do Céu, a obedecer-Lhe e nEle confiar. Os pais que repartem com o filho tal dom o estão dotando com um tesouro mais precioso que as riquezas de todos os séculos — um tesouro tão perdurável como a eternidade.

Nós não sabemos em que setor nossos filhos poderão ser chamados a servir. Eles podem despender sua vida no círculo do lar; podem empenhar-se nas ocupações comuns da vida, ou ir a terras pagãs como ensinadores do evangelho; mas todos são igualmente chamados como missionários para Deus, ministros de misericórdia para o mundo. Devem obter uma educação que os ajude a permanecer ao lado de Cristo em abnegado serviço. [126]

Os pais da menina hebréia, ao ensinar-lhe a respeito de Deus, não sabiam o destino que lhe tocaria. Mas foram fiéis em seu ofício; e no lar do capitão do exército sírio, sua filha testemunhou do Deus a quem tinha aprendido a honrar.

Naamã ouvira a respeito das palavras que a menina dissera a sua senhora; e obtendo permissão do rei, saiu em busca da cura, tomando consigo "dez talentos de prata, e seis mil siclos de ouro e dez mudas de vestidos". Levou também uma carta do rei da Síria ao rei de Israel, na qual estava escrita a mensagem: "Eu te enviei Naamã, meu servo, para que o restaures da sua lepra". Quando o rei de Israel leu a carta, "rasgou os seus vestidos, e disse: Sou eu Deus, para matar e para vivificar, para que este envie a mim, para eu restaurar a um homem da sua lepra? Pelo que deveras notai, peço-vos, e vede que busca ocasião contra mim".

Notícias do acontecimento chegaram até Eliseu, e ele mandou uma mensagem ao rei, dizendo: "Por que rasgaste os teus vestidos? Deixa-o vir a mim, e saberá que há profeta em Israel".

"Veio, pois, Naamã com os seus cavalos, e com o seu carro, e parou à porta da casa de Eliseu". Por intermédio de um mensageiro o profeta ordenou-lhe: "Vai, e lava-te sete vezes no Jordão, e a tua carne te tornará, e ficarás purificado". 2 Reis 5:1-10.

Naamã havia esperado ver alguma maravilhosa manifestação do poder do Céu. "Eis que eu dizia comigo", confessou ele, "certamente ele sairá, e pôr-se-á em pé, e invocará o nome do Senhor seu Deus, e passará a sua mão sobre o lugar, e restaurará o leproso". Quando se lhe ordenou que se lavasse no Jordão, seu orgulho foi ferido, e em mortificação e desapontamento exclamou: "Não são porventura,

Abana e Farfar, rios de Damasco, melhores do que todas as águas de Israel? Não me poderia eu lavar nelas, e ficar purificado? E voltou-se, e se foi com indignação".

O orgulhoso espírito de Naamã rebelou-se contra o seguir o caminho indicado por Eliseu. Os rios mencionados pelo capitão sírio eram embelezados por circundantes bosques, e muitos acorriam às margens dessas deleitáveis correntes para adorar seus ídolos. A Naamã não custaria grande humilhação descer a uma dessas águas. Mas era unicamente seguindo as específicas indicações do profeta, que ele poderia alcançar a cura. Somente voluntária obediência traria o resultado desejado.

Os servos de Naamã insistiram com ele para que pusesse em prática as indicações de Eliseu. "Se o profeta te dissera alguma grande coisa, porventura não o farias?" apelaram eles. "Quanto mais, dizendo-te ele: Lava-te, e ficarás purificado". A fé de Naamã estava sendo provada, enquanto o orgulho lutava por predominar. Mas a fé triunfou, e o arrogante sírio submeteu o orgulhoso coração, [127] e curvou-se em submissão à vontade revelada de Jeová. Sete vezes ele mergulhou no Jordão, "conforme a palavra do homem de Deus". E sua fé foi honrada; "e a sua carne tornou como a carne dum menino, e ficou purificado".

Profundamente grato, "voltou ao homem de Deus, ele e toda a sua comitiva", com o reconhecimento: "Eis que tenho conhecido que em toda a Terra não há Deus senão em Israel". 2 Reis 5:11-15.

Conforme o costume da época, Naamã pedia agora a Eliseu que aceitasse um custoso presente. Mas o profeta recusou. Não devia ele receber pagamento pela bênção que graciosamente Deus havia outorgado. "Vive o Senhor", disse, "em cuja presença estou, que a não tomarei". O sírio insistiu com ele, "mas ele recusou".

"E disse Naamã: Seja assim; contudo dê-se a este teu servo uma carga de terra dum jugo de mulas; porque nunca mais oferecerá este teu servo holocausto nem sacrifício a outros deuses, senão ao Senhor. Nisto perdoe o Senhor a teu servo: Quando meu senhor entra na casa de Rimom para ali adorar, e ele se encosta na minha mão, e eu também me tenha de encurvar na casa de Rimom, nisto perdoe o Senhor a teu servo". "E ele lhe disse: Vai em paz. E foi-se dele a uma pequena distância". 2 Reis 4:16-18.

Geazi, servo de Eliseu, tivera oportunidade, durante anos, para desenvolver o espírito de abnegação que caracterizava a vida de labores de seu mestre. Fora seu privilégio tornar-se um nobre porta-bandeira no exército do Senhor. Os melhores dons do Céu por muito tempo haviam estado ao seu alcance; contudo, voltando-lhes as costas, ao contrário cobiçara o brilho falso das riquezas mundanas. E agora os ocultos anseios do seu espírito avaro levaram-no a render-se a uma dominante tentação. “Eis”, raciocinou consigo, “que meu senhor impediu a este sírio Naamã que da sua mão se desse alguma coisa do que trazia; porém [...] hei de correr atrás dele, e tomar dele alguma coisa”. E assim em segredo “foi Geazi em alcance de Naamã”.

“E Naamã, vendo que corria atrás dele, saltou do carro a encontrá-lo, e disse-lhe: Vai tudo bem? E ele disse: Tudo vai bem”. Então Geazi proferiu uma deliberada mentira. “Meu senhor”, disse ele, “me mandou dizer: Eis que agora mesmo vieram a mim dois mancebos dos filhos dos profetas da montanha de Efraim; dá-lhes, pois, um talento de prata e duas mudas de vestidos”. Naamã alegremente concordou com esta solicitação, empenhando-se com Geazi para que levasse dois talentos de prata em vez de um, “com duas mudas de vestidos”, e ordenou a seus servos para que levassem o tesouro.

Ao aproximar-se Geazi da casa de Eliseu, despediu os servos, e escondeu a prata e os vestidos. Isto feito, “entrou, e pôs-se diante de seu senhor”; e, para abrigar-se de censura, proferiu segunda mentira. Em resposta à indagação do profeta: “Donde vens, Geazi?” ele respondeu: “Teu servo não foi nem a uma nem a outra parte”. [128]

Então veio a severa denúncia, mostrando que Eliseu sabia de tudo. “Porventura não foi contigo o meu coração”, disse ele, “quando aquele homem voltou de sobre o seu carro, a encontrar-te? Era isto ocasião para tomares prata, e para tomares vestidos, e olivais, e vinhas, e ovelhas, e bois e servos e servas? Portanto a lepra de Naamã se pegará a ti e à tua semente para sempre. Então saiu de diante dele leproso, branco como neve”. 2 Reis 5:20-27.

Solenes são as lições ensinadas por esta experiência de uma pessoa a quem tinham sido dados altos e santos privilégios. A conduta de Geazi fora de molde a colocar uma pedra de tropeço no caminho de Naamã, sobre cuja mente havia incidido maravilhosa luz, e que

estava favoravelmente disposto para a adoração do Deus vivo. Para o engano praticado por Geazi não podia haver qualquer desculpa. Até o dia de sua morte ele permaneceu leproso, amaldiçoado por Deus e evitado por seus semelhantes.

"A falsa testemunha não ficará inocente, e o que profere mentiras não escapará". Provérbios 19:5. Os homens podem pensar esconder suas más práticas aos olhos humanos; mas não podem enganar a Deus. "Todas as coisas estão nuas e patentes aos olhos dAquele com quem temos de tratar". Hebreus 4:13. Geazi pensava enganar Eliseu, mas Deus revelou a Seu profeta as palavras que Geazi havia dito a Naamã, bem como todo o pormenor da cena que tivera lugar entre os dois homens.

A verdade é de Deus; o engano em suas variadas formas é de Satanás; e quem quer que de qualquer forma se afaste da linha reta da verdade, está-se entregando a si mesmo ao poder de Satanás. Os que têm aprendido de Cristo não se comunicarão "com as obras infrutuosas das trevas". Efésios 5:11. No falar, como no viver, serão simples, retos e verdadeiros; pois estão-se preparando para o companheirismo com os santos em cuja boca não se achou engano. Apocalipse 14:5.

Séculos depois de haver Naamã retornado a sua pátria, curado no corpo e no espírito, sua maravilhosa fé foi referida e louvada pelo Salvador como uma lição objetiva para todo aquele que professa servir a Deus. "Muitos leprosos havia em Israel no tempo do profeta Eliseu", o Salvador declarou, "e nenhum deles foi purificado, senão Naamã, o sírio". Lucas 4:27. Deus passou por alto a muitos leprosos em Israel, porque sua incredulidade lhes fechou a porta do benefício. Um nobre pagão que havia sido fiel a suas convicções do direito, e que sentira necessidade de auxílio, foi à vista de Deus mais digno de Sua bênção do que os afligidos em Israel, que haviam subestimado e menosprezado os privilégios que lhes haviam sido dados por Deus. Deus opera em benefício dos que apreciam Seus favores e respondem à luz que lhes é dada do Céu.

Há hoje em cada terra os que são honestos de coração, e sobre esses a luz do Céu está brilhando. Se eles continuarem fiéis em [129] seguir o que entendem ser o dever, ser-lhes-á dada luz adicional, até que, como Naamã no passado, sejam constrangidos a reconhecer que "em toda a Terra não há Deus", senão o Deus vivo, o Criador.

A toda alma sincera “quando andar em trevas e não tiver luz nenhuma”, é feito o convite: “Confie no nome do Senhor e firme-se sobre o seu Deus”. Isaías 50:10. “Porque desde a antiguidade não se ouviu, nem com ouvidos se percebeu, nem com os olhos se viu um Deus além de Ti, que trabalhe para aquele que nEle espera. Saíste ao encontro daquele que se alegrava e praticava justiça, daqueles que se lembram de Ti nos Teus caminhos”. Isaías 64:4, 5. [130]

Capítulo 21 — O fim do ministério de Eliseu

Chamado ao ofício de profeta enquanto Acabe ainda reinava, Eliseu vivera o suficiente para ver muitas mudanças tomarem lugar no reino de Israel. Juízo sobre juízo, haviam alcançado os israelitas durante o reinado de Hazael, o sírio, que fora ungido para ser o aguilhão da nação apostatada. As severas medidas de reforma instituídas por Jeú tinham resultado no extermínio de toda a casa de Acabe. Em contínuas guerras com os sírios, Jeoacaz, sucessor de Jeú, tinha perdido algumas das cidades a leste do Jordão. Por algum tempo isto pareceu como se os sírios fossem tomar inteiro controle do reino. Mas a reforma começada por Elias e prosseguida por Eliseu tinha levado muitos a buscarem a Deus. Os altares de Baal estavam sendo abandonados, e lenta mas seguramente os propósitos de Deus iam-se cumprindo na vida dos que haviam escolhido servi-Lo de todo o coração.

Foi por causa de Seu amor pelo extraviado Israel que Deus permitiu aos sírios afligi-los. Foi por Sua compaixão para com aqueles cujo poder moral estava debilitado, que ele despertou Jeú para exterminar a ímpia Jezabel e toda a casa de Acabe. Uma vez mais, através de misericordiosa providência, os sacerdotes de Baal e Astarote foram postos de lado, e seus altares pagãos subvertidos. Deus em Sua sabedoria previu que se a tentação fosse removida, alguns abandonariam o paganismo, e voltariam a face para o Céu; e foi por isto que Ele permitiu que calamidade após calamidade caísse sobre eles. Seus juízos foram temperados com misericórdia; e quando Seu propósito foi cumprido, Ele fez refluir a maré em favor dos que haviam aprendido a buscá-Lo.

Enquanto influências para o bem e para o mal estavam disputando a supremacia, e Satanás procurando fazer tudo em seu poder para completar a ruína produzida durante o reinado de Acabe e Jezabel, Eliseu continuava a dar seu testemunho. Teve que enfrentar a oposição, mas nada pôde impugnar-lhe as palavras. Foi honrado e venerado através do reino. Muitos vieram a ele em busca de con-

selho. Enquanto Jezabel vivia ainda, Jorão, o rei de Israel, buscou seu conselho; e uma vez, estando em Damasco, ele foi visitado por mensageiros de Ben-Hadade, rei da Síria, que desejava saber se a enfermidade que então o possuía resultaria em morte. A todos o [131] profeta deu fiel testemunho, num tempo quando, de todos os lados, a verdade estava sendo pervertida, e a grande maioria do povo estava em aberta rebelião contra o Céu.

E Deus jamais abandonou Seu mensageiro escolhido. Uma ocasião, durante a invasão síria, o rei da Síria procurou destruir Eliseu, em vista de sua atividade em alertar o rei de Israel quanto aos planos do inimigo. O rei da Síria havia-se aconselhado com seus servos, dizendo: "Em tal e em tal lugar estará o meu acampamento". Este plano foi revelado pelo Senhor a Eliseu, que "enviou ao rei de Israel, dizendo: Guarda-te de passares por tal lugar, porque os sírios desceram ali. Pelo que o rei de Israel enviou àquele lugar, de que o homem de Deus lhe falara, e de que o tinham avisado, e se guardou ali, não uma nem duas vezes.

"Então se turbou com este incidente o coração do rei da Síria, e chamou os seus servos, e lhes disse: Não me fareis saber quem dos nossos é pelo rei de Israel? E disse um dos seus servos: Não, ó rei meu senhor; mas o profeta Eliseu, que está em Israel, faz saber ao rei de Israel as palavras que tu falas na tua câmara de dormir".

Disposto a se desembaraçar do profeta, o rei da Síria ordenou: "Vai, e vê onde ele está, para que envie, e mande trazê-lo". O profeta estava em Dotã; e, ouvindo isto, o rei "enviou para lá cavalos, e carros, e um grande exército, os quais vieram de noite, e cercaram a cidade. E o moço do homem de Deus se levantou mui cedo, e saiu, e eis que um exército tinha cercado a cidade com cavalos e carros".

Aterrado, o servo de Eliseu procurou-o com a notícia: "Ai, meu senhor, que faremos?" disse ele. "Não temas"; foi a resposta do profeta, "porque mais são os que estão conosco do que os que estão com eles". 2 Reis 6:16. E então, para que o servo pudesse conhecer isto por si mesmo, "orou Eliseu e disse: Senhor, peço-Te que lhe abras os olhos, para que veja. E o Senhor abriu os olhos do moço, viu; e eis que o monte estava cheio de cavalos e carros de fogo, em redor de Eliseu". 2 Reis 6:17. Entre o servo de Deus e a multidão dos inimigos armados estava um grupo circundante de anjos celestiais. Eles tinham vindo com grande poder, não para destruir, não para

reclamar homenagem, mas para acampar em torno e ministrar aos desajudados e fracos servos do Senhor.

Quando o povo de Deus é posto em condições de dificuldades, e aparentemente não há escape para eles, somente o Senhor deve ser sua dependência.

Avançando a companhia de soldados sírios ousadamente, ignorante da presença dos invisíveis anjos do Céu, "Eliseu orou ao Senhor, e disse: Fere, peço-Te, esta gente de cegueira. E feriu-a de cegueira, conforme a palavra de Eliseu. Então Eliseu lhes disse: Não é este o caminho, nem é esta a cidade; segui-me, e guiar-vos-ei ao [132] homem que buscais. E os guiou a Samaria". 2 Reis 6:8-19.

"E sucedeu que, chegando eles a Samaria, disse Eliseu: Ó Senhor, abre a estes os olhos para que vejam. O Senhor lhes abriu os olhos, para que vissem, e eis que estavam no meio de Samaria. E, quando o rei de Israel os viu, disse a Eliseu: Feri-los-ei, feri-los-ei, meu pai? Mas ele disse: Não os ferirás; feririas tu os que tomasses prisioneiros com a tua espada e com o teu arco? Põe-lhes diante pão e água, para que comam e bebam, e se vão para seu senhor. E apresentou-lhes um grande banquete, e comeram e beberam; e os despediu e foram para seu senhor". 2 Reis 6:20-22.

Depois disso Israel ficou livre por algum tempo dos ataques dos sírios. Porém mais tarde, sob a enérgica administração de um determinado rei, Hazael (neto do Hazael que havia sido ungido como aguilhoador de Israel), os exércitos sírios cercaram Samaria, sitiando-a. Nunca Israel havia sido levado a situação de tão grande dificuldade como durante este cerco. Os pecados dos pais estavam sem dúvida sendo visitados sobre os filhos e os filhos dos filhos. Os horrores de prolongada fome estavam impelindo o rei de Israel a medidas de desespero, quando Eliseu predisse livramento para o dia seguinte.

Quando o dia estava para amanhecer, o Senhor "fizera ouvir no arraial dos sírios ruídos de carros e ruídos de cavalos, como o ruído dum grande exército"; e eles, possuídos de temor, "se levantaram, e fugiram no crepúsculo", deixando "as suas tendas, e os seus cavalos, e os seus jumentos, e o arraial como estava", com ricas reservas de alimentos. Eles "fugiram para salvarem a sua vida", não se detendo até que tivessem transposto o Jordão. 2 Reis 7:6, 7.

Durante a noite da fuga, quatro leprosos junto à porta da cidade, desesperados pela fome, tomaram o propósito de ir ao acampamento dos sírios, entregando-se à misericórdia dos sitiantes, na esperança de aí despertar simpatia e conseguir alimento. Qual não foi seu espanto quando, penetrando no acampamento, viram que "lá não havia ninguém". Sem nada que os molestasse ou impedisse, "entraram numa tenda, e comeram e beberam, e tomaram dali prata, e ouro, e vestidos, e foram e os esconderam; então voltaram, e entraram em outra tenda, e dali também tomaram alguma coisa, e a esconderam. Então disseram uns aos outros. Não fazemos bem; este dia é dia de boas-novas, e nos calamos". Voltaram eles então depressa à cidade com as alegres novas.

Foi grande o espólio; tão abundantes foram os suprimentos nesse dia que "havia uma medida de farinha por um siclo, e duas medidas de cevada por um siclo", como fora predito por Eliseu no dia anterior. Uma vez mais o nome de Deus fora exaltado perante os pagãos, "conforme a palavra do Senhor", por intermédio de Seu profeta em Israel. 2 Reis 7:5-16.

Assim o homem de Deus continuou a trabalhar de ano a ano, associando-se intimamente ao povo em fiel ministério, e em tempos de crise ficando junto aos reis como sábio conselheiro. Os longos anos de apostasia idólatra da parte de governantes e povo tinham [133] produzido seus maus resultados; a negra sombra da apostasia era ainda visível em toda parte, embora houvesse aqui e ali os que se haviam firmemente recusado a dobrar os joelhos a Baal. À medida que Eliseu continuava sua obra de reforma, muitos eram recuperados do paganismo, e esses aprendiam a se alegrar no serviço do verdadeiro Deus. O profeta sentia-se animar com esses milagres da divina graça, e fora inspirado com um grande anseio de alcançar todos os que eram honestos de coração. Onde quer que estivesse, procurava ser um ensinador de justiça.

Do ponto de vista humano, a perspectiva para a regeneração espiritual da nação era tão destituída de esperança como o é hoje para os servos de Deus que estão trabalhando nos lugares escuros da Terra. Mas a igreja de Cristo é o instrumento de Deus para a proclamação da verdade; ela é por Ele dotada de poder para fazer um trabalho especial; e se for leal a Deus, obediente a Seus mandamentos, com ela habitará a excelência do divino poder. Se ela for fiel a seu dever

de obediência, não há poder que possa permanecer contra ela. As forças do inimigo não serão mais capazes de suplantá-la que a palha para resistir ao remoinho.

Está diante da igreja a aurora de um dia glorioso e brilhante, se ela se revestir do manto da justiça de Cristo, recusando toda vassalagem ao mundo.

Deus conclama Seus fiéis, que nEle crêem, para que inspirem coragem aos que estão sem crença e sem esperança. Voltai para o Senhor, prisioneiros de esperança Buscai de Deus, do Deus vivo, força. Mostrai fé humilde e não vacilante em Seu poder e disposição para salvar. Quando em fé nós nos apoderarmos de Sua força, Ele mudará, maravilhosamente mudará, as perspectivas mais desesperadas e desanimadoras. Isto Ele fará para glória do Seu nome.

Por todo o tempo que lhe foi possível viajar de lugar em lugar através do reino de Israel, Eliseu continuou a manifestar ativo interesse na edificação de escolas de profetas. Onde quer que estivesse, Deus estava com ele, dando-lhe palavras para falar, e poder para operar milagres. Uma ocasião "disseram os filhos dos profetas a Eliseu: Eis que o lugar em que habitamos diante da tua face, nos é estreito. Vamos, pois, até o Jordão, e tomemos de lá, cada um de nós, uma viga, e façamo-nos ali um lugar, para habitar ali". 2 Reis 6:1, 2. Eliseu foi com eles ao Jordão, encorajando-os por sua presença, dando-lhes instruções e mesmo realizando um milagre para ajudá-los em sua obra. "E sucedeu que, derribando um deles uma viga, o ferro caiu na água; e clamou, e disse: Ai, meu senhor porque era emprestado. E disse o homem de Deus: Onde caiu? E mostrando-lhe ele o lugar, cortou um pau, e o lançou ali, e fez nadar o ferro. E disse: Levanta-o. Então ele estendeu a sua mão e o tomou". 2 Reis 6:5-7.

Tão eficiente havia sido o seu ministério e tão vasta a sua influência que, em seu leito de morte, até mesmo o jovem rei Jeoás, [134] idólatra com apenas um mínimo respeito por Deus, reconheceu no profeta um pai em Israel, e admitiu que sua presença entre eles fora de mais valor em tempo de prova do que a posse de um exército de cavalos e carros. No relato está escrito: "E Eliseu estava doente da sua doença de que morreu; e Jeoás, rei de Israel, desceu a ele, e chorou sobre o seu rosto, e disse: Meu pai, meu pai, carros de Israel e seus cavaleiros". 2 Reis 13:14.

O profeta havia desempenhado em favor de muita alma turbada e necessitada de auxílio o papel de um pai sábio e compreensivo. No presente exemplo ele não voltou as costas ao jovem sem Deus que tinha diante de si, tão indigno da posição de confiança que estava ocupando, e contudo tão grandemente necessitado de conselho. Deus em Sua providência estava dando ao jovem rei uma oportunidade para redimir as faltas do passado, de molde a pôr o seu reino em terreno vantajoso. Os inimigos, os sírios, agora ocupando o território a leste do Jordão, deviam ser repelidos. Uma vez mais o poder de Deus devia ser manifestado em favor do extraviado Israel.

O moribundo profeta ordenou ao rei: "Toma um arco e flechas". Jeoás obedeceu. Então o profeta disse: "Põe a tua mão sobre o arco". Jeoás "pôs sobre ele a sua mão; e Eliseu pôs as suas mãos sobre as mãos do rei. E disse: Abre a janela para o oriente" — para as cidades dalém do Jordão que estavam na posse dos sírios. Havendo o rei aberto a janela de treliças, Eliseu ordenou-lhe que disparasse a flecha. Percorrendo o dardo o seu caminho, foi o profeta inspirado a dizer: "A flecha do livramento do Senhor é a flecha do livramento contra os sírios; porque ferirás os sírios em Afeque, até os consumir".

Então o profeta provou a fé do rei. Ordenando que Jeoás tomasse as flechas, ele disse: "Fere a terra". Três vezes o rei feriu o chão, e então se deteve. "Cinco ou seis vezes a deverias ter ferido", Eliseu exclamou consternado, "então feririas os sírios até os consumir; porém agora só três vezes ferirás os sírios". 2 Reis 13:15-19.

A lição é para todos os que ocupam posição de confiança. Quando Deus abre o caminho para a realização de certa obra, e dá garantias de sucesso, o instrumento escolhido deve fazer tudo que estiver em seu poder para alcançar os resultados prometidos. O sucesso será proporcional ao entusiasmo e perseverança com que o trabalho é levado a cabo. Deus pode operar milagres em favor de Seu povo unicamente quando este desempenha sua parte com incansável energia. Ele reclama para Sua obra homens de devoção, homens de coragem moral, com ardente amor pelas almas e zelo que nunca esmorece. Tais obreiros não acharão nenhuma tarefa demasiado árdua, nenhuma perspectiva demasiado sem esperança; eles trabalharão, indômitos, até que a aparente derrota seja tornada em gloriosa vitória. Nem mesmo as paredes das prisões, ou o martírio

em perspectiva, levá-los-á a mudar de rumo em seus propósitos de [135] trabalhar unidos com Deus para a edificação de Seu reino.

Com o conselho e o encorajamento dado a Jeoás, estava finda a tarefa de Eliseu. Aquele sobre quem havia descido em grande medida o espírito que repousava sobre Elias, provara-se fiel até o fim. Nunca vacilara. Nunca perdera sua confiança no poder da Onipotência. Sempre, quando o caminho diante de si parecia inteiramente fechado, ainda avançara pela fé, e Deus honrara sua confiança e abrira diante dele o caminho.

Não foi dado a Eliseu seguir seu mestre num carro de fogo. Sobre ele o Senhor permitiu que viesse uma prolongada enfermidade. Durante as longas horas de sofrimento e fraqueza humana, sua fé permaneceu posta nas promessas de Deus, e ele sentiu sempre em torno de si mensageiros celestiais de conforto e paz. Como nos altos de Dotã ele vira os exércitos circundantes do Céu, os carros de fogo de Israel e seus cavaleiros, estava ele agora cônscio da presença cheia de simpatia dos anjos; e foi sustentado. Através de sua vida havia exercido forte fé; e ao avançar no conhecimento das providências de Deus e de Sua graciosa bondade, a fé havia amadurecido em inamovível confiança em Deus; e quando a morte o chamou, ele estava pronto para repousar de seus labores.

"Preciosa é à vista do Senhor a morte dos Seus santos". Salmos 116:15. "O justo até na sua morte tem esperança". Provérbios 14:32. Como o salmista, Eliseu podia dizer com toda a confiança: "Deus remirá a minha alma do poder da sepultura, pois me receberá". Salmos 49:15. E com alegria podia testificar. "Eu sei que o meu Redentor vive, e que por fim Se levantará sobre a Terra". Jó 19:25. "Quanto a mim, contemplarei a Tua face na justiça; satisfar-me-ei [136] da Tua semelhança quando acordar". Salmos 17:15.

Capítulo 22 — A “grande cidade de Nínive”

Entre as cidades do mundo antigo nos dias do reino de Israel dividido, uma das maiores foi Nínive, a capital do domínio assírio. Fundada sobre as férteis barrancas do Tigre, logo depois da dispersão da Torre de Babel, floresceu através dos séculos, até que se tornou “uma grande cidade, de três dias de caminho”. Jonas 3:3.

No tempo de sua prosperidade temporal Nínive era um centro de crime e impiedade. A inspiração havia-a caracterizado como “cidade ensangüentada [...] toda cheia de mentiras e de rapina”. Naum 3:1. Em linguagem figurada, o profeta Naum comparou Nínive a um leão cruel, rapinante. “Sobre quem”, interroga o profeta, “não passou continuamente a tua malícia?” Naum 3:19.

Embora ímpia como havia-se tornado, Nínive não estava inteiramente entregue ao mal. Aquele que “está vendo a todos os filhos dos homens” (Salmos 33:13), e “descobre todas as coisas preciosas” (Jó 28:10), viu na cidade muitos que estavam procurando alguma coisa melhor e mais alta, os quais, se lhes fosse dada oportunidade para conhecer ao Deus vivo, afastariam de si as más obras, e O adorariam. E assim, em Sua sabedoria Deus Se revelou a eles de maneira inconfundível, a fim de levá-los, se possível, ao arrependimento.

O instrumento escolhido para esta obra foi o profeta Jonas, filho de Amitai. A ele veio a palavra do Senhor: “Levanta-te, vai à grande cidade de Nínive, e clama contra ela, porque a sua malícia subiu até Mim”. Jonas 1:1, 2.

Como o profeta se pusesse a pensar nas dificuldades e aparentes impossibilidades desta comissão, foi tentado a pôr em dúvida a sabedoria do chamado. Do ponto de vista humano, parecia que nada se poderia ganhar em proclamar tal mensagem nesta cidade tão orgulhosa. Ele esqueceu por um momento que o Deus a quem servia era todo-sábio e todo-poderoso. Enquanto hesitava, duvidando ainda, Satanás sobrecarregou-o com o desencorajamento. O profeta foi tomado de grande temor, e “se levantou para fugir de diante da face do Senhor para Társis”. Indo a Jope, e achando ali um navio

pronto para zarpar, pagou a sua passagem, “e desceu para dentro dele, para ir com eles”. Jonas 1:3.

No encargo que fora dado, havia sido confiada a Jonas uma pesada responsabilidade; contudo, Aquele que o havia mandado ir, [137] estava apto a sustentar Seu servo e garantir-lhe o sucesso. Tivesse o profeta obedecido sem questionar, e ter-lhe-iam sido poupadas muitas experiências amargas e teria sido abundantemente abençoado. Não obstante, na hora do desespero de Jonas o Senhor não Se afastara dele. Através de uma série de provas e estranhas providências a confiança do profeta em Deus e em Seu infinito poder para salvar devia ser revivida.

Se, quando o chamado lhe veio pela primeira vez, Jonas se tivesse demorado em calma consideração, teria verificado quão tolo seria qualquer esforço de sua parte para escapar à responsabilidade imposta sobre ele. Mas não por muito tempo foi-lhe permitido prosseguir tranqüilamente em sua estulta fuga. “O Senhor mandou ao mar um grande vento, e fez-se no mar uma grande tempestade, e o navio estava para quebrar-se. Então temeram os marinheiros, e clamava cada um ao seu deus, e lançavam no mar as fazendas, que estavam no navio, para o aliviarem do seu peso; Jonas, porém, desceu aos lugares do porão e se deitou, e dormia um profundo sono”. Jonas 1:4, 5.

Enquanto os marinheiros buscavam seus deuses pagãos pedindo socorro, o mestre do navio, excessivamente angustiado, foi em busca de Jonas, e disse: “Que tens, dormente? levanta-te, e invoca o teu Deus; talvez assim Deus Se lembre de nós, para que não pereçamos”. Jonas 1:6.

Mas as orações do homem que se tinha desviado do caminho do dever, não trouxeram qualquer auxílio. Os marinheiros, impressionados com o pensamento de que a estranha violência da tempestade refletia a ira dos seus deuses, propuseram como último recurso o lançamento de sortes, “para que saibamos”, disseram, “por que causa nos sobreveio este mal. E lançaram sortes, e a sorte caiu sobre Jonas. Então lhe disseram: Declara-nos tu agora, por que razão nos sobreveio este mal. Que ocupação é a tua? e donde vens? qual é a tua terra? e de que povo és tu?

“E ele lhes disse: Eu sou hebreu, e temo ao Senhor, o Deus do Céu, que fez o mar e a terra seca.

"Então estes homens se encheram de grande temor, e lhe disseram: Por que fizeste tu isto? Pois sabiam os homens que fugia de diante do Senhor, porque ele lho tinha declarado.

"E disseram-lhe: Que te faremos nós, para que o mar se acalme? porque o mar se elevava e engrossava cada vez mais. E ele lhes disse: Levantai-me, e lançai-me ao mar, e o mar se aquietará; porque eu sei que por minha causa vos sobreveio esta grande tempestade.

"Entretanto, os homens remavam, esforçando-se por alcançar a terra; mas não podiam, porquanto o mar se ia embravecendo cada vez mais contra eles. Então clamaram ao Senhor, e disseram: Ah! Senhor! nós Te rogamos! não pereçamos por causa da vida deste homem, e não ponhas sobre nós o sangue inocente; porque Tu, Senhor, fizeste como Te aprouve. E levantaram a Jonas, e o lançaram ao mar, e cessou o mar da sua fúria. Temeram, pois, estes homens [138] ao Senhor com grande temor; e ofereceram sacrifícios ao Senhor, e fizeram votos.

"Deparou, pois, o Senhor um grande peixe, para que tragasse a Jonas; e esteve Jonas três dias e três noites nas entranhas do peixe". Jonas 1:7-17.

"E orou Jonas ao Senhor,
seu Deus, das entranhas do peixe. E disse:

Na minha angústia clamei ao Senhor,
E Ele me respondeu;
do ventre do inferno gritei,
E Tu ouviste a minha voz.

Porque Tu me lançaste no profundo,
no coração dos mares, e a corrente me cercou;
Todas as Tuas ondas e as Tuas vagas passaram por cima de mim.

E eu disse: Lançado estou de diante dos Teus olhos;
todavia tornarei a ver o templo da Tua santidade.

As águas me cercaram até à alma.
O abismo me rodeou,
e as águas se enrolaram na minha cabeça.

E eu desci aos fundamentos dos montes;
os ferrolhos da terra correram sobre mim para sempre;
mas Tu livraste a minha vida da perdição, ó Senhor meu Deus.
Quando desfalecia em mim a minha alma,
eu me lembrei do Senhor;
e entrou a Ti a minha oração, no templo da Tua santidade.

Os que observam as vaidades vãs,
deixam a sua própria misericórdia.
Mas eu Te oferecerei sacrifício com a voz do agradecimento;
o que votei pagarei. Do Senhor vem a salvação”.

Jonas 2:1-9.

Jonas aprendera afinal que “a salvação vem do Senhor”. Salmos 3:8. Com penitência e o reconhecimento da graça salvadora de Deus, veio o livramento. Jonas foi liberto dos perigos do profundo abismo, e foi lançado em terra seca.

Uma vez mais é o servo de Deus comissionado para advertir Nínive. “E veio a palavra do Senhor segunda vez a Jonas, dizendo: Levanta-te, e vai à grande cidade de Nínive, e prega contra ela a pregação que Eu te disse”. Desta vez ele não se deteve para questionar ou duvidar, mas obedeceu sem hesitação. “Levantou-se Jonas, e foi a Nínive, segundo a palavra do Senhor”. Jonas 3:1-3.

Entrando na cidade, Jonas começou a pregar “contra ela” a mensagem: “Ainda quarenta dias, e Nínive será subvertida”. Jonas 3:4. De rua em rua ia ele fazendo soar a nota de advertência.

A mensagem não foi em vão. O clamor que soava através das ruas da ímpia cidade ia passando de lábio em lábio, até que todos os habitantes tivessem ouvido o assustador anúncio. O Espírito de Deus imprimiu a mensagem em cada coração, e levou multidões a tremerem por causa de seus pecados, e a se arrependerem em profunda humilhação.

“E os homens de Nínive creram em Deus; e proclamaram um jejum, e vestiram-se de saco, desde o maior, até o menor. Porque esta palavra chegou ao rei de Nínive, e levantou-se do seu trono, e [139] tirou de si os seus vestidos, e cobriu-se de saco, e assentou-se sobre a cinza. E fez uma proclamação, que se divulgou em Nínive, por

mandado do rei e dos grandes, dizendo: Nem homens, nem animais, nem bois, nem ovelhas provem coisa alguma, nem se lhes dê pasto, nem bebam água. Mas os homens e os animais estarão cobertos de sacos, e clamarão fortemente a Deus, e se converterão, cada um do seu mau caminho, e da violência que há nas suas mãos. Quem sabe se Se voltará Deus, e Se arrependerá, e Se apartará do furor da Sua ira, de sorte que não pereçamos?" Jonas 3:5-9.

Sendo que rei e nobres, com todo o povo, grandes e pequenos, "se arrependeram com a pregação de Jonas" (Mateus 12:41), e uniram-se em clamar ao Deus do Céu, Sua misericórdia foi-lhes assegurada. "Deus viu as obras deles, como se converteram do seu mau caminho; e Deus Se arrependeu do mal que tinha dito lhes faria, e não o fez". Jonas 3:10. Sua condenação foi evitada; o Deus de Israel fora exaltado e honrado através do mundo pagão, e Sua lei foi reverenciada. Não seria senão muitos anos mais tarde que Nínive devia cair presa das nações vizinhas por causa do seu esquecimento de Deus e jactancioso orgulho.

Quando Jonas viu o propósito de Deus de poupar a cidade que, não obstante sua impiedade, tinha sido levada a se arrepender em saco e cinzas, devia ter sido o primeiro a se alegrar com a estupenda graça de Deus; mas ao contrário disto, ele permitiu que sua mente se demorasse sobre a possibilidade de ser considerado um falso profeta. Cioso de sua reputação, ele perdeu de vista o valor infinitamente maior das almas nessa cidade infortunada. A compaixão mostrada por Deus para com os arrependidos ninivitas desgostou "Jonas extremamente [...] e ficou todo ressentido". "Não foi isso o que eu disse", argumentou ele com o Senhor, "estando ainda na minha terra? Por isso me preveni, fugindo para Társis, pois sabia que és Deus piedoso, e misericordioso, longânimo, e grande em benignidade, e que Te arrependes do mal". Jonas 4:1, 2.

Uma vez mais ele se rendeu a sua inclinação de questionar e duvidar, e uma vez mais foi oprimido com o desencorajamento. Perdendo de vista os interesses dos outros, e sentindo como se melhor lhe fora morrer do que viver para ver a cidade poupada, em seu descontentamento exclamou: "Ó Senhor, tira-me a minha vida, porque melhor me é morrer do que viver".

"É razoável esse teu ressentimento?" o Senhor inquiriu. "Então Jonas saiu da cidade, e assentou-se ao oriente da cidade; e ali fez

uma cabana, e se assentou debaixo dela, à sombra, até ver o que aconteceria. E fez o Senhor Deus nascer uma aboboreira, que subiu por cima de Jonas, para que fizesse sombra sobre a sua cabeça, a fim de o livrar do seu enfado; e Jonas se alegrou em extremo por causa da aboboreira". Jonas 4:3-6.

Então o Senhor deu a Jonas uma lição objetiva. Ele "enviou um bicho, no dia seguinte ao subir da alva, o qual feriu a aboboreira, e esta se secou. E aconteceu que, aparecendo o Sol, Deus mandou [140] um vento calmoso oriental, e o Sol feriu a cabeça de Jonas; e ele desmaiou, e desejou com toda a sua alma morrer, dizendo: Melhor me é morrer do que viver".

De novo Deus Se dirige a Seu profeta: "É acaso razoável que assim te enfades por causa da aboboreira? E ele disse: É justo que me enfade a ponto de desejar a morte".

"E disse o Senhor: Tiveste compaixão da aboboreira, na qual não trabalhaste, nem a fizeste crescer; que numa noite nasceu, e numa noite pereceu. E não hei de Eu ter compaixão da grande cidade de Nínive em que estão mais de cento e vinte mil homens, que não sabem discernir entre a sua mão direita e a sua mão esquerda, e também muitos animais?" Jonas 4:7-11.

Confuso, humilhado e incapaz de compreender o propósito de Deus em poupar Nínive, Jonas havia, não obstante cumprido a comissão que lhe fora dada de advertir a grande cidade; e embora o acontecimento predito não se tivesse realizado, a mensagem de advertência não era de ninguém menos que de Deus. E ela cumpriu o propósito que Deus lhe designara. A glória de Sua graça fora revelada entre os pagãos. Os que havia muito estavam assentados "nas trevas e sombra da morte, presos em aflição e em ferro", "clamaram ao Senhor na sua angústia, e Ele os livrou das suas necessidades. Tirou-os das trevas e sombra da morte, e quebrou as suas prisões. [...] Enviou a Sua palavra, e os sarou, e os livrou da sua destruição". Salmos 107:10, 13, 14, 20.

Cristo, durante Seu ministério terrestre, referiu-Se ao bem produzido pela pregação de Jonas em Nínive, e comparou os habitantes deste centro pagão com o professo povo de Deus em Seus dias. "Os ninivitas", declarou Ele, "ressurgirão no juízo com esta geração, e a condenarão, porque se arrependeram com a pregação de Jonas. E eis que está aqui quem é mais do que Jonas". Mateus 12:40, 41. A um

mundo ocupado, cheio do burburinho do comércio e a altercação de transações, onde os homens estavam procurando obter tudo para si mesmos, Cristo viera; e acima da confusão, Sua voz foi ouvida como a trombeta de Deus: “Que aproveitaria ao homem ganhar todo o mundo e perder a sua alma? ou que daria o homem pelo resgate da sua alma?” Marcos 8:36, 37.

Assim como a pregação de Jonas fora um sinal para os ninivitas, a pregação de Cristo era um sinal para a Sua geração. Mas que contraste na recepção da palavra. Embora em face de indiferença e de escárnio, o Salvador trabalhou sempre, até que concluiu Sua missão.

A lição é para os mensageiros de Deus hoje, quando as cidades das nações encontram-se tão verdadeiramente em necessidade do conhecimento dos atributos e propósitos do verdadeiro Deus, como os ninivitas do passado. Os embaixadores de Cristo devem apontar aos homens o mundo mais nobre, que tem sido em grande parte perdido de vista. De acordo com os ensinamentos das Sagradas Escrituras, a única cidade que permanece é aquela cujo artífice e construtor é Deus. Com os olhos da fé os homens podem contemplar o limiar do Céu, iluminado com a glória do Deus vivo. Por intermédio de Seus servos ministradores o Senhor Jesus está convidando os homens a que se empenhem com santificada ambição no sentido de assegurarem a herança imortal. Apela para eles a fim de que acumulem tesouros junto ao trono de Deus. [141]

Rápida e seguramente está vindo uma culpabilidade quase universal sobre os habitantes das cidades, devido ao constante aumento de decidida impiedade. A corrupção que prevalece está além do poder da pena humana descrever. Cada dia traz novas revelações de atritos, suborno e fraudes; cada dia traz seu desalentador registro de violência e arbitrariedade, de indiferença para com o sofrimento humano, de destruição brutal e perversa da vida humana. Cada dia testifica sempre mais de insanidade, assassínio e suicídio.

De século a século Satanás, tem procurado conservar os homens na ignorância dos beneficentes desígnios de Jeová. Ele tem procurado desviar-lhes de vista os grandes fatos da lei de Deus — os princípios de justiça, misericórdia e amor aí contidos. Os homens se gloriam do maravilhoso progresso e esclarecimento do século em que estão agora vivendo; mas Deus vê a Terra cheia de iniqüidade e

violência. Declaram os homens que a lei de Deus foi anulada, que a Bíblia não é autêntica; e como resultado uma maré de males, tal como não se tem visto desde os dias de Noé e do apóstata Israel, está tomando conta do mundo. Nobreza de alma, gentileza, piedade são permutadas para satisfazer a cobiça por coisas proibidas. O negro registro de crimes cometidos pelo amor ao ganho é suficiente para fazer gelar o sangue e encher a alma de horror.

Nosso Deus é um Deus de misericórdia. Com longanimidade e terna compaixão Ele trata com o transgressor da Sua lei. E contudo, nestes nossos dias, quando homens e mulheres têm tantas oportunidades para se familiarizarem com a divina lei como revelada no Santo Escrito, o grande Governador do Universo não pode olhar com qualquer satisfação as ímpias cidades, onde reina a violência e o crime. O fim da tolerância de Deus com os que persistem na desobediência está se aproximando rapidamente.

Devem os homens ficar surpreendidos com uma súbita e inesperada mudança no trato do Supremo Governador com os habitantes do mundo caído? Devem eles ficar surpreendidos quando a punição segue a transgressão e a crescente criminalidade? Devem-se surpreender de que Deus leve a destruição e a morte sobre aqueles cujo ganho ilícito tem sido obtido através do engano e fraude? Muito embora o fato de que crescente luz com respeito aos reclamos de Deus tem estado a brilhar em seu caminho, muitos têm-se recusado a reconhecer a soberania de Jeová, e têm escolhido permanecer sob a bandeira do originador de toda rebelião contra o governo do Céu. [142]

A longanimidade de Deus tem sido muito grande — tão grande que quando consideramos o contínuo insulto a Seus santos mandamentos, ficamos maravilhados. O Onipotente tem estado a exercer um poder restringidor sobre Seus próprios atributos. Mas certamente Ele Se levantará para punir o ímpio, que tão ousadamente tem resistido aos justos reclamos do Decálogo.

Deus concede ao homem um período de graça; mas há um ponto além do qual a divina paciência se esgota, e os juízos de Deus se seguem seguramente. O Senhor trata pacientemente com os homens, e com cidades, misericordiosamente dando advertências para salvá-los da ira divina; mas virá o tempo quando não mais se ouvirão súplicas por misericórdia, e o elemento rebelde que continua a rejeitar a luz da verdade será riscado, em misericórdia para com eles

mesmos, e para com aqueles que de outro modo seriam influenciados por seu exemplo.

É chegado o tempo em que haverá no mundo tristeza que nenhum bálsamo humano pode curar. O Espírito de Deus está sendo retirado. Catástrofes por mar e por terra seguem-se umas às outras em rápida sucessão. Quão freqüentemente ouvimos de terremotos e furacões, de destruição pelo fogo e inundações, com grandes perdas de vidas e propriedades! Aparentemente essas calamidades são caprichosos desencadeamentos de forças da natureza, desorganizadas e desgovernadas, inteiramente fora do controle do homem; mas em todas elas pode ler-se o propósito de Deus. Elas estão entre os instrumentos pelos quais Ele busca despertar a homens e mulheres para que sintam o perigo.

Os mensageiros de Deus nas grandes cidades não devem sentir-se desanimar com a impiedade, a injustiça, a depravação a que são chamados a enfrentar enquanto procuram proclamar as alegres novas da salvação. O Senhor aspira confortar cada um desses obreiros com a mesma mensagem que deu ao apóstolo Paulo na ímpia Corinto: “Não temas, mas fala, e não te cales; porque Eu sou contigo, e ninguém lançará mão de ti para te fazer mal, pois tenho muito povo nesta cidade”. Atos dos Apóstolos 18:9, 10. Lembrem-se, os que se empenham no ministério de salvar almas, que, conquanto haja muitos que não aceitarão o conselho de Deus em Sua Palavra, o mundo inteiro não se desviará da luz e verdade, dos convites de um Salvador perdoador e paciente. Em cada cidade, cheia como possa estar de violência e crime, há muitos que, devidamente ensinados aprendem a se tornar seguidores de Jesus. Milhares podem assim ser alcançados com a verdade salvadora e levados a receber Cristo como um Salvador pessoal.

A mensagem de Deus para os habitantes da Terra hoje é: “Estai vós apercebidos também; porque o Filho do homem há de vir à hora em que não penseis”. Mateus 24:44. As condições predominantes hoje na sociedade, e especialmente nas grandes cidades das nações, proclamam com voz de trovão que a hora do juízo de Deus está próxima, e que o fim de todas as coisas terrestres é chegado. Estamos no limiar da crise dos séculos. Em rápida sucessão os juízos de Deus se seguirão uns aos outros — fogo, inundações e terremotos, com guerras e derramamento de sangue. Nós não devemos ser surpreen-

[143]

didos neste tempo por eventos a um tempo grandes e decisivos; pois o anjo de misericórdia não pode ficar muito tempo mais a proteger o impenitente.

"Porque eis que o Senhor sairá do Seu lugar, para castigar os moradores da Terra, por causa da sua iniqüidade, e a terra descobrirá o seu sangue, e não encobrirá mais aqueles que foram mortos". Isaías 26:21. A tormenta da ira de Deus está-se acumulando; e subsistirão unicamente os que responderem ao convite de misericórdia, como os habitantes de Nínive pela pregação de Jonas, e se santificarem pela obediência às leis do divino Governante. Somente os justos serão escondidos com Cristo em Deus até que passe a desolação. Seja a linguagem da alma:

"Só em Ti eu tenho abrigo,
aos Teus pés está o meu ser;
Não me deixes, sê comigo,
Teu conforto eu quero ter.
Guarda-me ó bom Salvador,
té o temporal passar,
Guia-me em Teu terno amor,
para o eterno e doce lar."

[144]

Capítulo 23 — O cativeiro assírio

Os últimos anos do malfadado reino de Israel foram assinalados pela violência e derramamento de sangue como jamais havia sido testemunhado mesmo nos piores períodos de lutas e inquietação sob a casa de Acabe. Por mais de dois séculos os governantes das dez tribos haviam estado a semear ventos; agora colhiam tempestade. Rei após rei havia sido assassinado a fim de abrir caminho para que outros ambiciosos reinassem. "Eles fizeram reis", declara o Senhor a respeito desses ímpios usurpadores, "mas não por Mim; constituíram príncipes, mas Eu não o soube". Oséias 8:4. Todo princípio de justiça fora posto de lado; os que deviam ter-se posto ante as nações da Terra como depositários da graça divina, "aleivosamente se houveram contra o Senhor" (Oséias 5:7) e uns contra os outros.

Com as mais severas reprovações, Deus buscou despertar a nação impenitente para a realidade do iminente perigo de sua completa destruição. Por intermédio de Oséias e Amós Ele enviou às dez tribos mensagem após mensagem, exigindo amplo e completo arrependimento, e ameaçando-os com calamidades como resultado da contínua transgressão. "Lavrastes a impiedade", declarou Oséias, "segastes a perversidade, e comestes o fruto da mentira; porque confiaste no teu caminho, na multidão dos teus valentes. Portanto entre o teu povo se levantará um grande tumulto e todas as tuas fortalezas serão destruídas. [...] O rei de Israel de madrugada será totalmente destruído". Oséias 10:13-15.

De Efraim o profeta declarou: "Estrangeiros lhe comeram a força, e ele não o sabe; também as cãs se espalharam sobre ele, e não o sabe". Oséias 7:9. "Israel rejeitou o bem". Oséias 8:3. "Quebrantado no juízo" (Oséias 5:11), incapazes de discernir a desastrosa perspectiva de seu mau caminho, as dez tribos deviam logo andar como vagabundas "entre as nações". Oséias 9:17.

Alguns dos líderes em Israel sentiam agudamente sua perda de prestígio, e desejavam poder reconquistá-lo. Mas em vez de abandonar aquelas práticas que haviam levado o enfraquecimento ao

reino, continuaram em iniqüidade, lisonjeando-se com o pensamento de que quando surgisse a ocasião, poderiam alcançar o poder político desejado, aliando-se com os pagãos. “Quando Efraim viu a sua enfermidade, e Judá a sua chaga, subiu Efraim à Assíria”. Oséias [145] 5:13. “Efraim é como uma pomba enganada, sem entendimento; invocam o Egito, vão para a Assíria”. Oséias 7:11. “Fazem aliança com a Assíria”. Oséias 12:1.

Por intermédio do homem de Deus que aparecera ante o altar de Betel, por intermédio de Elias e de Eliseu, de Amós e Oséias, o Senhor repetidamente expusera ante as dez tribos os males da desobediência. Não obstante as reprovações e rogos, Israel caiu cada vez mais baixo na apostasia. “Como uma vaca rebelde se rebelou Israel” (Oséias 4:16), declarou o Senhor; “Meu povo é inclinado a desviar-se de Mim”. Oséias 11:7.

Ocasiões houve em que os juízos do Céu caíram pesadamente sobre o povo rebelde. “Por isso os abati pelos profetas”, declarou Deus; “pela palavra de Minha boca os matei; e os Teus juízos sairão como a luz. Porque Eu quero misericórdia, e não o sacrifício; e o conhecimento de Deus mais do que os holocaustos. Mas eles transpassaram o concerto, como Adão; eles se portaram aleivosamente contra Mim”. Oséias 6:5-7.

“Ouvi a palavra do Senhor, vós, filhos de Israel”, foi a mensagem que finalmente lhes veio; “visto que te esqueceste da lei do teu Deus, também Eu Me esquecerei de teus filhos. Como eles se multiplicaram, assim contra Mim pecaram; Eu mudarei a sua honra em vergonha. [...] Visitarei sobre eles os seus caminhos, e lhes darei a recompensa das suas obras”. Oséias 4:1, 6-9.

A iniqüidade em Israel durante o último meio século antes do cativeiro assírio, era comparável à dos dias de Noé, e de qualquer outro século em que os homens tenham rejeitado a Deus e se entregado inteiramente à prática do mal. A exaltação da natureza acima do Deus da natureza, a adoração da criatura em lugar do Criador, tem sempre resultado nos mais crassos males. Assim, quando o povo de Israel, em seu culto a Baal e Astarote, renderam suprema homenagem às forças da natureza, desvincularam-se de tudo que é inspirador e enobrecedor e caíram presa fácil da tentação. Com as defesas da alma destruídas, não tinham os enganados adoradores

qualquer barreira contra o pecado, e renderam-se às más paixões do coração humano.

Contra a indisfarçada opressão, a flagrante injustiça, o luxo inusitado e extravagante, despudorados banquetes e bebedeiras, a grosseira licenciosidade e deboche de seu tempo, os profetas ergueram a voz; mas seus protestos foram vãos, em vão foi a denúncia do pecado. "Aborrecem na porta aos que repreendem", declarou Amós, "e abominam o que fala sinceramente". "Afligis o justo, tomais resgate, e rejeitais os necessitados na porta". Amós 5:10, 12.

Tais eram alguns dos resultados que se tinham seguido ao estabelecimento de dois bezerros de ouro por Jeroboão. O primeiro afastamento das formas estabelecidas de adoração levara-os à introdução das mais grosseiras formas de idolatria, até que finalmente quase todos os habitantes da terra haviam-se entregue a sedutoras práticas de culto à natureza. Esquecendo o seu Criador, os filhos de [146] Israel "mui profundamente se corromperam". Oséias 9:9.

Os profetas continuaram a protestar contra esses males, e a reclamar a prática do bem. "Semeai para vós em justiça, ceifai segundo a misericórdia", apelava Oséias, "lavrai o campo da lavoura; porque é tempo de buscar ao Senhor, até que venha e chova a justiça sobre vós". Oséias 10:12. "Tu, pois, converte-te a teu Deus; guarda a beneficência e o juízo, e em teu Deus espera sempre". Oséias 12:6. Converte-te, ó Israel, ao Senhor teu Deus; porque pelos teus pecados tens caído. [...] Dizei-Lhe: Expulsa toda a iniqüidade, e recebe o bem". Oséias 14:1, 2.

Aos transgressores foram dadas muitas oportunidades para se arrependerem. Em sua hora de mais profunda apostasia e maior necessidade, a mensagem de Deus a eles foi uma mensagem de perdão e esperança. "Para tua perda, ó Israel", Ele declarou, "tu te rebelaste contra Mim, contra o teu Ajudador. Onde está agora o teu rei, para que te guarde?" Oséias 13:9, 10.

"Vinde, tornemos para o Senhor", o profeta suplicava, "porque Ele despedaçou, e nos sarará; fez a ferida, e a ligará. Depois de dois dias nos dará a vida; ao terceiro dia nos ressuscitará, e viveremos diante dEle. Conheçamos, e prossigamos em conhecer ao Senhor; como a alva será a Sua saída; e Ele a nós virá como a chuva, como chuva serôdia que rega a terra". Oséias 6:1-3.

Aos que tinham perdido de vista o plano dos séculos para o livramento dos pecadores iludidos pelo poder de Satanás, o Senhor ofereceu restauração e paz. “Eu sararei a sua perversão, Eu voluntariamente os amarei”, o Senhor declarou; “porque a Minha ira se apartou dele. Eu serei para Israel como orvalho; ele florescerá como o lírio, e espalhará as suas raízes como o Líbano. Voltarão os que se assentarem à sua sombra; serão vivificados como o trigo, e florescerão como a vide; a sua memória será como o vinho do Líbano. Efraim dirá: Que mais tenho eu com os ídolos? eu o tenho ouvido, e isso considerarei; eu sou como a faia verde; de mim é achado o teu fruto.

> “Quem é sábio, para que entenda estas coisas?
> Prudente, para que as saiba?
>
> Porque os caminhos do Senhor são retos,
> e os justos andarão neles,
> mas os transgressores neles cairão”.
>
> Oséias 14:4-9.

Os benefícios de buscar a Deus foram fortemente expostos. “Buscai-Me”, convidou o Senhor, “e vivei. Mas não busqueis a Betel, nem venhais a Gilgal, nem passeis a Berseba, porque Gilgal certamente será levado cativo, e Betel será desfeito em nada”.

“Buscai, o bem e não o mal, para que vivais; e assim o Senhor, o Deus dos exércitos, estará convosco, como dizeis. Aborrecei o mal, e amai o bem, e estabelecei o juízo na porta. Talvez o Senhor, o Deus [147] dos exércitos, tenha piedade do resto de José”. Amós 5:4, 5, 14, 15.

A maioria dos que ouviram esses convites, recusaram-se a aproveitá-los. Tão contrárias aos maus desejos dos impenitentes eram as palavras dos mensageiros de Deus, que o sacerdote idólatra de Betel mandou dizer ao rei de Israel: “Amós tem conspirado contra ti, no meio da casa de Israel; a terra não poderá sofrer todas as suas palavras”. Amós 7:10.

Por intermédio de Oséias o Senhor declarou: “Sarando Eu a Israel, se descobriu a iniqüidade de Efraim, como também as maldades de Samaria”. “A soberba de Israel testificará em sua face; todavia,

não voltarão para o Senhor seu Deus, nem O buscarão em tudo isto”. Oséias 7:1, 10.

De geração em geração o Senhor tinha tratado pacientemente com Seus transviados filhos; e mesmo agora, em face de ousada rebelião, Ele ainda ansiava por revelar-Se a eles como desejoso de salvar. “Que te farei, ó Efraim”, clamou Ele, “que te farei, ó Judá? porque a vossa beneficência é como a nuvem da manhã, e como o orvalho da madrugada, que cedo passa”. Oséias 6:4.

Os males que se haviam espalhado sobre a terra tinham-se tornado incuráveis; e sobre Israel fora pronunciada a terrível sentença: “Efraim está entregue aos ídolos; deixa-o”. Oséias 4:17. “Chegaram os dias da visitação, chegaram os dias da retribuição; Israel o saberá”. Oséias 9:7.

As dez tribos de Israel deviam agora ceifar o fruto da apostasia que se corporificara com o estabelecimento dos altares estranhos em Betel e Dã. A mensagem de Deus para eles foi: “O teu bezerro, ó Samaria, foi rejeitado; a Minha ira se acendeu contra eles; até quando serão eles incapazes de alcançar a inocência? Porque isso é mesmo de Israel; um artífice o fez, e não é Deus; mas em pedaços será desfeito o bezerro de Samaria”. Oséias 8:5, 6. “Os moradores de Samaria serão atemorizados pelo bezerro de Bete-Áven; porquanto o seu povo se lamentará por causa dele, como também os seus sacerdotes. [...] À Assíria será levado como um presente ao rei Jarebe” (Senaqueribe). Oséias 10:5, 6.

“Eis que os olhos do Senhor Jeová estão contra este reino pecador, e Eu o destruirei de sobre a face da Terra; mas não destruirei de todo a casa de Jacó, diz o Senhor. Porque eis que darei ordem, e sacudirei a casa de Israel entre todas as nações, assim como se sacode o grão no crivo, sem que caia na terra um só grão. Todos os pecadores do meu povo morrerão à espada, os quais dizem: Não se avizinhará nem nos encontrará o mal”. Amós 9:8-10.

“E derribarei a casa de inverno com a casa de verão; e as casas de marfim perecerão, e as grandes casas terão fim, diz o Senhor”. Amós 3:15. “Porque o Senhor, o Senhor dos exércitos, é o que toca a Terra, e ela se derrete, e todos os que habitam nela chorarão”. Amós 9:5. “Teus filhos e tuas filhas cairão à espada, e a tua terra será repartida a cordel, e tu morrerás na terra imunda, e Israel certamente será levado cativo para fora da sua terra”. Amós 7:17. “E porque isto

te farei, prepara-te, ó Israel, para te encontrares com o teu Deus”. [148] Amós 4:12.

Por algum tempo, esses juízos preditos foram retidos, e durante o longo reinado de Jeroboão II, os exércitos de Israel alcançaram assinaladas vitórias; mas este tempo de aparente prosperidade não promoveu qualquer mudança no coração dos impenitentes, e foi finalmente decretado: “Jeroboão morrerá à espada, e Israel certamente será levado para fora de sua terra em cativeiro”. Amós 7:11.

A ousadia deste pronunciamento de nada aproveitou ao rei e ao povo, tão longe tinham ido em sua impenitência. Amazias, o líder entre os sacerdotes idólatras de Betel, exaltado pelas claras palavras pronunciadas pelo profeta contra a nação e seu rei, disse a Amós: “Vai-te, ó vidente, foge para a terra de Judá, e ali come o pão, e ali profetiza; mas em Betel daqui por diante não profetizarás mais, porque é o santuário do rei e a casa do reino”. Amós 7:12, 13.

A isto o profeta respondeu com firmeza: “Assim diz o Senhor: [...] Israel certamente será levado cativo”. Amós 7:17.

As palavras proferidas contra as tribos apóstatas foram literalmente cumpridas; contudo a destruição do reino se processou gradualmente. No juízo o Senhor Se lembrou da misericórdia, e a princípio, quando “veio Pul, rei da Assíria, contra a terra”, Menaém, então rei de Israel, não foi levado cativo, mas foi-lhe permitido permanecer no trono como vassalo do domínio assírio. “Menaém deu a Pul mil talentos de prata, para que a sua mão fosse com ele, a fim de firmar o reino na sua mão. E Menaém tirou este dinheiro de Israel, e de todos os poderosos e ricos, para o dar ao rei da Assíria”. 2 Reis 15:19, 20. Havendo os assírios humilhado as dez tribos, voltaram por algum tempo para a sua própria terra.

Menaém, longe de arrepender-se do mal que havia acarretado a ruína de seu reino, continuou “nos pecados de Jeroboão, filho de Nebate, que fez pecar Israel”. Pecaías e Peca, seus sucessores, também fizeram “o que parecia mal aos olhos do Senhor”. 2 Reis 15:18, 24, 28. “Nos dias de Peca”, que reinou vinte anos, Tiglate-Pileser, rei da Assíria, invadiu Israel, e retirou-se com a multidão de cativos dentre as tribos que habitavam na Galiléia e a leste do Jordão. “Os rubenitas e gaditas, e a meia tribo de Manassés”, com os outros habitantes de “Gileade, e a Galiléia, e a toda a terra de

Naftali” (1 Crônicas 5:26; 2 Reis 15:29), os quais foram espalhados entre os pagãos, removidos da Palestina para distantes terras.

Desse terrível golpe o reino do norte jamais se recuperou. O debilitado remanescente continuou as formas de governo, embora não mais possuísse autoridade. Apenas mais um governante, Oséias, devia suceder a Peca. Logo o reino devia ser varrido para sempre. Mas nesse tempo de tristeza e angústia Deus ainda Se lembrou da misericórdia, e deu ao povo outra oportunidade para abandonar a idolatria. No terceiro ano do reinado de Oséias, o bom rei Ezequias começou a reinar sobre Judá, e tão depressa quanto possível instituiu importantes reformas nas cerimônias do templo em Jerusalém. [149] Fizeram-se arranjos para a celebração da Páscoa, e para esta festa foram convidados não somente as tribos de Judá e Benjamim, sobre as quais Ezequias havia sido ungido rei, mas também todas as tribos do norte. Uma proclamação soou “por todo o Israel, desde Berseba até Dã, para que viessem a celebrar a Páscoa ao Senhor, Deus de Israel, a Jerusalém; porque muitos a não tinham celebrado como estava escrito.

“Foram, pois, os correios com as cartas, da mão do rei e dos seus príncipes, por todo o Israel e Judá”, com o incisivo convite: “Filhos de Israel, convertei-vos ao Senhor, Deus de Abraão, de Isaque e de Israel, para que Se volte para aqueles de vós que escaparam, e ficaram da mão dos reis da Assíria [...] Não endureçais agora a vossa cerviz, como vossos pais; dai a mão ao Senhor, e vinde ao Seu santuário que Ele santificou para sempre, e servi ao Senhor vosso Deus, para que o ardor da Sua ira se desvie de vós. Porque, em vos convertendo ao Senhor, vossos irmãos e vossos filhos acharão misericórdia perante os que os levaram cativos, e tornarão a esta terra; porque o Senhor vosso Deus é piedoso e misericordioso, e não desviará de vós o Seu rosto, se vos converterdes a Ele”. 2 Crônicas 30:5-9.

E os correios enviados por Ezequias levaram a mensagem “de cidade em cidade, pela terra de Efraim e Manassés até Zebulom”. Israel devia ter reconhecido neste convite um apelo ao arrependimento e para que voltassem a Deus. Mas o remanescente das dez tribos que ainda ficaram habitando o território do outrora florescente reino do norte, trataram os mensageiros reais de Judá com indiferença, e até mesmo com desdém. “Riram-se e zombaram deles”. Houve uns

poucos, entretanto, que alegremente atenderam. "Alguns de Aser, e de Manassés, e de Zebulom, se humilharam, e vieram a Jerusalém [...] para celebrar a festa dos pães asmos". 2 Crônicas 30:10-13.

Cerca de dois anos mais tarde, Samaria foi invadida pelos povos da Assíria, sob o comando de Salmaneser; e no cerco que se seguiu, multidões pereceram miseravelmente de fome e de enfermidades bem como pela espada. Caiu a cidade com a nação, e o humilhado remanescente das dez tribos foi levado cativo e espalhado entre as províncias do domínio assírio.

A destruição que abateu o reino do norte foi um juízo direto do Céu. Os assírios foram meramente o instrumento de que Deus Se serviu para realizar o Seu propósito. Por intermédio de Isaías, que começou a profetizar pouco antes da queda de Samaria, o Senhor Se referiu aos assírios como "a vara da Minha ira". "A Minha indignação", disse Ele, "é como bordão nas suas mãos". Isaías 10:5.

Gravemente haviam os filhos de Israel pecado "contra o Senhor seu Deus, [...] e fizeram coisas ruins". "Não deram ouvidos, antes [...] rejeitaram os Seus estatutos, e o Seu concerto, que fizera com seus pais, como também os Seus testemunhos, com que protestara contra eles". Foi porque "deixaram todos os mandamentos do Senhor [150] seu Deus, e fizeram imagens de fundição, dois bezerros, e fizeram um ídolo do bosque, e se prostraram perante todo o exército do céu, e serviram a Baal", e recusaram decididamente a arrepender-se, que o Senhor "os oprimiu, e os deu nas mãos dos despojadores, até que os tirou de diante de Sua presença", em harmonia com as claras advertências que lhes enviara "pelo ministério de todos os Seus servos, os profetas". 2 Reis 17:7, 11, 14, 16, 20, 23.

"Assim foi Israel transportado de sua terra à Assíria", "porque não obedeceram à voz do Senhor seu Deus, antes traspassaram o Seu concerto; e tudo quanto Moisés, servo do Senhor, tinha ordenado". 2 Reis 18:12.

Nos terríveis juízos acarretados sobre as dez tribos, o Senhor tivera um sábio e misericordioso propósito. Aquilo que Ele não mais podia fazer por intermédio deles na terra de seus pais, procuraria realizar espalhando-os entre os pagãos. Seu plano para a salvação de todo aquele que escolhesse apropriar-se do perdão mediante o Salvador da raça humana devia de alguma forma ser cumprido; e nas aflições levadas a Israel, estava ele preparando o caminho para

que Sua glória fosse revelada às nações da Terra. Nem todos os que foram levados cativos eram impenitentes. Entre eles havia alguns que tinham permanecido leais a Deus, e outros que se haviam humilhado perante Ele. Por intermédio desses, os "filhos do Deus vivo" (Oséias 1:10), Ele levaria multidões no reino assírio ao conhecimento dos atributos de Seu caráter e beneficência da Sua lei. [151]

Capítulo 24 — “Destruído porque lhe faltou o conhecimento”

O favor de Deus para com Israel fora sempre condicionado a sua obediência. Aos pés do Sinai, haviam eles entrado em relação de concerto com Ele como Sua “propriedade peculiar dentre todos os povos”. Solenemente haviam prometido seguir na trilha da obediência. “Tudo que o Senhor tem dito faremos” (Êxodo 19:5, 8), disseram. E quando, poucos dias mais tarde, a lei de Deus foi proclamada do Sinai, e instruções adicionais na forma de estatutos e juízos lhes foram comunicadas por intermédio de Moisés, os israelitas a uma só voz haviam prometido: “Todas as palavras que o Senhor tem falado, faremos”. Na ratificação do concerto, o povo uma vez mais em uníssono declarou: “Tudo o que o Senhor tem falado faremos, e obedeceremos”. Êxodo 24:3, 7. Deus havia escolhido Israel como Seu povo, e eles O haviam escolhido como seu Rei.

Próximo do fim da peregrinação pelo deserto, as condições do concerto haviam sido repetidas. Em Baal-Peor, mesmo nos limites da terra prometida, onde muitos caíram presa de sutil tentação, os que permaneceram fiéis renovaram seus votos de obediência. Por meio de Moisés foram advertidos sobre as tentações que os assaltariam no futuro; e foram fervorosamente exortados a que permanecessem separados das nações circunvizinhas e adorassem unicamente a Deus.

“Agora, pois, ó Israel”, foi a instrução de Moisés, “ouve os estatutos e os juízos que eu vos ensino, para os cumprirdes; para que vivais, e entreis, e possuais a terra que o Senhor Deus de vossos pais vos dá. Não acrescenteis à palavra que vos mando, nem diminuireis dela, para que guardeis os mandamentos do Senhor vosso Deus, que eu vos mando. [...] Guardai-os pois, e fazei-os, porque esta será a vossa sabedoria e o vosso entendimento perante os olhos dos povos, que ouvirão todos estes estatutos, e dirão: Este grande povo só é gente sábia e entendida”. Deuteronômio 4:1-6.

Os israelitas haviam sido especialmente advertidos a não perder de vista os mandamentos de Deus, em cuja obediência deviam encontrar força e bênção. “Tão-somente guarda-te a ti mesmo, e guarda bem a tua alma”, tinha sido a eles a palavra de Deus por intermédio de Moisés, “que te não esqueças daquelas coisas que os teus olhos têm visto, e se não apartem do teu coração todos os dias da tua vida; e as farás saber aos teus filhos, e aos filhos de teus filhos”. Deuteronômio 4:9. As impressionantes cenas relacionadas com a entrega da lei no Sinai não deviam jamais ser esquecidas. Claras e decididas foram as advertências então dadas a Israel contra os costumes idólatras predominantes entre as nações circunvizinhas. “Guardai pois com diligência as vossas almas” [...] foi o conselho dado; “para que não vos corrompais, e vos façais alguma escultura, semelhança de imagem”, “e não levantes os teus olhos aos céus e vejas o Sol, e a Lua, e as estrelas, todo o exército dos céus, e sejas impelido a que te inclines perante eles, e sirvas àqueles que o Senhor teu Deus repartiu a todos os povos debaixo de todos os céus”. “Guardai-vos de que vos esqueçais do concerto do Senhor vosso Deus, que tem feito convosco, e vos façais alguma escultura, imagem de alguma coisa que o Senhor vosso Deus vos proibiu”. Deuteronômio 4:15, 16, 19-23. [152]

Moisés assinalou os males que resultariam do abandono dos estatutos de Jeová. Tomando o Céu e a Terra como testemunha, ele declarou que se depois de haverem habitado longo tempo na terra da promessa, o povo introduzisse formas corrompidas de adoração, e se curvasse perante as imagens de escultura, e se recusasse a voltar à adoração do verdadeiro Deus, a ira do Senhor seria despertada, e eles seriam levados cativos e espalhados entre os pagãos. “Certamente perecereis depressa da Terra, a qual, passado o Jordão, ides possuir”, ele os advertiu. “Não prolongareis os vossos dias nela, antes sereis de todo destruídos. E o Senhor vos espalhará entre os povos, e ficareis poucos em número entre as gentes, às quais o Senhor vos conduzirá. E ali servireis a deuses que são obras de mãos de homens, madeira e pedra, que não vêem, nem ouvem, nem comem, nem cheiram”. Deuteronômio 4:26-28.

Essa profecia, cumprida em parte no tempo dos juízes, encontrou cumprimento mais completo e literal no cativeiro de Israel na Assíria, e de Judá em Babilônia.

A apostasia de Israel havia-se desenvolvido gradualmente. De geração a geração Satanás tinha feito repetidas tentativas para levar a nação escolhida a esquecer "os mandamentos, os estatutos e os juízos" (Deuteronômio 6:1) que eles haviam prometido guardar para sempre. Ele sabia que se pudesse levar Israel a esquecer-se de Deus, e a "andar após outros deuses, e servi-los, e adorá-los", "certamente" pereceriam. Deuteronômio 8:19.

O inimigo da igreja de Deus sobre a Terra não tinha, porém, tomado inteiramente em conta a natureza compassiva dAquele que "ao culpado não tem por inocente", e cuja glória é ser "misericordioso e piedoso, tardio em iras e grande em beneficência e verdade; que guarda a beneficência em milhares, que perdoa a iniqüidade, e a transgressão, e o pecado". Êxodo 34:6, 7. A despeito dos esforços de Satanás para frustrar o propósito de Deus para Israel, embora mesmo em algumas das horas mais escuras de sua história parecesse que as [153] forças do mal estavam para alcançar a vitória, o Senhor graciosamente Se revelou. Ele desdobrou perante Israel as preciosidades que deveriam ser para o bem-estar da nação. "Escrevi para eles as grandezas da Minha lei", Ele declarou por intermédio de Oséias, "mas isso é para ele como coisa estranha". Oséias 8:12. "Eu ensinei a andar a Efraim; tomei-os pelos seus braços, mas não conheceram que Eu os curava". Oséias 11:3. Ternamente havia o Senhor tratado com eles, instruindo-os por intermédio de Seus profetas, mandamento sobre mandamento, regra sobre regra.

Tivesse Israel aceito as mensagens dos profetas e teriam sido poupados à humilhação que se seguiu. Foi em virtude de haverem persistido no abandono de Sua lei, que Deus foi compelido a deixá-los ir em cativeiro. "O Meu povo foi destruído, porque lhe faltou o conhecimento", foi a mensagem enviada a eles por meio de Oséias. "Porque tu rejeitaste o conhecimento, também Eu te rejeitarei [...] visto que te esqueceste da lei do teu Deus". Oséias 4:6.

Em todos os séculos a transgressão da lei de Deus tem sido seguida pelo mesmo resultado. Nos dias de Noé, quando todo princípio de reto proceder fora violado, e a iniqüidade se tornara tão profunda e difusa que Deus não a pôde mais suportar, saiu o decreto: "Destruirei, de sobre a face da Terra o homem que criei". Gênesis 6:7. Nos dias de Abraão, o povo de Sodoma desafiava abertamente a Deus e Sua lei; e teve lugar aí a mesma impiedade, a mesma corrupção, a

mesma incontida condescendência que haviam assinalado o mundo antediluviano. Os habitantes de Sodoma transpuseram os limites da divina paciência, e sobre eles se acendeu o fogo da vingança de Deus.

O tempo que precedeu o cativeiro das dez tribos de Israel foi de uma desobediência similar e similar impiedade. A lei de Deus era contada como de nenhuma importância, e isto abriu as comportas da iniqüidade sobre Israel. "O Senhor tem uma contenda com os habitantes da Terra", declarou Oséias, "porque não há verdade, nem benignidade, nem conhecimento de Deus na Terra. Só prevalecem o perjurar, e o mentir, e o adulterar, e há homicídios sobre homicídios". Oséias 4:1, 2.

As profecias de juízo pronunciadas por Amós e Oséias foram acompanhadas por predição de glória futura. Às dez tribos, desde muito, rebeldes e impenitentes, não foi dada nenhuma promessa de completa restauração de seu anterior domínio na Palestina. Até o fim do tempo eles deviam ser "errantes entre as nações". Mas por intermédio de Oséias foi dada uma profecia que punha perante eles o privilégio de ter uma parte na restauração final que deve ser feita para o povo de Deus no fim da história da Terra, quando Cristo aparecerá como Rei dos reis e Senhor dos senhores. "Por muitos dias", o profeta declarou, as dez tribos deviam ficar "sem rei, e sem príncipe, e sem sacrifício, e sem estátua, e sem éfode ou terafim". "Depois", continuou o profeta, "tornarão os filhos de Israel, e buscarão ao Senhor seu Deus, e a Davi, seu rei; e temerão ao Senhor, e a Sua bondade, no fim dos dias". Oséias 3:4, 5. [154]

Em linguagem simbólica Oséias põe perante as dez tribos o plano de Deus de restauração em favor de toda a alma penitente que se unisse com Sua igreja na Terra, as bênçãos asseguradas a Israel nos dias de sua lealdade a Ele na terra prometida. Referindo-se a Israel como aquele a quem Ele ansiava por mostrar misericórdia, o Senhor declarou: "Eis que Eu a atrairei, e a levarei para o deserto, e lhe falarei ao coração. E lhe darei as suas vinhas dali, e o vale de Acor, por porta de esperança; e ali cantará, como nos dias de sua mocidade, e como no dia em que subiu da terra do Egito. E acontecerá naquele dia, diz o Senhor, que Me chamarás: Meu marido; e não Me chamarás mais: Meu Baal meu senhor. E da sua boca tirarei

os nomes de Baalim, e os seus nomes não virão mais em memória". Oséias 2:14-17.

Nos últimos dias da história da Terra, o concerto de Deus com Seu povo que guarda os Seus mandamentos deve ser renovado. "E naquele dia farei por eles aliança com as bestas-feras do campo, e com as aves do céu, e com os répteis da terra; e da terra tirarei o arco, e a espada, e a guerra, e os farei deitar em segurança. E desposar-te-ei comigo para sempre; desposar-te-ei comigo em justiça, e em juízo, e em benignidade, e em misericórdias. E desposar-te-ei comigo em fidelidade, e conhecerás ao Senhor.

"E acontecerá naquele dia que Eu responderei, diz o Senhor, Eu responderei aos céus, e estes responderão à terra; e a terra responderá ao trigo, e ao mosto, e ao óleo, e estes responderão a Jezreel. E semeá-la-ei para Mim na terra, e compadecer-Me-ei de Lo-Ruama; e a Lo-Ami direi: Tu és Meu povo; e ele dirá; Tu és meu Deus". Oséias 2:18-23.

"E acontecerá naquele dia que os resíduos de Israel, e os escapados da casa de Jacó [...] se estribarão sobre o Senhor, o Santo de Israel, em verdade". Isaías 10:20. "De toda a nação, e tribo, e língua, e povo", haverá alguns que alegremente responderão à mensagem: "Temei a Deus, e dai-Lhe glória; porque vinda é a hora do Seu juízo". Voltar-se-ão de todo ídolo que os retém na Terra, e adorarão "Aquele que fez o Céu, e a Terra, e o mar, e as fontes das águas". Libertar-se-ão de todo o embaraço, e estarão perante o mundo como monumentos da misericórdia de Deus. Obedientes aos divinos reclamos, serão reconhecidos pelos anjos e pelos homens como os que têm guardado "os mandamentos de Deus, e a fé em Jesus". Apocalipse 14:6, 7, 12.

"Eis que vêm dias, diz o Senhor, em que o que lavra alcançará ao que sega, e o que pisa as uvas ao que lança a semente; e os montes destilarão mosto, e todos os outeiros se derreterão. E removerei o cativeiro do Meu povo Israel, e reedificarão as cidades assoladas, e nelas habitarão, e plantarão vinhas, e beberão o seu vinho, e farão pomares, e lhes comerão o fruto. E os plantarei na sua terra, e não serão mais arrancados da sua terra que lhes dei, diz o Senhor teu Deus". Amós 9:13-15. [155]

Capítulo 25 — O chamado de Isaías

O longo reinado de Uzias (também conhecido como Azarias) na terra de Judá e Benjamim foi caracterizado por uma prosperidade maior que a de qualquer outro rei desde a morte de Salomão, cerca de dois séculos antes. Por muitos anos o rei governou com discrição. Sob as bênçãos do Céu, seus exércitos reconquistaram alguns dos territórios que tinham sido perdidos nos anos anteriores. Cidades foram reconstruídas e fortificadas, e a posição da nação entre os povos vizinhos foi grandemente fortalecida. Reavivou-se o comércio, e as riquezas das nações fluíram para Jerusalém. O nome de Uzias voou "até muito longe; porque foi maravilhosamente ajudado, até que se tornou forte". 2 Crônicas 26:15.

Essa prosperidade, no entanto, não foi acompanhada por um correspondente avivamento do poder espiritual. Os cultos do templo prosseguiram como nos anos anteriores, e multidões se reuniram para adorar ao Deus vivo; mas o orgulho e o formalismo gradualmente tomaram o lugar da humildade e sinceridade. Do próprio Uzias está escrito: "Mas, havendo-se já fortalecido, exaltou-se o seu coração até se corromper, e transgrediu contra o Senhor seu Deus". 2 Crônicas 26:16.

O pecado que produziu tão desastrosos resultados para Uzias foi o da presunção. Em violação de um claro mandamento de Jeová, segundo o qual ninguém que não os descendentes de Arão devia oficiar como sacerdote, o rei entrou no santuário "para queimar incenso no altar". O sumo sacerdote Azarias e seus associados protestaram, e suplicaram a Uzias que abandonasse seu propósito. "Transgrediste", disseram eles; "e não será isto para honra tua". 2 Crônicas 26:16, 18.

Uzias encheu-se de ira, que sendo ele o rei, fosse assim repreendido. Mas não lhe foi permitido profanar o santuário contra os protestos unidos dos que tinham autoridade. Enquanto permanecia ali, em irada rebelião, foi ele subitamente ferido pelo juízo divino. Em sua testa apareceu lepra. Atribulado, deixou o recinto do tem-

plo, para nunca mais aí entrar. Até o dia de sua morte, alguns anos mais tarde, Uzias ficou leproso — um exemplo vivo da loucura de abandonar um claro "Assim diz o Senhor". Nem sua exaltada posição nem sua longa vida de serviço poderiam ser invocadas como desculpa pelo presunçoso pecado com que mareou os anos finais de [156] seu reinado, atraindo sobre si o juízo do Céu.

Deus não faz acepção de pessoas. "A alma que fizer alguma coisa à mão levantada, quer seja dos naturais quer dos estrangeiros, injuria ao Senhor; e tal alma será extirpada do meio do seu povo". Números 15:30.

O juízo que caiu sobre Uzias pareceu ter tido sobre seu filho uma influência refreadora. Jotão levou pesadas responsabilidades durante os últimos anos do reinado de seu pai, e subiu ao trono após a morte de Uzias. De Jotão está escrito: "Fez o que era reto aos olhos do Senhor; fez conforme tudo quanto fizera seu pai Uzias. Tão-somente os altos se não tiraram; porque ainda o povo sacrificava e queimava incenso nos altos". 2 Reis 15:34, 35.

O reinado de Uzias estava chegando ao fim, e Jotão estava já levando muitas das tarefas do Estado, quando Isaías, da linhagem real, foi chamado, embora ainda jovem, para a missão profética. Os tempos em que Isaías devia trabalhar estavam repletos de perigos peculiares para o povo de Deus. O profeta devia testemunhar a invasão de Judá pelos exércitos combinados do norte de Israel e da Síria; devia ele contemplar as tropas assírias acampadas diante das principais cidades do reino. Durante a trajetória de sua vida, Samaria devia cair, e as dez tribos de Israel deviam ser espalhadas entre as nações. Judá seria mais de uma vez invadida pelos exércitos assírios, e Jerusalém devia sofrer um cerco do qual teria resultado sua queda, não Se tivesse Deus atuado miraculosamente. Graves perigos ameaçavam já a paz do reino do sul. A divina proteção estava sendo removida, e as forças assírias estavam prestes a se espalhar sobre a terra de Judá.

Mas os perigos de fora, esmagadores como pudessem parecer, não eram tão sérios quanto os perigos internos. Era a perversidade de seu povo que levava ao servo do Senhor a maior perplexidade e a mais profunda depressão. Por sua apostasia e rebelião, os que podiam ter permanecido como portadores de luz entre as nações, estavam atraindo os juízos de Deus. Muitos dos males que apressaram a

rápida destruição do reino do norte, e que tinham sido recentemente denunciados em termos inequívocos por Oséias e Amós, depressa estavam corrompendo o reino de Judá.

A perspectiva era particularmente desencorajadora em referência à condição social do povo. Em seu desejo de ganho, estavam os homens adicionando casa a casa, herdade a herdade. Oséias 5:8. A justiça fora pervertida; e nenhuma piedade era mostrada ao pobre. A respeito desses males Deus declarou: "O espólio do pobre está em vossas casas". "Que tendes vós que afligir o Meu povo e moer as faces do pobre?" Isaías 3:14, 15. Mesmo os juízes, cujo dever era proteger o desajudado, faziam ouvidos moucos aos clamores do pobre e necessitado, das viúvas e dos órfãos. Isaías 10:1, 2.

Com a opressão e a opulência vieram o orgulho e o amor à ostentação (Isaías 2:11, 12), embriaguez e o espírito de orgia. Isaías 5:22, 11, 12. E nos dias de Isaías a própria idolatria já não provocava [157] surpresa. Isaías 2:8, 9. Práticas iníquas tinham-se tornado tão predominantes entre todas as classes, que os poucos que permaneciam fiéis a Deus eram não raro tentados a perder o ânimo, dando lugar ao desencorajamento e desespero. Era como se o propósito de Deus para Israel estivesse para falhar, e a nação rebelde devesse sofrer sorte semelhante à de Sodoma e Gomorra.

Em face de tais condições, não é surpreendente que Isaías recuasse da responsabilidade, quando chamado a levar a Judá as mensagens de advertência e reprovação da parte de Deus, durante o último ano do reinado de Uzias. Ele bem sabia que haveria de encontrar obstinada resistência. Considerando sua própria incapacidade para enfrentar a situação, e tomando em conta a obstinação e incredulidade do povo para quem ia trabalhar, sua tarefa pareceu-lhe inexeqüível. Devia ele em desespero renunciar a sua missão, deixando Judá entregue a sua idolatria? Deviam os deuses de Nínive reger a terra em desafio ao Deus do Céu?

Tais eram os pensamentos que fervilhavam na mente de Isaías ao estar sob o pórtico do templo. Subitamente, pareceu-lhe que o portal e o véu interior do templo eram levantados ou afastados, e foi-lhe permitido olhar para dentro, sobre o santo dos santos, onde nem mesmo os pés do profeta podiam entrar. Ali surgiu ante ele a visão de Jeová assentado em Seu trono alto e sublime, enquanto o séquito de Sua glória enchia o templo. De cada lado do trono pairavam serafins,

as faces veladas em adoração, enquanto ministravam perante seu Criador, e se uniam em solene invocação: "Santo, santo, santo é o Senhor dos Exércitos; toda a Terra está cheia da Sua glória" (Isaías 6:3), de maneira que a coluna, o pilar e a porta de cedro pareciam sacudidos com o som, e a casa se encheu com seu tributo de louvor.

Contemplando Isaías esta revelação da glória e majestade de seu Senhor, sentiu-se oprimido com o senso da pureza e santidade de Deus. Quão saliente o contraste entre a incomparável perfeição de seu Criador, e a conduta pecaminosa dos que, como ele, havia muito foram contados entre o povo escolhido de Israel e Judá "Ai de mim", exclamou, "que vou perecendo porque eu sou um homem de lábios impuros, e habito no meio de um povo de impuros lábios, e os meus olhos viram o Rei, o Senhor dos exércitos". Isaías 6:5. Em pé, por assim dizer, na plena luz da divina presença do santuário, ele sentiu que, se deixado a sua própria imperfeição e ineficiência, seria inteiramente incapaz de executar a missão para a qual havia sido chamado. Mas um serafim foi enviado para libertá-lo de sua angústia, e capacitá-lo para a sua grande missão. Uma brasa viva do altar foi colocada sobre seus lábios com as palavras: "Eis que isto tocou os teus lábios; e a tua iniqüidade foi tirada, e purificado o teu pecado." Então a voz de Deus se fez ouvir dizendo: "A quem enviarei, e quem há de ir por nós?" e Isaías respondeu: "Eis-me aqui, envia-me a mim". Isaías 6:7, 8. [158]

O celestial visitante ordenou ao expectante mensageiro:

> "Vai, e dize a este povo:
>
> Ouvis, de fato, e não entendeis,
> e vedes, em verdade,
> mas não percebeis.
>
> Engorda o coração deste povo,
> e endurece-lhe os ouvidos,
> e fecha-lhe os olhos;
>
> Não venha ele a ver com os olhos,
> e a ouvir com seus ouvidos,
> e a entender com o seu coração,

e a converter-se,
e a ser sarado".

Isaías 6:9, 10.

O dever do profeta era claro; ele devia levantar sua voz em protesto contra os males predominantes. Mas assustava-o tomar a tarefa sem alguma segurança de sucesso. "Até quando, Senhor?" (Isaías 6:11) ele perguntou. Nenhum dentre Teu povo escolhido há de compreender, e arrepender-se e ser sarado?

Sua angústia de alma em favor do extraviado Judá não devia ser sofrida em vão. Sua missão não devia ser inteiramente infrutífera. Contudo os males que estiveram a se multiplicar por muitas gerações não seriam removidos em seus dias. No transcurso de sua vida ele teria que ser um corajoso e paciente ensinador — um profeta da esperança, bem como da condenação. O divino propósito seria finalmente cumprido, os frutos de seus esforços e dos labores de todos os fiéis mensageiros de Deus, haveriam de aparecer. Um remanescente devia ser salvo. Para que isto pudesse ser alcançado, e as mensagens de advertência e súplica fossem levadas à nação rebelde, o Senhor declarou:

"Até que se assolem as cidades,
e fiquem sem habitantes,
e nas casas não fique morador,
e a terra seja assolada de todo,
e o Senhor afaste dela os homens
e no meio da terra seja grande o desamparo".

Isaías 6:11, 12.

Os pesados juízos que deviam cair sobre os impenitentes — guerra, exílio, opressão, a perda de poder e prestígio entre as nações — tudo isso devia vir, para que os que neles reconhecessem a mão de um Deus ofendido, pudessem ser levados ao arrependimento. As dez tribos do reino do norte deviam logo ser espalhadas entre as nações, e suas cidades ficariam em desolação; os exércitos destruidores de nações hostis deviam varrer sua terra vez após vez; até mesmo Jerusalém devia finalmente cair, e Judá devia ser levada cativa; contudo,

a terra prometida não devia permanecer inteiramente abandonada para sempre. O celeste visitante de Isaías assegurou:

> "Se ainda a décima parte dela ficar,
> tornará a ser pastada.
>
> Como o carvalho, e como a azinheira,
> que, depois de se desfolharem, ainda ficam firmes,
> assim a santa semente será a firmeza dela".

Isaías 6:13.

Essa garantia do cumprimento final do propósito de Deus levou coragem ao coração de Isaías. Que importava que poderes terrestres se arregimentassem contra Judá? Que importava que o mensageiro [159] do Senhor enfrentasse oposição e resistência? Isaías tinha visto o Rei, o Senhor dos exércitos; ouvira o cântico dos serafins: "Toda a Terra está cheia de Sua glória" (Isaías 6:3); ele tivera a promessa de que as mensagens de Jeová ao apostatado Judá seriam acompanhadas pelo convincente poder do Espírito Santo; e o profeta foi revigorado para a obra que tinha diante de si. Através de sua longa e árdua missão, levou consigo a lembrança desta visão. Durante sessenta anos ou mais ele permaneceu diante dos filhos de Judá como um profeta de esperança, tornando-se cada vez mais ousado em suas [160] predições do futuro triunfo da igreja.

Capítulo 26 — “Eis aqui está o vosso Deus”

Nos dias de Isaías as faculdades espirituais da humanidade haviam sido entenebrecidas por uma errônea compreensão de Deus. Durante muito tempo Satanás procurara levar os homens a olhar o seu Criador como o autor do pecado, do sofrimento e morte. Os que ele havia assim enganado, tinham a Deus na conta de duro e exigente. Imaginavam-nO como atento para denunciar e condenar, maldisposto em receber o pecador enquanto houvesse uma escusa legal para não auxiliá-lo. A lei de amor pela qual o Céu é regido, havia sido falsamente apresentada pelo arquienganador com uma restrição imposta à felicidade do homem, um pesado jugo do qual deviam sentir-se alegres por se verem livres. Ele declarou que os preceitos, dessa lei não podiam ser obedecidos, e que as penalidades da transgressão eram impostas arbitrariamente.

Havendo perdido de vista o verdadeiro caráter de Jeová, os israelitas ficaram sem escusa. Não raro havia Deus Se revelado a eles como “um Deus cheio de compaixão, e piedoso, sofredor, e grande em benignidade e em verdade”. Salmos 86:15.

“Quando Israel era menino”, Ele testificou, “Eu o amei, e do Egito chamei o Meu filho”. Oséias 11:1.

Ternamente havia o Senhor tratado com Israel em seu livramento do cativeiro egípcio e em sua jornada para a terra prometida. “Em toda angústia deles foi Ele angustiado, e o anjo de Sua face os salvou; pelo Seu amor, e pela Sua compaixão Ele os remiu; e os tomou, e os conduziu todos os dias da antiguidade”. Isaías 63:9.

“Irá a Minha presença contigo” (Êxodo 33:14), foi a promessa feita durante a viagem através do deserto. Essa garantia foi acompanhada por uma maravilhosa revelação do caráter de Jeová, a qual capacitou Moisés a proclamar a todo o Israel a bondade de Deus, e a instruí-lo cabalmente quanto aos atributos do seu invisível Rei. “Passando pois o Senhor perante a sua face, clamou: Jeová, o Senhor, Deus misericordioso e piedoso, tardio em iras e grande em beneficência e verdade; que guarda a beneficência em milhares; que

perdoa a iniqüidade, e a transgressão, e o pecado; que ao culpado
[161] não tem por inocente". Êxodo 34:6, 7.

Foi sobre seu conhecimento da longanimidade de Jeová e de Seu infinito amor e misericórdia, que Moisés baseou sua maravilhosa intercessão pela vida de Israel quando, nos limites da terra prometida eles se recusaram a avançar em obediência ao mando de Deus. No clímax de sua rebelião o Senhor havia declarado: "Com pestilência o ferirei, e o rejeitarei"; e Se propusera fazer dos descendentes de Moisés "povo maior e mais forte do que este". Números 14:12. Mas o profeta pleiteou a maravilhosa providência e promessas de Deus em favor da nação escolhida. E então, como o mais forte de todos os argumentos, lembrou o amor de Deus pelo homem caído. Números 14:17-19.

Graciosamente o Senhor respondeu: "Conforme à tua palavra lhe tenho perdoado". E então Ele fez Moisés participante, na forma de uma profecia, do conhecimento de Seu propósito concernente ao triunfo final de Israel: "Tão certamente como Eu vivo", Ele declarou, "que a glória do Senhor encherá toda a Terra". Números 14:20, 21. A glória de Deus, Seu caráter, Sua misericordiosa bondade e terno amor — aquilo que Moisés havia pleiteado em favor de Israel — devia ser revelado a toda a humanidade. E esta promessa de Jeová foi feita duplamente segura; foi confirmada por um juramento. Tão certamente como Deus vive e reina, seria anunciada "entre as nações a Sua glória; entre todos os povos as Suas maravilhas". Salmos 96:3.

Foi com respeito ao futuro cumprimento desta profecia que Isaías tinha ouvido os gloriosos serafins cantando perante o trono: "Toda a Terra está cheia da Sua glória". Isaías 6:3. O profeta, confiante na certeza destas palavras, declarara ousadamente mais tarde, ele próprio, a respeito daqueles que se curvavam ante imagens de madeira e pedra: "Eles verão a glória do Senhor, e a excelência do nosso Deus". Isaías 35:2.

Hoje esta profecia está encontrando rápido cumprimento. As atividades missionárias da igreja de Deus na Terra estão produzindo rico fruto, e logo a mensagem evangélica terá sido proclamada a todas as nações. "Para louvor e glória da Sua graça", homens e mulheres de toda raça, língua e povo estão sendo feitos "agradáveis a si no Amado", para mostrar nos séculos vindouros as abundantes riquezas da Sua graça, pela benignidade para conosco em Cristo

Jesus”. Efésios 1:6; 2:7. “Bendito seja o Senhor Deus, o Deus de Israel, que só Ele faz maravilhas. E bendito seja para sempre o Seu nome glorioso, e encha-se toda a Terra da Sua glória”. Salmos 72:18, 19.

Na visão dada a Isaías no recinto do templo, foi-lhe propiciado ver claramente o caráter do Deus de Israel. “O alto e o sublime, que habita na eternidade, e cujo nome é santo”, havia-lhe aparecido em grande majestade; contudo, ao profeta fora feito compreender a natureza compassiva de seu Senhor. Aquele que habita “num alto e santo lugar”, habita “também com o contrito e abatido de espírito, para vivificar o espírito dos abatidos, e para vivificar o coração dos contritos”. Isaías 57:15. O anjo comissionado para tocar os lábios de [162] Isaías levara-lhe a mensagem: “Tua iniqüidade foi tirada, e purificado o teu pecado”. Isaías 6:7.

Pelo contemplar a seu Deus, o profeta, como Saulo de Tarso às portas de Damasco, não tinha recebido somente visão de sua própria indignidade; ao seu coração humilhado viera a certeza de perdão, pleno e livre; e ele se tornara um homem mudado. Havia visto o seu Senhor. Apanhara um lampejo da amabilidade do caráter divino. Podia testificar da transformação que se operara pela contemplação do Infinito Amor. Daí em diante ele fora inspirado com o incontido desejo de ver o transviado Israel livre do fardo e penalidade do pecado. “Por que seríeis ainda castigados?” o profeta inquirira. “Vinde então, e argüi-Me, diz o Senhor: ainda que os vossos pecados sejam como a escarlata, eles se tornarão brancos como a neve; ainda que sejam vermelhos como o carmesim, se tornarão como a branca lã”. “Lavai-vos, purificai-vos, tirai a maldade de vossos atos de diante dos Meus olhos; cessai de fazer mal. Aprendei a fazer bem”. Isaías 1:5, 18, 16, 17.

O Deus a quem tinham estado professando servir, mas cujo caráter haviam mal compreendido, fora posto diante deles como o grande Médico da enfermidade espiritual. Que importava estivesse toda a cabeça enferma, e todo o coração fraco? que desde a planta do pé até à cabeça não houvesse coisa sã, senão feridas, e inchaços e chagas podres? Isaías 1:6. Aquele que estivera seguindo obstinadamente o caminho do seu coração podia encontrar cura volvendo para o Senhor. “Eu vejo os seus caminhos”, o Senhor declarou, “e os sararei; também os guiarei, e lhes tornarei a dar consolações. [...]

Paz, paz, para os que estão longe, e para os que estão perto, diz o Senhor, e Eu os sararei". Isaías 57:18, 19.

O profeta exaltou a Deus como o Criador de todos. Sua mensagem às cidades de Judá foi: "Eis aqui está o vosso Deus". Isaías 40:9. "Assim diz Deus, o Senhor, que criou os céus, e os estendeu, e formou a Terra, e a tudo quanto produz" (Isaías 42:5); "Eu sou o Senhor que faço todas as coisas" (Isaías 44:24); "Eu formo a luz, e crio as trevas;" "Eu fiz a Terra, e criei nela o homem; Eu o fiz: as Minhas mãos estenderam os céus, e a todos os seus exércitos dei as Minhas ordens". Isaías 45:7, 12. "A quem pois Me fareis semelhante, para que lhe seja semelhante? diz o Santo. Levantai ao alto os vossos olhos, e vede quem criou estas coisas, quem produz por conta o seu exército, quem a todas chama pelos seus nomes; por causa da grandeza das Suas forças, e pela fortaleza do Seu poder, nenhuma faltará". Isaías 40:25, 26.

Aos que temiam não ser recebidos se retornassem a Deus, o profeta declarou:

"Por que pois dizes, ó Jacó, e tu falas, ó Israel: O meu caminho está encoberto ao Senhor, e o meu juízo passa de largo pelo meu Deus? Não sabes, não ouviste que o eterno Deus, o Senhor, o Criador [163] dos fins da Terra, nem Se cansa nem Se fatiga? não há esquadrinhação do Seu entendimento. Dá esforço ao cansado, e multiplica as forças ao que não tem nenhum vigor. Os jovens se cansarão e se fatigarão, e os mancebos certamente cairão, mas os que esperam no Senhor renovarão as suas forças, subirão com asas como águias; correrão, e não se cansarão; caminharão, e não se fatigarão". Isaías 40:27-31.

O coração do Infinito Amor anseia pelos que se sentem desprovidos de forças para se livrarem dos laços de Satanás; e graciosamente Se oferece para fortalecê-los, a fim de que vivam para Ele. "Não temas", ordena Ele, "porque Eu sou contigo; não te assombres, porque Eu sou teu Deus; Eu te esforço, Eu te ajudo, e te sustento com a destra da Minha justiça". "Eu, o Senhor teu Deus, te tomo pela tua mão direita, e te digo: Não temas, que Eu te ajudo. Não temas, ó bichinho de Jacó, povozinho de Israel; Eu te ajudo, diz o Senhor, e o teu Redentor é o Santo de Israel". Isaías 41:10, 13, 14.

Os habitantes de Judá eram todos indignos, contudo Deus não os abandonaria. Por eles Seu nome devia ser exaltado entre os pagãos.

Muitos que eram inteiramente desconhecedores de Seus atributos, deviam ainda contemplar a glória do divino caráter. Foi com o propósito de tornar claros Seus misericordiosos desígnios que Ele persistiu em enviar Seus servos os profetas com a mensagem: “Convertei-vos agora cada um do seu mau caminho”. Jeremias 25:5. “Por amor do Meu nome”, declarou Ele a Isaías, “retardarei a Minha ira, e por amor do Meu louvor Me conterei para contigo, para que te não venha a cortar”. “Por amor de Mim, por amor de Mim o farei, porque como seria profanado o Meu nome? e a Minha glória não a darei a outrem”. Isaías 48:9, 11.

O chamado para arrependimento soara com inconfundível clareza, e todos foram convidados a retornar. “Buscai ao Senhor enquanto se pode achar”, o profeta clamava, “invocai-O enquanto está perto. Deixe o ímpio o seu caminho, e o homem maligno os seus pensamentos, e se converta ao Senhor, que Se compadecerá dele; torne para o nosso Deus, porque grandioso é em perdoar”. Isaías 55:6, 7.

Tem você, leitor, escolhido, o seu próprio caminho? Tem vagueado longe de Deus? Tem procurado banquetear-se com os frutos da transgressão, apenas para verificar que são cinza em seus lábios? E agora, subvertidos os planos de sua vida e suas esperanças fenecidas, assenta-se você em desolação e solidão? Aquela voz que há muito lhe tem falado ao coração, mas a que você não tem dado ouvidos, chega-lhe distinta e clara: “Levantai-vos, e andai, porque não será aqui o lugar do vosso descanso; por causa da corrupção que destrói, sim, que destrói grandemente”. Miquéias 2:10. Retorne para a casa de seu Pai. Ele o convida, dizendo: “Torna-te para Mim, porque Eu te remi”. Isaías 44:22. “Vinde a Mim; ouvi, e a vossa alma viverá; porque convosco farei um concerto perpétuo, dando-vos as firmes beneficências de Davi”. Isaías 55:3. [164]

Não atenda à sugestão do inimigo de persistir longe de Cristo até que você mesmo tenha se tornado melhor; até que seja suficientemente bom para vir a Deus. Se esperar até então, jamais virá. Quando Satanás apontar para as suas vestes imundas, repita a promessa do Salvador: “O que vem a Mim de maneira nenhuma o lançarei fora”. João 6:37. Diga ao inimigo que o sangue de Jesus Cristo purifica de todo o pecado. Faça sua própria a oração de Davi: “Purifica-me com

hissopo, e ficarei puro; lava-me, e ficarei mais alvo do que a neve". Salmos 51:7.

As exortações do profeta de Judá para que contemplassem o Deus vivo, e para que aceitassem Seu gracioso oferecimento, não foram em vão. Houve alguns que deram fervorosa atenção, e que voltaram de seus ídolos para o culto de Jeová. Em seu Criador eles aprenderam a ver amor, misericórdia e terna compaixão. E nos dias negros que estavam para sobrevir na história de Judá, quando apenas um remanescente devia ser deixado na terra, as palavras do profeta deviam continuar produzindo fruto em decidida reforma. "Naquele dia", declarou Isaías, "atentará o homem para o seu Criador, e os seus olhos olharão para o Santo de Israel. E não atentará para os altares, obra das suas mãos, nem olhará para o que fizeram seus dedos, nem para os bosques, nem para as imagens do Sol". Isaías 17:7, 8.

Muitos deveriam contemplar Aquele que é totalmente desejável, o que leva a bandeira entre dez mil. "Os teus olhos verão o Rei na Sua formosura", era a graciosa promessa a eles feita. Seus pecados deviam ser perdoados, e eles deviam exultar somente em Deus. Nesse alegre dia da redenção da idolatria, eles exclamariam: "O Senhor ali nos será grandioso, lugar de rios e correntes largas. [...] O Senhor é o nosso juiz; o Senhor é o nosso legislador; o Senhor é o nosso rei; Ele nos salvará". Isaías 33:21, 22.

As mensagens levadas por Isaías aos que escolhiam volver de seus maus caminhos, eram cheias de conforto e encorajamento. Ouvi a palavra do Senhor por intermédio do Seu profeta:

"Lembra-te destas coisas ó Jacó,
e ó Israel, Porquanto és Meu servo;
eu te formei; Meu servo és, ó Israel;
não Me esquecerei de ti.

Desfaço as tuas transgressões como a névoa,
e os teus pecados como a nuvem;
torna-te para Mim, porque Eu te remi".

Isaías 44:21, 22.

"E dirás naquele dia: Graças Te dou, ó Senhor,

Porque, ainda que Te iraste contra mim,
a Tua ira se retirou,
e Tu me consolaste.
Eis que Deus é a minha salvação;
eu confiarei, e não temerei,
porque o Senhor Jeová é a minha força
e o meu cântico,
e Se tornou a minha salvação. [...]
Cantai ao Senhor, porque fez coisas grandiosas;
saiba-se isto em toda a Terra.
Exulta e canta de gozo, ó habitante de Sião,
porque grande é o Santo de Israel no meio de ti”.

Isaías 12.

[165]

Capítulo 27 — Acaz

A ascensão de Acaz ao trono pôs Isaías e seus associados face a face com condições mais aterradoras do que as que até então tivera lugar no reino de Judá. Muitos que anteriormente haviam resistido às influências sedutoras de práticas idólatras, estavam agora sendo persuadidos a tomar parte na adoração de divindades pagãs. Príncipes em Israel estavam-se mostrando infiéis ao sua atividade; falsos profetas se levantavam com mensagens que levavam ao extravio, e até alguns dos sacerdotes estavam ensinando por interesse. Não obstante os líderes em apostasia ainda conservavam as formas do culto divino, e presumiam ser contados entre o povo de Deus.

O profeta Miquéias, que durante esses tempos conturbados deu o seu testemunho, declarou que os pecadores de Sião, ao mesmo tempo que afirmavam estar "encostados ao Senhor", e em blasfêmia se vangloriando: "Não está o Senhor no meio de nós? nenhum mal nos sobrevirá", continuavam a edificar "a Sião com sangue, e a Jerusalém com injustiça". Miquéias 3:11, 10. Contra esses males o profeta Isaías levantou a voz em severa repreensão: "Ouvi a palavra do Senhor, vós príncipes de Sodoma; prestai ouvidos à lei do nosso Deus, ó povo de Gomorra. De que Me serve a Mim a multidão de vossos sacrifícios? diz o Senhor. [...] Quando vindes para comparecerdes perante Mim, quem requereu isto de vossas mãos, que viésseis pisar os Meus átrios?" Isaías 1:10-12.

A Inspiração declara: "O sacrifício dos ímpios é abominação; quanto mais oferecendo-o com intenção maligna". Provérbios 21:27. O Deus dos Céus é "tão puro de olhos", que não pode "ver o mal, e a vexação" não pode "contemplar". Hebreus 1:13. Não é porque não esteja disposto a perdoar que Ele Se afasta do transgressor; mas porque o pecador se recusa a servir-se da abundante provisão de graça, torna-se impossível a Deus livrar do pecado. "A mão do Senhor não está encolhida, para que não possa salvar; nem o Seu ouvido agravado, para que não possa ouvir. Mas as vossas iniqüidades fazem divisão entre vós e o vosso Deus; e os vossos

pecados encobrem o Seu rosto de vós, para que vos não ouça". Isaías 59:1, 2.

Salomão havia escrito: "Ai de ti, ó terra, cujo rei é criança". Eclesiastes 10:16. Assim foi com a terra de Judá. Em virtude de continuadas transgressões, seus reis haviam-se tornado como crianças. Isaías chamou a atenção do povo para a fraqueza da posição [166] deste entre as nações da Terra; e mostrou que isto era o resultado da impiedade que se praticava nas altas esferas. "Eis", disse ele, "que o Senhor Deus dos Exércitos tirará de Jerusalém e de Judá o bordão e o cajado, todo o sustento de pão, e toda a sede de água; o valente, e o soldado, o juiz e o profeta, e o adivinho, e o ancião; o capitão de cinqüenta, e o respeitável, e o conselheiro, e o sábio entre os artífices, e o eloqüente; e dar-lhes-ei mancebos por príncipes, e crianças governarão sobre eles." "Porque Jerusalém tropeçou, e Judá caiu; porquanto a sua língua e as suas obras são contra o Senhor". Isaías 3:1-4, 8.

"Os que te guiam", continuou o profeta, "te enganam, e destroem o caminho das tuas veredas". Isaías 3:12. Durante o reinado de Acaz isto foi literalmente verdade; pois dele está escrito: "Andou nos caminhos dos reis de Israel, e, demais disto, fez imagens fundidas a Baalim. Também queimou incenso no vale do filho de Hinom, e queimou a seus filhos no fogo, conforme a todas as abominações dos gentios que o Senhor tinha desterrado de diante dos filhos de Israel". 2 Crônicas 28:2, 3; 2 Reis 16:3.

Esse foi sem dúvida um tempo de grande perigo para a nação escolhida. Poucos anos mais e as dez tribos do reino de Israel seriam espalhadas entre as nações gentílicas. E no reino de Judá também as perspectivas eram negras. As forças do bem estavam diminuindo rapidamente, e as do mal aumentando. O profeta Miquéias, em vista da situação foi constrangido a exclamar: "Pereceu o benigno da terra, e não há entre os homens um que seja reto." "O melhor deles é como um espinho; o mais reto é pior do que um espinhal". Miquéias 7:2, 4. "Se o Senhor dos Exércitos não nos deixara algum remanescente", exclamou Isaías, "já como Sodoma seríamos, e semelhantes a Gomorra". Isaías 1:9.

Em todos os séculos, por amor dos que permaneceram leais, bem como em virtude do Seu infinito amor pelo transviado, Deus tem manifestado tolerância para com os rebeldes, e tem-nos admoestado a

que abandonem seu mau caminho, e tornem para Ele. “Mandamento sobre mandamento, regra sobre regra, um pouco aqui, um pouco ali” (Isaías 28:10), Ele tem ensinado aos transgressores o caminho da justiça por intermédio de homens por Ele indicados.

E assim foi durante o reinado de Acaz. Convite sobre convite foi enviado ao extraviado Israel para que retornasse à submissão a Jeová. Ternas foram as súplicas dos profetas; e ao estarem diante do povo, fervorosamente exortando ao arrependimento e reforma, suas palavras produziam fruto para a glória de Deus.

Através de Miquéias veio o maravilhoso apelo: “Ouvi agora o que diz o Senhor: levanta-te, contende com os montes, e ouçam os outeiros a tua voz. Ouvi, montes, a contenda do Senhor, e vós, fortes fundamentos da Terra; porque o Senhor tem uma contenda com o Seu povo, e com Israel entrará em juízo. [167]

“Ó povo Meu que te tenho feito? e em que te enfadei? testifica contra Mim. Certamente te fiz subir da terra do Egito e da casa da servidão te remi; e pus diante de ti a Moisés, Arão e Miriã.

“Povo Meu, ora lembra-te da consulta de Balaque, rei de Moabe, e do que lhe respondeu Balaão, filho de Beor, desde Sitim até Gilgal, para que conheças as justiças do Senhor”. Miquéias 6:1-5.

O Deus a quem servimos é longânimo; “Suas misericórdias não têm fim”. Lamentações 3:22. Através de um período de graça, Seu Espírito está apelando aos homens para que aceitem o dom da vida. “Vivo Eu, diz o Senhor Jeová, que não tenho prazer na morte do ímpio, mas em que o ímpio se converta do seu caminho, e viva. Convertei-vos, convertei-vos dos vossos maus caminhos, pois por que razão morrereis, ó casa de Israel?” Ezequiel 33:11. É um especial artifício de Satanás levar o homem ao pecado, e então deixá-lo ali, desajudado e desesperançado, temendo buscar perdão. Mas Deus convida: “Que se apodere da Minha força, e faça paz comigo; sim, que faça paz comigo”. Isaías 27:5. Em Cristo cada provisão está feita, cada incentivo oferecido.

Nos dias da apostasia em Judá e Israel, muitos estavam inquirindo: “Com que me apresentarei ao Senhor, e me inclinarei ante o Deus altíssimo? virei perante Ele com holocaustos? com bezerros de um ano? Agradar-Se-á o Senhor de milhares de carneiros? de dez mil ribeiros de azeite?” A resposta é clara e positiva: “Ele te declarou, ó homem, o que é bom; que é o que o Senhor pede de ti, senão que

pratiques a justiça, e ames a beneficência, e andes humildemente com o teu Deus?” Miquéias 6:6-8.

Insistindo sobre o valor da piedade prática, o profeta estava unicamente repetindo o conselho dado a Israel séculos antes. Por intermédio de Moisés, quando estavam para entrar na terra prometida, a palavra do Senhor havia sido: “Agora, pois, ó Israel, que é o que o Senhor teu Deus pede de ti, senão que andes em todos os Seus caminhos, e O ames, e sirvas ao Senhor teu Deus com todo o teu coração e com toda a tua alma, para que guardes os mandamentos do Senhor, e os Seus estatutos, que hoje te ordeno, para o teu bem?” Deuteronômio 10:12, 13. De século em século esses conselhos foram repetidos pelos servos de Jeová aos que estavam em perigo de cair nos hábitos do formalismo e de esquecer de demonstrar misericórdia. Quando, durante o Seu ministério terrestre, o próprio Cristo foi assediado por um doutor da lei com a pergunta: “Mestre, qual é o grande mandamento da lei?” Sua resposta foi: “Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento. Este é o primeiro e grande mandamento. E o segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Destes dois mandamentos depende toda a lei e os profetas”. Mateus 22:36-40.

Estes claros pronunciamentos dos profetas e do próprio Mestre deviam ser recebidos por nós como a voz de Deus a cada alma. Não devemos perder oportunidade de praticar obras de benemerência, de terna previdência e cortesia cristã em favor do sobrecarregado e oprimido. Se mais não podemos fazer, devemos dizer palavras de coragem e esperança aos que não estão familiarizados com Deus, dos quais se pode com mais facilidade aproximar pelas avenidas da simpatia e do amor. [168]

Ricas e abundantes são as promessas feitas aos que são atentos a oportunidades para levar alegria e bênção à vida de outros. “E se abrires a tua alma ao faminto, e fartares a alma aflita; então a tua luz nascerá nas trevas, e a tua escuridão será como o meio-dia. E o Senhor te guiará continuamente, e fartará a tua alma em lugares secos, e fortificará os teus ossos; e serás como um jardim regado, e como um manancial, cujas águas nunca faltam”. Isaías 58:10, 11.

A conduta idólatra de Acaz, em face dos ferventes apelos dos profetas, não podia ter senão um resultado. Veio grande ira do Senhor

sobre Judá e Jerusalém, e os entregou à turbação, à assolação, e ao assobio”. 2 Crônicas 29:8. O reino sofreu rápido declínio, e sua própria existência foi posta logo em perigo pelos exércitos invasores. “Então subiu Rezim, rei da Síria, com Peca, filho de Remalias, rei de Israel, a Jerusalém, à peleja; e cercaram a Acaz”. 2 Reis 16:5.

Tivesse Acaz e os principais homens de seu reino sido leais ao Altíssimo, e nenhum temor manifestariam a respeito de aliança tão antinatural como a que se tinha formado contra eles. Mas a repetida transgressão tinha-os despojado de força. Atingidos por um enorme temor dos juízos de um Deus ofendido, “se moveu o coração do rei, e o coração do seu povo, como se movem as árvores do bosque com o vento”. Isaías 7:2. Nesta crise, a palavra do Senhor veio a Isaías, ordenando-lhe que fosse ao encontro do rei amedrontado, e dissesse:

“Acautela-te e aquieta-te; não temas, nem se desanime o teu coração [...] porquanto a Síria teve contra ti maligno conselho, com Efraim e com o filho de Remalias, dizendo: Vamos subir contra Judá e atormentemo-lo, e repartamo-lo entre nós, e façamos reinar no meio dele o filho de Tabeal. Assim diz o Senhor Deus: Isto não subsistirá, nem tampouco acontecerá”. O profeta declarou que o reino de Israel, bem como o da Síria, chegaria logo ao fim. “Se o não crerdes”, concluiu, “não ficareis firmes”. Isaías 7:4-7, 9.

Quão bom teria sido para o reino de Judá tivesse Acaz recebido esta mensagem como do Céu. Mas escolhendo apoiar-se no braço de carne, buscou ajuda de pagãos. Em desespero ele enviou uma mensagem a Tiglate-Pileser, rei da Assíria: “Eu sou teu servo e teu filho; sobe, e livra-me das mãos do rei da Síria, e das mãos do rei de Israel, que se levantam contra mim”. O pedido foi acompanhado de um rico presente tirado do tesouro do rei e das reservas do templo.

O auxílio pedido foi enviado, e ao rei Acaz foi dado um alívio temporário, mas a que preço para Judá O tributo oferecido despertou a cupidez da Assíria, e esta nação pérfida logo ameaçou invadir Judá e espoliá-la. Acaz e seus infelizes súditos estavam agora mortificados pelo temor de cair completamente nas mãos dos cruéis assírios. [169]

“O Senhor humilhou a Judá” por causa de sua continuada transgressão. Nesse tempo de correção, Acaz, em vez de se arrepender, “ainda mais transgrediu contra o Senhor [...] porque sacrificou aos deuses de Damasco”. “Visto que os deuses da Síria os ajudam”, disse

ele, “eu lhes sacrificarei, para que me ajudem a mim”. 2 Crônicas 28:19, 22, 23.

Ao aproximar-se o fim do reinado do apóstata, fez ele que as portas do templo fossem fechadas. O serviço sagrado foi interrompido. Não mais ficariam os castiçais acesos perante o altar. Não mais seriam oferecidas ofertas pelos pecados do povo. Não mais o suave incenso ascenderia ao alto na hora do sacrifício da manhã e da tarde. Tornando deserto o pátio da casa de Deus, e aferrolhando suas portas, os habitantes da ímpia cidade ousadamente ergueram altares para a adoração de divindades pagãs nas esquinas das ruas através de Jerusalém. Aparentemente o paganismo havia triunfado; os poderes das trevas haviam quase prevalecido.

Mas em Judá viviam alguns que mantiveram sua obediência a Jeová, recusando com firmeza serem levados à idolatria. Era para estes que Isaías e Miquéias e seus associados olhavam com esperança ao verem a ruína operada durante os últimos anos de Acaz. Seu santuário fora fechado, mas àqueles fiéis fora assegurado: “Deus é conosco”. “Ao Senhor dos Exércitos, a Ele santificai; e seja Ele o vosso temor, e seja Ele o vosso assombro. Então Ele vos será santuário”. Isaías 8:10, 13, 14. [170]

Capítulo 28 — Ezequias

Em evidente contraste com o governo displicente de Acaz, foi a transformação operada durante o próspero reinado de seu filho. Ezequias subiu ao trono determinado a fazer tudo que estivesse em seu poder para salvar Judá da sorte que estava tocando ao reino do norte. As mensagens dos profetas não davam margem a meias-medidas. Unicamente mediante a mais decidida reforma seriam evitados os juízos impendentes.

Nessa emergência, Ezequias provou ser um homem para a ocasião. Mal havia ele subido ao trono, começou a planejar e a executar. Voltou primeiramente sua atenção para a restauração das atividades do templo, havia tanto tempo negligenciadas; e nesta obra solicitou com fervor a cooperação de um grupo de sacerdotes e levitas que tinham permanecido leais a sua sagrada vocação. Seguro de sua leal cooperação, com eles falou livremente do seu desejo de instituir imediatas e profundas reformas. "Nossos pais transgrediram", confessou, "e fizeram o que era mal aos olhos do Senhor nosso Deus, e O deixaram, e desviaram os seus rostos do tabernáculo do Senhor". "Agora me tem vindo ao coração, que façamos um concerto com o Senhor, Deus de Israel, para que se desvie de nós o ardor da Sua ira". 2 Crônicas 29:6, 10.

Em poucas e bem escolhidas palavras, o rei passou em revista a situação que enfrentava: o templo fechado e a cessação de todas as cerimônias no seu recinto; a idolatria flagrante praticada nas ruas da cidade e através do reino; a apostasia de multidões que poderiam ter permanecido leais a Deus se os líderes de Judá lhes tivessem dado um exemplo reto; e o declínio do reino e sua perda de prestígio na estima das nações ao redor. O reino do norte estava rapidamente se desmoronando; muitos estavam perecendo à espada; já uma multidão havia sido levada cativa; logo Israel devia cair completamente nas mãos dos assírios, e seria inteiramente arruinado; e esta sorte tocaria certamente também a Judá, a menos que Deus operasse poderosamente por intermédio de representantes escolhidos.

Ezequias apelou diretamente aos sacerdotes para que se unissem a ele a fim de levarem a efeito as necessárias reformas. “Não sejais negligentes”, ele os exortou, “pois o Senhor vos tem escolhido para estardes diante dEle para O servirdes, e para serdes Seus ministros e queimardes incenso”. “Santificai-vos agora, e santificai a casa do Senhor, Deus de vossos pais”. 2 Crônicas 29:11, 5. [171]

Era esse um tempo para ação imediata. Os sacerdotes agiram com rapidez. Conseguindo a cooperação de outros de seu número que não haviam estado presentes durante esta conferência, empenharam-se de coração na obra de purificar e santificar o templo. Em vista dos anos de profanação e negligência, isto foi cercado de muitas dificuldades; mas os sacerdotes e levitas trabalharam infatigavelmente, e dentro de um intervalo de tempo consideravelmente curto foram capazes de dar sua tarefa por completa. As portas do templo foram reparadas e abertas de par em par; os vasos sagrados foram reunidos e postos no lugar; e tudo estava em ordem para o restabelecimento das atividades do santuário.

No primeiro culto celebrado, os príncipes da cidade uniram-se com o rei Ezequias e com os sacerdotes e levitas em buscar o perdão para os pecados da nação. Sobre o altar foram postas as ofertas pelo pecado, “para reconciliar a todo o Israel”. “E acabando de o oferecer, o rei e todos quantos com ele se acharam se prostraram e adoraram”. Uma vez mais as cortes do templo ressoaram com palavras de louvor e adoração. Os cânticos de Davi e de Asafe foram cantados com júbilo, ao sentirem os adoradores que estavam sendo libertados do cativeiro do pecado e apostasia. “E Ezequias, e todo o povo se alegraram, de que Deus tinha preparado o povo; porque apressuradamente se fez esta obra”. 2 Crônicas 29:24, 29, 36.

Deus havia sem dúvida preparado o coração dos chefes em Judá para liderarem um decidido movimento de reforma, a fim de que a onda da apostasia pudesse ser detida. Por intermédio de Seus profetas Ele tinha enviado a Seu povo escolhido mensagem após mensagem de ferventes rogos — mensagens que haviam sido desprezadas e rejeitadas pelas dez tribos do reino de Israel, agora entregues ao inimigo. Mas em Judá ficou um piedoso remanescente, e a esses os profetas continuaram a apelar. Ouvi Isaías instando: “Convertei-vos pois Àquele contra quem os filhos de Israel se rebelaram tão profundamente”. Isaías 31:6. Ouvi Miquéias declarando com confi-

ança: “Eu, porém, esperarei no Senhor; esperarei no Deus da minha salvação; o meu Deus me ouvirá. Ó inimiga minha, não te alegres a meu respeito; ainda que eu tenha caído, levantar-me-ei; se morar nas trevas, o Senhor será a minha luz. Sofrerei a ira do Senhor, porque pequei contra Ele; até que julgue a minha causa, e execute o meu direito. Ele me trará à luz, e eu verei a Sua justiça”. Miquéias 7:7-9.

Essas e outras mensagens semelhantes reveladoras da boa disposição de Deus em perdoar e aceitar os que a Ele voltavam com inteireza de coração, haviam levado esperança a muitas almas debilitadas nos escuros anos em que as portas do templo estiveram fechadas; e agora, ao darem os líderes início a uma reforma, uma multidão do povo, cansada da servidão do pecado, estava pronta para responder.

Os que entraram pelo pátio do templo em busca de perdão e a fim de renovarem seus votos de consagração a Jeová, encontraram [172] maravilhoso encorajamento nas porções proféticas da Escritura. As solenes advertências contra a idolatria, proferidas por intermédio de Moisés aos ouvidos de todo o Israel, haviam sido acompanhadas pelas profecias da boa vontade de Deus em ouvir e perdoar aos que em tempos de apostasia buscassem a Deus de todo o coração. “Então no fim de dias”, Moisés havia dito, “te virarás para o Senhor teu Deus, e ouvirás a Sua voz. Porquanto o Senhor teu Deus é Deus misericordioso, e não te desamparará, nem te destruirá, nem Se esquecerá do concerto que jurou a teus pais”. Deuteronômio 4:30, 31.

E na oração profética oferecida por ocasião da dedicação do templo, cujas cerimônias Ezequias e seus companheiros estavam agora restaurando, Salomão havia suplicado: “Quando o Teu povo Israel for ferido diante do inimigo, por ter pecado contra Ti, e confessarem o Teu nome, e orarem e suplicarem a Ti nesta casa, ouve Tu então nos Céus, e perdoa o pecado do Teu povo Israel”. 1 Reis 8:33, 34. O selo da aprovação divina havia sido posto sobre esta oração; pois ao ser ela concluída, fogo havia descido do Céu a fim de consumir a oferta queimada e os sacrifícios, e a glória do Senhor enchera o templo. 2 Crônicas 7:1. E à noite o Senhor havia aparecido a Salomão, para dizer-lhe que sua oração tinha sido ouvida, e que misericórdia seria mostrada aos que adorassem ali. Havia sido dada a graciosa certeza: “Se o Meu povo, que se chama pelo Meu nome, se humilhar,

e orar, e buscar a Minha face e se converter dos seus maus caminhos, então Eu ouvirei dos Céus, e perdoarei os seus pecados, e sararei a sua terra”. 2 Crônicas 7:14.

Essas promessas encontraram abundante cumprimento durante a reforma levada a efeito por Ezequias.

O bom início ao tempo da purificação do templo foi seguido por um movimento mais amplo, do qual participaram tanto Israel como Judá. Em seu zelo para tornar as cerimônias do templo uma bênção real para o povo, Ezequias determinou reavivar o antigo costume de reunir os israelitas para a celebração conjunta da festa da Páscoa.

Por muitos anos a Páscoa não fora observada como festa nacional. A divisão do reino após o reinado de Salomão tinha feito que isto parecesse impraticável. Mas os terríveis juízos suspensos sobre as dez tribos estavam despertando no coração de alguns o desejo por coisas melhores; e as estimuladoras mensagens dos profetas estavam manifestando o seu efeito. Por intermédio de correios reais o convite para a Páscoa em Jerusalém foi ouvido amplamente, “de cidade em cidade, pela terra de Efraim e Manassés até Zebulom”. Os portadores do gracioso convite foram geralmente repelidos. Os impenitentes levianamente se retraíram; não obstante, alguns, ansiosos de buscar a Deus para um conhecimento mais claro de Sua vontade, “se humilharam, e vieram a Jerusalém”. 2 Crônicas 30:10, 11.

Na terra de Judá a resposta foi muito generalizada; pois sobre eles estava “a mão de Deus, dando-lhes um só coração, para fazerem o mandamento do rei e dos príncipes” (2 Crônicas 30:12) [173] — uma determinação de acordo com a vontade de Deus revelada por intermédio de Seus profetas.

A ocasião representava uma das maiores vantagens para a multidão reunida. As ruas profanadas da cidade foram limpas dos idólatras altares colocados ali durante o reinado de Acaz. No dia determinado a Páscoa foi observada; e a semana foi gasta pelo povo em oferecer ofertas pacíficas e em aprender o que Deus queria que fizessem. Diariamente os levitas “que tinham entendimento no bom conhecimento do Senhor ensinavam ao povo”; e os que haviam preparado o seu coração para buscarem a Deus encontraram perdão. Grande alegria tomou posse da multidão de adoradores; “os levitas e os sacerdotes louvaram ao Senhor de dia em dia, com instrumentos

fortemente retinentes” (2 Crônicas 30:22, 21); todos estavam unidos no seu desejo de louvar Aquele que Se havia provado tão gracioso e misericordioso.

Os sete dias normalmente dedicados à festa da Páscoa passaram demasiado depressa, e os adoradores determinaram gastar outros sete dias em aprender mais amplamente o caminho do Senhor. Os sacerdotes instrutores continuaram sua obra de instrução do livro da lei; diariamente o povo se reunia no templo para oferecer seu tributo de louvor e gratidão; e quando o grande ajuntamento ia chegando ao fim, tornou-se evidente que Deus havia operado maravilhosamente na conversão do transviado Judá, e em deter a maré de idolatria que ameaçava arrastar tudo diante de si. As solenes advertências dos profetas não tinham sido proferidas em vão. “Houve grande alegria em Jerusalém, porque desde os dias de Salomão, filho de Davi, rei de Israel, tal não houve em Jerusalém”. 2 Crônicas 30:26.

Chegou o momento em que os adoradores deviam retornar a seus lares. “Então os sacerdotes, os levitas, se levantaram e abençoaram o povo; e a sua voz foi ouvida, porque a sua oração chegou até a Sua santa habitação, aos Céus”. 2 Crônicas 30:27. Deus havia aceito os que com o coração quebrantado haviam confessado seus pecados, e com resoluto propósito haviam voltado para Ele em busca de perdão e auxílio.

Restava agora uma importante obra, na qual os que estavam retornando a seus lares deviam tomar parte ativa; e a execução desta obra trouxe a evidência da genuinidade da reforma operada. O relato diz: “Todos os israelitas que ali se achavam saíram às cidades de Judá e quebraram as estátuas, cortaram os bosques, e derribaram os altos e altares por toda Judá e Benjamim, como também por Efraim e Manassés, até que tudo destruíram. Então tornaram todos os filhos de Israel, cada um para a sua possessão, para as cidades deles”. 2 Crônicas 31:1.

Ezequias e seus associados instituíram várias reformas para o levantamento dos interesses espirituais e temporais do reino. “Em todo o Judá” o rei “fez o que era bom, e reto, e verdadeiro perante o Senhor seu Deus. E em toda a obra que começou, [...] com todo o seu coração o fez, e prosperou”. “No Senhor Deus de Israel confiou, [...] não se apartou de após Ele, e guardou os mandamentos que o

[174]

Senhor tinha dado a Moisés. Assim o Senhor foi com ele”. 2 Reis 18:5-7.

O reinado de Ezequias se caracterizou por uma série de marcantes providências, as quais revelaram às nações vizinhas que o Deus de Israel estava com o Seu povo. O êxito dos assírios em capturar Samaria e espalhar o quebrantado remanescente das dez tribos entre as nações, durante a primeira parte do seu reinado, estava levando muitos a pôr em dúvida o poder do Deus dos hebreus. Empolgados por seus sucessos, os ninivitas havia muito tinham posto de lado a mensagem de Jonas, e se tornaram insolentes em sua oposição aos propósitos do Céu. Poucos anos após a queda de Samaria, os exércitos vitoriosos reapareceram na Palestina, dirigindo desta vez as suas forças contra as cidades fortificadas de Judá, com alguma medida de sucesso; mas se contiveram por algum tempo, em virtude de dificuldades surgidas em outras partes de seu reino. Não seria senão alguns anos mais tarde, ao aproximar-se o fim do reinado de Ezequias, que devia ser demonstrado perante as nações do mundo se os deuses dos pagãos deviam afinal prevalecer. [175]

Capítulo 29 — Os embaixadores de Babilônia

Em meio ao seu próspero reinado, o rei Ezequias foi subitamente acometido de fatal enfermidade. Enfermo "de morte", seu caso estava além do poder do auxílio humano. E o último vestígio de esperança pareceu removido, quando o profeta Isaías surgiu perante ele com a mensagem: "Assim diz o Senhor: Põe em ordem a tua casa, porque morrerás, e não viverás". Isaías 38:1.

A perspectiva parecia extremamente ruim; contudo o rei podia ainda orar Àquele que até ali havia sido o seu "refúgio e fortaleza, socorro bem presente na angústia". Salmos 46:1. E assim ele "virou o rosto para a parede, e orou ao Senhor, dizendo: Ah, Senhor Sê servido de Te lembrar de que andei diante de Ti em verdade, e com o coração perfeito, e fiz o que era reto aos Teus olhos. E chorou Ezequias muitíssimo". 2 Reis 20:2, 3.

Desde os dias de Davi, não havia reinado rei que atuasse tão poderosamente para o reerguimento do reino de Deus num tempo de apostasia e desencorajamento como o fizera Ezequias. O agonizante rei havia servido ao seu Deus fielmente, e tinha fortalecido a confiança do povo em Jeová como seu Supremo Senhor. E, como Davi, podia agora suplicar:

"Chegue a minha oração perante a Tua face,
inclina os Teus ouvidos ao meu clamor;
porque a minha alma está cheia de angústias,
e a minha vida se aproxima da sepultura".

Salmos 88:2, 3.

"Pois Tu és a minha esperança, Senhor Deus;
Tu és a minha confiança desde a minha mocidade.
Por Ti tenho sido sustentado."
"Não me rejeites no tempo da velhice."

"Ó Deus, não Te alongues de mim;

Meu Deus, apressa-Te em ajudar-me."
"Não me desampares, ó Deus,
até que tenha anunciado
a Tua força a esta geração,
e o Teu poder a todos os vindouros".

Salmos 71:5, 6, 9, 12, 18.

Aquele cujas "misericórdias não têm fim" (Lamentações 3:22), ouviu a oração de Seu servo. "Sucedeu, pois, que, não havendo Isaías ainda saído do meio do pátio, veio a ele a palavra do Senhor, dizendo: Volta e dize a Ezequias, chefe do Meu povo: Assim diz o Senhor, Deus de Davi, teu pai: Ouvi a tua oração e vi as tuas lágrimas; eis que Eu te sararei; ao terceiro dia subirás à casa do Senhor. E acrescentarei aos teus dias quinze anos; e das mãos do rei [176] da Assíria te livrarei, a ti e a esta cidade, e ampararei esta cidade por amor de Mim, e por amor de Davi, Meu servo". 2 Reis 20:4-6.

Jubiloso, o profeta voltou com as palavras de certeza e esperança. Ordenando que uma pasta de figos fosse posta sobre a parte enferma, Isaías entregou ao rei a mensagem de misericórdia, proteção e cuidado de Deus.

Como Moisés na terra de Midiã, como Gideão na presença do mensageiro celestial, como Eliseu momentos antes da ascensão de seu senhor, Ezequias pediu algum sinal de que a mensagem era do Céu. "Qual é o sinal", indagou, "de que o Senhor me sarará, e de que ao terceiro dia subirei à casa do Senhor?"

"Isto te será sinal da parte do Senhor", o profeta respondeu, "de que o Senhor cumprirá a palavra que disse: adiantar-se-á a sombra dez graus, ou voltará dez graus atrás?" "É fácil", disse Ezequias, "que a sombra decline dez graus; não, mas volte a sombra dez graus atrás".

Unicamente por interposição direta de Deus poderia a sombra no quadrante solar voltar atrás dez graus; e isto devia ser sinal a Ezequias de que o Senhor tinha ouvido sua oração. Concordando, "o profeta Isaías clamou ao Senhor; e fez voltar a sombra dez graus atrás, pelos graus que já tinha declinado no relógio de sol de Acaz". 2 Reis 20:8-11.

Restaurada a sua antiga força, o rei de Judá reconheceu em palavras de cântico as misericórdias de Jeová, e fez um voto de despender os restantes dias de sua vida em voluntário serviço ao Rei dos reis. Seu grato reconhecimento do compassivo trato de Deus para com ele é uma inspiração a todo que desejar gastar seus anos para a glória do seu Criador:

"Eu disse: Na tranqüilidade de meus dias,
  ir-me-ei às portas da sepultura;
já estou privado do resto dos meus anos.
  Eu disse: Já não verei mais o Senhor na terra dos viventes;
jamais verei o homem com os moradores do mundo.
  O tempo da minha vida se foi,
e foi removido de mim, como choça de pastor;
  Cortei como tecelão a minha vida:
Como que do tear me cortará;
  desde a manhã até à noite me acabarás.

Eu sosseguei até à madrugada;
  como um leão quebrou todos os meus ossos;
desde a manhã até à noite me acabarás.
  Como o grou, ou andorinha,
assim eu chilreava, e gemia como a pomba;
  alçava os meus olhos ao alto:
Ó Senhor, ando oprimido fica por meu fiador. Que direi?

Como mo prometeu, Assim o fez;
  assim passarei mansamente por todos os meus anos;
na amargura de minha alma.
  Ó Senhor, com estas coisas se vive,
e em todas elas está a vida do meu espírito;
  portanto, cura-me e faze-me viver.
Eis que para minha paz,
  eu estive em grande amargura;
Tu porém tão amorosamente abraçaste a minha alma,
  que não caiu na cova da corrupção;
porque lançaste para trás
  das Tuas costas todos os meus pecados.

Porque não pode louvar-Te a sepultura,
nem a morte glorificar-Te;
Nem esperarão em Tua verdade os que descem à cova.

[177]

Os vivos, os vivos, esses Te louvarão como eu hoje faço;
o pai aos filhos fará notória a Tua verdade.
O Senhor veio salvar-me;
pelo que, tangendo eu meus instrumentos,
nós O louvaremos todos os dias de nossa vida na casa do Senhor”.

Isaías 38:10-20.

Nos férteis vales do Tigre e do Eufrates habitava um antigo povo que, embora nesse tempo estivesse sujeita à Assíria, estava destinada a governar o mundo. Havia entre o seu povo homens sábios que davam muita atenção ao estudo da astronomia; e quando notaram que a sombra do quadrante solar havia regredido dez graus, ficaram grandemente maravilhados. Seu rei, Merodaque-Baladã, tendo sido informado de que este milagre se realizara como um sinal ao rei de Judá de que o Deus do Céu lhe havia assegurado nova etapa de vida, enviou embaixadores a Ezequias a fim de com ele se congratular por seu restabelecimento, e se informar, se possível, mais a respeito do Deus que realizava tão grande maravilha.

A visita desses mensageiros do governante de tão distante terra dava a Ezequias a oportunidade de celebrar o Deus vivo. Quão fácil lhe teria sido falar-lhes de Deus, o sustentador de todas as coisas criadas, por cujo favor sua própria vida tinha sido poupada, quando todas as outras esperanças haviam desaparecido Que momentosas transformações poderiam ter ocorrido, caso esses pesquisadores da verdade, vindos das planícies da Caldéia, fossem levados ao conhecimento da suprema soberania do Deus vivo

Mas o orgulho e a vaidade tomaram posse do coração de Ezequias, e em exaltação própria expôs aos olhos cobiçosos os tesouros com que Deus havia enriquecido o Seu povo. O rei “lhes mostrou a casa do seu tesouro, a prata e o ouro, e as especiarias, e os melhores ungüentos, e toda a sua casa de armas, e tudo quanto se achava nos seus tesouros; coisa nenhuma houve, nem em sua casa, nem em

todo o seu domínio, que Ezequias lhes não mostrasse". Isaías 39:2. Não foi para glorificar a Deus que ele assim procedeu, mas para exaltar-se aos olhos dos príncipes estrangeiros. Ele não se deteve na consideração de que esses homens eram representantes de uma poderosa nação que não tinha o temor nem o amor de Deus no coração, e que era uma imprudência fazê-los seus confidentes quanto às riquezas da nação.

A visita dos embaixadores a Ezequias foi um teste de sua gratidão e devoção. O relato diz: "Contudo, no negócio dos embaixadores dos príncipes de Babilônia, que foram enviados a ele, a perguntarem acerca do prodígio que se fez naquela terra, Deus o desamparou, para tentá-lo, para saber tudo o que havia no seu coração". 2 Crônicas 32:31. Tivesse aproveitado a oportunidade que lhe era dada de testemunhar do poder, bondade e compaixão do Deus de Israel, o relatório dos embaixadores teria sido como luz espancando as trevas. Mas ele se engrandeceu a si mesmo acima do Senhor dos Exércitos. "Mas não correspondeu Ezequias ao benefício que se lhe fez, porque o seu coração se exaltou". 2 Crônicas 32:25. [178]

Quão desastrosos os resultados que se deviam seguir. A Isaías foi revelado que os embaixadores que se retiravam estavam levando consigo um relato das riquezas que tinham visto, e que o rei de Babilônia e seus conselheiros planejariam enriquecer seu próprio país com os tesouros de Jerusalém. Ezequias havia pecado gravemente; "pelo que veio grande indignação sobre ele, e sobre Judá e Jerusalém". 2 Crônicas 32:25.

"Então o profeta Isaías veio ao rei Ezequias, e lhe disse: Que foi que aqueles homens disseram, e donde vieram a ti? E disse Ezequias: De uma terra remota vieram a mim, de Babilônia. E disse ele: Que foi que viram em tua casa? E disse Ezequias: Viram tudo quanto há em minha casa; coisa nenhuma há nos meus tesouros, que eu deixasse de lhes mostrar.

"Então disse Isaías a Ezequias: Ouve a palavra do Senhor dos Exércitos: Eis que virão dias em que tudo quanto houver em tua casa, com o que entesouraram teus pais até ao dia de hoje, será levado para Babilônia; não ficará coisa alguma, disse o Senhor. E dos teus filhos, que procederem de ti, e tu gerares, tomarão, para que sejam eunucos no palácio do rei de Babilônia.

"Então disse Ezequias a Isaías: Boa é a palavra do Senhor que disseste". Isaías 39:3-8.

Tomado de remorso, Ezequias se "humilhou pela soberba do seu coração, ele e os habitantes de Jerusalém; e a grande indignação do Senhor não veio sobre eles, nos dias de Ezequias". 2 Crônicas 32:26. Mas a má semente havia sido semeada, e no devido tempo iria produzir uma colheita de desolação e ais. Durante os seus anos restantes, o rei de Judá teria muita prosperidade em virtude do seu firme propósito de redimir o passado e levar honra ao nome do Deus a quem servia; não obstante sua fé seria severamente provada, e ele devia aprender que unicamente pela confiança posta inteiramente em Jeová poderia esperar triunfar sobre os poderes das trevas que estavam tramando sua ruína e a total destruição do seu povo.

A história da falta de Ezequias em se provar fiel a sua missão ao tempo da visita dos embaixadores, está pejada de importantes lições para todos. Necessitamos, muito mais do que o fazemos, falar dos preciosos capítulos em nossa experiência, sobre a misericórdia e amorável bondade de Deus, as incomparáveis profundezas do amor do Salvador. Quando a mente e o coração estão cheios do amor de Deus, não será difícil partilhar aquilo que faz parte da vida espiritual. Grandes pensamentos, nobres aspirações, clara percepção da verdade, propósitos altruístas, anelos de piedade e santidade, encontrarão expressão em palavras que revelem a qualidade dos tesouros do coração.

Aqueles com quem nos associamos dia a dia necessitam de nosso auxílio, nossa orientação. Eles podem encontrar-se em tal condição de mente que uma palavra dita a tempo será como um prego encravado no lugar certo. Amanhã algumas dessas almas poderão estar onde nunca mais as alcançaremos outra vez. Qual é nossa influência sobre esses companheiros de jornada? [179]

Cada dia de nossa vida está carregado de responsabilidades que nós temos de enfrentar. Cada dia nossas palavras e atos estão fazendo impressão sobre aqueles com quem nos associamos. Quão grande é a necessidade que temos de pôr uma guarda em nossos lábios e vigiar cuidadosamente nossos passos. Um gesto desavisado, um passo imprudente e poderão surgir ondas de alguma forte tentação que podem levar uma alma para o sorvedouro. Não podemos arrancar os pensamentos que houverem sido plantados nas mentes humanas. Se

foram maus, poderemos ter posto em movimento uma seqüência de circunstâncias, uma avalanche de males, que não seremos capazes de deter.

Por outro lado, se por nosso exemplo ajudamos a outros no desenvolvimento de bons princípios, damos-lhes capacidade para fazer o bem. Por seu turno eles exercem a mesma benéfica influência sobre outros. Assim centenas e milhares são ajudados pela nossa influência por nós despercebida. O verdadeiro seguidor de Cristo fortalece os bons propósitos de todos aqueles com quem entra em contato. Diante de um mundo incrédulo e amante do pecado, ele [180] revela o poder da graça de Deus e a perfeição do Seu caráter.

Capítulo 30 — Libertos da Assíria

Num tempo de grave perigo nacional, quando as tropas da Assíria invadiram as terras de Judá, e parecia como se nada pudesse livrar Jerusalém de total destruição, Ezequias reuniu as forças do seu reino para resistir com inquebrantável coragem a seus opressores pagãos e confiar no poder de Jeová para livrar. “Esforçai-vos, e tende bom ânimo; não temais, nem vos espanteis, por causa do rei da Assíria, nem por causa de toda a multidão que está com ele”, Ezequias exortou os homens de Judá, “porque há Um maior conosco do que com ele. Com ele está o braço de carne, mas conosco o Senhor nosso Deus, para nos ajudar, e para guerrear nossas guerras”. 2 Crônicas 32:7, 8.

Não era sem razão que Ezequias podia falar com confiança sobre o resultado por vir. A orgulhosa Assíria, conquanto usada por Deus durante algum tempo como a vara da Sua ira (Isaías 10:5) para punição das nações, não devia prevalecer sempre. “Não temas [...] a Assíria”, tinha sido a mensagem do Senhor por intermédio de Isaías alguns anos antes aos que habitavam em Sião; “porque daqui a bem pouco [...] o Senhor dos Exércitos suscitará contra ele um flagelo, como a matança de Midiã junto à rocha de Orebe, e como a sua vara sobre o mar, que contra ele se levantará, como sucedeu aos egípcios. E acontecerá naquele dia, que a sua carga será tirada do teu ombro, e o seu jugo do teu pescoço; e o jugo será despedaçado por causa da unção”. Isaías 10:24-27.

Em outra mensagem profética, dada “no ano em que morreu o rei Acaz”, o profeta havia declarado: “O Senhor dos Exércitos jurou, dizendo: como pensei, assim sucederá, e como determinei, assim se efetuará. Quebrarei a Assíria em Minha terra, e nas Minhas montanhas a pisarei, para que o seu jugo se aparte deles e a sua carga se desvie dos seus ombros. Este é o conselho que foi determinado sobre toda a terra; e esta é a mão que está estendida sobre todas as nações. Porque o Senhor dos Exércitos o determinou; quem pois

o invalidará? e a Sua mão estendida está; quem pois a fará voltar atrás?” Isaías 14:28, 24-27.

O poder do opressor devia ser quebrado. Contudo Ezequias, nos primeiros anos do seu reinado, continuou a pagar tributo à Assíria, em harmonia com o que Acaz havia concordado. Entrementes o rei havia tomado “conselho com os seus príncipes e os seus varões”, e haviam feito tudo que era possível para a defesa de seu reino. [181] Havia providenciado para que houvesse abundância de água dentro dos muros de Jerusalém, enquanto fora devia haver escassez. “E ele se fortificou, e edificou todo o muro quebrado até às torres, e levantou o outro muro para fora, e fortificou a Milo na cidade de Davi, e fez armas e escudos em abundância. E pôs oficiais de guerra sobre o povo”. 2 Crônicas 32:3, 5, 6. Nada que pudesse ser feito em preparação para um cerco, ficou por fazer.

Por ocasião da ascensão de Ezequias ao trono de Judá, já os assírios haviam levado cativos um grande número dos filhos de Israel do reino do norte; e poucos anos mais tarde ele havia começado a reinar, e enquanto estava ainda fortalecendo as defesas de Jerusalém, os assírios cercaram Samaria e a capturaram, e espalharam as dez tribos entre as muitas províncias do domínio assírio. As fronteiras de Judá ficavam apenas a poucos quilômetros, estando Jerusalém afastada de Samaria menos de noventa quilômetros; e os ricos despojos que seriam encontrados no interior do templo tentariam o inimigo a retornar.

Mas o rei de Judá se determinou fazer sua parte na preparação para resistir ao inimigo; e havendo feito tudo que o engenho humano e a energia podiam fazer, reuniu suas forças, e exortou-as a terem bom ânimo. “Grande é o Santo de Israel no meio de ti” (Isaías 12:6), tinha sido a mensagem do profeta Isaías a Judá; e o rei agora declarou com fé inabalável: “Está [...] conosco o Senhor nosso Deus, para nos ajudar, e para guerrear nossas guerras”. 2 Crônicas 32:8.

Nada inspira fé mais depressa que o próprio exercício da fé. O rei de Judá havia-se preparado para a tempestade por vir; e agora, confiante em que a profecia contra a Assíria haveria de cumprir-se, descansou sua alma em Deus. “E o povo descansou nas palavras de Ezequias”. 2 Crônicas 32:8. Que importava os exércitos da Assíria, acabados de sair da conquista das maiores nações da Terra, e triunfantes sobre Samaria e Israel, voltassem agora suas forças contra

Judá? Que importava vangloriassem eles: "A minha mão alcançou os reinos dos ídolos, ainda que as suas imagens de escultura eram melhores do que as de Jerusalém e do que as de Samaria? Porventura como fiz a Samaria e aos seus ídolos, não o faria igualmente a Jerusalém e aos seus ídolos?" Isaías 10:10, 11. Judá nada tinha a temer; pois sua confiança estava em Jeová.

A crise tão longamente esperada veio afinal. As forças da Assíria, avançando de triunfo em triunfo, apareceram na Judéia. Confiantes na vitória, os líderes dividiram suas forças em dois exércitos, um dos quais devia enfrentar o exército egípcio ao sul, enquanto o outro devia sitiar Jerusalém.

A única esperança de Judá estava agora posta em Deus. Todo possível auxílio do Egito havia sido cortado, e nação alguma havia próximo para estender uma mão amiga.

Os oficiais assírios, certos do poder de suas forças disciplinadas, dispuseram-se para uma conferência com os chefes de Judá, durante a qual insolentemente exigiram a rendição da cidade. Esta exigência [182] fora acompanhada de insultos blasfemos contra o Deus dos hebreus. Dada a fraqueza e apostasia de Israel e Judá, o nome de Deus não mais era temido entre as nações, mas havia-se tornado assunto de contínuo descrédito. Isaías 52:5.

"Ora dizei a Ezequias", disse Rabsaqué, um dos principais oficiais de Senaqueribe: "Assim diz o grande rei, o rei da Assíria: Que confiança é esta em que confias? Dizes tu (porém palavras de lábios é): Há conselho e poder para a guerra. Em quem, pois, agora confias, que contra mim te revoltas?" 2 Reis 18:19, 20. Os oficiais estavam conferenciando fora dos portões da cidade, mas ao alcance dos ouvidos das sentinelas sobre o muro. E como os representantes do rei da Assíria impusessem em altas vozes suas condições aos chefes de Judá, foi-lhes pedido que falassem em siríaco e não em judaico, a fim de não tomarem conhecimento do desenvolvimento da conferência os que estavam sobre o muro. Rabsaqué, desdenhando esta sugestão, levantou ainda mais a voz, e continuando a falar em judaico, disse:

"Ouvi as palavras do grande rei, do rei da Assíria. Assim diz o rei: Não vos engane Ezequias; porque não vos poderá livrar. Nem tampouco Ezequias vos faça confiar no Senhor, dizendo: Infalivel-

mente nos livrará o Senhor, e esta cidade não será entregue nas mãos do rei da Assíria.

"Não deis ouvidos a Ezequias; porque assim diz o rei da Assíria: Aliai-vos comigo, e saí a mim, e coma cada um de sua vide, e de sua figueira, e beba cada um da água de sua cisterna; até que eu venha, e vos leve para uma terra como a vossa; terra de trigo e de mosto, terra de pão e de vinhas.

"Não vos engane Ezequias, dizendo: O Senhor nos livrará. Porventura os deuses das nações livraram cada um a sua terra das mãos do rei da Assíria? Onde estão os deuses de Hamate e de Arpade? onde os deuses de Sefarvaim? Porventura livraram eles a Samaria da minha mão? Quais são eles, dentre todos os deuses destes países, os que livraram a sua terra das minhas mãos, para que o Senhor livrasse a Jerusalém das minhas mãos?" Isaías 36:13-20.

A esses insultos os filhos de Judá "não lhe responderam palavra". A entrevista chegara ao fim. Os representantes judeus voltaram a Ezequias "com os vestidos rasgados, e lhe fizeram saber as palavras de Rabsaqué". 2 Reis 36:21, 22. O rei, informado do blasfemo desafio, "rasgou os seus vestidos e se cobriu de saco, e entrou na casa do Senhor". 2 Reis 19:1.

Um mensageiro foi despachado a Isaías, a fim de informá-lo sobre o resultado da entrevista. "Este dia é dia de angústia, e de vituperação, e de blasfêmia", foi a mensagem que o rei enviou. "Bem pode ser que o Senhor teu Deus ouça todas as palavras de Rabsaqué, a quem enviou o seu senhor, o rei da Assíria, para afrontar o Deus vivo, e para vituperá-Lo com as palavras que o Senhor teu Deus tem ouvido. Faze, pois, oração pelo resto que se acha". 2 Reis [183] 19:3, 4.

"O rei Ezequias, e o profeta Isaías, filho de Amós, oraram por causa disso, e clamaram ao Céu". 2 Crônicas 32:20.

Deus respondeu às orações de Seus servos. A Isaías foi dada a mensagem para Ezequias: "Assim diz o Senhor: Não temas as palavras que ouviste, com as quais os servos do rei da Assíria Me blasfemaram. Eis que meterei nele um espírito, e ele ouvirá um arruído, e voltará para a sua terra; à espada o farei cair na sua terra". 2 Reis 19:6, 7.

Os representantes assírios, depois de haverem deixado os chefes de Judá, comunicaram-se diretamente com o seu rei, que estava com

a divisão de seu exército em guarda contra a aproximação do Egito. Ouvindo o relatório, Senaqueribe escreveu "cartas, para blasfemar do Senhor Deus de Israel, e para falar contra Ele dizendo: Assim como os deuses das nações das terras não livraram o seu povo da minha mão, assim também o Deus de Ezequias não livrará o Seu povo da minha mão". 2 Crônicas 32:17.

A atrevida ameaça foi acompanhada pela mensagem: "Não te engane o teu Deus, em quem confias, dizendo: Jerusalém não será entregue na mão do rei da Assíria. Eis que já tens ouvido o que fizeram os reis da Assíria a todas as terras, destruindo-as totalmente; e tu te livrarás? Porventura as livraram os deuses das nações, a quem destruíram, como a Gozã e a Harã, e a Rezefe, e aos filhos de Éden, que estavam em Telassar? Que é feito do rei de Hamate, e do rei de Arpade, e do rei da cidade de Sefarvaim, de Hena e de Iva?" 2 Reis 19:10-13.

Quando o rei de Judá recebeu as insultuosas cartas, levou-as ao templo, e "as estendeu perante o Senhor" (2 Reis 19:14), e orou com forte fé pelo auxílio do Céu, para que as nações da Terra soubessem que o Deus dos hebreus ainda vivia e reinava. A honra de Jeová estava em jogo; Ele somente poderia trazer livramento.

"Ó Senhor Deus de Israel, que habitas entre os querubins", suplicou Ezequias, "Tu mesmo, só Tu és Deus de todos os reinos da Terra; Tu fizeste os Céus e a Terra. Inclina, Senhor, o Teu ouvido, e ouve; abre, Senhor, os Teus olhos, e olha; e ouve as palavras de Senaqueribe, que enviou a este, para afrontar ao Deus vivo. Verdade é, ó Senhor, que os reis da Assíria assolaram as nações e as suas terras, e lançaram os seus deuses no fogo, porquanto deuses não eram, mas obra de mãos de homens, madeira e pedra; por isso os destruíram. Agora, pois, ó Senhor nosso Deus, sê servido de nos livrar da sua mão; e assim saberão todos os reinos da Terra que só Tu és o Senhor Deus". 2 Reis 19:15-19.

"Ó Pastor de Israel, dá ouvidos;
Tu que guias a José como a um rebanho,
que Te assentas entre os querubins, resplandece.
Perante Efraim, Benjamim e Manassés,
desperta o Teu poder, e vem salvar-nos.
Faze-nos voltar, ó Deus;

faze resplandecer o Teu rosto, e seremos salvos.
Ó Senhor Deus dos Exércitos.

[184]

Até quando Te indignarás contra a oração do Teu povo?
Tu os sustentas com pão de lágrimas,
e lhes dás a beber lágrimas em abundância.
Tu nos pões por objeto de contenção entre os nossos vizinhos;

e os nossos inimigos zombam de nós entre si.
Faze-nos voltar, ó Deus dos Exércitos;
faze resplandecer o Teu rosto, e seremos salvos.
Trouxeste uma vinha do Egito;
lançaste fora as nações, e a plantaste.
Preparaste-lhe lugar,
e fizeste com que ela aprofundasse raízes,
e assim encheu a Terra.

Os montes cobriram-se com a sua sombra,
e como os cedros de Deus se tornaram os seus ramos.
Ela estendeu a sua ramagem até ao mar,
e os seus ramos até ao rio.

Por que quebraste então os seus valados,
de modo que todos os que passam por ela a vindimam?
O javali da selva a devasta,
e as feras do campo a devoram.
Ó Deus dos Exércitos, volta-Te, nós Te rogamos,
atende os Céus, e vê, e visita esta vinha;
e a videira que a Tua destra plantou,
e o sarmento que fortificaste para Ti. [...]

Guarda-nos em vida, e invocaremos o Teu nome.
Faze-nos voltar, Senhor dos Exércitos;
faze resplandecer o Teu rosto, e seremos salvos".

Salmos 80.

A súplica de Ezequias em favor de Judá e da honra do seu (Supremo Rei, estava em harmonia com a mente de Deus). Salomão, em sua oração de gratidão quando da dedicação do templo, havia orado para que o Senhor executasse "o juízo do Seu povo Israel, a cada qual no seu dia, para que todos os povos da Terra saibam que o Senhor é Deus, e que não há outro". 1 Reis 8:59, 60. Especialmente devia o Senhor mostrar favor quando, em tempos de guerra ou de opressão por algum exército, os chefes de Israel entrassem na casa de oração e suplicassem livramento. 1 Reis 8:33, 34.

Ezequias não foi deixado sem esperança. Isaías mandou-lhe dizer: "Assim diz o Senhor Deus de Israel: O que Me pediste acerca de Senaqueribe, rei da Assíria, Eu o ouvi. Esta é a palavra que o Senhor falou dele:

"A virgem a filha de Sião, te despreza, de ti zomba; a filha de Jerusalém meneia a cabeça por detrás de ti.

"A quem afrontaste e blasfemaste? E contra quem alçaste a voz, e ergueste os teus olhos ao alto? Contra o Santo de Israel? Por meio de teus mensageiros afrontaste o Senhor, e disseste: Com a multidão de meus carros subo eu ao alto dos montes, aos lados do Líbano, e cortarei os seus altos cedros, e as suas mais formosas faias, e entrarei nas suas pousadas extremas, até no bosque do seu campo fértil. Eu cavei, e bebi águas estranhas; e com as plantas dos meus pés secarei todos os rios dos lugares fortes.

"Porventura não ouviste que já dantes fiz isto, e já desde os dias antigos o formei? Agora, porém, o fiz vir, para que fosses tu que reduzisses as cidades fortes a montões desertos. Por isso os moradores delas, com as mãos encolhidas, ficaram pasmados e [185] confundidos; eram como a erva do campo, e a hortaliça verde, e o feno dos telhados, e o trigo queimado, antes que se levante.

"Porém o teu assentar, e o teu sair, e o teu entrar, Eu o sei, e o teu furor contra Mim. Por causa do teu furor contra Mim, e porque a tua revolta subiu aos Meus ouvidos, portanto porei o Meu anzol no teu nariz, e o Meu freio nos teus beiços, e te farei voltar pelo caminho por onde vieste". 2 Reis 19:20-28.

A terra de Judá tinha sido devastada pelo exército de ocupação; mas Deus havia prometido milagrosamente prover para as necessidades do povo. A Ezequias veio a mensagem: "Isto te será por sinal: Este ano se comerá o que nascer por si mesmo, e no seguinte

o que daí proceder; porém no terceiro ano semeai e segai, e plantai vinhas, e comei os seus frutos. Porque o que escapou da casa de Judá e ficou de resto, tornará a lançar raízes para baixo, e dará fruto para cima. Porque de Jerusalém sairá o restante, e do monte de Sião o que escapou; o zelo do Senhor fará isso.

"Portanto, assim diz o Senhor acerca do rei da Assíria: Não entrará nesta cidade, nem lançará nela flecha alguma; tampouco virá perante ela com escudo, nem levantará contra ela tranqueira alguma. Pelo caminho por onde vier, por ele voltará, porém nesta cidade não entrará, diz o Senhor. Porque Eu ampararei a esta cidade, para a livrar, por amor de Mim, e por amor do Meu servo Davi". 2 Reis 19:29-34.

Nessa mesma noite veio o livramento. "Saiu o anjo do Senhor, e feriu no arraial dos assírios a cento e oitenta e cinco mil deles". 2 Reis 19:35. "Todos os varões valentes, e os príncipes, e os chefes no arraial do rei da Assíria" (2 Crônicas 32:21), foram mortos.

As novas deste terrível juízo sobre o exército que tinha sido enviado a Jerusalém logo chegou a Senaqueribe, que estava ainda guardando a entrada de Judá contra o Egito. Tomado de temor, o rei assírio apressou-se a partir, retornando "em vergonha de rosto à sua terra". 2 Crônicas 32:21. Mas ele não iria reinar muito tempo mais. Em harmonia com a profecia que havia sido proferida com respeito a seu súbito fim, foi ele assassinado por membros de sua própria casa, "e Esar-Hadom, seu filho, reinou em seu lugar". Isaías 37:38.

O Deus dos hebreus havia prevalecido sobre a orgulhosa Assíria. A honra de Jeová foi vindicada aos olhos das nações vizinhas. Em Jerusalém o coração do povo estava cheio de santo regozijo. Seus ferventes pedidos de livramento tinham sido misturados com confissão de pecado e com muitas lágrimas. Em sua grande necessidade eles haviam confiado inteiramente no poder de Deus para salvar, e Ele não lhes havia faltado. Agora o recinto do templo ressoava com cânticos de solene louvor.

"Conhecido é Deus em Judá, grande é o Seu nome em Israel.
E em Salém está o Seu tabernáculo,
e a Sua morada em Sião.
Ali quebrou as flechas e o arco, o escudo, e a espada, e a guerra.

[186]

Tu és mais ilustre, e glorioso,
do que os montes de presa.
Os que são ousados de coração foram despojados;
dormiram o seu sono,
e nenhum dos homens de força achou as suas mãos.
À Tua repreensão, ó Deus de Jacó,
Carros e cavalos são lançados num sono profundo.

Tu, Tu és terrível;
e quem subsistirá à Tua vista, se Te irares?
Desde os Céus fizeste ouvir o Teu juízo;
a Terra tremeu, e se aquietou,
quando Deus Se levantou para julgar,
para livrar a todos os mansos da Terra.

Porque a cólera do homem redundará em Teu louvor,
e o restante da cólera Tu o restringirás.
Fazei votos, e pagai ao Senhor, vosso Deus;
tragam presentes, os que estão em redor dEle,
Àquele que é tremendo.
Ele ceifará o espírito dos príncipes;
é tremendo para com os reis da Terra”.

Salmos 76.

O surgimento e queda do império assírio é rico em lições para as nações de hoje. A Inspiração comparou a glória da Assíria no apogeu de sua prosperidade a uma nobre árvore no jardim de Deus, sobrepujando as árvores ao redor.

“A Assíria era um cedro no Líbano, de ramos formosos, de sombrosa ramagem e de alta estatura, e o seu topo estava entre os ramos espessos. [...] Todos os grandes povos se assentavam a sua sombra. Assim era ele formoso na sua grandeza, na extensão dos seus ramos, porque a sua raiz estava junto às muitas águas. Os cedros não o podiam escurecer no jardim de Deus; as faias não igualavam os seus ramos, e os castanheiros não eram como os seus renovos; nenhuma árvore no jardim de Deus se assemelhou a ele na sua

formosura. [...] Todas as árvores do Éden, que estavam no jardim de Deus, tiveram inveja dele”. Ezequiel 31:3-9.

Mas os senhores da Assíria, em vez de usar suas bênçãos incomuns para o benefício da humanidade, tornaram-se o flagelo de muitas terras. Destituídos de misericórdia, o pensamento ausente de Deus ou do próximo, perseguiram um plano determinado de levar todas as nações a reconhecerem a supremacia dos deuses de Nínive, que eles exaltavam acima do Altíssimo. Deus lhes havia enviado Jonas com uma mensagem de advertência, e por algum tempo eles se humilharam perante o Senhor dos Exércitos, e buscaram perdão. Mas logo retornaram ao culto dos ídolos e à conquista do mundo.

O profeta Naum, denunciando os malfeitores de Nínive, exclamou:

“Ai da cidade ensangüentada!
Ela está toda cheia de mentiras e de rapina!
Não se aparta dela o roubo.
Estrépito de açoite há,
e o estrondo do ruído das rodas;
e os cavalos atropelam, e carros vão saltando.
O cavaleiro levanta a espada flamejante,
e a lança relampagueante,
e haverá uma multidão de mortos. [...]
Eis que Eu estou contra ti,
diz o Senhor dos Exércitos”.

Naum 3:1-5.

Com infalível exatidão, o Infinito ainda ajusta conta com as nações. Enquanto Sua misericórdia é oferecida, com chamados para [187] o arrependimento, esta conta permanece aberta; mas quando as cifras alcançam um certo montante que Deus tem prefixado, o ministério de Sua ira começa. A conta é encerrada. Cessa a divina paciência. A misericórdia não mais pleiteia em seu benefício.

“O Senhor é tardio em irar-Se, mas grande em força, e ao culpado não tem por inocente; o Senhor tem o Seu caminho na tormenta, e na tempestade, e as nuvens são o pó dos Seus pés. Ele repreende o mar, e o faz secar, e esgota todos os rios; desfalecem Basã e Carmelo,

e a flor do Líbano se murcha. Os montes tremem perante Ele, e os outeiros se derretem; e a Terra se levanta na Sua presença, e o mundo, e todos os que nele habitam. Quem parará diante do Seu furor? e quem subsistirá diante do ardor da Sua ira? a Sua cólera se derramou como um fogo, e as rochas foram por Ele derribadas". Naum 1:3-6.

Assim foi que Nínive, "a cidade alegre e descuidada, que dizia no seu coração: Eu sou, e não há outra além de mim", tornou-se "em assolação" (Sofonias 2:15), "vazia e esgotada e devastada", "o covil dos leões, e as pastagens dos leõezinhos, onde passeava o leão velho, e o cachorro do leão, sem que ninguém o espantasse". Naum 2:10, 11.

Olhando além para o tempo em que o orgulho da Assíria devia ser abatido, Sofonias profetizou de Nínive: "No meio dela repousarão os rebanhos, todos os animais dos povos; e alojar-se-ão nos seus capitéis assim o pelicano como o ouriço; a voz do seu canto retinirá nas janelas; a assolação estará no umbral, quando tiver descoberto a sua obra de cedro". Sofonias 2:14.

Grande era a glória do império assírio; grande foi sua queda. O profeta Ezequiel, levando mais longe a figura de um nobre cedro, claramente predisse a queda da Assíria por causa de seu orgulho e crueldade. Ele declarou:

"Assim diz o Senhor Jeová: [...] se levantou o seu topo no meio dos espessos ramos, o seu coração se exalçou na sua altura, Eu o entregarei na mão da mais poderosa das nações, que lhe dará o tratamento merecido pela sua impiedade; o lançarei fora. E estranhos, os mais formidáveis das nações, o cortaram e o deixaram; caíram os seus ramos sobre os montes e por todos os vales, e os seus renovos foram quebrados por todas as correntes da Terra; e todos os povos da Terra se retiraram da sua sombra e o deixaram. Todas as aves do céu habitavam sobre a sua ruína, e todos os animais do campo se acolheram sob os seus ramos; para que todas as árvores junto às águas não se exaltem na sua estatura. [...]

"Assim diz o Senhor Jeová: No dia em que ele desceu ao inferno, fiz Eu que houvesse luto; [...] e todas as árvores do campo por causa dele desfaleceram. Ao som da sua queda, fiz tremer as nações". Ezequiel 31:10-16.

O orgulho da Assíria e sua queda devem servir como lição objetiva para o fim do tempo. Às nações da Terra hoje, que em arrogância e orgulho se arregimentam contra Deus, Ele interroga: "A quem pois [188] és semelhante em glória e em grandeza entre as árvores do Éden? todavia descerás com as árvores do Éden à terra mais baixa". Ezequiel 31:18.

"O Senhor é bom, uma fortaleza no dia da angústia, e conhece os que confiam nEle. E com uma inundação transbordante acabará de uma vez" (Naum 1:7, 8) com todos os que se exaltam acima do Altíssimo.

"A soberba da Assíria, e o cetro do Egito se retirará". Zacarias 10:11. Isto é verdade não somente com respeito às nações que se arregimentaram contra Deus nos tempos antigos, mas também em relação às nações de hoje que deixam de cumprir o divino propósito. No dia da recompensa final, quando o justo Juiz de toda a Terra há de peneirar as nações (Isaías 30:28), e aos que têm sustentado a verdade for permitido entrar na cidade de Deus, as arcadas do Céu reboarão com os triunfantes cânticos dos redimidos. "Um cântico haverá entre vós", declara o profeta, "como na noite em que se celebra uma festa santa; e alegria de coração, como a daquele que sai tocando pífaro, para vir ao monte do Senhor, à Rocha de Israel. E o Senhor fará ouvir a glória da Sua voz. [...] Com a voz do Senhor será desfeita em pedaços a Assíria, que feriu com a vara. E a cada pancada do bordão do juízo, que o Senhor der, haverá tamboris e harpas". Isaías [189] 30:29-32.

Capítulo 31 — Esperança para os gentios

Por meio de seu ministério, Isaías deu um claro testemunho quanto ao propósito de Deus em favor dos povos gentios. Outros profetas haviam feito menção do plano divino, mas sua linguagem nem sempre foi compreendida. A Isaías foi dado tornar bem claro a Judá a verdade de que entre o Israel de Deus deviam ser contados muitos que não eram descendentes de Abraão segundo a carne. Este ensino não estava em harmonia com a teologia de seu século; não obstante ele proclamou destemidamente as mensagens que Deus lhe dera, e levou esperança a muitos corações ansiosos de alcançar as bênçãos espirituais prometidas à semente de Abraão.

O apóstolo dos gentios, em sua carta aos crentes de Roma, chama a atenção para esta característica do ensino de Isaías. "Isaías ousadamente", declara Paulo, "diz: Fui achado pelos que Me não buscavam, fui manifestado aos que por Mim não perguntavam". Romanos 10:20.

Não raro os israelitas pareceram incapazes ou indispostos de compreender os propósitos de Deus pelos gentios. Contudo fora este mesmo propósito que fizera deles um povo separado, e os havia estabelecido como uma nação independente entre as nações da Terra. Abraão, seu ascendente, a quem a promessa do concerto fora primeiramente feita, havia sido chamado a sair do meio de sua parentela e ir às regiões longínquas, a fim de que pudesse ser portador de luz aos gentios. Embora a promessa a ele incluísse uma posteridade tão numerosa quanto a areia do mar, não foi para qualquer propósito egoísta que ele devia tornar-se o fundador de uma grande nação na terra de Canaã. O concerto de Deus com ele envolvia todas as nações da Terra. "Abençoar-te-ei", declarou Jeová, "e engrandecerei o teu nome; e tu serás uma bênção. E abençoarei os que te abençoarem, e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem; e em ti serão benditas todas as famílias da Terra". Gênesis 12:2, 3.

Na repetição do concerto pouco antes do nascimento de Isaque, o propósito de Deus para a humanidade fora mais uma vez tornado

claro. “Nele serão benditas todas as nações da Terra” (Gênesis 18:18), foi a afirmação do Senhor com respeito ao filho da promessa. E mais tarde, o visitante celestial uma vez mais declarou: “Em tua semente serão benditas todas as nações da Terra”. Gênesis 22:18. [190]

Os termos todo-abrangentes desse concerto eram familiares aos filhos de Abraão, e aos filhos de seus filhos. Fora para que os israelitas pudessem ser uma bênção às nações, e para que o nome de Deus fosse “anunciado em toda a Terra” (Êxodo 9:16), que eles foram libertos do cativeiro egípcio. Se obedientes a Seus reclamos, seriam colocados na vanguarda dos outros povos em sabedoria e entendimento; mas esta supremacia devia ser alcançada e mantida unicamente para que por meio deles o propósito de Deus para “todas as nações da Terra” pudesse ser cumprido.

As maravilhosas providências relacionadas com o libertamento de Israel do cativeiro egípcio e com sua posse da terra prometida, tinham levado muitos dos pagãos a reconhecerem o Deus de Israel como o Supremo Dominador. “Os egípcios saberão”, tinha sido a promessa, “que Eu sou o Senhor, quando estender a Minha mão sobre o Egito, e tirar os filhos de Israel do meio deles”. Êxodo 7:5. Até mesmo o orgulhoso Faraó foi constrangido a reconhecer o poder de Jeová. “Ide, servi ao Senhor”, suplicou ele a Moisés e Arão, “e abençoai-me também a mim”. Êxodo 12:31, 32.

Ao avançarem as multidões de Israel verificaram que o conhecimento das poderosas obras do Deus dos hebreus tinha-os precedido, e que alguns entre os pagãos tinham conhecimento de que Ele era o verdadeiro Deus. Na ímpia Jericó o testemunho de uma mulher pagã foi: “O Senhor vosso Deus é Deus em cima nos Céus, e embaixo na Terra”. Josué 2:11. O conhecimento de Jeová que assim tinha vindo a ela, provou ser sua salvação. Pela fé “Raabe, a meretriz, não pereceu com os incrédulos”. Hebreus 11:31. E sua conversão não foi um caso isolado da misericórdia de Deus para com os idólatras que reconheceram Sua divina autoridade. No meio da terra um povo numeroso — os gibeonitas — renunciou ao seu paganismo, unindo-se com Israel e partilhando as bênçãos do concerto.

Nenhuma distinção em matéria de nacionalidade ou classe social, é reconhecida por Deus. Ele é o Criador de toda a humanidade. Os homens são pela criação membros de uma mesma família, e todos são um pela redenção. Cristo veio para desfazer todo muro de

separação, para franquear cada compartimento das cortes do templo, a fim de que cada alma pudesse ter livre acesso a Deus. Seu amor é tão amplo, tão profundo, tão pleno, que penetra em toda parte. Ele subtrai à influência de Satanás os que foram iludidos por seus enganos, colocando-os dentro dos limites do trono de Deus, o trono circundado pelo arco-íris da promessa. Não há em Cristo judeu ou grego, servo ou livre.

Nos anos que se seguiram à ocupação da terra prometida, os beneficentes desígnios de Jeová para a salvação dos gentios foram quase totalmente perdidos de vista, e foi necessário que o Senhor expusesse de novo Seu plano. "Todos os limites da Terra", o salmista foi inspirado a cantar, "se lembrarão, e se converterão ao Senhor, e todas as gerações das nações adorarão perante a Tua face". Salmos 22:27. "Embaixadores reais virão do Egito; a Etiópia cedo estenderá [191] para Deus as suas mãos". Salmos 68:31. "As nações temerão o nome do Senhor, e todos os reis da Terra a Tua glória". "Isto se escreverá para a geração futura, e o povo que se criar louvará ao Senhor. Porquanto olhará desde o alto do Seu santuário; desde os Céus o Senhor observou a Terra, para ouvir o gemido dos presos, para soltar os sentenciados à morte; a fim de que seja anunciado o nome do Senhor em Sião, e o Seu louvor em Jerusalém, quando os povos todos se congregarem, e os reinos, para servirem ao Senhor". Salmos 102:15, 18-22.

Tivesse Israel sido fiel ao seu legado e todas as nações da Terra teriam tomado parte em suas bênçãos. Mas o coração daqueles a quem havia sido confiado o conhecimento da verdade salvadora, não foi tocado pelas necessidades dos que lhes estavam ao redor. Havendo o propósito de Deus sido perdido de vista, foram os pagãos olhados como estando fora do alcance de Sua misericórdia. A luz da verdade foi sonegada, e as trevas prevaleceram. As nações foram cobertas com o véu da ignorância; o amor de Deus era pouco conhecido, e o erro e a superstição floresceram.

Tais eram as perspectivas que acenavam a Isaías quando ele foi chamado para a missão profética; mas ele não se desencorajou, pois em seus ouvidos soava o coro triunfal dos anjos ao redor do trono de Deus: "Toda a Terra está cheia da Sua glória". Isaías 6:3. E sua fé foi fortalecida pela visão de gloriosas conquistas da parte da igreja de Deus, quando a Terra devia estar "cheia do conhecimento do

Senhor, como as águas cobrem o mar". Isaías 11:9. "A máscara do rosto, com que todos os povos andam cobertos, e o véu com que todas as nações se escondem" (Isaías 25:7), deviam finalmente ser destruídos. O Espírito de Deus seria derramado sobre toda a carne. Os que tivessem fome e sede de justiça deviam ser contados entre o Israel de Deus. "Brotarão entre a erva, como salgueiros junto aos ribeiros das águas", disse o profeta. "Este dirá: Eu sou do Senhor; e aquele se chamará do nome de Jacó; e aquele outro escreverá com a sua mão: Eu sou do Senhor; e por sobrenome tomará o nome de Israel". Isaías 44:4, 5.

Ao profeta foi dada uma revelação do misericordioso propósito de Deus em espalhar a impenitente Judá entre as nações da Terra. "O Meu povo saberá o Meu nome", o Senhor declarou, "porque Eu mesmo sou o que digo: Eis-Me aqui". Isaías 52:6. E não somente eles mesmos deviam aprender a lição de obediência e confiança; nos lugares do seu exílio deviam também repartir com outros o conhecimento do Deus vivo. Muitos dentre os filhos dos estrangeiros deviam aprender a amá-Lo como seu Criador e seu Redentor; deviam começar a observância do Seu santo dia de sábado como um memorial ao Seu poder criador; e quando Ele desnudasse "o Seu santo braço perante os olhos de todas as nações", para livrar o Seu povo do cativeiro, "todos os confins da Terra" veriam a salvação de [192] Deus. Isaías 52:10. Muitos desses conversos do paganismo desejariam unir-se inteiramente com os israelitas, e acompanhá-los no seu retorno à Judéia. Nenhum desses devia dizer: "De todo me apartará o Senhor do Seu povo" (Isaías 56:3); pois a palavra de Deus por meio de Seus profetas a esses que haveriam de se entregar a Ele e observar Sua lei, era que eles deviam daí em diante ser contados entre o Israel espiritual — Sua igreja na Terra.

"E aos filhos dos estrangeiros, que se chegarem ao Senhor, para O servirem, e para amarem o nome do Senhor, sendo deste modo servos Seus, todos os que guardarem o sábado, não o profanando, e os que abraçarem o Meu concerto, também os levarei ao Meu santo monte, e os festejarei na Minha casa de oração; os seus holocaustos e os seus sacrifícios serão aceitos no Meu altar; porque a Minha casa será chamada casa de oração para todos os povos. Assim diz o Senhor Jeová, que ajunta os dispersos de Israel: Ainda ajuntarei outros aos que já se lhe ajuntaram". Isaías 56:6-8.

Ao profeta fora permitido perscrutar os séculos futuros, ao tempo do advento do prometido Messias. De início ele contemplou apenas "angústia e escuridão", entenebrecimento e "ânsias". Isaías 8:22. Muitos que estavam anelando pela luz da verdade estavam sendo desviados para os labirintos da filosofia e do espiritismo por falsos ensinadores; outros estavam pondo a sua confiança numa forma de piedade, mas não estavam levando verdadeira santidade à vida prática. As perspectivas pareciam desesperadoras; mas logo a cena mudou, e ante os olhos do profeta abriu-se maravilhosa visão. Ele viu surgir o Sol da Justiça, trazendo salvação sob Suas asas; e, absorto em admiração, exclamou: "Mas a terra que foi angustiada não será entenebrecida. Ele envileceu, nos primeiros tempos, a terra de Zebulom e a terra de Naftali; mas, nos últimos, a enobreceu junto ao caminho do mar, além do Jordão, a Galiléia dos gentios. O povo que andava em trevas viu uma grande luz, e sobre os que habitavam na região da sombra de morte resplandeceu a luz". Isaías 9:1, 2.

Essa gloriosa Luz do mundo devia levar a salvação a cada nação, tribo, língua e povo. Da obra que estava perante Ele, o profeta ouviu o eterno Pai declarar: "Pouco é que sejas o Meu servo, para restaurares as tribos de Jacó, e tornares a trazer os guardados de Israel; também Te dei para luz dos gentios, para seres a Minha salvação até à extremidade da Terra". "No tempo favorável Te ouvi, e no dia da salvação Te ajudei; e Te guardarei, e Te darei por concerto do povo, para restaurares a Terra, e lhe dares em herança as herdades assoladas; para dizeres aos presos: Saí; e aos que estão em trevas: Aparecei". "Eis que estes virão de longe, e eis que aqueles do norte, e do ocidente, e aqueles outros da terra Sinim". Isaías 49:6, 8, 9, 12.

Olhando ainda para mais longe através dos séculos, o profeta contemplou o cumprimento literal dessas gloriosas promessas. Viu os anunciadores das alegres novas da salvação saindo para os confins da Terra, a toda tribo e povo. Ouviu o Senhor dizer da igreja [193] evangélica: "Eis que estenderei sobre ela a paz como um rio, e a glória das nações como um ribeiro que transborda" (Isaías 66:12); e ouviu a comissão: "Amplia o lugar da tua tenda, e as cortinas das tuas habitações se estendam; não o impeças; alonga as tuas cordas, e firma bem as tuas estacas. Porque transbordarás à mão direita e à esquerda; e a tua posteridade possuirá as nações". Isaías 54:2, 3.

Jeová declarou ao profeta que Ele enviaria as Suas testemunhas "às nações, a Társis, Pul, e Lude [...] a Tubal e Javã, até às ilhas de mais longe". Isaías 66:19.

"Quão suaves são sobre os montes
os pés do que anuncia as boas novas,
que faz ouvir a paz, que anuncia o bem, que faz ouvir a salvação,
que diz a Sião: O teu Deus reina!"

Isaías 52:7.

O profeta ouviu a voz de Deus chamando Sua igreja para a tarefa que lhe fora indicada, a fim de que o caminho pudesse ser preparado para a introdução de Seu reino eterno. A mensagem foi inconfundivelmente clara:

"Levanta-te, resplandece, porque já vem a tua luz,
e a glória do Senhor vai nascendo sobre ti.
Porque eis que as trevas cobriram a Terra,
e a escuridão os povos;
mas sobre ti o Senhor virá surgindo,
e a Sua glória se verá sobre ti.
E as nações caminharão à tua luz,
e os reis ao resplendor que te nasceu.

"Levanta em redor os teus olhos, e vê;
todos estes já se ajuntaram, e vêm a ti;
teus filhos virão de longe,
e tuas filhas se criarão a teu lado."

"E os filhos dos estrangeiros edificarão os teus muros,
e os seus reis te servirão;
porque no Meu furor te feri,
mas na Minha benignidade tive misericórdia de ti.
E as tuas portas estarão abertas de contínuo;
nem de dia nem de noite se fecharão;
para que tragam a ti as riquezas das nações,
e, conduzidos com elas, os seus reis".

Isaías 60:1-4, 10, 11.

"Olhai, para Mim, e sereis salvos, vós,
todos os termos da Terra; porque Eu sou Deus, e não há outro".

Isaías 45:22.

Essas profecias de grande despertamento espiritual em tempos de espessas trevas, estão sendo cumpridas hoje no progresso dos postos missionários que estão alcançando as regiões entenebrecidas da Terra. Os grupos de missionários em terras pagãs foram comparados pelo profeta a bandeiras erguidas para guia dos que estão em busca da luz da verdade.

"Acontecerá naquele dia", diz o profeta Isaías, "que as nações perguntarão pela raiz de Jessé, posta por pendão dos povos, e o lugar do seu repouso será glorioso. Porque há de acontecer naquele dia que o Senhor tornará a estender a Sua mão para adquirir outra vez os resíduos do Seu povo. [...] E levantará um pendão entre as nações, e ajuntará os desterrados de Israel, e os dispersos de Judá congregará desde os quatro confins da Terra". Isaías 11:10-12.

O dia do livramento está às portas. Os olhos do Senhor "passam por toda a Terra, para mostrar-Se forte para com aqueles cujo coração é perfeito para com Ele". 2 Crônicas 16:9. Dentre todas as nações, [194] tribo e língua, Ele vê homens e mulheres que estão orando por luz e conhecimento. Suas almas estão insatisfeitas; há muito eles se têm apascentado de cinzas. Isaías 44:20. O inimigo de toda a justiça tem-nos posto de lado, e eles tateiam como cegos. Mas são sinceros de coração, e desejam conhecer um caminho melhor. Embora nas profundezas do paganismo, sem qualquer conhecimento da lei escrita por Deus, nem de Seu Filho Jesus, têm eles revelado de muitas maneiras a operação de um poder divino na mente e no caráter.

Às vezes os que não têm conhecimento de Deus além daquele que receberam sob a operação da graça divina, têm sido bons para com os servos do Senhor, protegendo-os com o risco da própria vida. O Espírito Santo está implantando a graça de Cristo no coração de muito nobre pesquisador da verdade, ativando suas simpatias contrariamente a sua natureza e à sua anterior educação. A "luz verdadeira, que alumia a todo o homem que vem ao mundo" (João

1:9), está brilhando em sua alma; e esta luz, se aceita, guiará seus passos para o reino de Deus. O profeta Miquéias disse: “Se morar nas trevas, o Senhor será a minha luz. [...] Ele me trará a luz, e eu verei a Sua justiça”. Miquéias 7:8, 9.

O divino plano de salvação é amplo bastante para abranger o mundo todo. Deus anseia por insuflar na prostrada humanidade o fôlego da vida. E Ele não permitirá fique desapontada qualquer alma que seja sincera em seu anelo de algo mais elevado e mais nobre que aquilo que o mundo possa oferecer. Constantemente está Ele enviando os Seus anjos aos que, conquanto rodeados por circunstâncias as mais desencorajadoras, oram com fé para que algum poder mais alto que eles mesmos tome posse deles, dando-lhes libertação e paz. Por várias maneiras Deus Se lhes revelará, e os colocará em contato com providências que estabelecerão sua confiança nAquele que Se deu a Si mesmo em resgate por todos, “para que pusessem em Deus a sua esperança, e se não esquecessem das obras de Deus, mas guardassem os Seus mandamentos”. Salmos 78:7.

“Tirar-se-ia a presa ao valente? ou os presos justamente escapariam? Mas assim diz o Senhor: Por certo que os presos se tirarão ao valente, e a presa do tirano escapará”. Isaías 49:24, 25. “Tornarão atrás e confundir-se-ão de vergonha os que confiam em imagens de escultura, e dizem às imagens de fundição: Vós sois nossos deuses”. Isaías 42:17.

“Bem-aventurado aquele que tem o Deus de Jacó por seu auxílio, e cuja esperança está posta no Senhor seu Deus”. Salmos 146:5. “Voltai à fortaleza, ó presos de esperança”. Zacarias 9:12. A todo coração sincero em terras pagãs — o justo à vista do Céu — “nasce luz nas trevas”. Salmos 112:4. Deus tem dito: “Guiarei os cegos por um caminho que nunca conheceram, fá-los-ei caminhar por veredas que não conheceram; tornarei as trevas em luz perante eles, e as coisas tortas farei direitas. Estas coisas lhes farei, e nunca os desampararei”. Isaías 42:16. [195]

Capítulo 32 — Manassés e Josias

O reino de Judá, próspero nos tempos de Ezequias, foi uma vez mais para o declínio durante os longos anos do ímpio reinado de Manassés, quando o paganismo foi reavivado, e muitos dentre o povo foram levados à idolatria. "Manassés tanto fez errar a Judá e aos moradores de Jerusalém, que fizeram pior do que as nações que o Senhor tinha destruído". 2 Crônicas 33:9. A gloriosa luz de gerações anteriores fora seguida pelas trevas da superstição e do erro. Graves males brotaram e floresceram — a tirania, a opressão, o ódio a tudo que era bom. A justiça foi pervertida e prevaleceu a violência.

Não obstante esses maus tempos não ficaram sem testemunhas para Deus e o direito. As experiências difíceis pelas quais Judá havia passado em segurança durante o reinado de Ezequias, tinham desenvolvido no coração de muitos uma inflexibilidade de caráter que agora servia como baluarte contra a iniqüidade predominante. Seu testemunho em favor da verdade e da justiça despertou a ira de Manassés e seus associados em autoridade, os quais se esforçavam por se estabelecerem na prática do mal pelo silenciar toda voz de desaprovação. "Manassés derramou muitíssimo sangue inocente, até que encheu Jerusalém de um ao outro extremo". 2 Reis 21:16.

Um dos primeiros a cair foi Isaías, que durante mais de meio século estivera perante Judá como mensageiro apontado por Jeová. "Outros experimentaram escárnios e açoites, e até cadeias e prisões. Foram apedrejados, serrados, tentados, mortos ao fio da espada; andaram vestidos de peles de ovelhas e de cabras, desamparados, aflitos e maltratados (dos quais o mundo não era digno), errantes pelos desertos e montes, e pelas covas e cavernas da terra". Hebreus 11:36-38.

Alguns dos que sofreram perseguição durante o reinado de Manassés foram comissionados para levar mensagens especiais de reprovação e juízo. O rei de Judá, declararam os profetas, "fez estas abominações, fazendo pior do que quanto fizeram [...] os que antes

dele foram”. Em virtude de sua impiedade, seu reino aproximava-se de uma crise; breve os habitantes da terra deviam ser levados cativos para Babilônia, para ali se tornarem “roubo e despojo para todos os seus inimigos”. 2 Reis 21:11, 14. Mas o Senhor não esqueceria inteiramente aqueles que em terra estranha O reconhecessem como seu Rei; eles poderiam sofrer grande tribulação, mas Ele lhes levaria [196] livramento na maneira e no tempo determinados. Os que pusessem sua confiança inteiramente nEle, encontrariam um seguro refúgio.

Fielmente os profetas continuaram suas advertências e exortações; destemidamente falaram a Manassés e a seu povo, mas as mensagens foram desprezadas; a transviada Judá não queria dar ouvidos. Como amostra do que poderia sobrevir ao povo se este continuasse impenitente, o Senhor permitiu que seu rei fosse capturado por um bando de soldados assírios, os quais “o amarraram com cadeias, e o levaram a Babilônia”, sua capital temporária. Esta aflição trouxe o rei ao seu juízo; “ele, angustiado, orou deveras ao Senhor seu Deus, e humilhou-se muito perante o Deus de seus pais; e Lhe fez oração, e Deus Se aplacou para com ele, e ouviu a sua súplica, e o tornou a trazer a Jerusalém, ao seu reino. Então conheceu Manassés que o Senhor era Deus”. 2 Crônicas 33:11-13. Mas esse arrependimento, notável embora, veio demasiado tarde para salvar o reino da influência corruptora de anos de prática idolátrica. Muitos haviam tropeçado e caído, não se levantando mais.

Entre aqueles cuja experiência da vida tinha sido influenciada além da possibilidade de recuperação pela fatal apostasia de Manassés, estava seu próprio filho, que subiu ao trono na idade de vinte e dois anos. Do rei Amom está escrito: “Andou em todo o caminho em que andara seu pai, e serviu os ídolos, a que seu pai tinha servido, e se inclinou diante deles. Assim deixou ao Senhor, Deus de seus pais”. 2 Reis 21:21, 22. Ele “não se humilhou perante o Senhor, como Manassés, seu pai, se humilhara, antes multiplicou Amom os seus delitos”. Ao ímpio rei não foi permitido reinar por muito tempo. Em meio de sua audaciosa impiedade, dois anos depois de haver ascendido ao trono, foi morto no palácio por seus próprios servos; e “o povo da terra fez reinar em seu lugar a Josias, seu filho”. 2 Crônicas 33:23, 25.

Com a ascensão de Josias ao trono, onde devia reinar por trinta e um anos, os que haviam conservado a pureza de sua fé começaram a

esperar que o declínio do reino fosse detido; pois o novo rei, embora tivesse apenas oito anos de idade, temia a Deus, e desde o início "fez o que era reto aos olhos do Senhor; e andou em todo o caminho de Davi, seu pai, e não se apartou dele nem para a direita nem para a esquerda". 2 Reis 22:2. Filho de um rei ímpio, perseguido por tentações para que seguisse nos passos do pai, e com poucos conselheiros para encorajá-lo no caminho direito, foi Josias não obstante leal ao Deus de Israel. Advertido pelos erros de passadas gerações, escolheu fazer o que era reto, em vez de descer ao baixo nível do pecado e degradação a que seu pai e seu avô haviam caído. Ele "não se desviou nem para a direita nem para a esquerda". Como alguém que devia ocupar uma posição de confiança, resolveu obedecer à instrução que tinha sido dada para a guia dos governantes de Israel; e sua obediência tornou possível que Deus o usasse como um vaso de honra. [197]

Ao tempo em que Josias começou a reinar, e muitos anos antes, os sinceros em Judá perguntavam-se em dúvida se as promessas de Deus ao antigo Israel seriam cumpridas. Do ponto de vista humano, o propósito divino para a nação escolhida parecia quase impossível de ser realizado. A apostasia dos primeiros séculos havia angariado forças com o passar dos anos; dez das tribos tinham sido espalhadas entre os pagãos; apenas as tribos de Judá e Benjamim permaneceram, e essas mesmas pareciam agora às bordas da ruína nacional e moral. Os profetas tinham começado a predizer a completa destruição de sua aprazível cidade, onde se erguia o templo de Salomão e onde se centralizavam todas as suas esperanças de grandeza nacional. Seria possível que Deus estivesse prestes a tornar atrás em Seu juramentado propósito de levar livramento aos que nEle confiassem? Em face da longa perseguição dos justos, e da aparente prosperidade dos ímpios, poderiam os que haviam permanecido leais a Deus aguardar dias melhores?

Essas ansiosas interrogações foram pronunciadas pelo profeta Habacuque. Contemplando a situação dos fiéis em seus dias, ele expressou o peso que lhe ia no coração, inquirindo: "Até quando, Senhor, clamarei eu, e Tu não me escutarás? gritarei: Violência e não salvarás? Por que razão me fazes ver a iniqüidade, e ver a vexação? Porque a destruição e a violência estão diante de mim; há também quem suscite a contenda e o litígio. Por esta causa a lei se afrouxa,

e a sentença nunca sai; porque o ímpio cerca o justo, e sai o juízo pervertido”. Hebreus 1:2-4.

Deus respondeu ao clamor de Seus filhos leais. Por intermédio de Seu porta-voz Ele revelou Sua determinação de levar a correção à nação que O tinha desprezado para servir aos deuses dos gentios. Nos dias mesmos de alguns que estavam então inquirindo com respeito ao futuro, Ele miraculosamente modelaria os planos das nações dominantes na Terra, levando Babilônia à ascendência. Esse povo caldeu, “horrível e terrível” (Hebreus 1:7), cairiam subitamente sobre a terra de Judá como um açoite divinamente apontado. Os príncipes de Judá e os mais distintos dentre o povo seriam levados cativos para Babilônia; as cidades e vilas da Judéia e os campos cultivados seriam devastados, a nada se poupando.

Confiante de que mesmo neste terrível juízo o propósito de Deus por Seu povo seria de alguma maneira cumprido, Habacuque rendeu-se em submissão à vontade revelada de Jeová. “Não és Tu desde sempre?” ele exclamou. E então sua fé viu além das desoladoras perspectivas do imediato futuro, e descansando nas preciosas promessas que revelam o amor de Deus por Seus confiantes filhos, o profeta acrescentou: “Nós não morreremos”. Hebreus 1:12. Com esta declaração de fé, ele depôs sua causa, bem como a de cada crente israelita, nas mãos de um compassivo Deus.

Não foi esta a única experiência de Habacuque no exercício de forte fé. Uma ocasião, quando meditava sobre o futuro, ele disse: [198] “Sobre a minha guarda estarei, e sobre a fortaleza me apresentarei e vigiarei, para ver o que fala comigo”. Graciosamente o Senhor lhe respondeu: “Escreve a visão, e torna-a bem legível sobre tábuas, para que a possa ler o que correndo passa. Porque a visão é ainda para o tempo determinado, e até ao fim falará, e não mentirá. Se tardar, espera-o; porque certamente virá, e não tardará. Eis que a sua alma se incha, não é reta nele; mas o justo pela sua fé viverá”. Hebreus 2:1-4.

A fé que fortaleceu Habacuque e todos os santos e justos naqueles dias de grande provação, é a mesma que sustém o povo de Deus hoje. Nas horas mais escuras, sob as mais proibitivas circunstâncias, o crente cristão pode suster sua alma sobre a fonte de toda luz e poder. Dia a dia, pela fé em Deus, sua esperança e ânimo podem ser renovados, “o justo pela sua fé viverá”. Hebreus 2:4. No serviço

de Deus não precisa haver desalento, nem vacilação ou temor. O Senhor fará mais que cumprir as mais altas expectativas dos que nEle põem a sua confiança. Ele lhes dará a sabedoria que suas múltiplas necessidades demandam.

Da abundante provisão feita em favor de cada alma tentada, o apóstolo Paulo deu eloqüente testemunho. A ele foi dada a divina certeza: "A Minha graça te basta, porque o Meu poder se aperfeiçoa na fraqueza". Em gratidão e confiança, o provado servo de Deus respondeu: "De boa vontade pois me gloriarei nas minhas fraquezas, para que em mim habite o poder de Cristo. Pelo que sinto prazer nas fraquezas, nas injúrias, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias por amor de Cristo. Porque quando estou fraco então sou forte". 2 Coríntios 12:9, 10.

Devemos acariciar e cultivar a fé da qual testificaram profetas e apóstolos — a fé que se apodera das promessas de Deus, e espera pelo livramento na ocasião e maneira apontados. A firme palavra da profecia encontrará seu final cumprimento no glorioso advento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, como Rei dos reis e Senhor dos senhores. O tempo de espera pode parecer longo, a alma pode ser oprimida por desanimadoras circunstâncias, muitos daqueles em quem confiamos podem cair ao longo do caminho; mas como o profeta que procurou encorajar Judá em tempo de apostasia sem precedente, confiadamente declaramos: "O Senhor está no Seu santo templo; cale-se diante dEle toda a Terra". Hebreus 2:20. Tenhamos sempre em mente a confortante mensagem: "A visão é ainda para o tempo determinado, e até ao fim falará, e não mentirá. Se tardar espera-o; porque certamente virá, não tardará. [...] O justo pela sua fé viverá". Hebreus 2:3, 4.

"Aviva, ó Senhor, a Tua obra no meio dos anos,
no meio dos anos a notifica;
na ira lembra-Te da misericórdia.
Deus veio de Temã, e o Santo do monte de Parã.
A Sua glória cobriu os céus,
e a Terra encheu-se do Seu louvor.
E o Seu resplendor era como a luz,
raios brilhantes saíam da Sua mão,
E ali estava o esconderijo da Sua força.

[199]

Adiante dEle ia
a peste,
e raios de fogo sob os Seus pés.
Parou, e mediu a Terra;
olhou, e separou as nações;
e os montes perpétuos foram esmiuçados,
os outeiros eternos se encurvaram;
o andar eterno é Seu.”

“Tu saíste para salvamento do Teu povo,
para salvamento do Teu ungido.”

“Porquanto, ainda que a figueira não floresça,
nem haja fruto na vide;
o produto da oliveira minta,
e os campos não produzam mantimento;
as ovelhas da malhada sejam arrebatadas,
e nos currais não haja vacas;
todavia eu me alegrarei no Senhor,
exultarei no Deus da minha salvação.
Jeová, o Senhor, é a minha força”.

Hebreus 3:2-6, 13, 17-19.

Não foi Habacuque a única pessoa por cujo intermédio fora dada uma mensagem de esperança e de um futuro triunfo, bem assim de julgamento presente. Durante o reinado de Josias a palavra do Senhor veio a Sofonias, especificando claramente os resultados da continuada apostasia, e chamando a atenção da verdadeira igreja para a gloriosa perspectiva de além. Suas profecias de juízo impendente sobre Judá se aplicam com igual força aos juízos que devem cair sobre um mundo impenitente por ocasião da segunda vinda de Cristo:

“O grande dia do Senhor está perto está perto,
e se apressa muito a voz do dia do Senhor;
amargamente clamará ali o homem poderoso.
Aquele dia é um dia de indignação,

dia de angústia e de ânsia,
dia de alvoroço e de desolação,
dia de trevas e de escuridão,
dia de nuvens e de densas trevas,
dia de trombeta e de alarido contra as cidades fortes
e contra as torres altas".

Sofonias 1:14-16.

"E angustiarei os homens, e eles andarão como cegos, porque pecaram contra o Senhor; e o seu sangue se derramará como pó. [...] Nem a sua prata nem o seu ouro os poderá livrar no dia do furor do Senhor; mas pelo fogo do Seu zelo toda esta Terra está consumida; porque certamente fará de todos os moradores da Terra uma destruição total e apressada". Sofonias 1:17, 18.

"Congrega-te, sim, congrega-te,
ó nação que não tens desejo;
antes que saia o decreto,
e o dia passe como a pragana;
antes que venha sobre vós a ira do Senhor,
sim, antes que venha sobre vós
o dia da ira do Senhor.
Buscai ao Senhor, vós todos os mansos da Terra,
que pondes por obra o Seu juízo;
buscai a justiça, buscai a mansidão;
porventura sereis escondidos no dia da ira do Senhor".

Sofonias 2:1-3.

"Eis que naquele tempo procederei contra todos os que te afligem, e salvarei a que coxeia, e recolherei a que foi expulsa; e lhes darei um louvor e um nome em toda a Terra em que foram envergonhados. Naquele tempo vos trarei, naquele tempo vos recolherei; certamente vos darei um nome e um louvor entre todos os povos da Terra, quando conduzir vossos cativos diante dos vossos olhos, diz o Senhor". Sofonias 3:19, 20.

"Canta alegremente, ó filha de Sião;

rejubila, ó Israel; regozija-te,
[200] e exulta de todo o coração, ó filha de Jerusalém.
O Senhor afastou os
teus juízos,
exterminou o teu inimigo;
o Senhor, o Rei de Israel, está no meio de ti;
tu não verás mais mal algum.
Naquele dia se dirá a Jerusalém:
Não temas, ó Sião, não se enfraqueçam as tuas mãos.
O Senhor teu Deus está no meio de ti,
poderoso para te salvar;
Ele Se deleitará em ti com alegria;
calar-se-á por teu amor,
regozijar-se-á em ti com júbilo”.

Sofonias 3:14-17.

[201]

Capítulo 33 — O livro da lei

As influências silenciosas mas poderosas postas em operação pelas mensagens dos profetas quanto ao cativeiro babilônio, muito fizeram para preparar o caminho para uma reforma que ocorreu no décimo oitavo ano do reinado de Josias. Este movimento de reforma, pelo qual os juízos pressagiados foram sustados por algum tempo, foi levado a efeito de maneira inteiramente inesperada graças à descoberta e estudo de uma porção da Sagrada Escritura que durante muitos anos havia estado estranhamente deslocada e perdida.

Cerca de um século antes, durante a primeira celebração da Páscoa por Ezequias, tomaram-se medidas para a leitura pública do livro da lei ao povo, por sacerdotes-instrutores. Foi a observância dos estatutos escritos por Moisés, especialmente os que haviam sido dados no livro do concerto, e que faziam parte do Deuteronômio, que fizera próspero o reinado de Ezequias. Porém Manassés ousara pôr de lado esses estatutos; e durante seu reinado a cópia do livro da lei que estava no templo, por negligência e descuido, havia-se perdido. Assim foi o povo durante muitos anos privado de maneira generalizada de sua instrução.

O manuscrito por tanto tempo perdido foi achado no templo por Hilquias, o sumo sacerdote, quando o edifício estava sob intensivos reparos, em harmonia com o plano do rei Josias para a preservação da estrutura sagrada. O sumo sacerdote passou o sagrado volume às mãos de Safã, um escriba letrado, que o leu, e o levou ao rei, com a história de sua descoberta.

Josias ficou impressionado ao ouvir pela primeira vez a leitura das exortações e advertências registradas neste antigo manuscrito. Nunca antes compreendera ele tão profundamente a clareza com que Deus havia posto perante Israel "a vida e a morte, a bênção e a maldição" (Deuteronômio 30:19); e quão repetidamente foram eles admoestados a escolher o caminho da vida, para que se tornassem um louvor na Terra, uma bênção a todas as nações. Deuteronômio 31:6.

O livro era abundante em declarações assegurando a disposição de Deus em salvar perfeitamente os que pusessem nEle sua inteira confiança. Como Ele operara em livrá-los do cativeiro egípcio, assim agiria poderosamente para estabelecê-los na terra da promessa e colocá-los como cabeça das nações da Terra. [202]

Os estímulos oferecidos como recompensa da obediência foram acompanhados por profecias de juízo contra o desobediente; e ao ouvir o rei as inspiradas palavras, reconheceu, no quadro que lhe estava diante, condições similares às predominantes então no reino. Em conexão com essa retratação profética do afastamento de Deus, ele ficou alarmado ao encontrar afirmações claras de molde a concluir que o dia da calamidade seguir-se-ia depressa, e que não haveria remédio. A linguagem era clara; não se poderia compreender diferentemente o significado das palavras. E no encerramento do volume, num sumário do trato de Deus com Israel e uma repetição dos eventos futuros, esses assuntos foram tornados duplamente claros. Aos ouvidos de todo o Israel, Moisés havia declarado:

"Inclinai os ouvidos, ó Céus, e falarei;
e ouça a Terra as palavras da minha boca.
Goteje a minha doutrina como a chuva,
destile o meu dito como o orvalho,
como chuvisco sobre a erva
e como gotas de água sobre a relva.
Porque apregoarei o nome do Senhor;
dai grandeza a nosso Deus.
Ele é a Rocha cuja obra é perfeita,
porque todos os Seus caminhos juízos são;
Deus é a verdade, e não há nEle injustiça;
justo e reto é".

Deuteronômio 32:1-4.

"Lembra-te dos dias da antiguidade,
atenta para os anos de muitas gerações;
pergunta a teu pai, e ele te informará,
aos teus anciãos, e eles to dirão.
Quando o Altíssimo distribuía as heranças às nações,

quando dividia os filhos de Adão uns dos outros,
pôs os termos dos povos,
conforme ao número dos filhos de Israel.
Porque a porção do Senhor é o Seu povo;
Jacó é a corda da Sua herança.
Achou-o na terra do deserto,
e num ermo solitário cheio de uivos;
trouxe-o ao redor, instruiu-o,
guardou-o como a menina do Seu olho”.

Deuteronômio 32:7-10.

Mas Israel deixou a Deus, que o fez,
e desprezou a Rocha da sua salvação.
Como deuses estranhos O provocaram a zelos;
com abominações O irritaram.
Sacrifícios ofereceram aos diabos, não a Deus;
aos deuses que não conheceram,
novos deuses que vieram há pouco,
dos quais não se estremeceram vossos pais.
Esqueceste-te da Rocha que te gerou,
e em esquecimento puseste o Deus que te formou.

O que, vendo o Senhor, os desprezou,
provocado à ira contra Seus filhos e Suas filhas;
e disse: Esconderei o Meu rosto deles,
verei qual será o seu fim,
porque são geração de perversidade,
filhos em quem não há lealdade.
A zelos Me provocaram com aquilo que não é Deus.
Com as suas vaidades Me provocaram à ira;
portanto Eu os provocarei a zelos
com os que não são povo,
com nação louca os despertarei à ira.
Males amontoarei sobre eles,
as Minhas setas esgotarei contra eles.
Exaustos serão de fome, comidos de carbúnculo,
e de peste amarga.

Porque são gente falta de conselhos,
e neles não há entendimento.
Oxalá eles fossem sábios que isto entendessem,
e atentassem para o seu fim!

Como pode ser que um só perseguisse mil,
e dois fizessem fugir dez mil,
se a sua Rocha os não vendera,
E o Senhor os não entregara?
Porque
[203] a sua rocha não é como a nossa Rocha,
sendo até os nossos inimigos juízes disto.
Não está isto encerrado comigo?
Selado nos Meus tesouros?
Minha é a vingança e a recompensa,
ao tempo que resvalar o seu pé;
porque o dia da sua ruína está próximo,
e as coisas que lhes hão de suceder se apressam a chegar".

Deuteronômio 32:15-21, 23, 24, 28-31, 34, 35.

Essas passagens revelaram a Josias o amor de Deus por Seu povo e Sua aversão ao pecado. Lendo o rei as profecias de apressado juízo sobre os que persistissem na rebelião, tremeu ante o futuro. A perversidade de Judá havia sido grande; qual seria o resultado de sua continuada apostasia?

Em anos anteriores o rei não havia sido indiferente à predominante apostasia. "No oitavo ano do seu reinado, sendo ainda moço", ele se consagrou inteiramente ao serviço de Deus. Quatro anos mais tarde, com a idade de vinte anos, havia ele feito um fervoroso esforço para remover a tentação de seus súditos, purificando "a Judá e Jerusalém, dos altos e dos bosques, e das imagens de escultura e de fundição". "E derribaram perante ele os altares de Baalim; e cortou as imagens do Sol, que estavam acima deles; e os bosques, e as imagens de escultura e de fundição quebrou e reduziu a pó, e o espargiu sobre as sepulturas dos que lhes tinham sacrificado. E os ossos dos sacerdotes queimou sobre os seus altares, e purificou a Judá e a Jerusalém". 2 Crônicas 34:3-5.

Não contente com fazer uma obra total na terra de Judá, o jovem rei havia estendido seus esforços às partes da Palestina anteriormente ocupadas pelas dez tribos de Israel, de que permanecia apenas um fraco remanescente. “O mesmo fez nas cidades de Manassés”, diz o relato, “e de Efraim, e de Simeão, e ainda até Naftali”. Não antes que tivesse percorrido de extremo a extremo esta região de lares arruinados, “e tendo derribado os altares, e os bosques, e as imagens de escultura, até reduzi-los a pó”, “tendo cortado todas as imagens do Sol em toda a terra de Judá” (2 Crônicas 34:6, 7) — não antes retornou ele para Jerusalém.

Assim Josias, desde o limiar mesmo de sua varonilidade, havia-se empenhado em tirar partido de sua posição como rei para exaltar os princípios da santa lei de Deus. E agora, enquanto o escriba Safã lia para ele no livro da lei, o rei discerniu neste volume um tesouro de conhecimento, um poderoso aliado na obra de reforma que tanto desejava ver executada na terra. Resolveu andar na luz dos seus conselhos, e também fazer tudo que estivesse em seu poder para familiarizar seu povo com seus ensinos, e levá-los, se possível, a cultivar reverência e amor pela lei do Céu.

Seria, porém, possível levar a efeito a necessitada reforma? Israel havia alcançado, quase, os limites da divina paciência; logo Deus Se levantaria para punir os que haviam desonrado Seu nome. Já a ira do Senhor estava inflamada contra o povo. Oprimido pela tristeza e desânimo, Josias rasgou seus vestidos, e se prostrou perante Deus em agonia de espírito, suplicando perdão para os pecados de uma nação impenitente. [204]

Por esse tempo vivia em Jerusalém próximo do templo a profetisa Hulda. O espírito do rei, carregado de ansiosos pressentimentos, voltou-se para ela, e ele se determinou interrogar o Senhor por intermédio desta mensageira escolhida, para saber, se possível, se por qualquer meio ao seu alcance poderia ele salvar o extraviado Judá, agora às bordas da ruína.

A gravidade da situação, e o respeito em que ele tinha a profetisa, levaram-no a escolher como mensageiros a ela, homens dentre os primeiros do reino. “Ide”, lhes ordenara ele, “consultai ao Senhor por mim e pelos que restam em Israel e em Judá, sobre as palavras deste livro que se achou; porque grande é o furor do Senhor, que se derramou sobre nós, porquanto nossos pais não guardaram a palavra

do Senhor, para fazerem conforme a tudo quanto está escrito neste livro". 2 Reis 22:13.

Por intermédio de Hulda o Senhor enviou a Josias a declaração de que a ruína de Jerusalém não seria evitada. Mesmo que o povo agora se humilhasse perante Deus, eles não escapariam à punição. Por tanto tempo os seus sentidos haviam sido insensibilizados pela prática do mal que se não viessem juízos sobre eles, logo retornariam às mesmas práticas pecaminosas. "Dizei ao homem que vos enviou a mim", declarou a profetisa: "Assim diz o Senhor: Eis que trarei mal sobre este lugar, e sobre os seus habitantes, a saber: Todas as maldições que estão escritas no livro que se leu perante o rei de Judá. Porque Me deixaram, e queimaram incenso perante outros deuses, para Me provocarem à ira com toda a obra das suas mãos; portanto o Meu furor se derramou sobre este lugar, e não se apagará". 2 Reis 22:15-17.

Mas visto que o rei havia humilhado o coração perante Deus, o Senhor reconheceria a sua pronta disposição de buscar perdão e misericórdia. A ele foi enviada a mensagem: "Porquanto o teu coração se enterneceu, e te humilhaste perante o Senhor, quando ouviste o que falei contra este lugar, e contra os seus moradores, que seriam para assolação e para maldição, e rasgaste os teus vestidos, e choraste perante Mim, também Eu te ouvi, diz o Senhor. Pelo que eis que Eu te ajuntarei a teus pais, e tu serás ajuntado em paz à tua sepultura, e os teus olhos não verão o mal que hei de trazer sobre este lugar". 2 Reis 22:19, 20.

O rei devia deixar com Deus os eventos do futuro; ele não poderia alterar os eternos decretos de Jeová. Mas ao anunciar os juízos retributivos do Céu, o Senhor não reteve a oportunidade para arrependimento e reforma; e Josias, discernindo nisto uma boa disposição da parte de Deus para temperar Seus juízos com misericórdia, determinou fazer tudo que estivesse em seu poder para executar decididas reformas. Ele promoveu de pronto uma grande convocação, para a qual foram convidados os anciãos e magistrados de Jerusalém e de Judá, juntamente com o povo comum. Estes, com os sacerdotes e levitas, reuniram-se ao rei no pátio do templo.

A esta vasta assembléia o próprio rei leu "aos ouvidos deles todas as palavras do livro do concerto, que se achou na casa do Senhor". 2 Reis 23:2. O real leitor estava profundamente comovido, [205]

e apresentou sua mensagem com o toque de um coração quebrantado. Seus ouvintes ficaram profundamente tocados. A intensidade de sentimento revelada na face do rei, a solenidade da mensagem em si, a advertência de iminente juízo — tudo isto teve o seu efeito, e muitos se determinaram unir ao rei em busca de perdão.

Josias propôs então que os líderes se unissem ao povo num solene concerto perante Deus de que cooperariam uns com os outros num esforço para instituir decididas mudanças. "E o rei se pôs junto à coluna, e fez o concerto perante o Senhor, para andarem com o Senhor, e guardarem os Seus mandamentos, e os Seus testemunhos, e os Seus estatutos, com todo o coração, e com toda a alma, confirmando as palavras deste concerto, que estavam escritas naquele livro". A resposta foi mais generosa do que o rei ousara esperar. "Todo o povo esteve por este concerto". 2 Reis 23:3.

Na reforma que se seguiu, o rei voltou sua atenção para a destruição de todo vestígio de idolatria que havia permanecido. Por tanto tempo haviam os habitantes da Terra seguido os costumes das nações ao redor pelo ajoelhar-se perante imagens de madeira e pedra, que parecia estar quase além do poder do homem remover cada traço desses males. Mas Josias perseverou em seus esforços por purificar a terra. Enfrentou com dureza a idolatria, fazendo matar a "todos os sacerdotes dos altos"; "e também os adivinhos, e os feiticeiros, e os terafins, e os ídolos, e todas as abominações que se viam na terra de Judá e em Jerusalém, os extirpou Josias, para confirmar as palavras da lei, que estavam escritas no livro que o sacerdote Hilquias achara na casa do Senhor". 2 Reis 23:20, 24.

Nos dias da divisão do reino, séculos antes, quando Jeroboão filho de Nebate, em ousado desafio ao Deus a quem Israel tinha servido, procurava desviar o coração do povo das cerimônias do templo em Jerusalém para novas formas de culto, ergueu ele um altar profano em Betel. Durante a dedicação deste altar, onde nos anos por vir muitos seriam seduzidos para práticas idólatras, apareceu subitamente um homem de Deus vindo da Judéia, com palavras de condenação para com as práticas sacrílegas. E ele "clamou contra o altar", declarando:

"Altar, altar assim diz o Senhor: Eis que um filho nascerá à casa de Davi, cujo nome será Josias, o qual sacrificará sobre ti os sacerdotes dos altos que queimam sobre ti incenso, e ossos de

homens se queimarão sobre ti”. 1 Reis 13:2. Este pronunciamento havia sido acompanhado de um sinal de que a palavra falada fora do Senhor.

Três séculos haviam-se passado. Durante a reforma levada a efeito por Josias, o rei se encontrou em Betel, onde estava este antigo altar. A profecia pronunciada tantos anos antes na presença de Jeroboão, devia agora cumprir-se literalmente.

“O altar que estava em Betel, e o alto que fez Jeroboão, filho de Nebate, que tinha feito pecar a Israel, juntamente com aquele altar também o alto derribou; queimando o alto, em pó o desfez, e queimou o ídolo do bosque. [206]

“E virando-se Josias, viu as sepulturas que estavam ali no monte, e enviou, e tomou os ossos das sepulturas, e os queimou sobre o altar, e assim o profanou, conforme a palavra do Senhor, que apregoara o homem de Deus, quando apregoou estas palavras.

“Então disse: Que é este monumento que vejo? E os homens da cidade lhe disseram: É a sepultura do homem de Deus que veio de Judá, e apregoou estas coisas que fizeste contra este altar de Betel. E disse: Deixa-o estar; ninguém mexa nos seus ossos. Assim deixaram estar os seus ossos, com os ossos do profeta que viera de Samaria”. 2 Reis 23:15-18.

Na encosta sul do Olivete, fronteiro ao belo templo de Jeová sobre o Monte Moriá, estavam os altares e imagens que tinham sido postos ali por Salomão, para comprazer suas esposas idólatras. 1 Reis 11:6-8. Por mais de três séculos, as grandes e disformes imagens haviam estado sobre o “Monte da Ofensa”, como testemunhas mudas da apostasia do mais sábio rei de Israel. Essas também foram removidas e destruídas por Josias.

Procurou mais o rei estabelecer a fé de Judá no Deus de seus pais realizando uma grande festa da Páscoa, em harmonia com as provisões feitas no livro da lei. Fizeram-se os preparativos da parte daqueles que tinham o encargo dos serviços sagrados, e no grande dia da festa fizeram-se ofertas livremente. “Nunca se celebrou tal Páscoa como esta desde os dias dos juízes que julgavam a Israel, nem em todos os dias dos reis de Israel, nem tão pouco dos reis de Judá”. 2 Reis 23:22. Mas o zelo de Josias, aceitável embora a Deus, não podia expiar os pecados das passadas gerações; nem podia a piedade manifestada pelos seguidores do rei efetuar uma mudança de

coração em muitos que obstinadamente recusavam voltar da idolatria para o culto do verdadeiro Deus.

Mais de uma década após a celebração da Páscoa, Josias continuou a reinar. Aos trinta e nove anos de idade ele encontrou a morte em batalha com as forças do Egito, "e o sepultaram nos sepulcros de seus pais. E todo o Judá e Jerusalém tomaram luto por Josias. E Jeremias fez uma lamentação sobre Josias; e todos os cantores e cantoras falaram de Josias nas suas lamentações, até ao dia de hoje; porque as deram por estatuto em Israel, e eis que estão escritas nas lamentações". 2 Crônicas 35:24, 25. Não houve rei semelhante a Josias, "que se convertesse ao Senhor com todo o seu coração, e com toda a sua alma, e com todas as suas forças, conforme toda a lei de Moisés; e depois dele nunca se levantou outro tal. Todavia o Senhor Se não demoveu do ardor da Sua grande ira [...] por todas as provações com que Manassés o tinha provocado". 2 Reis 23:25, 26. Estava-se aproximando rapidamente o tempo em que Jerusalém seria inteiramente destruída, e os habitantes da terra levados cativos para Babilônia, para aí aprenderem as lições que tinham recusado aprender sob circunstâncias mais favoráveis. [207]

Capítulo 34 — Jeremias

Entre os que tinham esperado um permanente reavivamento espiritual como resultado da reforma levada a efeito por Josias, estava Jeremias, chamado por Deus para o ofício de profeta, quando ainda jovem, no décimo terceiro ano do reinado de Josias. Membro do sacerdócio levítico, Jeremias havia sido educado desde a infância para a santa função. Nesses felizes anos de preparação pouco imaginara ele que havia sido consagrado desde o nascimento para ser um profeta "às nações"; e quando veio o divino chamado, ele se sentiu oprimido com o senso de sua indignidade. "Ah Senhor Jeová" ele exclamou, "eis que não sei falar; porque sou uma criança". Jeremias 1:5, 6.

Na juventude de Jeremias Deus viu alguém que seria fiel a seu encargo, e que permaneceria pelo direito contra grande oposição. Na meninice ele se provara fiel; e agora enfrentaria durezas, como bom soldado da cruz. "Não digas: eu sou uma criança"; ordenou o Senhor ao Seu escolhido mensageiro; "porque aonde quer que Eu te enviar, irás; e tudo quanto te mandar dirás. Não temas diante deles; porque Eu sou contigo para te livrar". Jeremias 1:7, 8. "Tu, pois, cinge os teus lombos, e levanta-te, e dize-lhes tudo quanto Eu te mandar; não desanimes diante deles, porque Eu farei com que não temas na sua presença. Porque, eis que te ponho hoje por cidade forte, e por coluna de ferro, e por muros de bronze, contra toda a terra, contra os reis de Judá, contra os seus príncipes, contra os seus sacerdotes, e contra o povo da terra. E pelejarão contra ti, mas não prevalecerão contra ti; porque Eu sou contigo, para te livrar". Jeremias 1:17-19.

Por quarenta anos, Jeremias devia estar diante da nação como testemunha da verdade e da justiça. Num tempo de apostasia sem paralelo, devia ele exemplificar na vida e no caráter a adoração do verdadeiro Deus. Durante o terrível cerco de Jerusalém, ele seria o porta-voz de Jeová. Prediria a queda da casa de Davi, e a destruição do belo templo construído por Salomão. E quando aprisionado por causa de suas destemidas afirmações, devia ainda falar contra o

pecado nos altos. Desprezado, odiado, rejeitado dos homens, havia ele de finalmente testemunhar o cumprimento literal de suas próprias profecias de iminente condenação, e partilhar da tristeza e dor que se seguiriam à destruição da cidade condenada. [208]

Todavia em meio à ruína geral por que estava passando rapidamente a nação, muitas vezes foi permitido a Jeremias olhar para além das desoladoras cenas do presente às gloriosas perspectivas do futuro, quando o povo de Deus seria resgatado da terra do inimigo, e novamente plantado em Sião. Ele previu o tempo em que o Senhor haveria de renovar Sua relação de concerto com eles. "A sua alma será como um jardim regado, e nunca mais andarão tristes". Jeremias 31:12.

Com respeito ao seu chamado para a missão profética, o próprio Jeremias escreveu: "Estendeu o Senhor a Sua mão, e tocou-me na boca; e disse-me o Senhor: Eis que ponho as Minhas palavras na tua boca. Olha, ponho-te neste dia sobre as nações, e sobre os reinos, para arrancares, e para derribares, e para destruíres, e para arruinares; e também para edificares, e para plantares". Jeremias 1:9, 10.

Graças a Deus pelas palavras "para edificares e para plantares". Por essas palavras foi assegurado a Jeremias o propósito do Senhor de restaurar e sarar. Severas eram as mensagens a serem levadas nos anos que se seguiriam. Profecias de iminentes juízos a sobrevir deviam ser apresentadas com destemor. Das planícies de Sinear devia sobrevir "o mal sobre todos os habitantes da terra". "Eu pronunciarei contra eles os Meus juízos", o Senhor declarou, "por causa de toda a sua malícia, pois Me deixaram a Mim". Jeremias 1:14, 16. Mas o profeta devia fazer acompanhar essas mensagens da segurança de perdão a todos os que tornassem de suas más obras.

Como um sábio mestre construtor, Jeremias procurou no início mesmo de sua atividade encorajar os homens de Judá a assentar os fundamentos de sua vida espiritual de maneira ampla e profunda, praticando obras completas de arrependimento. De longa data vinham eles construindo com material a que o apóstolo Paulo assemelhou a madeira, feno e palha, e por Jeremias mesmo comparado a escória. "Prata rejeitada lhes chamarão", declarou ele da nação impenitente, "porque o Senhor os rejeitou". Jeremias 6:30. Agora eram eles animados a construir sabiamente e para a eternidade, lançando fora o refugo da apostasia e da incredulidade, usando como fundamento

material o puro ouro, a prata refinada, as pedras preciosas — fé, obediência e boas obras — unicamente aceitáveis à vista de um Deus santo.

Por intermédio de Jeremias a palavra do Senhor a Seu povo foi: "Volta, ó rebelde Israel [...] e não farei cair a Minha ira sobre vós; porque benigno sou, diz o Senhor, e não conservarei para sempre a Minha ira. Somente reconhece a tua iniqüidade, que contra o Senhor teu Deus transgrediste. [...] Convertei-vos, ó filhos rebeldes, diz o Senhor; porque Eu vos desposarei". "Pai Me chamarás, e de Mim te não desviarás". "Volta, ó filhos rebeldes, Eu curarei as vossas rebeliões". Jeremias 3:12-14, 19, 22.

Além desses maravilhosos apelos, o Senhor deu a Seu povo extraviado as próprias palavras com que podiam voltar a Ele. Eles [209] deviam dizer: "Eis-nos aqui, viemos a Ti, porque Tu és o Senhor nosso Deus. Certamente se confia nos outeiros e na multidão das montanhas: deveras no Senhor nosso Deus está a salvação de Israel. [...] Jazemos na nossa vergonha, e estamos cobertos da nossa confusão, porque pecamos contra o Senhor nosso Deus, nós e nossos pais, desde a nossa mocidade até ao dia de hoje; e não temos ouvido a voz do Senhor nosso Deus". Jeremias 3:22-25.

A reforma levada a efeito por Josias tinha purificado a terra dos altares idólatras, mas o coração da multidão não havia sido transformado. As sementes da verdade que haviam germinado com a promessa de abundante colheita, haviam sido sufocadas pelos espinhos. Outra apostasia semelhante a essa seria fatal; e o Senhor procurou despertar a nação para o reconhecimento do perigo. Unicamente provando-se leais a Jeová poderiam eles esperar divino favor e prosperidade.

Jeremias chamou-lhes repetidamente a atenção para os conselhos dados em Deuteronômio. Mais que qualquer outro profeta, deu ele ênfase aos ensinos da lei mosaica, e mostrou como esses ensinos poderiam levar à mais alta bênção espiritual para a nação, e a cada coração individualmente. "Perguntai pelas veredas antigas, qual é o bom caminho, e andai nele", suplicou, "e achareis descanso para as vossas almas". Jeremias 6:16.

Numa ocasião, por ordem do Senhor, o profeta se pôs numa das principais entradas da cidade, e aí apelou para a importância da santificação do sábado. Os habitantes de Jerusalém estavam em perigo

de perder de vista a santidade do sábado, e foram solenemente advertidos contra o seguir seus interesses seculares nesse dia. Uma bênção fora prometida sob a condição de obediência. "Se diligentemente Me ouvirdes", o Senhor declarou, "e santificardes o dia de sábado, não fazendo nele obra alguma, então entrarão pelas portas desta cidade reis e príncipes, assentados sobre o trono de Davi, andando em carros e montados em cavalos, eles e seus príncipes, os homens de Judá, e os moradores de Jerusalém; e esta cidade será para sempre habitada". Jeremias 17:24, 25.

Essa promessa de prosperidade como recompensa de obediência foi acompanhada por uma profecia de terríveis juízos que cairiam sobre a cidade caso seus habitantes se provassem desleais a Deus e Sua lei. Se as admoestações para obediência ao Senhor Deus de seus pais e a santificação de Seu dia de sábado não fossem atendidas, a cidade e seus palácios seriam totalmente destruídos pelo fogo.

Assim o profeta manteve-se firmemente ao lado dos sãos princípios do reto viver tão claramente esboçados no livro da lei. Mas as condições prevalecentes na terra de Judá eram tais que somente pelas mais positivas medidas poderia ser efetuada uma mudança para melhor; daí trabalhar ele com o máximo fervor pelos impenitentes. "Lavrai para vós o campo da lavoura", ele pedia, "e não semeeis entre espinhos". "Lava o teu coração da malícia, ó Jerusalém, para que sejas salva". Jeremias 4:3, 14. [210]

Mas o chamado ao arrependimento e reforma não foi atendido pela grande massa do povo. Desde a morte do bom rei Josias os que haviam reinado sobre a nação se mostraram infiéis ao seu encargo, tendo levado muitos ao extravio. Jeoacaz, deposto pela interferência do rei do Egito, fora seguido por Jeoaquim, o filho mais velho de Josias. Desde o início do reinado de Jeoaquim, Jeremias tivera pouca esperança de salvar sua amada terra da destruição e o povo do cativeiro. Mas não lhe foi permitido permanecer em silêncio enquanto total ruína ameaçava o reino. Os que haviam permanecido leais a Deus deviam ser encorajados a perseverar na prática do bem, devendo os pecadores, se possível, ser induzidos a voltarem-se da iniqüidade.

A crise pedia um esforço público e de longo alcance. Jeremias foi ordenado pelo Senhor a erguer-se na corte do templo e falar a todo o povo de Judá que passasse dentro e fora. Não devia ele

suprimir uma só palavra das mensagens que lhe fossem dadas, a fim de que os pecadores de Sião tivessem a mais ampla oportunidade possível de ouvir, e voltar de seus maus caminhos.

O profeta obedeceu; permaneceu junto à porta da casa do Senhor, e aí ergueu a voz em advertência e rogos. Sob a inspiração do Todo-poderoso ele declarou:

"Ouvi a palavra do Senhor, todos de Judá, os que entrais por estas portas, para adorardes ao Senhor. Assim diz o Senhor dos Exércitos, o Deus de Israel: Melhorai os vossos caminhos e as vossas obras, e vos farei habitar neste lugar. Não vos fieis em palavras falsas, dizendo: Templo do Senhor, templo do Senhor, templo do Senhor é este. Mas, se deveras melhorardes os vossos caminhos e as vossas obras, se deveras fizerdes juízo entre um homem e entre o seu companheiro, se não oprimirdes o estrangeiro, e o órfão, e a viúva, nem derramardes sangue inocente neste lugar, nem andardes após outros deuses para vosso próprio mal, Eu vos farei habitar neste lugar, na terra que dei a vossos pais, de século em século". Jeremias 7:2-7.

O pesar do Senhor por ter de castigar está aqui vividamente demonstrado. Ele retém os Seus juízos para que possa pleitear com os impenitentes. Aquele que exercita "beneficência, juízo e justiça na Terra" (Jeremias 9:24), demonstra misericórdia a Seus filhos errantes e por todas as maneiras possíveis busca ensinar-lhes o caminho da vida eterna. Ele tirara os israelitas do cativeiro para que Lhe pudessem servir a Ele, o único Deus vivo e verdadeiro. Embora eles tivessem andado longo tempo na idolatria, menosprezando Suas advertências, Ele contudo declara Sua disposição de não enviar o castigo, concedendo ainda outra oportunidade para arrependimento. Ele deixa claro o fato de que somente mediante a mais integral reforma do coração poderia a condenação impendente ser evitada. [211] Em vão seria a confiança que depositassem no templo e suas atividades. Ritos e cerimônias não podiam expiar o pecado. Embora declarassem ser o escolhido povo de Deus, unicamente a reforma do coração e dos atos da vida os salvaria dos inevitáveis resultados da continuada transgressão.

Assim foi que "nas cidades de Judá, e nas ruas de Jerusalém", a mensagem de Jeremias a Judá foi: "Ouvi as palavras deste concerto" — os claros preceitos de Jeová como registrados nas Sagradas Es-

crituras — “e cumprias”. Jeremias 11:6. E esta é a mensagem que ele proclamou ao estar nos pátios do templo no início do reinado de Jeoaquim.

A experiência de Israel desde os dias do Êxodo foi ligeiramente revivida. O concerto de Deus com eles tinha sido: “Dai ouvidos à Minha voz, e Eu serei o vosso Deus, e vós sereis o Meu povo; e andai em todo o caminho que Eu vos mandar, para que vos vá bem”. Aberta e repetidamente fora esse concerto quebrado. A nação escolhida tinha andado “nos seus próprios conselhos, no propósito do seu coração malvado; e andaram para trás, e não para diante”. Jeremias 7:23, 24.

“Por que” o Senhor inquiriu, “se desvia este povo de Jerusalém com uma apostasia contínua?” Jeremias 8:5. Na linguagem do profeta era porque eles não haviam obedecido à voz do Senhor seu Deus, e tinham recusado a ser corrigidos. Jeremias 5:3. “Já pereceu a verdade”, lamentou ele, “e se arrancou da sua boca”. Jeremias 7:28. “Até a cegonha no céu conhece os seus tempos determinados; e a rola, e o grou e a andorinha observam o tempo de sua arribação; mas o Meu povo não conhece o juízo do Senhor”. Jeremias 8:7. “Porventura por estas coisas não os visitaria? diz o Senhor; ou não se vingaria a minha alma de gente tal como esta?” Jeremias 9:9.

Chegara o tempo para profundo exame de coração. Enquanto Josias tinha sido seu rei, o povo tivera alguma base para esperança. Mas ele não podia mais interceder em seu benefício; pois havia caído em batalha. Os pecados da nação eram tais que o tempo para intercessão quase se escoara de todo. “Ainda que Moisés e Samuel se pusessem diante de Mim”, o Senhor declarou, “não seria a Minha alma com este povo; lança-os de diante de Minha face, e saiam. E será que, quando te disserem: Para onde iremos? dir-lhes-ás: Os que para a morte, para a morte; e os que para a espada, para a espada; e os que para a fome, para a fome; e os que para o cativeiro, para o cativeiro”. Jeremias 15:1, 2.

Uma recusa de ouvir o convite de misericórdia que Deus estava agora oferecendo atrairia sobre a impenitente nação os juízos que haviam caído sobre o reino do norte de Israel havia mais de um século antes. A mensagem a eles agora era: “Se não Me derdes ouvidos para andardes na Minha lei, que pus diante de vós, para que ouvísseis as palavras dos Meus servos, os profetas, que Eu vos

envio, madrugando e enviando, mas não ouvistes; então farei que esta casa seja como Siló, e farei desta cidade uma maldição para [212] todas as nações da Terra”. Jeremias 26:4-6.

Os que estavam no pátio do templo ouvindo o discurso de Jeremias, compreenderam claramente esta referência a Siló, e aos tempos nos dias de Eli, quando os filisteus derrotaram a Israel e levaram a arca do testamento.

O pecado de Eli tinha consistido em passar por alto a iniqüidade de seus filhos no sagrado ofício, bem como sobre os males prevalecentes através da terra. Sua negligência em corrigir esses males tinha atraído sobre Israel terrível calamidade. Seus filhos tinham sido mortos em combate, o próprio Eli perdeu a vida, a arca de Deus tinha sido levada da terra de Israel, trinta mil do povo haviam sido mortos — tudo por se haver permitido que o pecado florescesse desembaraçada e livremente. Israel havia pensado em vão que, não obstante suas pecaminosas práticas, a presença da arca assegurar-lhes-ia a vitória sobre os filisteus. De igual maneira, durante os dias de Jeremias, os habitantes de Judá eram inclinados a crer que uma estrita observância das cerimônias do templo divinamente apontadas, preservá-los-ia de uma justa punição por sua ímpia conduta.

Que lição esta a homens em posição de responsabilidade hoje na igreja de Deus Que solene advertência quanto à necessidade de tratar-se fielmente os erros que levam desonra à causa da verdade! Que ninguém que declare ser depositário da lei de Deus, lisonjeie-se a si mesmo com o pensamento de que a deferência que externamente mostrarem para com os mandamentos de Deus os preservará da aplicação da justiça divina. Que ninguém se recuse a ser reprovado pela prática do mal, nem acuse os servos de Deus por serem demasiado zelosos em procurar limpar o campo de obras maléficas. Um Deus que odeia o pecado apela aos que se declaram guardadores de Sua lei, a que se afastem de toda iniqüidade. A negligência em se arrepender e render voluntária obediência acarretará sobre homens e mulheres hoje tão sérias conseqüências como as que vieram sobre o antigo Israel. Há um limite além do qual os juízos de Jeová não podem mais ser detidos. A desolação de Jerusalém nos dias de Jeremias é uma solene advertência ao moderno Israel, de que os conselhos e advertências dados por meio de pessoas escolhidas não podem ser desrespeitados impunemente.

A mensagem de Jeremias aos sacerdotes e povo despertou o antagonismo de muitos. Com violenta injúria eles clamaram: “Porque profetizaste no nome do Senhor, dizendo: Será como Siló esta casa, e esta cidade será assolada, de sorte que fique sem moradores. E ajuntou-se todo o povo contra Jeremias na casa do Senhor”. Jeremias 26:9. Sacerdotes, falsos profetas e povo voltaram-se irados, contra aquele que lhes não falaria palavras suas ou profetizaria coisas deleitosas. Assim foi a mensagem de Deus desprezada e Seu servo ameaçado de morte.

Notícias das palavras de Jeremias foram levadas aos príncipes de Judá, e estes se apressaram do palácio do rei ao templo, a fim de se informarem por si mesmos sobre a veracidade do fato. “Então falaram os sacerdotes e os profetas aos príncipes e a todo o povo, [213] dizendo: Este homem é réu de morte, porque profetizou contra esta cidade, como ouvistes com os vossos ouvidos”. Jeremias 26:11. Mas Jeremias permaneceu ousadamente perante os príncipes e o povo, declarando: “O Senhor me enviou a profetizar contra esta casa, e contra esta cidade, todas as palavras que ouvistes. Agora, pois, melhorai os vossos caminhos e as vossas ações, e ouvi a voz do Senhor vosso Deus, e arrepender-Se-á o Senhor do mal que falou contra vós. Quanto a mim, eis que estou nas vossas mãos; fazei de mim conforme o que for bom e reto aos vossos olhos. Sabei, porém, com certeza que, se me matardes a mim, trareis sangue inocente sobre vós, e sobre esta cidade, e sobre os seus habitantes; porque, na verdade, o Senhor me enviou a vós, para dizer aos vossos ouvidos todas estas palavras”. Jeremias 26:12-15.

Tivesse o profeta sido intimidado pela ameaçadora atitude dos que estavam em posição de alta autoridade, sua mensagem teria sido sem efeito, e ele teria perdido a vida; mas a coragem com que apresentou a solene advertência, conquistou o respeito do povo, e tornou os príncipes de Israel em seu favor. Eles arrazoaram com os sacerdotes e falsos profetas, mostrando-lhes quão pouco sábias seriam as medidas extremas por eles advogadas, e suas palavras produziram uma reação na mente do povo. Assim Deus suscitou defensores a Seu servo.

Os anciãos uniram-se igualmente no protesto contra a decisão dos sacerdotes sobre a sorte de Jeremias. Citaram o caso de Miquéias, que havia profetizado juízos contra Jerusalém, dizendo:

"Sião será lavrada como um campo, e Jerusalém se tornará em montões de pedras, e o monte desta casa como os altos de um bosque". E perguntaram: "Mataram-no, porventura, Ezequias, rei de Judá, e todo o Judá? Antes não temeu este ao Senhor, e não implorou o favor do Senhor? e o Senhor Se arrependeu do mal que falara contra eles; e nós fazemos um grande mal contra as nossas almas". Jeremias 26:18, 19.

Graças aos apelos desses homens de influência, a vida do profeta foi poupada, embora muitos dos sacerdotes e falsos profetas, incapazes de enfrentar as condenadoras verdades que ele proferia, alegremente o teriam levado à morte sob pretexto de sedição.

Desde o dia do seu chamado até o fim do seu ministério, Jeremias permaneceu perante Judá como "torre e fortaleza" (Jeremias 6:27) contra a qual a ira do homem não podia prevalecer. "Pelejarão contra ti", o Senhor prevenira Seu servo, "mas não prevalecerão contra ti; porque Eu sou contigo para te guardar, para te livrar deles, diz o Senhor. E arrebatar-te-ei da mão dos malignos, e livrar-te-ei da mão dos fortes". Jeremias 15:20, 21.

De natureza tímida e recolhida, Jeremias ansiava pela paz e quietude de uma vida de retraimento, onde não precisasse testemunhar a continuada impenitência de sua amada nação. Seu coração era torturado de angústia pela ruína operada pelo pecado. "Oxalá a minha cabeça se tornasse em águas, e os meus olhos numa fonte de [214] lágrimas" ele lamentava, "então choraria de dia e de noite os mortos da filha do meu povo. Oxalá tivesse no deserto uma estalagem de caminhantes então deixaria o meu povo, e me apartaria dele". Jeremias 9:1, 2.

Cruéis eram os motejos que ele fora chamado a suportar. Sua alma sensível era lanceada impiedosamente pela seta do escárnio desferidas contra ele por aqueles que lhe desprezavam as mensagens e consideravam levianamente o peso que ele sentia pela conversão deles. "Fui feito um objeto de escárnio para todo o meu povo, e a sua canção todo o dia" (Lamentações 3:14), declarou ele. "Sirvo de escárnio todo o dia; cada um deles zomba de mim". "Todos os que têm paz comigo aguardam o meu manquejar, dizendo: Bem pode ser que se deixe persuadir; então prevaleceremos contra ele e nos vingaremos dele". Jeremias 20:7, 10.

Mas o fiel profeta era diariamente fortalecido para resistir. “Mas o Senhor está comigo como um valente terrível”, ele declarou com fé, “por isso tropeçarão os meus perseguidores, e não prevalecerão; ficarão mui confundidos; como não se houveram prudentemente, terão uma confusão perpétua que nunca se esquecerá.” “Cantai ao Senhor, louvai ao Senhor, pois livrou a alma do necessitado da mão dos malfeitores”. Jeremias 20:11, 13.

As experiências pelas quais Jeremias passou nos dias de sua juventude e também nos posteriores anos de seu ministério, ensinaram-lhe a lição de que “não é do homem o seu caminho nem do homem que caminha o dirigir os seus passos”. Ele aprendeu a orar: “Castiga-me, ó Senhor, mas com medida, não na Tua ira, para que me não reduzas a nada”. Jeremias 10:23, 24.

Quando chamado a beber o cálice da tribulação e tristeza, e quando em sua miséria era tentado a dizer: “Já pereceu a minha força, como também a minha esperança no Senhor”, recordava as providências de Deus em seu favor, e triunfantemente exclamava: “As misericórdias do Senhor são a causa de não sermos consumidos, porque as Suas misericórdias não têm fim; novas são cada manhã; grande é a Tua fidelidade. A minha porção é o Senhor, diz a minha alma; portanto esperarei nEle. Bom é ter esperança, e aguardar em paz a salvação do Senhor”. Lamentações 3:18, 22-24. [215]

Capítulo 35 — A condenação iminente

Os primeiros anos do reinado de Jeoaquim foram cheios de advertências de próxima condenação. A palavra que o Senhor falara pelos profetas estava prestes a ser cumprida. O poder da Assíria, ao norte, supremo por tanto tempo, não mais devia reger as nações. O Egito ao sul, em cujo poder o rei de Judá estava inutilmente colocando a sua confiança, logo devia ser posto decididamente em xeque. Um novo poder mundial de todo inesperado — o império babilônico — estava surgindo a leste, e depressa lançando sombra sobre todas as nações.

Dentro de breves anos, o rei de Babilônia seria usado como instrumento da ira de Deus sobre o impenitente Judá. Uma e outra vez Jerusalém seria atacada e invadida pelos exércitos sitiantes de Nabucodonosor. Grupo após grupo — de início uns poucos apenas, porém mais tarde milhares e dezenas de milhares — seriam levados cativos para a terra de Sinear para ali viverem em forçado exílio. Jeoaquim, Joaquim, Zedequias — todos esses reis judeus se tornariam por seu turno vassalos do governador de Babilônia, e todos por sua vez se rebelariam. Castigos cada vez mais severos seriam infligidos à nação rebelde, até que afinal toda a terra se tornasse uma desolação; Jerusalém seria devastada e queimada com fogo, o templo que Salomão construíra seria destruído, e o reino de Judá cairia, jamais voltando a ocupar sua anterior posição entre as nações da Terra.

Aqueles tempos de mudança, tão pejados de perigos para a nação israelita, foram marcados com muitas mensagens do Céu através de Jeremias. Assim o Senhor deu aos filhos de Judá ampla oportunidade de se libertarem das embaraçantes alianças com o Egito, e evitar conflito com os príncipes de Babilônia. Aproximando-se mais o ameaçador perigo, ele ensinou o povo por meio de uma série de parábolas encenadas, esperando assim despertá-los para a noção de suas obrigações para com Deus, e também encorajá-los a se manterem cordiais para com o governo babilônico.

Com o propósito de ilustrar a importância de render implícita obediência aos reclamos de Deus, Jeremias reuniu alguns recabitas nas câmaras do templo, e pôs perante eles vinho, convidando-os a que bebessem. Como era de esperar, ele enfrentou protestos e recusa absoluta. "Não beberemos vinho", declararam firmemente os recabitas, "porque Jonadabe, filho de Recabe, nosso pai, nos mandou, dizendo: Nunca jamais bebereis vinho, nem vós nem vossos filhos". [216]

"Então veio a palavra do Senhor a Jeremias, dizendo: Assim diz o Senhor dos Exércitos, o Deus de Israel: Vai, e dize aos homens de Judá e aos moradores de Jerusalém: Porventura nunca aceitareis instrução, para ouvirdes as Minhas palavras? diz o Senhor. As palavras de Jonadabe, filho de Recabe, que ordenou a seus filhos que não bebessem vinho, foram guardadas, pois não beberam até este dia, antes ouviram o mandamento de seu pai". Jeremias 35:6, 12-14.

Deus procurou assim criar agudo contraste entre a obediência dos recabitas e a desobediência e rebelião de Seu povo. Os recabitas haviam obedecido a ordem de seu pai, recusando-se agora a serem incitados à transgressão. Mas os homens de Judá não tinham dado ouvidos às palavras do Senhor, e estavam em conseqüência em vias de sofrer Seus mais severos juízos.

"A Mim, porém, que vos tenho falado a vós, madrugando e falando", o Senhor declarou, "vós não Me ouvistes. E vos enviei todos os Meus servos os profetas, madrugando, e enviando, e dizendo: Convertei-vos agora, cada um do seu mau caminho, e fazei boas as vossas ações, e não sigais a outros deuses para servi-los, e assim ficareis na terra que vos dei a vós e a vossos pais; mas não inclinastes o vosso ouvido, nem Me obedeceste a Mim. Visto que os filhos de Jonadabe, filho de Recabe, guardaram o mandamento de seu pai, que ele lhes ordenou, mas este povo não Me obedeceu, por isso assim diz o Senhor, o Deus dos Exércitos, o Deus de Israel: Eis que trarei sobre Judá, e sobre todos os moradores de Jerusalém, todo o mal que falei contra eles; pois lhes tenho falado, e não ouviram, e clamei a eles, e não responderam". Jeremias 35:14-17.

Quando o coração dos homens é abrandado e subjugado pela influência constrangedora do Espírito Santo, darão ouvidos ao conselho; mas quando viram as costas à admoestação até que seus corações se tornem endurecidos, o Senhor lhes permite serem leva-

dos por outras influências. Recusando a verdade, aceitam a falsidade, a qual se torna um laço para a sua própria destruição.

Deus Se empenhara com Judá para que Lhe não provocasse a ira, mas não Lhe deram ouvidos. Finalmente foi pronunciada contra eles a sentença. Eles deviam ser levados cativos para Babilônia. Os caldeus iam ser usados como instrumento pelo qual Deus castigaria Seu povo desobediente. Os sofrimentos dos homens de Judá deviam estar na proporção da luz que haviam recebido e das advertências que haviam desprezado e rejeitado. Por muito tempo estivera Deus retardando Seus juízos; mas agora Ele faria cair sobre eles o Seu desprazer, como derradeiro esforço no sentido de detê-los em seu mau caminho.

Sobre a casa dos recabitas foi pronunciada uma bênção constante. O profeta declarou: "Assim diz o Senhor dos Exércitos: Pois que obedecestes ao mandamento de Jonadabe, vosso pai, e guardastes todos os seus mandamentos, e fizestes conforme tudo quanto vos ordenou, portanto assim diz o Senhor dos Exércitos, Deus de Israel: Nunca faltará varão a Jonadabe, filho de Recabe, que assista perante a Minha face todos os dias". Jeremias 35:18, 19. Assim ensinou Deus a Seu povo que a fidelidade e obediência se refletiriam sobre Judá em bênção, tal como foram os recabitas abençoados pela obediência à ordem de seu pai.

[217]

A lição é para nós. Se os requisitos de um pai bom e sábio, que usou o melhor e mais eficaz meio de garantir sua posteridade contra os males da intemperança, foram dignos de estrita obediência, sem dúvida a autoridade de Deus deve ser tida em muito maior reverência quão mais santo é Ele que o homem. Nosso Criador e Comandante, infinito em poder, terrível no juízo, procura por todos os meios levar os homens a ver seus pecados e deles se arrependerem. Por boca de Seus servos Ele predisse os perigos da desobediência; faz soar a nota de advertência, e fielmente reprova o pecado. Seu povo desfruta prosperidade unicamente por Sua misericórdia, graças ao vigilante cuidado de agentes escolhidos. Ele não pode sustentar e guardar um povo que rejeita Seu conselho e despreza Suas reprovações. Por algum tempo Ele pode conter Seus juízos retributivos; mas não pode reter sempre a Sua mão.

Os filhos de Judá foram numerados entre aqueles de quem Deus dissera: "Sereis um reino sacerdotal e o povo santo". Êxodo 19:6.

Jamais em seu ministério Jeremias perdera de vista a importância vital da santidade de coração nas variadas relações da vida, e principalmente no serviço do altíssimo Deus. Claramente ele previu a queda do reino e a disseminação dos habitantes de Judá entre as nações; mas com os olhos da fé viu além de tudo isto para os tempos da restauração. Soando em seus ouvidos estava a promessa divina: "Eu mesmo recolherei o resto das Minhas ovelhas de todas as terras para onde as tiver afugentado, e as farei voltar aos seus apriscos. [...] Eis que vêm dias, diz o Senhor, em que levantarei a Davi um Renovo justo; e, sendo rei, reinará, e prosperará, e praticará o juízo e a justiça na Terra. Em seus dias Judá será salvo, e Israel habitará seguro; e este será o Seu nome, com que o nomearão: O Senhor justiça nossa". Jeremias 23:3-6.

Assim profecias de juízo próximo foram misturadas com promessas de final e glorioso livramento. Os que escolhessem fazer paz com Deus, vivendo vida santa em meio a prevalecente apostasia, receberiam força para cada prova, e seriam capacitados para testificar dEle com forte poder. E nos séculos por vir o livramento que se havia de operar em benefício deles excederia em fama ao efetuado em favor dos filhos de Israel ao tempo do Êxodo. Aproximavam-se os dias, declarou o Senhor por intermédio do Seu profeta, em que eles não mais diriam: "Vive o Senhor, que fez subir os filhos de Israel da terra do Egito; mas: Vive o Senhor, que fez subir, e que trouxe a geração da casa de Israel da terra do norte, e de todas as terras para onde os tinha arrojado; e habitarão na sua terra". Jeremias 23:7, 8. Tais eram as maravilhosas profecias proferidas por Jeremias [218] durante os anos finais da história do reino de Judá, quando Babilônia estava se tornando soberana universal, e estavam mesmo levando o cerco de seus exércitos contra os muros de Sião.

Como a mais suave música essas promessas de livramento caíram nos ouvidos dos que se mantinham firmes na adoração a Jeová. Nos lares do elevado e do humilde, onde os conselhos de um Deus que guarda o concerto eram ainda tidos em reverência, as palavras do profeta foram repetidas uma e outra vez. Mesmo as crianças foram fortemente animadas, e em suas mente jovem e receptiva foram feitas duradouras impressões.

Foi sua conscienciosa observância das ordenações da Santa Escritura, que nos dias do ministério de Jeremias proporcionou a Daniel

e seus companheiros oportunidades de exaltar o verdadeiro Deus perante as nações da Terra. A instrução que essas crianças hebréias haviam recebido no lar de seus pais, as tornou fortes na fé e constantes no seu serviço ao Deus vivo, o Criador dos Céus e da Terra. Quando, logo no início do reinado de Jeoaquim, Nabucodonosor pela primeira vez sitiou e capturou Jerusalém, e transportou a Daniel e seus companheiros, juntamente com outros especialmente escolhidos para o serviço na corte de Babilônia, a fé dos cativos hebreus foi provada ao máximo. Mas os que tinham aprendido a pôr a sua confiança nas promessas de Deus verificaram que estas eram todo-suficientes em cada experiência por que foram chamados a passar durante a sua estada numa terra estranha. As Escrituras provaram-se-lhes um guia e um arrimo.

Como intérprete do significado dos juízos que começavam a cair sobre Judá, Jeremias manteve-se nobremente na defesa da justiça de Deus e de Seus misericordiosos desígnios mesmo nos mais severos castigos. Incansavelmente o profeta laborou. Desejoso de alcançar todas as classes, estendeu a esfera de sua influência além de Jerusalém para os distritos circunjacentes, graças a freqüentes visitas a várias partes do reino.

Em seus testemunhos à igreja, Jeremias constantemente se referia aos ensinos do livro da lei que haviam sido tão grandemente honrados e exaltados durante o reinado de Josias. Deu ele nova ênfase à importância de manter-se uma relação de concerto com o todo-misericordioso e compassivo Ser que sobre as alturas do Sinai havia anunciado os preceitos do Decálogo. As palavras de advertência e ameaça da parte de Jeremias haviam alcançado cada parte do reino, e todos tiveram a oportunidade de conhecer a vontade de Deus concernente à nação.

O profeta tornara claro o fato de que nosso Pai celestial permite que Seus juízos caiam, "para que as nações saibam que são constituídas por meros homens". Salmos 9:20. "Se andares contrariamente para comigo, e não Me quiserdes ouvir", o Senhor prevenira a Seu povo, "Eu [...] vos espalharei entre as nações, e desembainharei a espada atrás de vós; e a vossa terra será assolada, e as vossas cidades serão desertas". Levítico 26:21, 28, 33. [219]

Nesse mesmo tempo mensagens de juízo impendente foram levadas a príncipes e povo, e a seu governante Jeoaquim, que devia

ter sido um líder espiritual sábio, o primeiro na confissão dos pecados e em reforma e boas obras, estava gastando o seu tempo em prazeres egoístas. “Edificarei para mim uma casa espaçosa”, ele se propôs; e esta casa, “forrada de cedro e pintada de vermelhão” (Jeremias 22:14), foi construída com dinheiro e trabalho obtidos pela fraude e opressão.

A ira do profeta foi despertada, e ele foi inspirado a pronunciar juízo sobre o governante sem fé. “Ai daquele que edifica a sua casa com injustiça, e os seus aposentos sem direito”, ele declarou, “que se serve do serviço do seu próximo sem paga, e não lhe dá o salário do seu trabalho. [...] Reinarás tu, porque te encerras em cedro? acaso teu pai não comeu e bebeu, e não exerceu o juízo e a justiça? por isso lhe sucedeu bem? Julgou a causa do pobre e do necessitado; então lhe sucedeu bem; porventura não é isto conhecer-Me? diz o Senhor. Mas os teus olhos e o teu coração não atentam senão para a tua avareza, e para o sangue inocente, a fim de derramá-lo, e para a opressão, e para a violência, a fim de levar isso a efeito.

“Portanto assim diz o Senhor acerca de Jeoaquim, filho de Josias, rei de Judá: Não lamentarão por ele, dizendo: Ai, irmão meu, ou, ai, minha irmã nem lamentarão por ele, dizendo: Ai, Senhor, ou, ai, Majestoso Em sepultura de jumento o sepultarão, arrastando-o e lançando-o para bem longe, fora das portas de Jerusalém”. Jeremias 22:13-19.

Dentro de poucos anos este terrível juízo recairia sobre Jeoaquim; mas antes o Senhor em Sua misericórdia informou a impenitente nação de Seu decidido propósito. No quarto ano do reinado de Jeoaquim, “falou o profeta Jeremias a todo o povo de Judá, e a todos os habitantes de Jerusalém”, ressaltando o fato de que por mais de vinte anos, “desde o ano treze de Josias [...] até este dia” (Jeremias 25:2, 3), ele havia dado testemunho do desejo de Deus para salvar, mas que suas mensagens haviam sido desdenhadas. E agora a palavra do Senhor a eles era:

“Assim diz o Senhor dos Exércitos: Visto que não escutastes as Minhas palavras, eis Eu enviarei, e tomarei a todas as gerações do norte, diz o Senhor, como também a Nabucodonosor, rei de Babilônia, Meu servo, e os trarei sobre esta terra, e sobre os seus moradores, e sobre todas estas nações em redor, e os destruirei totalmente, e pô-los-ei em espanto, e em assobio, e em perpétuos desertos. E farei

perecer entre eles a voz de folguedo, e a voz de alegria, a voz do esposo, e a voz da esposa, o som das mós, e a luz do candeeiro. E toda esta terra virá a ser um deserto e um espanto; e estas nações servirão ao rei de Babilônia setenta anos”. Jeremias 25:8-11.

Embora a sentença de condenação houvesse sido claramente pronunciada, seu horrível conteúdo mal podia ser compreendido pelas multidões que ouvia. Para que impressões mais profundas pudessem ser feitas, o Senhor procurou ilustrar o significado das palavras pronunciadas. Ele ordenou que Jeremias assemelhasse a sorte da nação à libação de um copo de vinho da ira divina. Entre os primeiros a beber deste copo de ai, deviam estar “Jerusalém, e as cidades de Judá, e os seus reis”. Outros deviam partilhar do mesmo copo, a saber, “Faraó, rei do Egito, e seus servos, e seus príncipes, e todo o seu povo”, e muitas outras nações da Terra, até que o propósito de Deus houvesse sido cumprido. Jeremias 25:18, 19.

[220]

A fim de melhor ilustrar a natureza dos juízos iminentes, o profeta recebeu ordem de tomar consigo “os anciãos do povo, e os anciãos dos sacerdotes”, e ir “ao vale do filho de Hinom”, e ali, depois de recapitular a apostasia de Judá, devia fazer em pedaços “uma botija de oleiro”, e declarar em defesa de Jeová, cujo servo era ele: “Deste modo quebrarei Eu a este povo, e a esta cidade, como se quebra o vaso do oleiro, que não pode mais refazer-se”.

O profeta fez como lhe fora ordenado. Então, retornando à cidade, ele se pôs no átrio do templo, e declarou aos ouvidos do povo: “Assim diz o Senhor dos Exércitos, o Deus de Israel: Eis que trarei sobre esta cidade, e sobre todas as suas cidades, todo o mal que pronunciei contra ela, porquanto endureceram a sua cerviz, para não ouvirem as Minhas palavras”. Jeremias 19.

As palavras do profeta, em lugar de levar à confissão e arrependimento, suscitaram a ira dos que tinham posição de autoridade, e como conseqüência Jeremias ficou privado de sua liberdade. Preso e posto no cepo, o profeta continuou ainda assim a transmitir as mensagens do Céu aos que lhe estavam próximo. Sua voz não podia ser silenciada pela perseguição. A palavra da verdade, declarou ele, “foi no meu coração como fogo ardente, encerrado nos meus ossos; e estou fadigado de sofrer, e não posso”. Jeremias 20:9.

Foi cerca deste tempo que o Senhor ordenou a Jeremias que escrevesse as mensagens que desejava levar àqueles por cuja salvação seu coração piedoso estava continuamente a arder. "Toma o rolo dum livro", ordenou o Senhor a Seu servo, "e escreve nele todas as palavras que te tenho falado de Israel, e de Judá, e de todas as nações, desde o dia em que Eu te falei a ti, desde os dias de Josias até hoje. Ouvirão talvez os da casa de Judá todo o mal que Eu intento fazer-lhes; para que cada qual se converta do seu mau caminho, e Eu perdoe a sua maldade e o seu pecado". Jeremias 36:2, 3.

Em obediência a esta ordem, Jeremias chamou em seu auxílio um fiel amigo, o escriba Baruque, e ditou-lhe "todas as palavras do Senhor, que Ele lhe tinha revelado, no rolo de um livro". Jeremias 36:4. Estas palavras foram cuidadosamente escritas num rolo de pergaminho, e constituíam solene reprovação do pecado, uma advertência dos resultados infalíveis da constante apostasia, e um fervente apelo para renúncia a todo mal.

Quando o escrito ficou completo, Jeremias, que estava ainda prisioneiro, enviou Baruque para ler o rolo às multidões que se reuniam no templo por ocasião de um dia nacional de jejum, "no quinto ano de Jeoaquim, filho de Josias, rei de Judá, no mês nono". "Pode ser", o profeta dissera, "que caia a sua súplica diante do Senhor, e se converta cada um do seu mau caminho; porque grande é a ira e o furor que o Senhor tem manifestado contra este povo". Jeremias 36:9, 7. [221]

Baruque obedeceu, e o rolo foi lido perante todo o povo de Judá. Posteriormente foi o escriba convocado à presença dos príncipes, a fim de ler as palavras perante eles. Eles ouviram com grande interesse, e prometeram informar o rei sobre tudo o que tinham ouvido, mas aconselharam o escriba a se esconder, pois temiam que o rei rejeitasse o testemunho, e procurasse matar os que haviam preparado e apresentado a mensagem.

Quando o rei Jeoaquim foi informado pelos príncipes do que Baruque havia lido, imediatamente ordenou que o rolo fosse trazido e lido em sua presença. Um dos assistentes reais, de nome Jeudi, trouxe o rolo, e pôs-se a ler as palavras de reprovação e advertência. Era o tempo do inverno, e o rei e seus companheiros de Estado, os príncipes de Judá, estavam reunidos junto de uma crepitante lareira. Apenas uma pequena parte havia sido lida, quando o rei, longe de

tremer ante o perigo pendente sobre si e seu povo, tomou o rolo, e num frenesi de ira, cortou-o “com um canivete de escrivão, e lançou-o no fogo que havia no braseiro, até que todo o rolo se consumiu no fogo”. Jeremias 36:23.

Nem o rei nem seus príncipes temeram, “nem rasgaram os seus vestidos”. Alguns dos príncipes, entretanto, pediram “ao rei que não queimasse o rolo, mas não lhes deu ouvido”. Havendo sido destruído o escrito, a ira do ímpio rei se levantou contra Jeremias e Baruque, e prontamente os mandou prender; “mas o Senhor tinha-os escondido”. Jeremias 36:24-26.

Levando à atenção dos adoradores do templo, e dos príncipes e rei, as admoestações escritas contidas no rolo inspirado, Deus estava graciosamente procurando advertir os homens de Judá para o seu bem. “Ouvirão talvez”, disse Deus, “os da casa de Judá todo o mal que Eu intento fazer-lhes; para que cada qual se converta do seu mau caminho, e Eu perdoe a sua maldade e o seu pecado”. Jeremias 36:3. Deus Se compadece dos homens em luta na cegueira da perversidade; Ele procura iluminar a mente entenebrecida, enviando reprovações e ameaças destinadas a levar os mais exaltados a sentirem sua ignorância e deplorarem seus erros. Ele procura ajudar o indulgente consigo mesmo a se tornar insatisfeito com suas vãs realizações, e a buscar bênção espiritual por meio de íntima comunhão com o Céu.

O plano de Deus não é enviar mensageiros que lisonjeiem e adulem os pecadores; Ele não envia mensagens de paz para adormentar o não santificado em segurança carnal. Ao contrário, Ele coloca pesado fardo sobre a consciência do praticante do mal, e mortifica-lhe a alma com os aguilhões da convicção. Anjos ministradores lhe [222] apresentam os terríveis juízos de Deus, a fim de aprofundar o senso da necessidade, levando o agonizante a clamar: “Que é necessário que eu faça para me salvar?” Atos dos Apóstolos 16:30. Mas a Mão que humilha até o pó, reprova o pecado e submete à vergonha o orgulho e a ambição, é a Mão que ergue o penitente e abatido. Com a mais profunda simpatia, Aquele que permite caia o castigo, interroga: “Que queres que Eu faça por ti?”

Quando o homem peca contra um Deus santo e misericordioso, não pode seguir mais nobre caminho que arrepender-se sinceramente, e confessar seus erros com lágrimas e amargura de alma. Isto

Deus requer dele; Ele não aceita nada menos que um coração quebrantado e um espírito contrito. Mas o rei Jeoaquim e seus cortesões, em sua arrogância e orgulho, recusaram o convite de Deus. Eles não iriam aceitar a advertência e arrepender-se. A graciosa oportunidade que lhes fora ofertada quando o rolo sagrado foi lançado ao fogo, foi a última. Deus havia declarado que se então recusassem ouvir-Lhe a voz, Ele lhes daria terrível retribuição. Eles se recusaram ouvi-Lo, e Ele pronunciou Seu juízo final sobre Judá; e Ele visitaria com ira especial o homem que orgulhosamente havia-se levantado contra o Todo-poderoso.

"Assim diz o Senhor, acerca de Jeoaquim, rei de Judá: Não terá quem se assente sobre o trono de Davi, e será lançado o seu cadáver ao calor de dia, e à geada de noite. E visitarei sobre ele, e sobre a sua semente, e sobre os seus servos, a sua iniqüidade; e trarei sobre ele e sobre os moradores de Jerusalém, e sobre os homens de Judá, todo aquele mal que lhes tenho falado". Jeremias 36:30, 31.

A incineração do rolo não foi o fim da questão. As palavras escritas foram mais facilmente removidas do que a reprovação e advertência que elas continham e a iminente punição que Deus havia pronunciado contra o rebelde Israel e que estava prestes a vir. Mas até o próprio rolo escrito foi reproduzido. "Toma ainda outro rolo", o Senhor ordenou a Seu servo, "e escreve nele todas as palavras que estavam no primeiro volume, que queimou Jeoaquim, rei de Judá." O registro das profecias concernente a Judá e Jerusalém tinha sido reduzido a cinzas; mas as palavras estavam ainda vivas no coração de Jeremias, "como um fogo devorador", e foi permitido ao profeta reproduzir o que a ira do homem teria de bom grado destruído.

Tomando outro rolo, Jeremias deu-o a Baruque, "o qual escreveu nele da boca de Jeremias todas as palavras do livro que Jeoaquim, rei de Judá, tinha queimado no fogo; e ainda se acrescentaram a elas muitas palavras semelhantes". Jeremias 36:28, 32. A ira do homem tinha tentado impedir a ação do profeta de Deus; mas o próprio meio pelo qual Jeoaquim tinha procurado limitar a influência do servo de Jeová, proveu posterior oportunidade para tornar claros os divinos reclamos.

O espírito de oposição à reprovação, que levou à perseguição e aprisionamento de Jeremias, existe hoje. Muitos recusam atender a repetidas advertências, preferindo dar ouvidos a falsos mestres que [223]

lisonjeiam sua vaidade e revelam suas más obras. No dia da tribulação tais pessoas não terão refúgio certo, nem auxílio do Céu. Os servos escolhidos de Deus devem enfrentar com coragem e paciência as provas e sofrimentos que sobre eles recaem na forma de acusações, desprezo, deturpações. Devem eles continuar a desempenhar fielmente a obra que Deus lhes deu a fazer, sempre lembrando que os profetas do passado e o Salvador da humanidade e Seus apóstolos também suportaram abusos e perseguições por amor da Palavra.

Era propósito de Deus que Jeoaquim atendesse aos conselhos de Jeremias, e ganhasse o favor de Nabucodonosor, livrando-se de muitos pesares. O jovem rei havia jurado obediência ao rei de Babilônia. Tivesse ele permanecido fiel a sua promessa, e teria conquistado o respeito dos pagãos, e isto teria levado a preciosas oportunidades para a salvação de pecadores.

Desdenhando os privilégios fora do comum que lhe eram outorgados, o rei de Judá deliberadamente seguiu o caminho de sua própria escolha. Violou sua palavra de honra ao rei de Babilônia, e rebelou-se. Isto o levou, como também ao seu reino, a um caminho apertado. Contra ele foram enviadas "as tropas dos caldeus, e as tropas dos siros, e as tropas dos moabitas, e as tropas dos filhos de Amom" (2 Reis 24:2), e ele foi impotente para livrar a terra de invasão desses piratas. Dentro de poucos anos ele encerrou seu desastroso reinado em ignomínia, rejeitado do Céu, malquisto por seu povo e desprezado pelos senhores de Babilônia cuja confiança ele traíra — e tudo isto como resultado de seu erro fatal de virar as costas aos propósitos de Deus como revelados por meio de Seu escolhido mensageiro.

Joaquim (também conhecido como Jeconias, e Conias), filho de Jeoaquim, ocupou o trono apenas três meses e dez dias, quando se rendeu aos exércitos caldeus que, em virtude da rebelião do rei de Judá, estavam uma vez mais cercando a cidade condenada. Nesta ocasião, Nabucodonosor "transportou Joaquim a Babilônia; como também a mãe do rei, e as mulheres do rei, e os seus eunucos, e os poderosos da terra", contando vários milhares, juntamente com "carpinteiros e ferreiros até mil". Juntamente com estes o rei de Babilônia levou "todos os tesouros da casa do Senhor, e os tesouros da casa do rei". Jeremias 24:15, 16, 13.

O reino de Judá, debilitado em poder, roubado em sua força representada por homens e tesouros, teve não obstante ainda a permissão de continuar a existir como um governo separado. Como sua cabeça Nabucodonosor colocou a Matanias, jovem filho de Josias, mudando-lhe o nome para Zedequias. [224]

Capítulo 36 — O último rei de Judá

Zedequias, no início do seu reinado, desfrutou inteiramente a confiança do rei de Babilônia, e teve como experimentado conselheiro ao profeta Jeremias. Se tivesse prosseguido numa conduta honrosa para com o rei de Babilônia, e atendido às mensagens do Senhor por intermédio de Jeremias, ele teria conservado o respeito de muitos em posição de mando, e teria tido oportunidade de comunicar-lhes o conhecimento do verdadeiro Deus. Assim os cativos já exilados em Babilônia teriam sido postos em terreno vantajoso e granjeado muita liberdade; o nome de Deus teria sido honrado em toda parte, e os que haviam permanecido na terra de Judá teriam sido poupados a terríveis calamidades que finalmente vieram sobre eles.

Através de Jeremias, Zedequias e toda Judá, inclusive os que tinham sido levados para Babilônia, foram aconselhados a se submeterem pacificamente ao domínio temporário de seus conquistadores. Era especialmente importante que os que estavam no cativeiro buscassem a paz da terra para a qual tinham sido levados. Isto, entretanto, era contrário às inclinações do coração humano; e Satanás, tirando vantagem das circunstâncias, fez que se levantassem entre o povo falsos profetas, tanto em Jerusalém como em Babilônia, os quais declaravam que o jugo do cativeiro seria logo quebrado e o anterior prestígio da nação restaurado.

A aceitação de tais profecias assim lisonjeiras teria levado a fatais iniciativas da parte do rei e dos exilados, frustrando assim os misericordiosos desígnios de Deus em favor deles. A fim de evitar que fosse incitada uma insurreição seguida de grande sofrimento, o Senhor ordenou a Jeremias enfrentasse a crise sem delongas, advertindo o rei de Judá da infalível conseqüência da rebelião. Os cativos também foram admoestados, mediante comunicações escritas, a não se deixarem iludir quanto a estar próximo seu libertamento. "Não vos enganem os vossos profetas que estão no meio de vós", ele insistiu. Jeremias 29:8. Em relação com isto foi mencionado o pro-

pósito do Senhor de restaurar Israel após os setenta anos de cativeiro preditos por Seus mensageiros.

Com que terna compaixão Deus informa Seu povo cativo de Seus planos para Israel Ele sabia que se eles fossem persuadidos por falsos profetas a que esperassem por breve libertação, sua posição em Babilônia se tornaria muito difícil. Qualquer manifestação ou insurreição de sua parte despertaria a vigilância e severidade das [225] autoridades caldeias, o que poderia conduzir a posterior restrição de suas liberdades. O resultado seria sofrimento e angústias. Ele desejava que se submetessem pacificamente a sua sorte, tornando sua servidão tão agradável quanto possível; e Seu conselho a eles foi: "Edificai casas e habitai-as e plantai jardins, e comei o seu fruto. [...] E procurai a paz da cidade, para onde vos fiz transportar, e orai por ela ao Senhor; porque na sua paz vós tereis paz". Jeremias 29:5-7.

Entre os falsos ensinadores que estavam em Babilônia, dois homens havia que alegavam ser santos, mas cuja vida era corrupta. Jeremias havia condenado a má conduta desses homens, e tinha-os advertido do perigo que corriam. Irados pela reprovação, procuraram eles opor-se à obra do fiel profeta, levando o povo a descrer de suas palavras e a agir contrariamente ao conselho de Deus quanto a se sujeitarem ao rei de Babilônia. O Senhor testificou através de Jeremias que os falsos profetas seriam entregues às mãos de Nabucodonosor e mortos perante seus olhos. Não muito tempo depois esta predição foi literalmente cumprida.

Até ao fim do tempo levantar-se-ão homens para criar confusão e rebelião entre os que se declaram representantes do verdadeiro Deus. Os que profetizam mentiras, encorajarão os homens a que olhem o pecado como coisa sem importância. Quando os terríveis resultados de suas más ações forem manifestos, eles procurarão, se possível, tornar responsáveis por suas dificuldades quem fielmente os tem advertido, exatamente como os judeus acusaram a Jeremias de ser o responsável por suas desventuras. Mas tão certamente como foram as palavras de Jeová vindicadas no passado por meio do Seu profeta, assim serão Suas mensagens estabelecidas hoje.

Desde o início, Jeremias seguira um caminho consistente em aconselhar submissão aos babilônios. Este conselho foi dado não somente a Judá, mas a muitas das nações ao redor. Na primeira parte do reinado de Zedequias, embaixadores dos reis de Edom, Moabe,

Tiro e outras nações, visitaram o rei de Judá, para saberem se em sua opinião a ocasião era oportuna para uma revolta unida, e se ele se uniria a eles para lutar contra o rei de Babilônia. Enquanto esses embaixadores estavam esperando uma resposta, a palavra do Senhor veio a Jeremias, dizendo: "Faze umas prisões e jugos, e pô-los-ás sobre o teu pescoço. E envia-os ao rei de Edom, e ao rei de Moabe, e ao rei dos filhos de Amom, e ao rei de Tiro, e ao rei de Sidom, pelas mãos dos mensageiros que vêm a Jerusalém ter com Zedequias, rei de Judá". Jeremias 27:2, 3.

Jeremias foi mandado a instruir os embaixadores para que informassem a seus reis que Deus os havia dado na mão de Nabucodonosor, rei de Babilônia, e que eles o deviam servir "a ele, e a seu filho, e ao filho de seu filho, até que também venha o tempo da sua própria terra". Jeremias 27:7.

Os embaixadores foram além disso instruídos a declarar a seus senhores que se eles se recusassem a servir ao rei de Babilônia, [226] seriam punidos "com espada, e com fome, e com peste", até serem consumidos. Especialmente deviam eles fugir dos ensinos dos falsos profetas que porventura os aconselhassem de outra forma. "Não deis ouvidos aos vossos profetas", o Senhor declarou, "e aos vossos adivinhos, e aos vossos sonhos, e aos vossos agoureiros, e aos vossos encantadores, que vos falam, dizendo: Não servireis ao rei de Babilônia. Porque mentira vos profetizam, para vos mandarem para longe de vossa terra, e para que Eu vos lance dela, e vós pereçais. Mas a nação que meter o seu pescoço sob o jugo do rei de Babilônia, e o servir, Eu a deixarei na sua terra, diz o Senhor, e lavrá-la-á e habitará nela". Jeremias 27:8-11. O castigo mínimo que um Deus misericordioso podia infligir a tão rebelde povo, era a submissão ao rei de Babilônia; mas se eles se rebelassem contra o Seu decreto de servidão, haviam de experimentar o pleno rigor dos Seus castigos.

O assombro do concílio de nações reunido não teve limites quando Jeremias, levando o jugo da sujeição em torno de seu pescoço, fez-lhes conhecida a vontade de Deus.

Contra a resoluta oposição Jeremias permaneceu firmemente a favor da política de submissão. Preeminente entre os que presumiam contraditar o conselho do Senhor, estava Hananias, um dos falsos profetas contra quem o povo havia sido advertido. Pensando ganhar o favor do rei e da corte real, ele levantou a sua voz em protesto,

declarando que Deus lhe havia dado palavras de encorajamento para os judeus. Disse ele: "Assim fala o Senhor dos Exércitos, o Deus de Israel, dizendo: Eu quebrei o jugo do rei de Babilônia. Depois de passados dois anos completos, Eu tornarei a trazer a este lugar todos os vasos da casa do Senhor, que deste lugar tomou Nabucodonosor, rei de Babilônia, levando-os para Babilônia. Também a Jeconias, filho de Jeoaquim, rei de Judá, e a todos os do cativeiro de Judá, que entraram em Babilônia, Eu tornarei a trazer a este lugar, diz o Senhor; porque quebrarei o jugo do rei de Babilônia". Jeremias 28:2-4.

Jeremias, na presença dos sacerdotes e povo, ferventemente lhes suplicou que se submetessem ao rei de Babilônia pelo tempo que o Senhor havia especificado. Ele mencionou aos homens de Judá as profecias de Oséias, Habacuque, Sofonias e outros, cujas mensagens de reprovação e advertência haviam sido semelhantes a suas mesmas. Referiu-lhes os eventos ocorridos em cumprimento das profecias de retribuição pelos pecados não arrependidos. No passado os juízos de Deus tinham sido derramados sobre os impenitentes em exato cumprimento de Seu propósito como revelado por meio de Seus mensageiros.

"O profeta que profetizar paz", propôs Jeremias em conclusão, "quando se cumpra a palavra desse profeta, será conhecido por aquele a quem o Senhor na verdade enviou". Jeremias 28:9. Se Israel escolhesse correr o risco, futuros desenvolvimentos com efeito decidiriam qual era o verdadeiro profeta. [227]

As palavras de Jeremias aconselhando submissão levaram Hananias a um ousado desafio quanto à fidedignidade da mensagem apresentada. Tomando o jugo simbólico do pescoço de Jeremias, Hananias quebrou-o, dizendo: "Assim diz o Senhor: Assim quebrarei o jugo de Nabucodonosor, rei de Babilônia, depois de passados dois anos completos".

"E Jeremias, o profeta, se foi no seu caminho". Jeremias 28:11. Aparentemente nada mais podia ele fazer senão retirar-se do cenário do conflito. Mas a Jeremias foi dada outra mensagem. "Vai", o Senhor lhe ordenou, "e fala a Hananias, dizendo: Assim diz o Senhor: Jugo de madeira quebraste, mas em vez deles farás jugo de ferro. Porque assim diz o Senhor dos Exércitos, o Deus de Israel: Jugo

de ferro pus sobre o pescoço de todas estas nações, para servirem a Nabucodonosor, rei de Babilônia, e servi-lo-ão. [...]

"E disse Jeremias, o profeta, a Hananias, o profeta: Ouve agora, Hananias: Não te enviou o Senhor, mas tu fizeste que este povo confiasse em mentiras. Pelo que assim diz o Senhor: Eis que te lançarei de sobre a face da Terra; este ano morrerás, porque falaste em rebeldia contra o Senhor. E morreu Hananias, o profeta, no mesmo ano, no sétimo mês". Jeremias 28:13-17.

O falso profeta tinha fortalecido a incredulidade do povo em Jeremias e sua mensagem. Impiamente havia-se declarado mensageiro do Senhor, e sofrera a morte como conseqüência. No quinto mês Jeremias profetizou a morte de Hananias, e no sétimo mês suas palavras se provaram verdadeiras pelo seu cumprimento.

O desassossego causado pelas declarações dos falsos profetas pôs Zedequias sob suspeita de traição, e não foi senão por ação imediata e decisiva de sua parte que lhe foi permitido continuar a reinar como vassalo. A oportunidade para tal ação se tornou propícia pouco tempo após o retorno dos embaixadores, de Jerusalém às nações circunvizinhas, quando o rei de Judá acompanhou Seraías, "um príncipe pacífico" (Jeremias 51:59), numa importante missão a Babilônia. Durante esta visita à corte caldaica, Zedequias renovou seu voto de submissão a Nabucodonosor.

Por intermédio de Daniel e outros dentre os hebreus cativos, o monarca babilônio tinha sido informado do poder e suprema autoridade do verdadeiro Deus; e quando Zedequias uma vez mais solenemente prometeu permanecer leal, Nabucodonosor requereu dele que fizesse esta promessa com juramento em nome do Senhor Deus de Israel. Tivesse Zedequias respeitado esta renovação do seu concerto com juramento, sua lealdade teria tido uma profunda influência sobre a mente de muitos que estavam observando a conduta daqueles que diziam reverenciar o nome e estimar a honra do Deus dos hebreus.

Mas o rei de Judá perdeu de vista seu alto privilégio de honrar o nome do Deus vivo. De Zedequias está escrito: "Fez o que era mau [228] aos olhos do Senhor seu Deus; nem se humilhou perante o profeta Jeremias, que falava da parte do Senhor. Demais disto, também se rebelou contra o rei Nabucodonosor, que o tinha juramentado por Deus. Mas endureceu a sua cerviz, e tanto se obstinou no seu

coração, que se não converteu ao Senhor, Deus de Israel". 2 Crônicas 36:12, 13.

Enquanto Jeremias continuava a dar o seu testemunho na terra de Judá, o profeta Ezequiel foi suscitado entre os cativos em Babilônia, para advertir e confortar os exilados, e também para confirmar a palavra do Senhor que fora exposta pelo profeta Jeremias. Durante os anos que restaram do reinado de Zedequias, Ezequiel tornou muito clara a loucura de confiar nas falsas predições dos que estavam levando os cativos a esperar para breve o retorno a Jerusalém. Ele foi também instruído a predizer, por meio de uma variedade de símbolos e solenes mensagens, o cerco e posterior destruição de Jerusalém.

No sexto ano do reinado de Zedequias, o Senhor revelou a Ezequiel em visão algumas das abominações que estavam sendo praticadas em Jerusalém, dentro das portas da casa do Senhor e até mesmo no átrio interior. As câmaras das imagens, os ídolos pintados, "toda a forma de répteis, e animais abomináveis, e de todos os ídolos da casa de Israel" (Ezequiel 8:10), tudo passou em rápida sucessão ante o olhar atônito do profeta.

Os que deviam ter sido líderes espirituais entre o povo, "os anciãos da casa de Israel", setenta homens, foram vistos oferecendo incenso perante as representações idólatras que tinham sido introduzidas nas câmaras secretas dentro dos recintos sagrados do átrio do templo. "O Senhor não nos vê", lisonjeavam-se os homens de Judá ao se entregarem a práticas pagãs: "o Senhor abandonou a terra" (Ezequiel 8:11, 12), declaravam em blasfêmia.

Havia ainda "maiores abominações" para que o profeta contemplasse. À entrada da porta que levava do pátio exterior para o interior foram-lhe mostradas "mulheres assentadas chorando por Tamuz"; e dentro, no "átrio interior da casa do Senhor [...] à entrada do templo do Senhor, entre o pórtico e o altar, cerca de vinte e cinco homens, de costas para o templo do Senhor, e com os rostos para o Oriente [...] adoravam o Sol, virados para o Oriente". Ezequiel 8:13-16.

E agora o Ser glorioso que acompanhava Ezequiel nessa espantosa visão de impiedade nos lugares altos da terra de Judá, inquiriu do profeta: "Viste, filho do homem? há coisa mais leviana para a casa de Judá do que essas abominações que fazem aqui? havendo enchido a terra de violência, tornam a irritar-Me; e, ei-los a chegar o ramo ao seu nariz. Pelo que também Eu procederei com furor; o

Meu olho não poupará, nem terei piedade. Ainda que Me gritem aos ouvidos com grande voz, Eu não os ouvirei”. Ezequiel 8:17, 18.

Por intermédio de Jeremias o Senhor havia declarado a respeito dos homens ímpios que presunçosamente ousavam apresentar-se [229] diante do povo em Seu nome: “Porque tanto o profeta, como o sacerdote, estão contaminados; até na Minha casa achei a sua maldade”. Jeremias 23:11. Nas terríveis condenações de Judá como registradas no encerramento da narrativa do cronista do reinado de Zedequias, esta acusação de violarem a santidade do templo foi repetida. “Também”, declara o escritor sagrado, “todos os chefes dos sacerdotes e o povo aumentavam de mais em mais as transgressões, segundo todas as abominações dos gentios; e contaminaram a casa do Senhor, que Ele tinha santificado em Jerusalém”. 2 Crônicas 36:14.

O dia da condenação para o reino de Judá estava-se aproximando rapidamente. O Senhor não poderia mais pôr perante eles a esperança de evitar Seus mais severos juízos. “Ficareis vós totalmente impunes?” ele inquiriu. “Não, não ficareis impunes”. Jeremias 25:29.

Mas até essas palavras foram recebidas com zombaria e irrisão. “Prolongar-se-ão os dias, e perecerá toda a visão”, declarava o impenitente. Mas por intermédio de Ezequiel esta negação da segura palavra da profecia foi severamente condenada. “Dize-lhes”, o Senhor declarou: “Farei cessar este ditado, e não se servirão mais dele como provérbio em Israel; mas dize-lhes: Chegarão dos dias e a palavra de toda a visão. Porque não haverá mais nenhuma visão vã, nem adivinhação lisonjeira, no meio da casa de Israel. Porque Eu, o Senhor, falarei, e a palavra que Eu falar se cumprirá; não será mais diferida; porque em vossos dias, ó casa rebelde, falarei uma palavra e a cumprirei, diz o Senhor Jeová.

“Veio mais a mim”, testifica Ezequiel, “a palavra do Senhor, dizendo: Filho do homem, eis que os da casa de Israel dizem: A visão que este vê é para muitos dias, e ele profetiza de tempos que estão longe. Portanto dize-lhes: Assim diz o Senhor Jeová: Não será mais diferida nenhuma de Minhas palavras, e a palavra que falei se cumprirá, diz o Senhor Jeová”. Ezequiel 12:21-28.

Na dianteira entre os que estavam rapidamente levando a nação à ruína, estava Zedequias, seu rei. Desprezando inteiramente os conselhos do Senhor dados por intermédio dos profetas, esquecendo a dívida de gratidão jurada a Nabucodonosor, violando seu solene

juramento de submissão feito em nome do Senhor Deus de Israel, o rei de Judá se rebelou contra os profetas, contra seu benfeitor e contra seu Deus. Na vaidade de sua própria sabedoria ele foi em busca do auxílio do antigo inimigo da prosperidade de Israel, "enviando os seus mensageiros ao Egito, para que se lhe mandassem cavalos e muita gente".

"Prosperará?" o Senhor inquiriu com respeito a quem tinha assim vilmente traído todo sagrado encargo; "escapará aquele que fez tais coisas? ou quebrantará o concerto, e escapará? Como Eu vivo, diz o Senhor Jeová, no lugar em que habita o rei que o fez reinar, cujo juramento desprezou, e cujo concerto quebrou, sim, com ele no meio de Babilônia certamente morrerá. E Faraó, nem com grande exército, nem com uma companhia numerosa, fará coisa alguma com [230] ele em guerra, [...] pois que desprezou o juramento, quebrantando o concerto, e deu a sua mão; havendo feito todas estas coisas, não escapará". Ezequiel 17:15-18.

O dia de ajuste final tinha chegado para o "profano e ímpio príncipe". "Tira o diadema", o Senhor decretou, "e levanta a coroa." A Judá não seria mais permitido ter um rei até que Cristo mesmo estabelecesse o Seu reino. "Ao revés, ao revés, ao revés a porei", foi o edito divino com respeito ao trono da casa de Davi; "ela não será mais, até que venha Aquele a quem pertence de direito, e a Ele a darei". Ezequiel 21:25-27. [231]

Capítulo 37 — Levados cativos para Babilônia

No ano nono do reinado de Zedequias, "Nabucodonosor, rei de Babilônia, veio contra Jerusalém, ele e todo o seu exército", a fim de sitiar a cidade. 2 Reis 25:1. A perspectiva para Judá era desesperadora. "Eis que sou contra ti", o Senhor mesmo declarou por intermédio de Ezequiel. "Eu o Senhor, tirei a Minha espada da bainha; nunca mais voltará a ela. [...] Todo o coração desmaiará, e todas as mãos se enfraquecerão, e todo o espírito se angustiará, e todos os joelhos de desfarão em águas." "Derramarei sobre ti a Minha indignação, assoprarei contra ti o fogo do Meu furor, entregar-te-ei nas mãos dos homens brutais, inventores de destruição". Ezequiel 21:3, 5-7, 31.

Os egípcios procuraram vir em socorro da cidade sitiada; e os caldeus, com o propósito de afastá-los, abandonaram por algum tempo o cerco da capital de Judá. A esperança repontou no coração de Zedequias, e ele enviou um mensageiro a Jeremias, pedindo-lhe que orasse a Deus em favor da nação hebréia.

A terrível resposta do profeta foi que os caldeus retornariam e destruiriam a cidade. O decreto havia saído; não mais poderia a impenitente nação evitar os juízos divinos. "Não enganeis as vossas almas", o Senhor advertiu a Seu povo. "Os caldeus [...] não se irão. Porque ainda queferísseis a todo o exército dos caldeus, que peleja contra vós, e ficassem deles apenas homens trespassados, cada um se levantaria na sua tenda, e queimaria a fogo esta cidade". Jeremias 37:9, 10. O remanescente de Judá devia ir em cativeiro, a fim de que aprendesse através da adversidade as lições que tinha recusado aprender em circunstâncias mais favoráveis. Deste decreto do santo Vigia não haveria apelação.

Entre os justos que ainda restavam em Jerusalém, a quem tinha sido tornado claro o propósito divino, alguns havia que se determinaram colocar além do alcance das mãos cruéis a sagrada arca que continha as tábuas de pedra sobre a qual haviam sido traçados os preceitos do decálogo. Isto eles fizeram. Com lamento e tristeza

esconderam a arca numa caverna, onde devia ficar oculta do povo de Israel e de Judá por causa de seus pecados, não mais sendo-lhes restituída. Esta sagrada arca ainda está oculta. Jamais foi perturbada desde que foi escondida. [232]

Por muitos anos Jeremias havia estado perante o povo como uma fiel testemunha de Deus; e agora, estando a condenada cidade prestes a passar às mãos de pagãos, ele considerou sua obra como terminada, e preparou-se para se ausentar, mas foi impedido pelo filho de um dos falsos profetas, o qual o delatou como estando prestes a se unir aos babilônios, a quem ele repetidamente insistira com os homens de Judá a que se submetessem. O profeta negou a mentirosa acusação, mas não obstante, "os príncipes se iraram muito contra Jeremias, e o feriram, e o puseram na prisão". Jeremias 37:15.

As esperanças que haviam nascido no coração dos príncipes e povo quando os exércitos de Nabucodonosor voltaram-se para o sul a fim de enfrentar os egípcios logo caíram por terra. As palavras do Senhor tinham sido: "Eis-Me aqui contra ti, ó Faraó, rei do Egito." O poder do Egito era apenas uma cana quebrada. "E saberão todos os moradores do Egito", a Inspiração havia declarado, "que Eu sou o Senhor, porque se tornaram um bordão de cana para a casa de Israel". Ezequiel 29:3, 6. "Eu levantarei os braços do rei de Babilônia, mas os braços de Faraó cairão, e saberão que Eu sou o Senhor, quando Eu puser a Minha espada na mão do rei de Babilônia, e ele a estender sobre a terra do Egito". Ezequiel 30:25, 26.

Enquanto os príncipes de Judá estavam ainda esperando em vão o auxílio do Egito, o rei Zedequias com ansiedade pensava no profeta de Deus que tinha sido posto na prisão. Depois de muitos dias o rei mandou buscá-lo, e perguntou-lhe secretamente: "Há alguma palavra do Senhor?" Jeremias respondeu: "Há." E disse ainda: "Na mão do rei de Babilônia serás entregue.

"E disse mais Jeremias ao rei Zedequias: Em que tenho pecado contra ti, e contra os teus servos, e contra este povo, para que me pusésseis na prisão? Onde estão agora os vossos profetas, que vos profetizavam, dizendo: O rei de Babilônia não virá contra vós, nem contra esta terra? Ora pois ouve agora, ó rei meu senhor: Caia agora a minha súplica diante de ti; não me deixes tornar à casa de Jônatas, o escriba, para que não venha a morrer ali". Jeremias 37:17-20. A isto ordenou Zedequias que eles "pusessem a Jeremias no átrio da

guarda; e deram-lhe um bolo de pão cada dia, da rua dos padeiros, até que se acabou todo o pão da cidade. Assim ficou Jeremias no átrio da guarda". Jeremias 37:21.

O rei não ousou manifestar fé abertamente em Jeremias. Embora seu temor o impelisse a buscar informação privada da parte do profeta, era demasiado fraco para enfrentar a desaprovação de seus príncipes e do povo por submeter-se à vontade de Deus como manifesta pelo profeta.

Do átrio da guarda Jeremias continuou a aconselhar submissão ao rei de Babilônia. Oferecer resistência era cortejar morte certa. A mensagem do Senhor a Judá era: "O que ficar nesta cidade morrerá à espada, à fome e de pestilência; mas o que for para os caldeus viverá; porque a sua alma lhe será por despojo, e viverá". Claras e [233] positivas eram as palavras proferidas. No nome do Senhor o profeta declarou ousadamente: "Esta cidade infalivelmente será entregue na mão do exército do rei de Babilônia, e ele a tomará". Jeremias 38:2, 3.

Afinal os príncipes, exasperados com os repetidos conselhos de Jeremias, que eram contrários à política de resistência por eles adotada, fizeram um vigoroso protesto perante o rei, insistindo em que o profeta era um inimigo da nação, e que suas palavras tinham enfraquecido as mãos do povo, e acarretado o infortúnio sobre eles; por isto ele devia ser condenado à morte.

O rei acovardado sabia que as acusações eram falsas, mas para cativar os que ocupavam posição elevada e de influência na nação, simulou crer em suas falsidades, e entregou-lhes às mãos a Jeremias para fazerem com ele o que quisessem. O profeta foi lançado "no calabouço de Malquias, filho do rei, que estava no átrio da guarda, e desceram a Jeremias com cordas; mas no calabouço não havia água, senão lama, e atolou-se Jeremias na lama". Jeremias 38:6. Mas Deus suscitou-lhe amigos, os quais procuraram o rei no interesse dele, e conseguiram que de novo fosse removido para o átrio da guarda.

Uma vez mais o rei em caráter privado mandou em busca de Jeremias, e ordenou-lhe que fielmente referisse os propósitos de Deus para com Jerusalém. Em resposta, Jeremias inquiriu: "Declarando-ta eu, com certeza não me matarás? e, aconselhando-te eu, ouvir-me-ás?" O rei entrou num pacto secreto com o profeta. "Vive o Senhor, que nos fez esta alma, que não te matarei", o rei prometeu, "nem

te entregarei na mão destes homens que procuram a tua morte". Jeremias 38:15, 16.

Havia ainda oportunidade para que o rei revelasse disposição de acatar as advertências de Jeová, e assim temperar com misericórdia os juízos já então caindo sobre a cidade e a nação. "Se voluntariamente saíres aos príncipes do rei de Babilônia", foi a mensagem dada ao rei, "então viverá a tua alma, e esta cidade não se queimará a fogo, e viverás tu e a tua casa. Mas se não saíres aos príncipes do rei de Babilônia, então será entregue esta cidade nas mãos dos caldeus, e eles a queimarão a fogo, e tu não escaparás das mãos deles."

"Receio-me dos judeus, que se passaram para os caldeus", o rei replicou, "que me entreguem na sua mão, e escarneçam de mim." Mas o profeta prometeu: "Não te entregarão." E acrescentou um fervoroso apelo: "Ouve, te peço, a voz do Senhor, conforme a qual eu te falo; e bem te irá, e viverá a tua alma". Jeremias 38:17-20.

Assim até à última hora Deus tornou clara Sua disposição de mostrar misericórdia aos que escolhessem submeter-se a Seus justos reclamos. Tivesse o rei escolhido obedecer, a vida do povo teria sido poupada, e a cidade se salvaria da conflagração; mas ele pensou que tinha ido demasiado longe para recuar. Teve medo dos judeus, medo do ridículo, medo por sua vida. Depois de anos de rebelião [234] contra Deus, Zedequias considerou ser demasiado humilhante dizer a seu povo: "Aceito a palavra do Senhor, conforme pronunciada pelo profeta Jeremias; não ouso aventurar-me à guerra contra o inimigo em face de todas estas advertências."

Com lágrimas, Jeremias suplicou a Zedequias para que se salvasse bem como a seu povo. Com angústia de espírito assegurou-lhe que a menos que ele aceitasse o conselho de Deus, ele não escaparia com vida, e todas as suas posses cairiam nas mãos dos babilônios. Mas o rei havia iniciado a marcha no mau caminho, e não conteria seus passos. Ele decidiu seguir os conselhos dos falsos profetas, e dos homens a quem na realidade ele desprezava, e que ridicularizavam sua fraqueza em se render tão prontamente nos desejos deles. Ele sacrificou sua nobre liberdade varonil e tornou-se um servil escravo da opinião pública. Sem nenhum propósito predeterminado de fazer o mal, era não obstante irresoluto em permanecer corajosamente ao lado do direito. Convicto como estivesse do valor dos conselhos

dados por Jeremias, não tinha a energia moral para obedecer; e como conseqüência avançou firmemente na direção errada.

O rei com efeito demasiado fraco para concordar viessem seus cortesãos e povo a saber que ele tivera uma conferência com Jeremias, tal era o temor do homem que havia tomado posse de sua alma. Se Zedequias se tivesse portado corajosamente e declarado que cria nas palavras do profeta, já cumpridas pela metade, que desolação teria sido evitada Ele devia ter dito: "Obedecerei ao Senhor, e salvarei a cidade de total ruína. Não ouso desrespeitar as ordens de Deus por causa do temor ou favor do homem. Amo a verdade, odeio o pecado, e seguirei o conselho do Poderoso de Israel".

Então o povo teria respeitado seu corajoso espírito, e os que estavam vacilando entre a fé e a incredulidade teriam tomado firme posição ao lado do direito. O próprio destemor e justiça de sua conduta teriam inspirado a seus súditos admiração e lealdade. Ele teria alcançado amplo apoio; e Judá teria sido poupado dos inauditos ais da carnificina, da fome e do fogo.

A fraqueza de Zedequias foi um pecado pelo qual ele pagou terrível preço. O inimigo varreu como uma avalanche irresistível, e devastou a cidade. Os exércitos hebreus fugiram em confusão. A nação foi conquistada. Zedequias foi feito prisioneiro e seus filhos foram mortos diante dos seus olhos. O rei foi levado de Jerusalém como um cativo, seus olhos foram vazados, e uma vez chegado em Babilônia pereceu miseravelmente. O belo templo que por mais de quatro séculos coroara o cimo do Monte de Sião, não foi poupado pelos caldeus. "Queimaram a casa do Senhor, e derrubaram os muros de Jerusalém, e todos os seus palácios queimaram a fogo, destruindo também todos os seus preciosos vasos". 2 Crônicas 36:19.

Ao tempo da invasão final de Jerusalém por Nabucodonosor, muitos haviam escapado dos horrores do longo assédio, apenas para [235] perecer à espada. Dentre os que ainda restavam, alguns, notadamente o chefe dos sacerdotes e oficiais e dos príncipes do reino, foram levados para Babilônia e ali executados como traidores. Outros foram levados cativos, para viverem na servidão de Nabucodonosor e de seus filhos, "até ao tempo do reino da Pérsia, para que se cumprisse a palavra do Senhor, pela boca de Jeremias". 2 Crônicas 36:20, 21.

A respeito de Jeremias mesmo está registrado: “Nabucodonosor, rei de Babilônia, havia ordenado acerca de Jeremias, a Nabuzaradã, capitão dos da guarda, dizendo: Toma-o, e põe sobre ele os teus olhos, e não faças nenhum mal; antes, como ele te disser, assim procederás para com ele”. Jeremias 39:11, 12.

Liberto da prisão pelos oficiais babilônios, o profeta escolheu lançar sua sorte com o debilitado remanescente, “os mais pobres da terra”, deixados pelos caldeus para serem “vinheiros e para lavradores”. Sobre esses os babilônios puseram a Gedalias como governador. Apenas poucos meses haviam passado quando o novo governador foi traiçoeiramente morto. O povo pobre, depois de haver passado por tantas provas, foi finalmente persuadido por seus líderes a buscar refúgio na terra do Egito. Contra esta medida Jeremias levantou sua voz em protesto. “Não entreis no Egito”, apelou ele. Mas o conselho inspirado não foi ouvido, e “todo o resto de Judá [...] homens [...] mulheres [...] e meninos” fugiu para o Egito. “Não obedeceram à voz do Senhor, e vieram até Tafnes”. Jeremias 43:5-7.

As profecias de condenação pronunciadas por Jeremias sobre o remanescente que se havia rebelado contra Nabucodonosor fugindo para o Egito, foram misturados com promessas de perdão aos que se arrependessem de sua loucura e estivessem prontos para voltar. Conquanto o Senhor não poupasse aos que deixavam o Seu conselho pelas sedutoras influências da idolatria egípcia, Ele mostraria misericórdia para com os que se mostrassem leais e fiéis. “Os que escaparem da espada tornarão da terra do Egito à terra de Judá”, Ele declarou: “e saberá todo o resto de Judá, que entrou na terra do Egito, para peregrinar ali, se subsistirá a Minha palavra ou a sua”. Jeremias 44:28.

A tristeza do profeta em vista da completa perversidade dos que deviam ter sido a luz espiritual do mundo, sua tristeza pela sorte de Sião e do povo levado cativo para Babilônia, é revelada nas lamentações que ele deixou registradas como memorial da estultícia de deixar os conselhos de Jeová pela sabedoria humana. Em meio à ruína operada, Jeremias pôde ainda declarar: “As misericórdias do Senhor são a causa de não sermos consumidos.” E sua constante oração era: “Esquadrinhemos os nossos caminhos, experimentemo-los, e voltemos para o Senhor”. Lamentações 3:22, 40. Embora Judá ainda fosse um reino entre as nações, ele inquirira de seu Deus: “De

todo rejeitaste Tu a Judá? ou aborrece a Tua alma a Sião?” e ele tinha ousado suplicar: “Não nos rejeites por amor do Teu nome”. Jeremias 14:19, 21. A fé absoluta do profeta no eterno propósito [236] de Deus de fazer que da confusão surgisse ordem, e de demonstrar às nações da Terra e a todo o Universo Seus atributos de justiça e amor, levou-o agora a suplicar confiantemente em favor daqueles que tornassem do mal para a justiça.

Mas agora Sião estava inteiramente destruída; o povo de Deus fora levado em cativeiro. Subjugado pela dor, o profeta exclamou: “Como se acha solitária aquela cidade, dantes tão populosa tornou-se como viúva; a que foi grande entre as nações, e princesa entre as províncias, tornou-se tributária Continuamente chora de noite, e as suas lágrimas correm pelas suas faces; não tem quem a console entre todos os seus amadores; todos os seus amigos se houveram aleivosamente com ela, tornaram-se seus inimigos.

“Judá passou em cativeiro por causa da aflição, e por causa da grandeza da sua servidão; havia entre as nações, não acha descanso; todos os seus perseguidores a surpreenderam nas suas angústias. Os caminhos de Sião pranteiam, porque não há quem venha à reunião solene; todas as suas portas estão desoladas; os seus sacerdotes suspiram; as suas virgens estão tristes, e ela mesma tem amargura. Os seus adversários a dominaram, os seus inimigos prosperam; porque o Senhor a entristeceu, por causa da multidão das suas prevaricações; os seus filhos vão em cativeiro na frente do adversário”. Lamentações 1:1-5.

“Como cobriu o Senhor de nuvens na Sua ira a filha de Sião derribou do céu à Terra a glória de Israel, e não Se lembrou do escabelo de Seus pés, no dia da Sua ira. Devorou o Senhor todas as moradas de Jacó, e não Se apiedou; derribou no furor as fortalezas da filha de Judá, e as abateu até à terra; profanou o reino e os seus príncipes. Cortou no furor da Sua ira toda a força de Israel; retirou para trás a Sua destra de diante do inimigo; e ardeu contra Jacó, como labareda de fogo que tudo consome em redor. Armou o Seu arco como inimigo, firmou a Sua destra como adversário, e matou todo o que era formoso à vista; derramou a Sua indignação como na tenda da filha de Sião.” “Que testemunho te trarei? a quem te compararei, ó filha de Jerusalém? a quem te assemelharei, para te

consolar a ti, ó virgem filha de Sião? porque grande como o mar é a tua ferida; quem te sarará?” Lamentações 2:1-4, 13.

“Lembra-Te, Senhor, do que nos tem sucedido; considera, e olha para o nosso opróbrio. A nossa herdade passou a estranhos, e as nossas casas a forasteiros. Órfãos somos sem pai, nossas mães são como viúvas. [...] Nossos pais pecaram, e já não existem; nós levamos as suas maldades. Servos dominam sobre nós; ninguém há que nos arranque da sua mão. [...] Por isso desmaiou o nosso coração; por isso se escureceram os nossos olhos.”

“Tu, Senhor, permaneces eternamente, e o Teu trono de geração em geração. Por que Te esquecerias de nós para sempre? por que nos desampararias por tanto tempo? Converte-nos, Senhor, a Ti, e nós nos converteremos; renova os nossos dias como dantes”. Lamentações 5:1-3, 7, 8, 17, 19-21. [237]

Capítulo 38 — Luz em meio às trevas

Os negros anos de destruição e morte que assinalaram o fim do reino de Judá, teriam levado desespero ao mais resoluto coração, não fosse o encorajamento das predições proféticas dos mensageiros de Deus. Por intermédio de Jeremias em Jerusalém, de Daniel na corte de Babilônia, de Ezequiel junto às barrancas do Quebar, o Senhor em misericórdia tornou claro Seu eterno propósito, e deu certeza de Sua disposição de cumprir para com Seu povo escolhido as promessas registradas nos escritos de Moisés. Aquilo que tinha prometido fazer pelos que se Lhe mostrassem fiéis, certamente haveria de realizar-se. A "palavra de Deus [...] permanece para sempre". 1 Pedro 1:23.

Nos dias da vagueação pelo deserto, o Senhor tomou suficientes providências para que Seus filhos tivessem em lembrança as palavras da Sua lei. Após o estabelecimento em Canaã, os divinos preceitos deviam ser repetidos diariamente em todos os lares; deviam ser claramente escritos nos umbrais e soleiras das portas, e espalhados sobre tabletes memoriais. Deviam ser musicados e cantados por jovens e velhos. Os sacerdotes deviam ensinar esses santos preceitos em assembléias públicas, e os governantes da terra deviam deles fazer estudo diário. "Medita nele dia e noite", o Senhor ordenou a Josué com respeito ao livro da lei, "para que tenhas o cuidado de fazer conforme a tudo quanto nele está escrito; porque então farás prosperar o teu caminho, e então prudentemente te conduzirás". Josué 1:8.

Os escritos de Moisés foram ensinados por Josué a todo o Israel. "Palavra nenhuma houve, de tudo o que Moisés ordenara, que Josué não lesse perante toda a congregação de Israel, e das mulheres, e dos meninos, e dos estrangeiros que andavam no meio deles". Josué 8:35. Isto estava em harmonia com a ordem expressa de Jeová que determinava uma repetição pública das palavras do livro da lei cada sete anos, durante a Festa dos Tabernáculos. "Ajunta o povo, homens, e mulheres, e meninos e os teus estrangeiros que estão dentro de tuas portas", os líderes espirituais de Israel tinham sido instruídos, "para

que ouçam, e aprendam e temam ao Senhor vosso Deus, e tenham cuidado de fazer todas as palavras desta lei. E que seus filhos, que a não souberem, ouçam, e aprendam a temer ao Senhor vosso Deus, todos os dias que viverdes sobre a terra à qual ides, passando o Jordão, a possuir". Deuteronômio 31:12, 13. [238]

Tivesse este conselho sido ouvido através dos séculos seguintes, quão diferentes teria sido a história de Israel Somente pela reverência à Palavra santa de Deus no coração do povo, poderiam eles esperar cumprir o divino propósito. Foi o respeito pela lei de Deus que deu a Israel força durante o reinado de Davi e nos primeiros anos do reinado de Salomão; foi pela fé na viva Palavra que se operou a reforma nos dias de Elias e Josias. E foi para essas mesmas Escrituras de verdade — a mais rica herança de Israel — que Jeremias apelou em seus esforços no sentido da reforma. Onde quer que ministrasse, ele ia ao encontro do povo com o fervente apelo: "Ouvi as palavras deste concerto" (Jeremias 11:2), palavras que lhes daria a eles plena compreensão do propósito de Deus de estender a todas as nações o conhecimento da verdade salvadora.

Nos anos finais da apostasia de Judá, as exortações dos profetas foram aparentemente de pouco valor; e ao virem os exércitos dos caldeus pela terceira e última vez para sitiarem Jerusalém, a esperança fugiu dos corações. Jeremias predisse total ruína; e foi em virtude de sua insistência para que se rendessem que finalmente ele foi levado à prisão. Mas Deus não deixou em desespero sem remédio o fiel remanescente que ainda estava na cidade. Mesmo quando Jeremias estava mantido sob severa vigilância pelos que lhe repeliam as mensagens, vieram-lhe novas revelações concernentes à disposição do Céu para perdoar e salvar — revelações que têm sido uma infalível fonte de conforto para a igreja de Deus nos dias que correm.

Descansando confiante nas promessas de Deus, Jeremias, mediante uma parábola representativa, ilustrou perante os habitantes da cidade condenada sua forte fé no cumprimento final do propósito de Deus por Seu povo. Na presença de testemunhas, e com cuidadosa observância de toda formalidade legal, ele comprou por dezessete siclos de prata um campo de família situado na vizinha vila de Anatote.

Do ponto de vista humano, a aquisição deste terreno já sob o controle dos babilônios, pareceria um ato de loucura. O profeta mesmo predissera a destruição de Jerusalém, a desolação da Judéia e a completa ruína do reino Ele profetizara de um longo período de cativeiro na distante Babilônia. Já avançado em anos, jamais poderia ele esperar receber os benefícios pessoais da compra que fizera. Entretanto, os estudos que havia feito das profecias registradas nas Escrituras, tinham criado em seu coração a firme convicção de que o Senhor Se propunha restaurar para os filhos do cativeiro sua antiga possessão na terra da promessa. Com os olhos da fé, Jeremias viu os exilados retornando ao fim dos anos de aflição, e reocupando a terra de seus pais. Comprando o campo de Anatote, inspiraria a outros a esperança que tanto conforto havia levado ao próprio coração.

Havendo assinado os papéis de transferência, com as respectivas assinaturas das testemunhas, Jeremias ordenou a Baruque, seu secretário: "Toma estes autos, este auto de compra, tanto o selado, como o aberto, e mete-o num vaso de barro, para que se possam conservar muitos dias. Porque assim diz o Senhor dos Exércitos, o Deus de Israel: Ainda se comprarão casas, e campos, e vinhas nesta terra". Jeremias 32:14, 15. [239]

Tão desencorajadoras eram as perspectivas para Judá ao tempo desta extraordinária transação, que imediatamente após formalizar os pormenores da compra e os arranjos para a preservação do registro escrito, a fé de Jeremias, inabalável como tivesse sido, era agora duramente provada.

Teria ele, em seus esforços por encorajar Judá, agido presunçosamente? Em seu desejo de estabelecer a confiança nas promessas da Palavra de Deus, teria ele dado lugar a uma falsa esperança? Os que haviam entrado em relação de concerto com Deus desde muito tinham menosprezado as provisões feitas em seu favor. Encontrariam as promessas feitas à nação escolhida completo cumprimento?

Perplexo em espírito, subjugado pela tristeza em virtude dos sofrimentos dos que se haviam recusado a arrepender-se de seus pecados, o profeta apelou a Deus por mais luz sobre o propósito divino para a humanidade.

"Ah Senhor Jeová" ele orou. "eis que Tu fizeste os céus e a Terra com o Teu grande poder, e com o Teu braço estendido; não Te é maravilhosa coisa alguma; Tu usas de benignidade com milhares e

tornas a maldade dos pais ao seio dos filhos depois deles; o grande e poderoso Deus cujo nome é o Senhor dos Exércitos, grande em conselho, e magnífico em obras; porque os Teus olhos estão abertos sobre todos os caminhos dos filhos dos homens, para dar a cada um segundo os seus caminhos e segundo o fruto das suas obras. Tu puseste sinais e maravilhas na terra do Egito até ao dia de hoje, tanto em Israel, como entre os outros homens, e Te criaste um nome, qual é o que tens neste dia. E tiraste o Teu povo Israel da terra do Egito, com sinais e com maravilhas, e com mão forte e com braço estendido, e com grande espanto; e lhes deste esta terra, que juraste a seus pais que lhes havia de dar; terra que mana leite e mel. E entraram nela, e a possuíram, mas não obedeceram a Tua voz, nem andaram na Tua lei; tudo o que lhes mandaste que fizessem, eles não o fizeram; pelo que ordenaste lhes sucedesse todo este mal". Jeremias 32:17-23.

Os exércitos de Nabucodonosor estavam prestes a tomar de assalto os muros de Sião. Milhares estavam perecendo numa tentativa final e desesperada de defender a cidade. Muitos milhares mais estavam morrendo de fome e enfermidades. A sorte de Jerusalém estava já selada. As torres sitiantes das forças inimigas estavam já superando os muros. "Eis aqui os valados" o profeta continuou em sua oração a Deus, "já vieram contra a cidade para tomá-la, e a cidade está dada nas mãos dos caldeus, que pelejam contra ela, pela espada, e pela fome, e pela pestilência; e o que disseste se cumpriu, e eis aqui o estás presenciando. Contudo me disseste, ó Deus: Compra para ti o campo por dinheiro, e faze que o atestem testemunhas, embora a cidade esteja já dada na mão dos caldeus". Jeremias 32:24, 25. [240]

A oração do profeta foi graciosamente respondida. "A palavra do Senhor a Jeremias", nessa hora de prova, quando a fé do mensageiro da verdade estava sendo provada pelo fogo, foi: "Eu sou o Senhor, o Deus de toda a carne; seria qualquer coisa maravilhosa para Mim?" Jeremias 32:26, 27. A cidade deveria logo cair nas mãos dos caldeus; suas portas e palácios deviam ser queimados a fogo; mas não obstante o fato de que a destruição estava iminente, e os habitantes de Jerusalém devessem ser levados cativos, contudo o eterno propósito de Jeová para Israel devia ser cumprido. Em resposta posterior à oração de Seu servo, o Senhor declarou com respeito àqueles sobre quem Seus castigos estavam caindo:

"Eis que Eu os congregarei de todas as terras, para onde os houver lançado na Minha ira, e no Meu furor, e na Minha grande indignação; e os tornarei a trazer a este lugar, e farei que habitem nele seguramente. E eles serão o Meu povo, e Eu serei o seu Deus. E lhes darei um mesmo coração, e um mesmo caminho, para que Me temam todos os dias, para seu bem e bem de seus filhos, depois deles. E farei com eles um concerto eterno, que não se desviará deles, para lhes fazer bem; e porei o Meu temor no seu coração, para que nunca se apartem de Mim. E alegrar-Me-ei por causa deles, fazendo-lhes bem; e os plantarei nesta terra certamente, com todo o Meu coração e com toda a Minha alma.

"Porque assim diz o Senhor: Como Eu trouxe sobre este povo todo este grande mal, assim Eu trarei sobre ele todo o bem que lhes tenho prometido. E comprar-se-ão campos nesta terra, da qual vós dizeis: Está deserta, sem homens nem animais; está dada na mão dos caldeus. Comprarão campos por dinheiro, e subscreverão os autos, e os selarão, e farão que os atestem testemunhas na terra de Benjamim, e nos contornos de Jerusalém, e nas cidades de Judá, e nas cidades das montanhas, e nas cidades das planícies, e nas cidades do sul; porque os farei voltar do seu cativeiro, diz o Senhor". Jeremias 32:37-44.

Em confirmação dessas afirmações de livramento e restauração, "veio a palavra do Senhor a Jeremias, segunda vez, estando ele ainda encerrado no pátio da guarda, dizendo:

"Assim diz o Senhor que faz isto, o Senhor que forma isto, para o estabelecer; o Senhor é o Seu nome. Clama a Mim, e responder-te-ei, e anunciar-te-ei coisas grandes e firmes, que não sabes. Porque assim diz o Senhor, o Deus de Israel, das casas desta cidade, e das casas dos reis de Judá, que foram derribadas com o trabuco e à espada. ... Eis que Eu farei vir sobre ela saúde e cura, e os sararei, e lhes manifestarei abundância de paz e de verdade. E removerei o cativeiro de Judá e o cativeiro de Israel, e os edificarei como ao princípio. E os purificarei de toda a sua maldade com que pecaram contra Mim; [241] e perdoarei todas as suas iniqüidades. [...] E esta cidade Me servirá de nome de alegria, de louvor, e de glória, entre todas as nações da Terra, que ouvirem todo o bem que Eu lhe faço; e espantar-se-ão e perturbar-se-ão por causa de todo o bem, e por causa de toda a paz que Eu lhe dou.

“Assim diz o Senhor: Neste lugar (de que vós dizeis que está deserto, sem homens nem animais), nas cidades de Judá, e nas ruas de Jerusalém [...] ainda se ouvirá a voz de gozo, e a voz de alegria, e a voz de noivo e a voz de esposa, e a voz dos que dizem: Louvai ao Senhor dos Exércitos, porque bom é o Senhor, porque a Sua benignidade é para sempre; e dos que trazem louvor à casa do Senhor; pois farei que torne o cativo da terra como ao princípio, diz o Senhor.

“Assim diz o Senhor dos Exércitos: Ainda neste lugar, que está deserto, sem homens, e sem animais, e em todas as suas idades, haverá uma morada de pastores, que façam repousar o gado. Nas cidades das montanhas, nas cidades das planícies e nas cidades do sul, e na terra de Benjamim, e nos contornos de Jerusalém, e nas cidades de Judá, ainda passará o gado pelas mãos dos contadores, diz o Senhor.

“Eis que vêm dias, diz o Senhor, em que cumprirei a palavra boa que falei à casa de Israel e à casa de Judá”. Jeremias 33:1-14.

Assim foi a igreja de Deus confortada numa das horas mais escuras do seu longo conflito com as forças do mal. Satanás havia aparentemente triunfado em seus esforços para destruir a Israel; mas o Senhor estava no comando dos acontecimentos do presente, e durante os anos que se seguiriam, Seu povo deveria ter a oportunidade de redimir o passado. Sua mensagem para a igreja foi:

“Não temas pois tu, servo Meu Jacó; [...] nem te espantes, ó Israel; porque eis que te livrarei das terras de longe, e à tua descendência da terra do seu cativeiro; e Jacó tornará e descansará, e ficará em sossego, e não haverá quem o atemorize. Porque Eu sou contigo, diz o Senhor, para te salvar.” “Porque te restaurarei a saúde, e te sararei as tuas chagas”. Jeremias 30:10, 11, 17.

No alegre dia da restauração, as tribos do Israel dividido deviam ser reunidas num só povo. O Senhor devia ser reconhecido como rei sobre “todas as famílias de Israel”. “Eles serão o Meu povo”, Ele declarou. “Cantai sobre Jacó com alegria, e exultai por causa do Chefe das gentes; proclamai, cantai louvores, e dizei: Salva, Senhor, o Teu povo, o resto de Israel. Eis que o trarei da terra do norte, e os congregarei das extremidades da Terra; e com eles os cegos e os aleijados. [...] Virão com choro, e com súplicas os levarei; guiá-los-ei aos ribeiros de águas, por caminho direito em que não tropeçarão;

porque sou um Pai para Israel, e Efraim é o Meu primogênito”. Jeremias 31:1, 7-9.

Humilhados à vista das nações, os que uma vez tinham sido reconhecidos como favorecidos do Céu sobre todos os outros povos [242] da Terra aprenderiam no exílio a lição da obediência tão necessária para sua futura felicidade. Até que tivessem aprendido esta lição, Deus não poderia fazer por eles tudo o que desejava. “Castigar-te-ei com medida, e de todo não te terei por inocente” (Jeremias 30:11), Ele declarou em esclarecimento do Seu propósito de castigá-los para o seu bem espiritual. Entretanto os que haviam sido objeto do Seu terno amor não foram postos de lado para sempre; perante todas as nações da Terra Ele demonstraria Seu plano de tirar vitória da aparente derrota, de salvar e não de destruir. Ao profeta fora dada a mensagem:

“Aquele que espalhou a Israel o congregará e o guardará, como o pastor ao seu rebanho. Porque o Senhor resgatou a Jacó, e o livrou da mão do que era mais forte do que ele. Assim que virão, e exultarão na altura de Sião, e correrão aos bens do Senhor, ao trigo, e ao mosto, e ao azeite, aos cordeiros e as bezerros; e a sua alma será como um jardim regado, e nunca mais andarão tristes. [...] E tornarei o seu pranto em alegria, e os consolarei, e transformarei em regozijo a sua tristeza. E saciarei a alma dos sacerdotes de gordura, e o Meu povo se fartará dos Meus bens, diz o Senhor.”

“Assim diz o Senhor dos Exércitos, o Deus de Israel: Ainda dirão esta palavra na terra de Judá, e nas suas cidades, quando Eu acabar o seu cativeiro: O Senhor te abençoe, ó morada de justiça, ó monte de santidade. E nela habitarão Judá, e todas as suas cidades juntamente; como também os lavradores e os que andam com o rebanho. Porque satisfiz a alma cansada, e toda a alma entristecida saciei.”

“Eis que dias vêm, diz o Senhor, em que farei um concerto novo com a casa de Israel e com a casa de Judá. Não conforme o concerto que fiz com seus pais, no dia em que os tomei pela mão, para os tirar da terra do Egito; porquanto eles invalidaram o Meu concerto, apesar de Eu os haver desposado, diz o Senhor. Mas este é o concerto que farei com a casa de Israel depois daqueles dias, diz o Senhor: Porei a Minha lei no seu interior, e a escreverei no seu coração; e Eu serei o seu Deus e eles serão o Meu povo. E não ensinará alguém mais a seu próximo, nem alguém a seu irmão, dizendo: Conhecei ao Senhor;

porque todos Me conhecerão, desde o mais pequeno deles até ao maior, diz o Senhor; porque lhes perdoarei a sua maldade, e nunca mais Me lembrarei dos seus pecados”. Jeremias 31:10-14, 23-25, 31-34. [243]

Capítulo 39 — Na corte de Babilônia

Este capítulo é baseado em Daniel 1.

Entre os filhos de Israel que foram levados cativos para Babilônia no início dos setenta anos do cativeiro havia cristãos patriotas, homens que eram tão fiéis ao princípio como o aço, e que se não deixariam corromper pelo egoísmo, mas honrariam a Deus com prejuízo de tudo para si. Na terra de seu cativeiro esses homens deviam levar avante o propósito de Deus de dar às nações pagãs as bênçãos que vêm pelo conhecimento de Jeová. Deviam eles ser Seus representantes. Jamais deviam comprometer-se com idólatras; sua fé e seu nome como adoradores do Deus vivo deveriam ser levados como alta honra. E isto eles fizeram. Na prosperidade e na adversidade honraram a Deus; e Deus os honrou a eles.

O fato de esses homens, adoradores de Jeová, estarem cativos em Babilônia, e de os vasos da casa de Deus terem sido postos no templo dos deuses de Babilônia, era orgulhosamente citado pelos vencedores como evidência que sua religião e costumes eram superiores à religião e costumes dos hebreus. Embora por intermédio da própria humilhação que Israel chamara sobre si por haver-se afastado de Deus, Ele dera aos babilônios a prova de Sua supremacia, da santidade dos Seus reclamos e dos resultados certos da obediência. E este testemunho Ele deu, como unicamente poderia ser dado, por meio daqueles que Lhe foram leais.

Entre os que se mantiveram obedientes a Deus estavam Daniel e seus três companheiros — nobres exemplos do que os homens podem tornar-se quando unidos com o Deus de sabedoria e poder. Da comparativa simplicidade de seu lar judaico, esses jovens de linhagem real foram levados à mais magnificente das cidades, e introduzidos na corte do maior monarca do mundo. Nabucodonosor "disse a Aspenaz, chefe dos seus eunucos, que trouxesse alguns dos filhos de Israel, e da linhagem real e dos nobres, mancebos em quem não houvesse defeito algum, formosos de parecer, e instruídos em

toda a sabedoria, sábios em ciência, e entendidos no conhecimento, e que tivessem habilidade para viverem no palácio. [...]

"E entre eles se achavam, dos filhos de Judá, Daniel, Hananias, Misael e Azarias". Daniel 1:3-6. Vendo nesses jovens a promessa de habilidade digna de nota, Nabucodonosor determinou que fossem educados para ocupar importantes posições em seu reino. Para que pudessem ser plenamente capacitados para sua carreira, ele fez arranjos para que aprendessem a língua dos caldeus, e que por três [244] anos lhes fossem asseguradas as vantagens incomuns da educação fornecida aos príncipes do reino.

Os nomes de Daniel e seus companheiros foram mudados para nomes que representavam divindades caldéias. Grande significação era atribuída aos nomes dados pelos pais hebreus a seus filhos. Freqüentemente representavam traços de caráter que os pais desejavam ver desenvolvidos no filho. O príncipe a cujo cargo foram os jovens cativos colocados "lhes pôs outros nomes, a saber: a Daniel pôs o de Beltessazar, e a Hananias o de Sadraque, e a Misael o de Mesaque, e Azarias o de Abede-Nego". Daniel 1:7.

O rei não compeliu os jovens hebreus a renunciarem sua fé em favor da idolatria, mas esperava alcançar isto gradualmente. Dando-lhes nomes significativos de idolatria, levando-os diariamente a íntima associação com costumes idólatras e sob a influência de sedutores ritos do culto pagão, ele esperava induzi-los a renunciar à religião de sua nação e unir-se ao culto dos babilônios.

Logo no princípio de sua carreira veio-lhes uma decisiva prova de caráter. Fora determinado que eles comessem o alimento e bebessem o vinho que se servia na mesa do rei. Nisto o rei pensava dar-lhes uma expressão do seu favor e sua solicitude pelo bem-estar deles. Mas como uma porção do alimento era oferecida aos ídolos, o alimento da mesa do rei era consagrado à idolatria; e quem deles participasse seria considerado como estando a oferecer homenagens aos deuses de Babilônia. A tal homenagem a lealdade de Daniel e seus companheiros a Jeová lhes proibiu de participar. A simples simulação de haver comido o alimento ou bebido o vinho seria uma negação de sua fé. Proceder assim era enfileirar-se ao lado do paganismo e desonrar os princípios da lei de Deus.

Não ousaram eles a se arriscarem ao enervante efeito do luxo e dissipação sobre o desenvolvimento físico, mental e espiritual.

Eles estavam familiarizados com a história de Nadabe e Abiú, de cuja intemperança e seus resultados foi conservado o registro nos pergaminhos do Pentateuco; e sabiam que suas próprias faculdades físicas e mentais seriam danosamente afetadas pelo uso do vinho.

Daniel e seus companheiros tinham sido educados por seus pais nos hábitos da estrita temperança. Tinham sido ensinados que Deus lhes pediria contas de suas faculdades, e que jamais deveriam diminuí-las ou enfraquecê-las. Esta educação fora para Daniel e seus companheiros o meio de sua preservação entre as desmoralizantes influências da corte de Babilônia. Fortes eram as tentações que os rodeavam nessa corte corrupta e luxuosa, mas eles permaneceram incontaminados. Nenhuma força, nenhuma influência poderia afastá-los dos princípios que tinham aprendido no limiar da vida mediante estudo da Palavra e obras de Deus.

Tivesse Daniel desejado e teria encontrado em torno de si escusas plausíveis para afastar-se dos estritos hábitos de temperança. Ele [245] poderia ter argumentado que, dependendo como estava do favor do rei e sujeito ao seu poder, não havia outro caminho a seguir senão comer do alimento do rei e beber do seu vinho; pois se se apegasse ao ensinamento divino, ofenderia o rei, e provavelmente perderia sua posição e a vida. Se transgredisse o mandamento do Senhor, ele reteria o favor do rei, e asseguraria para si vantagens intelectuais e lisonjeiras perspectivas mundanas.

Mas Daniel não hesitou. A aprovação de Deus era-lhe mais cara que o favor do mais poderoso potentado da Terra — mais cara mesmo que a própria vida. Ele se determinou permanecer firme em sua integridade, fossem quais fossem os resultados. Ele "assentou no seu coração não se contaminar com a porção do manjar do rei, nem com o vinho que ele bebia". Daniel 1:8. E nesta resolução foi apoiado por seus três companheiros.

Tomando esta decisão, os jovens hebreus não agiram presunçosamente, mas em firme confiança em Deus. Não escolheram ser singulares, mas sê-lo-iam de preferência a desonrar a Deus. Tivessem eles se comprometido com o erro neste caso rendendo-se à pressão das circunstâncias, e este abandono do princípio ter-lhes-ia enfraquecido o senso do direito e sua capacidade de aborrecer o erro. O primeiro passo errado tê-los-ia levado a outros, de maneira que, cortada sua ligação com o Céu, eles seriam varridos pela tentação.

"Deu Deus a Daniel graça e misericórdia diante do chefe dos eunucos", e o pedido para que se não contaminassem foi recebido com respeito. Não obstante o princípio hesitou em concedê-lo. "Tenho medo do meu senhor o rei, que determinou a vossa comida e a vossa bebida", explicou ele a Daniel; "por que veria ele os vossos rostos mais tristes do que dos mancebos que são vossos iguais? assim arriscareis a minha cabeça para com o rei". Daniel 1:10.

Daniel apelou então a Aspenaz, o oficial a cujo cargo especial estavam os jovens hebreus, suplicando-lhe fossem eles dispensados de comer o alimento do rei e de beber o seu vinho. Pediu-lhe que fosse feita uma prova de dez dias, durante os quais os jovens hebreus seriam supridos com alimentos simples, enquanto seus companheiros comeriam as delícias do rei.

Aspenaz, embora temeroso de que condescendendo com este pedido pudesse incorrer no desagrado do rei, consentiu não obstante; e Daniel sabia que sua causa estava ganha. Ao fim dos dez dias de prova, o resultado se mostrou o oposto do que o príncipe temia. "Apareceram os seus semblantes melhores; eles estavam mais gordos do que todos os mancebos que comiam porção do manjar do rei." Na aparência pessoal os jovens hebreus mostraram marcada superioridade sobre seus companheiros. Como resultado, Daniel e seus companheiros tiveram permissão de continuar com a sua dieta simples em todo o período de sua educação.

Durante três anos, os moços hebreus estudaram para adquirir conhecimento "nas letras e na língua dos caldeus". Daniel 1:15, 17. Durante este tempo, eles conservaram firme sua submissão a Deus, [246] e constantemente se mostraram dependentes do Seu poder. Aos seus hábitos de abnegação eles uniram o fervor de propósito, a diligência e firmeza. Não foi o orgulho ou ambição que os levou à corte do rei — à companhia dos que não conheciam nem temiam a Deus; eram cativos em terra estranha, aí levados pela Infinita Sabedoria. Separados das influências do lar e de sagradas associações, eles procuraram desempenhar-se de maneira recomendável, para honra de seu povo oprimido, e para glória dAquele de quem eram servos.

O Senhor considerou com aprovação a firmeza e abnegação dos jovens hebreus, e sua pureza de motivos; e Sua bênção os assistiu. Ele lhes "deu o conhecimento e inteligência em todas as letras e sabedoria; mas a Daniel deu entendimento em toda a visão e so-

nhos". Daniel 1:17. Cumpriu-se a promessa: "Aos que Me honram honrarei". 1 Samuel 2:30. Apegando-se Daniel a Deus com inamovível fé, o espírito de poder profético veio sobre ele. Enquanto recebia instruções do homem nos deveres diários da corte, estava sendo ensinado por Deus a ler os mistérios do futuro, e a registrar para as gerações vindouras, mediante figuras e símbolos, eventos que cobrem a história deste mundo até o fim do tempo.

Quando chegou o tempo em que os jovens educandos deviam ser examinados, os hebreus o foram juntamente com outros candidatos, para o serviço do reino. Mas "entre todos eles não foram achados outros tais como Daniel, Hananias, Misael e Azarias". Sua aguda compreensão, seu conhecimento amplo, sua linguagem escolhida e adequada, davam testemunho da inalterada força e vigor de suas faculdades mentais. "Em toda a matéria de sabedoria e de inteligência, sobre que o rei lhes fez perguntas, os achou dez vezes mais doutos do que todos os magos ou astrólogos que havia em todo o seu reino; por isso permaneceram diante do rei". Daniel 1:19.

Na corte de Babilônia estavam reunidos representantes de todas as terras, homens do mais alto talento e mais ricamente dotados com dons naturais, e possuidores da cultura mais vasta que o mundo poderia oferecer; não obstante entre todos eles os jovens hebreus não tiveram competidor. Em força e beleza física, em vigor mental e dotes literários, não tinham rival. A forma ereta, o passo firme e elástico, a fisionomia agradável, os sentidos lúcidos, o hábito puro — eram todos certificados mais que suficientes de bons hábitos, insígnia da nobreza com que a natureza honra aos que são obedientes a suas leis.

Na aquisição da sabedoria dos babilônios, Daniel e seus companheiros foram muito melhor sucedidos que seus colegas; mas sua cultura não veio por acaso. Eles obtiveram o conhecimento mediante o fiel uso de suas faculdades, sob a guia do Espírito Santo. Colocaram-se em conexão com a Fonte de toda sabedoria, tornando o conhecimento de Deus o fundamento de sua educação. Oraram [247] com fé por sabedoria, e viveram as suas orações. Puseram-se onde Deus poderia abençoá-los. Evitaram o que lhes poderia enfraquecer as faculdades, e aproveitaram toda oportunidade de se tornarem versados em todo ramo do saber. Seguiram as regras da vida que não poderiam falhar em dar-lhes força de intelecto. Procuraram adquirir

conhecimento para um determinado propósito — para que pudessem honrar a Deus. Compreenderam que para poderem permanecer como representantes da verdadeira religião em meio das religiões falsas do paganismo, deviam possuir clareza de intelecto e aperfeiçoar o caráter cristão. E o próprio Deus era o seu professor. Orando constantemente, estudando conscienciosamente e mantendo-se em contato com o Invisível, andavam com Deus como andou Enoque.

O verdadeiro sucesso em cada setor de trabalho não é o resultado do acaso, ou acidente ou destino. É a operação da providência de Deus, a recompensa da fé e a prudência, da virtude e perseverança. Superiores qualidades mentais e elevado caráter moral não se adquirem por casualidade. Deus dá oportunidades; o êxito depende do uso que delas se fizer.

Enquanto Deus estava operando em Daniel e seus companheiros "tanto o querer como o efetuar, segundo a Sua boa vontade" (Filipenses 2:13), eles estavam operando a sua própria salvação. Nisto está revelado a operação do divino princípio de cooperação, sem o que nenhum verdadeiro sucesso pode ser alcançado. O esforço humano nada realiza sem o divino poder; e sem o concurso humano o esforço divino é em relação a muitos de nenhum proveito. Para tornar a graça de Deus nossa própria, precisamos desempenhar a nossa parte. Sua graça é dada para operar em nós o querer e o efetuar, mas nunca como substituto de nosso esforço.

Assim como o Senhor cooperou com Daniel e seus companheiros, Ele cooperará com todos os que se atêm a Sua vontade. E pela concessão do Seu Espírito Ele fortalecerá cada propósito veraz, cada nobre resolução. Os que andam nos caminhos da obediência encontrarão muitos embaraços. Influências fortes e sutis podem ligá-los ao mundo; mas o Senhor é capaz de tornar sem efeito cada esforço que opere para derrotar os Seus escolhidos; em Sua força eles podem vencer cada tentação, triunfar sobre cada dificuldade.

Deus pôs Daniel e seus companheiros em relação com os grandes homens de Babilônia, para que em meio de uma nação de idólatras pudessem representar o Seu caráter. Como se tornaram eles capacitados para uma posição de tão grande confiança e honra? Foi a fidelidade nas pequenas coisas que lhes deu capacidade para a vida toda. Eles honraram a Deus nos mínimos deveres, bem como nas maiores responsabilidades.

Assim como Deus chamou Daniel para testemunhar por Ele em Babilônia, Ele nos chama para sermos testemunhas Suas no mundo hoje. Tanto nos menores como nos maiores negócios da vida, Ele deseja que revelemos aos homens os princípios do Seu reino. Muitos [248] estão esperando que uma grande obra lhes seja levada, ao mesmo tempo que perdem diariamente oportunidades para revelar fidelidade a Deus. Diariamente deixam de se desincumbir com inteireza de coração dos pequenos deveres da vida. Enquanto esperam por alguma grande obra em que possam exercitar talentos supostamente grandes, satisfazendo assim a ambiciosos anseios, seus dias passam.

Na vida do verdadeiro cristão nada há que não seja essencial; à vista da Onipotência todo dever é importante. O Senhor mede com exatidão cada possibilidade para serviço. As faculdades não usadas são postas na conta da mesma forma que as utilizadas. Seremos julgados por aquilo que devíamos ter feito e não fizemos porque não usamos nossas faculdades para glória de Deus.

Um caráter nobre não é resultado de acidente; não é devido a favores especiais ou dotações da Providência. É o resultado da autodisciplina, da sujeição da natureza mais baixa à mais alta, da entrega do eu ao serviço de Deus e do homem.

Através da fidelidade aos princípios de temperança mostrados pelos jovens hebreus, Deus está falando à juventude de hoje. Há necessidade de homens que, como Daniel, procedam com ousadia pela causa do direito. Corações puros, mãos fortes, coragem destemida, são necessários; pois a luta entre os vício e a virtude reclama incessante vigilância. A cada alma Satanás vem com tentação de formas variadas e sedutoras no ponto da condescendência para com o apetite.

É o corpo um meio muito importante pelo qual a mente e a alma se desenvolvem para a edificação do caráter. Essa é a razão por que o adversário das almas dirige suas tentações no sentido do enfraquecimento e degradação das faculdades físicas. Seu sucesso neste ponto significa muitas vezes a entrega de todo ser ao mal. As tendências da natureza física, a menos que postas sob o domínio de um poder mais alto, seguramente obrarão ruína e morte. O corpo deve ser posto em sujeição às faculdades mais altas do ser. As paixões devem ser controladas pela vontade que, por sua vez, deve ela mesma estar sob o controle de Deus. O régio poder da razão,

santificada pela graça divina, deve controlar a vida. Poder intelectual, vigor físico e longevidade dependem de leis imutáveis. Mediante a obediência a essas leis, pode o homem ser um conquistador de si mesmo, conquistador de suas próprias inclinações, conquistador de principados e potestades, dos "príncipes das trevas deste século", e das "hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais". Efésios 6:12.

No antigo ritual que é o evangelho em símbolo, nenhuma oferta maculada podia ser levada ao altar de Deus. O sacrifício que iria representar a Cristo devia ser sem mancha. A Palavra de Deus aponta para este fato como uma ilustração do que Seus filhos devem ser — um "sacrifício vivo" (Romanos 12:1), "sem mácula, nem ruga". Efésios 5:27. [249]

Os valorosos hebreus eram homens sujeitos às mesmas paixões que nós; mas não obstante as sedutoras influências da corte de Babilônia, eles permaneceram firmes, porque confiaram num poder infinito. Neles contemplou uma nação pagã a ilustração da bondade e beneficência de Deus e do amor de Cristo. E na sua experiência temos um exemplo do triunfo do princípio sobre a tentação, da pureza sobre a depravação, da devoção e lealdade sobre o ateísmo e a idolatria.

Os jovens de hoje podem ter o espírito de que estava possuído Daniel; eles podem beber na mesma fonte de força, possuir o mesmo poder de domínio próprio, e revelar a mesma graça em sua vida, mesmo sob circunstâncias igualmente desfavoráveis. Embora assediados por tentações a serem condescendentes consigo mesmo, especialmente em nossas grandes cidades, onde toda forma de satisfação sensual se mostra fácil e convidativa, os seus propósitos de honrar a Deus permanecem não obstante firmes pela graça divina. Mediante forte resolução e atenta vigilância podem resistir a cada tentação que assalta a alma. Mas a vitória será ganha unicamente por aquele que se determina fazer o que é direito só porque é direito.

Que carreira foi a desses nobres hebreus Ao dizerem adeus ao lar de sua meninice pouco sonhavam eles com o alto destino que lhes estava reservado. Fiéis e firmes, renderam-se à divina guia, de maneira que por meio deles Deus pôde cumprir Seu propósito.

As mesmas poderosas verdades que foram reveladas através desses homens, Deus deseja revelar por meio de Seus jovens e de

Seus filhos hoje. A vida de Daniel e seus companheiros é uma demonstração do que o Senhor fará pelos que a Ele se rendem, e [250] buscam de todo o coração realizar o Seu propósito.

Capítulo 40 — O sonho de Nabucodonosor

Este capítulo é baseado em Daniel 2.

Logo depois que Daniel e seu companheiros entraram no serviço do rei de Babilônia, ocorreram acontecimentos que revelaram a uma nação idólatra o poder e a fidelidade do Deus de Israel. Nabucodonosor teve um sonho singular, pelo qual "seu espírito se perturbou, e passou-se-lhe o seu sono". Mas embora a mente do rei estivesse profundamente impressionada, foi-lhe impossível, quando despertou, recordar as particularidades.

Em sua perplexidade, Nabucodonosor reuniu os seus sábios — "os magos, e os astrólogos, e os encantadores, e os caldeus" — e pediu-lhes auxílio. "Tive um sonho", disse ele, "e para saber o sonho está perturbado o meu espírito." Com esta declaração da sua perplexidade, exigiu deles que lhe revelassem o que poderia trazer-lhe tranqüilidade à mente.

A isso os sábios responderam: "Ó rei, vive eternamente dize o sonho a teus servos, e daremos a interpretação". Daniel 2:1-4.

Não satisfeito com uma resposta evasiva, e desconfiado porque, a despeito de suas pretensiosas afirmações de poderem revelar os segredos dos homens, eles pareciam não obstante indispostos em prestar-lhes auxílio, o rei ordenou a seus sábios, com promessas de riqueza e honrarias ou por outro lado de ameaças de morte, que lhe dissessem não apenas a interpretação do sonho, mas o próprio sonho. "O que foi me tem escapado", disse ele; "se me não fizerdes saber o sonho e a sua interpretação, sereis despedaçados, e as vossas casas serão feitas um monturo. Mas se vós me declarardes o sonho e a sua interpretação, recebereis de mim dons, e dádivas, e grande honra."

Os sábios responderam ainda: "Diga o rei o sonho a seus servos, e daremos a sua interpretação."

Nabucodonosor, agora inteiramente desperto e irado com a evidente perfídia daqueles em quem tinha confiado, declarou: "Percebo muito bem que vós quereis ganhar tempo, porque vedes que o que eu

sonhei me tem escapado. Por conseqüência, se me não fazeis saber o sonho, uma só sentença será a vossa; pois vós preparastes palavras mentirosas e perversas para as proferirdes na minha presença até que se mude o tempo. Portanto dizei-me o sonho, para que eu entenda [251] que me podeis dar a sua interpretação”. Daniel 2:5-9.

Temerosos com as conseqüências do seu fracasso, os mágicos procuraram mostrar ao rei que seu pedido era irrazoável, e o que ele requeria estava além do que já havia solicitado em qualquer tempo ao homem. “Não há ninguém sobre a Terra”, eles objetaram, “que possa declarar a palavra ao rei; pois nenhum rei há, senhor ou dominador, que requeira coisa semelhante de algum mago, ou astrólogo, ou caldeu. Porquanto a coisa que o rei requer é difícil, e ninguém há que a possa declarar diante do rei, senão os deuses, cuja morada não é com a carne.”

“Então o rei muito se irou e enfureceu, e ordenou que matassem a todos os sábios de Babilônia.”

Entre as pessoas procuradas pelos oficiais que se estavam preparando para cumprir o estipulado no decreto real, estavam Daniel e seus companheiros. Quando informados que de acordo com o decreto também eles deviam morrer, Daniel inquiriu de Arioque, capitão da guarda do rei, “avisada e prudentemente”: “Por que se apressa tanto o mandado da parte do rei?” Arioque contou-lhe a história da perplexidade do rei a respeito de seu notável sonho, e seu fracasso no sentido de conseguir auxílio da parte daqueles que até então tinham desfrutado sua mais plena confiança. Depois de ouvir isto, Daniel, tomando sua vida em suas mãos, aventurou-se a ir à presença do rei, e rogou-lhe tempo, para que pudesse suplicar ao seu Deus que lhe revelasse o sonho e a sua interpretação.

A este pedido o monarca concordou. “Então Daniel foi para a sua casa, e fez saber o caso a Hananias, Misael e Azarias, seus companheiros”. Daniel 2:10-17. Juntos buscaram sabedoria da Fonte de luz e conhecimento. Sua fé era forte na certeza de que Deus tinha-os colocado onde estavam, que eles estavam fazendo a Sua obra e cumprindo os reclamos do dever. Em tempos de perplexidade e perigo tinham-se voltado sempre para Ele em busca de guia e proteção, e Ele Se mostrara um auxílio sempre presente. Agora com coração contrito submetiam-se de novo ao Juiz da Terra, implorando que lhes desse livramento neste tempo de especial necessidade.

E eles não suplicaram em vão. O Deus a quem tinham honrado, honrava-os agora. O Espírito do Senhor repousou sobre eles, e a Daniel, "numa visão da noite", foi revelado o sonho do rei e seu significado.

O primeiro ato de Daniel foi agradecer a Deus pela revelação que lhe fora dada. "Seja bendito o nome de Deus para todo o sempre", ele exclamou, "porque dEle é a sabedoria e a força. E Ele muda os tempos e as horas; Ele remove os reis e estabelece os reis; Ele dá sabedoria aos sábios e ciência aos entendidos. Ele revela o profundo e o escondido; conhece o que está em trevas, e com Ele mora a luz. Ó Deus de meus pais, eu Te louvo e celebro porque me deste sabedoria e força; e agora nos fizeste saber o que Te pedimos, porque nos fizeste saber este assunto do rei."

Dirigindo-se imediatamente a Arioque, a quem o rei tinha ordenado destruir os sábios, Daniel disse: "Não mates os sábios de Babilônia; introduze-me na presença do rei, e darei ao rei a interpretação." Depressa o oficial introduziu Daniel à presença do rei, com as palavras: "Achei um dentre os filhos dos cativos de Judá, o qual fará saber ao rei a interpretação". Daniel 2:19-25. [252]

Eis o cativo judeu, calmo e senhor de si, na presença do monarca do mais poderoso império do mundo. Em suas primeiras palavras ele recusou honra para si mesmo, e exaltou a Deus como a fonte de toda sabedoria. À ansiosa inquirição do rei: "Podes tu fazer-me saber o sonho que vi e a sua interpretação?" ele respondeu: "O segredo que o rei requer, nem sábios, nem astrólogos, nem magos, nem adivinhos o podem descobrir ao rei; mas há um Deus nos Céus, o qual revela os segredos; Ele, pois, fez saber ao rei Nabucodonosor o que há de ser no fim dos dias.

"O teu sonho e as visões da tua cabeça na tua cama", Daniel declarou, "são estas: estando tu, ó rei, na tua cama, subiram os teus pensamentos ao que há de ser depois disto. Aquele, pois, que revela os segredos te fez saber o que há de ser. E a mim me foi revelado este segredo, não porque haja em mim mais sabedoria do que em todos os viventes, mas para que a interpretação se fizesse saber ao rei, e para que entendesses os pensamentos do teu coração.

"Tu, ó rei, estavas vendo, e eis aqui uma grande estátua. Esta estátua, que era grande e cujo esplendor era excelente, estava em pé diante de ti; e a sua vista era terrível. A cabeça daquela estátua era

de ouro fino; o seu peito e os seus braços de prata; o seu ventre e as suas coxas de cobre; as pernas de ferro; e os seus pés em parte de ferro e em parte de barro.

"Estavas vendo isto, quando uma pedra foi cortada, sem mão, a qual feriu a estátua nos pés de ferro e de barro, e os esmiuçou. Então foi juntamente esmiuçado o ferro, o barro, o cobre, a prata e o ouro, os quais se fizeram como a pragana das eiras no estio, e o vento os levou, e não se achou lugar algum para eles; mas a pedra, que feriu a estátua, se fez um grande monte, e encheu toda a Terra. Daniel 2:26-35.

"Este é o sonho", Daniel declarou confiantemente; e o rei, considerando com a mais acurada atenção cada pormenor, reconheceu que este era o próprio sonho que o deixara tão turbado. Assim sua mente foi preparada para receber bem disposto a interpretação. O Rei dos reis estava prestes a comunicar grande verdade ao monarca de Babilônia. Deus iria revelar que Ele tem poder sobre os reinos do mundo — poder para pôr e depor reis. A mente de Nabucodonosor devia ser desperta, se possível, para o senso de sua responsabilidade para com o Céu. Os acontecimentos do futuro, cujo alcance vai até o tempo do fim, deviam ser expostos perante ele.

"Tu, ó rei, és rei de reis", Daniel continuou, "pois o Deus do Céu te tem dado o reino, o poder, e a força, e a majestade. E onde quer que habitem filhos de homens, animais do campo, e aves do céu, Ele tos entregou na tua mão, e fez que dominasses sobre todos eles; tu [253] és a cabeça de ouro.

"E depois de ti se levantará outro reino, inferior ao teu; e um terceiro reino de metal, o qual terá domínio sobre toda a Terra.

"E o quarto reino será forte como ferro; pois, como o ferro esmiúça e quebra tudo, como o ferro quebra todas as coisas, ele esmiuçará e quebrará.

"E, quanto ao que viste dos pés e dos dedos, em parte de barro de oleiro, e em parte de ferro, isso será um reino dividido; contudo haverá nele alguma coisa da firmeza do ferro, pois que viste o ferro misturado com barro de lodo. E como os dedos dos pés eram em parte de ferro e em parte de barro, assim por uma parte o reino será forte, e por outra será frágil. Quanto ao que viste do ferro misturado com barro de lodo, misturar-se-ão com semente humana, mas não

se ligarão um ao outro, assim como o ferro não se mistura com o barro.”

“Mas, nos dias destes reis, o Deus do Céu levantará um reino que não será jamais destruído; e este reino não passará a outro povo; esmiuçará e consumirá todos estes reinos, e será estabelecido para sempre. Da maneira como viste que do monte foi cortada uma pedra, sem mãos, e ela esmiuçou o ferro, o cobre, o barro, a prata e o ouro, o Deus grande fez saber ao rei o que há de ser depois disto; e certo é o sonho, e fiel a sua interpretação”. Daniel 2:37-45.

O rei estava convencido da verdade da interpretação, e em humildade e temor “caiu sobre o seu rosto e adorou”, dizendo: “Certamente, o vosso Deus é Deus dos deuses, e o Senhor dos reis, e o revelador dos segredos, pois pudeste revelar este segredo.”

Nabucodonosor revogou o decreto de eliminação dos sábios. A vida deles fora poupada em virtude da união de Daniel com o Revelador dos segredos. E “o rei engrandeceu a Daniel, e lhe deu muitos e grandes dons e o pôs por governador de toda a província de Babilônia, como também por principal governador de todos os sábios de Babilônia. E pediu Daniel ao rei, e constituiu ele sobre os negócios da província de Babilônia a Sadraque, Mesaque e Abede-Nego; mas Daniel estava às portas do rei”. Daniel 2:46-49.

Nos anais da história humana, o desenvolvimento das nações, o nascimento e queda dos impérios, aparecem como que dependendo da vontade e proeza do homem; a configuração dos acontecimentos parece determinada em grande medida pelo seu poder, ambição ou capricho. Mas na Palavra de Deus a cortina é afastada, e podemos ver acima, para trás e pelos lados as partidas e contrapartidas do interesse, poder e paixões humanos — os agentes do Todo-misericordioso — executando paciente e silenciosamente os conselhos de Sua própria vontade.

Em palavras de incomparável beleza e ternura, o apóstolo Paulo expôs diante dos filósofos de Atenas o divino propósito na criação e distribuição dos povos e nações. “O Deus que fez o mundo e tudo o que nele há”, declarou o apóstolo, “de um só fez toda a geração dos homens, para habitar sobre toda a face da Terra, determinando os tempos já dantes ordenados, e os limites da sua habitação; para que buscassem ao Senhor, se porventura, tateando, O pudessem achar”. Atos dos Apóstolos 17:24-27. [254]

Deus tem tornado claro o fato de que quem quiser pode entrar "no vínculo do concerto". Ezequiel 20:37. Seu propósito na criação era que a Terra fosse habitada por seres cuja existência seria uma bênção para si mesmos e de uns para com outros, e uma honra para o seu Criador. Todos que o desejassem poderiam identificar-se com este propósito. Destes é dito: "Esse povo que formei para Mim, para que Me desse louvor". Isaías 43:21.

Em Sua lei Deus tornou conhecidos os princípios que sustentam toda verdadeira prosperidade, tanto das nações como dos indivíduos. A respeito deste lei Moisés declarou aos israelitas: "Esta será a vossa sabedoria e o vosso entendimento". Deuteronômio 4:6. "Esta palavra não é vã, antes é a vossa vida". Deuteronômio 32:47. As bênçãos assim asseguradas a Israel são, nas mesmas condições e no mesmo grau, asseguradas a toda nação e a cada indivíduo sob o vasto céu.

Centenas de anos antes que certas nações viessem ao cenário da ação, o Onisciente lançou um olhar para os séculos por vir e predisse o surgimento e queda dos reinos universais. Deus declarou a Nabucodonosor que o reino de Babilônia devia cair, e um segundo reino surgiria, o qual também teria o seu período de prova. Deixando de exaltar o verdadeiro Deus, sua glória seria abatida, e um terceiro reino lhe ocuparia o lugar. Este também passaria; e um quarto, forte como ferro, submeteria as nações do mundo.

Tivessem os reis de Babilônia — o mais rico de todos os reinos terrestres — conservado sempre diante de si o temor de Jeová, e ter-lhes-iam sido dados sabedoria e força que os manteriam ligados a Ele, conservando-os fortes. Mas eles fizeram de Deus seu refúgio somente quando em angústia e perplexidade. Em tais ocasiões, não encontrando auxílio em seus grandes homens, buscavam-no de homens como Daniel — homens que, sabiam eles, honravam ao Deus vivo, e eram por Ele honrados. A esses homens eles apelavam para que deslindassem os mistérios da Providência; pois embora os senhores da orgulhosa Babilônia fossem homens do mais alto intelecto, tinham-se afastado tanto de Deus pela transgressão que não podiam compreender as revelações e as advertências a eles dadas com referência ao futuro.

Na história das nações o estudante da Palavra de Deus pode contemplar o cumprimento literal da profecia divina. Babilônia, fragmentada e por fim quebrantada, passou porque em sua prospe-

ridade seus governantes tinham-se considerado independentes de Deus, atribuindo a glória do seu reino a realizações humanas. O domínio medo-persa foi visitado pela ira do Céu porque nele a lei de Deus tinha sido calcada a pés. O temor do Senhor não encontrou lugar no coração da grande maioria do povo. Prevaleciam a impiedade, a blasfêmia e a corrupção. Os reinos que se seguiram foram ainda mais vis e corruptos; e desceram cada vez mais na escala da dignidade moral. [255]

O poder exercido por todos os governantes da Terra é concedido pelo Céu; e seu sucesso depende do uso que fizerem dessa concessão. A cada um a palavra do divino Vigia é: "Eu te cingirei, ainda que tu Me não conheças". Isaías 45:5. E a cada um as palavras ditas a Nabucodonosor no passado representam a lição da vida: "Desfaze os teus pecados pela justiça, e as tuas iniqüidades usando de misericórdia com os pobres, se se prolongar a tua tranqüilidade". Daniel 4:27. Compreender estas coisas, isto é, que "a justiça exalta as nações" (Provérbios 14:34); que "com justiça se estabelece o trono" (Provérbios 16:12), e "com benignidade" ele se "sustém" (Provérbios 20:28); reconhecer a operação desses princípios na manifestação de Seu poder que "remove os reis, e estabelece os reis" — reconhecer isto é compreender a filosofia da História.

Na Palavra de Deus, unicamente, é isto claramente estabelecido. Nela se nos mostra que a força tanto das nações como dos indivíduos não se encontra nas oportunidades ou facilidades que parecem torná-los invencíveis, nem na sua alardeada grandeza. Ela é medida pela fidelidade com que eles cumprem o propósito de Deus. [256]

Capítulo 41 — A fornalha ardente

Este capítulo é baseado em Daniel 3.

O sonho da grande imagem, que abriu perante Nabucodonosor acontecimentos que chegam ao fim do tempo, tinha-lhe sido dado para que ele pudesse compreender a parte que lhe tocava desempenhar na história do mundo, e a relação que seu reino teria com o reino do Céu. Na interpretação do sonho, fora ele claramente instruído quanto ao estabelecimento do reino eterno de Deus. “Nos dias destes reis”, Daniel havia declarado, “o Deus do Céu levantará um reino que não será jamais destruído; e este reino não passará a outro povo; esmiuçará e consumirá todos estes reinos, e será estabelecido para sempre. [...] E certo é o sonho, e fiel a sua interpretação”. Daniel 2:44, 45.

O rei havia reconhecido o poder de Deus, dizendo a Daniel: “Certamente, o vosso Deus é Deus dos deuses [...] e o revelador dos segredos”. Daniel 2:47. Durante algum tempo Nabucodonosor sentiu-se influenciado pelo temor de Deus; contudo o seu coração não ficou purificado da ambição mundana e do desejo de exaltação. A prosperidade que acompanhou o seu reinado o encheu de orgulho. Em dado tempo ele cessou de honrar a Deus, e retomou seu culto idólatra com maior zelo e fanatismo.

As palavras: “Tu és a cabeça de ouro” (Daniel 2:38), tinham feito profunda impressão no espírito do rei. Os sábios do seu reino, tirando vantagem disto e do seu retorno à idolatria, propuseram-lhe que fizesse uma imagem semelhante àquela vista em sonho, e a erguesse em lugar onde todos pudessem contemplar a cabeça de ouro, que tinha sido interpretada como representando o seu reino.

Lisonjeado com a aduladora sugestão, ele se determinou levá-la a efeito, indo mesmo além. Em lugar de reproduzir a imagem como a tinha visto, ele excederia o original. Sua imagem não seria desigual em valor da cabeça aos pés, mas seria inteiramente de ouro, símbolo que representaria Babilônia como um reino eterno, indestrutível,

todo-poderoso, que haveria de quebrar em pedaços todos os outros reinos, permanecendo para sempre.

A idéia de estabelecer um império e uma dinastia que perdurassem para sempre, apelou fortemente ao poderoso monarca cujas armas as nações da terra tinham sido incapazes de resistir. Com o entusiasmo nascido de ilimitada ambição e orgulho egoísta, ele tomou conselho com seus sábios quanto à maneira de levar avante o projeto. Esquecendo as assinaladas providências relacionadas com [257] o sonho da grande imagem; esquecendo também que o Deus de Israel, por intermédio de Seu servo Daniel, tinha-lhe esclarecido o significado da imagem, e que em conexão com esta interpretação os grandes homens do reino tinham sido salvos de morte ignominiosa; esquecendo tudo, exceto o seu desejo de estabelecer o seu próprio poder e supremacia, o rei e seus conselheiros de Estado decidiram que todos os meios possíveis seriam utilizados para exaltar Babilônia como suprema, e digna de submissão universal.

A simbólica representação pela qual Deus tinha revelado ao rei e ao povo o Seu propósito para com as nações da Terra, ia agora servir para glorificação do poder humano. A interpretação de Daniel ia ser rejeitada e esquecida; a verdade ia ser mistificada e mal utilizada. O símbolo que o Céu designara servisse para desdobrar perante a mente dos homens importantes eventos do futuro, ia ser utilizado para impedir a divulgação do conhecimento que Deus desejava o mundo recebesse. Assim mediante a imaginação de homens ambiciosos, Satanás estava procurando frustrar o propósito divino em favor da raça humana. O inimigo da humanidade sabia que a verdade isenta de erro é uma força poderosa para salvar; mas que quando usada para exaltar o eu e favorecer os projetos dos homens, torna-se um poder para o mal.

Das ricas reservas do seu tesouro, Nabucodonosor mandou que se fizesse uma grande imagem de ouro, no seu aspecto geral semelhante a que tinha sido vista em visão, salvo no que respeitava ao material de que ia ser composta. Acostumados como estavam a magnificentes representações de suas divindades pagãs, os caldeus nunca dantes haviam produzido coisa mais imponente e majestosa que esta resplendente estátua, de sessenta côvados de altura, e seis de largura. E não é de surpreender que numa terra onde a idolatria era culto prevalecentemente universal, a imagem bela e sem preço

erguida no campo de Dura, representando a glória de Babilônia e sua magnificência e poder, fosse consagrada como objeto de adoração. Em plena concordância com isto foi feita provisão, tendo sido expedido um decreto de que no dia da dedicação todos mostrassem sua suprema lealdade ao poder babilônico curvando-se diante da imagem.

O dia marcado chegou, e uma vasta multidão de todos os "povos, nações e línguas", se reuniu na planície de Dura. Em harmonia com o mandado do rei, quando o som de músicas foi ouvido, todos se prostraram, "e adoraram a estátua de ouro". Nesse dia memorável, os poderes das trevas pareciam haver ganho um assinalado triunfo; a adoração da imagem de ouro prometia tornar-se permanentemente relacionada com as formas estabelecidas de idolatria reconhecidas como religião do Estado no país. Satanás esperava dessa forma derrotar os propósitos de Deus de tornar a presença do cativo Israel em Babilônia um meio de abençoar a todas as nações do paganismo. [258]

Mas Deus decidiu de outro modo. Nem todos haviam dobrado os joelhos ante o símbolo idólatra do humano poder. Em meio da multidão de adoradores havia três homens que estavam firmemente resolvidos a não desonrar assim ao Deus do Céu. O seu Deus era o Rei dos reis e Senhor dos senhores; a nenhum outro se curvariam.

A Nabucodonosor, inflado com o triunfo, foi levada a informação de que havia entre os seus súditos alguns que ousaram desobedecer ao seu mandado. Alguns dentre os sábios, enciumados pelas honras que tinham sido concedidas aos fiéis companheiros de Daniel, levavam agora ao rei o relato da sua flagrante violação aos desejos do rei. "Ó rei, vive eternamente" exclamaram. "Há uns homens judeus, que tu constituíste sobre os negócios da província de Babilônia: Sadraque, Mesaque e Abede-Nego; estes homens, ó rei, não fizeram caso de ti; a teus deuses não servem, nem a estátua de ouro, que levantaste, adoraram."

O rei ordenou que os homens fossem levados perante ele. "É de propósito", ele perguntou, "que vós não servis a meus deuses nem adorais a estátua de ouro que levantei?" Ele procurou mediante ameaças induzi-los a se unirem com a multidão. Apontando para a fornalha ardente, lembrou-lhes a punição que os esperava se persistissem em sua recusa de obedecer a sua vontade. Mas firmemente os hebreus testificaram de sua fidelidade ao Deus do Céu, e de sua

fé em Seu poder para livrar. O ato de se curvar ante a imagem fora compreendido por todos como um ato de adoração. Tal homenagem eles só poderiam render a Deus.

Ao estarem os três hebreus em presença do rei, este compreendeu que eles possuíam alguma coisa que faltava aos outros sábios do seu reino. Eles haviam sido fiéis no cumprimento de cada obrigação. Ele desejava dar-lhes outra oportunidade. Se tão-somente demonstrassem sua boa vontade em unir-se com a multidão em adoração à imagem, tudo iria bem com eles; "mas, se a não adorardes", ele aduziu, "sereis lançados, na mesma hora, dentro do forno de fogo ardente". Então com a mão estendida em desafio, exclamou: "E quem é o Deus que vos poderá livrar das minhas mãos?" Daniel 3:9, 12-15.

Foram inúteis as ameaças do rei. Ele não logrou desviar os homens de sua obediência ao Governador do Universo. A história de seus pais lhes ensinara que a desobediência a Deus resulta em desonra, desastre e morte; e que o temor do Senhor é o princípio da sabedoria, o fundamento de toda verdadeira prosperidade. Enfrentando calmamente a fornalha eles responderam: "Não necessitamos de te responder sobre este negócio. Eis que o nosso Deus, a quem nós servimos, é que nos pode livrar; Ele nos livrará do forno de fogo ardente, e da tua mão, ó rei". Sua fé foi fortalecida ao declararem que Deus Se glorificaria em libertá-los, e com a triunfante segurança nascida da implícita confiança em Deus, acrescentaram: "E, se não, fica sabendo, ó rei, que não serviremos a teus deuses nem adoraremos a estátua de ouro que levantaste." [259]

A ira do rei não conheceu limites. "Nabucodonosor se encheu de furor, e se mudou o aspecto do seu semblante contra Sadraque, Mesaque e Abede-Nego", representantes de uma raça cativa e desprezada. Ordenando que a fornalha fosse aquecida sete vezes mais que de costume, mandou que fortes homens de seu exército atassem os adoradores do Deus de Israel, como preparativo para a execução sumária.

"Então aqueles homens foram atados com as suas capas, seus calções, e seus chapéus, e seus vestidos, e foram lançados dentro do forno de fogo ardente. E, porque a palavra do rei apertava, e o forno estava sobremaneira quente, a chama do fogo matou aqueles homens

que levantaram a Sadraque, Mesaque e Abede-Nego”. Daniel 3:16-22.

Mas o Senhor não esqueceu os Seus. Sendo Suas testemunhas lançadas na fornalha, o Salvador Se lhes revelou em pessoa, e junto com eles andava no meio do fogo. Na presença do Senhor do calor e do frio, as chamas perderam o seu poder de consumir.

Do seu real trono o rei olhava, esperando ver inteiramente consumidos os homens que o haviam desafiado. Mas seus sentimentos de triunfo subitamente mudaram. Os nobres que lhe estavam próximo viram sua face tornar-se pálida, enquanto ele descia do trono e olhava atentamente para dentro das chamas ardentes. Alarmado, o rei, voltando-se para os seus cortesãos, perguntou: “Não lançamos nós três homens atados dentro do fogo? [...] Eu, porém, vejo quatro homens soltos, que andam passeando dentro do fogo, e nada há de lesão neles; e o aspecto do quarto é semelhante ao filho dos deuses.”

Como sabia o rei pagão a que era semelhante o Filho de Deus? Os cativos hebreus que ocupavam posição de confiança em Babilônia tinham representado a verdade diante dele na vida e no caráter. Quando perguntados pela razão de sua fé, tinham-na dado sem hesitação. Clara e singelamente tinham apresentado os princípios da justiça, ensinando assim aos que lhes estavam ao redor a respeito do Deus a quem adoravam. Eles tinham falado de Cristo, o Redentor vindouro; e na aparência do quarto no meio do fogo, o rei reconheceu o Filho de Deus.

E agora, esquecida sua própria grandeza e dignidade, Nabucodonosor desceu de seu trono, e encaminhando-se para a boca da fornalha, exclamou: “Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, servos do Deus altíssimo, saí e vinde”. Daniel 3:24-26.

Então Sadraque, Mesaque e Abede-Nego saíram perante a vasta multidão, mostrando-se ilesos. A presença de seu Salvador tinha-os guardado de sofrerem dano, e unicamente suas amarras tinham-se queimado. “E ajuntaram-se os sátrapas, os prefeitos, e os presidentes, e os capitães do rei, contemplando estes homens, e viram que o fogo [260] não tinha tido poder algum sobre os seus corpos; nem um só cabelo de sua cabeça se tinha queimado, nem as suas capas se mudaram, nem cheiro de fogo tinha passado sobre eles.”

Esquecida estava a grande imagem de ouro, erguida com tamanha pompa. Na presença do Deus vivo os homens temiam e tremiam.

"Bendito seja o Deus de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego", o humilhado rei foi constrangido a reconhecer, "que enviou o Seu anjo, e livrou os Seus servos, que confiaram nEle, pois não quiseram cumprir a palavra do rei, preferindo entregar os seus corpos, para que não servissem nem adorassem a algum outro deus, senão o seu Deus."

As experiências desse dia levaram Nabucodonosor a baixar um decreto, "pelo qual todo o povo, nação e língua que disser blasfêmia contra o Deus de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, seja despedaçado, e suas casas sejam feitas um monturo". "Não há outro Deus", ele apresentou como razão para o decreto, "que possa livrar como Este". Daniel 3:27-29.

Com essas palavras e outras semelhantes o rei de Babilônia procurou espalhar entre todos os povos da Terra sua convicção de que o poder e autoridade do Deus dos hebreus eram dignos de suprema adoração. E Deus Se sentiu honrado com os esforços do rei para Lhe mostrar reverência e tornar a confissão real de obediência difundida por todo o domínio babilônico.

Era correto fazer o rei confissão pública, e procurar exaltar o Deus do Céu sobre todos os outros deuses; mas procurar forçar seus súditos a igual confissão de fé e mostrar semelhante reverência era exceder os seus direitos como soberano temporal. Não tinha ele maior direito, civil ou moral, de ameaçar os homens com a morte pela não adoração de Deus, do que tinha para fazer o decreto votando às chamas todos os que recusassem cultuar a imagem de ouro. Deus jamais compele o homem à obediência. A todos deixa livres para que escolham a quem desejam servir.

Pela libertação de Seus fiéis servos, o Senhor declarou que toma posição ao lado do oprimido, e repele todo poder terreno que se rebela contra a autoridade do Céu. Os três hebreus declararam a toda a nação babilônica sua fé nAquele a quem adoravam. Eles descansaram em Deus. Na hora de sua provação, lembraram-se da promessa: "Quando passares pelas águas estarei contigo, e quando pelos rios, eles não te submergirão; quando passares pelo fogo, não te queimarás, nem a chama arderá em ti". Isaías 43:2. E de maneira maravilhosa sua fé no Deus vivo tinha sido honrada à vista de todos. A notícia de seu maravilhoso livramento fora levada a muitos países pelos representantes das diferentes nações que tinham

sido convidadas por Nabucodonosor para a dedicação. Mediante a fidelidade de Seus filhos, Deus fora glorificado em toda a Terra.

Importantes são as lições a serem aprendidas da experiência dos jovens hebreus na planície de Dura. Nos dias atuais, muitos dos servos de Deus, embora inocentes de qualquer obra má, serão levados [261] ao sofrimento, humilhação e abuso às mãos daqueles que, inspirados por Satanás, estão cheios de inveja e fanatismo religioso. A ira do homem será especialmente despertada contra os que santificam o sábado do quarto mandamento; e por fim um decreto universal denunciará a estes como dignos de morte.

Os tempos de provação que estão diante do povo de Deus reclamam uma fé que não vacile. Seus filhos devem tornar manifesto que Ele é o único objeto do seu culto, e que nenhuma consideração, nem mesmo o risco da própria vida, pode induzi-los a fazer a mínima concessão a um culto falso. Para o coração leal, as leis de homens pecaminosos e finitos se tornam insignificantes ao lado da Palavra do eterno Deus. A verdade será obedecida, embora o resultado seja prisão, exílio ou morte.

Como nos dias de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, no período final da história da Terra o Senhor operará poderosamente em favor dos que ficarem firmes pelo direito. Aquele que andou com os hebreus valorosos na fornalha ardente, estará com os Seus seguidores em qualquer lugar. Sua constante presença confortará e sustentará. Em meio do tempo de angústia — angústia como nunca houve desde que houve nação — Seus escolhidos ficarão firmes. Satanás com todas as forças do mal não pode destruir o mais fraco dos santos de Deus. Anjos magníficos em poder os protegerão, e em favor deles Jeová Se revelará como “Deus dos deuses” (Daniel 2:47), capaz de [262] salvar perfeitamente os que nEle puseram a sua confiança.

Capítulo 42 — A verdadeira grandeza

Este capítulo é baseado em Daniel 4.

Exaltado ao pináculo da honra mundana, e reconhecido mesmo pela Inspiração como "rei dos reis" (Ezequiel 26:7), Nabucodonosor não obstante algumas vezes tinha atribuído ao favor de Jeová a glória do seu reino e o esplendor do seu reinado. Este foi o caso quando do seu sonho da grande imagem. Seu espírito havia sido profundamente influenciado por esta visão, e pelo pensamento de que o império babilônico, embora universal, devia finalmente cair, e outros reinos haveriam de dominar, até que afinal todos os poderes da Terra fossem substituídos pelo reino a ser estabelecido pelo Deus do Céu, sendo que esse reino não seria jamais destruído.

A nobre concepção que Nabucodonosor tinha dos propósitos de Deus no tocante às nações fora perdido de vista posteriormente em sua experiência; e quando o seu orgulhoso espírito foi humilhado aos olhos da multidão no campo de Dura, ele uma vez mais reconheceu que o reino de Deus é "um reino eterno, e o Seu domínio de geração em geração". Idólatra por nascimento e educação, e cabeça de um povo idólatra, tinha ele contudo um inato senso da justiça e do direito, e Deus podia usá-lo como instrumento na punição dos rebeldes e para o cumprimento do propósito divino. Como um dos "mais formidáveis dentre as nações" (Ezequiel 28:7), foi dado a Nabucodonosor, após anos de paciência e infatigável labor, conquistar Tiro; o Egito também caiu presa de seus exércitos vitoriosos; e ao acrescentar ele nação após nação ao domínio babilônico, mais e mais cresceu a sua fama como o maior governante do século.

Não surpreende que o bem-sucedido monarca, tão ambicioso e de espírito tão exaltado, fosse tentado a desviar-se do caminho da humildade, o único que leva à verdadeira grandeza. Nos intervalos de suas guerras de conquista, dedicou-se muito a embelezar e fortificar sua capital, até que afinal a cidade de Babilônia se tornou a principal glória do seu reino, "a cidade dourada" (Isaías 14:4), o louvor de

toda a Terra. Sua paixão como construtor, e seu assinalado sucesso em tornar Babilônia uma das maravilhas do mundo, trabalharam o seu orgulho, até que ele esteve no grave perigo de despojar o seu registro do fato de ser um sábio rei a quem Deus poderia usar como instrumento para executar o propósito divino.

Em misericórdia Deus deu ao rei outro sonho, para adverti-lo do perigo em que estava, e do engano a que tinha sido levado para sua ruína. Numa visão da noite, foi mostrado a Nabucodonosor uma [263] grande árvore que crescia no meio da Terra, cujo topo alcançava o céu, e seus ramos se estendiam até as extremidades da Terra. Animais dos campos e montanhas se abrigavam sob sua sombra, e as aves do céu construíam ninhos em seus ramos. "A sua folhagem era formosa, e o seu fruto, abundante, e havia nela sustento para todos; [...] e toda carne se mantinha dela". Daniel 4:12.

Estando o rei a contemplar a árvore altaneira, viu ele que "um vigia, um santo" (Daniel 4:13), se aproximou da árvore, e em alta voz clamou:

"Derribai a árvore, e cortai-lhe os ramos, e sacudi as suas folhas, e espalhai o seu fruto; afugentem-se os animais de debaixo dela e as aves dos seus ramos. Mas o tronco, com as suas raízes, deixai na terra e, com cadeias de ferro e de bronze, na erva do campo; e seja molhado do orvalho do céu, e a sua porção seja com os animais na grama da terra. Seja mudado o seu coração, para que não seja mais coração de homem, e seja-lhe dado coração de animal; e passem sobre ele sete tempos. Esta sentença é por decreto dos vigiadores, e esta ordem, por mandado dos santos; a fim de que conheçam os viventes que o Altíssimo tem domínio sobre os reinos dos homens; e os dá a quem quer e até ao mais baixo dos homens constitui sobre eles". Daniel 4:14-17.

Grandemente perturbado pelo sonho, que era evidentemente uma predição de adversidade, o rei repetiu-o para "os magos, os astrólogos, os caldeus e os adivinhadores" (Daniel 4:7), mas embora o sonho fosse muito explícito, nenhum dos sábios pôde interpretá-lo.

Uma vez mais nessa nação idólatra devia ser dado testemunho do fato de que unicamente aqueles que amam e temem a Deus podem compreender os mistérios do reino do Céu. O rei em sua perplexidade mandou em busca de seu servo Daniel, homem estimado por sua integridade e constância e por sua inigualada sabedoria.

Quando Daniel, em resposta à convocação real, apresentou-se ante o rei, Nabucodonosor disse: "Beltessazar, príncipe dos magos, eu sei que há em ti o espírito dos deuses santos, e nenhum segredo te é difícil; dize-me as visões do meu sonho que tive e a sua interpretação". Daniel 4:9. Após relatar o sonho, Nabucodonosor disse: "Tu, pois, Beltessazar, dize a interpretação; todos os sábios do meu reino não puderam fazer-me saber a interpretação, mas tu podes; pois há em ti o espírito dos deuses santos". Daniel 4:18.

Para Daniel o significado do sonho foi claro, e este significado o alarmou. Ele "esteve atônito quase uma hora, e os seus pensamentos o turbavam". Percebendo a hesitação e angústia de Daniel, o rei manifestou simpatia por seu servo. "Beltessazar", disse ele, "não te espante o sonho, nem a sua interpretação."

"Senhor meu", respondeu Daniel, "o sonho seja contra os que te têm ódio, e a sua interpretação, para os teus inimigos". Daniel 4:19. O profeta compreendeu que sobre ele tinha Deus colocado o solene dever de revelar a Nabucodonosor o juízo que estava para lhe sobrevir em virtude de seu orgulho e arrogância. Daniel precisava [264] interpretar o sonho em linguagem que o rei pudesse compreender; e embora o seu terrível conteúdo o tivesse feito hesitar em muda estupefação, ele tinha que dizer a verdade, fossem quais fossem as conseqüências para si.

Então Daniel deu a conhecer o mandado do Todo-poderoso. "A árvore que viste", disse ele, "que cresceu e se fez forte, cuja altura chegava até ao céu, e que foi vista por toda a Terra; cujas folhas eram formosas, e o seu fruto, abundante, e em que para todos havia mantimento; debaixo da qual moravam os animais do campo, e em cujos ramos habitavam as aves do céu, és tu, ó rei, que cresceste e te fizeste forte; a tua grandeza cresceu e chegou até ao céu, e o teu domínio, até à extremidade da Terra.

"E, quanto ao que viu o rei, um vigia, um santo, que descia do céu e que dizia: Cortai a árvore e destruí-a, mas o tronco, com as suas raízes, deixai na terra e, com cadeias de ferro e de bronze, na erva do campo; e seja molhado do orvalho do céu, e a sua porção seja com os animais do campo, até que passem sobre ele sete tempos, esta é a interpretação, ó rei; e este é o decreto do Altíssimo, que virá sobre o rei, meu senhor: serás tirado de entre os homens, e a tua morada será com os animais do campo, e te farão comer erva

como os bois, e serás molhado do orvalho do céu; e passar-se-ão sete tempos por cima de ti, até que conheças que o Altíssimo tem domínio sobre o reino dos homens e o dá a quem quer. E, quanto ao que foi dito, que deixassem o tronco com as raízes da árvore, o teu reino voltará para ti, depois que tiveres conhecido que o Céu reina". Daniel 4:20-26.

Havendo interpretado fielmente o sonho, Daniel apelou ao orgulhoso monarca para que se arrependesse e voltasse para Deus, para que pelo reto proceder ele pudesse desviar a calamitosa ameaça. "Ó rei", suplicou o profeta, "aceita o meu conselho e desfaze os teus pecados pela justiça e as tuas iniqüidades, usando de misericórdia para com os pobres, e talvez se prolongue a tua tranqüilidade". Daniel 4:27.

Por algum tempo a impressão da advertência e o conselho do profeta exerceu forte influência sobre Nabucodonosor; mas o coração não transformado pela graça de Deus logo perde as impressões do Espírito Santo. A condescendência própria e ambição não haviam ainda sido erradicadas do coração do rei, e esses traços mais tarde reapareceram. Não obstante a instrução tão graciosamente dada, e as advertências da passada experiência, Nabucodonosor permitiu-se ser controlado pelo espírito de ciúmes em relação aos reinos que se deviam seguir. Seu governo, que até então havia sido em grande medida justo e misericordioso, tornou-se opressor. Endurecendo o seu coração, ele usou os talentos que Deus lhe dera para a glorificação de si mesmo, exaltando-se acima do Deus que lhe dera vida e poder.

Por meses, o juízo de Deus foi retardado. Mas em vez de ser levado ao arrependimento por esta tolerância, o rei acariciou o seu orgulho até que perdeu a confiança na interpretação do sonho, e riu [265] de seus antigos temores.

Um ano depois que havia recebido a advertência, andando Nabucodonosor a passear em seu palácio, e pensando com orgulho sobre o seu poder como governante e sobre o seu sucesso como edificador, exclamou: "Não é esta a grande Babilônia que eu edifiquei para a casa real, com a força do meu poder e para glória da minha magnificência?" Daniel 4:30.

Enquanto a jactanciosa declaração estava ainda nos lábios do rei, uma voz do céu anunciou que o tempo indicado por Deus para o juízo havia chegado. Em seus ouvidos caiu o mandado de Jeová: "A

ti se diz, ó rei Nabucodonosor: Passou de ti o reino. E serás tirado dentre os homens, e a tua morada será com os animais do campo; far-te-ão comer erva como os bois, e passar-se-ão sete tempos sobre ti, até que conheças que o Altíssimo tem domínio sobre os reinos dos homens e os dá a quem quer”. Daniel 4:31, 32.

Num momento a razão que Deus lhe havia dado foi tirada; o discernimento que o rei julgada perfeito, a sabedoria de que ele se orgulhava, foram removidos, e o até então poderoso governante tornou-se de momento um maníaco. Sua mão não pôde mais suster o cetro. As mensagens de advertência haviam sido desatendidas; agora, destituído do poder que o seu Criador lhe havia dado, e expulso dentre os homens, Nabucodonosor “passou a comer erva como os bois, o seu corpo foi molhado do orvalho do céu, até que lhe cresceram os cabelos como as penas da águia, e as suas unhas, como as das aves”. Daniel 4:33.

Durante sete anos Nabucodonosor foi um espanto para todos os seus súditos; por sete anos foi humilhado perante todo o mundo. Então sua razão foi restaurada, e levantando os olhos em humildade ao Deus do Céu, ele reconheceu a mão divina no seu castigo. Numa proclamação pública ele admitiu a sua culpa, e a grande misericórdia de Deus em sua restauração. “Ao fim daqueles dias”, ele disse, “eu, Nabucodonosor, levantei os meus olhos ao céu, tornou-me a vir o entendimento, e eu bendisse o Altíssimo, e louvei, e glorifiquei ao que vive para sempre, cujo domínio é sempiterno, e cujo reino é de geração em geração. Todos os moradores da Terra são por Ele reputados em nada; e segundo a Sua vontade, Ele opera com o exército do Céu e os moradores da Terra; não há quem Lhe possa deter a mão, nem Lhe dizer: Que fazes?

“Tão logo me tornou a vir o entendimento, também, para a dignidade do meu reino, tornou-me a vir a minha majestade e o meu resplendor; buscaram-me os meus conselheiros e os meus grandes; fui restabelecido no meu reino, e a mim se me ajuntou extraordinária grandeza”. Daniel 4:34-36.

O outrora orgulhoso rei tinha-se tornado um humilde filho de Deus; o governante tirânico e opressor tornara-se um rei sábio e compassivo. Aquele que tinha desafiado o Deus do Céu e dEle blasfemado, reconhecia agora o poder do Altíssimo, e fervorosamente procurou promover o temor de Jeová e a felicidade dos seus súditos.

[266] Sob a repreensão dAquele que é Rei dos reis e Senhor dos senhores, Nabucodonosor tinha afinal aprendido a lição que todos os reis precisam aprender — de que a verdadeira grandeza consiste na verdadeira bondade. Ele reconheceu a Jeová como o Deus vivo, dizendo: “Eu, Nabucodonosor, louvo, exalço e glorifico ao Rei do Céu, porque todas as Suas obras são verdadeiras, e os Seus caminhos, justos, e pode humilhar aos que andam na soberba”. Daniel 4:37.

O propósito de Deus de que o maior reino do mundo mostrasse o Seu louvor, estava agora cumprido. Esta proclamação pública, em que Nabucodonosor reconhecia a misericórdia, bondade e autoridade [267] de Deus, foi o último ato de sua vida registrado na história sacra.

Capítulo 43 — O vigia invisível

Este capítulo é baseado em Daniel 5.

Para o fim da vida de Daniel, grandes mudanças tiveram lugar na terra para a qual, havia mais de sessenta anos, ele e seus companheiros hebreus tinham sido levados cativos. Nabucodonosor, "o mais formidável dentre as nações" (Ezequiel 28:7), tinha morrido, e Babilônia, "a glória de toda a Terra" (Jeremias 51:41), tinha passado às mãos de desavisados sucessores, e a dissolução estava sendo o resultado gradual mas certo.

Graças à loucura e fragilidade de Belsazar, o neto de Nabucodonosor, a orgulhosa Babilônia devia logo cair. Admitido em sua juventude a partilhar da autoridade real, Belsazar se gloriou de seu poder, e exaltou-se em seu coração contra o Deus do Céu. Muitas tinham sido as suas oportunidades de conhecer a vontade divina, e compreender sua responsabilidade de render-Lhe obediência. Estava ele informado do banimento de seu avô, pelo decreto de Deus, da sociedade dos homens; e estava familiarizado com a conversão e miraculosa restauração de Nabucodonosor. Mas Belsazar permitiu que o amor dos prazeres e a glorificação do eu obliterassem as lições que jamais devia ter esquecido. Ele desperdiçou as oportunidades que graciosamente lhe foram providas, e negligenciou o uso dos meios que estavam ao seu alcance para se tornar mais amplamente familiarizado com a verdade. Aquilo que Nabucodonosor tinha finalmente alcançado a preço de inauditos sofrimentos e humilhação, Belsazar passou por alto com indiferença.

Não demorou que viessem os contratempos. Babilônia foi sitiada por Ciro, sobrinho de Dario, o medo, e comandante geral dos exércitos combinados da Média e da Pérsia. Mas dentro das fortalezas aparentemente inexpugnáveis, com suas muralhas maciças e seus portões de bronze, protegida pelo rio Eufrates, e com abundante provisão em estoque, o voluptuoso rei sentiu-se seguro, e passava seu tempo em folguedos e festança.

Em seu orgulho e arrogância, com um temerário senso de segurança, Belsazar “deu um grande banquete a mil dos seus grandes, e bebeu vinho na presença dos mil”. Daniel 5:1. Todas as atrações que a riqueza e o poder podem proporcionar, acrescentavam esplendor à cena. Belas mulheres com seus encantos estavam entre os hóspedes em atendimento ao banquete real. Homens de talento e educação estavam presentes. Príncipes e estadistas bebiam vinho como água, [268] e se aviltavam sob sua enlouquecedora influência.

A razão destronada pela despudorada intoxicação, os mais baixos impulsos e paixões agora em ascendência, o rei em pessoa tomou a dianteira na dissoluta orgia. Ao prosseguir a festa, ele “mandou trazer os vasos de ouro e de prata, que Nabucodonosor, [...] tinha tirado do templo que estava em Jerusalém, para que bebessem por eles”. O rei queria provar que nada era demasiado sagrado para que suas mãos tocassem. “Então trouxeram os vasos de ouro [...] e beberam por eles o rei, os seus grandes, as suas mulheres e concubinas. Beberam o vinho, e deram louvores aos deuses de ouro, e de prata, de cobre, de ferro, de madeira, e de pedra”. Daniel 5:2-4.

Mal imaginava Belsazar que havia uma Testemunha celestial de sua grosseira idolatria; que um divino Vigia, incógnito, olhava a cena de profanação, ouvia a sacrílega hilaridade, contemplava a idolatria. Mas logo o Hóspede não convidado fez sentir a Sua presença. Quando a orgia ia alta, uma pálida mão apareceu, e traçou na parede do palácio caracteres que luziam como fogo — palavras que, embora desconhecidas ao vasto auditório, eram um sinal de condenação ao rei, agora ferido em sua consciência, e seus hóspedes.

Cessou a ruidosa festa, enquanto homens e mulheres, possuídos de terror, observavam a mão traçando os misteriosos caracteres. Perante eles passaram-se, como numa visão panorâmica, as obras de suas vidas más; parecia-lhes estarem citados ante o tribunal do eterno Deus, cujo poder eles acabavam de desafiar. Onde apenas poucos momentos antes havia hilaridade e ditos blasfemos, viam-se agora faces pálidas e exclamações de terror. Quando Deus faz os homens temerem, eles não podem ocultar a intensidade desse terror.

Belsazar era o mais aterrorizado de todos eles. Era ele que, sobre todos os demais, tinha sido responsável pela rebelião contra Deus, que nessa noite alcançara o seu apogeu no domínio babilônico. Na presença da invisível Testemunha, representante dAquele cujo

poder tinha sido desafiado e cujo nome fora blasfemado, o rei sentiu-se paralisado de temor. A consciência despertou. "As juntas dos seus lombos se relaxaram, e os seus joelhos bateram um no outro." Belsazar se levantara impiamente contra o Deus do Céu, e tinha confiado em seu próprio poder, não supondo que alguém ousasse dizer: "Por que fazes isto?" Mas agora sentia que precisava prestar contas da sua mordomia, e que por suas oportunidades malbaratadas e desafiadora atitude não podia apresentar justificativas.

Em vão o rei procurou ler as letras de fogo. Mas ali estava um segredo que ele não podia compreender e um poder que ele não podia nem compreender e nem contestar. Em desespero ele se voltou para os sábios do reino em busca de auxílio. Suas desvairadas exclamações irromperam na assembléia, chamando os astrólogos, os caldeus, os adivinhos, para que lhe lessem a escritura. "Qualquer que ler esta escritura", ele prometeu, "e me declarar a sua interpretação, será [269] vestido de púrpura, e trará uma cadeira de ouro ao pescoço, e será no reino o terceiro dominador." Mas de nada adiantaram seus apelos a seus acreditados conselheiros com promessas de rica recompensa. A sabedoria celestial não pode ser comprada ou vendida. "Todos os sábios do rei [...] não puderam ler a escritura, nem fazer saber ao rei a sua interpretação". Daniel 5:6-8. Eles não eram mais capazes de ler os misteriosos caracteres do que tinham sido os sábios da geração anterior de interpretar os sonhos de Nabucodonosor.

Então a rainha-mãe se lembrou de Daniel que, cerca de meio século antes, tinha feito conhecer ao rei Nabucodonosor o sonho da grande imagem e sua interpretação. "Ó rei, vive para sempre" disse ela. "Não se turbem os teus pensamentos, nem se mude o teu semblante. Há no teu reino um homem, que tem o espírito dos deuses santos; e nos dias de teu pai se achou nele luz, e inteligência, e sabedoria, como a sabedoria dos deuses; e [...] o rei Nabucodonosor [...] o constituiu chefe dos magos, dos astrólogos, dos caldeus, e dos adivinhadores; porquanto se achou neste Daniel um espírito excelente, e ciência e entendimento, interpretando sonhos, e explicando enigmas, e solvendo dúvidas, ao qual o rei pôs o nome de Beltessazar. Chame-se pois agora Daniel e ele dará a interpretação.

"Então Daniel foi introduzido à presença do rei." Fazendo um esforço para reconquistar sua compostura, Belsazar disse ao profeta: "És tu aquele Daniel, dos cativos de Judá, que o rei, meu pai, trouxe

de Judá? Tenho ouvido dizer a teu respeito que o espírito dos deuses está em ti, e que a luz, e o entendimento e a excelente sabedoria se acham em ti. Acabam de ser introduzidos à minha presença os sábios e os astrólogos, para lerem esta escritura, e me fazerem saber a sua interpretação; mas não puderam dar a interpretação destas palavras. Eu, porém, tenho ouvido dizer de ti que podes dar interpretações e solver dúvidas. Agora, se puderes ler esta escritura, e fazer-me saber a sua interpretação, serás vestido de púrpura, e terás cadeia de ouro ao pescoço, e no reino serás o terceiro dominador". Daniel 5:10-16.

Diante dessa aterrorizada aglomeração, Daniel, insensível às promessas do rei, permanecia na tranqüila dignidade de um servo do Altíssimo, não para pronunciar palavras de adulação, mas para interpretar uma mensagem de condenação. "Os teus dons fiquem contigo", ele disse, "e dá os teus presentes a outro; todavia lerei ao rei a escritura, e lhe farei saber a interpretação."

O profeta primeiro lembrou a Belsazar assuntos que lhe eram familiares, mas que lhe não tinham ensinado a lição de humildade que poderia tê-lo salvo. Ele falou do pecado e queda de Nabucodonosor, e do trato do Senhor para com ele — o domínio e glória que lhe foram concedidos, o juízo divino por seu orgulho e subseqüente reconhecimento do poder e misericórdia do Deus de Israel; e então [270] com palavras ousadas e enfáticas ele repreendeu a Belsazar por sua grande impiedade. Ele trouxe o pecado do rei ante este, mostrando-lhe as lições que ele podia ter aprendido mas não aprendeu. Belsazar não tinha compreendido corretamente a experiência de seu avô, nem acatara as advertências de fatos tão significativos para si. A oportunidade de conhecer e obedecer ao verdadeiro Deus tinha-lhe sido dada, mas não tinha sido levada ao coração, e ele estava prestes a colher as conseqüências da sua rebelião.

"E tu [...] Belsazar", o profeta declarou, "não humilhaste o teu coração, ainda que soubesses tudo isto. E te levantaste contra o Senhor do Céu, pois foram trazidos os vasos da casa dEle perante ti, e tu, os teus grandes, as tuas mulheres e as tuas concubinas, bebestes vinho por eles; além disto, deste louvores aos deuses de prata, de ouro, de cobre, de ferro, de madeira e de pedra, que não vêem, não ouvem, nem sabem; mas a Deus, em cuja mão está a tua vida, e todos os teus caminhos, a Ele não glorificaste. Então dEle foi enviada aquela parte da mão, e escreveu-se esta escritura".

Tornando à mensagem do Céu escrita na parede, o profeta leu: “MENE, MENE, TEQUEL e PARSIM.” A mão que havia traçado os caracteres não se via mais, mas estas quatro palavras estavam ainda luzindo com terrível clareza; e agora com a respiração suspensa o povo estava atento enquanto o idoso profeta declarava: “Esta é a interpretação daquilo: MENE: Contou Deus o teu reino, e o acabou. TEQUEL: Pesado foste na balança, e foste achado em falta. PERES: Dividido foi o teu reino, e deu-se aos medos e aos persas”. Daniel 5:17-28.

Nessa última noite de louca orgia, Belsazar e seus grandes tinham enchido a medida de sua culpa e da culpa do reino caldeu. A mão de Deus não mais desviaria o mal impendente. Através de multiformes providências, Deus tinha procurado ensinar-lhes reverência por Sua lei. “Queríamos sarar Babilônia”, declarou Ele a respeito daqueles cujo juízo agora alcançava o Céu, “mas ela não sarou”. Jeremias 51:9. Em virtude da estranha perversidade do coração humano, Deus achou ser necessário afinal passar a irrevogável sentença. Belsazar devia cair, e seu reino devia passar a outras mãos.

Havendo o profeta terminado de falar, o rei ordenou que fossem cumpridas as honras prometidas; e em harmonia com isto, “mandou Belsazar que vestissem a Daniel de púrpura, e que lhe pusessem uma cadeia de ouro ao pescoço, e proclamassem a respeito dele que havia de ser o terceiro dominador do reino”. Daniel 5:29.

Mais de um século antes a Inspiração havia predito que “a noite que eu desejava”, quando o rei e seus conselheiros se rivalizariam em blasfêmias contra Deus, seria mudada subitamente numa ocasião de destruição e temor. E agora, em rápida sucessão, momentosos eventos seguiam-se uns aos outros exatamente como tinham sido retratados pelas escrituras proféticas anos antes que os principais personagens do drama tivessem nascido. [271]

Enquanto ainda no salão de festas, rodeado por aqueles cuja sorte tinha sido selada, o rei foi informado por um mensageiro que “a sua cidade foi tomada” pelo inimigo contra cujos planos ele se imaginara seguro; que “os vaus estão ocupados [...] e os homens de guerra ficaram assombrados”. Jeremias 51:31, 32. No exato momento em que o rei e seus nobres estavam bebendo pelos vasos sagrados de Jeová, e louvando a seus deuses de prata e outro, os medos e persas, havendo desviado do seu leito o Eufrates, estavam marchando para

o coração da cidade desguarnecida. O exército de Ciro estava agora sob os muros do palácio; a cidade estava cheia de soldados inimigos "como de pulgão" (Jeremias 51:14), e seus gritos triunfantes podiam ser ouvidos sobre o desesperado clamor dos foliões atônitos.

"Naquela mesma noite foi morto Belsazar, rei dos caldeus" (Daniel 5:30), e um rei estrangeiro ocupou o trono.

Os profetas hebreus haviam falado claramente sobre a maneira como Babilônia devia cair. Havendo-lhes Deus revelado em visão os eventos do futuro, eles exclamaram: "Como foi tomada Sesaque, e apanhada de surpresa a glória de toda a Terra como se tornou Babilônia um espanto entre as nações" "Como foi cortado e quebrado o martelo de toda a Terra! Como se tornou Babilônia em espanto entre as nações"! Jeremias 51:41. "Ao estrondo da tomada de Babilônia estremeceu a terra; e o grito se ouviu entre as nações". Jeremias 50:23, 46.

"Num momento caiu Babilônia." "Porque o destruidor vem sobre ela, sobre Babilônia, e os seus valentes serão presos, já estão quebrados os seus arcos; porque o Senhor, Deus das recompensas, certamente lhe retribuirá. E embriagarei os seus príncipes, e os seus sábios, e os seus capitães, e os seus magistrados, e os seus valentes; e dormirão um sono perpétuo, e não acordarão, diz o Rei, cujo nome é o Senhor dos Exércitos". Jeremias 51:8, 56, 57.

"Laços te armei, e também foste presa, ó Babilônia, e tu não o soubeste; foste achada, e também apanhada, porque contra o Senhor te entremeteste. O Senhor abriu o teu tesouro, e tirou os instrumentos da Sua indignação; porque o Senhor, o Senhor dos Exércitos, tem uma obra a realizar na terra dos caldeus."

"Assim diz o Senhor dos Exércitos: Os filhos de Israel e os filhos de Judá foram oprimidos juntamente; e todos os que os levaram cativos os retiveram, não os quiseram soltar. Mas o seu Redentor é forte, o Senhor dos Exércitos é o Seu nome; certamente pleiteará a causa deles, para dar descanso à terra, e inquietar os moradores de Babilônia". Jeremias 50:24, 25, 33, 34.

Assim, "os largos muros de Babilônia" foram "totalmente derribados, e as suas portas excelsas [...] abrasadas pelo fogo". Assim Jeová dos Exércitos fez "cessar a arrogância dos atrevidos", e abateu "a soberba dos tiranos". Jeremias 51:58. Assim Babilônia, o ornamento dos reinos, a glória e a soberba dos caldeus", tornou-se como

Sodoma e Gomorra — um lugar para sempre amaldiçoado. “Nunca mais será habitada”, a Inspiração havia declarado, “nem reedificada de geração em geração; nem o árabe armará ali a sua tenda, nem tão pouco os pastores ali farão deitar os seus rebanhos. Mas as feras do deserto repousarão ali, e as suas casas se encherão de horríveis animais; e ali habitarão as avestruzes, e os sátiros pularão ali. E as feras que uivam gritarão umas às outras nos seus palácios vazios, como também os chacais nos seus palácios de prazer”. Isaías 13:11, 19-22. “E reduzi-la-ei a possessão de corujas e a lagoas de águas, e varrê-la-ei com vassoura de perdição, diz o Senhor dos Exércitos”. Isaías 14:23. [272]

Ao último rei de Babilônia, como em tipo ao primeiro, viera a sentença do divino Vigia: “A ti se diz, ó rei: Passou de ti o reino”. Daniel 4:31.

“Desce, e assenta-te no pó,
ó virgem filha de Babilônia;
assenta-te no chão; não há já trono. [...]
Assenta-te silenciosa, e entra nas trevas,
ó filha dos caldeus,
porque nunca mais serás chamada senhora de reinos.
Muito agastei contra o Meu povo,
tornei profana a Minha herança,
e os entreguei na tua mão;
não usaste com eles de misericórdia. [...]
E dizias: Eu serei senhora para sempre;
até agora não tomaste estas coisas em teu coração,
nem te lembraste do fim delas.
Agora pois ouve isto,
tu que és dada a delícias,
que habitas tão segura,
que dizes no teu coração: Eu sou,
e fora de mim não há outra;
não ficarei viúva, nem conhecerei a perda de filhos. [...]
Mas ambas estas coisas virão sobre ti num momento,
no mesmo dia, perda de filhos e viuvez;
em toda a sua força virão sobre ti,
por causa da multidão das tuas feitiçarias,

por causa da abundância dos teus muitos encantamentos.
Porque confiaste na tua maldade,
e disseste: Ninguém me pode ver.

A tua sabedoria e a tua ciência,
isto te fez desviar,
e disseste no teu coração: Eu sou,
e fora de mim não há outra.
Pelo que sobre ti virá mal de
que não saberás a origem,
e tal destruição cairá sobre ti,
que a não poderás afastar;
porque virá sobre ti de repente tão tempestuosa desolação,
que a não poderás conhecer.
Deixa-te estar com os teus encantamentos,
e com a multidão das tuas feitiçarias em
que trabalhaste desde a tua mocidade,
e ver se podes tirar proveito,
ou, se porventura te podes fortificar.
Cansaste-te na multidão dos teus conselheiros;
levantem-se pois agora os agoureiros do céu,
os que contemplavam os astros,
e salvem-te do que há de vir sobre ti.
Eis que serão como a pragana [...]
Não poderão salvar a tua vida do poder da labareda [...]
Ninguém te salvará".

Isaías 47:1-15.

A cada nação que tem surgido no cenário da ação tem sido permitido ocupar o seu lugar na Terra, para que seja comprovado o fato de que ela cumpriu ou não os propósitos do Santo e Vigia. A profecia traçou o surgimento e progresso dos grandes impérios mundiais: Babilônia, Medo-Pérsia, Grécia e Roma. Com cada uma delas, bem como com as nações de menos poder, a história tem-se repetido. Cada uma tem o seu período de prova; cada uma tem falhado, sua glória fenecido e passado seu poder. [273]

Conquanto as nações tenham rejeitado os princípios de Deus, e nesta rejeição tenham obrado a própria ruína, um divino e soberano

propósito tem manifestamente estado a operar através dos séculos. Foi isto que o profeta Ezequiel viu na maravilhosa representação que lhe foi dada durante o exílio na terra dos caldeus, quando ante os seus olhos atônitos foram apresentados os símbolos que revelavam um Poder dominante que trata com os negócios dos soberanos terrestres.

Sobre as barrancas do rio Quebar, Ezequiel contemplou um vento tempestuoso que parecia vir do norte, "uma grande nuvem, como um fogo a revolver-se; e um resplendor ao redor dela, e no meio uma coisa como cor de âmbar". Uma porção de rodas intercaladas umas nas outras eram movidas por quatro seres viventes. E por cima de tudo "havia uma semelhança de trono, como de uma safira; e sobre a semelhança do trono havia como que a semelhança dum homem, no alto, sobre ele". Ezequiel 1:4, 26. "E apareceu nos querubins uma semelhança de mão de homem debaixo de suas asas". Ezequiel 10:8. As rodas eram de um arranjo tão complicado, que à primeira vista pareciam uma confusão; não obstante elas se moviam em perfeita harmonia. Seres celestiais, sustentados e guiados pela mão sob as asas dos querubins, estavam impelindo essas rodas; acima deles, sobre o trono de safira, estava o Eterno; e ao redor do trono havia um arco-íris, símbolo da divina misericórdia.

Assim como as rodas com aparência tão complicada estavam sob a guia da mão por baixo das asas dos querubins, também o complicado jogo dos eventos humanos está sob divino controle. Em meio a lutas e tumultos das nações, Aquele que Se assenta sobre querubins ainda guia os negócios da Terra.

A história das nações fala-nos a nós hoje. Deus tem designado um lugar em Seu grande plano para cada nação e cada indivíduo. Homens e nações estão sendo hoje testados pelo prumo na mão dAquele que não erra. Todos estão por sua própria escolha decidindo o seu destino, e Deus está superintendendo a tudo para a realização dos Seus propósitos.

As profecias que o grande EU SOU tem dado em Sua Palavra, unindo elo com elo na cadeia dos acontecimentos, da eternidade no passado à eternidade no futuro, dizem-nos onde estamos hoje na sucessão dos séculos, e o que se pode esperar no tempo por vir. Tudo o que a profecia tem predito que haveria de acontecer, até o presente, tem tomado lugar nas páginas da História, e podemos estar

certos de que tudo quanto ainda está por suceder será cumprido no seu devido tempo.

Hoje os sinais dos tempos declaram que estamos no limiar de grandes e solenes eventos. Tudo em nosso mundo está em agitação. Ante nossos olhos cumprem-se as profecias do Salvador, de acontecimentos que precederiam Sua vinda. "E ouvireis de guerras e de [274] rumores de guerra. [...] Porquanto se levantará nação contra nação, e reino contra reino, e haverá fomes, e pestes, e terremotos, em vários lugares". Mateus 24:6, 7.

O tempo presente é de dominante interesse para todo o vivente. Governadores e estadistas, homens que ocupam posições de confiança e autoridade, homens e mulheres pensantes de todas as classes, têm fixa a sua atenção nos fatos que se desenrolam em redor de nós. Acham-se a observar as relações tensas e inquietas que existem entre as nações. Observam a intensidade que está tomando posse de todo o elemento terrestre, e reconhecem que algo de grande e decisivo está para ocorrer, ou seja, que o mundo se encontra à beira de uma crise estupenda.

Só a Bíblia permite uma visão correta dessas coisas. Nela estão reveladas as grandes cenas finais da história de nosso mundo, acontecimentos que já estão lançando suas primeiras sombras, o som de cuja aproximação fazendo tremer a Terra, e o coração dos homens desmaiando de terror.

"Eis que o Senhor esvazia a Terra, e a desola, e transtorna a sua superfície, e dispersa os seus moradores [...] porquanto transgridem as leis, mudam os estatutos, e quebram a aliança eterna. Por isso a maldição consome a Terra, e os que habitam nela serão desolados". Isaías 24:1-6.

"Ah! aquele dia porque o dia do Senhor está perto, e virá como uma assolação do Todo-poderoso. [...] A semente apodreceu debaixo dos seus torrões, os celeiros foram assolados, os armazéns derribados, porque se secou o trigo. Como geme o gado as manadas de vacas estão confusas, porque não têm pasto; também os rebanhos de ovelhas são destruídos". "A vide se secou, a figueira se murchou; a romeira também, e a palmeira e a macieira; todas as árvores do campo se secaram, e a alegria se secou entre os filhos dos homens". Joel 1:15-18, 12.

“Estou ferido no meu coração! [...] não me posso calar, porque tu, ó minha alma, ouviste o som da trombeta e o alarido da guerra. Quebranto sobre quebranto se apregoa; porque já toda a Terra está destruída”. Jeremias 4:19, 20.

“Ah porque aquele dia é tão grande que não houve outro semelhante e é tempo de angústia para Jacó; ele porém será livrado dela”. Jeremias 30:7.

“Porque Tu, ó Senhor, és o meu refúgio! O Altíssimo é a tua habitação.

Nenhum mal te sucederá, nem praga alguma chegará a tua tenda”. Salmos 91:9, 10.

“Ó filha de Sião [...] ali te remirá o Senhor da mão de teus inimigos. Agora se congregaram muitas nações contra ti, que dizem: Seja profanada, e os nossos olhos verão o seu desejo sobre Sião. Mas não sabem os pensamentos do Senhor, nem entendem o Seu conselho”. Miquéias 4:10-12. Deus não faltará a Sua igreja na hora do maior perigo. Ele prometeu livramento. “Eis que acabarei o cativeiro das tendas de Jacó”, Ele declarou, “e apiedar-Me-ei das suas moradas”. Jeremias 30:18.

Então o propósito de Deus se cumprirá; os princípios do Seu reino serão honrados por todos os que habitam debaixo do Sol. [275]

Capítulo 44 — Na cova dos leões

Este capítulo é baseado em Daniel 6.

Quando Dario, o Medo, subiu ao trono anteriormente ocupado pelos reis babilônicos, tomou para logo medidas no sentido de reorganizar o governo. Ele constituiu "sobre o reino a cento e vinte presidentes [...] e sobre eles três príncipes, dos quais Daniel era um, aos quais estes presidentes dessem conta, para que o rei não sofresse dano. Então o mesmo Daniel se distinguiu destes príncipes e presidentes, porque nele havia um espírito excelente; e o rei pensava constituí-lo sobre todo o reino".

As honras concedidas a Daniel despertaram o ciúme dos líderes do reino, e eles procuravam ocasião de queixa contra ele. Mas não podiam achar, "porque ele era fiel, e não se achava nele nenhum vício nem culpa".

A irrepreensível conduta de Daniel provocou ainda mais a inveja dos seus inimigos. "Nunca acharemos ocasião alguma contra este Daniel", eles foram constrangidos a reconhecer, "se não a procurarmos contra ele na lei do seu Deus". Daniel 6:1-5.

Então presidentes e príncipes, em mútuo conselho, traçaram um plano pelo qual esperavam conseguir a destruição do profeta. Eles se determinaram pedir ao rei a assinatura de um decreto proibindo que qualquer pessoa no reino fizesse alguma petição a qualquer deus ou a qualquer homem, que não a Dario, o rei, pelo espaço de trinta dias. A violação deste decreto seria punida lançando-o o transgressor na cova dos leões.

De comum acordo os príncipes prepararam o referido decreto, e apresentaram-no a Dario para que este o assinasse. Apelando a sua vaidade, eles o persuadiram de que a execução deste decreto lhe acrescentaria grande honra e autoridade. Ignorando o sutil propósito dos príncipes, o rei não percebeu a animosidade deles no edito, e cedendo a sua lisonja assinou-o.

Os inimigos de Daniel deixaram a presença de Dario, exaltando-se a respeito do laço que seguramente haviam armado para o servo de Jeová. Na conspiração assim formada tinha Satanás desempenhado importante parte. O profeta havia sido exaltado em mando no reino, e os anjos maus temiam que sua influência pudesse enfraquecer-lhes o controle sobre seus governantes. Foram essas forças satânicas que impeliram os príncipes a sentir inveja e ciúmes; foram eles que inspiraram o plano da destruição de Daniel; e os príncipes, rendendo-se aos instrumentos do mal, levaram-nos à execução.

Os inimigos do profeta contavam com o firme apego de Daniel ao princípio para o sucesso de seu plano. E eles não estavam errados na estimativa do seu caráter. Ele percebeu logo o maligno propósito [276] que tiveram na elaboração do decreto, mas não mudou a sua conduta num mínimo que fosse. Por que deveria ele deixar de orar agora, quando mais necessário era orar? Antes renunciaria à própria vida a renunciar a sua esperança de auxílio em Deus. Tranqüilamente ele desempenhou seus deveres como chefe dos príncipes; e na hora da oração dirigiu-se para o seu aposento, e com as janelas abertas para o lado de Jerusalém, de acordo com o costume, fez as suas petições ao Deus do Céu. Ele não procurou ocultar o seu ato. Embora soubesse muito bem quais as conseqüências de sua fidelidade a Deus, seu espírito não vacilou. Ante os que estavam tramando a sua ruína, ele não permitira sequer a aparência de que sua ligação com o Céu estava interrompida. Em todos os casos onde o rei tivesse o direito de ordenar, Daniel obedeceria; mas nem o rei nem o seu decreto poderiam fazê-lo desviar-se de sua obediência ao Rei dos reis.

Assim ousada, embora quieta e humildemente, o profeta declarou que nenhum poder terreno tem o direito de interpor-se entre a alma e Deus. Cercado por idólatras, ele era uma fiel testemunha desta verdade. Seu inquebrantável apego ao direito era uma brilhante luz nas trevas morais dessa corte pagã. Daniel está perante o mundo hoje como um digno exemplo do destemor e fidelidade cristãos.

Durante todo um dia os príncipes observaram Daniel. Três vezes viram-no dirigir-se ao seu aposento, e três vezes ouviram sua voz erguer-se em fervente intercessão a Deus. Na manhã seguinte fizeram sua denúncia perante o rei. Daniel, seu mais honrado e fiel estadista, tinha votado ao desprezo o decreto real. "Porventura não assinaste o edito", lembraram-lhe, "pelo qual todo o homem que fizesse uma

petição a qualquer deus, ou qualquer homem, por espaço de trinta dias, e não a ti, ó rei, seria lançado na cova dos leões?"

"Esta palavra é certa", respondeu o rei, "conforme a lei dos medos e dos persas, que se não pode revogar".

Exultantemente informaram eles agora a Dario da conduta do seu mais acatado conselheiro. "Daniel, que é dos transportados de Judá", exclamaram, "não tem feito caso de ti, ó rei, nem do edito que assinaste, antes três vezes ao dia faz a sua oração". Daniel 6:12, 13.

Quando o rei ouviu essas palavras, viu de imediato o laço que havia sido armado para o seu fiel servo. Compreendeu que não fora o zelo pela honra e glória real, mas a inveja de Daniel, o que os levara a propor o decreto real. "Penalizado" pela parte que havia desempenhado no mal que se praticara, o rei "até o pôr-do-sol trabalhou" para salvar seu amigo. Os príncipes, prevendo este esforço da parte do rei, vieram a ele com as palavras: "Sabe, ó rei, que é uma lei dos medos e dos persas que nenhum edito ou ordenança, que o rei determine, se pode mudar." O decreto, embora feito de afogadilho, [277] era inalterável, e devia produzir os seus efeitos.

"Então o rei ordenou que trouxessem a Daniel, e o lançassem na cova dos leões. E, falando o rei, disse a Daniel: "O teu Deus, a quem tu continuamente serves, Ele te livrará." Uma pedra foi posta na boca da cova, e o próprio rei "a selou com o seu anel e com o anel dos seus grandes, para que se não mudasse a sentença acerca de Daniel. Então o rei dirigiu-se para o seu palácio, e passou a noite em jejum, e não deixou trazer a sua presença instrumentos de música, e fugiu dele o sono". Daniel 6:14-18.

Deus não impediu os inimigos de Daniel de lançarem-no na cova dos leões; Ele permitiu que anjos maus e homens ímpios chegassem a realizar o seu propósito; mas isto foi para que pudesse tornar o livramento do Seu servo mais marcante e mais completa a derrota dos inimigos da verdade e da justiça. "A cólera do homem redundará em Teu louvor" (Salmos 76:10), o salmista testificou. Graças à coragem deste único homem que escolheu seguir o direito antes que a astúcia, Satanás devia ser derrotado e o nome de Deus exaltado e honrado.

Logo na manhã seguinte, o rei Dario dirigiu-se depressa para a cova, e "chamou por Daniel com voz triste": "Daniel, servo do Deus

vivo dar-se-ia o caso que o teu Deus a quem tu continuamente serves, tenha podido livrar-te dos leões?” A voz do profeta respondeu: “Ó rei, vive para sempre! O meu Deus enviou o Seu anjo, e fechou a boca dos leões, para que não me fizessem dano, porque foi achada em mim inocência diante dEle; e também contra ti, ó rei, não tenho cometido delito algum.”

“Então o rei muito se alegrou em si mesmo, e mandou tirar a Daniel da cova, e nenhum dano se achou nele, porque crera no seu Deus.

“E ordenou o rei, e foram trazidos aqueles homens que tinham acusado Daniel e foram lançados na cova dos leões, eles, seus filhos e suas mulheres; e ainda não tinham chegado ao fundo da cova quando os leões se apoderaram deles, e lhes esmigalharam todos os ossos”. Daniel 6:20-24.

Uma vez mais foi baixada uma proclamação da parte de um governador gentio, exaltando o Deus de Daniel como verdadeiro Deus. “O rei Dario escreveu a todos os povos, nações e gentes de diferentes línguas, que moram em toda a Terra: A paz vos seja multiplicada. Da minha parte é feito um decreto, pelo qual em todo o domínio do meu reino os homens tremam e temam perante o Deus de Daniel; porque Ele é o Deus vivo e para sempre permanente, e o Seu reino não se pode destruir; o Seu domínio é até o fim. Ele livra e salva, e opera sinais e maravilhas no céu e na Terra; Ele livrou Daniel do poder dos leões.”

A ímpia oposição ao servo de Deus estava agora completamente quebrada. “Este Daniel, pois, prosperou no reinado de Dario, e no reinado de Ciro, o persa.” E mediante a associação com ele, esses monarcas pagãos foram constrangidos a reconhecer o seu Deus como “o Deus vivo e para sempre permanente, e o Seu reino não se pode destruir”. Daniel 6:25-28.

Da história do livramento de Daniel podemos aprender que em tempos de provação e tristeza, os filhos de Deus devem ser precisa- [278] mente o que eram quando suas perspectivas brilhavam de esperança e estavam cercados de tudo o que poderiam desejar. Daniel na cova dos leões foi o mesmo Daniel que esteve perante o rei como o principal entre os ministros de Estado e como profeta do Altíssimo. Um homem cujo coração se firme em Deus será na hora de sua maior prova o mesmo que era em sua prosperidade, quando a luz e o favor

de Deus e do homem incidiam sobre ele. A fé alcança o invisível, e se apega a realidades eternas.

O Céu está mais próximo daqueles que sofrem por amor da justiça. Cristo identifica os Seus interesses com os interesses do Seu fiel povo; Ele sofre na pessoa dos Seus santos; e seja o que for que toque em Seus escolhidos, toca nEle. O poder que está perto para libertar do dano físico e da angústia está perto também para salvar do mal maior, tornando possível ao servo de Deus manter sua integridade sob todas as circunstâncias, e triunfar através da graça divina.

A experiência de Daniel como estadista no reino de Babilônia e da Medo-Pérsia revela a verdade de que um homem de negócios não tem que ser necessariamente um homem ardiloso e astuto, mas pode ser um homem instruído por Deus em cada passo. Daniel, primeiro-ministro dos maiores reinos da Terra, foi ao mesmo tempo profeta de Deus, recebendo luz de celestial inspiração. Um homem sujeito às mesmas paixões que nós, é descrito pela pena da Inspiração como isento de falta. Suas transações de negócios, quando submetidas à mais apurada fiscalização dos seus inimigos, foram consideradas sem falha. Ele foi um exemplo do que cada homem de negócios pode tornar-se quando o seu coração é convertido e consagrado, e quando os seus motivos são retos à vista de Deus.

Estrita conformação com os reclamos do Céu traz bênçãos tanto temporais como espirituais. Inamovível em sua fidelidade a Deus, indomável no domínio de si mesmo, Daniel, por sua nobre dignidade e indeclinável integridade, conquanto fosse jovem, alcançou "graça e misericórdia" (Daniel 1:9) diante do oficial pagão a cujo cargo tinha sido posto. As mesmas características marcaram sua vida posterior. Ele ascendeu rapidamente à posição de primeiro-ministro do reino de Babilônia. Através do reinado de sucessivos monarcas, da queda da nação e o estabelecimento de outro império mundial, foram de tal natureza sua sabedoria e capacidade de estadista, tão perfeitos seu tato, cortesia, genuína bondade de coração e sua fidelidade ao princípio, que mesmo seus inimigos foram forçados a confessar que não podiam achar "ocasião ou culpa alguma; porque ele era fiel". Daniel 6:4.

Honrado pelos homens com as responsabilidades de Estado e os segredos de reinos que tinham alcance universal, Daniel foi honrado

por Deus como Seu embaixador, sendo-lhe dadas muitas revelações dos mistérios dos séculos por vir. Suas maravilhosas profecias, tais como registradas por ele nos capítulos sete a doze do livro que traz o seu nome, não foram inteiramente compreendidas mesmo [279] pelo próprio profeta; mas antes que findassem os labores de sua vida, foi-lhe dada a abençoada certeza de que "no fim dos dias", isto é, na conclusão do período da história deste mundo, ser-lhe-ia permitido outra vez estar na sua posição e lugar. Não lhe fora dado compreender tudo o que Deus tinha revelado do divino propósito. "Fecha estas palavras e sela este livro", foi-lhe ordenado quanto aos escritos proféticos; estes deviam ser selados "até ao fim do tempo." "Vai, Daniel", o anjo ordenou uma vez mais ao fiel mensageiro de Jeová, "porque estas palavras estão fechadas e seladas até ao tempo do fim. [...] Tu, porém, vai até ao fim; porque repousarás, e estarás na tua sorte, no fim dos dias". Daniel 12:4, 9, 13.

Ao nos aproximarmos do fim da história deste mundo, as profecias registradas por Daniel demandam nossa especial atenção, visto relacionarem-se com o próprio tempo em que estamos vivendo. Com elas devem-se ligar os ensinos do último livro das Escrituras do Novo Testamento. Satanás tem levado muitos a crer que as porções proféticas dos escritos de Daniel e João o revelador não podem ser compreendidas. Mas a promessa é clara de que bênção especial acompanhará o estudo dessas profecias. "Os sábios entenderão" (Daniel 12:10), foi dito com respeito às visões de Daniel que deviam ser abertas nos últimos dias; e da revelação que Cristo deu a Seu servo João para guia do povo de Deus através dos séculos, a promessa é: "Bem-aventurado aquele que lê, e os que ouvem as palavras desta profecia, e guardam as coisas que nela estão escritas". Apocalipse 1:3.

Do surgimento e queda das nações conforme expostos nos livros de Daniel e Apocalipse, precisamos aprender quão sem valor é a glória meramente terrena e externa. Babilônia, com todo o seu poder e magnificência, como nosso mundo jamais contemplou igual — poder e magnificência que ao povo daquele tempo pareciam estáveis e permanentes — quão completamente passou. "Como a flor da erva" (Tiago 1:10), pereceu. Assim pereceu o reino da Medo-Pérsia, e os reinos da Grécia e de Roma. E assim perece tudo o que não tem a Deus por fundamento. Apenas o que está vinculado ao Seu

propósito, e expressa Seu caráter, pode perdurar. Seus princípios são a única coisa firme que o nosso mundo conhece.

Um cuidadoso estudo da operação do propósito de Deus na história das nações e na revelação das coisas por acontecer, nos ajudará a estimar no seu verdadeiro valor as coisas visíveis e as invisíveis, e a aprender o que é o verdadeiro alvo da vida. Assim, considerando os acontecimentos do tempo à luz da eternidade, podemos, como Daniel e seus companheiros, viver pelo que é verdadeiro, nobre e perdurável. E aprendendo nesta vida os princípios do reino de nosso Senhor e Salvador, esse abençoado reino que deve durar para todo o sempre, podemos estar preparados em Sua vinda para com Ele entrar em Sua posse. [280]

Capítulo 45 — A volta do exílio

A chegada do exército de Ciro ante os muros de Babilônia foi para os judeus um sinal de que o seu livramento do cativeiro estava muito perto. Mais de um século antes do nascimento de Ciro, a Inspiração lhe fizera menção do nome, e providenciara um registro da precisa obra que ele faria tomando Babilônia, estando esta desapercebida, e preparando o caminho para a libertação dos filhos do cativeiro. Por intermédio de Isaías havia sido dito:

"Assim diz o Senhor ao Seu ungido, a Ciro, a quem tomo pela sua mão direita, para abater as nações diante de sua face [...] para abrir diante dele as portas, e as portas não se fecharão: Eu irei diante de ti, e endireitarei os caminhos tortos; quebrarei as portas de bronze, e despedaçarei os ferrolhos de ferro, e te darei os tesouros das escuridades, e as riquezas encobertas, para que possas saber que Eu sou o Senhor, o Deus de Israel, que te chama pelo teu nome". Isaías 45:1-3.

Na inesperada penetração do exército do conquistador persa ao coração da capital de Babilônia, através do canal do rio cujas águas tinham sido desviadas; na sua entrada pelos portões internos que por descuido tinham sido deixados abertos e desguarnecidos, tiveram os judeus abundante evidência do cumprimento literal da profecia de Isaías concernente à súbita subversão dos seus opressores. E isto deve ter sido para eles um inconfundível sinal de que Deus estava moldando os negócios das nações em favor deles; pois inseparavelmente associada com a profecia que esboçava o modo como Babilônia seria capturada e cairia, estavam as palavras:

"Diz de Ciro: É Meu pastor, e cumprirá tudo o que Me apraz; dizendo também a Jerusalém: Sê edificada; e ao templo: Funda-te". Isaías 44:28. "Eu o despertei em justiça, e todos os seus caminhos endireitarei; ele edificará a Minha cidade, e soltará os Meus cativos, não por preço nem por presentes, diz o Senhor dos Exércitos". Isaías 45:13.

Não foram essas as únicas profecias sobre as quais os exilados tiveram a oportunidade de basear sua esperança de breve libertação. Os escritos de Jeremias estavam ao seu alcance, e neles era claramente estabelecido o tempo que devia ir até a restauração de Israel em sua terra. "Quando se cumprirem os setenta anos", o Senhor tinha predito por intermédio do Seu mensageiro, "visitarei o rei de [281] Babilônia, e esta nação, diz o Senhor, castigando a sua iniqüidade, e a da terra dos caldeus; farei deles uns desertos perpétuos". Jeremias 25:12. Mostrar-se-ia favor ao remanescente de Judá, em resposta à fervente oração. "Serei achado de vós, diz o Senhor, e farei voltar os vossos cativos, e congregar-vos-ei de todas as nações, e de todos os lugares para onde vos lancei, diz o Senhor, e tornarei a trazer-vos ao lugar de onde vos transportei". Jeremias 29:14.

Daniel e seus companheiros haviam muitas vezes recorrido a essas e outras profecias que esboçavam o propósito de Deus para Seu povo. E agora, ao indicar o rápido curso dos acontecimentos a poderosa mão de Deus em operação entre as nações, Daniel dedicou especial atenção às promessas feitas a Israel. Sua fé na palavra profética levou-o ao fundo das experiências preditas pelos escritores sagrados. "Certamente que passados setenta anos em Babilônia", o Senhor havia declarado, "vos visitarei, e cumprirei sobre vós a Minha boa palavra, tornando-vos a trazer a este lugar. Porque Eu bem sei os pensamentos que penso de vós, diz o Senhor; pensamentos de paz, e não de mal, para vos dar o fim que esperais. Então Me invocareis, e ireis, e orareis a Mim, e Eu vos ouvirei. E buscar-Me-eis, e Me achareis, quando Me buscardes de todo o vosso coração". Jeremias 29:10-13.

Pouco antes da queda de Babilônia, quando Daniel estava meditando nessas profecias, e buscando a Deus a fim de compreender os tempos, foi-lhe dada uma série de visões concernentes ao surgimento e queda de reinos. Com a primeira visão, segundo se acha registrada no sétimo capítulo do livro de Daniel, foi-lhe dada a interpretação, mas nem tudo ficou claro para o profeta. "Os meus pensamentos muito me espantavam", ele escreveu de sua experiência nesse tempo, "e mudou-se em mim o meu semblante; mas guardei estas coisas no meu coração". Daniel 7:28.

Mediante outra visão foi derramada luz adicional sobre os acontecimentos do futuro; e foi ao final desta visão que Daniel ouviu

"um santo que falava; e disse a outro santo aquele que falava: Até quando durará a visão?" Daniel 8:13. A resposta: "Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado" (Daniel 8:14), encheu-o de perplexidade. Ferventemente procurou entender o significado da visão. Ele não podia compreender a relação dos setenta anos do cativeiro como preditos por Jeremias, para com os dois mil e trezentos anos que nessa visão ouvira o visitante declarar que decorreriam antes da purificação do santuário. O anjo Gabriel lhe deu uma interpretação parcial; mas quando o profeta ouviu as palavras: "Só daqui a muitos dias se cumprirá", ele desmaiou. "Eu, Daniel, enfraqueci", escreveu ele sobre esta experiência, "e estive enfermo alguns dias; então levantei-me, e trarei do negócio do rei. E espantei-me acerca da visão, e não havia quem a entendesse". Daniel 8:26, 27. [282]

Levando ainda o fardo pelo bem de Israel, Daniel estudou de novo as profecias de Jeremias. Elas eram muito claras — tão claras que ele compreendeu por esses testemunhos registrados em livros "que o número de anos de que falou o Senhor ao profeta Jeremias, em que haviam de acabar as assolações de Jerusalém, era de setenta anos". Daniel 9:2.

Com fé fundada na segura palavra da profecia, Daniel pleiteou do Senhor o imediato cumprimento dessas promessas. Suplicou que a honra de Deus fosse preservada. Em sua petição ele se identificou plenamente com os que não tinham correspondido ao propósito divino, confessando os pecados deles como seus próprios.

"Eu dirigi o meu rosto ao Senhor Deus", declarou o profeta, "para O buscar com oração e rogos, com jejum, e saco e cinza. E orei ao Senhor meu Deus, e confessei". Daniel 9:3, 4. Embora Daniel estivesse havia muito na obra de Deus, e dele tivesse sido dito que era "mui amado", agora se apresentava ante Deus como um pecador, expondo veementemente a grande necessidade do povo que amava. Sua oração era eloqüente em sua simplicidade, e intensamente fervorosa. Escutai-lhe a súplica:

"Ah Senhor Deus grande e tremendo, que guardas o concerto e a misericórdia para com os que Te amam e guardam os Teus mandamentos; pecamos, e cometemos iniqüidade, e procedemos impiamente, e fomos rebeldes, apartando-nos dos Teus mandamentos e dos Teus juízos; e não demos ouvidos aos Teus servos, os profetas,

que em Teu nome falaram aos nossos reis, nossos príncipes, e nossos pais, como também a todo o povo da terra.

"A Ti, ó Senhor, pertence a justiça, mas a nós a confusão de rosto, como se vê neste dia; aos homens de Judá, e aos moradores de Jerusalém, e a todo o Israel; aos de perto e aos de longe, em todas as terras por onde os tens lançado, por causa da sua prevaricação, com que prevaricaram contra Ti. [...]

"Ao Senhor, nosso Deus, pertence a misericórdia e o perdão; pois nos rebelamos contra Ele." "Ó Senhor, segundo todas as Tuas justiças, aparte-se a Tua ira e o Teu furor da Tua cidade de Jerusalém, e do Teu santo monte; porquanto por causa dos nossos pecados, e por causa das iniqüidades de nossos pais, tornou-se Jerusalém e o Teu povo um opróbrio para todos os que estão ao redor de nós.

"Agora, pois, ó Senhor nosso Deus, ouve a oração do Teu servo, e as suas súplicas, e sobre o Teu santuário assolado faze resplandecer o Teu rosto, por amor do Senhor. Inclina, ó Deus meu, os Teus ouvidos, e ouve; abre os Teus olhos, e olha para a nossa desolação, e para a cidade que é chamada pelo Teu nome, porque não lançamos as nossas súplicas perante a Tua face fiados em nossas justiças, mas em Tuas muitas misericórdias.

"Ó Senhor, ouve; ó Senhor, perdoa; ó Senhor, atende-nos e opera sem tardar; por amor de Ti mesmo, ó Deus meu, porque a Tua cidade e o Teu povo se chamam pelo Teu nome". Daniel 9:4-9, 16-19. [283]

O Céu se curvou para ouvir a fervente súplica do profeta. Antes mesmo que ele tivesse terminado a sua súplica por perdão e restauração, o poderoso Gabriel apareceu-lhe outra vez, e chamou a sua atenção para a visão que ele tivera antes da queda de Babilônia e da morte de Belsazar. E então o anjo esboçou-lhe em pormenores o período das setenta semanas, que devia começar com "a ordem para restaurar e para edificar Jerusalém". Daniel 9:25.

A oração de Daniel tinha sido proferida "no ano primeiro de Dario" (Daniel 9:1), o rei medo cujo general, Ciro, tinha arrebatado de Babilônia o cetro do governo universal. O reinado de Dario foi honrado por Deus. A ele foi enviado o anjo Gabriel, "para o animar e fortalecer". Daniel 11:1. Após sua morte, cerca de dois anos depois da queda de Babilônia, Ciro o sucedeu no trono, e o início do seu reinado marcou o fim dos setenta anos desde que o primeiro grupo

de hebreus tinha sido levado cativo por Nabucodonosor, de sua pátria judaica para Babilônia.

O livramento de Daniel da cova dos leões tinha sido usado por Deus para criar uma impressão favorável no espírito de Ciro o Grande. As excelentes qualidades do homem de Deus como estadista de vistas largas levou o governante persa a mostrar-lhe marcado respeito e a honrar suas decisões. E agora, justo no tempo em que Deus tinha dito que faria fosse o Seu templo em Jerusalém reconstruído, Ele moveu Ciro como Seu instrumento para discernir as profecias com respeito a ele mesmo, com as quais Daniel estava tão familiarizado, e a conceder ao povo judeu a sua libertação.

Tomando o rei conhecimento das palavras que prediziam, mais de um século antes do seu nascimento, a maneira pela qual Babilônia deveria ser tomada; ao ler a mensagem a ele dirigida pelo Rei do Universo: "Eu te cingirei, ainda que tu Me não conheças. Para que se saiba desde o nascente do Sol, e desde o poente, que fora de Mim não há outro"; ao ver diante dos seus olhos a declaração do eterno Deus: "Por amor de Meu servo Jacó, e de Israel, Meu eleito, Eu a ti te chamei pelo teu nome, pus-te o Meu sobrenome, ainda que Me não conhecesses"; ao descobrir o inspirado Registro: "Eu o despertei em justiça, e todos os seus caminhos endireitarei; ele edificará a Minha cidade, e soltará os Meus cativos, não por força nem por presentes" (Isaías 45:5, 6, 4, 13), o seu coração foi profundamente movido, e ele se determinou cumprir sua missão divinamente indicada. Ele libertaria os judeus cativos; ele os ajudaria a restaurar o templo de Jeová.

Numa proclamação escrita publicada "por todo o seu reino", Ciro fez conhecido o seu desejo de providenciar o retorno dos hebreus e a reconstrução do seu templo. "O Senhor Deus dos Céus me deu todos os reinos da Terra", o rei reconhecia com gratidão em sua proclamação pública; "e Ele me encarregou de Lhe edificar uma casa em Jerusalém, que é em Judá. Quem há entre vós, de todo o Seu povo, seja o seu Deus com ele, e suba a Jerusalém [...] e [284] edifique a casa do Senhor Deus de Israel; Ele é o Deus que habita em Jerusalém. E todo aquele que ficar em alguns lugares em que andar peregrinando, os homens do seu lugar o ajudarão com prata, e com ouro, e com fazenda, e com gados, afora as dádivas voluntárias". Esdras 1:1-4.

"Esta casa se edificará", ordenou ele mais tarde com referência à estrutura do templo, para lugar em que se ofereçam sacrifícios, e seus fundamentos serão firmes; a sua altura de sessenta côvados, e a sua largura de sessenta côvados; com três carreiras de grandes pedras, e uma carreira de madeira nova, e a despesa se fará da casa do rei. Demais disto, os vasos de ouro e de prata da casa de Deus, que Nabucodonosor transportou do templo que estava em Jerusalém, e levou para Babilônia, se tornarão a dar, para que vão ao seu lugar, ao templo que está em Jerusalém". Esdras 6:3-5.

As novas deste decreto alcançaram as mais distantes províncias do domínio real, e em todo o lugar entre os filhos da dispersão houve grande alegria. Muitos, como Daniel, tinham estado a estudar as profecias e a buscar a prometida intervenção de Deus em favor de Sião. E agora suas orações estavam sendo respondidas; e com alegria de coração podiam unidos cantar:

"Quando o Senhor trouxe do cativeiro os que voltaram de Sião,
estávamos como os que sonham.
Então a nossa boca se encheu de riso,
e a nossa língua de cânticos.
Então se dizia entre as nações:
Grandes coisas fez o Senhor a estes.
Grandes coisas fez o Senhor por nós,
e por isso estamos alegres".

Salmos 126:1-3.

"Então se levantaram os chefes dos pais de Judá e Benjamim, e os sacerdotes e os levitas, como todos aqueles cujo espírito Deus despertou" — esse foi o piedoso remanescente, cerca de cinqüenta mil, dentre os judeus das terras do exílio, que se determinaram tirar vantagem da maravilhosa oportunidade a eles oferecida, "para subirem a edificar a casa do Senhor, que está em Jerusalém." Seus amigos não lhes permitiram sair com mãos vazias. "E todos os que habitavam nos arredores lhes confortaram as mãos com vasos de prata, com ouro, com fazenda, e com gados, e com coisas preciosas." A essas e muitas outras ofertas voluntárias foram acrescentados "os vasos da casa do Senhor, que Nabucodonosor tinha trazido de

Jerusalém. [...] Estes tirou Ciro, rei da Pérsia, pela mão de Mitredate, o tesoureiro. [...] Todos os vasos de ouro e de prata foram cinco mil e quatrocentos”, para uso no templo que ia ser reconstruído. Esdras 1:5-11.

Sobre Zorobabel (conhecido também como Sesbazar), um dos descendentes do rei Davi, Ciro colocou a responsabilidade de agir como governador do grupo que retornava para a Judéia; e com ele estava associado Jesus, o sumo sacerdote. A longa viagem através do árido deserto foi feita em segurança, e o feliz grupo, grato a Deus por Suas muitas bênçãos, imediatamente tomou a si a tarefa de reconstruir o que havia sido derrubado e destruído. “Alguns dos [285] chefes dos pais” deram o exemplo em oferecer donativos para ajudar a enfrentar as despesas de reconstrução do templo; e o povo, seguindo seu exemplo, deu livremente de seus pobres recursos. Esdras 2:64-70.

Tão depressa quanto possível, foi construído um altar no sítio do antigo altar no recinto do templo. Para as solenidades relacionadas com a dedicação deste altar, o povo alegremente “se ajuntou como um só homem”, e aí se uniram no restabelecimento das cerimônias que tinham sido interrompidas quando da destruição de Jerusalém por Nabucodonosor. Antes de se separarem para habitar nos lares que estavam procurando reparar, “celebraram a festa dos tabernáculos”. Esdras 3:1-6.

O levantamento do altar para o sacrifício diário alegrou sobremaneira o fiel remanescente. De coração entregaram-se à preparação necessária para a reconstrução do templo, ganhando alento à medida que esses preparativos progrediam de mês em mês. Durante muitos anos eles haviam estado privados dos visíveis sinais da presença de Deus. E agora, circundados como estavam por muitas recordações tristes da apostasia de seus pais, ansiavam por algum perdurável sinal do perdão e favor divinos. Acima da reconquista de propriedades pessoais e antigos privilégios, eles consideravam a aprovação de Deus. Maravilhosamente havia Ele operado em seu favor, e eles sentiam consigo a segurança de Sua presença; contudo desejavam maior bênção ainda. Com jubilosa antecipação olhavam para o tempo em que, com o templo reconstruído, poderiam contemplar o brilho de Sua glória vindo do interior.

Os obreiros empenhados na preparação do material de construção, encontraram entre as ruínas algumas das enormes pedras levadas ao local do templo nos dias de Salomão. Essas pedras foram preparadas para serem usadas, e muito material novo foi provido; e logo a obra chegou ao ponto em que a pedra fundamental devia ser posta. Isto foi feito na presença de milhares que se haviam reunido para testemunhar o progresso da obra e manifestar a expressão da sua alegria, tomando parte nela. Enquanto a pedra fundamental estava sendo posta em sua posição, o povo, acompanhado pelas trombetas dos sacerdotes e os címbalos dos filhos de Asafe, "cantava a revezes, louvando e celebrando ao Senhor; porque é bom; porque a Sua benignidade dura para sempre sobre Israel". Esdras 3:11.

A casa que estava prestes a ser reconstruída tinha sido objeto de muitas profecias concernentes ao favor que Deus desejava mostrar a Sião, e todos os que estavam presentes no lançamento dos alicerces devem ter estado, de coração, possuídos do espírito do momento. Mas em meio à música e às exclamações de louvor que se ouviam nesse dia feliz, houve um anota discordante. "Muitos dos sacerdotes, e levitas, e chefes dos pais, já velhos, que viram a primeira casa, sobre o seu fundamento, vendo perante os seus olhos esta casa, [286] choraram em altas vozes". Esdras 3:12.

Era natural que a tristeza enchesse o coração desses homens encanecidos, ao considerarem os resultados da longa impenitência. Tivessem eles e a sua geração obedecido a Deus, executando o Seu propósito para Israel, e o templo construído por Salomão não teria sido destruído nem teria sido necessário o cativeiro. Mas em virtude da ingratidão e deslealdade, eles haviam sido espalhados entre as nações gentílicas.

Mudadas estavam agora as condições. Em terna misericórdia o Senhor havia visitado outra vez o Seu povo, e permitira-lhe retornar a sua própria terra. A tristeza pelos erros do passado devia ceder lugar a sentimentos de grande alegria. Deus tinha movido o coração de Ciro para que os ajudasse a reconstruir o templo, e isto devia ter despertado expressões de profunda gratidão. Mas alguns não discerniram as providências de Deus em operação. Em vez de se alegrarem, acariciaram pensamentos de descontentamento e desânimo. Haviam visto a glória do templo de Salomão, e lamentavam a inferioridade da construção a ser agora construída.

As murmurações e queixas, e a desfavorável comparação feita, tiveram uma influência deprimente sobre o espírito de muitos, e debilitaram as mãos dos construtores. Os trabalhadores levantaram a pergunta se deviam prosseguir com a construção de um edifício que já de início era tão francamente criticado e se tornava causa de tanta lamentação.

Havia muitos na congregação, no entanto, cuja maior fé e mais ampla visão não os tinha levado a considerar esta glória menor com tal descontentamento. "Muitos levantaram as vozes com júbilo e com alegria. De maneira que não discernia o povo as vozes de alegria das vozes do choro do povo; porque o povo jubilava com tão grande júbilo que as vozes se ouviam de mui longe". Esdras 3:12, 13.

Se os que tinham deixado de rejubilar-se no lançamento dos fundamentos do templo, tivessem previsto os resultados de sua falta de fé nesse dia, teriam empalidecido. Pouco haviam eles imaginado o peso de suas palavras de desaprovação e desapontamento; pouco sabiam do muito que seu manifesto descontentamento haveria de retardar a terminação da casa do Senhor.

A beleza do primeiro templo, e os impressionantes ritos de seus cultos, haviam sido uma fonte de orgulho para Israel do seu cativeiro; mas a sua adoração havia não raro faltado aquelas qualidades que Deus considera como as essenciais. A glória do primeiro templo, e o esplendor de suas cerimônias, não poderiam recomendá-los a Deus; pois unicamente aquilo que é de valor a Sua vista eles não ofereciam. Eles não Lhe levavam o sacrifício de um espírito contrito e humilde.

É quando os princípios vitais do reino de Deus são perdidos de vista, que as cerimônias se tornam numerosas e extravagantes. É quando a edificação do caráter é negligenciada, quando falta o adorno da alma, quando é desprezada a simplicidade da piedade, que o orgulho e o amor da ostentação reclamam magnificentes igrejas, [287] esplêndidos adornos e imponentes cerimônias. Mas em nada disto Deus é honrado. Ele avalia a Sua igreja, não pelas vantagens externas, mas pela sincera piedade que a distingue do mundo. Ele a estima de acordo com o crescimento dos seus membros no conhecimento de Cristo, segundo o seu progresso na experiência espiritual. Ele olha para os princípios de amor e bondade. Nem toda a beleza da

arte pode ser comparada com a beleza da têmpera e do caráter que devem ser revelados naqueles que são representantes de Cristo.

Uma congregação pode ser a mais pobre da Terra. Pode não ter as atrações de exibição exterior; mas se os seus membros possuem os princípios do caráter de Cristo, os anjos se unirão com eles em seu culto. O louvor e ações de graças do coração agradecido ascenderão a Deus como suave oferenda.

> "Louvai ao Senhor,
> porque Ele é bom;
> porque a Sua benignidade é para sempre.
> Digam-no os remidos do Senhor,
> os que remiu da mão do inimigo".
>
> Salmos 107:1, 2.

> "Cantai-Lhe, cantai-Lhe salmos;
> falai de todas as Suas maravilhas.
> Gloriai-vos no Seu santo nome;
> alegre-se o coração daqueles que buscam ao Senhor".
>
> Salmos 105:2, 3.

> "Pois fartou a alma sedenta,
> e encheu de bens a alma faminta".
>
> Salmos 107:9.

[288]

Capítulo 46 — “Os profetas de Deus os ajudavam”

Próximo dos israelitas que tinham tomado a tarefa de reconstruir o templo, habitavam os samaritanos, uma raça mestiça que tinha surgido em conseqüência de cruzamento pelo matrimônio entre os colonos pagãos das províncias da Assíria com o remanescente das dez tribos que tinha sido deixado em Samaria e Galiléia. Nos últimos anos os samaritanos declaravam adorar o verdadeiro Deus; mas no coração e prática eram idólatras. Eles sustentavam, é certo, que seus ídolos eram apenas para lembrar-lhes o Deus vivo, o Governador do Universo; não obstante o povo era propenso a reverenciar imagens de escultura.

Durante o período da restauração, esses samaritanos vieram a ser conhecidos como “os adversários de Judá e Benjamim”. Ouvindo eles “que os que tornaram do cativeiro edificavam o templo ao Senhor Deus de Israel”, “chegaram-se a Zorobabel e aos chefes dos pais”, e expressaram o desejo de se unirem com eles em sua construção. “Deixai-nos edificar convosco”, propuseram, “porque, como vós, buscaremos a vosso Deus; como também já Lhe sacrificamos desde os dias de Esar-Hadom, rei da Assíria, que nos mandou vir para aqui.” Mas o privilégio que pediam foi-lhes recusado. “Não convém que vós e nós edifiquemos casa a nosso Deus”, os líderes de Israel declararam; “mas nós sós a edificaremos ao Senhor, Deus de Israel, como nos ordenou o rei Ciro, rei da Pérsia”. Esdras 4:1-3.

Apenas um remanescente tinha escolhido voltar de Babilônia; e agora, ao empreenderem uma obra aparentemente além de suas forças, seus mais próximos vizinhos vêm com oferecimento de auxílio. Os samaritanos se referem a sua adoração do verdadeiro Deus, e manifestam o desejo de partilhar os privilégios e bênçãos relacionados com a atividade do templo. “Como vós, buscaremos a vosso Deus”, declaram eles. “Deixai-nos edificar convosco.” Mas tivessem os líderes judeus aceito esta oferta de assistência, e teriam aberto uma porta para a entrada da idolatria. Eles discerniram a insinceridade dos samaritanos. Compreenderam que o auxílio alcançado mediante

uma aliança com esses homens seria como nada em comparação com as bênçãos que poderiam esperar receber se seguissem os claros [289] mandamentos de Jeová.

Referindo-Se à relação que Israel poderia vir a manter com as nações ao redor, o Senhor havia declarado por intermédio de Moisés: "Não farás com elas concerto, nem terás piedade delas, nem darás tuas filhas a seus filhos; pois fariam desviar os teus filhos de Mim, para que servissem a outros deuses; e a ira do Senhor se acenderia contra vós, e depressa vos consumiria". Deuteronômio 7:2-4. "Porque povo santo és ao Senhor teu Deus; o Senhor teu Deus te escolheu, para que Lhe fosses o Seu povo próprio, de todos os povos que sobre a Terra há". Deuteronômio 14:2.

O resultado que se seguiria em face de um concerto com as nações ao redor foi claramente predito. "O Senhor vos espalhará entre todos os povos, desde uma extremidade da Terra até a outra", Moisés havia declarado; "e ali servirás a outros deuses que não conheceste, nem tu nem teus pais: ao pau e à pedra. E nem ainda entre as mesmas gentes descansarás, nem a planta de teu pé terá repouso; porque o Senhor ali te dará coração tremente, e desfalecimento dos olhos, e desmaio da alma. E a tua vida como suspensa estará diante de ti; e estremecerás de noite e de dia, e não crerás na tua própria vida. Pela manhã dirás: Ah quem me dera ver a noite E à tarde dirás: Ah quem me dera ver a manhã pelo pasmo de teu coração, com que pasmará, e pelo que verás, com os teus olhos". Deuteronômio 28:64-67. "Então dali buscarás ao Senhor teu Deus", tinha sido a promessa, "e O acharás, quando O buscardes de todo o teu coração e de toda a tua alma". Deuteronômio 4:29.

Zorobabel e seus companheiros estavam familiarizados com essas e muitas outras passagens semelhantes das Escrituras; e no recente cativeiro, tiveram evidência após evidência do seu cumprimento. E agora havendo-se arrependido dos males que haviam acarretado sobre eles e seus pais os juízos tão claramente preditos por meio de Moisés; havendo voltado de todo o coração para Deus, e renovado sua relação de concerto com Ele, tiveram a permissão de retornar à Judéia, para que pudessem restaurar o que havia sido destruído. Deviam eles, já no início de sua empreitada, entrar em concerto com os idólatras?

“Não farás com elas concerto” (Deuteronômio 7:2), Deus dissera; e os que de novo se haviam dedicado ao Senhor junto ao altar erguido ante as ruínas de Seu templo, sentiram que a linha de demarcação entre o Seu povo e o mundo devia ser mantida perfeitamente distinta. Eles se recusaram a entrar em aliança com os que, tendo embora familiaridade com os requisitos da lei de Deus, não se rendiam a suas exigências.

Os princípios apresentados em Deuteronômio para instrução de Israel, devem ser erguidos pelo povo de Deus até ao fim do tempo. A verdadeira prosperidade depende da continuidade de nossa relação de concerto com Deus. Nunca podemos nos permitir compromisso de princípio fazendo aliança com os que O não temem.

Há o constante perigo de que cristãos professos venham a pensar que para exercer influência sobre os mundanos, necessitem conformar-se até certo ponto com o mundo. Mas embora tal conduta [290] possa parecer como propiciando grandes vantagens, acaba sempre em perda espiritual. O povo de Deus deve guardar-se estritamente contra toda sutil influência que busque entrada mediante aduladoras insinuações dos inimigos da verdade. Eles são peregrinos e estrangeiros neste mundo; palmilhando um caminho juncado de perigos. Não devem dar atenção aos engenhosos subterfúgios e fascinantes razões que os tentem a afastar-se de sua obediência.

Não são os inimigos francos e confessos da causa de Deus os mais de temer. Aqueles que, como os adversários de Judá e Benjamim, vêm com palavras suaves e fala agradável, aparentemente procurando amigável aliança com os filhos de Deus, têm maior poder para enganar. Contra tais pessoas cada alma deve estar alerta, não suceda que algum engano magistral e cuidadosamente disfarçado o tome inadvertido. E especialmente hoje, enquanto a história da Terra caminha para o fim, o Senhor requer de Seus filhos uma vigilância que não conheça abrandamento. Mas embora o conflito seja incessante, ninguém é deixado a lutar sozinho. Anjos ajudam e protegem os que andam humildemente diante de Deus. O Senhor jamais trai a quem nEle confia. Quando Seus filhos dEle se aproximam em busca de proteção contra o mal, em piedade e amor Ele levanta para eles um estandarte contra o inimigo. Não lhes toque, Ele diz; pois são Meus. Tenho-os gravados nas palmas das Minhas mãos.

Incansáveis em sua oposição, os samaritanos "debilitavam as mãos do povo de Judá, e inquietavam-nos no edificar; e alugaram contra eles conselheiros para frustrarem o seu plano, todos os dias de Ciro, rei da Pérsia, até o reinado de Dario, rei da Pérsia". Esdras 4:4, 5. Mediante falsos relatórios, eles suscitaram suspeitas em espíritos facilmente levados a suspeitar. Mas durante muitos anos os poderes do mal foram mantidos em xeque, e o povo na Judéia teve liberdade para continuar sua obra.

Enquanto Satanás estava procurando influenciar as mais altas autoridades no reino da Medo-Pérsia para que não mostrassem favor ao povo de Deus, anjos trabalhavam no interesse dos exilados. Era uma controvérsia na qual todo o Céu estava interessado. Por intermédio do profeta Daniel é-nos dado um lampejo desta poderosa luta entre as forças do bem e as do mal. Durante três semanas Gabriel se empenhou em luta com os poderes das trevas, procurando conter as influências em operação na mente de Ciro; e antes que a contenda terminasse, o próprio Cristo veio em auxílio de Gabriel. "O príncipe do reino da Pérsia se pôs defronte de mim vinte e um dias", Gabriel declara; "e eis que Miguel, um dos primeiros príncipes, veio para ajudar-me, e eu fiquei ali com os reis da Pérsia". Daniel 10:13. Tudo que o Céu podia fazer em favor do povo de Deus foi feito. A vitória foi finalmente ganha; as forças do inimigo foram contidas todos os dias de Ciro, e todos os dias de seu filho Cambisses, que reinou cerca de sete anos e meio. [291]

Esse foi um tempo de maravilhosas oportunidades para os judeus. Os mais altos instrumentos do Céu estavam operando no coração dos reis, e o povo de Deus devia trabalhar com a máxima atividade para executar o decreto de Ciro. Não deviam eles poupar esforços no sentido de concluir a restauração do templo e suas cerimônias, e se restabeleceram em seus lares judaicos. Mas no dia do poder de Deus, muitos se provaram mal dispostos. A oposição dos seus inimigos era forte e determinada, e gradualmente os edificadores desanimaram. Alguns não podiam esquecer a cena do lançamento do alicerce, quando muitos tinham dado expressão a sua falta de confiança no empreendimento. E tornando-se os samaritanos mais ousados, muitos judeus punham em dúvida se, afinal de contas havia chegado o tempo para a reconstrução. O ressentimento logo se

espalhou. Muitos dos obreiros, sem coragem ou ânimo, retornaram a seus lares, para assumirem seu curso comum de vida.

Durante o reinado de Cambisses, o trabalho do templo progrediu lentamente. E durante o reinado do falso Smerdis, chamado Artaxerxes em Esdras 4:7, os samaritanos induziram o inescrupuloso impostor a baixar um decreto proibindo os judeus de reconstruir sua cidade e templo.

Por mais de um ano o templo foi negligenciado, e quase abandonado. O povo habitava em seus lares, e tudo fazia por alcançar prosperidade temporal; mas sua situação era deplorável. Por mais que trabalhassem não prosperavam. Os próprios elementos da natureza, pareciam conspirar contra eles. Visto que haviam permitido continuasse o templo em ruínas, o Senhor enviou sobre seus recursos uma ruinosa estiagem. Deus lhes havia concedido os frutos do campo e dos pomares, o milho, o vinho, o óleo, como um sinal do Seu favor; mas como usassem essas abundantes dádivas tão egoistamente, a bênção foi retirada.

Tais eram as condições existentes durante a primeira parte do reinado de Dario Histaspes. Tanto do ponto de vista espiritual quando temporal, os israelitas estavam em estado deplorável. Tanto haviam murmurado e duvidado; tanto tempo tinham escolhido tratar de interesses pessoais primeiro, enquanto contemplavam com apatia o templo do Senhor em ruínas, que muitos haviam perdido de vista o propósito de Deus em fazê-los retornar à Judéia; e esses estavam dizendo: “Não veio ainda o tempo, o tempo em que a casa do Senhor deve ser edificada”. Ageu 1:2.

Mas nem mesmo esta hora escura foi sem esperança para aqueles cuja confiança estava em Deus. Os profetas Ageu e Zacarias foram despertados para enfrentar a crise. Com encorajadores testemunhos esses mensageiros escolhidos revelaram ao povo a causa de suas dificuldades. A falta de prosperidade temporal era o resultado da negligência em dar prioridade aos interesses de Deus, os profetas afirmaram. Tivessem os israelitas honrado a Deus, tivessem-Lhe eles mostrado o devido respeito e cortesia, fazendo do reerguimento de Sua casa a primeira obra, e teriam convidado Sua presença e bênção. [292]

Aos que haviam perdido o ânimo, Ageu dirigiu a penetrante pergunta: “É para vós tempo de habitardes nas vossas casas estucadas, e esta casa há de ficar deserta? Ora pois, assim diz o Senhor dos

Exércitos: Aplicai os vossos corações aos vossos caminhos." Por que tendes feito tão pouco? Por que vos preocupais com as vossas próprias casas, e não vos preocupais com a casa do Senhor? Onde está o zelo que uma vez sentistes pela restauração da casa do Senhor? Que tendes lucrado em servir-vos a vós mesmos? O desejo de fugir da pobreza tem-vos levado a negligenciar o templo, mas esta negligência acarretou sobre vós o que temíeis. "Semeais muito, e recolheis pouco; comeis, mas não vos fartais; bebeis, mas não vos saciais; vesti-vos, mas ninguém se aquece; e o que recebe salário, recebe salário num saco furado". Ageu 1:4-6.

E então, em palavras que eles não podiam deixar de entender, o Senhor revelou a causa da penúria que padeciam: "Olhastes para muito, mas eis que alcançastes pouco; e esse pouco, quando o trouxestes para casa, Eu lhe assoprei. Por que causa? disse o Senhor dos Exércitos. Por causa da Minha casa, que está deserta, e cada um de vós corre à sua própria casa. Por isso retêm os céus o seu orvalho, e a Terra retém os seus frutos. E fiz vir a seca sobre a terra, e sobre os montes, e sobre o trigo, e sobre o mosto, e sobre o azeite, e sobre o que a terra produz; como também sobre os homens, e sobre os animais, e sobre todo o trabalho das mãos". Ageu 1:9-11.

"Aplicai os vossos corações aos vossos caminhos", o Senhor apelava. "Subi ao monte, e trazei e madeira, e edificai a casa, e dela me agradarei; e Eu serei glorificado, diz o Senhor". Ageu 1:7, 8.

A mensagem de conselho e reprovação dada por intermédio de Ageu foi recebida no coração pelos líderes e povo de Israel. Sentiram que Deus estava tratando a sério com eles. Não ousaram menosprezar a repetida instrução a eles enviada — de que sua prosperidade, tanto temporal como espiritual, estava na dependência de sua fiel obediência aos mandamentos de Deus. Despertado pelas advertências do profeta, Zorobabel e Josué, "e todo o resto do povo", ouviram "a voz do Senhor seu Deus, e as palavras do profeta Ageu, como o Senhor seu Deus o tinha enviado". Ageu 1:12.

Tão logo Israel decidiu obedecer, as palavras de reprovação foram seguidas por uma mensagem de encorajamento. "Então Ageu [...] falou ao povo, conforme a mensagem do Senhor, dizendo: Eu sou convosco, diz o Senhor. E o Senhor levantou o espírito de Zorobabel" e de Josué, e "o espírito de todo o povo; e vieram, e trabalharam na casa do Senhor dos Exércitos, seu Deus". Ageu 1:13, 14.

Menos de um mês depois que a obra do templo foi retomada, os construtores receberam outra confortadora mensagem: “Esforça-te, Zorobabel”, o próprio Senhor apelava por intermédio do Seu [293] profeta; “e esforça-te, Josué [...] e esforçai-vos todo o povo da terra, diz o Senhor, e trabalhai; porque Eu sou convosco, diz o Senhor dos Exércitos”. Ageu 2:4.

A Israel acampado diante do Monte Sinai o Senhor havia declarado: “Habitarei no meio dos filhos de Israel, e lhes serei por Deus. E saberão que Eu sou o Senhor Deus, que os tenho tirado da terra do Egito, para habitar no meio deles; Eu o Senhor seu Deus”. Êxodo 29:45, 46. E agora, não obstante o fato de que eles tinham repetidamente sido “rebeldes, e contristaram o Seu Espírito Santo” (Isaías 63:10), Deus uma vez mais através da mensagem do Seu profeta, estava estendendo Sua mão para salvar. Como reconhecimento de sua cooperação com o Seu propósito, Ele estava renovando o Seu concerto de que o Seu Espírito permaneceria entre eles; e Ele os animava: “Não temas.”

A Seus filhos hoje, o Senhor declara: “Esforçai-vos [...] e trabalhai; porque Eu sou convosco.” Os cristãos sempre tiveram no Senhor um forte ajudador. Podemos não conhecer a maneira como o Senhor ajuda; mas de uma coisa nós sabemos: Ele jamais falta aos que nEle põem a sua confiança. Se os cristãos soubessem quantas vezes o Senhor tem preparado o seu caminho, a fim de que o propósito do inimigo com respeito a eles não se realizasse, não andariam tropeçando e queixando-se. Sua fé estaria firme em Deus, e nenhuma provação teria poder para movê-los. Eles O reconheceriam como sua sabedoria e eficiência, e Ele poderia realizar aquilo que deseja por meio deles.

Os ferventes apelos e encorajamentos dados por meio de Ageu, receberam ênfase adicional por meio de Zacarias, a quem Deus suscitou para lhe ficar ao lado nos apelos a Israel para que executasse a ordem de levantar-se e edificar. A primeira mensagem de Zacarias foi uma garantia de que a Palavra de Deus jamais falha, e uma promessa de bênção aos que dessem ouvidos à segura palavra da profecia.

Com os campos devastados, as escassas reservas de provisões rapidamente se esgotando, e rodeados como estavam por povos inamistosos, os israelitas prosseguiam ainda assim com fé, em resposta

ao chamado dos mensageiros de Deus, e trabalhavam diligentemente para restaurar o templo arruinado. Era uma obra que requeria firme confiança em Deus. Enquanto o povo procurava fazer sua parte, buscando uma renovação da graça de Deus no coração e na vida, mensagem após mensagem era dada por intermédio de Ageu e Zacarias, com a certeza de que sua fé seria ricamente recompensada, e que a Palavra de Deus concernente à futura glória do templo cujas paredes eles estavam reparando, não falharia. Nesse mesmo edifício apareceria, na plenitude do tempo, o Desejado de todas as nações como o Mestre e Salvador da humanidade.

Assim os construtores não foram deixados a lutar sozinhos; estavam "com eles os profetas de Deus, que os ajudavam" (Esdras [294] 5:2); e o Senhor dos Exércitos havia declarado: "Esforçai-vos [...] e trabalhai; porque Eu sou convosco". Ageu 2:4.

Com arrependimento de coração e desejo de avançar pela fé, vieram as promessas de prosperidade temporal. "Desde este dia", o Senhor declarou, "vos abençoarei". Ageu 2:19.

A Zorobabel, seu líder — aquele que, através de todos os anos desde o seu retorno de Babilônia, havia sido tão severamente provado — foi dada a mais preciosa mensagem. O dia se aproximava, o Senhor declarou, quando todos os inimigos do Seu povo escolhido seriam abatidos. "Naquele dia, diz o Senhor dos Exércitos, te tomarei, ó Zorobabel [...] Meu servo, diz o Senhor, e te farei como um anel de selar; porque te escolhi". Ageu 2:23. Agora o governador de Israel podia ver o significado da providência que o tinha levado através de desencorajamento e perplexidade; ele podia discernir em tudo isto o propósito de Deus.

Essa palavra pessoal a Zorobabel foi registrada para encorajamento dos filhos de Deus em todos os séculos. Deus tem um propósito em enviar a Seus filhos. Ele jamais os dirige de outra forma que não aquela mesma que eles escolheriam se pudessem ver o fim desde o princípio, e discernir a glória do propósito que estão preenchendo. Tudo que Ele traz sobre eles em provação e infortúnio vem para que sejam fortes a fim de agirem e sofrerem por Ele.

As mensagens dadas por Ageu e Zacarias despertaram o povo no sentido de fazer todo o esforço possível para a reconstrução do templo; mas enquanto trabalhavam foram maldosamente molestados pelos samaritanos e outros, que tramaram muitos embaraços. Uma

ocasião os oficiais do reino medo-persa, governadores da província, visitaram Jerusalém, e pediram o nome da pessoa que havia autorizado a restauração do templo. Se nessa ocasião os judeus não tivessem confiado no Senhor para orientação, esta inquirição teria tido para eles resultados desastrosos. “Porém os olhos de Deus estavam sobre os anciãos dos judeus, e não os impediram, até que o negócio veio a Dario”. Esdras 5:5. Os oficiais receberam uma resposta tão sábia que decidiram escrever uma carta a Dario Histaspes, então rei da Medo-Pérsia, chamando sua atenção para o decreto original feito por Ciro, o qual ordenara que a casa de Deus em Jerusalém fosse reconstruída, e que as despesas da mesma fossem pagas do tesouro do rei.

Dario pesquisou em busca deste decreto, e encontrou-o; ordenou então aos que tinham feito a inquirição que permitissem prosseguir a reconstrução do templo. “Deixai-os na obra desta casa de Deus”, ele ordenou; “para que o governador dos judeus e os judeus edifiquem esta casa de Deus no seu lugar.

“Também por mim”, Dario continuou, “se decreta o que haveis de fazer com os anciãos dos judeus, para que edifiquem esta casa de Deus, a saber: Que da fazenda do rei, dos tributos dalém do rio, se pague prontamente a despesa a estes homens, para que não sejam [295] impedidos. E o que for necessário, como bezerros, e carneiros, e cordeiros, para o holocausto ao Deus dos Céus, trigo, sal, vinho e azeite, segundo o rito dos sacerdotes que estão em Jerusalém, dê-se-lhes, de dia em dia, para que não haja falta; para que ofereçam sacrifícios de cheiro suave ao Deus dos Céus, e orem pela vida do rei e de seus filhos”. Esdras 6:7-10.

Além disso o rei decretou que severas penalidades seriam aplicadas a quem de alguma maneira pretendesse alterar o decreto; e ele concluiu com esta afirmação digna de nota: “O Deus, pois, que fez habitar ali o Seu nome derribe a todos os reis e povos que estenderem a sua mão para o mudarem e para destruírem esta casa de Deus, que está em Jerusalém. Eu Dario, dei o decreto; apressuradamente se execute”. Esdras 6:12. Assim o Senhor preparou o caminho para a conclusão do templo.

Durante muitos meses antes que este decreto fosse baixado, os israelitas, estiveram a trabalhar pela fé, os profetas de Deus ainda os ajudando por meio de oportunas mensagens, pelas quais o propósito

divino para Israel foi mantido perante os edificadores. Dois meses depois que a última mensagem registrada de Ageu foi dada, Zacarias teve uma série de visões referentes à obra de Deus na Terra. Essas mensagens, dadas na forma de parábolas e símbolos, vieram num tempo de grande incerteza e ansiedade, e foram de peculiar significação para os homens que estavam avançando em nome do Deus de Israel. Parecia aos líderes como se a permissão dada aos judeus para reconstruir estivesse prestes a sofrer impedimento; o futuro parecia muito negro. Deus viu que Seu povo estava em necessidade de ser sustido e animado por uma revelação de Sua infinita compaixão e amor.

Em visão, Zacarias ouviu o anjo do Senhor perguntar: "O Senhor dos Exércitos, até quando não terás compaixão de Jerusalém, e das cidades de Judá, contra as quais estiveste irado estes setenta anos? E respondeu o Senhor ao anjo que falava comigo", declarou Zacarias, "com palavras boas, palavras consoladoras."

"E o anjo que falava comigo me disse: Clama, dizendo: Assim diz o Senhor dos Exércitos: Com grande zelo estou zelando por Jerusalém e por Sião. E com grandíssima ira estou irado com as nações em descanso; porque estando Eu num pouco desgostoso, eles auxiliaram no mal. Portanto, o Senhor diz assim: Voltei-Me para Jerusalém com misericórdia; a Minha casa nela será edificada, e o cordel será estendido sobre Jerusalém". Zacarias 1:12-16.

O profeta foi agora autorizado a predizer: "Assim diz o Senhor dos Exércitos: As Minhas cidades ainda aumentarão e prosperarão, porque o Senhor ainda consolará a Sião e ainda escolherá a Jerusalém". Zacarias 1:17.

Zacarias viu então "os poderes que dispersaram a Judá, a Israel e a Jerusalém", simbolizados por quatro cornos. Logo em seguida ele [296] viu quatro ferreiros, representando os agentes usados pelo Senhor na restauração de Seu povo e da casa do Seu culto. Zacarias 1:18-21.

"Tornei a levantar os meus olhos", diz Zacarias, "e olhei, e vi um homem em cuja mão estava um cordel de medir. E eu disse: Para onde vais tu? E ele me disse: Medir Jerusalém, para ver qual é a sua largura e qual o seu comprimento. E eis que saiu o anjo que falava comigo, e outro anjo lhe saiu ao encontro, e lhe disse: Corre, fala a este mancebo, dizendo: Jerusalém será habitada como as aldeias sem muros, por causa da multidão, nela, dos homens e dos animais.

E Eu, diz o Senhor, serei para ela um muro de fogo ao redor, e Eu mesmo serei, no meio dela, a sua glória”. Zacarias 2:1-5.

Deus havia determinado que Jerusalém fosse reconstruída; a visão da medição da cidade era uma garantia de que Ele daria conforto e força aos Seus afligidos, e cumpriria para com eles as promessas do Seu eterno concerto. Seu cuidado protetor, Ele havia declarado, seria como “um muro de fogo ao redor”; e por meio deles Sua glória seria revelada a todos os filhos dos homens. Aquilo que Ele estava realizando por Seu povo devia ser conhecido em toda a Terra. “Exulta e canta de gozo, ó habitante de Sião, porque grande é o Santo de Israel no meio de ti”. Isaías 12:6. [297]

Capítulo 47 — Josué e o anjo

O firme progresso realizado pelos construtores do templo aborreceu e alarmou grandemente as forças do mal. Satanás determinou dedicar maior esforço ainda para enfraquecer e desencorajar o povo de Deus, expondo diante deles suas imperfeições de caráter. Se os que tinham de longa data sofrido por causa da transgressão pudessem ser de novo induzidos a transgredir os mandamentos de Deus, seriam uma vez mais levados ao cativeiro do pecado.

Por que tivesse sido escolhido para preservar o conhecimento de Deus na Terra, Israel havia sido sempre objeto especial da inimizade de Satanás; o inimigo estava determinado a provocar sua destruição. Enquanto foram obedientes, ele não pôde fazer-lhes mal; por isso dispusera todo o seu poder e astúcia no sentido de induzi-los ao pecado. Enlaçados por suas tentações, eles tinham transgredido a lei de Deus, havendo-se tornado presa dos seus inimigos.

Muito embora tivessem eles sido levados cativos para Babilônia, Deus não os abandonara. Ele lhes enviou os Seus profetas com reprovações e advertências, e despertou-os para que vissem sua culpa. Quando se humilharam perante Deus, e voltaram-se para Ele com verdadeiro arrependimento, Ele lhes enviou então mensagens de encorajamento, declarando que os livraria do cativeiro, restaurá-los-ia ao Seu favor e uma vez mais os estabeleceria em sua própria terra. E agora que esta obra de restauração tinha começado, e um remanescente de Israel tinha já retornado à Judéia, Satanás estava determinado a frustrar a concretização do divino propósito e para este fim estava procurando mover as nações pagãs para que os destruíssem totalmente.

Mas nesta crise o Senhor fortaleceu o Seu povo com “palavras boas, palavras consoladoras”. Zacarias 1:13. Através de uma ilustração impressiva da obra de Satanás e da obra de Cristo, Ele mostrou o poder do mediador deles para derrotar o acusador do Seu povo.

Em visão o profeta contemplou “o sumo sacerdote Josué”, “vestido de vestidos sujos” (Zacarias 3:1, 3), o qual estava diante do

anjo do Senhor, suplicando a misericórdia de Deus para o seu povo afligido. Enquanto ele suplicava o cumprimento das promessas de Deus, Satanás se apresentou ousadamente para resistir-lhe. Ele apresentou as transgressões de Israel como razão pela qual não poderiam ser reabilitados no favor de Deus. Reclamava-os como presa sua, e exigia que fossem entregues em suas mãos. [298]

O sumo sacerdote não podia defender nem a si nem a seu povo das acusações de Satanás. Ele não afirma que Israel esteja isento de faltas. Em vestes sujas, simbolizando os pecados do povo — pecados que ele levava como seu representante — ele está perante o anjo, confessando os pecados deles, mas apontando para o seu arrependimento e humilhação, e descansando na misericórdia de um Redentor que perdoa o pecado. Em fé ele reclama as promessas de Deus.

Então o anjo, que é o próprio Cristo, o Salvador dos pecadores, reduz ao silêncio o acusador do Seu povo, declarando: "O Senhor te repreenda, ó Satanás; sim, o Senhor, que escolheu Jerusalém, te repreenda: não é este um tição tirado do fogo?" Zacarias 3:2. Longo tempo havia Israel permanecido na fornalha da aflição. Por causa de seus pecados havia sido quase consumido no fogo que Satanás e seus agentes haviam acendido para a sua destruição; mas Deus tinha agora estendido a Sua mão para tirá-los.

Havendo sido aceita a intercessão de Josué, é dada a ordem: "Tirai-lhe estes vestidos sujos"; e a Josué o anjo diz: "Eis que tenho feito com que passe de ti a tua iniqüidade, e te vestirei de vestidos novos." "E puseram uma mitra limpa sobre a sua cabeça, e o vestiram de vestidos..." Zacarias 3:4, 5. Seus próprios pecados e os de seu povo foram perdoados. Israel fora vestido "de vestidos novos" — a justiça de Cristo a eles imputada. A mitra posta sobre a cabeça de Josué era como a que os sacerdotes usavam, e levava a inscrição: "Santidade ao Senhor" (Êxodo 28:36), significando que não obstante suas anteriores transgressões, ele estava agora qualificado para ministrar perante Deus em Seu santuário.

O Anjo agora declarou a Josué: "Assim diz o Senhor dos Exércitos: Se andares nos Meus caminhos, e se observares as Minhas ordenanças, também tu julgarás a Minha casa, e também guardarás os Meus átrios, e te darei lugar entre os que estão aqui". Zacarias 3:7. Se obediente, ele seria honrado como juiz ou dirigente do templo e

seus serviços; ele devia andar entre anjos assistentes, mesmo nesta vida, e afinal devia juntar-se à multidão de glorificados ao redor do trono de Deus.

"Ouve, pois, Josué, sumo sacerdote, tu e os teus companheiros que se assentam diante de ti, porque são homens portentosos; eis que Eu farei vir o Meu Servo, o Renovo". Zacarias 3:8. No Renovo, o Libertador por vir, repousava a esperança de Israel. Foi pela fé no Salvador vindouro que Josué e seu povo tinham recebido o perdão. Pela fé em Cristo haviam eles sido restaurados no favor de Deus. Pela virtude de Seus méritos, se andassem nos Seus caminhos e guardassem os Seus estatutos, seriam "homens portentosos", honrados como os escolhidos do Céu entre as nações da Terra.

Como Satanás acusou Josué e seu povo, assim em todos os séculos ele acusa os que buscam a misericórdia e o favor de Deus. Ele é o "acusador de nossos irmãos", e os acusa "de dia e de noite". Apocalipse 12:10. A controvérsia se repete em relação a cada alma [299] que é liberta do poder do mal, e cujo nome é escrito no livro da vida do Cordeiro. Jamais é alguém recebido na família de Deus sem que se exalte a decidida resistência do inimigo. Mas Aquele que foi então a esperança de Israel, sua defesa, justiça e redenção, é a esperança da igreja hoje.

As acusações de Satanás contra os que buscam ao Senhor não são movidas pelo desprazer pelos pecados deles. Ele exulta nos defeitos do seu caráter; pois sabe que é unicamente por suas transgressões da lei de Deus que ele obtém poder sobre eles. Suas acusações nascem unicamente de sua inimizade por Cristo. Através do plano da salvação, Jesus está quebrando o poder de Satanás sobre a família humana, e libertando as almas do seu poder. Todo o ódio e malignidade do arqui-rebelde se inflamam quando ele contempla as evidências da supremacia de Cristo; e com diabólico poder e astúcia ele trabalha para tirar dEle os filhos dos filhos dos homens que aceitaram a salvação. Ele leva os homens ao ceticismo, procurando que percam a confiança em Deus e fiquem separados do Seu amor; tenta-os a quebrar a lei, e então os reclama como seus cativos, contestando o direito de Cristo os arrebatar.

Satanás sabe que os que buscam o perdão e a graça de Deus os obterão; por isto apresenta diante deles os seus pecados para os desencorajar. Ele está sempre buscando ocasião contra os que estão

procurando obedecer e apresentar o melhor e mais aceitável serviço a Deus, fazendo parecer corruptas todas essas iniciativas. Mediante astúcias sem conta, as mais sutis e mais cruéis, procura ele assegurar a sua condenação.

O homem não pode, em sua própria força, enfrentar as acusações do inimigo. Com suas vestes manchadas de pecado e em confissão de culpa, ele está perante Deus. Mas Jesus, nosso Advogado, apresenta uma eficaz alegação em favor de todo aquele que, pelo arrependimento e fé, confiou a guarda de sua alma a Ele. Ele defende sua causa, e mediante os poderosos argumentos do Calvário, derrota o seu acusador. Sua perfeita obediência à lei de Deus deu-Lhe poder no Céu e na Terra, e Ele reclama de Seu Pai misericórdia e reconciliação para com o homem culpado. Ao acusador do Seu povo Ele declara: "O Senhor te repreenda, ó Satanás. Estes são os que foram comprados com o Meu sangue, tições tirados do fogo." E aos que nEle descansam em fé, Ele dá a certeza: "Eis que tenho feito com que passe de ti a tua iniqüidade, e te vestirei de vestidos novos". Zacarias 3:4.

Todos os que se vestiram da justiça de Cristo estarão perante Ele como escolhidos, e fiéis e leais. Satanás não tem poder para arrancá-los da mão do Salvador. Nenhuma alma que em penitência e fé reclame a Sua proteção, permitirá Cristo que passe para o poder do inimigo. Sua palavra está empenhada: "Que se apodere da Minha força, e faça paz comigo; sim, que faça paz comigo". Isaías 27:5. A promessa dada a Josué é dada a todos: "Se observares as Minhas ordenanças [...] te darei lugar entre os que estão aqui". Zacarias 3:7. Anjos de Deus caminharão ao lado deles, mesmo neste mundo, e eles estarão afinal entre os anjos que circundam o trono de Deus. [300]

A visão que de Josué e o anjo teve Zacarias se aplica com peculiar força à experiência do povo de Deus nas cenas finais do grande dia da expiação. A igreja remanescente será levada então a grande prova e angústia. Os que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus, experimentarão a ira do dragão e suas legiões. Satanás considera o mundo como seu súdito; e ele tem de fato alcançado o controle de muitos cristãos professos. Mas aqui está um pequeno grupo que tem resistido a sua supremacia. Se ele pudesse apagá-los da Terra, seu triunfo seria completo. Assim como ele influenciou as nações pagãs para que destruíssem a Israel, assim em próximo

futuro ele instigará os ímpios poderes da Terra para que destruam o povo de Deus. Requerer-se-á dos homens que rendam obediência a editos humanos em violação da lei divina.

Os que forem fiéis a Deus serão ameaçados, denunciados, proscritos. Serão entregues "pelos pais, e irmãos, e parentes, e amigos" até mesmo à morte. Lucas 21:15. Sua única esperança está na misericórdia de Deus; sua única defesa será a oração. Como Josué suplicou perante o anjo, assim a igreja remanescente, com quebrantamento de coração e inabalável fé, suplicará perdão e livramento por meio de Jesus, seu Advogado. Estão inteiramente cônscios da pecaminosidade de suas vidas, vêem sua fraqueza e indignidade; e estão a ponto de desesperar.

O tentador se põe ao lado e os acusa, como o fez para resistir a Josué. Ele aponta para os seus vestidos sujos, seu caráter defeituoso. Apresenta sua fraqueza e leviandade, seus pecados de ingratidão, sua dessemelhança com Cristo, que tem desonrado ao seu Redentor. Ele procura aterrorizá-los com o pensamento de que seu caso é sem esperança, que a mancha de suas profanações nunca poderá ser lavada. Ele espera assim destruir-lhes a fé a fim de que se rendam a suas tentações, deixando sua obediência a Deus.

Satanás tem um acurado conhecimento dos pecados que tem levado o povo de Deus a cometer, e lança contra eles suas acusações, declarando que por seus pecados perderam o direito à proteção divina, afirmando que tem o direito de destruí-los. Pronuncia-os como tão dignos quanto ele mesmo de exclusão do favor de Deus. "São estes", ele diz, "o povo que deve tomar o meu lugar no Céu, e o lugar dos anjos que se uniram a mim? Eles professam obedecer a lei de Deus; mas têm guardado os seus preceitos? Não têm sido eles amantes do eu mais que amantes de Deus? Não têm colocado seus próprios interesses acima do Seu serviço? Não têm amado as coisas do mundo? Contemplai os pecados que têm marcado suas vidas. Vede seu egoísmo, sua malícia, o ódio de uns aos outros. Banirá Deus a mim e aos meus anjos de Sua presença, e no entanto recompensará aos que têm sido culpados dos mesmos pecados? Tu [301] não podes, ó Senhor, com justiça, fazer isto. A justiça reclama que a sentença seja pronunciada contra eles."

Mas conquanto os seguidores de Cristo tenham pecado, eles não se entregaram ao controle das forças satânicas. Arrependeram-se de

seus pecados, e procuraram o Senhor em humildade e contrição; e o Advogado divino pleiteia por eles. Aquele que tem sido abusado ao máximo pela ingratidão deles, Aquele que conhece os seus pecados e também a sua penitência, declara: "O Senhor te repreenda, ó Satanás. Eu dei a Minha vida por estas almas. Eles estão gravados na palma das Minhas mãos. Eles podem ter imperfeições de caráter; podem ter falhado em seus esforços; mas se arrependeram, e Eu os perdoei e aceitei."

Os assaltos de Satanás são fortes, seus enganos sutis; mas os olhos do Senhor estão sobre o Seu povo. Sua aflição é grande, o fogo da fornalha parece prestes a consumi-los; mas Jesus os apresentará como o ouro provado no fogo. Suas inclinações terrenas serão removidas, para que por meio deles a imagem de Cristo possa ser perfeitamente revelada.

Às vezes pode parecer que o Senhor esqueceu os perigos de Sua igreja, e o dano a ela feito por seus inimigos. Mas Deus não esqueceu. Nada neste mundo é tão caro ao coração de Deus como Sua igreja. Não é Sua vontade que métodos mundanos corrompam o seu registro. Ele não deixa que Seu povo seja vencido pelas tentações de Satanás. Ele punirá os que O representarem mal, mas será misericordioso para com todos os que sinceramente se arrependerem. Ele dará o necessário auxílio aos que O invocarem pedindo força para o desenvolvimento de um caráter cristão.

No tempo do fim, o povo de Deus suspirará e chorará por causa das abominações que se fazem na Terra. Com lágrimas advertirão os ímpios do seu perigo em tripudiar sobre a lei divina, e com indizível tristeza se humilharão perante o Senhor em penitência. Os ímpios zombarão de sua tristeza e ridicularizarão seus solenes apelos. Mas a angústia e humilhação do povo de Deus é uma segura evidência de que estão reconquistando a força e a nobreza de caráter perdidos em conseqüência do pecado. É porque se estão achegando mais a Cristo, porque seus olhos estão fixos em Sua perfeita pureza, que discernem assim claramente a excessiva malignidade do pecado. Mansidão e humildade são condições de sucesso e vitória. Uma coroa de glória espera os que se dobram ao pé da cruz.

Os fiéis de Deus em oração estão, por assim dizer encerrados com Ele. Eles mesmos não sabem quão seguramente estão abrigados. Instigados por Satanás, os governantes deste mundo estão

procurando destruí-los; mas pudessem os olhos dos filhos de Deus serem abertos, como o foram os olhos do servo de Eliseu em Dotã, e veriam anjos de Deus acampados em torno deles, pondo em xeque as forças das trevas.

Afligindo o povo de Deus suas almas perante Ele, suplicando pureza de coração, é dada a ordem: "Tirai-lhe estes vestidos sujos", [302] e são ditas as encorajadoras palavras: "Eis que tenho feito com que passe de ti a tua iniqüidade, e te vestirei de vestidos novos". Zacarias 3:4. As vestes imaculadas da justiça de Cristo são postas sobre os tentados filhos de Deus. Provados e fiéis o desprezado remanescente está vestido de vestes gloriosas, para não mais serem aviltados pelas corrupções do mundo. Seus nomes estão conservados no livro da vida do Cordeiro, inscritos entre os fiéis de todos os tempos. Eles resistiram aos ardis do enganador; não deixaram sua lealdade a Deus por causa do rugido do dragão. Agora estão eternamente livres dos enganos do tentador. Seus pecados são transferidos para o originador do pecado. Uma "mitra limpa" (Zacarias 3:5) lhes é posta sobre a cabeça.

Enquanto Satanás tem estado a fazer as suas acusações, anjos santos, invisíveis, estão passando de um para outro lado, pondo sobre os fiéis o selo do Deus vivo. Estes são os que estarão sobre o Monte de Sião com o Cordeiro, tendo o nome do Pai escrito em suas testas. Eles cantam o cântico novo diante do trono, esse cântico que ninguém pode aprender a não ser os cento e quarenta e quatro mil que são redimidos da Terra. "Estes são os que seguem o Cordeiro para onde quer que vai. Estes são os que dentre os homens foram comprados como primícias para Deus e para o Cordeiro. E na sua boca não se achou engano; porque são irrepreensíveis diante do trono de Deus". Apocalipse 14:4, 5.

Agora é alcançado o completo cumprimento das palavras do anjo: "Ouve, pois, Josué, sumo sacerdote, tu e os teus companheiros que se assentam diante de ti, porque são homens portentosos; eis que Eu farei vir o Meu servo, o Renovo". Zacarias 3:8. Cristo é revelado como Redentor e Libertador do Seu povo. Os remanescentes são agora sem dúvida "homens portentosos", quando as humilhações e as lágrimas de sua peregrinação dão lugar a exaltação e honra na presença de Deus e do Cordeiro. "Naquele dia o Renovo do Senhor será cheio de beleza e de glória, e o fruto da terra excelente

e formoso para os que escaparem de Israel. E será que aquele que ficar em Sião e o que permanecer em Jerusalém, será chamado santo; todo aquele que estiver inscrito entre os vivos em Jerusalém”. Isaías 4:2, 3. [303]

Capítulo 48 — “Não por força nem por violência”

Imediatamente após a visão que Zacarias teve de Josué e o anjo, o profeta recebeu uma mensagem referente à obra de Zorobabel. “E tornou o anjo que falava comigo”, declara Zacarias, “e me despertou, como a um homem que é despertado do seu sono. E me disse: Que vês? E eu disse: Olho, e eis um castiçal todo de ouro, e um vaso de azeite no cimo, com as suas sete lâmpadas; e cada lâmpada posta no cimo tinha sete canudos. E, por cima dele, duas oliveiras, uma à direita do vaso de azeite, e outra à sua esquerda.

“E falei, e disse ao anjo que falava comigo, dizendo: Senhor meu, que é isto? Então respondeu o anjo que falava comigo, e me disse: Não sabes tu o que isto é? E eu disse: Não, senhor meu. E respondeu, e me falou, dizendo: Esta é a palavra do Senhor a Zorobabel, dizendo: Não por força nem por violência, mas pelo Meu Espírito, diz o Senhor dos Exércitos.”

“Falei mais, e disse-lhe: Que são as duas oliveiras à direita do castiçal e à sua esquerda? E, falando-lhe outra vez, disse: Que são aqueles dois raminhos de oliveira, que estão junto aos dois tubos de ouro, e que vertem de si ouro? [...] Então ele disse: Estes são os dois filhos do óleo, que estão diante do Senhor de toda a Terra”. Zacarias 4:1-6, 11-14.

Nessa visão as duas oliveiras que estão diante de Deus são representadas como vertendo de si o dourado óleo através de tubos para o receptáculo do castiçal. Daqui se alimentam as lâmpadas do santuário, para que possam produzir luz clara e contínua. Assim, dos ungidos que estão na presença de Deus, a plenitude da luz divina do amor e poder é repartida a Seu povo, para que este possa com outros repartir luz, alegria e refrigério. Os que assim são enriquecidos devem enriquecer a outros com os tesouros do amor de Deus.

Na reconstrução da casa do Senhor, Zorobabel tinha trabalhado em face de múltiplas dificuldades. Desde o início, os adversários tinham debilitado “as mãos do povo de Judá, e inquietava-os no edificar”, “e os impediram à força de braço e com violência”. Esdras

4:4, 23. Mas o Senhor Se interpusera em favor dos fiéis construtores, e agora falou por intermédio do Seu profeta, Zacarias, a Zorobabel, dizendo: [...] “Quem és tu, ó monte grande? diante de Zorobabel serás uma campina; porque ele trará a primeira pedra com aclamações: Graça, graça a ela”. Zacarias 4:7. [304]

Através da história do povo de Deus, grandes montanhas de dificuldades, aparentemente invencíveis, têm-se avultado diante dos que estiveram procurando executar os propósitos do Céu. Tais obstáculos ao progresso são permitidos pelo Senhor como uma prova de fé. Quando somos apertados de todos os lados, é sobretudo tempo de confiarmos em Deus e no poder do Seu Espírito. O exercício de uma fé viva significa aumento de força espiritual e desenvolvimento de firme confiança. É assim que a alma se torna um poder conquistador. Ante os reclamos da fé, os obstáculos postos por Satanás no caminho do cristão desaparecerão; pois os poderes do Céu virão em seu auxílio. “Nada vos será impossível”. Mateus 17:20.

O caminho do mundo tem seu início com pompa e ostentação. O caminho de Deus deve tornar o dia das coisas pequenas o começo do glorioso triunfo da verdade e da justiça. Algumas vezes Deus disciplina Seus obreiros levando-os a desapontamentos e aparente fracasso. É Seu propósito que eles aprendam a dominar as dificuldades.

Muitas vezes os homens são tentados a fracassar ante os obstáculos e perplexidades que os defrontam. Mas se eles mantiverem o princípio de sua confiança firme até o fim, Deus fará que o caminho se torne claro. O sucesso lhes sobrevirá ao lutarem contra as dificuldades. Ante o intrépido espírito e firme fé de um Zorobabel, montanhas de dificuldades tornar-se-ão em planície; e aquele cujas mãos puseram os fundamentos, “também as suas mãos a acabarão”. “Porque ele trará a primeira pedra com aclamações: Graça, graça a ela”. Zacarias 4:9, 7.

O poder humano e a humana força não estabeleceram a igreja de Deus, nem a podem destruir. Não sobre a rocha da força humana, mas sobre Cristo Jesus, a Rocha dos Séculos, foi a igreja fundada, “e as portas do inferno não prevalecerão contra ela”. Mateus 16:18. A presença de Deus dá estabilidade a Sua causa. “Não confieis em príncipes, nem em filhos dos homens”, é a palavra a nós dirigida. “No sossego e na confiança estaria a vossa força”. Isaías 30:15. A

gloriosa obra de Deus, fundada nos eternos princípios do direito, jamais fracassará. Ela prosseguirá de poder em poder, “não por força nem por violência, mas pelo Meu Espírito, diz o Senhor dos Exércitos”. Zacarias 4:6.

A promessa: “As mãos de Zorobabel têm fundado esta casa; também as suas mãos a acabarão” (Zacarias 4:9), foi literalmente cumprida. “E os anciãos dos judeus iam edificando e prosperando pela profecia do profeta Ageu, e de Zacarias, filho de Ido; e edificaram a casa e a aperfeiçoaram conforme ao mandado do Deus de Israel, e conforme ao mandado de Ciro e de Dario, e de Artaxerxes rei da Pérsia. E acabou-se esta casa no dia terceiro do mês de Adar, que era o sexto ano do reinado do rei Dario”. Esdras 6:14, 15.

Pouco tempo depois, o templo restaurado foi dedicado. “E os filhos de Israel, os sacerdotes, e os levitas, e o resto dos filhos do [305] cativeiro, fizeram a consagração desta casa de Deus com alegria”; e “celebraram a Páscoa no dia 14 do primeiro mês”. Esdras 6:16, 17, 19.

O segundo templo não igualava o primeiro em magnificência, nem recebeu o toque visível da presença divina, como no caso do primeiro templo. Não houve manifestação de poder sobrenatural para assinalar sua dedicação. Nenhuma nuvem de glória foi vista inundar o santuário recém-erigido. Nenhum fogo desceu do Céu para consumir o sacrifício sobre o seu altar. O shekinah não mais habitava entre os querubins no santo dos santos; a arca, o propiciatório e as tábuas do testemunho não se encontravam ali. Nenhum sinal do Céu tornou conhecida ao sacerdote inquiridor a vontade de Jeová.

E contudo este era o edifício a cujo respeito o Senhor tinha declarado pelo profeta Ageu: “A glória desta última casa será maior que a da primeira.” “Farei tremer todas as nações, e virá o Desejado de todas as nações, e encherei esta casa de glória, diz o Senhor dos Exércitos”. Ageu 2:9, 7. Durante séculos, homens eminentes têm procurado mostrar em que particular a promessa de Deus, dada a Ageu, tem sido cumprida; no entanto no advento de Jesus de Nazaré, o Desejado de todas as nações, que por Sua presença pessoal santificou o recinto e arredores do templo, muitos têm firmemente recusado ver qualquer significado especial. O orgulho e incredulidade têm cegado suas mentes para o verdadeiro significado das palavras do profeta.

O segundo templo foi honrado, não com a nuvem da glória de Jeová, mas com a presença dAquele em quem “habita corporalmente toda a plenitude da divindade” (Colossences 2:9) — o próprio Deus “que Se manifestou em carne”. 1 Timóteo 3:16. Na honra da presença pessoal de Cristo durante o Seu ministério terrestre, e nisto unicamente, o segundo templo excedeu o primeiro em glória. O “Desejado de todas as nações” (Ageu 2:7) viera de fato a seu tempo quando o Homem de Nazaré ensinou e curou no recinto sagrado. [306]

Capítulo 49 — Nos dias da rainha Ester

Graças ao favor que lhes fora mostrado por Ciro, aproximadamente cinqüenta mil dos filhos do cativeiro tinham tirado vantagem do decreto que lhes permitia voltar. Esses, entretanto, em comparação com as centenas de milhares espalhados através das províncias da Medo-Pérsia, eram apenas um simples remanescente. A grande maioria dos israelitas tinha escolhido permanecer na terra do seu exílio, antes que enfrentar as durezas da jornada de retorno e o restabelecimento de suas desoladas cidades e lares.

Uma vintena ou mais de anos havia passado, quando um segundo decreto, tão favorável quanto o primeiro, foi baixado por Dario Histaspes, o rei que governava então. Assim proveu Deus em misericórdia outra oportunidade para os judeus na Medo-Pérsia, a fim de que voltassem à terra de seus ancestrais. O Senhor previra os tempos turbulentos que se seguiriam durante o reinado de Xerxes — o Assuero do livro de Ester — e Ele não somente operou uma mudança de sentimentos no coração dos homens em autoridade, mas inspirou também Zacarias a que se empenhasse com os exilados para que voltassem.

"Olá, oh fugi agora da terra do norte", era a mensagem dada às tribos dispersas de Israel que se tinham estabelecido em muitas terras longe do seu antigo lar, "porque Eu vos espalhei como os quatro ventos do céu, diz o Senhor. Oh Sião livra-te tu, que habitas com a filha de Babilônia. Porque assim diz o Senhor dos Exércitos: Depois da glória ele me enviou às nações que vos despojaram; porque aquele que tocar em vós toca na menina do Seu olho. Porque eis aí levantarei a Minha mão sobre eles, e eles virão a ser a presa daqueles que os serviram; assim sabereis vós que o Senhor dos Exércitos me enviou". Zacarias 2:6-9.

Era ainda o propósito do Senhor como tinha sido desde o início, que Seu povo fosse um louvor na Terra, para glória do Seu nome. Durante os longos anos do seu exílio, Ele lhes havia dado muitas oportunidades de retornar a sua obediência a Ele. Alguns tinham

escolhido ouvir e aprender; outros tinham encontrado salvação em meio de aflições. Muitos desses deviam ser contados entre o remanescente que retornaria. Eles foram assemelhados pela Inspiração ao "topo do cedro", que devia ser plantado "sobre um monte alto e sublime, no monte alto de Israel". Ezequiel 17:22, 23. [307]

Eram esses aqueles "cujo espírito Deus despertou" (Esdras 1:5), que tinham retornado sob o decreto de Ciro. Mas Deus não cessou de apelar aos que voluntariamente permaneceram na terra do exílio; e através de múltiplas providências Ele tornou-lhes possível o retorno. O grande número, entretanto, dos que deixaram de responder ao decreto de Ciro, permaneceram insusceptíveis a posteriores influências; e mesmo quando Zacarias os advertiu a que fugissem de Babilônia sem mais delongas, eles não deram ouvidos ao convite.

Nesse tempo, as condições no reino da Medo-Pérsia estavam rapidamente mudando. Dario Histaspes, sob cujo reinado os judeus tinham recebido mostras de evidente favor, foi sucedido por Xerxes o Grande. Foi durante o seu reinado que aqueles judeus que haviam deixado de atender à mensagem para fugir, foram chamados a enfrentar terrível crise. Tendo recusado tomar vantagem do caminho de escape que Deus havia provido, foram agora postos face a face com a morte.

Por intermédio de Hamã o agagita, um homem inescrupuloso colocado em elevada autoridade na Medo-Pérsia, Satanás operou neste tempo para contrapor-se aos propósitos de Deus. Hamã acalentava amargo ódio a Mardoqueu, um judeu. Mardoqueu não havia feito a Hamã nenhum mal, mas simplesmente havia recusado mostrar-lhe reverência que traduzia culto. Desdenhando "pôr as mãos só em Mardoqueu", Hamã conspirou no sentido de "destruir todos os judeus que havia em todo o reino de Assuero, ao povo de Mardoqueu". Ester 3:6.

Mal orientado por falsas acusações de Hamã, Xerxes foi induzido a baixar um decreto determinando o massacre de todo povo judeu "espalhado e dividido entre os povos em todas as províncias" (Ester 3:8) do reino da Medo-Pérsia. Foi apontado um certo dia no qual os judeus deviam ser destruídos e suas propriedades confiscadas. Mal imaginava o rei os vastos resultados que teriam acompanhado a completa execução deste decreto. O próprio Satanás, o instiga-

dor oculto deste plano, estava procurando aliviar a Terra dos que preservavam o conhecimento do verdadeiro Deus.

"E em todas as províncias aonde a palavra do rei e a sua lei chegavam, havia entre os judeus grande luto, com jejum, e choro, e lamentação, e muitos estavam deitados em saco e cinza". Ester 4:3. O decreto dos medos e persas não podia ser revogado; aparentemente não havia esperança; todos os israelitas estavam condenados à destruição.

Mas a trama do inimigo foi derrotada por um Poder que reina entre os filhos dos homens. Na providência de Deus, Ester, judia que temia ao Altíssimo, tinha sido escolhida como rainha do reino da Medo-Pérsia. Mardoqueu era um seu parente chegado. Na sua situação extrema, eles decidiram apelar a Xerxes em favor do seu povo. Ester devia aventurar-se a ir a sua presença como intercessora. "Quem sabe", dizia Mardoqueu, "se para tal tempo como este [308] chegaste a este reino?" Ester 4:14.

A crise que Ester enfrentava demandava ação fervorosa e imediata; mas tanto ela como Mardoqueu sentiam que a menos que Deus operasse poderosamente em seu favor, seus próprios esforços seriam vãos. Assim Ester tomou tempo para comunhão com Deus, a fonte de sua força. "Vai", mandou ela dizer a Mardoqueu, "ajunta todos os judeus que se acharem em Susã, e jejuai por mim, e não comais nem bebais por três dias, nem de dia nem de noite, e eu e as minhas moças também assim jejuaremos; e assim irei ter com o rei, ainda que não é segundo a lei; e, perecendo, pereço". Ester 4:16.

Os acontecimentos que se seguiram em rápida sucessão — a apresentação de Ester perante o rei, o assinalado favor a ela mostrado, os banquetes do rei e da rainha com Hamã como o único comensal, o sono perturbado do rei, a honra pública mostrada a Mardoqueu, e a humilhação e queda de Hamã após a descoberta de sua ímpia trama — tudo pertence a uma história familiar. Deus operou maravilhosamente por Seu penitente povo; e um decreto em contrapartida baixado pelo rei, permitindo-lhes lutar por sua vida, foi rapidamente comunicado a toda parte do reino por correios a cavalo, que "apressuradamente saíram, impelidos pela palavra do rei". E "em toda a província, e em toda a cidade, aonde chegava a palavra do rei e a sua ordem, havia entre os judeus alegria e gozo, banquetes e dias de folguedo; e muitos, entre os povos da terra, se

fizeram judeus, porque o temor dos judeus tinha caído sobre eles". Ester 8:14, 16.

No dia apontado para a sua destruição, "os judeus nas suas cidades, em todas as províncias do rei Assuero, se ajuntaram para pôr as mãos naqueles que procuravam o seu mal; e nenhum podia resistir-lhes, porque o seu terror caiu sobre todos aqueles povos". Anjos magníficos em poder tinham sido comissionados por Deus para proteger Seu povo, enquanto eles se punham "em defesa de sua vida". Ester 9:2, 16.

A Mardoqueu foi dada a posição de honra anteriormente ocupada por Hamã. Ele foi "o segundo depois do rei Assuero, e grande para com os judeus, e agradável para com a multidão de seus irmãos" (Ester 10:3); e ele procurou promover o bem-estar de Israel. Assim Deus levou o Seu povo escolhido uma vez mais ao favor da corte medo-persa, tornando possível assim a promoção de Seu propósito de restituir-lhes a sua própria terra. Mas não foi senão sete anos mais tarde, no sétimo ano de Artaxerxes I, o sucessor de Xerxes o Grande, que um número considerável retornou a Jerusalém sob a liderança de Esdras.

As duras experiências que o povo de Deus enfrentara nos dias de Ester não foram peculiares a esse tempo somente. O Revelador, olhando para os séculos no fim do tempo, declarou: "O dragão irou-se contra a mulher, e foi fazer guerra ao resto da sua semente, os que guardam os mandamentos de Deus, e têm o testemunho de Jesus Cristo". Apocalipse 12:17. Alguns que hoje estão vivendo na Terra verão cumpridas essas palavras. O mesmo espírito que nos séculos [309] passados levou os homens a perseguirem a verdadeira igreja, levará no futuro à adoção de uma conduta similar para com os que mantêm sua lealdade a Deus. Mesmo agora estão sendo feitos preparativos para este último grande conflito.

O decreto que finalmente sairá contra o remanescente povo de Deus será muito semelhante ao que Assuero promulgou contra os judeus. Hoje os inimigos da verdadeira igreja vêem no pequeno grupo de guardadores do sábado, um Mardoqueu à porta. A reverência do povo de Deus por Sua lei, é uma constante repreensão aos que têm deixado o temor do Senhor, e estão pisando o Seu sábado.

Satanás suscitará indignação contra a minoria que recusa aceitar costumes populares e tradições. Homens de posição e reputação

unir-se-ão com os marginais e os vis para tomar conselho contra o povo de Deus. Riqueza, gênio, educação, combinar-se-ão para cobri-los de desprezo. Governantes perseguidores, pastores e membros de igreja conspirarão contra eles. De viva voz e pela pena, ameaças e ridículo, procurarão subverter-lhes a fé. Mediante falsas representações e irados apelos, os homens suscitarão as paixões do povo. Não possuindo um "Assim dizem as Escrituras" para apresentar contra os advogados do sábado bíblico, eles recorrerão a opressivos preceitos de lei que lhes supram a falta. A fim de assegurar popularidade e sua aprovação, os legisladores se renderão aos reclamos de leis dominicais. Mas os que temem a Deus não podem aceitar uma instituição que viole um preceito do Decálogo. Neste campo se travará o último grande conflito na controvérsia entre a verdade e o erro. E nós não somos deixados em dúvida quanto ao desfecho. Hoje, como nos dias [310] de Ester a Mardoqueu, o Senhor vindicará Sua verdade e Seu povo.

Capítulo 50 — Esdras, o sacerdote e escriba

Cerca de setenta anos após o retorno do primeiro grupo de exilados sob a liderança de Zorobabel e Josué, Artaxerxes Longímano subiu ao trono da Medo-Pérsia. O nome deste rei está em relação com a História Sagrada por uma série de importantes providências. Foi durante o seu reinado que Esdras e Neemias viveram e trabalharam. Ele foi quem em 457 a.C. baixou o terceiro e final decreto para a restauração de Jerusalém. Seu reinado viu o retorno de um grupo de judeus sob Esdras, a conclusão dos muros de Jerusalém por Neemias e seus companheiros, a reorganização das cerimônias do templo e as grandes reformas religiosas instituídas por Esdras e Neemias. Durante seu longo reinado ele não raro mostrou favor ao povo de Deus; e em seus estimados amigos judeus merecedores de sua confiança, Esdras e Neemias, ele reconhecia homens indicados por Deus, despertados para uma obra especial.

A experiência de Esdras enquanto vivia entre os judeus que permaneceram em Babilônia, foi tão excepcional que atraiu a favorável atenção do rei Artaxerxes, com quem ele falou livremente com respeito ao poder do Deus do Céu, e o propósito divino de fazer voltar os judeus para Jerusalém.

Descendente dos filhos de Arão, Esdras havia recebido a educação sacerdotal; e em acréscimo a isto adquiriu familiaridade com os escritos dos magos, astrólogos e sábios do reino medo-persa. Mas não se sentiu satisfeito com sua condição espiritual. Suspirava por estar em plena harmonia com Deus; ansiava sabedoria para fazer a vontade divina. E assim preparou "o seu coração para buscar a lei do Senhor e para a cumprir". Esdras 7:10. Isso o levou a aplicar-se diligentemente ao estudo da história do povo de Deus, como se encontra relatado nos escritos dos profetas e reis. Ele estudou os livros históricos e poéticos da Bíblia, a fim de compreender por que tinha o Senhor permitido que Jerusalém fosse destruída e seu povo levado cativo a terras pagãs.

Esdras deu especial atenção às experiências de Israel desde o tempo em que a promessa foi feita a Abraão. Ele estudou a instrução dada no Monte Sinai, e através do longo período da peregrinação no deserto. Ao aprender mais e mais sobre o trato de Deus com Seus [311] filhos, e compreender a santidade da lei dada no Sinai, o coração de Esdras foi tocado. Ele experimentou uma nova e completa conversão, e se determinou dominar os registros da História Sagrada, para que pudesse usar esse conhecimento de molde a levar bênção e luz ao seu povo.

Esdras procurou alcançar preparo de coração para a obra que cria ter diante de si. Ele procurou a Deus ferventemente, para que pudesse ser sábio mestre em Israel. À medida que aprendia a render a mente e a vontade ao divino controle, eram levados ao início de sua vida os princípios da verdadeira santificação que, nos últimos anos, tiveram modeladora influência, não somente sobre os jovens que buscavam sua instrução, mas sobre todos os que se associavam com ele.

Deus escolheu Esdras para ser um instrumento do bem para Israel, a fim de que pudesse levar honra ao sacerdócio, cuja glória tinha sido grandemente eclipsada durante o cativeiro. Esdras se desenvolveu num homem de extraordinária erudição, e tornou-se "escriba hábil na lei de Moisés". Esdras 7:6. Essas qualificações tornaram-no um homem eminente no reino da Medo-Pérsia.

Esdras tornou-se um porta-voz de Deus, educando nos princípios do governo do Céu aqueles que lhe estavam ao redor. Durante os anos restantes de sua vida, estivesse próximo à corte do rei da Medo-Pérsia ou em Jerusalém, sua principal tarefa era a de professor. Enquanto comunicava a outros a verdade que aprendia, sua capacidade para o trabalho aumentava. Ele se tornou um homem de piedade e zelo. Foi testemunha do Senhor ao mundo quanto ao poder da verdade para enobrecer a vida diária.

Os esforços de Esdras para reavivar o interesse no estudo das Escrituras receberam forma permanente, graças ao seu laborioso e constante esforço no sentido de preservar e multiplicar os Sagrados Escritos. Ele reuniu todos os exemplares da lei que pôde encontrar, mandando-os transcrever e distribuir. A Palavra pura, assim multiplicada e posta nas mãos de muitos, proveu o conhecimento que era de inestimável valor.

A fé que Esdras possuía de que Deus haveria de fazer uma poderosa obra por Seu povo, levou-o a falar a Artaxerxes do seu desejo de retornar a Jerusalém, a fim de reavivar o interesse no estudo da Palavra de Deus, e assistir seus irmãos na restauração da cidade santa. Como Esdras declarasse sua perfeita confiança no Deus de Israel como abundantemente capaz de proteger e cuidar de Seu povo, o rei ficou profundamente impressionado. Ele bem compreendeu que os israelitas estavam retornando a Jerusalém para que pudessem servir a Jeová; contudo, era tão grande a confiança do rei na integridade de Esdras, que lhe mostrou marcado favor, aceitando o seu pedido, e outorgando-lhe ricos dons para o serviço do templo. Ele o tornou um especial representante do reino medo-persa, e conferiu-lhe extensivos poderes para que pusesse em prática os propósitos que tinha em seu coração. [312]

O decreto de Artaxerxes Longímano para a restauração e reedificação de Jerusalém, o terceiro desde a terminação dos setenta anos do cativeiro, é notável por suas expressões referentes ao Deus do Céu, por seu reconhecimento das realizações de Esdras e a liberalidade das concessões feitas ao remanescente povo de Deus. Artaxerxes se refere a Esdras como "o sacerdote Esdras, o escriba das palavras dos mandamentos do Senhor, e dos Seus estatutos sobre Israel"; "escriba da lei do Deus dos Céus". O rei uniu-se com seus conselheiros em oferecer livremente "ao Deus de Israel, cuja habitação está em Jerusalém"; e em acréscimo, tomou providência no sentido de se enfrentar as muitas despesas pesadas ordenando que fossem pagas "da casa dos tesouros do rei". Esdras 7:11, 12, 15, 20.

"Da parte do rei e dos seus sete conselheiros és mandado", declarou Artaxerxes a Esdras, "para fazeres inquirição em Judá e em Jerusalém, conforme a lei do teu Deus, que está na tua mão." E mais tarde decretou: "Tudo quanto se ordenar, segundo o mandado do Deus do Céu, prontamente se faça para a casa do Deus do Céu; porque, para que haveria grande ira sobre o reino do rei e de seus filhos?" Esdras 7:14, 23.

Ao dar permissão para os israelitas voltarem, Artaxerxes providenciou a restauração dos membros do sacerdócio a seus antigos ritos e privilégios. "Também vos fazemos saber acerca de todos os sacerdotes e levitas, cantores, porteiros, netinins, e ministros desta

casa de Deus", ele declarou, "que se lhes não possa impor, nem direito, nem antigo tributo, nem renda." E tomou providências também para que fossem indicados funcionários civis para governar o povo legitimamente, de acordo com o código judaico de leis. "Tu, Esdras, conforme a sabedoria do teu Deus, que está na tua mão", ele ordenou, "põe regedores e juízes, que julguem a todo o povo que está dalém do rio, a todos os que sabem as leis do teu Deus, e ao que as não sabe as fareis saber. E todo aquele que não observar a lei do teu Deus e a lei do rei, logo se faça justiça dele: quer seja morte, quer degredo, quer multa sobre os seus bens, quer prisão". Esdras 7:24-26.

Assim, "segundo a boa mão do seu Deus sobre ele", Esdras persuadiu o rei a fazer abundante provisão para o retorno de todo o povo de Israel, e dos sacerdotes e levitas, no domínio medo-persa que, espontaneamente "quiser ir contigo a Jerusalém, vá". Esdras 7:9, 13. Assim outra vez foi dada oportunidade aos filhos da dispersão para voltarem à terra cuja posse estava vinculada às promessas à casa de Israel. Este decreto levou grande alegria aos que estiveram unidos com Esdras no estudo dos propósitos de Deus concernentes a Seu povo. "Bendito seja o Senhor Deus de nossos pais", Esdras exclamou, "que tal inspirou ao coração do rei, para ornarmos a casa do Senhor, que está em Jerusalém; e que estendeu para mim a Sua beneficência perante o rei e os seus conselheiros e todos os príncipes poderosos do rei". Esdras 7:27, 28. [313]

Na promulgação deste decreto por Artaxerxes, foi manifestas a providência de Deus. Alguns discerniram isto, e alegremente tiraram vantagem do privilégio de voltar sob circunstâncias tão favoráveis. Foi designado um lugar geral para reunião; e no tempo apontado, os que estavam desejosos de ir à Jerusalém se reuniram para a longa viagem. "E ajuntei-os perto do rio que vai a Aava", diz Esdras, "e ficamos ali acampados três dias". Esdras 8:15.

Esdras havia esperado que um grande número retornasse a Jerusalém, mas o número dos que responderam ao chamado era desapontadoramente pequeno. Muitos que haviam adquirido casas e terras não tinham desejo de sacrificar essas posses. Eles amavam a tranqüilidade e o conforto, e sentiam-se satisfeitos por permanecer. Seu exemplo provou-se um embaraço a outros que de outra forma

teriam escolhido lançar a sorte com os que estavam avançando pela fé.

Esdras, ao olhar o grupo reunido, ficou surpreso por não ver entre eles nenhum dos filhos de Levi. Onde estavam os membros da tribo que tinha sido posta de lado para o sagrado serviço do templo? Ao chamado: Quem está do lado do Senhor, os levitas deviam ter sido os primeiros a responder. Durante o cativeiro, como também depois, tinham-se-lhes concedido muitos privilégios. Eles haviam desfrutado a mais plena liberdade para ministrar às necessidades espirituais de seus irmãos no exílio. Sinagogas tinham sido construídas, nas quais os sacerdotes dirigiam o culto de Deus, e instruíam o povo. A observância do sábado, e a prática dos sagrados ritos peculiares à fé judaica, tinham sido permitidos livremente.

Mas com o passar dos anos depois do cativeiro, as condições mudaram, e muitas responsabilidades novas repousaram sobre os líderes de Israel. O templo de Jerusalém tinha sido reconstruído e dedicado, e mais sacerdotes eram necessários para a realização de suas cerimônias. Havia urgente necessidade de homens de Deus para atuar como ensinadores do povo. Demais disto, os judeus que permanecessem em Babilônia corriam o perigo de ter restringida sua liberdade religiosa. Por intermédio do profeta Zacarias, bem como pela recente experiência nos momentosos dias de Ester e Mardoqueu, os judeus na Medo-Pérsia tinham sido claramente advertidos a voltar para a sua própria terra. Chegara o tempo em que seria perigoso para eles a permanência por mais tempo no meio de influências pagãs. Em vista dessas condições modificadas, os sacerdotes em Babilônia deviam ter sido ligeiros em discernir na promulgação do decreto um chamado especial a eles para que retornassem para Jerusalém.

O rei e os príncipes tinham feito mais que sua parte em abrir o caminho para o retorno. Tinham provido abundantes meios; mas onde estavam os homens? Os filhos de Levi falharam no momento em que a influência de uma decisão de acompanhar seus irmãos teria levado outros a seguir-lhes o exemplo. Sua estranha indiferença [314] é uma triste revelação da atitude dos israelitas em Babilônia em relação aos propósitos de Deus por Seu povo.

Uma vez mais Esdras apelou aos levitas, enviando-lhes um urgente convite para se unirem com o seu grupo. Para dar ênfase à

importância de rápida ação, ele enviou com o seu apelo escrito vários dos seus “chefes” (Esdras 7:28) e “sábios”. Esdras 8:16.

Enquanto os viajantes ficaram com Esdras, esses acreditados mensageiros retornaram depressa com o apelo para que “trouxessem ministros para a casa de Deus”. Esdras 8:17. O apelo foi ouvido; alguns que estavam vacilantes, fizeram afinal a decisão de retornar. Ao todo, cerca de quarenta sacerdotes e duzentos e vinte netinins — homens em quem Esdras podia confiar como sábios ministros e bons mestres e ajudadores — foram levados ao acampamento.

Todos estavam agora prontos para partir. Diante deles estava uma jornada que levaria vários meses. Os homens tinham consigo suas esposas, filhos e posses, além de grande tesouro para o templo e seus serviços. Esdras fora advertido de que inimigos estavam de espreita pelo caminho, prontos para pilhar e destruir a ele e seu grupo; contudo não pedira ao rei nenhuma força armada para proteção. “Porque me envergonhei”, ele explicou, “de pedir ao rei exército e cavaleiros para nos defender do inimigo no caminho, porquanto tínhamos falado ao rei, dizendo: A mão de nosso Deus é sobre todos os que O buscam para o bem, mas a Sua força e a Sua ira sobre todos os que O deixam”. Esdras 8:22.

Nisso Esdras e seus companheiros viram uma oportunidade de magnificar o nome de Deus entre os pagãos. A fé no poder do Deus vivo seria fortalecida se os próprios israelitas revelassem agora implícita confiança no seu divino Guia. Determinaram-se, pois, depositar sua segurança inteiramente nEle. Não pediram nenhuma guarda de soldados. Não dariam aos pagãos qualquer ocasião de atribuir ao poder do homem a glória que somente a Deus pertence. Não permitiriam que surgisse na mente dos seus amigos pagãos qualquer dúvida quanto à sinceridade de sua dependência de Deus como Seu povo. A força seria obtida, não através de riquezas ou do poder e influência de idólatras, mas mediante o favor de Deus. Eles seriam protegidos exclusivamente pelo conservar diante de si a lei do Senhor, esforçando-se por obedecê-la.

Este conhecimento das condições sob as quais eles poderiam continuar contando com a propícia mão de Deus, infundiu uma solenidade mais que comum ao culto de consagração dirigido por Esdras e seu fiel grupo pouco antes da partida. “Apregoei ali um jejum junto ao rio Aava”, Esdras declara desta experiência, “para

nos humilharmos diante da face do nosso Deus, para Lhe pedirmos caminho direito para nós, e para nossos filhos, e para toda a nossa fazenda.” “Nós, pois, jejuamos, e pedimos isto ao nosso Deus, e moveu-Se pelas nossas orações”. Esdras 8:21, 23. [315]

A bênção de Deus, entretanto, não tornava medidas de prudência e precaução desnecessárias. Como providência especial para salvaguardar o tesouro, Esdras separou “doze dos maiorais dos sacerdotes” — homens cuja fidelidade e lealdade tinham sido provadas — e pesou-lhes “a prata, e o ouro, e os vasos, que era a oferta para a casa do nosso Deus, a qual ofereceram o rei e os seus conselheiros, e os seus príncipes”. Esses homens receberam o solene encargo de agir como vigilantes mordomos do tesouro confiado aos seus cuidados. “Consagrados sois do Senhor”, Esdras declarou, “e sagrados são estes vasos, como também esta prata e este ouro, oferta voluntária, oferecida ao Senhor Deus de vossos pais. Vigiai, pois, e guardai-os, até que os peseis na presença dos maiorais dos sacerdotes e dos levitas, e dos príncipes dos pais de Israel, em Jerusalém, nas câmaras da casa de Deus”. Esdras 8:24, 25, 28, 29.

O cuidado exercido por Esdras nas providências para o transporte e segurança do tesouro do Senhor, ensina uma lição digna de meditado estudo. Unicamente aqueles cuja lealdade tinha sido provada, foram escolhidos; e foram claramente instruídos com respeito à responsabilidade que sobre eles repousava. Na indicação de fiéis oficiais para funcionar como tesoureiros dos bens do Senhor, Esdras reconheceu a necessidade e o valor de ordem e organização em relação com a obra de Deus.

Durante os poucos dias que os israelitas se detiveram junto ao rio, completou-se toda a provisão para a longa jornada. “E partimos do rio de Aava”, diz Esdras, “no dia doze do primeiro mês, para irmos para Jerusalém; e a mão do nosso Deus estava sobre nós, e livrou-nos da mão dos inimigos, e dos que nos armavam ciladas no caminho”. Esdras 8:31. Cerca de quatro meses foram gastos na viagem, dado que a multidão que acompanhava Esdras, vários milhares ao todo, incluindo-se mulheres e crianças, precisava andar devagar. Mas tudo foi preservado com segurança. Seus inimigos foram impedidos de fazer-lhes mal. Foi próspera a sua viagem; e no primeiro dia do quinto mês, no sétimo ano de Artaxerxes, alcançaram Jerusalém. [316]

Capítulo 51 — Um reavivamento espiritual

A chegada de Esdras a Jerusalém foi oportuna. Havia grande necessidade de influência de sua presença. Sua vinda infundiu coragem e esperança ao coração de muitos que de longa data vinham trabalhando sob dificuldades. Desde o retorno do primeiro grupo de exilados sob a liderança de Zorobabel e Josué, havia mais de setenta anos antes, muito tinha sido realizado. O templo havia sido concluído, e as paredes da cidade parcialmente reparadas. Não obstante muito estava ainda por fazer.

Entre os que tinham voltado para Jerusalém nos primeiros anos, havia muitos que tinham permanecido leais a Deus enquanto viveram; mas um número considerável dos filhos e filhos dos filhos perderam de vista a santidade da lei de Deus. Até mesmo alguns dos homens revestidos de responsabilidade estavam vivendo em franco pecado. Sua conduta estava neutralizando grandemente os esforços feitos por outros para fazer progredir a causa de Deus; pois enquanto as flagrantes violações da lei haviam sido permitidas prosseguir sem condenação, as bênçãos do Céu não podiam repousar sobre o povo.

Foi da providência de Deus que os que retornaram com Esdras tivessem tido tempo especial de buscar ao Senhor. As experiências pelas quais tinham passado, em sua viagem de Babilônia, desprotegidos como tinham estado de qualquer poder humano, haviam-lhes ensinado ricas lições espirituais. Muitos tinham-se tornado fortes na fé; e ao se misturarem com os desencorajados e indiferentes em Jerusalém, sua influência foi um poderoso fator para a reforma pouco mais tarde instituída.

No quarto dia após a chegada, os tesouros de ouro e prata, com os vasos para o cerimonial do santuário, foram depositados pelos tesoureiros nas mãos dos oficiais do templo, na presença de testemunhas, e com a máxima exatidão. Cada artigo foi examinado "conforme ao número e conforme ao peso". Esdras 8:34.

Os filhos do cativeiro que tinham voltado com Esdras, "ofereceram holocaustos ao Deus de Israel", como sacrifício pelo pecado, e

como sinal de seu reconhecimento e ação de graças pela proteção de santos anjos durante a viagem. "Então deram as ordens do rei aos sátrapas do rei, e aos governadores de aquém do rio; e ajudaram o povo e a casa de Deus". Esdras 8:35, 36. [317]

Bem pouco tempo depois, uns poucos dos chefes de Israel se aproximaram de Esdras com uma séria denúncia. Alguns "de Israel, e os sacerdotes, e os levitas", tinham ido longe no desrespeito aos santos mandamentos de Jeová a ponto de cruzarem-se em casamento com os povos vizinhos. "Tomaram das suas filhas para si e para seus filhos", foi dito a Esdras, "e assim se misturou a semente santa com os povos" das terras pagãs; "até a mão dos príncipes e magistrados foi a primeira nesta transgressão". Esdras 9:1, 2.

Em seu estudo das causas que levaram ao cativeiro babilônico, Esdras havia verificado que a apostasia de Israel se devia em grande parte a sua mistura com nações pagãs. Ele notara que se eles tivessem obedecido à ordem de Jeová de se conservarem separados das nações que os cercavam, teriam sido poupados de muitas experiências tristes e humilhantes. Agora ao compreender que não obstante as lições do passado, homens preeminentes ousavam transgredir as leis dadas como salvaguarda contra a apostasia, seu coração se confrangeu. Ele se lembrou da bondade de Deus em outra vez dar a Seu povo permanência em sua terra nativa, e sentiu-se presa de justa indignação e aborrecido com a ingratidão deles. "Ouvindo eu tal coisa", ele diz, "rasguei o meu vestido e o meu manto, e arranquei os cabelos da minha cabeça e da minha barba, e me assentei atônito.

"Então se ajuntaram a mim todos os que tremiam das palavras do Deus de Israel por causa da transgressão dos do cativeiro; porém eu me fiquei assentado atônito até ao sacrifício da tarde". Esdras 9:3, 4.

Ao tempo do sacrifício da tarde, Esdras se levantou, e uma vez mais rasgou os seus vestidos e o seu manto, e se pôs de joelhos, esvaziando sua alma em súplica ao Céu. Estendendo as mãos para o Senhor, ele exclamou: "Meu Deus! Estou confuso e envergonhado, para levantar a Ti a minha face, meu Deus; porque as nossas iniqüidades se multiplicaram sobre a nossa cabeça, e a nossa culpa tem crescido até aos céus.

"Desde os dias de nossos pais", o suplicante prosseguiu, "até ao dia de hoje, estamos em grande culpa, e por causa das nossas iniqüi-

dades fomos entregues, nós, os nossos reis, e os nossos sacerdotes, na mão dos reis das terras, à espada, ao cativeiro, e ao roubo, e à confusão do rosto, como hoje se vê. E agora, como por um pequeno momento, se nos fez graça da parte do Senhor, nosso Deus, para nos deixar alguns que escapem, e para dar-nos uma estaca no Seu santo lugar, para nos alumiar os olhos, ó Deus nosso, e para nos dar uma pouca de vida na nossa servidão; porque servos somos; porém na nossa servidão não nos desamparou o nosso Deus, antes estendeu sobre nós beneficência perante os reis da Pérsia, para revivermos, para levantarmos a casa do Senhor nosso Deus, e para restaurarmos as suas assolações, e para que nos desse uma parede em Judá e em Jerusalém. [318]

"Agora, pois, ó nosso Deus, que diremos depois disto? Pois deixamos os Teus mandamentos, os quais mandaste pelo ministério de Teus servos, os profetas. [...] E depois de tudo o que nos tem sucedido por causa das nossas más obras, e da nossa grande culpa, ainda assim Tu, ó nosso Deus, estorvaste que fôssemos destruídos, por causa da nossa iniqüidade, e ainda nos deste livramento como este; tornaremos, pois, agora a violar os Teus mandamentos, e a aparentar-nos com os povos destas abominações? Não Te indignarias Tu assim contra nós até de todo nos consumires, até que não ficasse resto nem quem escapasse? Ah Senhor Deus de Israel, justo és, pois ficamos escapos, como hoje se vê. Eis que estamos diante de Ti no nosso delito; porque ninguém há que possa estar na Tua presença por causa disto". Esdras 9:6-15.

A tristeza de Esdras e seus associados com respeito aos males que traiçoeiramente haviam penetrado no próprio coração da obra do Senhor, produziu arrependimento. Muitos dos que haviam pecado, foram profundamente tocados. "O povo chorava com grande choro". Esdras 10:1. Em grau limitado começaram a sentir a odiosidade do pecado, e o horror com que Deus o considera. Eles viram a santidade da lei anunciada no Sinai, e muitos tremeram com medo de a transgredir.

Um dos presentes, de nome Secanias, reconheceu como justas todas as palavras de Esdras: "Nós temos transgredido contra o nosso Deus", ele confessou, "e casamos com mulheres estranhas do povo da terra; mas no tocante a isso, ainda há esperança para Israel." Secanias propôs que todos os que tinham transgredido fizessem um

concerto com Deus de renunciar ao pecado, e que isto fosse adjudicado "conforme a lei." "Levanta-te", ele impôs a Esdras, "porque te pertence este negócio, e nós seremos contigo; esforça-te, e faze assim." "Então Esdras se levantou, e ajuramentou os maiorais dos sacerdotes e dos levitas, e a todo o Israel, de que fariam conforme a esta palavra". Esdras 10:2-5.

Esse foi o início de uma reforma maravilhosa. Com infinita paciência e tato, e com cuidadosa consideração pelos direitos e bem-estar de cada pessoa envolvida, Esdras e seus associados lutaram por levar os penitentes de Israel ao caminho reto. Esdras era sobretudo um ensinador da lei; e ao dar atenção pessoal ao exame de cada caso, ele procurou impressionar o povo com a santidade desta lei, e a bênção a ser alcançada pela obediência.

Onde quer que Esdras atuasse, aí se suscitava um reavivamento no estudo das Santas Escrituras. Mestres eram apontados para instruir o povo; a lei do Senhor era exaltada e honrada. Os livros dos profetas eram examinados, e as passagens que prediziam a vinda do Messias levavam esperança e conforto a muito coração triste e cansado.

Mais de dois mil anos se passaram desde que Esdras preparou "o seu coração para buscar a lei do Senhor e para a cumprir" (Esdras 7:10), mas o lapso de tempo não diminuiu a influência do seu piedoso exemplo. Através dos séculos, o registro de sua vida de consagração [319] tem inspirado a muitos com a determinação de "buscar a lei do Senhor, e para a cumprir."

Os propósitos de Esdras eram altos e santos; em tudo que fizera fora movido por um profundo amor pelas almas. A compaixão e bondade que revelava para com os que haviam pecado, fosse em plena função da vontade, fosse por ignorância, deveria ser uma lição objetiva a todos os que procurassem promover reformas. Os servos de Deus devem ser tão firmes como a rocha onde retos princípios estiverem envolvidos; mas do mesmo modo devem manifestar simpatia e longanimidade. Como Esdras, devem ensinar aos transgressores o caminho da vida, inculcando-lhes princípios que são o fundamento de todo o reto proceder.

Nessa fase do mundo, quando Satanás está procurando, mediante múltiplas formas, cegar os olhos de homens e mulheres para com os impostergáveis reclamos da lei de Deus, há necessidade de homens

que possam levar muitos a tremerem “ao mandado do nosso Deus”. Esdras 10:3. Há necessidade de verdadeiros reformadores, que indiquem aos transgressores o grande Doador da lei, e lhes ensinem que “a lei do Senhor é perfeita e refrigera a alma”. Salmos 19:7. Há necessidade de homens poderosos nas Escrituras; homens dos quais cada palavra e cada ato exaltem os estatutos de Jeová; homens que procurem fortalecer a fé. São necessários mestres, e tanto que inspirem os corações com reverência e amor pelas Escrituras.

A abundante iniqüidade prevalecente hoje pode ser atribuída em grande medida à deficiência no estudo e obediência às Escrituras; pois quando a Palavra de Deus é posta de lado, é rejeitado o seu poder para restringir as más paixões do coração natural. Os homens semeiam na carne, e da carne ceifam corrupção.

Com o abandono da Bíblia tem vindo o abandono da lei de Deus. A doutrina segundo a qual os homens estão livres da obediência aos divinos preceitos, tem enfraquecido a força da obrigação moral, e aberto as comportas da iniqüidade sobre o mundo. A ilegalidade, dissipação e corrupção estão arrasando à semelhança de um irresistível dilúvio. Em todos os lugares se vêem inveja, suspeita, hipocrisia, indisposição, rivalidade, atritos, traição de sagrados encargos, condescendência para com a paixão sensual. Todo o sistema de princípios religiosos e doutrinas, que devia formar o fundamento e a estrutura da vida social, assemelha-se a uma massa vacilante, pronta para cair em ruínas.

Nos últimos dias da história da Terra, a voz que falou do Sinai está ainda declarando: “Não terás outros deuses diante de Mim”. Êxodo 20:3. O homem tem posto sua vontade contra a vontade de Deus, mas não pode silenciar a palavra de ordem. A mente humana não pode fugir a suas obrigações para com um poder mais alto. Pode haver domínios das teorias e especulações; os homens podem opor [320] a ciência à revelação, e assim afastar a lei de Deus; mas a ordem vem cada vez mais forte: “Ao Senhor teu Deus adorarás, e só a Ele servirás”. Mateus 4:10.

Não existe o que se possa chamar enfraquecimento ou fortalecimento da lei de Jeová. Ela é como tem sido. Tem sido, e será sempre santa, justa e boa, completa em si mesma. Não pode ser revogada ou mudada. “Honrá-la”, ou “desonrá-la”, é apenas a maneira de dizer dos homens.

Entre as leis de homens e os preceitos de Jeová, travar-se-á a maior batalha da controvérsia entre a verdade e o erro. Nesta batalha estamos agora entrando — não uma batalha entre igrejas rivais lutando pela supremacia, mas entre a religião da Bíblia e as religiões de fábulas e tradição. As forças que se têm unido contra a verdade estão agora ativamente em operação. A santa Palavra de Deus, que tem chegado até nós ao preço tão alto de sofrimento e derramamento de sangue, é tida em pouco valor. Poucos há que realmente a aceitam como regra da vida. A infidelidade prevalece em medida alarmante, não apenas no mundo, mas na igreja. Muitos têm chegado a negar doutrinas que são colunas da fé cristã. Os grandes fatos da criação como apresentados pelos escritores inspirados; a queda do homem, a expiação, a perpetuidade da lei — eis aí doutrinas praticamente rejeitadas por grande parte do professo mundo cristão. Milhares que se orgulham de seu conhecimento, consideram uma evidência de fraqueza a implícita confiança na Bíblia, e uma prova de erudição sofismar das Escrituras, e alegorizar e atenuar suas mais importantes verdades.

Os cristãos devem estar-se preparando para aquilo que logo irá cair sobre o mundo como terrível surpresa, e esta preparação deve ser feita mediante diligente estudo da Palavra de Deus e pelo levar a vida na conformidade com os seus preceitos. As tremendas questões de eternidade demandam de nossa parte algo mais que uma religião de pensamento, uma religião de palavras e formas, onde a verdade é mantida no recinto exterior. Deus pede um reavivamento e uma reforma.

As palavras da Bíblia, e a Bíblia somente, deviam ser ouvidas do púlpito. Mas a Bíblia tem sido roubada em seu poder, e o resultado é visto no rebaixamento do tono da vida espiritual. Em muitos sermões de hoje não existe aquela divina manifestação que desperta a consciência e comunica vida. Os ouvintes não podem dizer: "Porventura não ardia em nós o nosso coração quando, pelo caminho, nos falava, e quando nos abria as Escrituras?" Lucas 24:32. Há muitos que estão clamando pelo Deus vivo, ansiando pela divina presença. Permiti que a Palavra de Deus lhes fale ao coração. Deixai que os que têm ouvido apenas tradição e teorias e máximas humanas ouçam a voz dAquele que pode preparar a pessoa para a vida eterna.

Grande luz jorrou dos patriarcas e profetas. Gloriosas coisas foram ditas de Sião, a cidade de Deus. Assim o Senhor deseja que a luz brilhe através dos Seus seguidores hoje. Se os santos do Antigo [321] Testamento deram tão exaltado testemunho de lealdade, não deviam aqueles sobre quem está brilhando a luz acumulada de séculos, dar mais assinalado testemunho do poder da verdade? A glória das profecias derrama sua luz sobre nosso caminho. O tipo encontrou o antítipo na morte do Filho de Deus. Cristo ressuscitou dos mortos, proclamando sobre o sepulcro rompido: "Eu sou a ressurreição e a vida". João 11:25. Ele enviou o Seu Espírito ao mundo, para trazer todas as coisas à nossa lembrança. Por um milagre de poder Ele tem preservado Sua Palavra escrita através dos séculos.

Os reformadores cujo protesto nos deu o nome de protestantes, sentiram que Deus os havia chamado para levar a luz do evangelho ao mundo; e no esforço para fazer isto, estiveram prontos para sacrificar suas posses, sua liberdade e a própria vida. Em face de perseguição e morte, o evangelho foi proclamado longe e perto. A Palavra de Deus foi levada ao povo; e todas as classes, altos e baixos, ricos e pobres, cultos e ignorantes, avidamente estudaram-na por si mesmos. Estamos nós, nesta batalha final do grande conflito, tão fiéis ao nosso encargo como os primeiros reformadores o foram ao seu?

"Tocai a buzina em Sião, santificai um jejum, proclamai um dia de proibição; congregai o povo, santificai a congregação, ajuntai os anciãos, congregai os filhinhos. [...] Chorem os sacerdotes, ministros do Senhor, entre o alpendre e o altar, e digam: Poupa a Teu povo, ó Senhor, e não entregues a Tua herança ao opróbrio." "Convertei-vos a Mim de todo o vosso coração, e isso com jejuns, e com choro, e com pranto. E rasgai o vosso coração, e não os vossos vestidos, e convertei-vos ao Senhor vosso Deus; porque Ele é misericordioso, e compassivo, e tardio em irar-Se, e grande em beneficência, e Se arrepende do mal. Quem sabe se Se voltará e Se arrependerá, e [322] deixará após Si uma bênção?" Joel 2:15-17, 12-14.

Capítulo 52 — Um homem oportuno

Este capítulo é baseado em Neemias 1-2.

Neemias, um dos exilados hebreus, ocupava uma posição de influência e honra na corte persa. Como copeiro do rei, era ele admitido livremente à presença real. Em virtude de sua posição, e graças a suas habilidades e fidelidade, ele se tornara amigo e conselheiro do rei. Embora objeto do favor real, conquanto rodeado pela pompa e esplendor, ele não esqueceu o seu Deus e o seu povo. Com o mais profundo interesse o seu coração se voltava para Jerusalém; suas esperanças e alegrias estavam vinculadas com a prosperidade dela. Por intermédio deste homem, preparado por sua residência na corte persa para a obra a que fora chamado, Deus propôs levar bênçãos a Seu povo na terra de seus pais.

Por mensageiros vindos da Judéia, soubera o patriota hebreu que dias de prova tinham vindo a Jerusalém, a cidade escolhida. Os exilados que haviam retornado estavam sofrendo aflições e vexame. O templo e partes da cidade tinham sido reconstruídos; mas a obra de restauração fora embaraçada, os ritos do templo haviam sido perturbados, e o povo vivia em constante alarma, pelo fato de estarem as paredes da cidade ainda arruinadas em grande parte.

Oprimido pela tristeza, Neemias não pôde comer nem beber; "chorei, e lamentei por alguns dias", diz ele. Em sua dor ele tornou para o divino Ajudador. "Estive jejuando", ele disse, "e orando perante o Deus dos Céus". Neemias 1:4. Fielmente ele fez confissão dos seus pecados e dos pecados do seu povo. Ele suplicou que Deus sustentasse a causa de Israel, restaurasse sua coragem e força, e os ajudasse a reconstruir os lugares devastados de Judá.

Orando Neemias, sua fé e coragem se fortaleceram. Sua boca se encheu de santos argumentos. Ele falou da desonra que seria lançada sobre Deus, se Seu povo, agora que tinha retornado para Ele, fosse deixado em fraqueza e opressão; e se empenhou com o Senhor para que tornasse realidade a Sua promessa: "Vós vos convertereis a

Mim, e guardareis os Meus mandamentos, e os fareis; então ainda que os vossos rejeitados estejam no cabo do céu, de lá os ajuntarei e os trarei ao lugar que tenho escolhido para ali fazer habitar o Meu nome". Deuteronômio 4:29-31. Esta promessa tinha sido dada a Israel através de Moisés antes que tivessem entrado em Canaã; e durante os séculos tinha permanecido imutável. O povo de Deus tinha agora retornado para Ele em penitência e fé, e Sua promessa [323] não faltaria.

Neemias tinha freqüentemente derramado a sua alma em favor do seu povo. Mas ao orar agora, um santo propósito formou-se em sua mente. Ele decidiu que se lograsse obter o consentimento do rei, e o necessário auxílio na aquisição de implementos e material, ele próprio tomaria a si a tarefa de reconstruir os muros de Jerusalém, e restaurar a força nacional de Israel. E ele suplicou ao Senhor que lhe permitisse alcançar favor aos olhos do rei, a fim de que este plano pudesse ser levado avante. "Faze prosperar hoje o Teu servo", ele suplicou, "e dá-lhe graça perante este homem". Neemias 1:11.

Neemias esperara quatro meses por uma oportunidade favorável de apresentar seu pedido ao rei. Durante este tempo, embora o seu coração estivesse carregado de dor, ele procurou mostrar-se alegre na presença real. Nas salas de luxo e esplendor, todos deviam parecer alegres e felizes. A tristeza não devia lançar sua sombra sobre a face de qualquer assistente da realeza. Mas no período de retraimento de Neemias, ocultas da vista dos homens, muitas foram as orações, as confissões, as lágrimas, ouvidas e testemunhadas por Deus e os anjos.

Finalmente a tristeza que oprimia o coração patriota não pôde mais ser oculta. Noites indormidas e dias cheios de cuidados deixaram sua marca em seu rosto. O rei, cioso de sua própria segurança, estava acostumado a ler fisionomias e a penetrar dissimulações, e viu que alguma perturbação secreta estava possuindo seu copeiro. "Por que está triste o teu rosto", ele inquiriu, "pois não estás doente? Isto não é senão tristeza de coração". Neemias 2:2.

A interrogação encheu Neemias de apreensão. Não ficaria o rei irado ao saber que enquanto aparentemente em seu serviço, os pensamentos do cortesão estavam longe com o seu aflito povo? O ofensor não perderia a vida? Seu acariciado plano de restaurar e fortificar Jerusalém — estaria esse plano prestes a ser subvertido?

"Então", ele escreve, "temi muito em grande maneira." Com lábios trêmulos e lágrimas nos olhos, ele revelou a causa de sua tristeza. "Viva o rei para sempre", ele respondeu. "Como não estaria triste o meu rosto, estando a cidade, o lugar dos sepulcros de meus pais, assolada, e tendo sido consumidas as suas portas a fogo?"

A exposição das condições de Jerusalém despertou a simpatia do monarca sem suscitar os seus preconceitos. Outra pergunta deu a Neemias a oportunidade por que tanto ansiava: "Que me pedes agora?" Mas o homem de Deus não se aventurou a responder enquanto não tivesse buscado a direção de Alguém mais alto que Artaxerxes. Ele tinha uma sagrada tarefa a cumprir, e esta requeria auxílio do rei; e sentiu que muito dependia de apresentar o assunto de tal maneira que lhe ganhasse a aprovação e garantisse o auxílio. "Então", diz ele, "orei ao Deus do Céu". Neemias 2:2-4. Nessa breve oração, Neemias se introduziu na presença do Rei dos reis, e teve do seu [324] lado um poder capaz de mudar os corações como são desviados os cursos de água.

Orar como Neemias orou nessa hora de necessidade é um recurso à disposição do cristão, em circunstâncias em que outras formas de oração podem ser impossíveis. Os que labutam nas absorventes atividades da vida, assoberbados e quase subjugados pelas perplexidades, podem enviar uma petição a Deus, suplicando guia divina. Os que viajam por mar e por terra, quando ameaçados com algum grande perigo, podem-se encomendar à proteção do Céu. Em tempos de súbita dificuldade ou perigo, o coração pode enviar seu grito de socorro a Alguém que Se comprometeu a vir em auxílio de Seus fiéis e crentes, quando quer que chamem por Ele. Sob todas as circunstâncias, em cada condição, a alma carregada de dor e cuidado, ou ferozmente assaltada pela tentação, pode encontrar segurança, sustento e socorro no infalível amor e poder de um Deus que guarda o concerto.

Neemias, nesse breve momento de oração ao Rei dos reis, reuniu coragem para falar a Artaxerxes do seu desejo de ser dispensado por algum tempo dos seus deveres na corte; e pediu autoridade para reconstruir os lugares devastados de Jerusalém, e torná-la uma vez mais uma cidade forte e defensável. Momentosos resultados para a nação judaica estavam na dependência desta solicitação. "E o rei mas deu", declara Neemias, "segundo a boa mão de Deus sobre

mim". Neemias 2:8. Havendo conseguido o auxílio que desejava, Neemias com prudência e reflexão procedeu aos arranjos necessários para se garantir o sucesso da empresa. Ele não negligenciou nenhuma precaução que poderia ser útil ao resultado. Nem mesmo aos seus próprios concidadãos ele revelou o seu propósito. Conquanto soubesse que muitos se alegrariam com o seu sucesso, temeu que alguns, por atos de indiscrição, pudessem despertar os ciúmes dos seus inimigos, e talvez pôr em risco a empreitada.

Seu pedido ao rei havia sido tão favoravelmente recebido que Neemias foi encorajado a solicitar ainda assistência adicional. Para dar dignidade e autoridade a sua missão, bem como para prover proteção na viagem, ele pediu e foi-lhe garantida uma escolta militar. Obteve cartas régias para os governadores das províncias além do Eufrates, território através do qual ele devia passar em sua viagem para a Judéia; e obteve também uma carta para o guarda da floresta real nas montanhas do Líbano, ordenando-lhe que fornecesse tanta madeira quanta fosse necessária. Para que não pudesse haver ocasião de queixa de que ele excedera sua missão, Neemias teve o cuidado de que os privilégios e autoridade que lhe eram conferidos estivessem claramente definidos.

Esse exemplo de sábia previdência e ação resoluta deve ser uma lição a todos os cristãos. Os filhos de Deus não devem apenas orar com fé, mas trabalhar com diligência e providente cuidado. Eles [325] enfrentam muitas dificuldades, e não raro embaraçam a operação da Providência em seu favor, porque consideram que prudência e penoso esforço pouco têm que ver com religião. Neemias não considerou cumprido o seu dever depois de haver orado e chorado perante o Senhor. Ele uniu sua petição com os mais fervorosos, santos e piedosos esforços para o sucesso do empreendimento em que estava empenhado. Cuidadosa consideração e bem meditados planos são tão essenciais para o êxito de empreendimentos sagrados hoje como o foram no tempo da reconstrução dos muros de Jerusalém.

Neemias não se deixou ficar na dependência da incerteza. Os meios que lhe faltavam ele os solicitou dos que lho podiam fornecer. E o Senhor está ainda desejando mover o coração dos que têm a posse dos Seus bens, em favor da causa da verdade. Os que trabalham para Ele, devem servir-se do auxílio que Ele move os homens a dar. Esses dons podem abrir caminhos pelos quais a luz da verdade irá

a muitas terras entenebrecidas. Os doadores podem não ter fé em Cristo, nem familiaridade com Sua Palavra; mas os seus dons não estão neste mesmo caso para serem recusados. [326]

Capítulo 53 — Os reconstrutores do muro

Este capítulo é baseado em Neemias 2-4.

A viagem de Neemias para Jerusalém foi feita em segurança. As cartas régias para os governadores das províncias ao longo de sua rota, garantiram-lhe honrosa recepção e pronta assistência. Nenhum inimigo ousou molestar o oficial que estava sob a guarda do poder do rei da Pérsia, e tratado com marcada consideração pelos governadores das províncias. Sua chegada a Jerusalém, no entanto, com uma escolta militar, mostrando que ele viera em alguma importante missão, despertou os zelos das tribos pagãs que viviam próximo à cidade, tribos essas que não raro haviam manifestado sua inimizade contra os judeus lançando sobre eles descrédito e insulto. Preeminentes nessa má obra estavam certos chefes dessas tribos, Sambalá o horonita, Tobias o amonita, e Gesém o arábio. Desde o princípio esses líderes observaram com olhos críticos os movimentos de Neemias, e procuraram por todos os meios ao seu alcance subverter seus planos e embaraçar-lhe a obra.

Neemias continuou a exercer a mesma cautela e prudência que até aí haviam marcado sua conduta. Sabendo que inimigos cruéis e decididos estavam prontos para se lhe oporem, ele ocultou a natureza de sua missão até que um estudo da situação o capacitasse a formular seus planos. Assim esperava assegurar a cooperação do povo e levá-lo a trabalhar antes que a oposição dos inimigos despertasse.

Escolhendo uns poucos homens que ele sabia serem dignos de confiança, Neemias falou-lhes das circunstâncias que o levaram a Jerusalém, o que ele tinha em vista realizar, e os planos que propusera seguir. O interesse deles na tarefa foi assegurado de pronto, bem assim sua assistência.

Na terceira noite depois de sua chegada, Neemias se levantou de noite, e com alguns companheiros fiéis saiu para ver com os seus próprios olhos a desolação de Jerusalém. Montando em seu animal, ele passou de uma à outra parte da cidade, contemplando

os muros arruinados e as portas da cidade de seus pais. Dolorosas reflexões encheram o espírito do patriota judeu ao ver com o coração ferido de tristeza arruinadas as defesas de sua amada Jerusalém. Lembranças da passada grandeza de Israel vinham-lhe à mente em vívido contraste com as evidências de sua humilhação. [327]

Em sigilo e silêncio Neemias completou o seu circuito em torno dos muros. "E não souberam os magistrados aonde eu fui", ele declara, "nem o que eu fazia; porque ainda até então nem aos judeus, nem aos nobres, nem aos magistrados, nem aos mais que faziam a obra, tinha declarado coisa alguma". Neemias 2:16. O resto da noite ele passou em oração; pois sabia que a manhã o chamaria a exercer fervente esforço no sentido de despertar e unir seus desanimados e divididos compatriotas.

Neemias levava uma comissão real que requeria cooperassem com ele os habitantes na reconstrução dos muros da cidade, mas ele não se fez dependente do exercício da autoridade. Procurou antes ganhar a confiança e simpatia do povo, sabendo que uma união de corações bem como de mãos era essencial na grande obra que tinha diante de si. Quando amanheceu ele convocou o povo, e apresentou argumentos calculadamente de molde a despertar suas energias adormecidas e unir seus elementos humanos dispersos.

Os ouvintes de Neemias não sabiam, nem ele lhes revelou, seu circuito noturno da noite anterior. Mas o fato de que ele tinha feito esta investigação contribuiu grandemente para o seu sucesso; pois sentiu-se apto a falar da condição da cidade com tanta exatidão que seus ouvintes ficaram pasmados. A impressão feita sobre ele, ao ver a fraqueza e degradação de Jerusalém, deu-lhe às palavras fervor e poder.

Neemias mostrou ante o povo o seu estado de opróbrio entre os pagãos — sua religião desonrada, seu Deus blasfemado. Contou-lhes que numa terra distante ele ouvira de sua aflição, que havia buscado o favor do Céu no benefício deles, e que, enquanto orava, havia-se determinado pedir permissão ao rei para poder vir em seu auxílio. Ele havia pedido a Deus que fizesse que o rei não somente desse permissão, mas também o investisse de autoridade e lhe desse o auxílio necessário para a obra; e sua oração havia sido respondida de tal maneira que lhe mostrara que o plano era do Senhor.

Tudo isso ele relatou, e então, havendo mostrado que estava apoiado pela autoridade combinada do Deus de Israel e do rei persa, Neemias interrogou diretamente o povo, perguntando-lhe se aproveitariam a vantagem desta oportunidade para se levantarem e reconstruir o muro.

O apelo foi-lhes direto ao coração. O pensamento de como o favor do Céu se havia manifestado para com eles, envergonhou-os de seus temores, e com renovada coragem disseram a uma voz: "Levantemo-nos, e edifiquemos. E esforçaram as suas mãos para o bem."

Neemias empenhou-se de coração na empresa que havia assumido. Sua esperança, sua energia, seu entusiasmo, sua determinação, eram contagiosos, inspirando outros com a mesma coragem elevada e altaneiro propósito. Cada homem tornou-se por sua vez, um Neemias e ajudou a tornar mais forte o coração e as mãos do companheiro. [328]

Quando os inimigos de Israel ouviram o que os judeus estavam com esperança de conseguir, riram com escárnio, dizendo: "Que é isto que fazeis? Quereis rebelar-vos contra o rei?" Mas Neemias respondeu: "O Deus dos Céus é o que nos fará prosperar; e nós, Seus servos, nos levantaremos e edificaremos; mas vós não tendes parte, nem justiça, nem memória em Jerusalém". Neemias 2:18-20.

Entre os primeiros a absorverem o espírito de zelo e fervor de Neemias estavam os sacerdotes. Graças a sua influente posição, esses homens muito podiam fazer para o progresso ou embaraço da obra; e sua pronta cooperação desde o início, contribuiu não pouco para o sucesso. A maioria dos príncipes e autoridades de Israel assumiram com nobreza o seu dever, e esses homens fiéis tiveram honrosa menção no livro de Deus. Houve uns poucos, os nobres de Tecoa, que "não meteram o seu pescoço ao serviço do seu Senhor". Neemias 3:5. O registro desses servos indolentes traz a marca da vergonha, e passou de geração a geração como advertência a todos no futuro.

Em cada movimento religioso há alguns que, conquanto não possam negar que a causa é de Deus, mantêm-se arredios, recusando fazer qualquer esforço para ajudar. Faria bem a tais pessoas lembrar o registro que é mantido no alto — o livro no qual não há omissões, nem erro, e pelo qual serão julgados. Ali cada oportunidade negli-

genciada para o serviço de Deus é registrada; e ali, igualmente, cada ato de fé e amor é mantido em eterna lembrança.

Contra a inspiradora influência da presença de Neemias, o exemplo dos nobres de Tecoa teve pouco peso. O povo na generalidade fora inspirado por patriotismo e zelo. Homens de habilidade e influência organizaram as diferentes classes de cidadãos em grupos, ficando cada líder responsável pela edificação de certa parte do muro. E de alguns está escrito que construíram "defronte de sua casa". Neemias 3:10, 23.

E a energia de Neemias não se abateu, agora que a obra estava de fato começada. Com incansável vigilância ele superintendeu a reconstrução, dirigindo os obreiros, anotando os obstáculos e tomando providências para cada emergência. Ao longo de toda a extensão dos cinco quilômetros de muro, sua influência era constantemente sentida. Com palavras oportunas encorajava os tímidos, ativava os lentos, e aprovava os diligentes. E vigiava sempre os movimentos de seus inimigos, que de tempos em tempos se reuniam à distância, e se empenhavam em conversação, como se tramando alguma maldade, e então, aproximando-se mais dos obreiros, procuravam desviar-lhes a atenção.

Em suas inúmeras atividades, Neemias não esquecia a Fonte de sua força. Seu coração estava constantemente erguido para Deus, o grande Supervisor de tudo. "O Deus dos Céus", ele exclamava, "é o que nos fará prosperar" (Neemias 2:20); e as palavras ecoavam e tornavam a ecoar, comovendo o coração de todos os reconstrutores do muro. [329]

Mas a restauração das defesas de Jerusalém não prosseguia sem embaraços. Satanás estava trabalhando para suscitar oposição e levar o desencorajamento. Sambalá, Tobias e Gesém, seus principais instrumentos neste movimento, empenharam-se agora em embaraçar a obra de reconstrução. Eles procuravam provocar divisão entre os obreiros. Ridicularizavam os esforços dos construtores, declarando ser o empreendimento uma impossibilidade, e predizendo o seu fracasso.

"Que fazem estes fracos judeus?" exclamou Sambalá com zombaria; "permitir-se-lhes-á isto? [...] vivificarão dos montes do pó as pedras que foram queimadas?" Tobias, ainda mais desdenhoso,

acrescentou: “Ainda que edifiquem, vindo uma raposa derrubará facilmente o seu muro de pedra”. Neemias 4:2, 3.

Os construtores ficaram logo cercados pela mais ativa oposição. Foram forçados a se manterem continuamente em guarda contra as ciladas dos seus adversários, que, professando amizade, procuravam de várias maneiras levar a confusão e perplexidade, e suscitar desconfianças. Procuravam destruir a coragem dos judeus; formavam conspiratas para atrair Neemias em suas malhas; e judeus insinceros mostraram-se prontos para auxiliar na traiçoeira empreitada. Espalhou-se o boato de que Neemias estava conspirando contra o monarca persa, intentando elevar-se como rei de Israel, e que todos que o ajudassem eram considerados traidores.

Mas Neemias continuou a buscar de Deus guia e sustento, e “o coração do povo se inclinava a trabalhar”. Neemias 4:6. A tarefa prosseguiu até que as roturas começaram a desaparecer, e o muro em toda a sua extensão alcançou a metade da sua altura planejada.

Vendo os inimigos de Israel quão vãos foram os seus esforços, encheram-se de ira. Até então não haviam ousado empregar medidas de violência; pois sabiam que Neemias e seus companheiros estavam agindo sob comissão do rei, e temiam que uma oposição ativa contra ele pudesse levar contra eles o seu descontentamento. Mas agora em sua ira, eles próprios se tornavam culpados do crime de que tinham acusado Neemias. Reunindo-se para conselho, eles “ligaram-se entre si todos, para virem atacar Jerusalém”. Neemias 4:8.

Nessa mesma ocasião em que os samaritanos estavam conspirando contra Neemias e sua obra, alguns dos líderes entre os judeus, tornando-se descontentes procuravam desencorajá-lo exagerando as dificuldades pertinentes ao empreendimento. “Já desfaleceram as forças dos acarretadores”, eles diziam, “e o pó é muito, e nós não poderemos edificar o muro.”

Desencorajamento veio de outra fonte ainda. “Os judeus que habitavam entre” os que não estavam tomando parte na obra, reuniram as afirmações e relatórios dos inimigos, e usaram-nos para enfraquecer a coragem e criar desafeição. [330]

Mas descrédito e ridículo, oposição e ameaças, pareciam apenas inspirar Neemias com mais firme determinação, e despertá-lo para maior vigilância. Ele reconheceu os perigos que tinha de enfrentar nesta luta com seus inimigos, mas sua coragem foi indomável. “Nós

oramos ao nosso Deus”, declara ele, “e pusemos uma guarda contra eles de dia e de noite”. Neemias 4:10-12, 9. “Pus guardas nos lugares baixos por detrás do muro e nos altos; e pus ao povo pelas suas famílias com as suas espadas, com as suas lanças, e com os seus arcos. E olhei, e levantei-me, e disse aos nobres, e aos magistrados, e ao resto do povo: Não os temais; lembrai-vos do Senhor, grande e terrível, e pelejai pelos vossos irmãos, vossos filhos, vossas mulheres e vossas casas.

“E sucedeu que, ouvindo os nossos inimigos que já o sabíamos, e que Deus tinha dissipado o conselho deles, todos voltamos ao muro, cada um à sua obra. E sucedeu que desde aquele dia metade dos meus moços trabalhava na obra, e a outra metade deles tinha as lanças, os escudos, os arcos, e as couraças. [...] Os que edificavam o muro, e os que traziam as cargas, e os que carregavam, cada um com uma mão fazia a obra e na outra tinha as armas. E os edificadores cada um trazia a sua espada cingida aos lombos, e edificavam”. Neemias 4:13-18.

Ao lado de Neemias ficava um trombeteiro, e nos diferentes pontos do muro foram estacionados sacerdotes portando trombetas sagradas. O povo foi espalhado em suas atividades; mas no caso de aproximação de perigo em qualquer ponto, era dado um sinal para que acorressem a reparar ali sem mais demora. “Assim trabalhamos na obra”, diz Neemias; “e metade deles tinha as lanças desde a subida da alva até ao sair das estrelas”. Neemias 4:21.

Os que estavam morando em cidades e vilas fora de Jerusalém foram agora convocados para que se estabelecessem do lado de dentro dos muros, tanto para guardar a obra como para estarem prontos para a obrigação da manhã. Isto preveniria retardamento desnecessário, e eliminaria a oportunidade que o inimigo, de outro modo, aproveitaria para atacar os obreiros ao irem e virem entre a casa e o trabalho. Neemias e seus companheiros não se esquivaram a dificuldades ou serviço árduo. Nem de dia e nem de noite, nem mesmo nos curtos períodos concedidos para o sono, eles tiraram suas vestes ou abandonaram suas armas.

A oposição e desencorajamento que os reconstrutores nos dias de Neemias tiveram de enfrentar da parte de inimigos declarados e falsos amigos, é típica da experiência dos que trabalham hoje para Deus. Cristãos são provados, não somente pela ira, desprezo e

crueldade de inimigos, mas pela indolência, inconstância, frouxidão e perfídia de pretensos amigos e auxiliares. Zombaria e escárnio são-lhe endereçados. E o mesmo inimigo que promove o desdém, [331] em oportunidade favorável usa medidas mais cruéis e violentas.

Satanás tira vantagem para a realização dos seus propósitos de todo elemento não consagrado. Entre os que professam ser sustentadores da causa de Deus, há os que se unem com os Seus inimigos, e assim Sua causa fica exposta abertamente aos ataques dos Seus mais ferrenhos inimigos. Mesmo alguns que desejam que a obra de Deus prospere enfraquecerão as mãos dos Seus servos ouvindo, repetindo e crendo em parte na difamação e ameaças dos Seus adversários. Satanás opera com maravilhoso sucesso por meio de seus instrumentos; e todos os que se rendem a sua influência estão sujeitos a um fascinante poder que destrói a sabedoria do sábio e o entendimento do prudente. Mas, como Neemias, o povo de Deus não deve temer nem tão pouco desprezar seus inimigos. Colocando sua confiança em Deus, devem prosseguir firmemente, fazendo Sua obra com altruísmo, e encomendando a Sua providência a causa que sustentam.

Em meio a grande desencorajamento, Neemias fez de Deus sua segura defesa, nEle pondo sua confiança. E Aquele que foi então o sustentador do Seu servo tem sido a confiança do Seu povo em todos os séculos. Em cada crise o Seu povo pode confiadamente declarar: “Se Deus é por nós, quem será contra nós?” Romanos 8:31.

Astuciosas como forem as ciladas de Satanás e seus agentes, Deus pode detê-las, anulando todos os seus conselhos. A resposta da fé hoje deve ser a que deu Neemias: “Nosso Deus pelejará por nós”; pois está no trabalho, e nenhum homem poderá impedir o seu [332] sucesso final.

Capítulo 54 — Condenada a extorsão

Este capítulo é baseado em Neemias 5.

Os muros de Jerusalém não haviam sido ainda completados quando a atenção de Neemias foi chamada para a infeliz situação das classes mais pobres do povo. Na condição desordenada em que se achava o país, a lavoura tinha sido um tanto negligenciada. Posteriormente, em virtude da conduta egoísta de alguns que tinham voltado para a Judéia, as bênçãos do Senhor não repousaram sobre sua terra, e houve escassez de cereais.

A fim de obter alimento para suas famílias, os pobres foram obrigados a comprar a crédito, e a preços exorbitantes. Foram também compelidos a tomar dinheiro emprestado a juros, para pagar as pesadas taxas a eles impostas pelos reis da Pérsia. Para acréscimo à angústia dos pobres, os mais ricos entre os judeus tinham tomado vantagem de suas necessidades, enriquecendo-se dessa maneira.

O Senhor havia ordenado a Israel por intermédio de Moisés, que em cada terceiro ano fosse levantado um dízimo em favor dos pobres; e além disso tomou-se providência para a suspensão dos trabalhos agrícolas cada sétimo ano, ficando a terra em repouso, e os frutos que espontaneamente produzisse eram deixados para os necessitados. A fidelidade em devotar essas ofertas para o alívio dos pobres e para outros atos de bondade, tenderia a conservar viva diante do povo a verdade de que Deus é o dono de tudo, e a oportunidade de eles serem canais de bênçãos. Era propósito de Jeová que os israelitas tivessem uma educação que lhes erradicasse o egoísmo, desenvolvendo-lhes a liberalidade e nobreza de caráter.

Deus havia também instruído a Moisés: "Se emprestares dinheiro ao Meu povo, ao pobre que está contigo, não te haverás com ele como um usurário; não lhe imporeis usura". Êxodo 22:25. "A teu irmão não emprestarás à usura: nem à usura de dinheiro, à usura de comida, nem à usura de qualquer coisa que se empreste à usura". Deuteronômio 23:19. Em outra ocasião Ele havia dito: "Quando

entre ti houver algum pobre de teus irmãos, em algumas das tuas portas, na tua terra que o Senhor teu Deus te dá, não endurecerás o teu coração, nem fecharás a tua mão a teu irmão que for pobre; antes lhe abrirás de todo a tua mão, e livremente lhe emprestarás o que lhe falta, quanto baste para a sua necessidade.” “Pois nunca cessará o pobre do meio da terra; pelo que te ordeno, dizendo: Livremente abrirás a tua mão para o teu irmão, para o teu necessitado, e para o [333] teu pobre na tua terra”. Deuteronômio 15:7, 8, 11.

Nos tempos após o retorno dos exilados de Babilônia, os judeus ricos tinham ido diretamente contra esses mandamentos. Quando os pobres foram obrigados a tomar emprestado a fim de pagar tributo ao rei, os ricos lhes haviam emprestado o dinheiro, mas mediante altos juros. Lançando hipotecas sobre as terras dos pobres, haviam gradualmente reduzido os infortunados devedores à mais profunda pobreza. Muitos tinham sido forçados a vender seus filhos e filhas como escravos; e parecia não haver esperança de que sua condição melhorasse, nem possibilidade de redimirem a seus filhos ou suas terras, nem qualquer outra perspectiva diante deles que não sofrimento sempre crescente, com perpétua carência e cativeiro. No entanto eles eram da mesma nação, filhos do mesmo concerto, como seus irmãos mais favorecidos.

Afinal o povo apresentou sua condição a Neemias: “Eis que sujeitamos nossos filhos e nossas filhas para serem servos, e até algumas de nossas filhas são tão sujeitas que já não estão no poder de nossa mão; e outros têm as nossas terras e as nossas vinhas.”

Ouvindo Neemias desta cruel opressão, sua alma se encheu de indignação. “Ouvindo eu, pois, o seu clamor, e estas palavras”, ele diz, “muito me enfadei”. Neemias 5:5, 6. Ele viu que se quisesse ter êxito em derribar o opressivo costume de cobrança, precisava tomar posição decidida ao lado da justiça. Com característica energia e determinação, entregou-se à tarefa de levar alívio a seus irmãos.

O fato de que os opressores eram homens ricos, cujo apoio era grandemente necessário na obra de restauração da cidade, nem por um momento influiu em Neemias. Rijamente ele repreendeu aos nobres e juízes; e havendo reunido uma grande assembléia do povo, apresentou diante deles o que Deus pedia no tocante ao caso.

Chamou-lhes a atenção para fatos que ocorreram no reinado do rei Acaz. Repetiu a mensagem com que Deus nesse tempo enviou

para repreender a Israel por sua crueldade e opressão. Os filhos de Judá, em virtude de sua idolatria, tinham sido entregues às mãos de seus irmãos ainda mais idólatras, o povo de Israel. Estes tinham suscitado a inimizade daqueles por haverem morto em batalha muitos milhares de homens de Judá, e tinham-se apoderado de todas as mulheres e crianças, com o propósito de conservá-las em cativeiro, ou vendê-las como escravas aos pagãos.

Por causa dos pecados de Judá, o Senhor não Se havia interposto para impedir a batalha; mas pelo profeta Obede Ele repreendeu o cruel desígnio do exército vitorioso: "Cuidais em sujeitar a vós os filhos de Judá e Jerusalém, como cativos e cativas; porventura não sois vós mesmos aqueles entre os quais há culpas contra o Senhor vosso Deus?" 2 Crônicas 28:10. Obede advertiu o povo de Israel de que a ira do Senhor estava inflamada contra eles, e que sua conduta de injustiça e opressão acarretaria Seus juízos. Ouvindo essas palavras, os homens armados deixaram os cativos e o espólio [334] perante os príncipes e toda a congregação. Então alguns líderes da tribo de Efraim "tomaram os presos, e vestiram do despojo a todos os que dentre eles estavam nus, e os vestiram, e os calçaram, e lhes deram de comer e de beber, e os ungiram; e a todos os que estavam fracos levaram sobre jumentos, e os trouxeram a Jericó, à cidade das palmeiras, a seus irmãos". 2 Crônicas 28:15.

Neemias e outros haviam redimido alguns dos judeus que tinham sido vendidos aos pagãos, e ele agora colocava sua conduta em contraste com a dos que por amor de lucros mundanos estavam escravizando a seus irmãos. "Não é bom o que fazeis", disse ele; "porventura não devíeis andar no temor do nosso Deus, por causa do opróbrio dos gentios, os nossos inimigos?" Neemias 5:9.

Neemias mostrou-lhes que ele próprio, estando investido da autoridade do rei da Pérsia, podia ter requerido grandes contribuições para o seu benefício pessoal. Mas em vez disto, não havia tomado nem mesmo o que de justiça lhe pertencia, mas havia dado liberalmente para socorrer os pobres em suas necessidades. Ele instou com aqueles entre os juízes judaicos que haviam sido culpados de extorsão, para que pusessem fim a esta obra iníqua, restituíssem as terras dos pobres, bem como o dinheiro que lhes haviam arrancado na excessiva taxa de juros; e que lhes emprestassem sem hipoteca ou usura.

Essas palavras foram ditas na presença de toda a congregação. Tivessem os juízes escolhido justificar-se, e teriam tido oportunidade de fazê-lo. Mas não ofereceram escusas. “Restituir-lho-emos”, eles declararam, “e nada procuraremos deles; faremos assim como dizes.” Nesta oportunidade Neemias chamou os sacerdotes, e os fez “jurar de que fariam conforme a esta palavra.” “E toda a congregação disse: Amém E louvaram ao Senhor; e o povo fez conforme a esta palavra”. Neemias 5:11, 12.

Esse relato nos ensina uma importante lição: “O amor do dinheiro é a raiz de todo o mal”. 1 Timóteo 6:10. Nesta geração, o desejo de ganho é paixão dominante. A riqueza é muitas vezes obtida pela fraude. Há multidões lutando com a pobreza, sendo compelidos a trabalhar arduamente por pequeno salário, incapazes de assegurarem ganho para as menores necessidades da vida. Fadiga e privação, sem qualquer esperança de coisas melhores, tornam pesado o seu fardo. Atormentados e oprimidos, não sabem para onde se virar em busca de alívio. E tudo isto para que os ricos possam satisfazer a suas extravagâncias ou condescender com o seu desejo de enriquecimento

O amor do dinheiro e o amor da ostentação têm transformado este mundo num covil de ladrões e criminosos. As Escrituras pintam a ganância e opressão que prevalecerão precisamente antes da segunda vinda de Cristo. “Eia pois agora vós, ricos”, escreve Tiago, “entesourastes para os últimos dias. Eis que o jornal dos trabalhado- [335] res que ceifaram as vossas terras, e que por vós foi diminuído, clama; e os clamores dos que ceifaram entraram nos ouvidos do Senhor dos Exércitos. Deliciosamente vivestes sobre a Terra, e vos deleitastes; cevastes o vosso coração como num dia de matança. Condenastes e matastes o justo; ele não vos resistiu.” Tiago 5:1, 3-6.

Mesmo entre os que professam estar andando no temor do Senhor, há alguns que estão agindo outra vez segundo o curso perseguido pelos nobres de Israel. Estando em seu poder proceder assim, eles pedem mais do que é justo, tornando-se opressores. E porque a avareza e perfídia se vêem na vida dos que levam o nome de Cristo, porque a igreja conserva em seus livros os nomes dos que ganharam suas posses pela injustiça, a religião de Cristo é tida em desonra. Extravagância, excessos e extorsões estão corrompendo a fé de muitos, e destruindo sua espiritualidade. A igreja é em grande medida

responsável pelos pecados dos seus membros. Ela encoraja o mal se deixa de levantar a voz contra isso.

Os costumes do mundo não são norma para o cristão. Ele não deve imitar suas práticas sutis, suas astúcias, suas extorsões. Todo ato injusto para com o próximo é uma violação da regra áurea. Cada erro praticado em relação aos filhos de Deus, é feito ao próprio Cristo na pessoa de Seus santos. Toda tentativa de tirar vantagem da ignorância, fraqueza ou infortúnio de outrem, é registrada como fraude no livro-razão do Céu. Aquele que sinceramente teme a Deus, preferiria antes labutar dia e noite e comer o pão da pobreza, a condescender com a paixão do ganho que oprima a viúva e o órfão, ou prive o estrangeiro do seu direito.

O mais leve afastamento da retidão quebra as barreiras, e prepara o coração para injustiça maior. É precisamente quando um homem chega ao ponto de tirar vantagem para si da desvantagem de outrem, que sua alma se tornará insensível à influência do Espírito de Deus. O ganho obtido a tal preço é uma terrível perda.

Nós éramos todos devedores à justiça divina; mas nada possuíamos para pagar o débito. Então o Filho de Deus, que de nós teve piedade, pagou o preço de nossa redenção. Ele Se fez pobre para que por Sua pobreza fôssemos enriquecidos. Mediante obras de liberalidade para com os Seus pobres, podemos provar a sinceridade de nossa gratidão pela misericórdia a nós estendida. "Façamos bem a todos", o apóstolo recomenda, "mas principalmente aos domésticos da fé". Gálatas 6:10. E suas palavras estão em harmonia com as do Salvador: "Sempre tendes os pobres convosco". Marcos 14:7. "Tudo o que vós quereis que os homens vos façam, fazei-lho também vós, porque esta é a lei e os profetas". Mateus 7:12. [336]

Capítulo 55 — Ciladas dos pagãos

Este capítulo é baseado em Neemias 6.

Sambalá e seus confederados não ousavam fazer guerra aberta aos judeus; mas com crescente malícia continuaram os seus secretos esforços para os desencorajar, perturbar e injuriar. O muro em torno de Jerusalém estava indo depressa a caminho da conclusão. Quando estivesse concluído e suas portas assentadas, esses inimigos de Israel não poderiam esperar forçar entrada na cidade. Estavam, pois, desejosos o máximo de deter a obra o quanto antes. Por fim imaginaram um plano pelo qual esperavam afastar Neemias, do seu posto e uma vez tendo-o em seu poder matá-lo ou aprisioná-lo.

Sob o pretexto de conseguir um acordo entre as partes em oposição, eles procuraram uma conferência com Neemias, e convidaram-no a se encontrarem numa vila na planície de Ono. Mas esclarecido pelo Espírito Santo quanto ao real propósito que tinham em vista, ele recusou. "Enviei-lhes mensageiros, a dizer", ele escreve: "Estou fazendo uma grande obra, de modo que não poderei descer. Por que cessaria esta obra, enquanto eu a deixasse e fosse ter convosco?" Mas os tentadores foram persistentes. Quatro vezes enviaram mensageiros com a mesma missão, e quatro vezes receberam idêntica resposta.

Verificando que esse esquema não funcionou, eles decidiram tentar um plano mais ousado. Sambalá enviou a Neemias um portador com uma carta aberta em que dizia: "Entre as gentes se ouviu, e Gasmu diz, que tu e os judeus intentais revoltar-vos, pelo que edificas o muro; e que tu te farás rei [...] E que puseste profetas, para pregarem de ti em Jerusalém, dizendo: Este é rei em Judá. Ora o rei o ouvirá, segundo estas palavras; vem, pois, agora e consultemos juntamente". Neemias 6:3-7.

Fosse verdade que tais boatos estavam circulando, e teria havido motivos para apreensão; pois logo o informe teria sido levado ao rei, que poderia determinar as mais severas medidas ante uma leve

suspeita. Mas Neemias estava convicto de que a carta era inteiramente falsa, escrita para suscitar seus temores e fazê-lo cair no laço. Esta conclusão foi fortalecida pelo fato de que a carta havia sido enviada aberta, evidentemente para que as pessoas pudessem ler o que continha e ficarem alarmadas e intimidadas.

Neemias prontamente enviou a resposta: "De tudo o que dizes coisa nenhuma sucedeu, mas tu do teu coração o inventas". Neemias 6:8. Neemias não ignorava os ardis de Satanás. Ele sabia que o que [337] se fazia eram tentativas de enfraquecer as mãos dos construtores, e assim frustrar-lhes os esforços.

Vez após vez Satanás havia sido derrotado; e agora, com mais profunda malícia e engenho, ele tramou para o servo de Deus um ardil mais sutil e perigoso. Sambalá e seus companheiros assalariaram homens que professavam ser amigos de Neemias, para que lhe dessem maus conselhos como se partissem do Senhor. O mais empenhado nesta obra iníqua era Semaías, homem anteriormente tido em boa reputação por Neemias. Esse homem fechara-se numa câmara próxima ao santuário, como se temendo estar a sua vida em perigo. O templo estava então protegido por muros e portas, mas as portas da cidade ainda não tinham sido postas. Fingindo grande preocupação pela segurança de Neemias, Semaías aconselhou-o a buscar refúgio no templo. "Vamos juntamente à casa de Deus", ele propôs, "ao meio do templo, e fechemos as portas do templo, porque virão matar-te; sim, de noite virão matar-te". Neemias 6:10.

Tivesse Neemias seguido este conselho traiçoeiro, e teria sacrificado sua fé em Deus, e teria aparecido aos olhos do povo como covarde e desprezível. Em vista da importante obra que ele tinha assumido, e a confiança que professava ter no poder de Deus, teria sido absolutamente fora de propósito para ele esconder-se como se estivesse com medo. Espalhar-se-ia o alarma entre o povo, e cada um teria procurado sua própria segurança, ficando a cidade desprotegida, vindo a cair presa dos seus inimigos. Este procedimento desavisado da parte de Neemias seria uma virtual entrega de tudo o que tinha sido alcançado.

Neemias não demorou a penetrar o verdadeiro caráter e objetivo do seu conselheiro. "Conheci que eis que não era Deus quem o enviara", ele diz; "mas esta profecia falou contra mim, porquanto Tobias e Sambalá o subornaram. Para isto o subornaram, para me

atemorizar, e para que eu assim fizesse, e pecasse, para que tivessem alguma coisa a fim de me infamarem, e assim me vituperarem.”

O infamante conselho dado por Semaías fora apoiado por mais que um homem de alta reputação, que, enquanto professando amizade por Neemias, estavam secretamente aliados com seus inimigos. Mas não tiveram êxito com o seu engano. A destemida resposta de Neemias foi: “Um homem como eu fugiria? e quem há, como eu, que entre no templo e viva? De maneira nenhuma entrarei”. Neemias 6:12, 13, 11.

Apesar das ciladas dos inimigos, a obra de reconstrução prosseguiu firmemente, e em menos de dois meses desde a chegada de Neemias a Jerusalém, a cidade havia sido circundada de defesas, e os construtores podiam andar sobre os muros e olhar lá embaixo os seus inimigos atônitos e derrotados. “Ouvindo-o todos os nossos inimigos, temeram, todos os gentios que havia em roda de nós, e abateram-se muito em seus próprios olhos”, escreveu Neemias; [338] “porque reconheceram que o nosso Deus fizera esta obra.”

Mas nem mesmo esta evidência da mão controladora do Senhor fora suficiente para conter o descontentamento, a traição e rebelião entre os israelitas. “Alguns nobres de Judá escreveram muitas cartas, que iam para Tobias, e as cartas de Tobias vinham para eles. Porque muitos em Judá se lhe ajuramentaram, porque era genro de Secanias”. Neemias 6:16-18. Aqui se vêem os maus resultados de mistura matrimonial com idólatras. Uma família de Judá se aparentara com os inimigos de Deus, e essa relação havia-se provado um laço. Muitos outros haviam feito o mesmo. Esses, como a multidão mestiça que viera com Israel do Egito, foram uma fonte de contínua perturbação. Eles não eram sinceros em seu serviço; e quando a obra de Deus demandou sacrifício, mostraram-se prontos para violar seu solene juramento de cooperação e ajuda.

Alguns que haviam estado na dianteira em planejar ciladas contra os judeus, passam a manifestar o desejo de estar em boa paz com eles. Os nobres de Judá que haviam sido enredados em casamentos idólatras, e que tinham mantido traiçoeira correspondência com Tobias, jurando servi-lo, apresentavam-no agora como um homem de habilidade com quem uma aliança seria de grande vantagem para os judeus. Ao mesmo tempo traiçoeiramente lhe levavam os planos e movimentos de Neemias. Assim era a obra de Deus exposta aos

ataques dos seus inimigos, dando-se oportunidade a que as palavras e atos de Neemias fossem mal interpretados e sua obra embaraçada.

Quando os pobres e oprimidos apelaram a Neemias no sentido de que se reparasse o mal, ele se pusera corajosamente em sua defesa, e havia levado os que fizeram o mal a remover o reproche que sobre eles repousava. Mas a autoridade que ele havia exercido em favor dos seus concidadãos oprimidos, não a exerceu agora em seu próprio proveito. Seus esforços tinham sido resistidos por alguns com ingratidão e deslealdade, mas ele não usou o seu poder para levar punição aos traidores. Com a calma e altruísmo prosseguiu ele no serviço pelo povo, jamais afrouxando os seus esforços ou permitindo que o interesse diminuísse.

Os assaltos de Satanás sempre têm sido dirigidos contra os que têm procurado promover a obra e a causa de Deus. Embora muitas vezes frustrado, ele renova outro tanto os seus ataques com vigor igualmente renovado, usando meios até então não experimentados. Mas o que é mais de temer é a sua secreta operação por intermédio dos que se professam amigos da obra de Deus. A oposição aberta pode ser feroz e cruel, mas traz em si muito menos perigo para a causa de Deus que a inimizade secreta dos que, enquanto professando servir a Deus, são servos cordiais de Satanás. Esses têm em seu poder colocar toda vantagem nas mãos dos que usariam seu conhecimento para embaraçar a obra de Deus e lesar Seus servos.

Todo artifício que o príncipe das trevas pode sugerir será empregado para induzir os servos de Deus a formar uma confederação com os agentes de Satanás. Repetidas solicitações virão chamá-los do dever; mas como Neemias, eles devem firmemente responder: [339] "Estou fazendo uma grande obra, de modo que não poderei descer." Os obreiros de Deus podem manter-se a salvo com sua obra, permitindo que seus esforços refutem as falsidades que a malícia possa cunhar para prejudicá-los. Como os construtores dos muros de Jerusalém, devem recusar ser desviados de sua obra pelas ameaças, motejos ou falsidades. Nem por um momento devem relaxar sua atenção ou vigilância; pois os inimigos estão de contínuo em seu rastro. Devem orar sempre a Deus, e pôr "uma guarda contra eles, de dia e de noite". Neemias 4:9.

Ao aproximar-se o tempo do fim, as tentações de Satanás serão dirigidas com maior poder contra os obreiros de Deus. Ele empre-

gará agentes humanos para insultar e desanimar os que "edificam o muro." Mas se os edificadores descerem para enfrentar esses ataques isto tão-somente retardaria a obra. Devem eles procurar derrotar os propósitos dos seus adversários; mas não devem permitir que coisa alguma os desvie de sua obra. A verdade é mais forte que o erro, e o direito prevalecerá sobre a injustiça.

Também não devem eles permitir que seus inimigos lhes conquistem a amizade e a simpatia, e assim induzi-los a desviarem-se do posto do dever. Aquele que por qualquer ato desavisado expõe a causa de Deus à vergonha, ou enfraquece as mãos dos seus co-obreiros, põe sobre o próprio caráter uma nódoa não facilmente removível, e coloca um sério obstáculo no caminho de sua futura prestatividade.

"Os que deixam a lei louvam o ímpio". Provérbios 28:4. Quando os que se estão unindo com o mundo, embora proclamando grande pureza, reclamam união com os que sempre foram opositores da causa da verdade, devemos temer e evitá-los tão decididamente como o fez Neemias. Tal conselho é sugerido pelo inimigo de todo o bem. É o falar de oportunistas, e deve ser resistido tão resolutamente hoje como o foi então. Qualquer que seja a influência que tende a desviar a fé do povo de Deus em Seu poder guiador, deve ser firmemente resistida.

Na firme devoção de Neemias à obra de Deus, e sua confiança igualmente firme em Deus, está a razão da derrota dos seus inimigos em atraí-lo ao seu poder. A alma indolente facilmente cai presa da tentação; mas na vida que tem nobre alvo, absorvente propósito, o mal encontra pouco terreno. A fé de quem está constantemente avançando não se debilita; pois acima, embaixo, além, ele reconhece o Infinito Amor promovendo todas as coisas para realização do Seu bom propósito. Os verdadeiros servos de Deus trabalham com determinação que não falhará, porque estão na constante dependência do trono da graça.

Deus tem provido assistência para todas as emergências que superam os recursos humanos. Ele dá o Espírito Santo para ajudar em toda dificuldade, fortalecer a esperança e segurança, iluminar a mente e purificar o coração. Ele provê oportunidades e soluções. Se Seu povo estiver atento à Sua providência e pronto para cooperar com Ele, poderosos resultados serão vistos.

[340]

Capítulo 56 — Instruídos na lei de Deus

Este capítulo é baseado em Neemias 8-10.

Era o tempo da Festa das Trombetas. Muitos estavam reunidos em Jerusalém. O cenário dava uma impressão lastimável. O muro de Jerusalém tinha sido reconstruído, e as portas assentadas; mas uma grande parte da cidade estava ainda em ruínas.

Sobre uma plataforma de madeira, erguida numa das ruas mais largas, e rodeado por todos os lados por tristes lembranças da antiga glória de Judá, estava Esdras, agora envelhecido. A sua direita e a sua esquerda reuniram-se seus irmãos levitas. Olhando do alto da plataforma, seus olhos percorreram o mar de cabeças. Os filhos do concerto tinham-se congregado de todos os recantos do país. "E Esdras louvou o Senhor, o grande Deus; e todo o povo respondeu: Amém [...] e inclinaram-se, e adoraram ao Senhor, com os rostos em terra". Neemias 8:6.

Entretanto mesmo aqui estava a evidência do pecado de Israel. Através de casamento misto do povo com outras nações, a linguagem hebraica tinha-se tornado corrompida, e grande cuidado era necessário da parte dos oradores, para explicar a lei na linguagem do povo, a fim de que pudesse ser entendida por todos. Alguns dos sacerdotes e levitas uniram-se com Esdras na explicação dos princípios da lei. "E leram no livro, na lei de Deus; e declarando, e explicando o sentido, faziam que, lendo, se entendesse."

"E os ouvidos de todo o povo estavam atentos ao livro da lei". Neemias 8:8, 3. "Eles ouviam, absortos e reverentes, as palavras do Altíssimo. Sendo a lei explicada, eles se convenceram de sua culpa, e choraram por causa de suas transgressões. Mas esse era um dia festivo, um dia de regozijo, uma santa convocação, um dia no qual o Senhor tinha ordenado ao povo que se mostrasse alegre e jubiloso; e em vista disto foram chamados a restringir suas mágoas, e a se rejubilarem por causa da grande misericórdia do Senhor para com eles. "Este dia é consagrado ao Senhor vosso Deus", disse

Neemias, “pelo que não vos lamenteis, nem choreis. [...] Ide, comei as gorduras, e bebei as doçuras, e enviai porções aos que não têm nada preparado para si; porque este dia é consagrado ao nosso Senhor. Portanto não vos entristeçais, porque a alegria do Senhor é a vossa força”. Neemias 8:9, 10.

A primeira parte do dia fora devotada a exercícios religiosos, e o povo despendeu o resto do tempo em grata reconsideração das [341] bênçãos de Deus, e em desfrutar a abundância que Ele provera. Porções foram também enviadas aos pobres que nada tinham para preparar. Houve grande regozijo, por causa das palavras da lei que haviam sido lidas e entendidas.

No dia seguinte, a leitura e explicação da lei teve prosseguimento. E no tempo indicado — no décimo dia do sétimo mês — realizaram-se as solenes cerimônias do dia da expiação, de acordo com a ordenação de Deus.

Do décimo quinto ao vigésimo segundo dia do mesmo mês, o povo e seus chefes guardaram uma vez mais a Festa dos Tabernáculos. “E fizeram passar pregão por todas as suas cidades, e em Jerusalém, dizendo: Saí ao monte, e trazei ramos de oliveiras, e ramos de zambujeiros, e ramos de murtas, e ramos de palmeiras, e ramos de árvores espessas, para fazer cabanas, como está escrito. Saiu, pois, o povo, e de tudo trouxeram, e fizeram para si cabanas, cada um no seu terraço, e nos seus pátios, e nos átrios da casa de Deus. [...] E houve mui grande alegria. E de dia em dia ele Esdras lia no livro da lei de Deus, desde o primeiro dia até ao derradeiro”. Neemias 8:15-18.

Ao atentar dia a dia para as palavras da lei, o povo ficara convencido de suas transgressões, e dos pecados de sua nação em passadas gerações. Viram que fora por causa do afastamento de Deus que Seu cuidado protetor tinha sido retirado, e que os filhos de Abraão tinham sido espalhados pelas terras estrangeiras; e se determinaram buscar Sua misericórdia e empenharem-se em andar nos Seus mandamentos. Antes de entrarem nesta solene cerimônia, que tivera lugar no segundo dia após o encerramento da Festa dos Tabernáculos, eles se separaram dos pagãos que havia entre eles.

Prostrando-se o povo ante o Senhor, e confessando os seus pecados e suplicando perdão, seus líderes os encorajaram a crer que Deus, segundo a Sua promessa, ouvira suas orações. Não deviam

eles apenas lamentar e chorar e arrepender-se, mas deviam crer que Deus os perdoara. Deviam mostrar sua fé passando em revista Suas misericórdias e louvá-Lo por Sua bondade. "Levantai-vos", disseram esses ensinadores, "bendizei ao Senhor vosso Deus de eternidade em eternidade."

Então da multidão reunida, ao se levantarem com as mãos estendidas para o céu, elevou-se o cântico:

"Bendigam o nome da Tua glória,
que está levantado sobre toda a bênção e louvor.
Tu só és Senhor, Tu fizeste o Céu, o Céu dos Céus,
e todo o seu exército,
a Terra e tudo quanto nela há,
os mares e tudo quanto neles há,
e Tu os guardas em vida a todos,
E o exército dos Céus Te adora".

Neemias 9:5, 6.

Findo o cântico de louvor, os líderes da congregação relataram a história de Israel, mostrando quão grande tinha sido a bondade de Deus para com eles, e como tinha sido grande a ingratidão deles. Então toda a congregação entrou num concerto para guardar os mandamentos de Deus. Eles haviam sofrido a punição por seus pecados; [342] agora reconheciam a justiça do trato que Deus lhes dispensara, e se comprometeram em obedecer a Sua lei. E para que este fosse "um firme concerto", sendo preservado em forma permanente, como um memorial da obrigação que haviam tomado sobre si, foi ele escrito, e os sacerdotes, levitas e príncipes o assinaram. Devia ele servir como um memorando do dever e uma barreira contra a tentação. O povo fez um solene juramento de que "andariam na lei de Deus, que foi dada pelo ministério de Moisés, servo de Deus, e de que guardariam e cumpririam todos os mandamentos do Senhor, nosso Senhor, e os Seus juízos e os Seus estatutos". O juramento feito nesse dia incluía a promessa de não se casarem com o povo da terra.

Antes que o dia de jejum findasse, o povo manifestou ainda sua determinação de retornar ao Senhor, comprometendo-se a cessar de profanar o sábado. Neemias não fizera nessa ocasião, como o

fez mais tarde, valer sua autoridade para evitar que os mercadores pagãos entrassem em Jerusalém; mas num esforço para salvar o povo de se render à tentação, obrigou-os, por um solene concerto, a não transgredirem a lei do sábado comprando desses mercadores, na esperança de que isto desencorajasse os vendedores e pusesse fim ao seu comércio.

Tomou-se providência também para o sustento do culto público a Deus. Além do dízimo, a congregação se comprometeu a contribuir anualmente com uma soma estabelecida para o serviço do santuário. "Também lançamos sortes", escreve Neemias, "que também traríamos as primeiras novidades da nossa terra, e todos os primeiros frutos de todas as árvores, de ano em ano, à casa do Senhor; e os primogênitos dos nossos filhos, e os do nosso gado, como está escrito na lei; e que os primogênitos das nossas vacas e das nossas ovelhas traríamos à casa do nosso Deus". Neemias 10:35, 36.

Israel tinha voltado para Deus com profunda tristeza pela apostasia. Haviam feito confissão com lamentação e pranto. Haviam reconhecido a justiça do trato de Deus para com eles, e tinham feito o concerto para obedecer a Sua lei. Agora eles deviam manifestar fé em Suas promessas. Deus havia aceito o seu arrependimento; deviam agora alegrar-se na certeza do perdão dos pecados e na sua restauração ao favor divino.

Os esforços de Neemias para restaurar o culto do verdadeiro Deus tinham sido coroados de sucesso. Enquanto o povo fosse leal ao juramento feito, enquanto fosse obediente à Palavra de Deus, o Senhor cumpriria Sua promessa derramando ricas bênçãos sobre eles.

Há para os que estão convictos do pecado e carregados com o senso de sua indignidade lições de fé e encorajamento neste relato. A Bíblia apresenta fielmente o resultado da apostasia de Israel; mas ela pinta também a profunda humilhação e arrependimento, a fervente devoção e generoso sacrifício que assinalaram suas ocasiões de retorno para o Senhor. [343]

Toda conversão verdadeira ao Senhor produz permanente alegria na vida. Quando um pecador se rende à influência do Espírito Santo, ele vê sua própria culpa e mácula em contraste com a santidade do grande Pesquisador dos corações. Ele se vê a si mesmo condenado como transgressor. Mas não deve por causa disto entregar-se ao

desespero; pois o seu perdão já está assegurado. Ele pode alegrar-se na certeza do perdão dos pecados, no amor de um perdoador Pai celestial. É a glória de Deus envolver os seres humanos pecadores arrependidos nos braços do Seu amor, ligar suas feridas, purificá-los do pecado e vesti-los com os vestidos da salvação. [344]

Capítulo 57 — Reforma

Este capítulo é baseado em Neemias 13.

Solene e publicamente o povo de Judá se comprometera a obedecer à lei de Deus. Mas quando a influência de Esdras e Neemias esteve por algum tempo ausente, houve muitos que abandonaram o Senhor. Neemias havia voltado para a Pérsia. Durante sua ausência de Jerusalém, desenvolveram-se males que ameaçavam perverter a nação. Os idólatras não apenas haviam conseguido firmar pé na cidade, mas contaminaram por sua presença o próprio recinto do templo. Através de casamentos mistos, tinha surgido um parentesco entre Eliasibe, o sumo sacerdote, e Tobias o amonita, grande inimigo de Israel. Como resultado desta aliança ilícita, Eliasibe permitira a Tobias ocupasse um apartamento anexo ao templo, o qual era usado anteriormente para nele se recolherem o dízimo e as ofertas do povo.

Por causa da crueldade e traição dos amonitas e moabitas para com Israel, Deus havia declarado por intermédio de Moisés que eles seriam para sempre separados da congregação do seu povo. Deuteronômio 23:3-6. Em desafio desta palavra, o sumo sacerdote tinha lançado fora as ofertas armazenadas na câmara da casa de Deus, a fim de que houvesse lugar para este representante de uma raça proscrita. Não seria possível mostrar maior desprezo a Deus do que conferir favor semelhante a este inimigo de Deus e da Sua verdade.

Ao retornar da Pérsia, Neemias soube da ousada profanação, e tomou de pronto medidas para expulsar o intruso. “Muito me desagradou”, ele declara; “de sorte que lancei todos os móveis da casa de Tobias fora da câmara. E, ordenando-o eu, purificaram as câmaras; e tornei a trazer ali os vasos da casa de Deus, com as ofertas de manjares e o incenso”. Neemias 13:8, 9.

Não somente havia o templo sido profanado, mas as ofertas tinham sido mal empregadas. Isto estava desencorajando a liberalidade do povo. Haviam perdido seu zelo e fervor, e relutavam em

pagar o dízimo. A tesouraria da casa do Senhor estava pobremente suprida; muitos dos cantores e outros empregados nos serviços do templo, não recebendo sustento suficiente, haviam deixado a obra de Deus para trabalharem em outras partes.

Neemias pôs mãos à obra para corrigir esses abusos. Reuniu todos os que tinham deixado a obra da casa do Senhor, e os restaurou "no seu posto". Isto inspirou confiança ao povo, e todo o Judá "trouxe os dízimos do grão, e do mosto, e do azeite aos celeiros". Homens [345] "que se tinham achado fiéis" foram feitos "tesoureiros [...] sobre os celeiros", "e se lhes encarregou a eles a distribuição para seus irmãos". Neemias 13:11-13.

Outro resultado do intercâmbio com os idólatras foi a profanação do sábado, o sinal de distinção dos israelitas de todas as outras nações como adoradores do verdadeiro Deus. Neemias verificou que os mercadores pagãos e comerciantes dos países vizinhos que vinham a Jerusalém, tinham induzido muitos dos israelitas a se empenharem em negócios no sábado. Houve alguns que não puderam ser persuadidos a sacrificar o princípio; mas outros transgrediram, e se uniram aos pagãos em seus esforços para vencer os escrúpulos dos mais conscienciosos. Muitos ousaram violar o sábado abertamente. "Naqueles dias", escreve Neemias, "vi em Judá os que pisavam lagares no sábado e traziam feixes que carregavam sobre jumentos; como também vinho, uvas e figos, e toda a casta de carga, que traziam a Jerusalém no dia de sábado. [...] Também tírios habitavam dentro, que traziam peixe, e toda a mercadoria, que no sábado vendiam aos filhos de Judá, em Jerusalém."

Esse estado de coisas podia ter sido evitado se os chefes tivessem exercido a sua autoridade; mas o desejo de impulsionar os seus próprios interesses tinha-os levado a favorecer a impiedade. Neemias destemidamente repreendeu-os por sua negligência do dever. "Que mal é este que fazeis profanando o sábado?" ele inquiriu asperamente. "Porventura não fizeram vossos pais assim, e nosso Deus não trouxe todo este mal sobre nós e sobre esta cidade? E vós ainda mais acrescentais o ardor de Sua ira sobre Israel, profanando o sábado." E ordenou-lhes então que "dando das portas de Jerusalém já sombra antes do sábado", fossem elas fechadas, e não mais se abrissem até passado o sábado; e tendo mais confiança em seus próprios servos do que naqueles que os magistrados de Jerusalém pudessem apon-

tar, ele os estacionou nas portas da cidade, para que as suas ordens fossem executadas.

Não dispostos a abandonar os seus propósitos, "os negociantes e os vendedores de toda a mercadoria passaram a noite fora de Jerusalém uma ou duas vezes", esperando encontrar oportunidade para comerciar, quer com os habitantes da cidade, quer com os do campo. Neemias advertiu-os de que seriam punidos se continuassem a assim proceder. "Por que passais a noite de fronte do muro?" ele perguntou. Se outra vez o fizerdes, hei de lançar mão de vós. Daquele tempo em diante não vieram no sábado". Neemias 13:15-21. Também ele mandou aos levitas que guardassem as portas, sabendo que imporiam mais respeito que o povo comum, pois que de sua íntima relação com a obra de Deus, era razoável esperar que seriam mais zelosos em exigir obediência a Sua lei.

Então Neemias voltou sua atenção para o perigo que ameaçava Israel representado pelas uniões matrimoniais e a associação com [346] idólatras. "Vi também naqueles dias", ele escreve, "judeus que tinham casado com mulheres asdoditas, amonitas e moabitas; e seus filhos falavam meio asdodita, e não podiam falar judaico, senão segundo a língua de cada povo". Neemias 13:23, 24.

Essas alianças ilícitas estavam causando grande confusão em Israel; pois alguns que nelas entraram eram homens de alta posição, chefes a quem o povo tinha o direito de olhar em busca de conselho e exemplo. Prevendo a ruína ante a nação se fosse permitido que o mal prosseguisse, Neemias arrazoou fervorosamente com os que erraram. Chamando a atenção para o caso de Salomão, lembrou-lhes que entre todas as nações não tinha havido rei como este homem, a quem Deus tinha dado grande sabedoria; porém mulheres idólatras haviam desviado de Deus o seu coração, e seu exemplo havia corrompido Israel. "E dar-vos-íamos nós ouvidos", Neemias severamente questionou, "para fazermos todo este grande mal?" "Não dareis mais vossas filhas a seus filhos, e não tomareis mais suas filhas, nem para vossos filhos, nem para vós mesmos". Neemias 13:25.

Sendo-lhes apresentadas as leis de Deus e ameaças, e os terríveis juízos que visitaram Israel no passado por causa deste mesmo pecado, sua consciência foi despertada, e teve início uma obra de

reforma que desviou a ira ameaçadora de Deus e recebeu Sua aprovação e bênção.

Alguns houve no sagrado ofício que pleitearam por suas esposas pagãs, declarando que não poderiam separar-se delas. Mas nenhuma distinção foi feita; nenhuma consideração foi mostrada por classe ou categoria. Quem quer entre os sacerdotes ou chefes que recusasse cortar sua relação com idólatras, era imediatamente separado do serviço do Senhor. Um neto do sumo sacerdote, havendo casado com uma filha do tristemente célebre Sambalá, não foi apenas removido do ofício, mas prontamente banido de Israel. "Lembra-Te deles, Deus meu", Neemias orou, "pois contaminaram o sacerdócio, como também o concerto do sacerdócio e dos levitas". Neemias 13:29.

Quanta angústia de espírito essa necessária severidade custou ao fiel obreiro de Deus, somente o juízo revelará. Houve uma constante luta com elementos opositores; e somente com jejum, humilhação e oração, o progresso foi conseguido.

Muitos que tinham casado com idólatras escolheram acompanhá-los ao exílio; e a estes, juntamente com os que tinham sido expulsos da congregação, uniram-se os samaritanos. Nessa direção alguns que tinham ocupado altos postos na obra de Deus encontraram o seu caminho, e depois de algum tempo lançaram sua sorte com eles. Desejando fortalecer esta aliança, os samaritanos prometeram adotar mais amplamente a fé e os costumes judaicos; e os apóstatas, determinados a superar seus antigos irmãos, construíram um templo no Monte Gerizim, em oposição à casa de Deus em Jerusalém. Sua religião continuou a ser um misto de judaísmo e paganismo; e sua [347] pretensão de ser povo de Deus foi uma fonte de cisma, emulação e inimizade entre as duas nações, de geração a geração.

Na obra de reforma a ocorrer hoje, há necessidade de homens que, como Esdras e Neemias não obscureçam ou desculpem o pecado, nem se esquivem de vindicar a honra de Deus. Aqueles sobre quem repousa o fardo desta obra, não se sentirão em paz quando o erro é praticado, nem cobrirão o mal com o manto da falsa caridade. Eles se lembrarão que Deus não faz acepção de pessoas, e que a severidade para com uns poucos pode representar misericórdia para com muitos. Lembrar-se-ão também de que o Espírito de Cristo deve ser revelado naquele que repreende o mal.

Em sua obra, Esdras e Neemias se humilharam perante Deus, confessando os seus pecados e os pecados do seu povo, e pleiteando o perdão como se fossem eles os ofensores. Pacientemente labutaram, oraram e sofreram. O que tornou mais difícil a sua obra não foram as hostilidades abertas dos pagãos, mas a oposição secreta de pretensos amigos, que, colocando a sua influência a serviço do mal, aumentaram dez vezes o fardo dos servos de Deus. Esses traidores forneceram os inimigos do Senhor com material para ser usado em sua guerra contra o seu próprio povo. Suas más paixões e rebeldes desejos estavam sempre em conflito com os claros reclamos de Deus.

Os sucessos que acompanharam os esforços de Neemias mostram o que a oração, fé e ação sábia e enérgica podem realizar. Neemias não era sacerdote; não era profeta; não fez praça de altos títulos. Ele era um reformador surgido para um importante tempo. Seu alvo era pôr o seu povo em harmonia com Deus. Inspirado com grande propósito, ele pôs cada energia do seu ser na sua realização. Alta e irredutível integridade marcou os seus esforços. Ao entrar em contato com o mal e a oposição ao direito, tomou posição tão determinada que o povo foi despertado para trabalhar com vivo zelo e coragem. Eles não podiam mais que reconhecer sua lealdade, seu patriotismo e profundo amor a Deus; e vendo isto, sentiram-se desejosos de segui-lo aonde ele os levasse.

Diligência numa atividade apontada por Deus é uma importante parte da verdadeira religião. Os homens deviam apoderar-se das circunstâncias como sendo instrumentos de Deus com que executar a Sua vontade. Ação pronta e decisiva no tempo certo alcançará gloriosos triunfos, ao passo que demora e negligência resultam em fracasso e desonra para Deus. Se os líderes na causa da verdade não mostram zelo, se são indiferentes, vagos, a igreja será descuidada e indolente, e amante dos prazeres; mas se são cheios de santo propósito para servir a Deus e a Ele somente, o povo será unido, esperançoso, cheio de ânimo.

A Bíblia se sobressai em contrastes vivos e evidentes. O pecado e a santidade são postos lado a lado, para que, considerando-os, [348] possamos fugir de um e aceitar o outro. As páginas que descrevem o ódio, a falsidade e traição de Sambalá e Tobias, descrevem também a nobreza, devoção e altruísmo de Esdras e Neemias. Somos deixados livres para escolher a quem queremos imitar. Os terríveis resultados

da transgressão das leis de Deus são postos em contraste com as bênçãos da obediência. Nós mesmos devemos decidir se queremos sofrer as conseqüências de um ou desfrutar o prêmio do outro.

A obra de restauração e reforma realizada pelos que voltaram do exílio sob a liderança de Zorobabel, Esdras e Neemias, apresenta o quadro de uma obra de restauração espiritual que deve ocorrer nos últimos dias da história da Terra. O remanescente de Israel era um povo débil, exposto à vindita dos seus inimigos; mas por intermédio deles Deus Se propôs preservar na Terra o Seu conhecimento e de Sua lei. Eles foram os guardiões do verdadeiro culto, os guardadores do santos oráculos. Variadas foram as experiências que tiveram na reconstrução do templo e dos muros de Jerusalém; forte foi a oposição que tiveram de enfrentar. Pesada foi a carga levada pelos líderes nesta obra; mas esses homens prosseguiram com inamovível confiança, em humildade de espírito, e firmemente estribados em Deus, crendo que Ele levaria Sua vontade ao triunfo. Como o rei Ezequias, Neemias "se chegou ao Senhor, não se apartou de após Ele, e guardou os mandamentos que o Senhor tinha dado. [...] Assim foi o Senhor com ele". 2 Reis 18:6, 7.

A restauração espiritual de que a obra levada a efeito nos dias de Neemias era um símbolo, é esboçada nas palavras de Isaías: "Edificarão os lugares antigamente assolados e restaurarão os de antes destruídos, e renovarão as cidades assoladas". Isaías 61:4. "E os que de ti procederem edificarão os lugares antigamente assolados; e levantarás os fundamentos de geração em geração; e chamar-te-ão reparador das roturas, e restaurador de veredas para morar". Isaías 58:12.

O profeta descreve aqui um povo que, em tempo de geral abandono da verdade e da justiça, está procurando restaurar os princípios que são o fundamento do reino de Deus. São os reparadores das brechas que têm sido feitas na lei de Deus — o muro posto em torno dos Seus escolhidos para a sua proteção, preceitos de justiça, verdade e pureza, cuja obediência é para sua perpétua salvaguarda.

Em palavras de importante significado, o profeta apresenta a obra específica desse remanescente que edifica o muro. "Se desviares o teu pé do sábado, e de fazer a tua vontade no Meu santo dia, e se chamares ao sábado deleitoso, e santo dia do Senhor, digno de honra, e o honrares não seguindo os teus caminhos, nem pretendendo fazer

a tua própria vontade, nem falar as tuas próprias palavras, então te deleitarás no Senhor, e te farei cavalgar sobre as alturas da Terra, e te sustentarei com a herança do teu pai Jacó; porque a boca do [349] Senhor o disse". Isaías 58:13, 14.

No tempo do fim, toda instituição divina deve ser restaurada. A brecha feita na lei quando o sábado foi mudado pelo homem, deve ser reparada. O remanescente de Deus, em pé diante do mundo como reformadores, deve mostrar que a lei de Deus é o fundamento de toda reforma perdurável, e que o sábado do quarto mandamento deve permanecer como memorial da criação, uma lembrança constante do poder de Deus. De maneira clara e distinta devem apresentar a necessidade de obediência a todos os preceitos do decálogo. Constrangidos pelo amor de Cristo, devem cooperar com Ele na reconstrução dos lugares assolados. Devem ser reparadores das roturas, e [350] restauradores de veredas para morar. Isaías 58:12.

Capítulo 58 — A vinda de um libertador

Através dos longos séculos de “angústia e escuridão” (Isaías 8:22) que marcaram a história da humanidade desde o dia em que nossos primeiros pais perderam o seu lar no Éden até o tempo em que o Filho de Deus apareceu como o Salvador dos pecadores, a esperança da raça caída esteve centralizada na vinda de um Libertador para livrar a homens e mulheres do cativeiro do pecado e da sepultura.

A primeira indicação de tal esperança foi dada a Adão e Eva na sentença pronunciada sobre a serpente no Éden, quando o Senhor declarou a Satanás aos ouvidos de nossos primeiros pais: “Porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua semente e a sua semente; esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar”. Gênesis 3:15.

Ao atentar o culpado para essas palavras, foram inspirados com esperança; pois na profecia concernente ao aniquilamento do poder de Satanás eles discerniram uma promessa de libertação da ruína que a transgressão havia operado. Embora devessem sofrer o poder de seu adversário, dado que tinham caído sob sua sedutora influência e haviam escolhido desobedecer aos claros mandamentos de Jeová, não precisavam contudo entregar-se ao completo desespero. O Filho de Deus Se oferecia para expiar com o Seu próprio sangue as transgressões deles. Ser-lhes-ia permitido um período de graça, durante o qual, pela fé no poder de Cristo para salvar, poderiam tornar-se uma vez mais filhos de Deus.

Satanás, em virtude do êxito que teve em desviar o homem do caminho da obediência, tornou-se “o deus deste século”. 2 Coríntios 4:4. O domínio que uma vez pertenceu a Adão passou ao usurpador. Mas o Filho de Deus Se propôs vir à Terra a fim de pagar a penalidade do pecado, e assim não apenas redimir o homem, mas recobrar o domínio usurpado. É desta restauração que Miquéias profetizou quando disse: “A ti, ó torre do rebanho, monte da filha de Sião, a ti virá; sim, a ti virá o primeiro domínio”. Miquéias 4:8. O apóstolo Paulo a ela se referiu como a “redenção da possessão de Deus”.

Efésios 1:14. E o salmista tinha em mente a mesma restauração final do homem em sua herança original quando declarou: "Os justos herdarão a Terra e habitarão nela para sempre". Salmos 37:29.

Essa esperança de redenção por meio do advento do Filho de Deus como Salvador e Rei jamais se extinguiu no coração dos homens. Desde o início tem havido alguns cuja fé tem alcançado [351] além das sombras do presente penetrando as realidades do futuro. Adão, Sete, Enoque, Matusalém, Noé, Sem, Abraão, Isaque e Jacó — por meio destes e outros homens dignos o Senhor tem preservado as preciosas revelações de Sua vontade. Assim foi que aos filhos de Israel, povo escolhido por cujo intermédio devia ser dado ao mundo o Messias prometido, Deus partilhou o conhecimento dos reclamos de Sua lei, e da salvação a ser realizada graças ao sacrifício expiatório do Seu amado Filho.

A esperança de Israel foi incorporada na promessa feita quando do chamado a Abraão, e posteriormente repetida uma e outra vez a sua posteridade: "Em ti serão benditas todas as famílias da Terra". Gênesis 12:3. Ao ser desdobrado a Abraão o propósito de Deus quanto à redenção do homem, o Sol da Justiça brilhou em seu coração, e as trevas que nele havia foram dispersas. E quando, afinal, o Salvador mesmo andou entre os filhos dos homens e com eles falou, deu testemunho aos judeus sobre a gloriosa esperança do patriarca, de livramento através da vinda de um Redentor. "Abraão, vosso pai, exultou por ver o Meu dia", Cristo declarou, "e viu-o e alegrou-se". João 8:56.

Essa mesma bem-aventurada esperança foi esboçada na bênção pronunciada pelo patriarca moribundo, Jacó, sobre seu filho Judá:

> "Judá, a ti louvarão os teus irmãos;
> a tua mão será sobre o pescoço de teus inimigos;
> os filhos de teu pai a ti se inclinarão. [...]
> O cetro não se arredará de Judá,
> nem o legislador dentre seus pés,
> Até que venha Siló;
> e a Ele se congregarão os povos".
>
> Gênesis 49:8-10.

Em outra ocasião, nos limites da terra prometida, a vinda do Redentor foi predita na profecia proferida por Balaão:

> “Vê-Lo-ei, mas não agora;
> contemplá-Lo-ei, mas não de perto;
> uma estrela procederá de Jacó,
> e um cetro subirá de Israel,
> que ferirá os termos dos moabitas,
> e destruirá todos os filhos de Sete.”

Números 24:17.

Por intermédio de Moisés, o propósito de Deus de enviar Seu Filho como redentor da raça caída, foi mantido perante Israel. Uma ocasião, pouco antes de sua morte, Moisés declarou: “O Senhor teu Deus te despertará um Profeta do meio de ti, de teus irmãos, como eu; a Ele ouvireis.” Claramente havia sido Moisés instruído no interesse de Israel sobre a obra do Messias que havia de vir. “Eu lhes suscitarei um Profeta do meio de seus irmãos, como tu”, foi a palavra de Jeová ao Seu servo; “e porei as Minhas palavras na Sua boca, e Ele lhes falará tudo o que Eu Lhe ordenar”. Deuteronômio 18:15, 18.

Nos tempos patriarcais, as ofertas sacrificais relacionadas com o culto divino constituíam uma lembrança perpétua da vinda de um Salvador; e assim era com todo o ritual dos sacrifícios do santuário na história de Israel. Na ministração do tabernáculo, e do templo que posteriormente lhe tomou o lugar, o povo era ensinado cada dia, por meio de símbolos e sombras, a respeito das grandes verdades relativas ao advento de Cristo como Redentor, Sacerdote e Rei; [352] e uma vez em cada ano tinham a mente voltada para os eventos finais do grande conflito entre Cristo e Satanás, a purificação final do Universo do pecado e pecadores. Os sacrifícios e ofertas do ritual mosaico deviam sempre apontar para uma adoração melhor, ou seja, celestial. O santuário terrestre era “uma alegoria para o tempo presente, em que se oferecem dons e sacrifícios”; seus dois lugares santos eram “figura das coisas que estão no Céu” (Hebreus 9:9, 23); pois Cristo, nosso grande Sumo Sacerdote, é hoje “Ministro do santuário, e do verdadeiro tabernáculo, o qual o Senhor fundou, e não o homem”. Hebreus 8:2.

Desde o dia que o Senhor declarou à serpente no Éden: "Porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua semente e a sua semente" (Gênesis 3:15), Satanás tem conhecido que ele não pode jamais manter absoluto domínio sobre os habitantes deste mundo. Quando Adão e seus filhos começaram a oferecer os sacrifícios cerimoniais ordenados por Deus como um tipo da vinda do Redentor, Satanás reconheceu neles um símbolo da comunhão entre Terra e Céu. Durante os longos séculos que se têm seguido, tem sido seu constante esforço interceptar esta comunhão. Incansavelmente tem ele procurado representar a Deus falsamente, e interpretar com falsidade os ritos que apontam para o Salvador; e tem sido bem-sucedido com grande maioria da família humana.

Enquanto Deus desejava ensinar aos homens que do Seu próprio amor vem o Dom que os reconcilia com Ele, o arquiinimigo da humanidade tem procurado representar a Deus como alguém que Se deleita na destruição deles. Assim os sacrifícios e ordenanças designados pelo Céu para que revelem o divino amor, têm sido pervertidos de molde a servir como meio pelo qual os pecadores têm em vão esperado propiciar, com donativos e boas obras, a ira de um Deus ofendido. Ao mesmo tempo Satanás tem procurado despertar e fortalecer as más paixões dos homens, para que através de repetidas transgressões possam as multidões ser levadas cada vez mais longe de Deus, ficando sem esperança amarradas nos grilhões do pecado.

Quando a Palavra escrita de Deus foi dada por intermédio dos profetas hebreus, Satanás estudou com diligência as mensagens sobre o Messias. Ele sublinhou cuidadosamente as palavras que esboçavam com inconfundível clareza a obra de Cristo entre os homens como um sofredor sacrifício e como um rei conquistador. Nos rolos de pergaminho das Escrituras do Antigo Testamento ele leu que Aquele que devia aparecer, "como um cordeiro foi levado ao matadouro" (Isaías 53:7), que "o Seu parecer estava tão desfigurado, mais do que o de outro qualquer". Isaías 52:14. O prometido Salvador da humanidade devia ser "desprezado, e o mais indigno entre os homens, homem de dores [...] ferido de Deus e oprimido" (Isaías 53:4) contudo devia Ele também exercer Seu grande poder para julgar "os aflitos do povo." Ele devia salvar "os filhos do necessitado", e quebrar "o opressor". Salmos 72:4. Estas profecias [353] levaram Satanás a temer e tremer; mas ele não renunciou ao seu

propósito de frustrar, se possível, as misericordiosas providências de Jeová para a redenção da ração perdida. Ele se determinou cegar os olhos do povo, tanto quanto fosse possível, para o real significado das profecias messiânicas, a fim de preparar o caminho para rejeição de Cristo em Sua vinda.

Durante os séculos que imediatamente precederam o dilúvio, Satanás tinha alcançado sucesso em seus esforços para levar a uma quase total rebelião do mundo contra Deus. E nem mesmo as lições do dilúvio foram tidas em lembrança por muito tempo. Com artificiosas insinuações Satanás mais uma vez levou os filhos dos homens passo a passo a ousada rebelião. De novo parecia estar ele prestes a triunfar; mas o propósito de Deus em favor do homem caído não devia ser assim posto de lado. Através da posteridade do fiel Abraão, da linhagem de Sem, o conhecimento dos desígnios beneficentes de Deus devia ser preservado no benefício de futuras gerações. De tempos em tempos mensageiros da verdade divinamente apontados deviam ser despertados para chamar a atenção para o significado das cerimônias sacrificais, e especialmente para a promessa de Jeová referente ao advento dAquele para quem todas as ordenanças do sistema sacrifical apontavam. Assim o mundo devia ser preservado da apostasia universal.

Não havia de ser sem a mais determinada oposição que o propósito de Deus seria levado a êxito. De toda maneira possível o inimigo da verdade e da justiça obrou para levar os descendentes de Abraão a esquecer seu alto e santo chamado e a se desviarem para a adoração a deuses falsos. E muitas vezes esses esforços quase alcançaram sucesso. Durante séculos antes do primeiro advento de Cristo, as trevas cobriram a Terra e densa escuridão os povos. Satanás lançou sua sombra infernal no caminho dos homens, a fim de que não tivessem conhecimento de Deus e do mundo futuro. Multidões estavam assentadas na sombra da morte. Sua única esperança era que essas trevas fossem espancadas, a fim de que Deus pudesse ser revelado.

Com visão profética Davi, o ungido de Deus, predissera que a vinda de Cristo seria "como a luz da manhã, quando sai o Sol, da manhã sem nuvens". 2 Samuel 23:4. E Oséias testificou: "Como a alva será a Sua saída". Oséias 6:3. Quieta e gentilmente a luz do dia irrompe sobre a Terra, dispersando a sombra de trevas, enchendo a Terra de vida. Assim devia o Sol da Justiça erguer-Se, "trazendo

salvação sob as Suas asas. Malaquias 4:2. As multidões que “habitavam na região da sombra da morte” deviam ver “uma grande luz”. Isaías 9:2.

O profeta Isaías, exultando por esta gloriosa libertação, exclamou:

> “Um Menino nos nasceu um Filho se nos deu;
> e o principado está sobre os Seus ombros;
> [354] e o Seu nome será: Maravilhoso Conselheiro,
> Deus
> forte, Pai da eternidade,
> Príncipe da paz.
> Do incremento deste principado e da paz não haverá fim,
> Sobre o trono de Davi e no seu reino,
> para o firmar e o fortificar,
>
> Em juízo e em justiça,
> desde agora para sempre;
> o zelo do Senhor dos Exércitos fará isto”.
>
> Isaías 9:6, 7.

Nos últimos séculos da história de Israel antes do primeiro advento, era geralmente entendido que a vinda do Messias fora referida na profecia: “Pouco é que sejas o Meu servo, para restaurares as tribos de Jacó, e tornares a trazer os guardados de Israel; também te dei para luz dos gentios, para seres a Minha salvação até à extremidade da Terra”. Isaías 49:6. “A glória do Senhor se manifestará”, o profeta tinha predito, “e toda a carne juntamente verá”. Isaías 40:5. Foi desta luz dos homens que João Batista mais tarde testificou tão ousadamente, quando proclamou: “Eu sou a voz do que clama no deserto: Preparai o caminho do Senhor, como disse o profeta Isaías”. João 1:23.

Foi a Cristo que a promessa profética foi dada: “Assim diz o Senhor, o Redentor de Israel, o seu Santo, à alma desprezada, ao que as nações abominam. [...] Assim diz o Senhor: “E te guardarei, e te darei por concerto do povo, para restaurares a Terra, e lhe dares em herança as herdades assoladas; para dizeres aos presos: Saí; e aos que estão em trevas: Aparecei. [...] Nunca terão fome nem sede, nem

a calma nem o Sol os afligirá; porque o que Se compadece deles os guiará, e os levará mansamente aos mananciais de águas". Isaías 49:7-10.

Os inflexíveis na nação judaica, descendentes daquela linha santa por cujo intermédio o conhecimento de Deus fora preservado, fortaleceram sua fé na consideração dessas passagens e de outras similares. Com extraordinária satisfação eles leram como o Senhor ungiria Alguém "para pregar boas-novas aos mansos", "restaurar os contritos de coração", "proclamar liberdade aos cativos", e "apregoar o ano aceitável do Senhor". Isaías 61:1, 2. Contudo o seu coração se enchia de tristeza ao pensarem nos sofrimentos que Ele precisava enfrentar para cumprir o propósito divino. Com profunda humilhação de alma acompanhavam as palavras no rolo profético:

"Quem deu crédito a nossa pregação?
E a quem se manifestou o braço do Senhor?
Porque foi subindo como renovo perante Ele,
e como raiz de uma terra seca;
não tinha parecer nem formosura;
e, olhando nós para Ele, nenhuma beleza víamos,
para que O desejássemos.
Era desprezado,
e o mais indigno entre os homens;
homem de dores, e experimentado nos trabalhos;
e, como um de quem os homens escondiam o rosto,
era desprezado, e não fizemos dEle caso algum.
Verdadeiramente Ele tomou sobre
Si as nossas enfermidades,
e as nossas dores levou sobre Si;
e nós O reputamos por aflito,
ferido de Deus, e oprimido.
Mas Ele foi ferido pelas nossas transgressões,
e moído pelas nossas iniqüidades;
o castigo que nos traz a paz estava sobre Ele,
e pelas Suas pisaduras fomos sarados. [355]
Todos
nós andávamos desgarrados como ovelhas;
cada um se desviava pelo seu caminho;

mas o Senhor fez cair sobre Ele a iniqüidade de todos nós.
Ele foi oprimido, mas não abriu a Sua boca;
como um cordeiro foi levado ao matadouro,
e, como a ovelha muda perante os seus tosquiadores,
Ele não abriu a Sua boca.

Da opressão e do juízo foi tirado;
E quem contará o tempo da Sua vida?
Porquanto foi cortado da Terra dos viventes;
pela transgressão do Meu povo foi Ele atingido.
E puseram a Sua sepultura com os ímpios,
E com o rico na Sua morte;
porquanto nunca fez injustiça,
nem houve engano na Sua boca".

Isaías 53:1-9.

Com respeito aos sofrimentos do Salvador, Jeová mesmo declarou por intermédio de Zacarias: "Ó espada, ergue-te contra o Meu Pastor e contra o varão que é o Meu companheiro". Zacarias 13:7. Como substituto e garantia pelo pecado do homem, Cristo sofreria sob a justiça divina. Ele compreenderia o que justiça significa; saberia o que significa para o pecador estar sem intercessor na presença de Deus.

Pelo salmista o Redentor mesmo profetizara de Si:

"Afrontas me quebrantaram o coração,
e estou fraquíssimo:
Esperei por alguém que tivesse compaixão,
mas não houve nenhum;
e por consoladores, mas não os achei.
Deram-Me fel por mantimento,
e na Minha sede Me deram a beber vinagre".

Salmos 69:20, 21.

Sobre o tratamento que deveria receber, Ele profetizou: "Pois Me rodearam cães; o ajuntamento de malfeitores Me cercou, transpassaram-Me as mãos e os pés. Poderia contar todos os Meus

ossos; eles vêem, e Me contemplam. Repartem entre si os Meus vestidos, e lançam sorte sobre a Minha túnica”. Salmos 22:16-18.

Essas retratações do amargo sofrimento e cruel morte do Prometido, penosos como fossem, eram ricos em promessa; pois dAquele de quem se diz que “ao Senhor agradou moê-Lo, fazendo-O enfermar”, para que Se pudesse tornar “uma oferta pelo pecado”, Jeová declarou:

“A Sua posteridade, prolongará os dias;
e o bom prazer do Senhor prosperará na Sua mão.
O trabalho da Sua alma Ele verá,
e ficará satisfeito;
com o Seu conhecimento o Meu Servo,
o Justo, justificará a muitos,
porque as iniqüidades deles levará sobre Si.
Pelo que Lhe darei a parte de muitos,
e com os poderosos repartirá Ele o despojo;
porquanto derramou a Sua alma na morte,
e foi contado com os transgressores;
mas Ele levou sobre Si os pecados de muitos,
e pelos transgressores intercede”.

Isaías 53:10-12.

Foi o amor pelos pecadores que levou Cristo a pagar o preço da redenção. “Viu que ninguém havia, e maravilhou-Se de que não houvesse intercessor”; nenhum outro poderia resgatar os homens e mulheres do poder do inimigo; “pelo que o Seu próprio braço Lhe trouxe a salvação, e a Sua própria justiça O susteve”. Isaías 59:16. [356]

“Eis aqui o Meu Servo, a quem sustenho;
o Meu Eleito, em quem Se compraz a Minha alma;
pus o Meu Espírito sobre Ele;
Juízo produzirá entre os gentios”.

Isaías 42:1.

Em Sua vida nenhuma consideração pessoal devia estar presente. A honra que o mundo atribui a posição, riqueza e talento, devia

ser estranha ao Filho de Deus. Nenhum dos meios que os homens empregam para conseguir submissão ou requerer homenagem, devia o Messias usar. Sua completa renúncia do eu foi prefigurada nas palavras:

> “Não clamará, não Se exaltará,
> nem fará ouvir a Sua voz na praça.
> A cana trilhada não quebrará,
> nem apagará o pavio que fumega”.
>
> Isaías 42:2, 3.

O Salvador devia conduzir-Se entre os homens em marcante contraste com os ensinadores dos Seus dias. Em Sua vida nenhuma ruidosa batalha, nem ostensiva adoração, nem ato para ganhar aplausos deviam jamais ser testemunhados. O Messias devia estar oculto em Deus, e Deus devia ser revelado no caráter do Seu Filho. Sem o conhecimento de Deus, a humanidade estaria para sempre perdida. Sem o auxílio divino, homens e mulheres afundariam cada vez mais. Vida e poder deviam ser conferidos por Aquele que fez o mundo. As necessidades do homem não podiam ser satisfeitas de nenhum outro modo.

Ainda mais foi profetizado do Messias: “Não faltará nem será quebrantado, até que ponha na Terra o juízo; e as ilhas aguardarão a Sua doutrina.” O Filho de Deus devia “engrandecer a lei, e fazê-la gloriosa”. Isaías 42:4, 21. Não devia diminuir sua importância e obrigatórios reclamos; ao contrário, devia exaltá-la. Devia ao mesmo tempo aliviar os preceitos divinos das fatigantes exigências sobre eles postas pelo homem, pelo que muitos eram levados ao desencorajamento em seus esforços para servir a Deus de maneira aceitável.

Sobre a missão do Salvador, a palavra de Jeová foi: “Eu o Senhor Te chamei em justiça, e Te tomarei pela mão, e Te guardarei, e Te darei por concerto do povo, e para luz dos gentios; para abrires os olhos dos cegos, para tirar da prisão os presos, e do cárcere os que jazem em trevas. Eu sou o Senhor; este é o Meu nome; a Minha glória pois a outrem não darei, nem o Meu louvor às imagens de escultura. Eis que as primeiras coisas passaram, e novas coisas Eu

vos anuncio, e, antes que venham à luz, vo-las faço saber”. Isaías 42:6-9.

Por meio da prometida semente, o Deus de Israel ia levar livramento a Sião. “Brotará um rebento do trono de Jessé, e das raízes um renovo frutificará”. Isaías 11:1. “Eis que uma virgem conceberá, e dará à luz um filho, e será o Seu nome Emanuel. Manteiga e mel comerá, até que Ele saiba rejeitar o mal e escolher o bem”. Isaías 7:14, 15.

“E repousará sobre Ele o Espírito do Senhor, o Espírito de sabedoria e de inteligência, o Espírito de conselho e de fortaleza, e Espírito de conhecimento e de temor do Senhor. E deleitar-Se-á no [357] temor do Senhor; e não julgará segundo a vista dos Seus olhos, nem repreenderá segundo o ouvir dos Seus ouvidos; mas julgará com justiça os pobres, e repreenderá com eqüidade os mansos da Terra; e ferirá a Terra com a vara de Sua boca, e com o sopro dos Seus lábios matará o ímpio. E a justiça será o cinto do Seus lombos, e a verdade o cinto dos Seus rins.” “E acontecerá naquele dia que as nações perguntarão pela raiz de Jessé, posta por pendão dos povos, e o lugar do Seu repouso será glorioso”. Isaías 11:2-5, 10.

“Eis aqui o homem cujo nome é Renovo; Ele brotará do Seu lugar, e edificará o templo do Senhor. [...] E levará a glória, e assentar-Se-á, e dominará no Seu trono, e será como o sacerdote no Seu trono”. Zacarias 6:12, 13.

Uma fonte devia ser aberta “contra o pecado, e contra a impureza” (Zacarias 13:1); os filhos dos homens deviam ouvir o bendito convite:

“Ó vós, todos os que tendes sede, vinde às águas,
e os que não tendes dinheiro, vinde, comprai e comei;
sim, vinde e comprai,
sem dinheiro e sem preço vinho e leite.
Por que gastais o dinheiro naquilo que não é pão?
E o produto do vosso trabalho
naquilo que não pode satisfazer?
Ouvi-Me atentamente,
e comei o que é bom,
e a vossa alma se deleite com a gordura.
Inclinai os vossos ouvidos, e vinde a Mim;

ouvi, e a vossa alma viverá;
porque convosco farei um concerto perpétuo,
dando-vos as firmes beneficências de Davi”.

Isaías 55:1-3.

A Israel foi feita a promessa: “Eis que Eu O dei como testemunha aos povos, como Príncipe e Governador dos povos. Eis que chamarás a uma nação que não conheces, e uma nação que nunca Te conheceu correrá para Ti, por amor do Senhor teu Deus, e do Santo de Israel; porque Ele Te glorificou”. Isaías 55:4, 5.

“Faço chegar a Minha justiça, e não estará ao longe, e a Minha salvação não tardará; mas estabelecerei em Sião a salvação, e em Israel a Minha glória”. Isaías 46:13.

Em palavras e em obras o Messias devia revelar à humanidade durante o Seu ministério terrestre a glória de Deus, o Pai. Cada ato de Sua vida, cada palavra proferida, cada milagre operado, devia ter em vista tornar conhecido à humanidade caída o infinito amor de Deus.

“Tu, anunciador de boas-novas a Sião,
sobe tu a um monte alto.
Tu, anunciador de boas-novas a Jerusalém,
levanta a tua voz fortemente;
levanta-a, não temas,
e dize às cidades de Judá:
Eis aqui está o vosso Deus!
Eis que o Senhor Jeová virá como o forte,
e o Seu braço dominará;
eis que o Seu galardão vem com Ele,
e o Seu salário diante da Sua face.
Como pastor apascentará o Seu rebanho;
entre os Seus braços recolherá os cordeirinhos,
e os levará no Seu regaço;
as que amamentam, Ele guiará mansamente”.

Isaías 40:9-11.

“Naquele dia os surdos ouvirão as palavras do Livro,

e dentre a escuridão e dentre as trevas as verão os olhos dos cegos.
E os mansos terão
gozo sobre gozo no Senhor, [358]
e os necessitados entre os homens
se alegrarão no Santo de Israel.
E os errados de espírito virão a ter entendimento,
e os murmuradores aprenderão a doutrina".

Isaías 29:18, 19, 24.

Assim, através dos patriarcas e profetas, bem como de símbolos e tipos, Deus falou ao mundo sobre a vinda de um Libertador do pecado. Uma longa linha de inspiradas profecias apontava para o advento do "Desejado de todas as nações". Ageu 2:7. Até mesmo o próprio lugar do Seu nascimento, e o tempo do Seu aparecimento, foram minuciosamente especificados.

O filho de Davi deveria nascer na cidade de Davi. De Belém, dissera o profeta, "Me sairá o que será Senhor em Israel, e cujas saídas são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade". Miquéias 5:2.

"E tu, Belém, terra de Judá,
de modo nenhum és a menor entre as capitais de Judá;
porque de ti sairá o Guia Que há
de apascentar o Meu povo de Israel".

Mateus 2:6.

Diagrama das "setenta semanas" que foram decretadas para o povo de Deus. O advento de Cristo comprovou ser verdadeira a profecia.

O tempo do primeiro advento e de alguns dos principais eventos relacionados com as funções da vida do Salvador, foi feito conhecido pelo anjo Gabriel a Daniel. "Setenta semanas", disse o anjo, "estão determinadas sobre o teu povo, e sobre a tua santa cidade, para extinguir a transgressão, e dar fim aos pecados, e para expiar a iniqüidade, e trazer a justiça eterna, e selar a visão e a profecia, e

para ungir o Santo dos santos". Daniel 9:24. Um dia na profecia representa um ano. Números 14:34; Ezequiel 4:6. As setenta semanas, [359] ou quatrocentos e noventa dias, representam quatrocentos e noventa anos. É dado um ponto de partida para este período: "Sabe e entende: desde a saída da ordem para restaurar e para edificar Jerusalém, até o Messias, o Príncipe, sete semanas, e sessenta e duas semanas" (Daniel 9:25), sessenta e nove semanas, ou quatrocentos e oitenta e três anos. A ordem para restaurar e edificar Jerusalém, completada pelo decreto de Artaxerxes Longímano (Esdras 6:14; 7:1, 9), entrou em vigor no outono de 457 a.C. Partindo desta data os quatrocentos e oitenta e três anos se estendem até o outono de 27 d.C. De acordo com a profecia, este período devia alcançar o Messias, o Ungido (Em 27 d.C.), Jesus recebeu em Seu batismo a unção do Espírito Santo, e pouco depois deu início ao Seu ministério. Então foi proclamada a mensagem: "O tempo está cumprido". Marcos 1:15.

Então, disse o anjo: "Ele confirmará o concerto com muitos por uma semana sete anos." Durante sete anos desde o início do ministério do Salvador, o evangelho devia ser pregado especialmente aos judeus: três e meio anos pelo próprio Cristo e depois pelos apóstolos. "Na metade da semana fará cessar o sacrifício e a oferta de manjares". Daniel 9:27. Na primavera de 31 d.C., Cristo, o verdadeiro sacrifício, foi oferecido no Calvário. Então o véu do templo fendeu-se em duas partes, mostrando que a santidade e o significado do sacrifício expiatório tinham findado. Chegara o tempo para que o sacrifício terrestre e a oferta de manjares cessassem.

A semana — sete anos — findou em 34 d.C. Então pelo apedrejamento de Estêvão os judeus selaram finalmente sua rejeição do evangelho; os discípulos que foram espalhados pela perseguição "iam por toda parte, anunciando a Palavra" (Atos dos Apóstolos 8:4); e pouco depois, Saulo o perseguidor foi convertido, e tornou-se Paulo, o apóstolo dos gentios.

As inúmeras profecias relacionadas com o advento do Salvador levaram os hebreus a viver em constante expectação. Muitos morreram na fé, sem terem recebido as promessas. Mas vendo-as de longe, e crendo-as, confessaram que eram estrangeiros e peregrinos na Terra. Desde os dias de Enoque as promessas repetidas através dos patriarcas e profetas mantiveram viva a esperança do aparecimento do Messias.

Não revelara Deus desde o início o tempo exato do primeiro advento; e mesmo quando a profecia de Daniel tornou este fato conhecido, nem todos interpretaram corretamente a mensagem.

Séculos após séculos passaram; finalmente as vozes dos profetas cessaram. A mão do opressor pesava sobre Israel. Como os judeus se afastaram de Deus, a fé decaiu, e a esperança quase deixou de iluminar o futuro. As palavras dos profetas foram incompreendidas por muitos; e aqueles cuja fé devia ter continuado forte, prontamente exclamaram: "Prolongar-se-ão os dias, e perecerá toda a visão?" Ezequiel 12:22. Mas no conselho do Céu a hora para a vinda de Cristo tinha sido determinada; e "vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou o Seu Filho [...] para remir aos que estavam debaixo da lei, a fim de recebermos a adoção de filhos". Gálatas 4:4, 5. [360]

As lições deviam ser dadas à humanidade na linguagem da humanidade. O Mensageiro do concerto devia falar. Sua voz devia ser ouvida no Seu próprio templo. Ele, o autor da verdade, devia separar da verdade a palha do falar humano, que a tinha tornado de nenhum efeito. Os princípios do governo de Deus e o plano da redenção deviam ser claramente definidos. As lições do Antigo Testamento deviam ser completamente expostas diante dos homens.

Quando o Salvador finalmente apareceu "na forma de homem" (Filipenses 2:7), e começou o Seu ministério de graça, Satanás pôde apenas ferir-Lhe o calcanhar, enquanto que pelo próprio ato de humilhação e sofrimento Cristo estava ferindo a cabeça do Seu adversário. A angústia que o pecado provocou, foi derramada no seio do Imaculado; e enquanto Cristo suportava a contradição dos pecadores contra Si, estava também pagando o débito do homem pecador, e quebrando o cativeiro em que a humanidade havia sido retida. Cada agonia, cada insulto, estava operando o livramento do ser humano.

Tivesse Satanás podido induzir Cristo a Se render à mais leve tentação, tivesse ele podido levá-Lo por um ato ou mesmo um pensamento a manchar Sua perfeita pureza, o príncipe das trevas teria triunfado sobre o Penhor do homem, e teria ganho para si toda a família humana. Mas embora Satanás pudesse angustiar, não poderia contaminar. Ele poderia causar agonia, mas não envilecimento. Ele tornou a vida de Cristo uma longa cena de conflito e provação; mas em cada ataque ele perdia seu domínio sobre a humanidade.

No deserto da tentação, no jardim de Getsêmani e sobre a cruz, nosso Salvador mediu armas com o príncipe das trevas. Suas feridas tornaram-se troféus de Sua vitória em favor da raça. Quando Cristo pendia agonizante da cruz, enquanto os espíritos do mal jubilavam, e homens ímpios injuriavam, Seu calcanhar estava então sendo ferido por Satanás. Mas por esse próprio ato estava esmagando a cabeça da serpente. Por meio da morte Ele destruiu "ao que tinha o império da morte, isto é, ao diabo". Hebreus 2:14. Este ato decidiu o destino do chefe rebelde, e tornou para sempre firme o plano de salvação. Na morte, Ele ganhou a vitória sobre o poder da morte; e ressuscitando, abriu as portas da sepultura para todos os Seus seguidores. Nesta última grande contenda, vemos cumprida a profecia: "Esta te ferirá a cabeça, e tu Lhe ferirás o calcanhar". Gênesis 3:15.

"Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não é manifesto o que havemos de ser. Mas sabemos que, quando Ele Se manifestar, seremos semelhantes a Ele; porque assim como é O veremos". 1 João 3:2. Nosso Redentor abriu o caminho, para que o mais pecador, o mais necessitado, o mais oprimido e desprezado, possa encontrar [361] acesso ao Pai.

Capítulo 59 — “A casa de Israel”

Na proclamação das verdades do evangelho eterno a toda nação, tribo, língua e povo, a igreja de Deus na Terra está hoje cumprindo a antiga profecia: “Florescerá e brotará Israel, e encherão de fruto a face do mundo”. Isaías 27:6. Os seguidores de Jesus, em cooperação com inteligências celestiais, estão rapidamente ocupando os lugares solitários da Terra; e como resultado dos seus labores, uma abundante colheita de almas preciosas está em processo. Hoje, como nunca dantes, a disseminação da verdade bíblica por meio de uma igreja consagrada está levando aos filhos dos homens os benefícios prefigurados séculos antes na promessa a Abraão e a Israel — promessa para a igreja de Deus na Terra em cada século: “Abençoar-te-ei [...] e tu serás uma bênção”. Gênesis 12:2.

Essa promessa de bênção devia ter encontrado cumprimento em grande medida durante os séculos seguintes ao retorno dos israelitas das terras do seu cativeiro. Era desígnio de Deus que toda a Terra fosse preparada para o primeiro advento de Cristo, assim como hoje o caminho está sendo preparado para a Sua segunda vinda. Ao final dos anos, de humilhante exílio, Deus graciosamente deu a Seu povo Israel, por intermédio de Zacarias, esta certeza: “Voltarei para Sião, e habitarei no meio de Jerusalém; e Jerusalém chamar-se-á a cidade de verdade, e o monte do Senhor dos Exércitos monte de santidade.” E de Seu povo Ele disse: “Eis que [...] Eu serei o seu Deus em verdade e em justiça”. Zacarias 8:3, 7, 8.

Essas promessas estavam condicionadas à obediência. Os pecados que haviam caracterizado os israelitas anteriormente ao cativeiro, não deviam ser repetidos. “Executai juízo verdadeiro”, o Senhor exortou os que estavam empenhados na reconstrução; “mostrai piedade e misericórdia cada um a seu irmão; e não oprimais a viúva, nem o órfão, nem o estrangeiro, nem o pobre, nem intente o mal cada um contra o seu irmão no seu coração”. Zacarias 7:9, 10. “Falai a verdade cada um com o seu companheiro; executai juízo de verdade e de paz nas vossas portas”. Zacarias 8:16.

Rica era a recompensa, tanto temporal como espiritual, prometida aos que pusessem em prática esses princípios de justiça. “A semente prosperará”, o Senhor declarou, “a vide dará o seu fruto, e os céus darão o seu orvalho, e farei que o resto deste povo herde tudo isto. E há de acontecer, ó casa de Judá, e ó casa de Israel, que, assim como fostes uma maldição entre as nações, assim vos salvarei, [362] e sereis uma bênção”. Zacarias 8:12, 13.

Graças ao cativeiro babilônico foram os israelitas de fato curados da adoração de imagens de escultura. Após o seu retorno, deram muita atenção às instruções religiosas e ao estudo do que tinha sido escrito no livro da lei e nos profetas concernente ao culto do verdadeiro Deus. A restauração do templo capacitou-os a pôr em prática integralmente os ritos do santuário. Sob a guia de Zorobabel, de Esdras e de Neemias, repetidamente eles concertaram guardar todos os mandamentos e ordenanças de Jeová. A fase de prosperidade que se seguiu, deu ampla evidência da boa vontade de Deus em aceitar e perdoar; e no entanto, com fatal curteza de vistas, eles se desviaram vezes e vezes do seu glorioso destino, e egoistamente conservaram para si aquilo que teria levado cura e vida espiritual a incontáveis multidões.

Essa falta no cumprimento do propósito divino era muito notória nos dias de Malaquias. Severamente o mensageiro do Senhor tratou com os males que estavam roubando Israel de sua prosperidade temporal e poder espiritual. Em suas repreensões aos transgressores o profeta não poupou nem os sacerdotes nem o povo. O “peso da Palavra do Senhor contra Israel” por intermédio de Malaquias era que as lições do passado não fossem esquecidas, e que o concerto feito por Jeová com a casa de Israel fosse guardado com fidelidade. Unicamente por sincero arrependimento poderiam as bênçãos de Deus tornar-se realidade. “Suplicai o favor de Deus”, o profeta implorava, “e Ele terá piedade de nós”. Malaquias 1:1, 9.

Não seria por alguma falha temporária de Israel, no entanto, que o plano dos séculos para a redenção da humanidade haveria de ser frustrado. Aqueles a quem o profeta estava falando, podiam deixar de ouvir a mensagem dada; mas os propósitos de Jeová deveriam ainda assim prosseguir firmemente até completo cumprimento. “Desde o nascente do Sol até o poente”, o Senhor declarou através do Seu mensageiro, “será grande entre as nações o Meu nome; e em todo o

lugar se oferecerá ao Meu nome incenso e uma oblação pura; porque o Meu nome será grande entre as nações”. Malaquias 1:11.

O concerto “de vida e de paz” que Deus fez com os filhos de Levi — concerto que, se guardado promoveria bênção inaudita — o Senhor Se propunha agora renovar com os que uma vez tinham sido líderes espirituais, mas que pela transgressão se haviam tornado “desprezíveis e indignos diante de todo o povo. Malaquias 2:5, 9.

Solenemente foram os praticantes do mal advertidos sobre o dia do julgamento por vir, e do propósito de Jeová de visitar com imediata destruição cada transgressor. Todavia ninguém foi deixado sem esperança; as profecias de Malaquias sobre o juízo foram acompanhadas de convites ao impenitente para que fizesse paz com Deus. “Tornai vós para Mim”, o Senhor apelava, “e Eu tornarei para vós”. Malaquias 3:7. [363]

Nenhum coração deve deixar de responder a tal convite. O Deus do Céu está apelando a Seus filhos para que voltem para Ele, a fim de que possam com Ele cooperar na condução de Sua obra na Terra. O Senhor estende Sua mão para tomar a mão de Israel, para ajudá-los no apertado caminho da abnegação e do altruísmo, de modo que possam partilhar com Ele a herança como filhos de Deus. Deixar-se-ão convencer? Discernirão sua única esperança?

Quão triste é o registro que temos, de que nos dias de Malaquias os israelitas hesitaram em render seu orgulhoso coração em pronta e amorável obediência e sincera cooperação A justificação própria é evidente em sua resposta: “Em que havemos de tornar?”

O Senhor revela a Seu povo um dos seus pecados especiais. “Roubará o homem a Deus?” Ele interroga. “Todavia vós Me roubais.” Ainda não convencidos do pecado, os desobedientes inquirem: “Em que Te roubamos?”

Definida sem dúvida é a resposta do Senhor: “Nos dízimos e nas ofertas alçadas. Com maldição sois amaldiçoados, porque Me roubais a Mim, vós, toda a nação. Trazei todos os dízimos à casa do tesouro, para que haja mantimento na Minha casa, e depois fazei prova de Mim, diz o Senhor dos Exércitos, se Eu não vos abrir as janelas do Céu, e não derramar sobre vós uma bênção tal que dela vos advenha a maior abastança. E por causa de vós repreenderei o devorador, para que não vos consuma o fruto da terra; e a vide no campo não vos será estéril, diz o Senhor dos Exércitos. E todas as

nações vos chamarão bem-aventurados; porque vós sereis uma terra deleitosa, diz o Senhor dos Exércitos". Malaquias 3:7-12.

Deus abençoa a obra das mãos dos homens, para que eles possam devolver-Lhe Sua porção. Dá-lhes a luz do Sol e a chuva; faz que a vegetação brote; dá saúde e habilidade para a aquisição de meios. Todas as bênçãos vêm de Suas pródigas mãos, e Ele deseja que homens e mulheres mostrem gratidão devolvendo-Lhe uma parte em dízimos e ofertas — em ofertas de gratidão, ofertas voluntárias e ofertas pelo pecado. Devem eles devotar seus meios a Seu serviço, para que Sua vinha não venha a ser um deserto estéril. Devem estudar o que o Senhor faria em lugar deles. A Ele devem levar em oração toda questão difícil. Devem revelar interesse altruísta na edificação de Sua obra em todas as partes do mundo.

Através de mensagens como as apresentadas por Malaquias, o último dos profetas do Antigo Testamento, bem como pela opressão de inimigos pagãos, os israelitas finalmente aprenderam a lição de que a verdadeira prosperidade depende da obediência à lei de Deus. Mas no caso de muitos dentre o povo, a obediência não era fruto da fé e amor. Seus motivos eram egoístas. O culto era prestado como meio de alcançar a grandeza nacional. O povo escolhido não se tornou a luz do mundo, mas encerrou-se ao abrigo do mundo como salvaguarda contra o ser seduzido pela idolatria. As restrições [364] que Deus havia feito, proibindo o casamento entre o Seu povo e os pagãos, e proibindo Israel de se unir nas práticas idólatras com as nações circunvizinhas, foram tão pervertidas a ponto de se tornarem um muro de separação entre os israelitas e todos os outros povos, privando assim a outros das próprias bênçãos que Deus tinha-os comissionado para dar ao mundo.

Ao mesmo tempo os judeus, por seus pecados, estavam-se separando de Deus. Eram incapazes de discernir o profundo significado espiritual do seu sistema de sacrifícios. Em sua justiça própria confiaram em suas próprias obras, nos sacrifícios e ordenanças em si, em vez de descansar nos méritos dAquele a quem todas essas coisas apontavam. Assim, "procurando estabelecer a sua própria justiça" (Romanos 10:3), edificaram-se sobre um formalismo auto-suficiente. Faltando-lhes o Espírito e a graça de Deus, procuraram ressarcir a falta mediante rigorosa observância das cerimônias e ritos religiosos. Não contentes com as ordenanças que o próprio Deus havia

designado, obstruíram os mandamentos divinos com incontáveis exigências por si mesmos tramadas. Quanto mais se distanciavam de Deus, mais rigorosos eram na observância dessas formas.

Com todas essas minuciosas e opressoras exigências, tornou-se uma impossibilidade prática para o povo a guarda da lei. Os grandes princípios de justiça expostos no Decálogo, e as gloriosas verdades delineadas no cerimonial simbólico, foram igualmente obscurecidas, sepultadas sob uma massa de tradições e preceitos humanos. Os que estavam realmente desejosos de servir a Deus, e que procuravam observar toda a lei como prescrita pelos sacerdotes e chefes, vergavam sob pesado fardo.

Como nação, o povo de Israel, conquanto desejando o advento do Messias, estava de tal modo separado de Deus no coração e na vida que não podia alcançar verdadeira concepção do caráter ou missão do prometido Redentor. Em lugar de desejar a redenção do pecado, e a glória e paz da santidade, tinham o coração posto no libertamento de seus inimigos nacionais, e a restauração do poder temporal. Eles esperavam por um Messias que viesse como conquistador, a fim de quebrar todo jugo, e exaltar Israel ao domínio de todas as nações. Assim havia Satanás alcançado sucesso em preparar o coração do povo para que rejeitasse o Salvador quando aparecesse. Seu próprio orgulho de coração e falsa concepção do caráter e missão do Messias, impediram-nos de pesar honestamente as evidências de Sua messianidade.

Durante mais de mil anos, o povo judeu tinha esperado a vinda do Salvador prometido. Suas esperanças mais brilhantes tinham repousado neste acontecimento. Durante mil anos, em cântico e profecia, nos ritos do templo e nas orações domésticas, Seu nome havia sido entesourado; e no entanto quando Ele veio, não O reconheceram como o Messias por quem haviam tão longamente esperado. “Veio para o que era Seu, e os Seus não O receberam”. João 1:11. Para o Seu coração amante do mundo, o Amado do Céu era “como raiz de uma terra seca”. Aos olhos deles Ele “não tinha parecer nem formosura”; nEle não discerniam qualquer beleza para que O desejassem. Isaías 53:2. [365]

Toda a vida de Jesus de Nazaré entre o povo judeu era uma reprovação ao seu egoísmo revelado na indisposição de reconhecer os justos direitos do Senhor da vinha sobre os que tinham sido

postos como lavradores. Eles odiavam o Seu exemplo de fidelidade e piedade; e quando veio a prova final, a prova que significava obediência para a vida eterna ou desobediência para a eterna morte, rejeitaram o Santo de Israel, e se tornaram responsáveis por Sua crucifixão no Calvário.

Na parábola da vinha, Cristo, nas proximidades do fim do Seu ministério terrestre, chamou a atenção dos mestres judeus para as ricas bênçãos outorgadas a Israel, e nelas mostrou o direito de Deus a sua obediência. Claramente Ele expôs perante eles a glória do propósito de Deus, propósito este que pela obediência eles poderiam ter cumprido. Afastando o véu que ocultava o futuro, mostrou-lhes como, em virtude do não cumprimento do Seu propósito, toda a nação fora privada de Suas bênçãos, sobre si acarretando ruína.

"Houve um homem pai de família", Cristo disse, "que plantou uma vinha, e circundou-a de um valado, e construiu nela um lagar, e edificou uma torre, e arrendou-a a uns lavradores, e ausentou-se para longe". Mateus 21:33.

O Salvador Se referiu assim à "vinha do Senhor dos Exércitos", que o profeta Isaías séculos antes havia declarado ser "a casa de Israel".

"E, chegando o tempo dos frutos", Cristo continuou, o proprietário da vinha "enviou os seus servos aos lavradores, para receber os seus frutos. E os lavradores, apoderando-se dos servos, feriram a um, mataram a outro, e apedrejaram a outro. Depois enviou outros servos, em maior número que os primeiros; e eles fizeram-lhes o mesmo; e por último enviou-lhes o seu filho. [...] Mas os lavradores, vendo o filho, disseram entre si: Este é o herdeiro; vinde, matemo-lo, e apoderemo-nos da sua herança. E, lançando mão dele, o arrastaram para fora da vinha, e o mataram."

Havendo retratado ante os sacerdotes o seu ato final de impiedade, Cristo dirige-lhes agora a pergunta: "Quando pois vier o Senhor da vinha, que fará àqueles lavradores?" Os sacerdotes haviam acompanhado a narrativa com profundo interesse; e sem considerar a relação que havia do assunto para com eles mesmos, uniram-se ao povo na resposta: "Dará afrontosa morte a esses maus, e arrendará a vinha a outros lavradores, que a seu tempo lhe dêem os frutos."

Inadvertidamente haviam eles pronunciado sua própria condenação. Jesus olhou para eles, e sob Seu olhar pesquisador eles com-

preenderam que Ele havia lido os segredos do seu coração. Sua divindade se sobressaiu com inquestionável poder. Eles viram nos lavradores uma figura de si mesmos, e involuntariamente exclamaram: “Não seja assim” [366]

Solene e pesaroso Cristo perguntou: “Nunca lestes nas Escrituras: A pedra, que os edificadores rejeitaram, essa foi posta por cabeça do ângulo; pelo Senhor foi feito isto, e é maravilhoso aos nossos olhos? Portanto Eu vos digo que o reino de Deus vos será tirado, e será dado a uma nação que dê os seus frutos. E quem cair sobre esta pedra despedaçar-se-á; e aquele sobre quem ela cair ficará reduzido a pó”. Mateus 21:33-44.

Cristo teria evitado a condenação da nação judaica se o povo O tivesse recebido. Mas a inveja e o ciúme tornaram-nos implacáveis. Decidiram que não receberiam a Jesus de Nazaré como o Messias. Rejeitaram a luz do mundo, e daí em diante suas vidas foram circundadas com o negror das trevas da meia-noite. A condenação predita veio sobre a nação judaica. Suas próprias paixões violentas, incontroladas, operaram sua ruína. Em sua cega ira destruíram-se uns aos outros. Seu orgulho rebelde e obstinado atraiu sobre eles a ira dos conquistadores romanos. Jerusalém foi destruída, o templo foi feito em ruínas, e o sítio onde se erguia foi lavrado como um campo. Os filhos de Judá pereceram pelas mais horríveis formas de morte. Milhões foram vendidos para servirem como escravos em terras pagãs.

Aquilo que Deus propôs realizar em favor do mundo por intermédio de Israel, a nação escolhida, Ele executará afinal por meio de Sua igreja na Terra hoje. Ele arrendou Sua vinha “a outros lavradores”, isto é, ao Seu povo que guarda o concerto, e que fielmente dá “os seus frutos”. Jamais esteve o Senhor sem verdadeiros representantes na Terra e que fazem do interesse de Deus o seu próprio interesse. Essas testemunhas do Senhor são contadas entre o Israel espiritual, e em relação a eles se cumprirão todas as promessas do concerto feitas por Jeová a Seu antigo povo.

Hoje a igreja de Deus é livre para levar a êxito o plano divino para a salvação de uma raça perdida. Por muitos séculos o povo de Deus sofreu restrição de sua liberdade. A pregação do evangelho em sua pureza foi proibida, e as mais severas penalidades aplicadas aos que ousaram desobedecer aos mandamentos de homens.

Como conseqüência, a grande vinha moral do Senhor ficou quase inteiramente desabitada. O povo viu-se privado da luz da Palavra de Deus. As trevas do erro e da superstição ameaçavam obliterar o conhecimento da verdadeira religião. A igreja de Deus na Terra esteve tão verdadeiramente em cativeiro durante este longo período de feroz perseguição, como estiveram os filhos de Israel em Babilônia durante o período do exílio.

Mas, graças a Deus, Sua igreja não está mais em cativeiro. Ao Israel espiritual foram restaurados os privilégios concedidos ao povo de Deus por ocasião do seu livramento de Babilônia. Em todas as partes da Terra homens e mulheres estão respondendo à mensagem enviada do Céu, da qual João o revelador profetizou que seria proclamada antes da segunda vinda de Cristo: "Temei a Deus, e dai-Lhe glória; porque vinda é a hora do Seu juízo". Apocalipse 14:7. [367]

Não mais têm as forças do mal poder para conservar cativa a igreja; pois "caiu, caiu Babilônia, aquela grande cidade, que a todas as nações deu a beber do vinho da ira da sua prostituição" (Apocalipse 14:8); e ao Israel espiritual é dada a mensagem: "Sai dela, povo Meu, para que não sejas participante dos seus pecados, e para que não incorras nas suas pragas". Apocalipse 18:4. Assim como os exilados ouviram a mensagem: "Saí do meio de Babilônia" (Jeremias 51:6), e foram restaurados à terra da promessa, assim os que temem a Deus hoje estão aceitando a mensagem para retirar-se da Babilônia espiritual, e logo devem permanecer como troféus da graça divina na Terra renovada, a Canaã celestial.

Nos dias de Malaquias, a pergunta escarnecedora dos impenitentes: "Onde está o Deus do juízo?" recebeu a solene resposta: "De repente virá ao Seu templo o Senhor [...] o Anjo do concerto. [...] Mas quem suportará o dia da Sua vinda? e quem subsistirá quando Ele aparecer? porque Ele será como o fogo do ourives, e como o sabão dos lavandeiros. E assentar-Se-á, afinando e purificando a prata; e purificará os filhos de Levi, e os afinará como ouro e como prata. Então ao Senhor trarão ofertas em justiça. E a oferta de Judá e de Jerusalém será suave ao Senhor, como nos dias antigos, e como nos primeiros anos". Malaquias 2:17; 3:1-4.

Quando o Messias prometido estava prestes a aparecer, a mensagem do precursor de Cristo foi: Arrependei-vos, publicanos e

pecadores; arrependei-vos, fariseus e saduceus; “porque é chegado o reino dos Céus”. Mateus 3:2.

Hoje, no espírito e poder de Elias e de João Batista, mensageiros escolhidos por Deus estão chamando a atenção de um mundo em vias de julgamento para os solenes acontecimentos a terem lugar breve, em conexão com as horas finais de graça e o aparecimento de Cristo Jesus como Rei dos reis e Senhor dos senhores. Logo cada homem deverá ser julgado segundo as obras feitas no corpo. A hora do juízo de Deus é chegada, e sobre os membros de Sua igreja na Terra repousa a solene responsabilidade de advertir aos que estão mesmo às bordas, por assim dizer, da eterna ruína. A cada ser humano em todo o mundo que estiver disposto a atender, devem-se tornar claros os princípios em jogo na grande controvérsia em curso, princípios dos quais pende o destino de toda a humanidade.

Nestas horas finais de graça para os filhos dos homens, quando a sorte de cada alma deve ser logo decidida para sempre, o Senhor do Céu e da Terra espera que Sua igreja desperte para a ação como nunca dantes. Os que foram feitos livres em Cristo pelo conhecimento da preciosa verdade, são considerados pelo Senhor Jesus como Seus escolhidos, favorecidos sobre todos os outros povos na face da Terra; e Ele está contando certo que eles manifestarão os louvores dAquele que os chamou das trevas para a Sua maravilhosa luz. As bênçãos tão liberalmente outorgadas devem ser comunicadas a outros. As boas-novas de salvação devem ir a cada nação, tribo, língua e povo. [368]

Nas visões dos profetas do passado o Senhor da glória foi representado como concedendo luz especial a Sua igreja nos dias de trevas e incredulidade que precederiam Sua segunda vinda. Como Sol da Justiça, Ele devia brilhar sobre Sua igreja, “trazendo salvação debaixo de Suas asas. Malaquias 4:2. E de todo verdadeiro discípulo devia ser difundida influência para a vida, coragem, prestatividade e verdadeira cura.

A vinda de Cristo ocorrerá no mais escuro período da história da Terra. Os dias de Noé e de Ló retratam a condição do mundo imediatamente antes da vinda do Filho do homem. As Escrituras que apontam para este tempo declaram que Satanás operará com todo o poder e “com todo o engano da injustiça”. 2 Tessalonicenses 2:9, 10. Sua operação é claramente revelada pelas trevas em rápido

progresso, os inumeráveis erros, heresias e enganos destes últimos dias. Não somente está Satanás levando cativo o mundo, mas seus enganos estão fermentando as professas igrejas de nosso Senhor Jesus Cristo. A grande apostasia redundará em trevas profundas como a meia-noite. Para o povo de Deus será essa uma noite de provação, de lágrimas e de perseguição por amor da verdade. Mas da noite de trevas brilhará a luz de Deus.

Ele faz que das trevas resplandeça a luz. 2 Coríntios 4:6. Quando "a Terra era sem forma e vazia, e havia trevas sobre a face do abismo", "o Espírito de Deus Se movia sobre a face das águas. E disse Deus: Haja luz. E houve luz". Gênesis 1:2, 3. Assim na noite de trevas espirituais a Palavra de Deus ordena: "Haja luz." A Seu povo Ele diz: "Levanta-te, resplandece, porque já vem a tua luz, e a glória do Senhor vai nascendo sobre ti". Isaías 60:1.

"Eis que as trevas cobriram a Terra", diz a Escritura, "e a escuridão os povos; mas sobre ti o Senhor irá surgindo, e a Sua glória Se verá sobre ti". Isaías 60:2. Cristo, o resplendor da glória do Pai, veio ao mundo como Sua luz. Ele veio para representar Deus ante os homens, e dEle está escrito que foi ungido "com o Espírito Santo e com virtude", e que "andou fazendo bem". Atos dos Apóstolos 10:38. Na sinagoga de Nazaré Ele disse: "O espírito do Senhor é sobre Mim, pois que Me ungiu para evangelizar os pobres, enviou-Me a curar os quebrantados de coração, a apregoar liberdade aos cativos, e dar vista aos cegos; a pôr em liberdade os oprimidos; a anunciar o ano aceitável do Senhor". Lucas 4:18, 19. Esta foi a obra que Ele comissionou Seus discípulos para que fizessem. "Vós sois a luz do mundo", Ele disse. "Resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai, que está nos Céus". Mateus 5:14, 16.

Esta é a obra que o profeta Isaías descreve quando diz: "Não é também que repartas o teu pão com o faminto, e recolhas em casa os pobres desterrados? e, vendo o nu, o cubras, e não te escondas da tua carne? Então romperá a tua luz como a alva, e a tua cura apressadamente brotará, e a tua justiça irá adiante da tua face, e a glória do Senhor será a tua retaguarda". Isaías 58:7, 8. [369]

Assim na noite de trevas espirituais a glória de Deus deve brilhar por meio de Sua igreja no erguer o abatido e confortar o triste.

Por toda parte ao nosso redor se ouvem lamentos de um mundo em tristeza. De todos os lados há necessitados e opressos. Pertence-nos ajudar a aliviar e suavizar as durezas e misérias da vida. Unicamente o amor de Cristo pode satisfazer as necessidades da alma. Se Cristo está habitando em nós, o nosso coração estará cheio de divina simpatia. As fontes contidas do amor fervente semelhante ao de Cristo, serão franqueadas.

Há muitas pessoas a quem a esperança abandonou. Restituí-lhes a luz. Muitos perderam a coragem. Falai-lhes palavras de ânimo. Orai por eles. Há os que necessitam do pão da vida. Lede-lhes da Palavra de Deus. Há muitos enfermos da alma, os quais nenhum bálsamo terrestre pode alcançar nem médico levar cura. Orai por essas almas. Levai-as a Jesus. Dizei-lhes que há Bálsamo e Médico em Gileade.

A luz é uma bênção, uma bênção universal a derramar seus tesouros sobre um mundo ingrato, injusto e pervertido. Assim é com a luz do Sol da Justiça. A Terra toda, envolvida embora nas trevas do pecado, do infortúnio e da dor, deve ser iluminada com o conhecimento do amor de Deus. A luz que brilha do trono do Céu não deve ser excluída de nenhuma seita, categoria ou classe de pessoas.

A mensagem de esperança e misericórdia deve ser levada aos confins da Terra. Todo o que quiser, pode lançar mão da força de Deus e fazer paz com Ele. Não mais devem os pagãos continuar submersos na escuridão da meia-noite. As trevas devem fugir ante os brilhantes raios do Sol da Justiça.

Cristo tomou toda providência para que Sua igreja seja um corpo transformado, iluminado com a Luz do mundo, na posse da glória de Emanuel. É Seu propósito que cada cristão seja circundado de uma atmosfera espiritual de luz e paz. Ele deseja que revelemos Seu próprio regozijo em nossa vida.

"Levanta-te, resplandece, porque já vem a tua luz, e a glória do Senhor vem nascendo sobre ti". Isaías 60:1. Cristo virá com poder e grande glória. Virá revestido de Sua própria glória, e da glória do Pai. E os santos anjos O assistem no Seu trajeto. Enquanto todo o mundo está imerso em trevas, haverá luz em toda habitação dos santos. Eles surpreenderão a primeira luz de Seu segundo aparecimento. A luz imaculada irromperá do Seu esplendor, e Cristo o Redentor

será admirado por todos os que O têm servido. Enquanto os ímpios fogem, os seguidores de Cristo regozijam-se em Sua presença.

É então que o redimido dentre os homens receberá sua prometida herança. Assim o propósito de Deus para Israel encontrará literal cumprimento. Aquilo que Deus propõe, o homem é impotente para anular. Mesmo em meio à operação do mal, o propósito de Deus tem prosseguido firmemente em direção do seu cumprimento. Foi [370] assim com a casa de Israel através da história da monarquia dividida; assim é com o Israel espiritual de hoje.

O vidente de Patmos, olhando através dos séculos para o tempo desta restauração de Israel na Terra renovada, testificou:

“Depois destas coisas, olhei, e eis aqui uma multidão, a qual ninguém podia contar, de todas as nações, e tribos, e povos, e línguas, que estavam diante do trono e perante o Cordeiro, trajando vestes brancas e com palmas nas suas mãos; e clamavam com grande voz, dizendo: Salvação ao nosso Deus, que está assentado no trono, e ao Cordeiro”. Apocalipse 7:9, 10.

“E todos os anjos estavam ao redor do trono, e dos anciãos, e dos quatro animais; e prostraram-se diante do trono sob os seus rostos, e adoraram a Deus, dizendo: Amém. Louvor, e glória, e sabedoria, e ação de graças, e honra, e poder, e força ao nosso Deus, para todo o sempre”. Apocalipse 7:9-12.

“E ouvi como que a voz de uma grande multidão, e como que a voz de muitas águas, e como que a voz de grandes trovões, que dizia: Aleluia: pois já o Senhor Deus todo-poderoso reina. Regozijemo-nos, e alegremo-nos, e demos-Lhe honra”. Apocalipse 19:6, 7. Ele “é o Senhor dos senhores e o Rei dos reis; vencerão os que estão [371] com Ele, chamados, e eleitos, e fiéis”. Apocalipse 17:14.

Capítulo 60 — Visões da glória futura

Nos dias mais negros de seu longo conflito com o mal, à igreja de Deus têm sido dadas revelações do eterno propósito de Jeová. A Seu povo tem sido permitido olhar para além das provas do presente aos triunfos do futuro quando, findo o conflito, os redimidos entrarão na posse da Terra Prometida. Essas visões de glória futura, cenas pintadas pela mão de Deus, deviam ser estimadas por Sua igreja hoje, quando a controvérsia dos séculos está chegando rapidamente ao fim, e as bênçãos prometidas devem ser logo experimentadas em toda a sua plenitude.

Muitas foram as mensagens de conforto dadas à igreja pelos profetas do passado. "Consolai, consolai o Meu povo" (Isaías 40:1), foi a comissão dada por Deus a Isaías; e com a comissão foram dadas maravilhosas visões que têm sido a esperança e gozo dos crentes através dos séculos que se têm seguido. Desprezados dos homens, perseguidos, abandonados, os filhos de Deus em todos os séculos têm sido não obstante sustentados por Suas fiéis promessas. Pela fé têm olhado para o tempo em que Ele cumprirá para com Sua igreja a promessa: Eu "te porei uma excelência perpétua, um gozo de geração em geração". Isaías 60:15.

Não raro é a igreja militante chamada a sofrer prova e aflição; pois não é sem severo conflito que a igreja deverá triunfar. "Pão de angústia e água de aperto" (Isaías 30:20), pertencem à sorte de todos; mas ninguém que ponha a sua confiança nAquele que é poderoso para livrar será inteiramente subjugado. "Assim diz o Senhor que te criou, ó Jacó, e que te formou, ó Israel: Não temas, porque Eu te remi; chamei-te pelo teu nome, tu és Meu. Quando passares pelas águas estarei contigo, e quando pelos rios, eles não te submergirão; quando passares pelo fogo, não te queimarás, nem a chama arderá em ti. Porque Eu sou o Senhor teu Deus, o Santo de Israel, o teu Salvador; dei o Egito por teu resgate, e Etiópia e Seba por ti. Enquanto foste precioso aos Meus olhos, também foste

glorificado, e Eu te amei, pelo que dei os homens por ti, e os povos por tua alma”. Isaías 43:1-4.

Há perdão com Deus; há aceitação plena e livre pelos méritos de Jesus, nosso Senhor crucificado e ressurreto. Isaías ouviu o Senhor declarar a Seus escolhidos: “Eu, Eu mesmo, sou o que apago as tuas transgressões por amor de Mim, e dos teus pecados Me não lembro. Procura lembrar-Me; entremos em juízo juntamente; apresenta as [372] tuas razões, para que te possa justificar”. Isaías 43:25, 26. “E saberás que Eu sou o Senhor, o teu Salvador, e o teu Redentor, o Possante de Jacó”. Isaías 60:16.

“Tirará o opróbrio do Seu povo” (Isaías 25:8), o profeta declarou. “E chamar-te-ão: Povo santo, remidos do Senhor”. Isaías 62:12. Ele determinou “que se lhes dê ornamento por cinza, óleo de gozo por tristeza, vestido de louvor por espírito angustiado; a fim de que se chamem árvores de justiça, plantação do Senhor, para que Ele seja glorificado”. Isaías 61:3.

“Desperta, desperta, veste-te da tua fortaleza, ó Sião;
veste-te dos teus vestidos formosos,
ó Jerusalém, cidade santa;
porque nunca mais entrará em ti nem incircunciso e nem imundo.
Sacode o pó, levanta-te, e assenta-te, ó Jerusalém;
solta-te das ataduras de teu pescoço,
ó cativa filha de Sião”.

Isaías 52:1, 2.

“Ó oprimida, arrojada com a tormenta e desconsolada eis
que Eu porei as tuas pedras com todo o ornamento,
e te fundarei sobre safiras.
E as tuas janelas farei cristalinas,
e as tuas portas de rubis,
e todos os teus termos de pedras aprazíveis.
E todos os teus filhos serão discípulos do Senhor;
e a paz dos teus filhos será abundante.
Com justiça serás confirmada;
estarás longe da opressão, porque já não temerás;

e também do espanto, porque não chegarão a ti.
Eis que poderão vir a juntar-se,
mas não será por Mim;
quem se ajuntar contra ti,
cairá por amor de ti [...]
Toda a ferramenta preparada contra ti,
não prosperará;
e toda a língua que se levantar contra ti em juízo,
tu a condenarás;
esta é a herança dos servos do Senhor,
e a justiça que vem de Mim, diz o Senhor".

Isaías 54:11-17.

Revestida da armadura da justiça de Cristo, a igreja deve entrar em seu conflito final. "Formosa como a Lua, brilhante como o Sol, formidável como um exército com bandeiras" (Cânticos 6:10), deve ela ir a todo o mundo, vencendo e para vencer.

A hora mais difícil da luta da igreja com os poderes do mal, é a que imediatamente precede o dia do seu livramento final. Mas ninguém que confie em Deus precisa temer; pois quando "o sopro dos opressores é como a tempestade contra o muro" Deus será para a Sua igreja como "um refúgio contra a tempestade". Isaías 25:4.

Naquele dia, unicamente aos justos é prometido livramento. "Os pecadores de Sião se assombraram, o tremor surpreendeu os hipócritas. Quem dentre nós habitará com o fogo consumidor? quem dentre nós habitará com as labaredas eternas? O que anda em justiça, e o que fala com retidão; o que arremessa para longe de si o ganho de opressões; o que sacode das suas mãos todo o presente; o que tapa os seus ouvidos para não ouvir falar de sangue, e fecha os seus olhos para não ver o mal. Este habitará nas alturas; as fortalezas das rochas serão o seu alto refúgio, o seu pão lhe será dado, as suas águas serão certas". Isaías 33:14-16. [373]

A palavra do Senhor aos Seus fiéis é: "Vai pois, povo Meu, entra nos teus quartos, e fecha as tuas portas sobre ti; esconde-te, só por um momento, até que passe a ira. Porque eis que o Senhor sairá do Seu lugar, para castigar os moradores da Terra, por causa da sua iniqüidade". Isaías 26:20, 21.

Em visões do grande dia do juízo, aos inspirados mensageiros de Jeová foi dado ver ligeiramente a consternação dos que não estavam preparados para se encontrarem com o seu Senhor em paz.

“Eis que o Senhor esvazia a Terra, e a desola, e transtorna a sua superfície, e dispersa os seus moradores. [...] Porquanto transgridem as leis, mudam os estatutos, e quebram a aliança eterna. Por isso a maldição consome a Terra, e os que habitam nela serão desolados. [...] Cessou o folguedo dos tamboris, acabou o ruído dos que pulam de prazer, e descansou a alegria da harpa”. Isaías 24:1-8.

“Ah aquele dia porque o dia do Senhor está perto, e virá como uma assolação do Todo-poderoso. [...] A semente apodreceu debaixo dos seus torrões, os celeiros foram assolados, os armazéns derribados, porque se secou o trigo. Como geme o gado as manadas de vacas estão confusas, porque não têm pasto; também os rebanhos de ovelhas são destruídos.” “A vide se secou, a figueira se murchou; a romeira também, e a palmeira e a macieira; todas as árvores do campo se secaram, e a alegria se secou entre os filhos dos homens”. Joel 1:15-18, 12.

“Estou ferido no meu coração” Jeremias exclamou ao contemplar as desolações produzidas durante as cenas finais da história da Terra. “Não me posso calar, porque tu, ó minha alma, ouviste o som da trombeta e o alarido da guerra. Quebranto sobre quebranto se apregoa; porque já toda a Terra está destruída”. Jeremias 4:19, 20.

“A altivez do homem será humilhada”, declara Isaías com respeito ao dia da vingança de Deus, “e a altivez dos varões se abaterá, e só o Senhor será exaltado naquele dia. E todos os ídolos totalmente desaparecerão. [...] Naquele dia o homem lançará às toupeiras e aos morcegos os seus ídolos de prata, e os seus ídolos de ouro, que fizeram para ante eles se prostrarem, e meter-se-á pelas fendas das rochas, e pelas cavernas das penhas, por causa da presença espantosa do Senhor, e por causa da glória da Sua majestade, quando Ele Se levantar para assombrar a Terra”. Isaías 2:17-21.

Desses tempos de transição, quando o orgulho do homem há de ser abatido, Jeremias, testifica: “Observei a Terra, e eis que estava assolada e vazia; e os céus, e não tinham a sua luz. Observei os montes, e eis que estavam tremendo; e todos os outeiros estremeciam. Observei e vi que homem nenhum havia, e que todas as aves do céu tinham fugido. Vi também que a terra fértil era um deserto, e que

todas as suas cidades estavam derribadas diante do Senhor, diante do furor da Sua ira". Jeremias 4:23-26. "Ah porque aquele dia é tão grande, que não houve outro semelhante e é tempo de angústia para Jacó; ele porém será livrado dela". Jeremias 30:7. [374]

O dia da ira para os inimigos de Deus é o dia de final livramento para a Sua igreja. O profeta declara:

"Confortai as mãos fracas,
e fortalecei os joelhos trementes.
Dizei aos turbados de coração:
Esforçai-vos, não temais;
eis que o vosso Deus virá com vingança,
com recompensa de Deus;
Ele virá, e vos salvará".

Isaías 35:3, 4.

"Aniquilará a morte para sempre, e assim enxugará o Senhor Jeová as lágrimas de todos os rostos, e tirará o opróbrio do Seu povo de toda a Terra; porque o Senhor o disse". Isaías 25:8. E ao contemplar o profeta o Senhor da glória descendo do Céu, com todos os santos anjos, para congregar a igreja remanescente dentre todas as nações da Terra, ele ouve o povo expectante unir-se no exultante clamor:

"Eis que este é o nosso Deus,
a quem aguardávamos, e Ele nos salvará;
este é o Senhor, a quem aguardávamos;
na Sua salvação gozaremos,
e nos alegraremos".

Isaías 25:9.

A voz do Filho de Deus é ouvida chamando os santos que dormem, e ao contemplar o profeta a sua saída das prisões da morte, exclama: "Os teus mortos viverão, os teus mortos ressuscitarão; despertai e exultai, os que habitais no pó, porque o teu orvalho será como o orvalho das ervas, e a terra lançará de si os mortos". Isaías 26:19.

"Então os olhos dos cegos serão abertos,
e os ouvidos dos surdos se abrirão.
Então os coxos saltarão como cervos,
e a língua dos mudos cantará".

Isaías 35:5, 6.

Nas visões do profeta, os que triunfaram sobre o pecado e a sepultura são agora vistos felizes na presença do seu Criador, com Ele falando livremente, assim como o homem falava com Deus no início. "Mas vós folgareis", o Senhor lhes declarou, "e exultareis perpetuamente no que Eu crio; porque eis que crio para Jerusalém alegria e para o seu povo gozo. E folgarei em Jerusalém, e exultarei no Meu povo; e nunca mais se ouvirá nela voz de choro nem voz de clamor". Isaías 65:18, 19. "E morador nenhum dirá: Enfermo estou; porque o povo que habitar nela será absolvido de sua iniqüidade". Isaías 33:24.

"Águas arrebentarão no deserto
E ribeiros no ermo.
E a terra seca se transformará em tanques,
e a terra sedenta em mananciais de águas".

Isaías 35:6, 7.

"Em lugar do espinheiro crescerá a faia,
e em lugar da sarça crescerá a murta".

Isaías 55:13.

"E ali haverá um alto caminho,
um caminho que se chamará o caminho santo;
o imundo não passará por ele,
mas será para aqueles:
Os caminhantes, até os loucos,
não errarão".

Isaías 35:8.

“Falai benignamente a Jerusalém, e bradai-lhe que já a sua malícia é acabada, que a sua iniqüidade está expiada e que já recebeu em dobro da mão do Senhor, por todos os seus pecados”. Isaías 40:2. [375]

Contemplando o profeta os redimidos como moradores da cidade de Deus, livres do pecado e de todos os sinais da maldição, exclama em exaltação: “Regozijai-vos com Jerusalém, e alegrai-vos por ela, vós todos os que a amais; enchei-vos por ela de alegria”. Isaías 66:10.

> “Nunca mais se ouvirá de violência na tua terra,
> de desolação ou destruição nos teus termos;
> mas aos teus muros chamarás salvação,
> e às tuas portas louvor.
> Nunca mais te servirá o Sol para luz do dia,
> nem com o seu resplendor a Lua te alumiará;
> mas o Senhor será a tua luz perpétua,
> e o teu Deus a tua glória.
> Nunca mais se porá o teu Sol,
> nem a tua Lua minguará;
> porque o Senhor será a tua luz perpétua,
> e os dias do teu luto findarão.
> E todos os do teu povo serão justos,
> para sempre herdarão a Terra;
> serão renovos por Mim plantados,
> obra das Minhas mãos,
> para que Eu seja glorificado”.

Isaías 60:18-21.

O profeta ouviu ali o soar de música e cânticos, cânticos e música como, salvo nas visões de Deus, nenhum ouvido mortal ouviu ou a mente concebeu. “E os resgatados do Senhor voltarão, e virão a Sião, com júbilo, e alegria eterna haverá sobre as suas cabeças; gozo e alegria alcançarão, e deles fugirá a tristeza e o gemido”. Isaías 35:10. “Gozo e alegria se achará nela, ação de graças, e voz de melodia”. Isaías 51:3. “E os cantores e tocadores de instrumentos entoarão”. Salmos 87:7. “Estes alçarão a sua voz, e cantarão com alegria; por causa da glória do Senhor”. Isaías 24:14.

Na Terra renovada, os redimidos empenhar-se-ão em ocupações e prazeres que levaram felicidade a Adão e Eva no início. Será vivida a vida edênica, entre o jardim e o campo. "E edificarão casas e nelas habitarão; plantarão vinhas e comerão o seu fruto. Não edificarão para que outros habitem; não plantarão para que outros comam; porque os dias do Meu povo serão como os dias da árvore, e os Meus eleitos gozarão das obras das suas mãos até à velhice". Isaías 65:21, 22.

Cada faculdade será desenvolvida, toda habilidade aumentada. Os maiores empreendimentos serão levados a êxito, as mais elevadas aspirações alcançadas, realizadas as mais altas ambições. E surgirão ainda novas alturas a serem alcançadas, novas maravilhas para serem admiradas, novas verdades a serem compreendidas, novos objetos de estudo a desafiarem as faculdades do corpo, da mente e do espírito.

Os profetas a quem essas grandes cenas foram reveladas, ansiaram por compreender-lhes o pleno significado. Eles "inquiriram e trataram diligentemente [...] indagando que tempo ou que ocasião de tempo o Espírito de Cristo, que estava neles, indicava. [...] Aos quais foi revelado que não para si mesmos, mas para nós, eles ministravam estas coisas que agora vos foram anunciadas". 1 Pedro 1:10-12.

A nós que estamos no próprio limiar do seu cumprimento, que momentosos e de vivo interesse não são esses sinais das coisas por vir — eventos a cujo respeito, desde que nossos primeiros pais se [376] encaminharam para fora do Éden, os filhos de Deus têm orado, e os quais têm ansiosamente aguardado!

Companheiro peregrino, estamos ainda em meio às sombras e tumultos das atividades terrenas; mas logo nosso Salvador deverá aparecer para nos dar livramento e repouso. Olhemos pela fé ao bendito futuro, tal como a mão de Deus o pinta. Aquele que morreu pelos pecados do mundo, está franqueando as portas do Paraíso a todo que nEle crê. Logo a batalha estará terminada e a vitória ganha. Breve veremos Aquele em quem se têm centralizado nossas esperanças de vida eterna. Em Sua presença as provas e sofrimentos desta vida parecerão como se nada fossem. "Não haverá lembrança das coisas passadas, nem mais se recordarão". Isaías 65:17. "Não rejeiteis pois a vossa confiança, que tem grande e avultado galardão. Porque necessitais de paciência, para que, depois de haverdes feito a vontade de Deus, possais alcançar a promessa. Porque ainda um

poucochinho de tempo, e o que há de vir virá, e não tardará”. Hebreus 10:35-37. “Israel é salvo [...] com uma eterna salvação; pelo que não sereis envergonhados nem confundidos em todas as eternidades”. Isaías 45:17.

É tempo de olhar para cima, olhar para cima, e permitir que nossa fé cresça continuamente. Permitir que esta fé nos guie pelo caminho estreito que leva através das portas da cidade para o grande além, o vasto e ilimitado futuro de glória que há para os redimidos. “Sede pois, irmãos, pacientes até a vinda do Senhor. Eis que o lavrador espera o precioso fruto da terra, aguardando-o com paciência, até que receba a chuva temporã e a serôdia. Sede vós também pacientes, fortalecei os vossos corações; porque já a vinda do Senhor está próxima.” Tiago 5:7, 8.

As nações dos remidos não conhecerão outra lei senão a lei do Céu. Todos serão uma família unida e feliz, revestida com as vestes de louvor e ações de graças. [...] Sobre essa cena, as estrelas da manhã cantarão em uníssono, e os filho de Deus exultarão de alegria, enquanto Deus e Cristo Se unirão proclamando: “Não haverá mais pecado nem morte.” Apocalipse 21:4.

“E será que, desde uma festa da lua nova até à outra e desde um sábado até ao outro, virá toda a carne a adorar perante Mim, diz o Senhor”. Isaías 66:23. “A glória do Senhor se manifestará, e toda a carne juntamente verá”. Isaías 40:5. “O Senhor Jeová fará brotar a justiça e o louvor para todas as nações”. Isaías 61:11. “Naquele dia o Senhor dos Exércitos será por coroa, e por grinalda formosa, para o restante do Seu povo”. Isaías 28:5.

“O Senhor consolará a Sião; consolará a todos os seus lugares assolados, e fará o seu deserto como o Éden, e a sua solidão como o jardim do Senhor”. Isaías 51:3. “A glória do Líbano se lhe deu, a excelência do Carmelo e Sarom”. Isaías 35:2. “Nunca mais te chamarão: Desamparada, nem a tua terra se denominará jamais: Assolada; mas chamar-te-ão: Meu deleite e à tua terra: Beulá [...] porque o Senhor Se agradará de ti; e a tua terra se casará”. Isaías 62:4, 5.